





outubro 1996  
no 1  
edição meses letivos

## Editorial

### Participação da Faupuccamp no Congresso Internacional de Arquitetura UIA Barcelona 96

O boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp. As opiniões manifestadas nas matérias assinadas não são necessariamente endossadas pela editoria e pela direção da escola. As matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

editor responsável  
Abílio Guerra

correspondentes  
Christina Mehrten EUA  
Luís Eduardo Aquino Canadá  
Marco Tognon Itália  
Pilar P. Pineyro Uruguai  
Paul Meurs Holanda  
Aulo Dizioli França  
Edro Moreira Alemanha  
Amón Gutierrez Argentina  
Itorio Corinaldi Israel

editores  
Viggo Wisnivesky  
Lívio Arancibia Coddou  
Eugenia Fraga Moreira  
Cristiana Alarcon  
Agner L. J. Monteiro

faupuccamp  
diretor  
Wilson R dos Santos Jr  
vice-diretor  
Irineu Idoeta  
coordenador de curso  
Ricardo M de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod. D. Pedro I - Km 136  
Campinas, SP, Brasil  
CEP 13089-500  
Fone 55-019-754.7156  
Fax 55-019-255.6376

Revista Óculum  
Campus I  
Campinas SP  
Fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

tipo cultural

Itautec



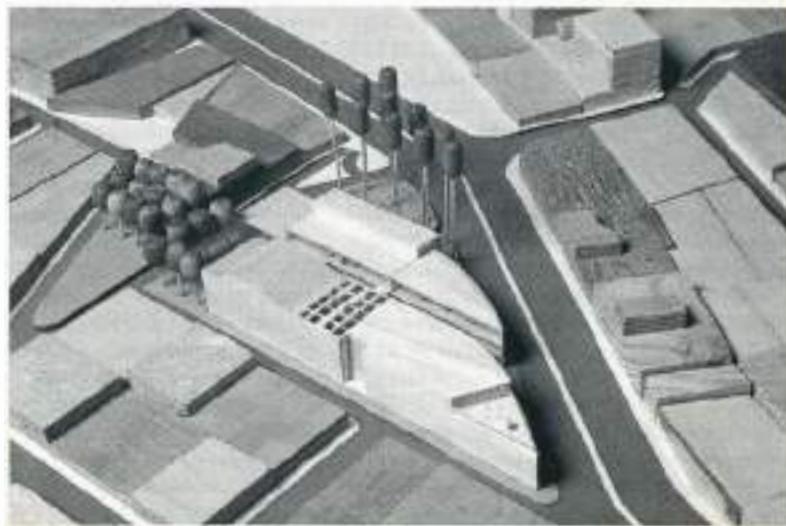
Muro multimídia para a avenida Faria Lima em São Paulo, projeto do aluno Daniel Raizer

A Faupuccamp teve uma expressiva participação no XIX Congresso Internacional de Arquitetura da União Internacional de Arquitetos - UIA Barcelona 96 - em julho deste ano, em Barcelona, Espanha.

Para a seção "57 Escuelas" -espaço destinado às escolas de todo o mundo-, a Faupuccamp teve selecionado dois trabalhos desenvolvidos no Trabalho de Graduação Interdisciplinar - TGI 95: "Proyecto urbano de Campinas, São Paulo, conteniendo estación de intercambio y edificios en su redor" (alunos: Adriana Pereira, Adriana Wild, Adriano Capeto, Denise Dal Gallo, Fernanda Falda, Fernando Ventura, Luciana Grande, Mariana Arisseto, Miguel G. S. Jr, e Mario Aguirre; professores: Antonio Fernandes Panizza, Irineu Idoeta, Maria Helena Machado, Roberto Starck e Bóris Henrique) e "Centro Cultural para la región do largo de Batata, barrio de Pinheiros, ciudad de São Paulo" (alunos: Adriano Tomitão Canas, Daniel Raizer, Isis Helena Castro, Reginaldo Pereira, Renata Ferreira e Silvia Helena Casarin; professores: Abílio Guerra, Denio Benfatti, Luis Espallargas, Spencer Pupo Nogueira, Wilson Ribeiro e Wilson Mariana). Além dos dois trabalhos do TGI, que representaram oficialmente a escola, três professores da Faupuccamp apresentaram comunicação individual: Abílio Guerra (co-autoria de Marco do Valle), "Ciudad y

su doble"; Maria Cristina Schicchi, "La arquitectura necesaria"; Spencer Pupo Nogueira, "Proyecto de un modelo de núcleo urbano para el área de preservación forestal en amazonia".

A participação voluntária de alunos foi muito marcante, com diversos grupos inscrevendo-se no concurso de estudantes (tema habitação coletiva). Uma caravana com mais de cinquenta pessoas entre professores e alunos da Faupuccamp esteve presente no Congresso da UIA.



Centro cultural de Pinheiros, projeto do aluno Isis Helena Castro

## Pós-graduação

### Mestrado em urbanismo na Faupuccamp

O programa de mestrado da Faupuccamp destina-se à formação e à capacitação de docentes, pesquisadores e profissionais nos diversos campos do urbanismo. O programa objetivará a elaboração de uma dissertação pelo aluno com temática inserida em uma das linhas de pesquisa oferecidas: projeto urbano; cidade: forma e desenho; gestão urbana e história do pensamento urbanístico.

As inscrições estão abertas a 01 de outubro a 14 de novembro. Serão aceitas inscrições por correio com data de postagem até 08 de novembro. Documentos necessários: formulário de inscrição, diploma de graduação ou certificado de conclusão de curso superior (cópia); histórico escolar (cópia); curriculum vitae (resumido); carteira de identidade (cópia); carta justificando o interesse pelo curso. A seleção se pautará na análise da documentação apresentada na inscrição e em entrevista do candidato junto a uma banca examinadora. A divulgação dos selecionados ocorrerá no dia 09 de dezembro e a matrícula ocorrerá no período de 10 a 14 de fevereiro, na secretaria da Faupuccamp. O curso se iniciará em março de 1997. Maiores informações e envio de documentação: Faupuccamp, Coordenação do Programa de Mestrado, Campus I, Rod. D. Pedro I, Km 136, 13089-500 Campinas SP, fon 019 754.7188.

## Habitat II

M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai

e-mail: mapilar@chasque.apc.org

No dia 14 de junho, na cidade de Istambul, após 15 dias de intensas jornadas de debate, culminou recentemente o último dos fóruns que as Nações Unidas vêm organizando, abordando temas cruciais para o desenvolvimento e a viabilidade do planeta e seus habitantes. Na realidade de um mundo em crescente processo de urbanização, desta vez as cidades foram as convocadas.

Bizâncio, grega, Constantinopla, romana e cristã, e Istambul, otomana e muçulmana: uma das cidades mais antigas do planeta, localizada no vértice mais ao sul e ao oeste do continente europeu, estica pontes sobre o estreito de Bósforo para abraçar e se estender pelo continente asiático.

Fundada pelos gregos, 800 anos antes da Era Cristã, controla há mais de 2500 anos o "vale estreito" com fundo de mar" onde se misturam e se confundem as ocidentais e lendárias águas do Mar Mediterrâneo com as Orientais do Mar Negro. Hoje, em 1996, Istambul convocou estados e governos do mundo inteiro para refletir e se comprometer em desejos, projetos, compromissos e ações posteriores ao ano 2000, reconhecendo a realidade de um planeta que se organiza e estrutura-se aceleradamente através dos territórios de suas vilas, povoados e cidades; e que sofre simultaneamente o também acelerado processo de globalização, de conseqüências, porém, "não globais" para o planeta —mais de uma quinta parte da população sem moradia nem acesso à infra-estruturas básicas e a impossibilidade de que os habitantes das cidades possam se constituir em seus cidadãos.

Porém, quanto e como, e de que forma tudo isto foi discutido?

As conferências das Nações Unidas não obrigam com sanções aos estados e a seus governos a cumprir com os compromissos que ali são assumidos. Estes eventos têm, porém a possibilidade de construir uma opinião pública em relação à temas que interessam profundamente as pessoas: Rio 92 e os limites dos recursos ambientais da Terra; Viena 93 e a violação dos direitos humanos; Cairo 94 e a crescente população mundial "condenada" que se pretende "planificar"; Copenhague 95 e a desintegração social; Beijing 95 e os direitos humanos das mulheres; e agora Istambul 96 e suas cidades "competitivas e excludentes".

A estrutura clara e precisa da temática a ser abordada, se apresenta imprescindível, para que os documentos aprovados, possam constituir-se em ferramentas eficazes ao serviço das pessoas para facilitar a continuação dos compromissos. O "Controle Cidadão": uma tarefa "aberta". O processo preparatório do Habitat II, iniciado em Genebra em 1994, foi um dos mais completos, discutidos e participativos. Foram promovidos processos nacionais através da constituição de Comitês em cada um dos países, que deveriam integrar os diferentes setores comprometidos na construção das cidades; reparar planos nacionais, elaborar indicadores urbanos e de moradia e avaliar e estabelecer suas melhores práticas.

Cooperativa Covimt 1.  
Montevideo, Uruguai. Espaço comum e espaços delimitados de transição frente às unidades: uma constante de desenho nos conjuntos cooperativos



Se Rio 92 havia tentado concientizar o mundo, sobre a urgência de abordar um crescimento econômico de caráter "sustentável", para garantir o desenvolvimento do mundo e da humanidade e não o seu suicídio, Istambul devia expressar ao mundo, com ênfase, que a sustentabilidade do planeta passava necessariamente (e especificado no capítulo 28 da Agenda 21) pela sustentabilidade de suas cidades, territorializando localmente os temas abordados pelas conferências anteriores.

A conferência se organizou e se concentrou em dois temas e na seguinte ordem: "moradia adequada para todos" e "assentamentos humanos sustentáveis". Um desenvolvimento "sustentável" da cidade passa necessariamente pela construção das moradias para suas pessoas. De "identidades individuais e identidades coletivas" se constitui necessariamente a cidade.

Cidades (sustentáveis) sem moradias não existem, porém existem moradias sem cidade. Se a integração e coexistência do privado e do público se faz cidade, o público, —a possibilidade da Ágora— é seu atributo fundamental.

O Direito à Moradia, reconhecido no documento do Habitat I em Vancouver 1976 e em documentos das Nações Unidas, estava porém ausente no rascunho da Agenda do Habitat. O argumento da falta de recursos, em um planeta em que a produção da riqueza não está em discussão, mas sim sua distribuição, mesmo que não se pretendesse que o Estado "desse de presente" as moradias, provocou a reação imediata e as negociações correspondentes por parte das ONGs. O debate em Nova York, enfrentando a posição dos Estados Unidos, mas também as do Japão e Brasil, centralizou a partir desse momento, no Direito da Moradia, toda a atenção da Conferência.

Em Istambul, retificado e ampliado em sua concepção, as expectativas que o Direito à Moradia estabelece frente aos desafios contemporâneos de um complexo mundo organizado, subjaz como interrogação. O direito à cidade assim como também ao espaço público, por exemplo, temas presentes em documentos e declarações de Ongs durante o processo preparatório, estiveram ausentes porém, tanto nos debates oficiais do Habitat II, como em seus papéis finais.

Os resultados da conferência, apresentam conquistas reais: se retificaram —rediscutindo-os e ampliando-os em suas concepções— compromissos de outras conferências; uma seção da Agenda do Habitat, que pode passar quase "desapercebida",

porque não gerou suficiente polêmica, está porém inteiramente dedicada à aspectos cruciais da infra-estrutura para a "gestão democrática para o território", como a descentralização do Estado, o fortalecimento da autonomia e de governos locais e a institucionalização da participação cidadã; também começaram a se por em prática, pela primeira vez, inéditos e importantes procedimentos de trabalhar nestes fóruns, que garantiram a participação efetiva dos distintos setores convocados, protagonizadas fundamentalmente pelas ONGs e também pelos governos locais. Foi, talvez, uma maneira de por em prática o necessário "acordo" para evitar que a "facilidade" leve à fuga de responsabilidades por parte do Estado.

Sobre este final de milênio —se a Prepcom III havia evidenciado a dificuldade cultural por parte dos Estados Nacionais de distribuir o poder político, proporcionando mais poder às cidades e possibilidades reais de participação no conjunto de decisões da sociedade civil—, a definitiva congregação do Habitat II pôs em evidência, sobre este fim de milênio, uma certa dificuldade para "arriscar" a construção de novas utopias e projetos alternativos ao cego processo de globalização e à "nova ordem" internacional.

No Prepcom III, o Brasil havia sido o único país latinoamericano que havia se oposto ao Direito à Habitação. Na discussão interna nacional, porém, tinha sido um dos mais participativos. A arquiteta Raquel Rolnik (professora da Faupuccamp) e Nelson Saule, integrantes da Pólis, uma Ong paulista, consideram o Plano Global de Ação como ferramenta fundamental para a realização de reivindicações urbanas importantes, como o direito à cidade e à habitação.

O discurso de Fidel Castro, no último dia da Conferência —um dos poucos Chefes de Estado e o único pela América Latina presente em Istambul— e o concentrado aplauso de pé que provocaram suas palavras na Sala Plenária, evidenciou uma "situação de mundo" significativa. Os países do mundo inteiro aplaudiam aquilo que ninguém diz, o que ninguém se arrisca a dizer e que unicamente Cuba, desde uma ilha, quase como um símbolo, insiste em enfrentar: "Afinal, nós somos o mundo e o mundo nos tem como donos..." A recente oposição da Comunidade Européia ao delírio onipotente da Lei "Clinton" talvez tenha naquele aplauso, semanas atrás, um distante e esperançoso antecedente.

## Exposição Giuseppe Terragni

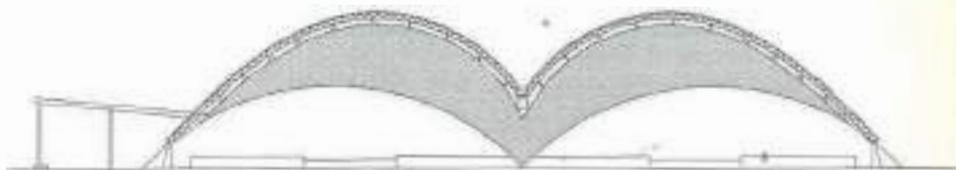
Centro de Estudos Giuseppe Terragni

Giorgio Ciucci Marco De Michelis, curadores

11 maio a 3 novembro 1996

Mais do que uma simples Mostra, este evento se coloca como uma etapa final de um longo processo iniciado em 1990 quando, graças à disponibilidade da família Terragni, foi constituído o Centro de Estudos Giuseppe Terragni, e os seus componentes –G. Canella, G. Ciucci, P. Fossati, A. Longatti, G. Mantero, F. Tentori, e que hoje fazem parte da comissão científica da Mostra– tinham definido um programa de trabalho que previa “a completa catalogação e arquivamento dos documentos do escritório de Terragni (3.500 desenhos, 15 documentos, 800 fotografias); o estudo analítico e sistemático desses registros por parte dos estudiosos italiano e estrangeiros; o confronto dos êxitos científicos destas investigações em ocasião de um seminário de estudos desenvolvido no Centro Internazionale di Studi di Architettura Andrea Palladio de Vicenza, em junho de 1994; enfim, a mostra e a publicação agora de um livro-catálogo, com o objetivo de apresentar ao grande público em Italia e no exterior o estado do conhecimento sobre a obra do arquiteto comasco.” [Giorgio Ciucci e Marco De Michelis, apresentação do catálogo da Mostra]

A mostra antológica sobre Terragni se inicia com um interessante confronto: são colocadas na mesma sala as sua primeira e a última obra construídas em Como (norte da Itália). Trata-se de dois prédios de habitação, o Novocomum (27-29) e a Casa Giuliani-Frigerio (39-40). Um confronto que evidencia, segundo os curadores, dois inícios, duas sensibilidades de Giuseppe Terragni (1904-43) na recepção do racionalismo arquitetônico de matriz franco-alemã. Simetria volumétrica, tectônica clara, mediterrânea, externa do Novocomum em confronto com as diversas operações espaciais, privadas de um ritmo, de uma unidade, oriundas de um “embate espacial” no interior da Casa Giuliani-Frigerio. As sucessivas salas apresentam, com muito refinamento gráfico e com maquetes “estruturais”, a cronologia da produção arquitetônica, urbanística e pictórica de Terragni, delimitando planimetricamente o espaço central do edifício da Trienal para, ali, apresentar ao visitante uma “interpretação” da sala “O” da Mostra da Revolução Fascista de 1932, projetada pelo nosso arquiteto junto com De Renzi, Libera, Prampolini, Nizzoli e Sironi. Nesse espaço central temos a visibilidade com o qual a historiografia da arquitetura sempre pretendeu “interpretar” o Terragni fascista, colaborador com o Regime de Mussolini, arquiteto de manifestações de louvor ao poder político que dominou a Itália entre 1922 e 1944. Um Terragni sobretudo genial, capaz de operar uma plástica abstrata rumo a uma ambientação que exala sentimentos, a tragédia, a luta, a força, a necessária união dos feixes de combate para um “regime revolucionário”. Um arquiteto “re-



Fachada com anteparo do Galpão da Fazenda Tecelagem Parahyba em São José dos Campos

volucionário” para uma política “revolucionária”. O catálogo [Giuseppe Terragni, G. Ciucci (org.), Milão, Electa, 1996, 652 p.] é um grande repertório de informações, ensaios, perfiz artísticos de Terragni, dada a condensação de uma enorme quantidade de material, sem, contudo, ter uma ordem clara e sistemática de referências às ilustrações, às suas partes (testemunhos, conjunto de ensaios, análises pontuais, bibliografia e o catálogo geral das obras) e às muitas sobreposições de juízos sobre uma determinada questão ou projeto. Não há um índice mais específico, e assim, por exemplo, se o leitor quer saber tudo que ali foi escrito sobre a Casa del Fascio, ele deverá percorrer página por página, enumerar as ilustrações, os testemunhos, os juízos críticos que a própria ficha da obra, na seção catálogo, obviamente não contém.

### Nota da Editoria

O Centro Internazionale di Studio di Architettura “Andrea Palladio” di Vicenza, Itália, organiza anualmente importantes e concorridos seminários sobre arquitetura italiana e publica os “Annali di Architettura”, preciosa edição sob responsabilidade de Guido Beltrami. Maiores informações podem ser obtidas no endereço abaixo:

### Centro Internazionale di Studio di Architettura

“Andrea Palladio” di Vicenza

Basilica Palladiana, Domus Comestabilis

Casella Postale 835

36100 Vicenza Italia

fon 0039 444 32.3014

fax 0039 444 32.2869

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo promove em São José dos Campos a segunda edição do Mês de Arquitetura, desta vez com o tema *Mutações do Ambiente Urbano*. Exposições, mesas-redondas, palestras e workshops, de 01 a 26 de outubro, tendo como tema básico o interesse na reciclagem e na revitalização de equipamentos, espaços urbanísticos e arquitetônicos nas esferas pública e privada nas escalas municipal, estadual, ou federal.

O evento tem particular importância devido à alta qualidade do grande número de obras de arquitetura moderna de São José dos Campos. Soma-se a isso a importância atual da discussão sobre reciclagem de edifícios históricos e conjuntos urbanísticos, especialmente os modernos. Parte considerável desse acervo arquitetônico está em poder de órgãos públicos ou de entidades privadas conscientes do seu valor.

O início desse acervo moderno de São José dos Campos dá-se, já, em grande escala: o Ministério da Aeronáutica promove, em 48, concurso nacional para o Centro Técnico Aeroespacial. Vencido por Oscar Niemeyer, o CTA propicia uma série de experiências, principalmente no setor residencial, que alcançam notoriedade internacional. Não menos profícua é a relação entre a família Gomes e o escritório Rino Levi Arquitetos Associados. São décadas, desde a Residência Olivo Gomes de 51, onde diversos tipos de programas são projetados para as fazendas, resultando no hoje denominado Complexo Tecelagem Parahyba, onde é marcante também a presença do paisagista Burle Marx.

Cidade importante no processo de industrialização do país (durante a década de 70 chegou a crescer 10% ao ano), repete-se em São José dos Campos a consolidação do caráter desenvolvimentista através da arquitetura moderna. Vários arquitetos proeminentes projetam obras na cidade: Lúcio Costa, Carlos Millan, Vilanova Artigas, Osvaldo Bratke, Roger Zmekhol, Jacques Pilon, David Libeskind, Paulo Mendes da Rocha, Ruy Ohtake e outros. Esse impressionante conjunto de referências formou um respeitável grupo de profissionais locais e um importante número de clientes com exigências bem definidas. Entre outros, participam do evento Maria Beatriz de Camargo Aranha, professora da Faupuccamp, e Renato Anelli, professor do curso de Arquitetura da USP São Carlos e membro do Conselho Editorial da revista *Óculum*.

## Revistas e Livros

Publicações da L'Architecture d'Aujourd'hui e Editions de La Villette

Revistas brasileiras de arquitetura e urbanismo

Professores e alunos da Faupuccamp poderão adquirir volumes através do CAD. Informações, catálogos e formulários encontram-se no CAD. São aceitos cartões de crédito (Visa e Dinners), cheques postal ou bancário. No caso de estudantes, o CAD se responsabilizará pelos comprovantes necessários para obter preços promocionais das edições da L'Architecture d'Aujourd'hui.

### L'Architecture d'Aujourd'hui

A promoção é para aquisição de números já publicados e outras publicações da editora. Esta promoção é válida somente para estudantes. *Atenção: os preços de frete correspondem a transporte por navio e a cotação aproximada em reais consideram o câmbio de R\$ 1,00 ≅ 5 FF.*

### números anteriores recentes\*

Podem ser adquiridos pelos seguintes preços por unidade (frete incluso):

nº 133 a 244: 71 FF (≅ R\$ 14,20)

nº 245 a 278: 76 FF (≅ R\$ 15,20)

nº 279 a 290: 96 FF (≅ R\$ 19,20)

nº 291 a 300: 173 FF (≅ R\$ 34,60)

\*lista dos n.ºs disponíveis no CAD

### números históricos

Estão disponíveis em reedição:

número I, de novembro de 1930

número VII, de outubro de 1932 (monográfico sobre Auguste Perret)

número 10, de novembro de 1933 (monográfico sobre Le Corbusier)

número 6, de junho de 1946 (monográfico sobre Richard Neutra)

150 FF (≅ R\$ 30,00) cada um (frete incluso)

### outras edições

Guide "Architecture en France" de 1945 a 1983 Marc Emery, Patrice Goulet. Panorama de 1000 obras da produção arquitetônica francesa do período. 400 pgs. 13,5 X 21 cm.

145 FF (≅ R\$ 29,00) frete incluso

Le Modulor (dois volumes)

Com dois volumes, aborda as possibilidades de utilização e aplicação dos princípios do Modulor. 13 X 13 cm.

170 FF (≅ R\$ 34,00) frete incluso

Concours pour la Maison de la Culture du Japon à Paris

Catálogo da exposição com apresentação dos projetos ganhadores e outros considerados importantes. 1990. 160 pgs. 18 X 30 cm.

150 FF (≅ R\$ 30,00) frete incluso

### Les Editions de La Villette

O CAD enviará os pedidos e receberá as encomendas em um só pacote. A lista das publicações disponíveis se encontra no CAD. A seguir, descrições das mais importantes:

### Programmes et manifestes de l'architecture au XXème siècle

Ulrich Conrads (org). Antologia com 67 textos e manifestos das vanguardas históricas até as primeiras críticas das décadas de 60. Alguns autores incluídos: Van de Velde, Loos, F L Wright, Mies Van der Rohe, Sant'Elia, Marinetti, Gropius, Le Corbusier, Hannes Meyer, Hundertwasser, Debord, Constant, 200 pgs. 15 X 21 cm.

145 FF (≅ R\$ 29,00) frete incluso

### Form follows fiction. Ecrits d'architecture fin de siècle

M. Denès e G. Herminghaus (org). Inclui 76 textos (1960-95) de autores contemporâneos, entre eles Rossi, Gregotti, Portzamparc, Gehry, Venturi, Koolhaas, Jencks, Moore, Krier, Tschumi, Nouvel e Chemetov. O livro permite uma reflexão sobre a produção escrita e construída dos últimos anos.

354 pgs. 15 X 21 cm.

170 FF (≅ R\$ 34,00) frete incluso

### Nota da Editoria

Os interessados podem entrar diretamente em contato nos seguintes endereços:

L'Architecture d'Aujourd'hui

25, rue Le Blanc

75842 Paris Cedex 15 France

fon 00 33 1 40.60.40.60

fax 00 33 1 40.60.41.27

École d'Architecture de Paris La Villette

Prof. François Seguret

Responsable "Éditions de la Villette"

144, Rue de Flandre

75019 Paris France

fon 00 33 1 44.65.23.58

fax 00 33 1 44.65.23.01

### Revistas internacionais de arquitetura

Duas das principais revistas de arquitetura do mundo podem ser contatadas nos endereços:

Revista Casabella

Via Trentacoste, 7. 20134 Milano Italia

Revista AA Files

Architectural Association School of Architecture

34-36 Bedford Sq. London WC1B 3ES England

### Revistas brasileiras de arquitetura

As principais revistas brasileira podem ser adquiridas nos seguintes endereços:

Revista AP

r Cristina 1207, 30330-130 Belo Horizonte MG

fon 031 342.3566

Revista AU

r Anhaia 964, 01130-900 São Paulo SP

fon 011 224.8811

Revista Finestra Brasil

r Capote Valente 1451, 05409-003 São Paulo SP

fon 011 864.7477

Revista Projeto

r General Jardim 633, 01223-011 São Paulo SP

fon 011 259.9688

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



XXIII bienal internacional de São Paulo  
Tema "desmaterialização da obra de arte no final do milênio". 1º andar: "Universalis", obras de artistas internacionais. 2º andar: "Representações Nacionais". 3º andar: "Espaço Museológico" com Picasso, Munch, Andy Warhol e Paul Klee.

Para o último bloco, marcar horário de visitação e comprar ingressos com sete dias de antecedência pelo fon 0800-111951.

Das 9h às 13h, de terça a sexta, visitas escolares (fon 573.9488 e 573.6031). Terça a sexta, das 13h às 19h, o ingresso a R\$ 5. Das 19h às 24h, R\$ 10. Sábado e domingo, das 9h às 15h, R\$ 10. Das 15h às 24h, R\$ 20. Até 8 de dezembro.  
<http://www.folha.com.br>

### Especialização e mestrado em urbanismo moderno e contemporâneo

Informações sobre cursos de pós-graduação da Faupuccamp: Campus I, Rod D. Pedro I, Km 136, 13089-500 Campinas SP, fon 019 754.7188

### Concurso nacional de idéias para um novo centro de São Paulo

Edital, inscrição e envio de trabalho: IAB/SP, r Bento Freitas 306, 4º and, sala 43, 01220-000 São Paulo SP. fon 011 259.6597. A inscrição se encerra no dia 12 de setembro e custa R\$ 120. Sócio do IAB paga R\$ 80. A entrega dos trabalhos encerra-se no dia 02 de dezembro.

### III bienal internacional de arquitetura do Brasil

A Biab'96 acontece de 16 a 20 de novembro no MAM de Salvador. Informação e inscrição: Praça Teotônio Vilela 71 loja 2, 55.000-000 Caruaru PE.  
<http://www.it.com.br/biab>

### Encontro nacional sobre o ensino de conforto ambiental

Tema da XVIII Reunião do Conselho Superior da ABEA a se realizar de 04 a 07 de novembro na FAU-UFRJ. Professores e alunos podem apresentar trabalhos. Informação envio de trabalho e inscrição: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, r Caetano Moura 121, 40210-350 Salvador BA, fon 071 245.2627

novembro 1996

ano 1

edição meses letivos

## Entrevista Flávio Arancibia Coddou conversa com Adrián Gorelik de Buenos Aires, Argentina

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp.

As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável  
Abílio Guerra

Correspondentes  
Cristina Mehrten EUA  
Eduardo Aquino Canadá  
Marcos Tognon Itália  
M<sup>re</sup> Pilar P Pineyro Uruguai  
Paul Meurs Holanda  
Paulo Diziali França  
Pedro Moreira Alemanha  
Ramón Gutierrez Argentina  
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores  
Diego Wisnivesky  
Flávio Arancibia Coddou  
Regina Fraga Moreira  
Tatiana Alarcon  
Vagner L.J. Monteiro

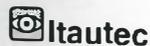
Faupuccamp  
Diretor  
Wilson R dos Santos Jr  
Vice-diretor  
Irineu Idoeta  
Coordenador de curso  
Ricardo M de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod D. Pedro I - Km 136  
Campinas, SP, Brasil  
CEP 13089-500  
fone 55-019-754.7156  
fax 55-019-255.6376

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem de 5000 exemplares. Distribuição gratuita.

Apoio cultural



IMPRESSO

### Qual foi a importância da visita de Le Corbusier a Buenos Aires em 1929?

Le Corbusier chega a Buenos Aires depois de apresentar suas conferências no Rio de Janeiro, como parte de sua viagem sul-americana que ficou retratada magnificamente em seu livro *Precisions*.

Em Buenos Aires, a repercussão foi menor do que no Brasil. Interessa aqui destacar uma coisa: o modo em que seu projeto para Buenos Aires captou magistralmente uma peculiar situação da cultura argentina daquela época e, assim, se impôs como um "dever ser" da cidade durante décadas, como marca para a arquitetura modernista local. Se trata de sua *Cité des Affaires*: uma plataforma de arranha-céus projetada sobre o rio, em frente ao porto. A década de 20 são os anos onde Buenos Aires descobre o "silencioso" processo da expansão do centro em direção aos bairros do subúrbio, que cresciam e aumentavam a sua densidade na forte marca da quadra pública.

### O que significa "descobrir" este processo?

Quer dizer que, depois de duas décadas de discussão sobre as reformas necessárias no centro tradicional, começam a aparecer planos públicos para repensar a cidade como um todo. Esse é o principal objetivo do Projeto Orgânico de Urbanização do Município, de 1925, para o qual se convivia o paisagista J.C.N. Forestier.

Aceita essa nova figura urbana ampliada, o problema de Buenos Aires é sua descentralização: o centro tradicional onde se concentram todas as funções administrativas, comerciais e financeiras, está na borda do rio. Neste ponto, a necessidade de reconfigurar a cidade para integrar os novos subúrbios populares, vem acompanhada das discussões sobre a instalação de novos centros no subúrbio e sobre o deslocamento do velho centro para um novo centro deslocado no centro geométrico da cidade. Esta é uma típica discussão da *City Beautiful*, no sentido que deposita a sua confiança na capacidade dos centros cívicos de reconfigurar a cidade e de reorganizar a vida cidadã. E frente à esta aceitação celebrativa da expansão e de seus efeitos de diluição da centralidade tradicional em benefício da integração dos novos subúrbios populares, surgirão as

Ville Savoye, um dos projetos mais famosos de Le Corbusier, arquiteto que teve forte presença na constituição da arquitetura moderna na América Latina



vozes que procuram conservar as qualidades do centro velho propondo essa integração.

Para essa discussão Le Corbusier vai dar um giro genial com sua *Cité des Affaires*: a plataforma de arranha-céus procura também devolver centralidade à cidade, porém sem deslocar o centro tradicional, mas sim construindo uma nova cidade sobre o rio. Neste sentido, é a melhor materialização da visão da cidade dos setores conservadores, frente à visão dos setores reformistas (estes setores receberiam seu apoio internacional um ano mais tarde um ano mais tarde com a visita do urbanista alemão Werner Hegeman que prove-rá os argumentos técnicos para favorecer os aspectos progressistas da expansão). Mas não é apenas isso. Le Corbusier adverte a respeito da problemática histórica da relação entre a cidade sobre o rio (perdidos desde o final do século pelas obras do porto) e, sobretudo, propõem uma imagem que acrescenta à essa dupla recuperação uma terceira, e a mais importante nas necessidades culturais da elite local: propõe a recuperação de um passado mítico para a cidade que vive apenas em seu presente desqualificado. A *Cité des Affaires* remete ao velho forte da vila colonial, propõem um reencontro com uma história prévia à "modernização liberal" das últimas décadas do século, uma história capaz de falar da linhagem *criolla*. Volta a propor a cidade pequena e harmônica que a expansão estava diluindo. Se trata de um "retorno às origens produzindo através das imagens mais "modernas". Essa é a principal peculiaridade do modernismo argentino que Le Corbusier capta em seu projeto: é um "modernismo

Adrián Gorelik é a arquiteto, pesquisador no Programa de História y Análisis Cultural da Universidad Nacional de Quilmes. É autor do artigo "Hannes Meyer e o regionalismo", Óculum 5/6, onde trata da presença do arquiteto alemão no México. Flávio Arancibia Coddou, aluno da Faupuccamp, é monitor do CAD.

reativo", anti-tecnológico, contraprogredista, que apela às imagens modernistas porque seriam precisamente as únicas capazes -com sua sobriedade, sua discrição, sua simplicidade de seus volumes brancos- de restituir um passado "próprio" enrolado pela modernização "cosmopolita". Em rigor, se trata da construção mítica de um passado: os países jovens são exatamente os que tem maior necessidade de construir uma tradição, mas, ao mesmo tempo, como bem demonstrará Borges, são os que mais liberdade tem para construí-la. Aqui, essa tradição vai encontrar sua possibilidade através das harmônicas formas modernistas. Na sensibilidade da elite que Le Corbusier capta magnificamente, se trata de um modernismo que se direciona para o passado, para popular *criollo*, em direção às formas não contaminadas pela "civilização". Por isso, as simples formas modernistas serão também capazes de remeter a simplicidade da construção popular tradicional: cúbica, sem detalhes, branca, simples. Mais que uma adaptação, então, das idéias de Le Corbusier, deveríamos falar de uma sintonia, por motivos sumamente complexos de uma figuração da arquitetura modernista que aqui permitia desenvolver uma versão específica vinculada com necessidades expressivas da cultura de elite local. A arquitetura de Le Corbusier em Buenos Aires foi mais um recurso compositivo de "moderno reativo", que o meio para uma revolta figurativa ou institucional. O que nos devolve à necessidade de enriquecer e desbloquear o redutivo termo de "influências".

tradução de Diego Wisnivesky

## Bienal de Veneza

### 6ª Mostra Internacional de Arquitetura

Marcos Tognon, Itália

email tognon@sab.sns.it



A 6ª Mostra Internacional de arquitetura da Bienal de Veneza, que se encerra nestes próximos dias de novembro, manteve a estrutura da última versão: um pavilhão central, de Itália, com as mostras especiais e temáticas; nos estandes nacionais, com seus respectivos curadores, a exibição quase "autônoma" da cultura arquitetônica em cada país; mostras especiais, esse ano temos entre outras, a fotografia, mostras paralela distribuídas na cidade de Veneza.

Hoje, nos Jardins de Castelo, temos desde a presença da arquitetura fantasiosa da Disneyland, Pavilhão dos Estados Unidos, as mostras individuais, Luigi Snozzi pela Suíça, Oscar Niemeyer pelo Brasil, por exemplo, até uma verdadeira "instalação trágica", o pavilhão japonês e as toneladas de restos edifícios colhidos na região de Osaka após o terremoto de 1995.

Nenhuma montagem teórica-discursiva, ou uma temática precisa: o nosso curador, o arq austríaco Hans Hollein, um "não" italiano –lembramos o caso similar de Jean Clair na Bienal de Arte do centenário em 1995– livre de grandes e pesados debates com a tradição, seja italiana ou não, um projetista internacional, positivo e irônico, sensível ao fim de um século, teceu um título geral para a quermesse: "Sensores do futuro, o arquiteto como sismógrafo". Frouxo conceitualmente, mas muito eficaz para espelhar o caráter do seu projetista, de todos os projetistas, designers, fotógrafos, das exposições especiais e paralelas: emerge o "arquiteto", e respectivamente, muitos traços, mãos, linhas flectidas, registros de um sujeito, de um "autor", de "poéticas" singulares. Esta é a causa da grande discrepância de qualidade de para quem visita, instigado e a procura do "autor", o pavilhão principal da Bienal: se trata de 4 seções, a primeira organizada sob o título geral da



Mostra, a segunda com as "vozes emergentes", ou seja, os jovens arquitetos que se afirmam no cenário internacional, terceira, a mostra dos "arquitetos italianos" nascidos após 1950 e que é organizada pelo Professor Marco Folini, e, por fim uma sala especial sobre os "Radicals", um panorama da produção experimental naquela inquieta cultura arquitetônica dos anos Sessenta e Setenta. Se os nossos velhos conhecidos, os "arquitetos sismógrafos" –apenas cito o grupo Coop Himmelb(l)au, Peter Eisenman, Frank O. Gehry, Zaha Hadid, Günther Domenig, os bucólicos Massimo Scolari e Léon Krier, os "radicais" Peter Cook, Arata Isozaki, Toyo Ito, Ettore Sottsass, Jörn Utzon e a Ópera de Sidney, e os positivos "construtivistas" Norman Foster, Massimiliano Fuksas, Jean Nouvel, Frei Otto, Dominique Perrault, Renzo Piano e o aeroporto internacional de Kansai– atestam que já possuem uma cronologia muito segura e forte, personalizada em cada exemplo oferecido, o confronto com as "vozes emergentes" internacionais e, mais ainda, com os jovens italianos, é muito injusto e desproporcional. Falta aos "emergentes" uma coesão expressiva que talvez o tempo lhes oferecerá, pois os mais velhos já redescobriram a "linguagem da arquitetura" a partir da tecnologia, da linguística, do estudo das vanguardas. Hollein afirma no belo catálogo que essa ocasião poderia ser "um futuro antecipado"; e aos epígonos da arte edilícia, assim, se estimula com as mostras especiais dos "Radicals", da "Arquitetura visionária dos anos '60 e '70" no pavilhão austríaco, e, na sede francesa, temos André Bloc, Claude Parent e Paul Virilio reunidos sob o título "Bloc, monolito fraturado".

#### Nota rápida

Oscar Niemeyer (1907 - ), ganhador do Leão de Ouro "pela carreira" –ao lado de outros dois quase centenários arquitetos, Ignazio Gardella (1905 - ) e Philip Johnson (1906 - )– recebe uma mostra muito tímida na casa do Brasil: absoluta expressão de uma "mente singular" atrás do lápis, Oscar é apresentado na Bienal com duas centenas de fotos pequeninas e alguns grandes croquis, sem esquecer a "máxima", manuscrita, das nossas mulheres, montanhas e curvas.

Acima: Cartaz da Bienal de Veneza e Edifício Copan de Niemeyer, ganhador do Leão de Ouro. Ao lado: House III, de Peter Eisenman

## Docomomo

### Preservar os monumentos e o ideário do movimento moderno

Paul Meurs, Holanda

e-mail: urbanfab@knoware.nl

Em setembro foi realizada a quarta conferência internacional do Docomomo –Documentation and Conservation of the Modern Movement– em Bratislava, Eslováquia. Participantes de cerca de quarenta países se reuniram para discutir o tema "Homogeneidade e Heterogeneidade". Se os modernistas europeus tentaram formular conceitos universais para a cidade moderna, historicamente as manifestações do movimento nos diversos países do mundo acabaram tendo uma forte característica local. Tal arquitetura não é considerada uma imitação inferior aos modelos canônicos, mas uma expressão forte de uma cultura universal e ao mesmo tempo regional, sempre tendo como ponto comum o desejo de inovar, seja na área tecnológica, estética ou social. Nesse sentido, o problema da preservação da herança moderna não se limita ao tombamento e à preservação de bens arquitetônicos, mas também abrange as idéias e conceitos que os engendraram.

Para o Docomomo, o movimento moderno não é um estilo histórico e fechado, mas um conceito que ainda tem valor. Sem negar os problemas verificados nas "New Towns", nas cidades pré-fabricadas dos países comunistas ou em outros centros onde a cidade moderna foi construída sem compromisso, o Docomomo acha que o desejo de melhorar a sociedade e as condições da vida da população urbana ainda tem significado para a arquitetura. Em Bratislava os estudos para reescrever a história do movimento moderno dominaram. Nas próximas conferências haverá mais ênfase no significado contemporâneo do movimento moderno. Em 1998, em Estocolmo, o tema será "Nordic light and social welfare". O Brasil, que estava presente com um dúzia de participantes em Bratislava, candidatou-se para organizar a conferência no ano 2000, em Brasília, lugar ideal para discutir o futuro da cidade moderna.



Casa-ponte do arq. Amancio Williams, modernista argentino.

#### Nota do Editor

O Docomomo possui uma seção no Brasil, onde poderão ser obtidas informações e onde instituições e indivíduos poderão se filiar. O órgão publica o "Journal Docomomo", onde destaca obras modernistas em países de todos os continentes.

#### Docomomo Brasil – UFBA

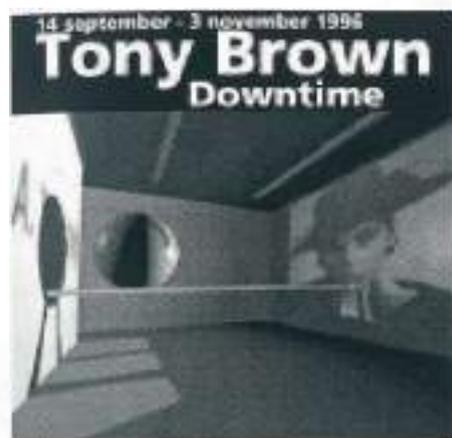
Angela West Pedrão (coordenadora interina)  
R Caetano Moura 121. 40210-350 Salvador BA  
fon 071 240.0458 / fax 071 247.3511  
email docomomo@ufba.br

## Arte no mundo

### Manifesta de Rotterdam

Eduardo Aquino, Canadá

email 102661.2547@compuserve.com



Cidade de infinitos embarcadouros, Rotterdam nasce no coração da economia e cultura holandesas como um pavilhão da modernidade. Praticamente aniquilada por um bombardeio alemão durante a IIª guerra, Rotterdam ainda representa, junto à conquista permanente do oceano, um dos ícones da cultura moderna dos Países Baixos pelo seu constante esforço de reconstrução e redefinição da própria identidade através da imagem de sua paisagem arquitetural. Na tradição do verão europeu de grandes exposições, Rotterdam não ficou para trás e demonstrou que possui estrutura suficiente para se posicionar na esfera cultural européia sem ficar a dever para outros centros maiores, como Amsterdam, Berlim ou Paris.

Manifesta I, uma espécie de nova bienal de arte, intenciona motivar a reflexão num amplo sentido, incorporando questões de caráter social, filosófico, político, histórico e cultural através de um intercâmbio de idéias e projetos de arte na escala pan-européia. Mesmo se a intenção inicial da Manifesta é de "subverter as barreiras regionais, sociais, linguísticas e econômicas", a presente exposição teve a irregularidade como sua melhor representação, até mesmo como consequência natural da sua política de curadoria.

Witte de With, o centro de arte contemporânea que montou a retrospectiva de Hélio Oiticica em 1992, organizou a mais completa compilação de obras do artista canadense Tony Brown até esta data. Na exposição "Downtime" (Tempo Ocioso – referindo-se ao tempo em que sistemas [máquinas] estão inativos devido à falha técnica), com a curadoria de Bartomeu Mari e Rutger Wolfson, o trabalho de Tony Brown oscila entre a reconstrução da linguagem arquitetônica através de instalações em escala teatral e a crítica social da cultura urbana traduzida por tecnologias de agenciamento da percepção corporal no contexto antiséptico do espaço da galeria. Brown utiliza simultaneamente motores em alta velocidade, sistemas de projeção, computadores, células fotoelétricas, robótica e as mais variadas formas tra-

dicionais de representação (escultura, fotografia, vídeo, etc) para simular o drama psicológico existente entre relações humanas e relações tecnologia/corpo no cenário caótico e alienante da metrópole do final de século, em plena transformação via novas tecnologias digitais. O espectador é constantemente engolfado em situações em que é obrigado a definir uma posição subjetiva perante o objeto, que se mostra sedutor ao delimitar uma afinidade tensa entre o visitante e a experiência artística. Na sua última instalação, "Better Living Through Remote Access" (Melhor Viver por Acesso Remoto), a única concebida especialmente para esta exposição, Brown carregou imagens e dizeres ao vivo de um fórum de sexo da Internet, projetando-os em proporções gigantescas no espaço da galeria. Uma esfera em plástico branco (utilizada por malabaristas de circo) foi posicionada no meio da projeção e fluuava em vai-e-vem, suportada por um trilho de alumínio que mantinha um movimento constante de sobe e desce. Atraindo o espectador pela multiplicidade tecnológica e apresentação dramática, "Better Living Through Remote Access" criou lacunas psicológicas na consciência e na percepção física, impedindo assim uma resposta indiferente do visitante, especialmente em se tratando de um tema de conteúdo moralista: a oferta pública indiscriminada do corpo nu e privado no espaço institucional de um museu. A exposição "Downtime" pode ser virtualmente visitada através do website do Witte de With pela Internet.

Com certeza Rotterdam é um ponto de parada significativo para aquele que observa a produção contemporânea de perto. O porto, um dos maiores do mundo, fascina com a sua arquitetura industrial à *la Blade Runner*. O ECT (European Container Terminal), por exemplo, é um simulador de carga e descarga de transatlânticos totalmente robotizado, aonde a presença mais evidente é exatamente a ausência humana, desafiando ideais que um dia foram exclusivamente utópicos.

Websites na Internet onde poderão ser encontrados diversos trabalhos e informações referidos neste texto:

#### Manifesta I

<http://www.xs4all.nl/~manifest>

Museu Boijmans Van Beuningen

<http://mediaport.org/~boymans>

Witte de With Center for Contemporary Art

<http://www.wdw.nl>

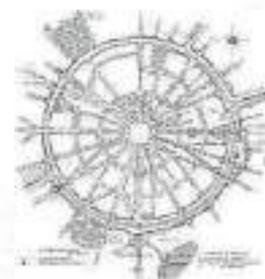
Instituto Holandes de Arquitetura

<http://www.nai.nl>

## Prestes Maia por Benedito Lima de Toledo

Dênio Benfatti, Conselho editorial

email [dmc@trycomm.com.br](mailto:dmc@trycomm.com.br)



Plano de avenidas para a cidade de São Paulo, Prestes Maia, 1930

Acaba de sair uma publicação que irá enriquecer a bibliografia na área de urbanismo. Trata-se do recente lançamento do livro *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno*. O trabalho é resultado de uma pesquisa realizada por Benedito Lima de Toledo e sua publicação celebra um duplo acontecimento: o centenário do início das atividades Curso de Arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo e o centenário de nascimento de um de seus mais ilustres ex-alunos, o Engenheiro-Arquiteto Francisco Prestes Maia.

São 300 páginas e cerca de 320 ilustrações entre desenhos, gravuras, fotos, plantas e ilustrações, retratando não apenas a evolução urbana como também os projetos e as propostas urbanísticas que as sucessivas administrações apresentam para a orientar o crescimento da cidade de São Paulo, desde o final do século passado até as grandes intervenções propostas por Prestes Maia.

O livro é organizado com base em uma concepção histórica da cidade desenvolvida pelo próprio Prestes Maia, segundo a qual a cidade teve quatro surtos urbanísticos de importância crescente. Esses assim chamados surtos urbanísticos correspondem a períodos de grandes transformações urbanas capitaneadas pela administração pública como resposta ao vertiginoso crescimento urbano da cidade. "O primeiro por volta de 1875 com o governo João Teodoro. O segundo, no início do século, na administração Antônio Prado. O terceiro, envolvendo já apreciável transformação central, na administração Duprat (1911). O quarto, no período 1938-1945, quando foi tentada uma remodelação mais radical e sob critérios gerais de coordenação".

A primeira parte do livro trata dos três primeiros surtos urbanísticos. A segunda parte trata do quarto surto urbanístico, período de metropolização da cidade, que coincide com a gestão do próprio Prestes Maia (1934-1945). É um estudo bastante detalhado e, principalmente, muito bem documentado sobre as diferentes versões do Plano de Avenidas até a versão definitiva que terminou sendo implantada a partir de 1938.

Finalmente, os dois últimos capítulos do livro, situam Prestes Maia em relação aos seus contemporâneos, reafirmando suas afinidades e diferenças e revelando um urbanista totalmente antenado e familiarizado com a bibliografia e as propostas urbanísticas de seu tempo.

Você pode adquirir o livro preenchendo o cupom em anexo ou pelo telefone 011 288.8950

## Internet

Descobrimo a arquitetura mundial na infovia. Conheça obras de Álvaro Siza Vieira em Portugal

Cada vez mais a Internet mostra-se um interessantíssimo veículo de pesquisa na área de arquitetura e urbanismo. Já são inúmeros os "sites" navegáveis onde pode-se encontrar fotos, desenhos e críticas de importantes projetos construídos em todo o mundo. O Boletim Ócullum apresenta dois projetos de um dos mais importantes arquitetos contemporâneos, o português Álvaro Siza Vieira.

### Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto

O edifício está localizado no setor universitário conhecido como Pólo 3. A área, conforme o Plano Diretor, é limitada a norte e sul pelas saídas da



Ponte Arrabida e Panorâmica, a leste pela muralha da Quinta da Povia e a oeste pela via de acesso a Campo Alegre. A vista a partir do rio é magnífica, com os volumes brancos se destacando por cima das copas das árvores.

<http://www.telepac.pt/blau/facarch.html>

### Colégio de Educação Setubal

Maravilhoso projeto plenamente integrado na paisagem árida. A singeleza e a sofisticação dos espaços internos oferecem a paz de espírito necessária ao labor intelectual.

<http://www.telepac.pt/blau/setubal.html>



À esquerda. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Vista do rio, fachada, cobertura e interior de um dos blocos.

Acima. Colégio de Educação Setubal. Interior, cobertura e fachada.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



### Arcosanti

Vinte e seis anos atrás, a Cosanti Foundation iniciou a construção de Arcosanti, uma cidade experimental no deserto do Arizona, EUA. Trata-se de uma superestrutura compacta, com ambiente auto-sustentável, que ocupa somente 25 acres de 4060 acres de território preservado. Arcosanti foi imaginada de acordo com o conceito de arcologia (arquitetura + ecologia), projetada pelo arquiteto italiano Paolo Soleri. Milhares de estudantes de arquitetura de todo o mundo foram até lá estudar arcologia e construir a cidade.

<http://www.arcosanti.org>

### Especialização na Faupuccamp

No próximo ano se iniciará o curso de especialização em "desenho e gestão do território municipal". informações: Faupuccamp, Campus I, Rod. D. Pedro I, km 136, 13089-500, Campinas, SP, fone 019 754.7188.

Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo. À esquerda, no canto, o prédio do Correio.



### Reciclagem da Agência Central dos Correios

O edifício, localizado no vale do Anhangabaú em São Paulo, será transformado em espaço de cultural e de convenções. A reciclagem será a partir de projeto a ser selecionado em concurso nacional. O concurso terá duas fases. Na primeira, os trabalhos deverão ser apresentados na forma de estudos preliminares, até o dia 23 de dezembro. Os cinco melhores projetos (prêmios de R\$ 6 mil) serão selecionados para a segunda fase, quando desenvolverão seus estudos até o nível de anteprojeto. Outros dez trabalhos serão homenageados com menção honrosa (R\$ 5 mil). Os resultados intermediários serão divulgados no dia 14 de janeiro e a reentrega das propostas acaba em 19 de fevereiro e a divulgação do resultado ocorrerá no dia 24. O vencedor final vai receber R\$ 18 mil. A pasta de documentos custa R\$ 50,00. Inscrições até 29 de novembro.

Informações: fone 011 838.7044, fax 011 838.7043, ou na Agência, na Av São João, s/nº.

dezembro 1996  
ano 1  
edição meses letivos

## Redefinindo a "comunidade"

Eduardo Aquino, Canadá  
102661.2547@compuserve.com

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.



A noção de 'comunidade' colocada nos contextos da produção de arquitetura e da educação do arquiteto tem, por muitas vezes, sonogado a própria realidade do termo, privilegiando uma área de ação que, por mais que relevante, é ao menos limitada. Me lembro que a idéia de comunidade -no tempo em que enveredava pelos corredores da Pinacoteca do Estado tentando absorver ao máximo dos ensinamentos que lá se afluavam- era mais relacionada às populações organizadas de baixa renda na periferia da metrópole e à produção do arquiteto como resposta às necessidades de tal população. A redefinição de comunidade nesta passagem de século vai com certeza influir e expandir possibilidades de ação, não só baseadas na necessidade permanente do redesenhar a cidade, mas também associada às mais variadas vertentes do pensar a arquitetura e a produção cultural. A presente edição da revista *Metropolis* (New York, novembro 1996), como também a publicação do livro da artista e teórica Suzanne Lacy -*Mapping the Terrain: New Genre Public Art* (Mapeando o território: novo gênero de arte pública, Seattle: Bay Press, 1995)- sugerem tal redefinição como premente.

A revista *Metropolis* começou a estruturar o presente número ao perguntar a arquitetos, artistas, designers e educadores, qual o significado de comunidade. O que é comunidade? Os membros de uma mesma comunidade possuem necessariamente algo em comum? Um grupo de pessoas que possuem algo em comum formam, necessariamente, uma comunidade? A sua comunidade primária é definida geograficamente? Recebendo respostas das mais contraditórias e complexas, a editora Diana Friedman chegou ao menos a uma conclusão, esta indicando os pontos unân-

nimes provindos de todos os participantes: comunidade é fundada em participação, cooperação e objetivos comuns. A partir desta tentativa de redefinição são apresentadas as mais variadas experiências de práticas diretamente ligadas à comunidades específicas. O projeto *Help Design!*, por exemplo, beirando o Central Park em New York, organizou-se com o objetivo de mostrar que o espaço público é do usuário, criado pelo usuário, para o usuário. Um grupo de arquitetos trabalhou intensamente com o público local, onde sugestões de melhoramentos resultaram de um esforço coletivo, de um espírito de colaboração. De uma outra forma a artista Annie Lanzillotto, do Bronx-NY, alugou um quiosque no mercado italiano do bairro, e, ao invés de montar uma barracinha de mercadorias, se instalou com um piano de cauda e convidou açougueiros, fruteiros, a freguesia e amigos artistas a participarem musical e teatralmente na barraca, trazendo assim uma qualidade a mais a vida cotidiana do mercado. Como resultado, Lanzillotto está organizando uma ópera -*La Scarpetta* (em italiano, o último pedacinho de pão utilizado para limpar o prato no final da refeição)- em colaboração com toda esta gente e a ser apresentada no mesmo mercado em 97. No mesmo espírito, Lacy compila em *Mapping the Terrain* uma série de ensaios críticos, articulando com destreza esta nova tradição de prática artística, proto-estabelecida pelas legendas de Joseph Beuys, *Guerrilla Girls* ou Allan Kaprow, e no contexto brasileiro, Hélio Oiticica e Lygia Clark. Lacy declara: "Toda arte posiciona um espaço entre o artista e o observador do trabalho, preenchido tradicionalmente pela obra. Novos gêneros de arte pública sugerem um espaço preenchido com o relacionamento entre o artista e o espectador." Nesta tradição a obra é definida não por sua qualidade material, mas por relações complexas e transformadoras entre estes dois constituintes fundamentais da experiência artística. É com muita surpresa que Lacy deixa de fora a contribuição fundamental dos brasileiros, mas mesmo assim *Mapping the Terrain* oferece novas direções no questionamento de novas práticas artísticas, especialmente

## Crédito Educativo para alunos da Puccamp

Direção da Faupuccamp

**URGENTE.** Estão abertas as inscrições para o Crédito Educativo do MEC-CEF para o 2º semestre de 1996. Serão selecionados 899 estudantes na universidade segundo os critérios do índice de classificação.

As condições para inscrição são as seguintes: ser brasileiro nato ou naturalizado; ser estudante universitário regularmente matriculado no seu 1º curso de graduação; ser economicamente carente; ter bom desempenho escolar; não receber auxílio de qualquer fonte para custeio de seus estudos.

Retirada das fichas de inscrição de 3 a 13 de dezembro no setor de contas a receber (Campus I e Prédio Central). Preencher e entregar a ficha de inscrição e os documentos comprobatórios até o dia 16 de dezembro na sala 106 do Prédio Central.

aquelas relacionadas à formulação de novos conceitos de participação e comunidade.

Ao redefinir pessoalmente novas noções de comunidade, a prática da produção cultural se volta para responder às necessidades de uma comunidade 'local'. A determinação de um 'lugar' neste sentido vai muito além da compreensão tradicional, mais fundada num paradigma geográfico do que na consolidação de sentidos autênticos. Ao escrever este pequeno artigo penso comigo mesmo que os leitores deste estabelecem comigo um 'sentido de participação e cooperação' mais tangível, mais real, do que os meus próprios vizinhos da rua Bleury, aqui em Montreal. As distâncias relativas, as conexões existentes, as paixões comuns, assumem uma presença saliente na redefinição pessoal de comunidade. Seja esta por ação direta (com presença física) ou por participação ativa, a manobra criativa evoluirá através das novas disponibilidades tecnológicas e fronteiriças que este final de século nos sugerem.

Revista *Metropolis*  
<http://www.metropolismag.com>  
Editora Bay Press  
<http://www.baypressinc.com/baypress>

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes  
Cristina Mehrrens *EUA*  
Eduardo Aquino *Canadá*  
Marcos Tognon *Itália*  
Mª Pilar P. Pineyro *Uruguai*  
Paul Meurs *Holanda*  
Paulo Dzioli *França*  
Pedro Moreira *Alemanha*  
Ramón Gutierrez *Argentina*  
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores  
Diego Wisnivesky  
Flávio Arancibia Coddou  
Regina Fraga Moreira  
Tatiana Alarcon  
Wagner L J Monteiro

Faupuccamp  
Diretor  
Wilson R dos Santos Jr  
Vice-diretor  
Irineu Idoeta  
Coordenador de curso  
Ricardo M. de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod D. Pedro I - Km 136  
Campinas, SP, Brasil  
CEP 13089-500  
fone 55-019-754.7156  
fax 55-019-255.6376

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem  
de 5000 exemplares.  
Distribuição gratuita.

Apoio cultural



## Complexidade e contradição em Euralille

Flávio Arancibia Coddou, França  
"coddou"@easy.net.fr



O mega canteiro de Lille, dos empresários endinheirados europeus que anos antes tinham brincado de La Défense, transformou-se assim como os "grands projets" de Mitterand, em ícones da arquitetura contemporânea e em experiências "megalomaniacas" contestadas por arquitetos e intelectuais franceses. E no caso de Euralille, num modelo de ocupação urbana que dá nos nervos dos críticos que divulgam seus discursos em publicações do meio arquitetônico. Lille também entra na discussão sobre o futuro das cicatrizes deixadas por esses totens gerados a custos exorbitantes e devidamente desocupados pelos altos preços dos metros quadrados da nova arquitetura. O novo "hall" de entrada de Lille é mais um desses inúmeros projetos de estações de TGV feitos para abrigar experiências da arquitetura de pele e ossos, projetos de encarte de propaganda de empresas de construção, com a diferença deste não tratar-se de um exemplo da moda da zoomorfologia simbólica.

Ao sair da estação, a primeira grande referência que se apresenta é a torre do Crédit Lyonnais. Quase figurativo, o totem de ângulos oblíquos autônomo nas alturas, sobreposto à estação e com acessos restritos e verticalizados, "sinal emblemático" na paisagem de Lille, se opõe à arquitetura de Portzamparc desenvolvida em Paris no contexto urbano. A torre verde de cem metros de altura é ponto de referência imediato na paisagem de Lille e causa certa estranheza a relação volumétrica com a estação.

Ao lado, o edifício de Nouvel possui hotel, escritórios, moradia estudantil e centro comercial. A elevação do imóvel Le Corbusier parece um comentário da Unité d'Habitation de Marseille com seus elementos coloridos colados aos vidros da fachada. No centro comercial, até mesmo a arquitetura parece estar à venda: a grande cobertura em diagonal e os pilares espelhados com reflexos multicoloridos são a marca do arquiteto.

As três torres (das cinco originalmente previstas) criam uma perspectiva que Nouvel caracteriza como "a fachada mais urbana" onde "tem-se a impressão de estar numa cidade grande". Ali observa-se que Euralille está dentro da cidade, a dois passos do centro histórico, porém numa fronteira fortemente marcada pelo contraste com uma cidade "tão intacta, tão clássica e tão pura, quase sem signos de modernidade", como observou Koolhaas na sua visita à cidade em 88. Os edifícios de Nouvel e Koolhaas, os mais próxi-

mos do verdadeiro centro de Lille, estão ligados à idéia de infraestrutura da cidade, experimentação de novas combinações de programas e "signos de modernidade" da velha cidade.

No caso do Congrexpo, a avenida que separa o edifício do restante do conjunto está prevista para ser desviada; enquanto isso não acontece a passagem subterrânea que leva o pedestre a aparecer a 10 m do pé do edifício é uma infeliz solução adotada. A dificuldade de apreender uma imagem única do edifício, ao contrário da "bota" de Portzamparc, é resultado da escala e forma oval adotadas. Chama a atenção o uso de materiais completamente diferentes: vidro, plástico, espinho, pedra, madeira, concreto, enfim, toda a história da construção didaticamente separada e justaposta, servindo como elemento de diferenciação nos usos de cada espaço. Contando ainda com elementos da pós-ocupação: tapetes vermelhos e vasos de plantas sob cada pilar, intrínsecos à imagem de espaços com tal uso.

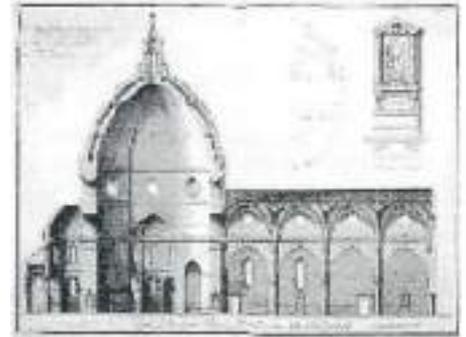
Ao supor quanto tempo Carl Lewis gastaria para percorrer longitudinalmente o projeto ou ao comparar custos em relação a um número de vagas de estacionamento no centro de Tóquio, a personalidade do arquiteto se revela perturbadora no mundo da arquitetura politicamente correta. Com uma produção teórica tão vasta, a realização prática do arquiteto está de tal modo afastada de uma real inteligibilidade, que a tendência a um solilóquio aparece como um possível fim da "moda" Koolhaas, ao menos intramuros na Europa, sem que este nunca tivesse se dedicado a criá-la e nem mesmo a controlar os mal-entendidos produzidos pelo furacão passageiro de uma tendência masturbatória ou impiedosamente crítica sobre sua obra. Seu discurso teórico contra o princípio da fragmentação parece em vão na realidade de Lille e acentua a tendência errônea e ao mesmo tempo óbvia de colocá-lo no mesmo "saco" dos deconstrutivistas.

De fato a euforia dos arquitetos impediu uma real aproximação com a cicatrização do conjunto na trama urbana. Lille deverá olhar para si mesma e perguntar qual furacão passou por ali. Na verdade, enquanto os projetos não se completam pela falta de outros previstos, as arquiteturas se confrontam e ainda assustam a velha Lille. Euralille seguramente já conta como sendo uma das realizações mais comentadas nos últimos anos na Europa, e pela complexidade que engendra ainda terá muitas linhas contra ou a seu favor.



## As máquinas do espaço

Marcos Tognon, Itália  
tognon@sabsns.sns.it



Um verdadeiro renascimento da especulação sobre a mecânica do ar, da água, da matéria arquitetônica, do corpo humano, um renascimento, enfim, daquele espírito que na antigüidade deixara tantos tratados, tantas obras maravilhosas de pura engenharia dos sólidos ou dos líquidos, ou ambas, arquitetônica e hidráulica como no aqueduto por exemplo, é o objetivo da mostra que visitamos no florentino Palácio Strozzi. Primando pela máxima didática do percurso expositivo, com as reproduções em escala de várias "máquinas" operáveis, reproduções e originais dos projetos destes "engenheiros" como também os curiosos aparelhos auditivos individuais que se recarregam de informação em cada sala, salvando o visitante das cansativas leituras dos painéis, a mostra se estrutura economicamente em três seções: Brunelleschi (1377-1446) e a cúpula de S. Maria del Fiore em Florença; os engenheiros de Siena, destacando Taccola (1381-1458?) e Francesco di Giorgio (1439-1501); e Leonardo (1453-1519), suas máquinas e suas reflexões sobre os mecanismos.

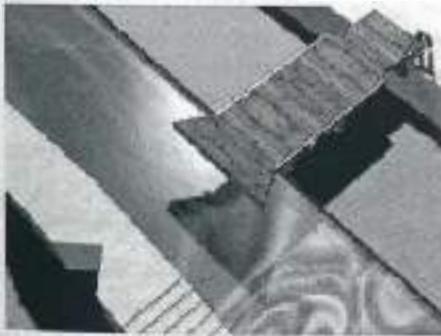
As máquinas desses engenheiros são, na verdade, formas transmissíveis, potencializadoras de forças: levantar enormes blocos de pedras, percorrer os rios, desviar as águas, arremessar corpos balísticos, aproveitar os ventos, e assim voar, eis a primeira máquina exposta na mostra, a complexa estrutura de asas e mecanismos transmissíveis de Leonardo para permitir um vôo humano, projeto desenvolvido no manuscrito "B" de Paris. Podemos dizer que são máquinas do espaço, sim, pois contam com os movimentos da forma no espaço, contam com a transmissão de deslocação espacial, convertendo-se em ações circulares, axiais, oscilações diagonais; as formas das máquinas atingem os seus objetivos no espaço, na mudança de vetores, no contato de segmentos, na regularidade de torções e de balanceamentos. É a razão pela qual essas máquinas só podem ser desenhadas com o uso da representação tridimensional, e entendemos porque Brunelleschi, o "inventor moderno" da perspectiva, é o engenheiro inaugural do Renascimento. Basta pensar na cúpula mariana, aquela se que ergue "acima dos céus" lembrando a dedicatória de Alberti no De pictura, uma verdadeira máquina arquitetônica cuja função era cobrir o maior vôo da Europa dos Quatrocentos, e assistida por outras tantas

## Da metrópole à tecnópole

Paulo Roberto Dizioli, França  
oculum@imaginet.fr

máquinas engenhosas, guindastes sobretudo, vencendo o peso da matéria antes inerte. As máquinas naquela Toscana de Brunelleschi floresceram e se estenderam às aplicações mais urgentes, como o controle das águas em uma cidade, Siena, geograficamente dificultada pelas grandes cadeias rochosas. Primeiro Mariano di Iacopo, conhecido como Taccola, que promove um verdadeira recuperação do saber antigo relativo à hidráulica, para as fontes, para os sistemas de canalização de água; depois, Francesco di Giorgio, um pleno humanista da segunda metade dos Quatrocentos, que não só enfrenta os problemas da navegação e da movimentação dos fluidos, mas nos deixou inúmeras provas das suas conquistas na "arte da guerra", criando carros especiais de combate, de assédio, principalmente para o Duque Montefeltro de Urbino, e, na balística e na topografia, com certos instrumentos de medição, na arquitetura, em suma, na arte de edificar os monumentos, palácios, torres, pontes. Por fim Leonardo, e na mostra em Palácio Strozzi, destaca-se sobretudo o Leonardo especulador, o Leonardo filho da "experiência na natureza": não interessa uma obra terminada, uma máquina concluída, mas os princípios, os mecanismos, a lógica dos movimentos, digamos, a ação mecânica dos corpos e seus respectivos desenhos. Portanto, o parafuso, os movimentos oscilantes circulares ou axiais, as trajetórias, as cremalheiras, as entrosas; e, sobre o mecanismo então mais perfeita, a circulação do sangue, os músculos, a reprodução, a voz, os ossos do corpo humano no espaço.

Ilustrações: Acima, cúpula de Santa Maria del Fiori, de Brunelleschi. Abaixo, ponte retrátil de Leonardo da Vinci



Exposição Engenheiros da Renascença  
Florença, Palácio Strozzi

22 de junho 1996 - 06 janeiro 1997

curador geral: Paolo Galluzzi

catálogo: Editora Giunti, 252 pp.

entidades promotoras: Finmeccanica e Instituto e

Museu de História da Ciência, Florença

internet: <http://galileo.imss.firenze.it>

A mundialização da economia não significa somente uma transformação da economia, ela revolucionará sem dúvida a organização espacial do planeta. Através das redes mundiais que se estão criando, redes estas não somente ligadas à economia mas que abrangem cada vez mais todos os domínios da vida, se anuncia o ocaso dos estados nações. Uma cultura mundial está se formando e a sua característica principal é a sua imaterialidade. A resolução deste paradoxo, cultura/imaterialidade, necessitará de uma base material para que esta imaterialidade não se transforme em artificialidade. Esta base material serão as cidades. Pontos de contato entre este vasto espaço mundial e imaterial e um espaço regional e material, as cidades terão que em breve tempo se capacitar para assumir este novo papel. Quase tudo terá que ser reestruturado, a sua forma de gestão, a sua estrutura econômica, a sua estrutura cultural regional e a sua estrutura física. Será através das cidades que a cultura mundial se materializará, transformando-se em regionais através da reinterpretação que cada cidade fará dela. Mas será também através das cidades que as culturas regionais se imaterializarão, transformando-se em cultura mundial através do intercâmbio mundial de informações. Esta nova cidade podemos chamar de tecnópole. O termo tem a sua origem na evolução do conceito de parques de alta tecnologia. Estes tinham como finalidade aproximar a universidade, os centros de pesquisa e as indústrias para facilitar e dinamizar os intercâmbios entre eles, incrementando assim o desenvolvimento tecnológico. Porém, esta proximidade, por ela só, não se revelou suficiente para atingir os objetivos desejados. Este conceito de parques de alta tecnologia foi reinterpretado por várias cidades médias francesas tentando redimensioná-lo à realidade local e procurando respostas para implementar realmente a sinergia entre as partes. O resultado foi a constituição do conceito de tecnópole. Contando basicamente com recursos locais os tecnopolos se caracterizam por serem não somente uma operação imobiliária, o loteamento de uma área, mas sim de contar com uma gestão, um conselho, composto por vários atores: as prefeituras das cidades envolvidas, as associações comerciais, a universidade, os centros de pesquisa, etc. Este conselho define as estratégias a longo prazo do tecnopolo e a partir delas cria as infra-estruturas básicas para acolher ou incentivar a criação de micro ou pequenas empresas, de laboratórios de pesquisa, de sítios universitários. Uma outra sua característica, ainda embrionária, é a constituição de uma animação tecnopolitana. Esta animação tecnopolitana tem por função identificar os intercâmbios possíveis ao interno e ao externo do tecnopolo, de colocar as partes em contato e criar as condições materiais para que estes intercâmbios possam efetivar-se. Se o termo masculino, tecnopolo, define um espaço físico, o termo feminino, tecnópole, define todo o complexo, a



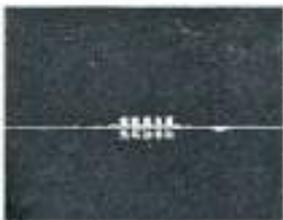
gestão, a programação, a animação e o sítio. A evolução natural deste conceito é a sua expansão para todos os domínios da cultura regional da cidade, a arte, o lazer, o comércio, o esporte, etc. Até o momento não há ainda nenhuma realização concreta, mas algumas tentativas neste sentido nos permitem deduzir esta evolução. Veja-se Montpellier, Lyon e Nantes na França; Louvain-la-Neuve na Bélgica e o embrião da tecnópole de Porto Alegre no Brasil.

Até o momento a reflexão sobre o tema no meio arquitetônico é quase nulo. O maior esforço de reflexão feito até o momento foi o concurso de idéias para três dos sete sítios da tecnópole de Nantes, lançado em junho de 1988. Seis arquitetos foram convidados para este concurso, Peter Ahrends, Alessandro Anselmi, Anton Capitel e Javier Velles, Hans Kollhoff, Boris Podrecca e finalmente o ganhador Christian de Portzamparc. A principal contribuição do projeto de Portzamparc foi a de interpretar o tema não como uma parte destacada da cidade de Nantes mas sim como um verdadeiro espaço urbano. Um espaço que não contém somente as funções ligadas diretamente ao tecnopolo mas também, habitações, serviços e lazer. Abre-se doravante a nós arquitetos, portanto, um enorme campo de reflexão.

## Carta de Buenos Aires

Adrián Gorelik

agorelik@unq.edu.ar



Estimado Abilio:

Es la primera vez que intento enviar imágenes por el correo, así que espero que no falle. Te envío el dibujo de Le Corbusier de su proyecto de los rascacielos sobre el agua (la cité des affaires) para la costa en Buenos Aires, con el que ilustro su novena conferencia el viernes 18 de octubre de 1929, publicado en *Précisions*, sur un état present de l'architecture et de l'urbanisme. Y te mando una fotografía casi contemporánea, que enfoca la costa de Buenos Aires desde el río, tomada por Horácio Coppola y publicada en el *Album Buenos Aires 1936*, álbum conmemorativo del cuarto centenario de la primera fundación de la ciudad.

La frase que me parece interesante que vaya de Le Corbusier, es de esa misma conferencia, acompañado el dibujo, cuando cuenta su impresión al llegar precisamente a esa costa desde el barco, impresión que según su relato le inspiró el proyecto completo para Buenos Aires. Dice Le Corbusier: "De pronto, más allá de las primeras balizas iluminadas he visto Buenos Aires. El mar uniforme y plano, sin límites a izquierda y derecha, cielo argentino tan lleno de estrellas y Buenos Aires, esa feroz línea de luz comenzando a la derecha hasta el infinito y huyendo a la izquierda hacia el infinito, a ras del agua. Nada más, salvo, en el centro de la línea de luz, la crepitación de un fuego eléctrico que expresa el corazón de la ciudad. Es todo. Buenos Aires no es pintoresca ni variada. Simple reencuentro de la Pampa y el Océano, una línea iluminando la noche de un extremo a otro. (...) Esa visión me ha quedado intensa, magistral. Pense: no existe nada en Buenos Aires. Pero que línea fuerte y majestuosa. (...)"

Coincidiras en que es una frase de una fuerza poética poco frecuente en los textos de arquitectos. Espero que te guste y puedas aprovecharla.



## Por uma história comparativa do urbanismo

Cristina Mehrtens, Estados Unidos  
mehrtens@umiami.ir.miami.edu

Reproduzo aqui parte de interessante discussão que ocorreu durante a preparação da conferência sobre História Urbana (Veneza, 1998). Pierre-Yves Saunier (Centre National de la Recherche Scientifique) questionou a falta de estudos efetivamente comparativos entre cidades norte-americanas e européias. Richard Harris (editor da *Urban History Review* e professor na McMaster University em Hamilton, Ontário) concorda com tal opinião e propõe a criação de um novo painel explicitamente comparativo para a reunião em Veneza. Uma sessão comparativa intencionaria tanto apresentar, lado a lado, experiências nacionais específicas quanto estabelecer contatos, abrir o diálogo e, talvez, possibilitar que uma pesquisa comparativa de fato tenha lugar. No entanto, Harris alerta que a experiência anterior é desalentadora. Nas conferências do Canadá (décadas de 70 e 80) e dos Estados Unidos (décadas de 80 e 90) apresentaram-se diferentes experiências urbanas (a maior parte delas em cidades norte-americanas) sem que tais pesquisas trouxessem resultados voltados a um trabalho comparativo. Talvez o problema estivesse na própria formação americana e seu enfoque para a especialização e/ou no fato de que o número de historiadores voltados para o urbano seja insuficiente. Harris alerta que a opção deliberada por um trabalho seguro e especializado em vez de um trabalho arriscado nos moldes da análise comparativa é uma tendência que percorre todas as ciências sociais.

Jim Wunsch (Universidade Estadual de Nova York) explica que o estudante americano do urbano sofre uma forma particular de stress em sua formação. Estudar "um" só lugar torna-se fator imperativo e inerente. O resultado é que após escrever as descobertas sobre só "um" lugar, a fadiga, mesmice, ou a necessidade de ter algo publicado faz com que a busca das mesmas questões para outros lugares torne-se extremamente improvável. Assim, pior que a ausência de estudos urbanos comparativos entre cidades norte-americanas e européias é a considerável falta de estudos comparativos entre cidades de uma mesma nação ou região. Segundo Wunsch, os americanos tornam-se ainda mais frágeis quando tentam generalizar a partir de especificidades estudadas. Os americanos suprimam tal falta através do estudo das "grandes cidades". Tais cidades se tornam intrinsecamente importantes e, portanto, protótipos. Na verdade, não sabemos se elas realmente o são. Estariam os historiadores do urbano dos países europeus seguindo melhores caminhos? Ou seriam estes caminhos ainda mais tortos quando tomam como ponto de referência capitais nacionais gigantes como Londres, Paris e Viena?

Por outro lado, John Bingham (Universidade de York em Toronto) acredita que uma boa solução na correção da miopia profissional estaria em abarcar o estudo das cidades dentro de um contexto regional maior. Dentro desta perspectiva, Bingham está escrevendo sua dissertação de doutorado. O enfoque do estudo está no período da República de

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Novo Teatro da Puccamp

No próximo dia 16 de dezembro será apresentado à comunidade empresarial de Campinas e região o anteprojeto e a maquete do novo Teatro da Puccamp. O trabalho foi desenvolvido pela equipe de professores da Faupuccamp liderada pelo arquiteto Araken Martinho e com participação dos arquitetos Luiz Chichierchio, Roberto Assumpção e Jorge Oswaldo Caron (convidado). A solenidade visa obter os apoios e patrocínios necessários para levar a cabo um empreendimento essencial para a modernização e aprimoramento de nossa universidade. O evento acontecerá no CIEQ, campus I, às 17 horas.

### Especialização na Faupuccamp

No próximo ano se iniciará o curso de especialização em "desenho e gestão do território municipal". Para profissionais vinculados a administrações municipais (executivo e legislativo) e demais interessados no campo das políticas urbanas, preferencialmente –mas não exclusivamente– para arquitetos e engenheiros. Com coordenação de Raquel Rolnik, a equipe de professores contará com profissionais com experiência na administração pública e diversos palestristas convidados, com destaque para Nabil Bonduki e Paul Singer.

As inscrições de 6 de janeiro a 24 de fevereiro de 1997. Informações: Faupuccamp, Campus I, Rod. D. Pedro I, km 136, 13020-904, Campinas, SP, fones 019 754.7178 ou 754.7177, com Júlio.

Weimar, 1919-1933, e o trabalho lida com as diretrizes legais e institucionais da Nação e do Estado, nos moldes da abordagem comparativa sugerida por Louis Dean. Neste sentido, o DST, *Deutsch Staedtetag* (Congresso Alemão das Cidades) tornou-se ponto vital para coleta de qualquer dado sobre a cidade em seu trabalho. O DST localiza-se em Berlim e seu acervo provém do final do século XIX até os dias de hoje. O arquivo, sempre em contínuo trabalho de organização, classificação e sumariação de seus dados, torna possível a identificação de temas relevantes perpassando por um grande número de centros (ou mesmo protocentros) urbanos. Tal fato altera a ênfase no aspecto local sem desmerecê-la. Existiriam organizações de dados como esta nos Estados Unidos ou outros países? Tais arquivos poderiam facilitar a propulsão de trabalhos comparativos entre várias cidades de um mesmo país ou de outros.

Finalmente, o tema e a seleção de urbanistas de diferentes origens e formação profissional teve o propósito de salientar a efetividade e multivocalidade da Internet através de listas de discussões como H-URBAN. Tal fato releva a importante tarefa imposta a nós, profissionais do urbano fora do eixo leste-oeste, de um posicionamento. O que é aceito e estudado entre nós? Como poderíamos participar deste debate? Alguma sugestão? H-Urban: <http://h-net.msu.edu/~urba>

fevereiro 1997  
ano 2  
edição meses letivos

## Editorial

Exposição de trabalhos de graduação interdisciplinar da Faupuccamp na École de Architecture de Paris La Villette

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável  
Abílio Guerra

Correspondentes  
Cristina Mehrrens *EUA*  
Eduardo Aquino *Canadá*  
Marcos Tognon *Itália*  
M<sup>rs</sup> Pilar P. Pineyro *Uruguai*  
Paul Meurs *Holanda*  
Paulo Dizíoli *França*  
Pedro Moreira *Alemanha*  
Ramón Gutierrez *Argentina*  
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores  
Diego Wisnivesky  
Flávio Arancibia Coddou  
Regina Fraga Moreira  
Tatiana Alarcon  
Vagner L. J. Monteiro

Faupuccamp  
Diretor  
Wilson R dos Santos Jr  
Vice-diretor  
Irineu Idoeta  
Coordenador de curso  
Ricardo M de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod D. Pedro I - Km 136  
Campinas, SP - Brasil  
CEP 13089-500  
fone 55-019-754.7156  
fax 55-019-255.6376  
cadfau@zeus.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem  
de 5000 exemplares.  
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet  
<http://web.arch-mag.com>

Apoio cultural

 Itautec

IMPRESSO



Em junho de 1996, como editor da Óculum, fui visitar a École de Architecture de Paris La Villette (UP6) para conhecer Jean-Pierre Le Dantec, atual coordenador do curso de arquitetura, autor de artigo sobre Frédéric Borel (Óculum 5/6). Acompanhar-me na ocasião Paulo Dizíoli e Valentina Moimas, nossos correspondentes em Paris. Apresentamos na ocasião os trabalhos de nossos alunos realizados para o Congresso UIA Barcelona 96. Bem impressionado, Le Dantec nos convidou para uma exposição dos trabalhos em sua escola. Fui também apresentado a Gérard Cattalano, diretor da escola. A conversa tratou de diversas possibilidades de acordos, que redundou de imediato no intercâmbio de publicações e no interesse comum de estabelecer um protocolo de colaboração acadêmica. Para coroar os acordos preliminares, foi aceito como estudante especial nosso aluno Flávio Coddou, atualmente em La Villette. Como o diretor de nossa escola, Wilson Ribeiro dos Santos Jr (Caracol) estava em Barcelona, foi agendada uma reunião dos dois diretores, realizada no início de julho em Paris, e que resultou em um protocolo de intercâmbio acadêmico que está em fase final de aprovação. A exposição foi agendada entre 20 de janeiro e 7 de fevereiro de 1997. No Brasil os painéis foram readequados para o novo evento, com tradução para o francês e pro-

dução de algumas animações em computação gráfica. Colaboraram nos preparativos os alunos Fernanda Marafon (tradução) e Vagner L Monteiro (animações). Na França, Paulo Dizíoli e Valentina Moimas, auxiliados por Flávio Coddou, produziram os convites e cartazes, organizaram o coquetel de abertura e montaram a exposição. Contamos com total apoio da UP6 e com o inestimável empenho da responsável pelo espaço de exposição, Dominique Dockès-Hémy.

No dia 27 de janeiro, às 18h, deu-se a abertura oficial da exposição com uma conferência de Maria Amélia D'Azevedo (Mel), que discorreu sobre a experiência didático-pedagógica da Faupuccamp. A discussão dos projetos e da experiência do TGI foi muito descontraída, durante a vernissage, onde os professores Antonio Panizza (professor do TGI), Maria Amélia D'Azevedo e Laura Bueno responderam as questões suscitadas pelos trabalhos. No mesmo dia realizou-se uma reunião entre Gérard Cattalano, J P Le Dantec e Adriana Aranedo, e os nossos professores, acompanhados por Paulo Dizíoli. As professoras Maria Amélia e Laura Bueno relataram nossa participação no projeto Alfa, patrocinado pela Comunidade Européia visando uma maior integração entre as universidades européias e latino-americanas. Uma nova reunião realizou-se no dia 30, desta vez com o professor Raül Pastrana, titular da unidade interdisciplinar "Adelante" da UP6 que estuda os problemas urbanos da América Latina. O professor Pastrana e nossas professoras concordaram em elaborar conjuntamente uma proposta de nova rede Alfa com o tema "recuperação de setores urbanos degradados".



A exposição foi aberta com um descontraído coquetel, onde os convidados puderam apreciar quitutes brasileiros, como quindim, salada de frutas e caipirinha.

## Morre Marina Waisman

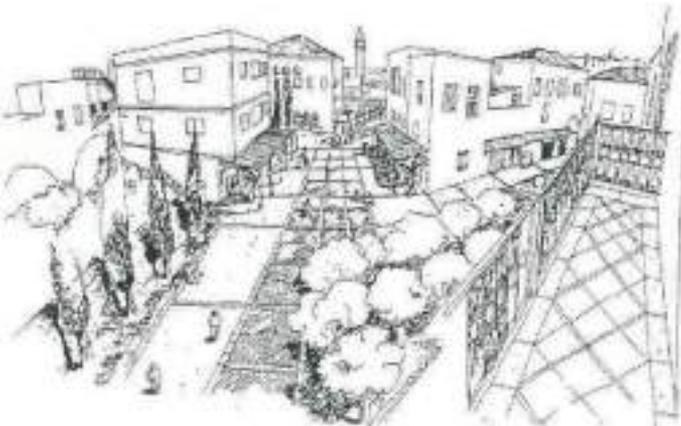
Ramón Gutierrez, Argentina  
postmaster@bante.org.ar

Com o falecimento de Marina Waisman ocorrido em Cuarto (Córdoba, Argentina) desaparece uma das figuras mais importantes do nosso continente. Homenajeada com o Prêmio América junto com Luis Baragán em 1986, teve reconhecida então não somente sua larga trajetória docente que culminou com a Pós-Graduação da Universidade de Córdoba, mas também sua inovadora visão teórica sobre a arquitetura. Dona de uma sólida cultura e uma atualizada informação fruto de suas incursões periodísticas em Summa e outras revistas especializadas, Marina soube compatibilizar uma visão universal com uma férrea defesa da arquitetura americana. Desde os "Summarios" monográficos abriu as portas ao conhecimento do pensamento arquitetônico para os temas do patrimônio americano e na análise das conjunturas. Fundadora do Instituto Interuniversitário de História de Arquitetura com Enrico Tedeschi, nos acompanhou desde seus inícios em 1978 no Instituto Argentino de Investigações de História da Arquitetura e do Urbanismo da qual foi presidenta durante três anos. Os textos de Marina Waisman influenciaram profundamente a análise da arquitetura continental, desde "Estructura histórica del entorno" até suas mais recentes produções na Editorial Escala da Colômbia, cuja série de "Cuadernos" dirigia.

Afetuososa para todos os que a conheceram -alunos, colegas ou simplesmente leitores-, Marina Waisman deixa um vazio no mundo intelectual americano e um mundo de recordações, nostalgias e afetos a quem tivemos a felicidade de conhecê-la.

## Nazareth 2000

Vittorio Corinaldi, Israel



Nazareth.  
Vista da cidade velha que receberá projetos de reabilitação de eixos de circulação e logradouros públicos, considerando o grande fluxo de peregrinos na cidade. A cidade se prepara para as comemorações dos 2000 anos de Cristianismo.

Ao aproximar-se o fim do século, a cidade de Nazareth em Israel prepara-se para celebrar os 2000 anos do Cristianismo: na ocasião espera-se a visita de muitas centenas de milhares de peregrinos. A cidade, que até agora não havia desempenhado um papel significativo no contexto do turismo, e que de reflexo sofria de um atraso no seu desenvolvimento urbano, está sendo objeto de uma atenção concentrada para ir de encontro ao grande fluxo de visitantes estimado, e preparar as infraestruturas para elevar a cidade ao nível de "atração internacional" que lhe cabe. Os esforços se manifestam, concomitantes, em vários setores:

- 1) Foi elaborado um Plano Diretor da cidade, no qual, focalizando aspectos qualitativos e quantitativos relativos à ocorrência de peregrinos, se indicam soluções urbanas pertinentes a toda a população e seu desenvolvimento.
- 2) Foi feito um estudo detalhado dos problemas de acesso e circulação, e propõem-se soluções que venham resolver funcionalmente o já difícil tráfego (que hoje se concentra quase exclusivamente no eixo principal que atravessa a cidade), ao mesmo tempo dedicando cuidados a aspectos visuais e ambientais decorrentes da grande concentração de veículos.
- 3) Foi realizado um levantamento dos edifícios e logradouros destinados à preservação. Trata-se de construções de épocas diversas, em sua maioria disseminadas na espessa e intrincada malha de ruas, ruelas, praças ou "bazares" –estas também objeto de atenção no sentido de eliminar intervenções "piratas" freqüentemente desarmônicas com contexto unitário da redondeza, ou manifestações de poluição visual e ecológica.
- 4) Efetuaram-se estudos e previsões sobre a estrutura hoteleira da cidade. Sendo esta até hoje muito precária, pôs-se em ato um plano de construção de hotéis: numa pequena quantidade estes já se encontram no perímetro da cidade velha, devendo passar por reformas que lhes melhorem a qualidade; uma pequena proporção poderá ser instalada em edifícios históricos de grande porte, convenientemente adaptados e revalorizados; a massa principal será erguida numa região nova, anexa ao centro histórico e de fácil acesso deste. Ela incluirá também funções de habitação e co-

mércio, na intenção de evitar a formação de um "ghetto hoteleiro" isolado da vida da cidade, e assim participando do esquema geral de crescimento demográfico e econômico que o plano diretor contempla.

5) Iniciou-se um trabalho minucioso de paisagismo; este inclui a valorização de construções e logradouros existentes; o arranjo de praças, ruas e avenidas para lhes dar o coeficiente de atração e comodidade necessários para a circulação pedestre; o desenvolvimento panorâmico da cidade como um todo urbanístico inserido num entorno geográfico peculiar; a criação de uma linguagem visual de alto nível no que toca à sinalização, mobília urbana, luminárias etc. Neste sentido foi contratada uma consultoria especial relacionada com a iluminação: tanto no geral, como no detalhe, concentrada sobre objetos e edifícios isolados ou sobre complexos específicos.

A experiência descrita constitui um passo animador no quadro outrossim até agora pouco encorajante do planejamento em Israel: de um modo geral este se encontra em lamentável defasagem com relação às fortes tendências de urbanização vigentes –tendências desencadeadas pela crescente inclinação de "marketing" que invade todos os setores da atividade social, e que de por si é absolutamente refratária a considerações de caráter cultural, humanístico, ambiental, etc. E não é absurdo esperar que o Plano de Nazareth seja não só uma abertura de opções positivas para peregrinos e turistas em visita à Galiléia, mas também um início de visão global e equilibrada de um planejamento orientado ao "consumidor", encarado como ser humano em todas as características, necessidades e prerrogativas.



Nazareth.  
Vista da cidade velha peregrinos na cidade

## Internacional Situacionista.

### Arte, política e urbanismo

Marcos Tognon, Itália

tognon@sabsns.sns.it

Contra a "nova Bauhaus" fundada por Max Bill em 1951, novamente na Alemanha, contra a conformada sociedade de consumo do pós-guerra, contra os meios de comunicação homogeneizadores, contra a arte ainda insistente no cavalete, contra o artista "isolado", "gênio da modernidade", contra o arquiteto e o urbanista da cidade planificada, e sim à ecologia, ao sexo, às dinâmicas do espaço como lugar da manifestação política de grupos, de cada um, de opiniões, de fluxos, se aglutinam, se somam, se comunicam, escreve-se, pinta-se e, sobretudo publica-se um "mixer" de cultura radical que se autodefinirá, no contexto europeu dos anos '50 e '60, Internacional Situacionista.



Constant Nieuwenhuis, "Nova Babilônia", Imensas mega-estruturas para uma sociedade baseada na mobilidade constante.

Temos assim nas mesas dispostas do pavimento térreo do MAC-Barcelona as revistas, os manifestos, tantas cartas entre Paris e Amsterdã, Turim e Copenhague, e que reúne os míticos gurus Guy Debord, Constant, Asger Jorn, Giuseppe Pinot-Gallizio. Projetar arquitetura é denunciar as condições pasteurizadas da política polar capitalismo-comunismo, é fazer colagens, fotografias, construir megas estruturas que devem substituir as cidades: circular, girar, abusar extremamente, poeticamente, da tecnologia da construção metálica, distante então do rótulo "high tech", ou do vídeo que, hoje, ultrajaria os tenros cliques; encerrando o percurso no MAC de Richard Meier, podemos colher muitos estímulos nas raras maquetes de Constant, como outros registros provenientes de importantes acervos, da Galeria Van der Loo de Munique, do Arquivo Gallizio turinense, do Gemeentemuseum de Haia. Registros do "Movimento Letrista", da "Bauhaus imaginista", do "Grupo Cobra", algumas das faces da Internacional Situacionista que deixou uma profícua herança, alimentando as fantasias dos Metabolistas japoneses, do Archigram de Peter Cook na Inglaterra, e, por fim, com as "aulas" de Savioli e Santi, a Arquitetura Radical naquela fechada e discreta Florença dos loucos anos 60.

NE – A Ócúlm 4 (nov 93) publicou farto material da Internacional Situacionista.

Museu de Arte Contemporânea de Barcelona  
Plaça dels Àngels 1. <http://www.macba.upf.es>

## A periferia urbana e seu lugar na história norte-americana

Cristina Mehrstens, Estados Unidos  
mehrstens@umiami.ir.miami.edu



*"Então eu persuadi os curadores a irem além. Nós fomos além mas não o suficiente porque antes que a igreja estivesse pronta, a cidade chegou até nós. E daí nós nos tornamos subúrbios em vez de rurais. Hoje em dia, se você pretende decentralizar, você tem que ir cada vez mais longe e rápido."* FL Wright, 1953

Conta-se que Wright teria levado Alvar Aalto para dar uma voltinha pelos subúrbios de Boston e lhe mostrar suas obras. Bem a sua maneira, Wright gesticulava majestaticamente e mostrava o entorno dizendo "Nada disso seria possível sem mim!". Algum tempo depois, ao recordar esta história, Aalto comentou, "Mas sabe? Eu não conseguia ver nada!" Talvez Broadacre City (1935) de Wright possa ser considerado o Plano-Mãe de toda decentralização espacial ocorrida neste século nos Estados Unidos. Mas o que me interessa nesta história liga-se à sensação experienciada por Aalto, um sentimento comum para quem chega aos EUA e vive a realidade de seus subúrbios.

A literatura atual, debruçada no tema da fragmentação metropolitana e incorporação rural, analisa recentes formas urbanas desenvolvidas na periferia, *in suburbia*, através de neologismos como *edge cities* ou *exurbs* (*outer cities* ou desenvolvimentos rurbanos). Publicado em 1995, *Edge City* do jornalista Joel Garreau causou furor. *Edge city* seria a forma urbana por excelência dos novos tempos, a concentração urbana que revelaria a nova interpretação da futura vida em comunidade. A grosso modo, *edge cities* são concentrações urbanas que abrigam uma só atividade — empresarial ou comercial —, são essencialmente privadas, localizam-se em estradas ou marginais sem acesso ao transporte público e atraem outras formas similares como shopping centers e condomínios residenciais. Segundo Garreau, antes da década de 1980, quase ninguém trabalhava em subúrbios. Hoje, a jornada para o trabalho balanceia-se entre os que moram e desenvolvem seus trabalhos nos subúrbios e os que se locomovem para o centro da cidade. Se os empregos transferiram-se para os locais onde as pessoas vinham morando e comprando há mais de duas gerações, então a ideia de "subúrbio" enquanto comunidades residenciais da periferia das grandes cidades perde o sentido. Daí *edge city* designar este "novo" desenvolvimento independente do centro urbano. Porém, sabemos que atividades profissionais fora do centro sempre existiram. Estaria Garreau idealizando esta *nova* forma? Que processo é este que envolve o subúrbio na história contemporânea? Porque teria sido a periferia eleita o local mais desejável nos EUA enquanto o centro foi preferido na maioria dos países europeus? Qual o papel do Novo Urbanismo?

O Novo Urbanismo possui endereço postal, organizador (Peter Katz), manifesto (Carta do Novo Urbanismo), literatura, e projetos que provam ser tecnicamente possível contruir cidades que apresentem uma configuração convencional voltada ao pedestre e baseada em ruas, calçadas e quadras. O movimento é "novo" porque envolve profissionais do urbano no repensar as atitudes "convencionais" e seu público-alvo, relevando a tradição mas privilegiando a inovação. O movimento é "urbanístico" porque revê técnicas e valores da passagem do século quando esta atribuição chamou-se urbanismo. Tal postura identifica-se, fora dos EUA, com as dos grupos *Urban Villages* (Reino Unido), *New Rationalism* (França) e *Morphologism* (Itália e Catalunha).

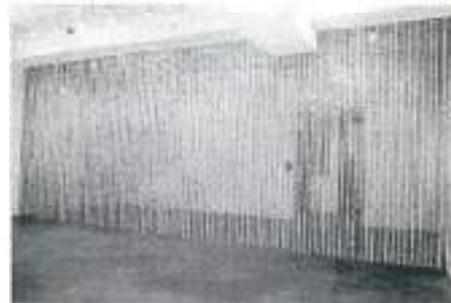
Ao criar casas e bairros habitáveis e atrativos — onde ruas e locais comuns são compartilhados — o NU lida com a forma urbana, o trajeto para o trabalho e o planejamento urbano. Assim, a CNU começa na escala macro, privilegiando os princípios da estrutura metropolitana e do planejamento regional, partindo daí para a microanálise dos bairros e subúrbios. É interessante constatar que a calçada necessita ser reivindicada por um movimento e que na maioria dos bairros residenciais *jogging* é mais importante do que passear. Isto me lembra que no Brasil "passeio" é sinônimo de calçada e é esta segunda função que ela vem perdendo nos EUA e que tanto aflige os novos urbanistas.

Tantos os profissionais voltados a revitalização dos centros como aqueles que se ocupam do crescimento urbano e sua periferia não planejada tem em conta esta mudança de hábitos. Nos EUA, a entidade que deveria lidar com a problemática da dispersão seria o condado, municipalidade cujas intuições possuem quase nenhum poder sobre o uso do solo local. Na batalha da cidade que cresce sem planejamento versus aquela que seria social e responsavelmente planejada, vence o carro. Será que os países cujo planejamento encontra-se centralizado sob um governo central tem realizado melhor? Qual será futuro do Novo Urbanismo? Como vemos, a raiz desta discussão não se liga apenas à jornada de trabalho.

Por outro lado, o Bank of America, o maior investidor do setor imobiliário americano, decidiu desacelerar o financiamento da decentralização ao publicar que irá investir em áreas que possuam 24 horas de vida por dia. Isto significa que setores urbanos que tenham mantido seus usos tradicionais terão prioridade em relação àqueles que tenham abandonado seu centro aos usos comerciais e financeiros. As *edge cities*, principais clientes do final da década de 1980, não serão mais os agentes privilegiados para o financiamento. A mudança ocorrida na periferia americana demonstra que ela não pode mais ser vista enquanto sub-urbana pois encontra-se em situação espacial igual ou mesmo superior à da cidade. De que forma podemos encontrar uma ponte com a nossa realidade no fazer a arquitetura e/ou pensar o urbano no Brasil?

## Felix Gonzalez-Torres na galeria Andrea Rosen

Eduardo Aquino, Canadá  
102661.2547@compuserve.com



Felix Gonzalez-Torres/"Sem Titulo"

No final dos anos 60 o minimalismo veio imperar no meio das artes como um triunfo do artista sobre a instituição, que por sua vez era representada pela imagem máxima do espaço da galeria. Donald Judd, Robert Morris, Dan Flavin, Sol LeWitt e mais tarde Dan Graham foram os ícones desta vertente da arte contemporânea que viria a se tornar numa das grandes tradições estéticas do nosso tempo. Mais recentemente o minimalismo tem recebido uma releitura crítica não só através do lançamento do clássico de Gregory Battcock, *Minimal Art: A Critical Anthology* (E. P. Dutton, NY, 1968), mas também pela produção atual de artistas como o jovem recém falecido Felix Gonzalez-Torres. Na sua presente exposição póstuma na galeria Andrea Rosen em Nova York, Gonzalez-Torres dividiu igualmente o espaço da galeria com uma gigantesca cortina de pequenas contas de plástico verdes e brancas, destas que comumente encontramos nas portas de cozinhas que dão para quintais, para assim impedirem a passagem de moscas mas que permitem ao mesmo tempo a entrada da brisa fresca. Neste gesto quase que mundano Gonzalez-Torres expande nos ensinamentos do minimalismo, que reconheceu radicalmente a participação do espectador na criação da obra, como também proclamou o espaço arquitetônico da galeria como um dos constituintes do objeto de arte. Uma diferença significativa conduz parte da operação deste artista, que sobrevoa o formalismo rígido dos minimalistas originais. Naquela época, o material nu e cru, especialmente de gosto industrial, predominava no vocabulário escultural; uma escolha que se demonstrava totalmente distante de qualquer ideal romântico associado à obra. Gonzalez-Torres avança com um gesto simples/intricado, alterando o espaço e o comportamento do visitante por introduzir um lirismo inigualável. O passar de um lado para o outro, o tocar da cortina de contas no rosto e no corpo, e a escala sobre-humana de um objeto lúdico e rudimentar dignifica a experiência estética num momento vivo e encantador, transformando a visita comumente mórbida a uma galeria de arte num momento comovido. Felix Gonzalez-Torres nos deixa um legado vívido e aberto: o da possibilidade do repensar permanente o espaço institucional de uma forma vibrantemente perspicaz, reconsiderando a história e a cultura popular com um olhar crítico e pertinente.

## Eladio Dieste: caminhos a partir da periferia

M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org



Eladio Dieste,  
Igreja de  
Atlântida,  
1960

Na comemoração de Capital Ibero-americana da Cultura, Montevideo abrigou recentemente<sup>1</sup> uma exposição sobre a obra do engenheiro uruguio Eladio Dieste. São escassas as exposições e monografias de arquitetos relevantes e, mais ainda, de engenheiros, ainda que a obra de Dieste já tenha sido "reconhecida" como obra arquitetônica. Depois das distinções internacionais que recebeu em 1990 e 1991,<sup>2</sup> o Ministério da Educação e Cultura do Uruguai lhe outorga, em 1996, o prêmio nacional à trajetória intelectual. Foi a primeira vez que esta distinção foi dada a uma figura vinculada ao desenho e à tecnologia construtiva. Eladio Dieste nasceu em 1923, no Departamento de Artigas, um dos lugares mais longínquos – em distâncias físicas e culturais – da capital do país. Em Montevideo, Dieste se forma engenheiro e se vincula ao inquieto ambiente intelectual de sua geração, impregnado da atmosfera e do pensamento de personalidades como a do pintor Joaquín Torres García – conselheiro de Dieste e que, não por acaso, conhecera Gaudi. Os diversos programas técnicos empreendidos desde os anos quarenta (pontes, galpões, reservatórios de água, silos) explicam a distribuição de sua obra em quase todo o território nacional. Em 1960, com o término da Igreja de Atlântida a 40 km da capital, confluem pela primeira vez, com a maturidade do nascimento de uma tecnologia, qualidades espaciais e arquitetônicas inéditas. Ganha vigor seu ciclo criativo como design e, em 1980, Dieste realiza a reabilitação de antigos depósitos na zona portuária de Montevideo. Em seus textos e entrevistas, alude à palavra e ao conceito de *caminho*, que surge como síntese de uma visão de mundo e razão de seu invento: "O tempo que se leva para refletir com o pensamento livre sobre os problemas que nos coloca a realidade é muito menor que o empregado para compreender com grande sutileza o já estudado por outros. Se nos apresenta um caminho interessante, devemos nos aventurar por ele com confiança; foi o que fizeram os criadores das técnicas que tanto admiramos."<sup>3</sup>

### Biografia de uma tecnologia

Eladio Dieste produziu uma tecnologia aplicada à construção de coberturas e vedações verticais com cerâmica armada, concebendo o conjunto como uma unidade, onde a superfície assume a função estrutural "pela forma". Com o mesmo princípio das estruturas "cascas", realizadas em concreto armado, Dieste utiliza o ladrilho para suportar as compressões, permitindo uma retirada das formas de maneira ágil e deixando à vista as qualidades de textura, cor e luz da cerâmica. Com o tijolo cozido, retoma a tradição regional, mas elaborando com ela uma nova técnica de cerâmica armada: uma resposta às circunstâncias sociais e culturais de seu meio e sua tradição. "Provavelmente o que chamamos revolucionário é o reencontro com os liames das tradições mais profundas"<sup>4</sup>

A tecnologia é também expressão de identidades culturais e lugar do conflito ideológico na busca da construção simbólica dessas identidades. Ao exibir essa dimensão cultural, a obra de Dieste o faz desde uma postura ética de respeito pela "verdade" dos materiais e os procedimentos construtivos. Retoma assim alguns desafios propostos por pensadores que colocaram em nosso meio, no começo do século, a necessidade de criar uma cultura produtora regional, capaz de inserir-se nos circuitos da industrialização no mercado mundial, exibindo duplamente sua capacidade de assimilar e de inventar, respeitando parâmetros culturais próprios. O pintor Pedro Figari vaticinou em 1920: "Nos industrializamos ou nos industrializam".<sup>5</sup> No momento atual não é difícil que a obra de Dieste seja reinventada nos países industrializados como uma "outra" alternativa formal, ainda mais em um momento de particular avidez pelo "diferente" ante a saturação de um mercado castigado por reiterações. Sem diminuição desse valor "universal", é importante insistir sobre aquelas condições que constituem a gênese ideológica e que pautam o marco conceitual de suas obras. Em termos latinoamericanos seria necessário investigar a tecitura cultural que deu lugar aos caminhos que transitaram Eladio Dieste no Uruguai, Rogelio Salmons na Colômbia e Lina Bo Bardi no Brasil; trajetórias que revertem a visão com que tradicionalmente, a partir da periferia, se tem abordado as hegemonias tecnológicas e estéticas dos países altamente industrializados.

1. *Eladio Dieste. 1943-1996*. Exposição organizada pela Dirección General de Arquitectura y Vivienda de la Consejería de Obras Públicas y Transportes de la Junta de Andalucía, em Montevideo (Centro Municipal de Exposiciones, nov 96) e em Sevilha, Espanha (fev 97). Excelente catálogo de 446 pgs. Aquisição no Uruguai: Editorial Dos Puntos, telefax (5982) 400062. Preço: US\$ 50. Aquisição na Espanha: Junta de Andalucía.
2. 1990: Prêmio Bienal de Quito, Equador, e Prêmio Gabriel Mistral da OEA. 1991: Prêmio América.
3. Texto de Eladio Dieste no Catálogo.
4. Entrevista a Eladio Dieste em Revista *Montevideo* da Intendencia Municipal de Montevideo, dez 1996.
5. Gabriel Peluffo Linari *Pedro Figari: Arte e Industria en el Novecientos* in Revista Nacional del Ministerio de Educación y Cultura. Montevideo 1993.

## Acontece

Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos culturais



Concurso para ampliação do MOMA, New York  
O MOMA divulgou, em meados do último mês de janeiro, o nome dos 10 escritórios de arquitetura que participarão do concurso para ampliação e redefinição de suas dependências: Wiel Arets e Rem Koolhaas, da Holanda; Toyo Ito e Yoschiro Taniguchi, do Japão; Dominique Perrault, da França; a equipe de Jacques Herzog e Pierre De Meuron, da Suíça; Bernard Tschumi, Steven Holl, Rafael Vinoly e a equipe de Tod Williams e Billie Tiesen, dos EUA. Os projetos preliminares serão entregues em março. Três serão escolhidos para desenvolver as propostas. A premiação deverá sair no final deste ano. [Anna Beatriz Galvão]

### Boletim Óculum na Internet

A revista WAM, de Barcelona, coloca disponível em seu "site" matérias publicadas pelo Boletim Óculum. <http://web.arch-mag.com>

### Óculum vira verbete de enciclopédia

Lançada na Itália em 1996, a Enciclopédia *Architettura e Società. L'America Latina nel XX secolo*, publicada pela Jaca Book, traz na página 381 o seguinte verbete: "Oculum. Rivista della Pontificia Università Cattolica di Campinas (SP, Brasile), edita dalla dinamica direzione di un consiglio editoriale diretto dal professor Abilio Guerra. Inaugurata verso la fine del 1984, ha pubblicato cinque numeri con articoli scritti da collaboratori nazionali e internazionali. Indirizzo: Dom Pedro I, km 136, Campus Puc, Campinas, SP, 13089-500, Brasile."

### Exposição "Concurso nacional de idéias para um novo centro de São Paulo"

O concurso buscou incentivar na área central da capital a diversidade funcional, a requalificação do valor simbólico do centro e a acessibilidade prioritária para o transporte coletivo. Dentre os 64 projetos entregues, foram premiados os seguintes arquitetos: 1º João Batista Correa e José Paulo de Bem (SP); 2º Vital de Mello (Recife); 3º José Moraes (SP); 4º Carlos M. Teixeira (BH); 5º Lilian de Almeida e Renato Dal Pian (SP). Dos quinto colocados, Lilian foi professora e Renato é formado na Faupuccamp. Premiação: 19 de fevereiro, às 19h. Local: Solar da Marquesa, r Roberto Simonsen 136 (ao lado do Pátio do Colégio). Até dia 21 de fevereiro, das 9h às 17h.

março 1997  
ano 2  
edição meses letivos

## A Faupuccamp no Programa Alpha

Maria Amélia Devitte Ferreira D'Azevedo Leite  
habitat@zeus.puccamp.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes  
Cristina Mehrrens EUA  
Eduardo Aquino Canadá  
Fernando Carrión Equador  
Fernando Viviescas Colômbia  
Marcos Tognon Itália  
M. Pilar P. Pineyro Uruguai  
Paul Meurs Holanda  
Paulo Dizicoli França  
Pedro Moreira Alemanha  
Ramón Gutierrez Argentino  
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores  
Diego Wisnivesky  
Flávio Arancibia Coddou  
Regina Fraga Moreira  
Tatiana Alarcón  
Vagner L. J. Monteiro

Faupuccamp  
Diretor  
Wilson R dos Santos Jr  
Vice-diretor  
Irineu Idóeta  
Coordenador de curso  
Ricardo M de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod D. Pedro I - Km 136  
13089-500 Campinas SP  
Brasil  
fone 55-019-754.7156  
fax 55-019-255.6376  
cadfau@zeus.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem de  
5000 exemplares.  
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet  
http://webarch-mag.com

Apoio cultural



Desde final de 1994, a Faupuccamp participa de um projeto de intercâmbio acadêmico sob nossa coordenação, patrocinado pelo programa ALFA da Comunidade Europeia, através da Rede SDUW - Sustainable Development in a Urbanising World. Lançado em 10 de março daquele mesmo ano, o ALFA - América Latina Formação Europeia-, é um programa com duração prevista de 5 anos voltado para o fomento da cooperação entre as instituições de ensino superior da América Latina e da Europa, através de atividades acadêmicas conjuntas, tais como o desenvolvimento de projetos de pesquisa, mobilidades de Pós Graduados e de estudantes de graduação, assim como projetos voltados à melhoria da gestão institucional nas universidades parceiras.

O programa Alfa permitiu que diversas redes se formassem, envolvendo várias universidades europeias e latino-americanas, cada uma com uma temática própria e um programa de discussão e estudos totalmente autônomo. Cada rede foi aprovada uma a uma, com prazo definido para desenvolvimento de seu programa, com possibilidade de prorrogação quando os resultados se mostrassem positivos, justificando uma ampliação dos objetivos originais. A Rede SDUW envolve sete instituições acadêmicas: University of Liverpool, Instituto Superior Técnico de Lisboa, Universidad Politécnica de Madrid, Université Pierre Mendès France, Universidad Nacional del Nordeste de Argentina, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Federal de Pernambuco. Este projeto da rede objetiva o intercâmbio de alunos de pós graduação, em atividades acadêmicas relacionadas à temática de gerenciamento urbano e desenvolvimento sustentado.

Em Janeiro último, teve lugar em Liverpool o 2º Encontro Técnico da Rede SDUW (o 1º encontro foi em Resistência, na Argentina, em março de 1996), durante o qual aconteceu também um seminário internacional sobre planejamento Urbano e Regional tendo como tema central "Crescimento Urbano e gerenciamento ambiental - um desafio internacional". Apresentaram trabalhos pesquisadores e profissionais de vários países da Europa, Ásia e América



Professores da Faupuccamp em Liverpool. Paulo de Januzzi, Ivone Salgado, Maria Amélia, Moss Madden (University of Liverpool, coordenador geral), Laura Bueno e José Eduardo Souza

Latina, além dos representantes das sete instituições componentes da Rede. A Puccamp fez-se representar a partir de trabalhos de extensão desenvolvidos pela Fau através do laboratório do Habitat e por trabalhos de pesquisa elaborados. A professora Laura Machado de Mello Bueno (Faupuccamp) apresentou o trabalho "Local Development Plans in the Campinas Municipality", discutindo os principais pontos tratados nos Planos Locais de Gestão Urbana de Barão Geraldo e da região do Campo Grande, realizados através de Convênio entre a Prefeitura Municipal de Campinas, Puccamp e Unicamp. Os professores Dr. José Eduardo Rodrigues de Souza e Paulo de Martino Januzzi (Faceca-Puccamp) apresentaram o trabalho "Campinas: Regional Planning and Sustainable Development", abordando relações entre crescimento populacional e variações do perfil econômico loco-regional. Além destes professores esteve conosco em Liverpool a Profª. Dr. Ivone Salgado, coordenadora do mestrado da FAU, que destinou uma semana de sua programação de pesquisa à Grã-Bretanha ao trabalho da Rede SDUW, no Seminário e na reunião Técnica. Os custos de passagem e estadia foram divididos entre a Comunidade Europeia, Fapesp, Ceap-Puccamp e DCE-Faceca, o que permitiu participação tão expressiva de nossos professores.

Maria Amélia Devitte Ferreira D'Azevedo Leite é coordenadora Puccamp da Rede SDUW e do Laboratório do Habitat da Faupuccamp

## Patrimônio em perigo. Solidariedade iberoamericana

Ramón Gutierrez, Argentina  
postmaster@bante.org.ar

A Associação "Sociedad y Territorio para Ibero-americana", formada em Madrid por profissionais da arquitetura e do urbanismo da Espanha, Portugal e de diversos países latinoamericanos, decidiu encarar, com o apoio de organismos profissionais de arquitetos e de preservação do patrimônio, uma campanha de solidariedade para o resgate de um patrimônio em perigo. Com esta finalidade, selecionou-se um quarteirão da zona do porto de Havana, onde vem se realizando um programa de Cooperação Internacional gerenciado pelo arq. José Ramón Moreno, com a finalidade de reabilitá-lo para habitação popular. O custo total da operação está estimado em US\$ 500.000, dos quais 40% será aportado para mão-de-obra e materiais que beneficiem os próprios cubanos. Os 300 mil dólares faltantes serão cobertos por 3.000 arquitetos de Espanha, Portugal e outros países da América à razão de cem dólares cada.

Os donativos serão nominativos, ou seja, será necessário o nome do doador ao qual será entregue um comprovante de sua participação. Em cada país, nas principais cidades, haverá vários delegados encarregados de receber as colaborações. Entre 21 e 23 de março se realizará em Havana um seminário aberto da associação "Sociedad y Territorio para Ibero-americana", onde se lançará a campanha. Enquanto isso será montada a rede de responsáveis por países e cidades. Realizada a reabilitação durante 1998, se editará um livro com o testemunho da campanha de Solidariedade Iberoamericana, que mostrará como é possível contribuir generosamente para resolver os problemas dos que necessitam um apoio adicional.

Os interessados em colaborar podem dirigir-se a:  
Arq. Oswaldo Román. Calle José Ortega y Gasset 42, 4º Dcha. 28006. Madrid España. Fax: 34-1-5775034.  
Ou então para:  
Arq. Ramón Gutiérrez. CEDODAL. Casilla de Correos 120. Sucursal 48 B (1448) Buenos Aires. Argentina. Fax 54-1-8119249.

## Arte de um século degenerado

Paulo Roberto Dzioli, França

oculum@imagnet.fr



Otto Dix. *Os sete pecados capitais*. 1933. Staatliche Kunsthalle, Karlsruhe



Wolf Vostell. *Miss America*. 1968. Museum Ludwig, Colonia



John Heartfield. *Esta é a saudação que eles trazem!* 1938, Akademie der Künste, Berlin

Em um momento como este de fim de século, onde o mundo em geral e a Europa em particular se fecham em falsos regionalismos, em nostalgias de um ilusório passado idílico, não podemos considerar a exposição *Face à l'Histoire*, no Centro Georges Pompidou, como sendo puramente arte. Ela é muito mais do que isso, ela é um exercício de memória.

A exposição é composta por obras pictóricas, escultóricas, cartazes, filmes e recortes de imprensa. Estas obras são organizadas em um espaço disposto como um percurso ao longo do século XX. Um corredor delimitado por uma estrutura metálica e por placas alveolares de alumínio que deixam transpassar o olhar entre ele e as salas anexas. Nele são dispostos as obras de arte e parte dos artigos, todos de época. Metaforicamente ele é um percurso no tempo, as imagens e os textos aí expostos são duros, chocam e eficientemente nos recoloca no contexto histórico do período. Nas salas anexas ao corredor são dispostos os trabalhos artísticos que correspondem ao momento histórico, são espaços de reflexão onde os visitantes podem reconstruir mentalmente o percurso do artista que reage aos acontecimentos do seu tempo. O espaço da exposição é muito interessante, em particular, o jogo de transparências, possibilitados pelas paredes

alveolares, o espaço é dinâmico, o olhar transpassa os seus limites criando combinações múltiplas e inesperadas. No início da exposição se produz um destes momentos; entramos no "corredor da história", alguns metros depois, percebemos à nossa esquerda, através dos alvéolos, uma linha em perspectiva de pontos luminosos, na verdade lâmpadas que iluminam a última sala da exposição. Muito estreita e escura, ela é composta por uma série de cadeiras e mesas, em madeira crua, dispostas em linha e iluminadas, cada uma, por uma lâmpada. Os visitantes podem sentar-se e folhear um álbum de fotografias que ilustra um museu montado em um antigo campo de extermínio onde o que choca é que as regras de visita são as mesmas do campo original, com as mesmas placas de sinalização. Esta visão, dos pontos luminosos em perspectiva, fica marcada na nossa memória ao longo de toda a visita e nos leva a refletir a cada instante que tudo o que estamos vendo pode se repetir se não fizermos periodicamente um tal exercício de memória:

Esta exposição já faz parte da história que ela quer recordar. Ela é uma espécie de resposta histórica a uma outra exposição, de triste memória, que se chamou *Exposição de arte degenerada*.

## Construindo a cidade para o cidadão, com o cidadão

M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai

mapilar@chasque.apc.org

V congresso latinoamericano da cultura arquitetônica e urbanística

Em 1980 Montevideo assistia "calada" à demolição do patrimônio arquitetônico de seu centro histórico, sinal claro de uma política que pretendia "construir" a cidade, de acordo com a prática "moderna" de substituição indiferente da trama urbana. A possibilidade da discussão *na e desde* a cidade entre seus habitantes, envolvendo os meios de comunicação em uma gestão cultural sem precedentes, deu à luz relatos alternativos de cidade.<sup>1</sup> Em 1982, a criação da *Comissão Especial Permanente da Cidade Velha*, inaugurava instrumentos e modos de pensar a cidade, reconhecendo-a em suas formas e áreas características.

O processo de descentralização do governo da cidade, que começa a formalizar-se a partir de 1990, possibilita mecanismos que facilitam a gestão urbana e viabiliza a participação efetiva da população na tarefa de "construir a cidade". Surgem assim novas Comissões Especiais Permanentes nos bairros *críticos* de Pocitos, Punta Gorda-Carrasco e Prado, locais onde se concentram valores urbanos singulares e o interesse descontrolado da especulação imobiliária.

O *V congresso latinoamericano da cultura arquitetônica e urbanística*,<sup>2</sup> organizado pela Prefeitura Municipal de Montevideo, constituiu um momento de avaliação –confrontando experiências e resultados desta nova cultura urbana, que concebe as políticas de preservação como atos de "construção de cidade"– e consolidação de suas capacidades, potencializando seus instrumentos como um marco de estratégias globais da cidade. O Congresso se realizou de maneira "descentralizada", simultaneamente em cinco zonas da cidade, permitindo a participação do morador junto aos técnicos de diversas disciplinas, discutindo desde os territórios de suas realidades à temática proposta: "*recuperação urbana do centro aos bairros*".

Algumas conclusões significativas

– Assinalar a qualidade de vida "cidadã" como o objetivo prioritário de toda gestão de recuperação urbana, abordando-a de maneira integral, incluindo a recuperação do espaço público, a promoção de valores ambientais e as potencialidades de suas culturas.

– Conceber a reabilitação do *stock* existente como marco de políticas habitacional e de gestão urbana, como um fator de economia urbana. Recomendou-se, para as reabilitações sociais de habitação, a urgência de transcender a "habitação física" e abordar políticas de integração social.

– Promover políticas de recuperação urbana, mediante a implementação de incentivos tributários e mecanismos de transferências urbanísticas.

– Reconhecer nas políticas de comunicação eficientes geradoras de culturas e apropriações urbanas.

1. Gestão do Grupo de Estudos Urbanos realizada particularmente entre 1980 e 1985.

2. 18 a 22 de novembro de 1996. Contou com uma grande participação local e de numerosos convidados da América Latina. O arquiteto Ramón Gutiérrez, correspondente da Óculum, participa ativamente na organização destes congressos desde sua primeira edição na cidade de Porto Alegre em 1991.



Joseph Beuys - *Varrer*, 1º de maio 1972, Berlin (foeste), praça Karl Marx - 1972, Collection Block, Berlin.

## Alvar Aalto e a nova arquitetura finlandesa

Flávio Arancibia Coddou, França  
coddou@easynet.fr



Arquiteto Alvar Aalto, "Tow Hall", Säynätsalo, Finlândia

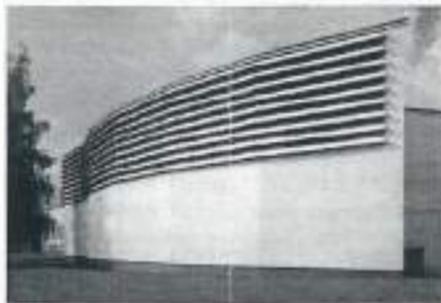
Dizer que a arquitetura finlandesa ficou órfã depois de Aalto é injusto com os bons arquitetos que surgiram nos últimos anos no país. Tão injusto quanto dizer que Aalto é o pai solteiro da projeção dessa arquitetura no âmbito mundial. Saarinen, Penttillä e Piettilä também são mestres no ofício e sempre são lembrados pelos finlandeses pelas obras que realizaram.

Pode-se notar visitando a Finlândia (e em menor grau nos outros países escandinavos) uma grande diferença com os países do sul da Europa principalmente no que concerne à baixa densidade populacional e à distribuição das construções em terrenos privados em meio a vazios urbanos perto do centro antigo. Nesse ponto se encontra a genialidade de seus arquitetos. A preocupação com o entorno de um "lugar natural" mais do que um "lugar urbano" levou especialmente na obra de Aalto a uma liberdade incrível de formas que ao mesmo tempo explicitam e criam relações entre o projeto e a paisagem. Paisagem esta que se cobre de neve cinco meses por ano e pela onipresença da água (a Finlândia é conhecida como a terra dos 100 mil lagos) prevalece o caráter de contemplação e autonomia do objeto arquitetônico.

A questão do espaço está ligada à ocupação e o potencial da topografia e geografia locais. Quando esse potencial inexiste, a arquitetura se preocupa em criar e transformar o lugar para ali organizar o projeto. Dois bons exemplos em Aalto são o conjunto em Seinäjoki –no caso de um terreno absolutamente plano onde o arquiteto cria sutis movimentos de terra que organizam visuais entre os seis projetos– e os dois museus de Jyväskylä que têm sua organização vertical resultante do declive onde se encontram.

Outro elemento importante que se transforma em desafio à arquitetura finlandesa é a luz camaleônica, onde as diferenças entre o inverno e o verão a esta latitude se torna um importante dado na concepção dos projetos. Os arquitetos escandinavos demonstram ter grande controle sobre a luz nórdica e seguramente Juha Leiviskä, ganhador do prêmio Carlsberg, parece ser o herdeiro mais genial da sublime luz natural das obras de Aalto.

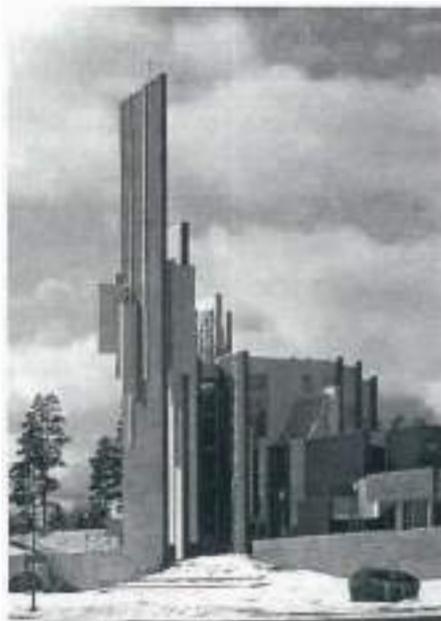
De fato, ao questionar se a arquitetura finlandesa está órfã, refiro-me à inimitabilidade e a importância de Aalto no seu país que, independente em 1917, encontrou no arquiteto uma expressão nacional de desenvolvimento autônomo no campo



Arquiteto Alvar Aalto, Centro Cívico de Seinäjoki, Finlândia

artístico e de projeção mundial. A palavra arquitetura difícilmente se desvinculará do nome Aalto já que a Finlândia nunca foi a mesma depois dele. Os novos arquitetos estão conscientes disso e procuram cortar o cordão umbilical com o mestre e trilhar um novo rumo para a arquitetura finlandesa levando sempre em consideração os mesmos elementos: luz, território, refinamento no uso de materiais (herança antiga do "avô" Saarinen), a neve e o finíssimo design.

Sem a influência dos epicentros da arquitetura deconstrutivista e das megalomanias francesas, a Finlândia parece estar, sem estrelismos, dentro de seu próprio caminho na criação de suas belas construções. Regionalista ou não, sua arquitetura será sempre ponto de referência internacional pela genialidade de seus ótimos arquitetos.



Arquiteto Juha Leiviskä. Igreja Männistö, Kuopio (1992)

Sites na Internet

<http://192.102.40.8.80/aalto>

<http://www.jkl.fi/>

<http://www.jkl.fi/aalto/publish.htm>

[http://www.ualgarny.ca/~rmccuaig/art\\_425/aalto/index.html](http://www.ualgarny.ca/~rmccuaig/art_425/aalto/index.html)

## Brasil: um laboratório de urbanismo?

Paul Meurs, Holanda  
urbanfab@knoware.nl

As cidades brasileiras podem ser excelentes exemplos para reflexões sobre conceitos urbanísticos para estrangeiros. Em abril e maio um grupo de 40 arquitetos e urbanistas holandeses irá visitar Rio, Brasília, Salvador e São Paulo para discutir o futuro das cidades da Holanda. Elas crescem e aos poucos estão se unindo. Uma grande parte do país está se transformando numa área metropolitana que preserva certas qualidades urbanas e rurais. Antigos centros viram periferia e vice-versa. Nos debates sobre a futura qualidade urbana, as experiências brasileiras tornaram-se uma referência. Claro que no Brasil, por sua escala, não se encontram exemplos nem soluções para os desafios da Holanda. Mas é possível examinar, distante do cotidiano holandês, certos conceitos em grandes escalas que contrastam com as experiências europeias.

**Cidade compacta**

As grandes cidades brasileiras têm em comum o crescimento violento em pouco tempo. Uma das respostas ao fenômeno foi o surgimento de condomínios fechados de alto padrão. Apesar da problemática exclusão social, por trás dos muros seguros das cápsulas podemos encontrar soluções inovadoras para uso múltiplo do solo, áreas com alta densidade e a criação de espaços públicos privados.

O espaço público **INTERIOR/VAZIOS**

Os contrastes sociais e econômicos no Brasil transformaram o espaço público em uma área de tensão e de interesses contraditórios. A manutenção virou tarefa complicada, se não impossível. Uma tendência é a privatização do espaço público (em condomínios, shoppings, etc.). Contudo, há fatores que contribuem à qualidade e ao uso do espaço público tradicional: o clima, a natureza e a própria cultura brasileira.

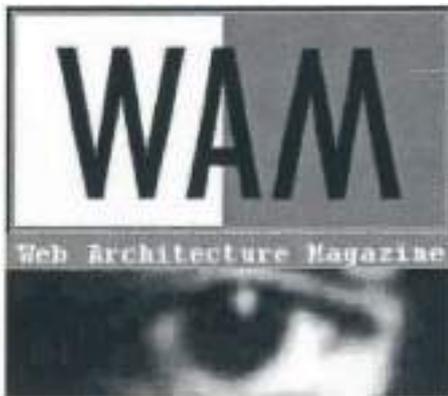
**Tecnologia**

O conhecimento da tecnologia do concreto armado permitiram soluções ousadas e de alto padrão em Brasília. Hoje essa tecnologia permite soluções inovadoras em situações de recursos escassos. Um exemplo é o desenvolvimento de estruturas de concreto pré-moldadas. Mesmo com uma força de trabalho com formação precária, é possível construir com qualidade e rapidez. O engenheiro baiano João Figueiras Lima, o Lelé, elaborou sistemas de concreto pré-moldado para as escolas de Niemeyer no Rio e os projetos de restauro de Lina Bo Bardi em Salvador. Também nas favelas o uso de concreto foi racionalizado e aperfeiçoado, justamente por causa da falta de verbas. Projetos de urbanização de favelas podem ser feitos através de pequenas fábricas de pré-moldados e outras materiais de construção, operados pelos próprios moradores. Além de materiais para a construção ou melhoramento das casas, essa produção também é usada para a infra-estrutura (esgoto, drenagem, ruas, escadas, praças). A tecnologia brasileira de construção é, por muitas razões, diferente da Holanda. Mas a criatividade que se pode encontrar nas soluções, sejam sofisticadas ou simples é pelo menos uma inspiração para os profissionais holandeses.

## Aviso aos arquitetos navegantes

Olivia Fernandes de Oliveira

oliviafo@ufba.br



Para quem pretende "revistar" a arquitetura pela infovia, um excelente site é a Web Architecture Magazine – WAM, que se sobressai no mar da internet como um lugar de encontro, reflexão, busca de sentido da arquitetura. WAM foi criada em Barcelona, em julho de 96, como um meio interativo internacional de conhecimento, dirigido a arquitetos, estudantes de arquitetura e documentalistas. Por ser editada em inglês e espanhol, WAM estreita suas relações com o território latino-americano. Seu caráter interativo reside na possibilidade de incorporar a visão do leitor com comentários e informações em diversas seções. Tais comentários passam a integrar o fundo documental da revista, ficando à disposição dos demais leitores e, dois meses após a emissão da edição digital de cada número, publica-se, em papel, uma edição análoga com o registro da evolução dos conteúdos durante o período. O leitor poderá também propor temas ou comentários na seção específica "graffiti general". Esta troca interessante cumpre com o que se poderia esperar de uma revista digital, mas o que torna WAM singular é justamente o modo com que ali se trata a arquitetura. Em seu editorial, a revista apresenta quatro elementos de juízo. O primeiro deles, a arquitetura propriamente dita, é tratada como objeto sujeito a re-vida, re-visão, tanto da parte de quem propõe como de quem dirige sua atenção e se debruça sobre a arquitetura. Mas cuidado, quem pretenda encontrar ali fotografias de edifícios, os editores avisam: "Revista" de arquitetura deve ser algo mais que a mostra de representações de edifícios. Segundo ponto: Precisão. Apenas o preciso merece ser revisto. Não há sentido revistar o supérfluo. Desta forma tenta-se implicar o leitor e proporcionar-lhe algum prazer em sua capacidade de habitar e sentir a arquitetura. Justamente por respeito alheio, foge-se dos labirintos de imagens e palavras. Precisão será então um tipo de atitude que exclui a pressa, a atualidade. Revistar arquitetura não necessita absolutamente de um tempo e de um lugar novos. Revistar arquitetura serve sim para fazer aflorar as pequenas diferenças, esclarece ali o editor. O outro elemento, o olhar, deve ser entendido como a totalidade dos sentidos, isto é, não um olhar passivo e furtivo do espectador, mas uma implicação do leitor como ator, enquanto

agente transformador deste mundo global. E aqui chega-se a uma terceira conclusão: "revistar a arquitetura será tão possível quanto for a participação nessa ação do maior número dos nossos sentidos: ver, ouvir, provar, tocar, cheirar e em outra ordem pensar, relacionar, compreender, habitar". Assim, quem sente, com precisão, arquitetura é o quarto e principal elemento de juízo da revista. E, ao revistar, podem ocorrer duas situações alternativas: que o leitor aprecie com clareza o que esteve na pele de quem olhou, escreveu ou projetou, de quem sentiu a arquitetura antes; a segunda é que ele perceba este sentimento por si próprio. Qualquer outra possibilidade obrigaria a abandonar a definição de "revista", e estaríamos falando de almanaques, alerta o editor.

Mais claro e preciso impossível. E nos damos conta porque as "revistas" de arquitetura cada vez mais parecem nos interessar menos. Esta falta de esclarecimento, não objetividade em facilitar o aparecimento da arquitetura, são questões que WAM coloca em cheque: "Existiram momentos, no passado, em que o interesse pelas coisas da arquitetura se encontra em todos. É quando qualquer pessoa entende e fala de arquitetura. Quando isto ocorre, revistar arquitetura é muito simples. Basta um piscar de olhos, uma referência mínima, uma imagem, e a proposta de um espaço, de uma experiência dos sentidos é imediatamente desvelada. Le Corbusier chamava a isto um *ciclo de arquitetura*. Não estamos nada seguros de que o momento atual corresponda a um destes ciclos". O leitor encontrará este espírito nas diversas seções apresentadas dentro de um belo projeto gráfico. Destaque para "Recyclings", que se destina a reciclagem de materiais da segunda metade do século XX; "Homelesspage", a cargo do arquiteto e editor Josep Quetglas, que através de sua singular e perspicaz forma de ver, sentir e apresentar a arquitetura, nos brinda a cada número com um de seus escritos; "Lodging" uma seção que acolhe e hospeda publicações e materiais de distribuição local ou não convencional; "ANC" define uma "área de não conformidade", e se destina a projetos não construídos; "Contacts", que mostra profissionais e obras refletidas em múltiplas conexões disciplinares, a exemplo da entrevista com Eugeni Rusakov, professor de urbanismo em Moscou que fala de seu "exercício teatral" como metodologia aplicada na aprendizagem da arquitetura; "Contributions" que recebe e publica resumos de trabalhos, teses, reflexões e materiais pessoais escritos em seu idioma original. WAM conta também com uma lista, "arena digital", lugar de convivência e intercâmbio de opiniões e documentos sobre arquitetura, que atualiza, dia a dia, os seus assinantes sobre as novidades da revista. Muito em breve, também os artigos do Boletim Óculum estarão disponíveis em WAM. WAM atua como um farol assinalando caminhos ao navegante, alertando-o, orientando-o. Com ela, navegar faz-se algo mais que preciso. Web Architecture Magazine – WAM <http://web.arch-mag.com>

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Errata do Boletim 4

Em nosso número anterior, por equívoco da editoria, saiu uma foto do Museu Guggenheim para ilustrar uma nota sobre o MOMA de Nova York.

### Premiação IAB/SP 1996

O Departamento de São Paulo do IAB abre inscrições para premiação em 4 categorias: edificações e arquitetura de interiores; urbanismo e paisagismo; design; e trabalhos multidisciplinares. O prazo final para as inscrições e entrega dos trabalhos será dia 02 de junho. Os trabalhos premiados serão expostos na III Bienal Internacional de Arquitetura (nov 97). Maiores informações no IAB/SP, r Bento Freitas 306, 4º andar, 01220-000 São Paulo SP, fon 011 259.6866, fax 011 259.6597, email: iabsp@arquitetura.com.br

"Landscape Videoinstalação" de Sandra Kogut De 28 de fevereiro a 29 de março a video-maker carioca Sandra Kogut expõe seu último trabalho e faz uma retrospectiva de sua obra no Instituto Cultural Itaú, av Paulista 149, 01311-000 São Paulo SP, fon 011 238.1700, fax 011 238.1720, email: ici@ici.org.br, <http://www.ici.org.br>

### Livros e revistas na Internet

A editora Actar de Barcelona tem disponível em seu site títulos de arquitetura sobre o Congresso UIA Barcelona 96 e outros: "Situationists", "Areas of Impunity", "Theory of the Dérive", "Architecture Guide of Spain", etc. A editora é também responsável pela Quaterns, uma das mais importantes revistas de arquitetura da atualidade. <http://www.actar.es>

### Exposição de projetos para o centro de São Paulo muda de lugar

A exposição com os projetos do "Concurso nacional de idéias para um novo centro de São Paulo", que se encontrava no Solar da Marquesa, muda para a Galeria Prestes Maia, no Largo do Patriarca (junto ao Viaduto do Chá). Até 25 de março.

### Sai resultado do concurso dos Correios

O concurso nacional de projetos para reciclagem da agência central ECT em São Paulo premiou em primeiro lugar o escritório Una Arquitetos.

### SINDARQ/MS na Internet

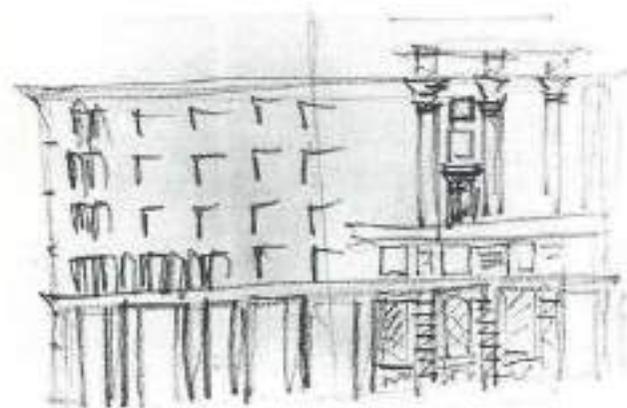
O Sindicato de Arquitetos de Mato Grosso do Sul colocou disponível um site denominado Arquitetos Brasileiros na Internet-ARQUINET. O endereço é <http://www.geocities.com/Soho/6030>. [Ângelo Arruda]

II Simpósio Brasileiro de Argamassa na UFBA Organizado pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, ocorre em 17 e 18 de abril. Os interessados encontrarão informações no site <http://www.dctm.eng.ufba.br/dctm/index.html> [Olivia F. de Oliveira]



## Arquivo de arquiteto: um problema eletrônico?

Marcos Tognon, Itália  
tognon@sabsns.sns.it



Desenho de Marcello Piacentini, Arquivo do Centro de Pesquisas Informatizadas para Bens Culturais da Scuola Normale Superiore de Pisa, Itália

Nestes últimos anos, as bibliotecas e centros de documentação de diversas faculdades de arquitetura na Itália estão se enriquecendo com um patrimônio muito especial: se trata dos assim denominados "arquivos de arquitetos", ou seja, todo o material que tenha pertencido ao "studio" de um determinado projetista, pouco ou muito conhecido, do porte de um discreto Mario Chiattone (1891-1954), um pseudo futurista nos anos 10, ou um vigoroso Giovanni Michelucci (1891-1991), que atravessou todo o século XX, experimentou todos os fluxos culturais, e hoje é título de uma entidade de pesquisa autônoma sobre a sua obra.

Com estes "arquivos" nas sedes universitárias, ganham os pesquisadores, ganham os professores, ganham os alunos aquilo que podemos definir como uma herança biográfica, composta por inúmeros desenhos e pranchas, textos e relatórios, fotografias, recortes de jornais e revistas, publicações, recibos e atestados, maquetes e amostras de materiais, correspondências e mesmo documentos de identidade. E nasce um problema inquietante: como administrar estes arquivos, como permitir acesso aos interessados, mas também potencializar os próprios registros?

Relato aqui uma experiência já em curso desde maio de 1996 junto ao Arquivo do arquiteto Marcello Piacentini (1891-1960), depositado na Biblioteca Central da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Florença.

Desde o início dos estudos para um sistema informatizado de controle do inventário do próprio arquivo, foi decidido que seriam geridos também outros dois grandes grupos de informações, digamos, virtuais: a assim definida bibliografia "piacentiniana" (isto é, os textos escritos por e sobre Piacentini) e o catálogo das suas obras, compreendendo os projetos, realizações, estudos de arquitetura e urbanismo, de decoração e de mobiliário. Com estes três bancos de dados eletrônicos – o Inventário do arquivo, a Bibliografia piacentiniana e o Catálogo das obras – se pretende criar uma rede de correspondências diretas e indiretas dos respectivos registros; o objetivo é potencializar os registros de um arquivo que sofreu muitas perdas antes

de ser acolhido em sede universitária, potencializar cada carta, cada desenho, cada documento. Um exemplo: para uma obra de Piacentini, o Palácio de Justiça de Milão (1931-41), teríamos uma ficha eletrônica que a identificasse (dados físicos e de localização, de autoria dos projetos, de realização construtiva, etc.) no banco de dados "Catálogo das obras", e a essa, correlacionada diretamente, todas as fichas eletrônicas dos registros singulares no "Inventário de documentos" relativas a tal obra, como também, diretamente conectadas à ficha do Palácio de Justiça, estariam todas as referências da "Bibliografia piacentiniana", e mesmo outras obras, caso seja oportuno. Esse é um exemplo, a partir de uma "obra", mas poderíamos anunciá-lo a partir da bibliografia, ou mesmo do Inventário; se trata, em termos lógicos, de um conjunto de dados, divididos em três grandes grupos, com o princípio informático "relacional", já conhecido em softwares que existem no mercado. No caso do Arquivo do arquiteto da biblioteca florentina, está sendo construído um programa de *hoc* pelo Centro de Pesquisas Informatizadas para Bens Culturais da Scuola Normale Superiore, o que permitirá não somente compor uma estrutura de pesquisa, de interrogação e navegação compatíveis às exigências de cada grupo de informação, como também uma associação de imagens, com uma certa economia de memória, e mesmo uma interatividade futura com o catálogo informatizado da biblioteca do Ateneu de Florença. Após uma primeira fase de testes com o Arquivo Marcello Piacentini, a experiência será estendida aos outros arquivos da mesma Biblioteca Central, do crítico Roberto Papini e do arquiteto Enzo Vannucci. Equipe de desenvolvimento do projeto: Mario Lupano, Diana Barillar, Mariagrazia Ghelardi, Gianna Frosali (Biblioteca Central da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Florença) Marcos Tognon, Paolo Sparvieri, Cecilia Puggetti, Luca Pieraccini, Umberto Parrini (Scuola Normale Superiore, Centro de Pesquisas Informatizadas para os Bens Culturais, Pisa).

NE – Sobre o arquiteto Marcello Piacentini, ver texto de M. Tognon *A inonância da ordem in* *Ōculum* n° 3, março de 1993, pp. 64-70.

## A história urbana de Campinas por Ricardo Badaró Ricardo Marques de Azevedo

Foi publicado, pela Unicamp, o livro do arquiteto e professor desta Faupuccamp Ricardo Badaró: *Campinas, o despontar da modernidade*, no qual trata da elaboração e da implantação do Plano de melhoramentos urbanos de Campinas, de autoria do engenheiro-arquiteto Francisco Prestes Maia. Este plano, – concebido em 1934 e com os devidos ajustes, gradualmente implementado a até meados da década de 1960 –, é em grande parte responsável pela feição atual das áreas centrais e pela orientação que, à época, deu-se à legislação urbana e Campinas.

O autor, compilando documentos e pesquisando arquivos, levanta, fundamenta e descreve com clareza o processo de elaboração e realização do Plano de melhoramentos urbanos de Campinas até 1962, – quando outros parâmetros para a gestão urbana se colocam –, de modo a propiciar ao leitor o acompanhamento de uma experiência singular na história do urbanismo moderno no Brasil. Experiência esta que continuaria pouco conhecida não fora a circunstância de o autor, – arquiteto e estudioso das questões de urbanismo, sendo filho de Eduardo Edgard Badaró, então chefe da Seção de Arquitetura e Urbanismo, (responsável pelo desenvolvimento e a implantação do Plano, e também, por um mandato, vereador em Campinas), e tendo acompanhado, ainda jovem, em parte, os trabalhos de implantação e desenvolvimento do Plano –, saber onde buscar as referências – atos, leis, desenhos, plantas, perspectivas... – e, discernindo seu encaadamento, como ordená-las de modo a restaurar a memória da implementação do Plano de melhoramentos urbanos de Campinas em suas sucessivas fases.

Este livro contribui para exemplificar a maneira pela qual os procedimentos ditos modernos, – que se afirmam fundados em dados, prospecções, e não apenas no palpito ou no sentimento – vieram a se inscrever no urbanismo brasileiro, ainda antes que os processos genéricos que caracterizam a disciplina do planejamento urbano (e regional) se disseminassem. O urbanismo praticado por Prestes Maia e Eduardo Badaró reporta à figuração legada a Paris pelas reformas promovidas pelo Barão Haussmann – perspectivas focadas em monumentos, regularidade no gabarito das construções... –, mas não aos seus métodos de *artise-démolisse* e tampouco à ação política imperial na qual se caucionavam. O Plano, de que trata este livro, remonta a um urbanismo que, enquanto cuida de garantir as condições de funcionalidade e higiene da cidade, compõe perspectivas, configurando uma imagem urbana. Nelas se concebe e se desenha uma cidade que, prezando-se operativa e aprazível, fosse ainda *locus* para a civilidade. Para aqueles que conhecem Campinas este livro é também um guia para o entendimento da gênese da sua atual conformação. Para os que estudam a história do urbanismo no Brasil aqui há o registro de um momento importante no processo de introdução de procedimentos técnicos e estéticos que se pretendiam contemporâneos de seu tempo, modernos.

## Interlocuções com a arquitetura italiana

Renato Sobral Anelli  
reanelli@sc.usp.br



São Carlos, Salvador, Bahia, 1926. Projeto de Lina Bo Bardi

A participação de arquitetos de formação italiana na constituição da arquitetura moderna em São Paulo é de grande relevância. Formaram-se em Roma, tanto arquitetos promotores dos primeiros momentos de implantação da arquitetura moderna, tais como Gregori Warchavchik e Rino Levi, quanto arquitetos que atuaram num momento posterior, como Lina Bo Bardi e Giancarlo Piretti. Com o intuito de estudá-los, uma pesquisa está sendo desenvolvida, junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP-São Carlos, por este pesquisador, que coordena o trabalho de alguns pesquisadores de mestrado e de iniciação científica, contando com apoio do CNPq desde 1996. Trata-se de uma parte do do projeto integrado coordenado pelo Prof. Dr. Carlos F. Martins, "Constituição da arquitetura moderna em São Paulo (1930-1970)". O objetivo deste projeto de pesquisa é identificar a influência da formação italiana na atuação desses arquitetos, e suas interlocuções com os movimentos de arquitetura na Itália. Estruturada inicialmente de maneira monográfica, a pesquisa estabelece hoje alguns núcleos de interesse temático que comentaremos a seguir.

1. A formação romana se expressa pela reprodução, por estes arquitetos, do perfil de atuação profissional denominado "arquiteto integral", desenvolvido em Roma durante os anos 20. Tratava-se de um arquiteto capaz de unir princípios artísticos acadêmicos com os novos conhecimentos técnicos necessários para a construção e para o uso.

- Reconhecimento a necessidade de atuar do desenho dos detalhes ao projeto urbanístico, a escola romana reproduzia algumas dos princípios desenvolvidos pela Werkbund e pelo Bauhaus, ainda que não aderisse ao vanguardismo alemão. Gerou-se assim uma ambiguidade no perfil de formação dos alunos: era necessário superar a oposição arte e técnica, mas deveriam permanecer dentro dos limites de uma modernização sem ruptura com a tradição clássica. Um projeto voltado a criar uma arquitetura que representasse a Itália moderna do século XX.

Toda a aproximação de Warchavchik e Levi com a arquitetura moderna foi mediada por esse tipo de formação. Ainda que tenham procurado uma adequação desse projeto à situação brasileira (basta lembrar tanto os jardins de Mina Warchavchik e quanto os de Rino Levi, para termos exemplos da força dessa adequação), as marcas de suas forma-

ções afloraram de diferentes formas em diversos momentos de sua obra, garantindo-lhes uma especificidade frente ao restante da produção moderna brasileira.

2. Formada em Roma, às vésperas da 2ª Guerra, Lina Bo Bardi vivencia um momento onde a arquitetura racionalista italiana já exibia uma obra madura. No imediato pós-guerra, Lina Bo participa do movimento de revisão dos postulados racionalistas. Produz junto a Bruno Zevi a revista "A - Attualità, Architettura, Abitazione, Arte" e presenciar o surgimento do neo-realismo, onde o abstracionismo dos racionalistas é substituído por uma figuratividade baseada na incorporação de valores populares. Um movimento em tre dois extremos, que ocorre dentro de uma cultura na qual classicismo e romantismo se unem numa mesma raiz: a "mediterraneidade". Após sua vinda ao Brasil, atraída pelas possibilidades da Arquitetura Moderna Brasileira, Lina reproduz aqui os termos desse debate italiano, realizando uma produção oscilante entre abstração geométrica e figuratividade popular. Entretanto, o interesse pelo popular não ocorre nunca numa perspectiva folclórica, mas sim como substância de um nova cultura.

Sua atuação no projeto e criação de museus em São Paulo e em Salvador apresenta diversos paralelos com as contribuições italianas ao campo da museografia durante os anos 50. Os projetos de museus realizados por Franco Albini, Carlo Scarpa e Ernesto Rogers definem um campo de experimentação para novas hipóteses de relacionamento entre a produção contemporânea e a forte herança cultural italiana. As concepções arquitetônicas e museográficas são pensadas integradamente, definindo um novo olhar que atualiza o objeto exposto. Os projetos arquitetônicos e museográficos de Lina Bo para os seus museus reproduzem tal postura, procurando transformá-los em vetores ativos na construção da cultura brasileira.

3. Outro arquiteto italiano atuante no Brasil do segundo pós-guerra, e objeto da pesquisa é Giancarlo Piretti. Nasceu e formado em Milão, a trajetória italiana de Piretti é rica em colaborações com importantes arquitetos do período, entre os quais se destacam Franco Albini, Ignazio Gardella, Marcello Nizzoli, Giuseppe Pagano. Após sua vinda para o Brasil, em 1946, Piretti dá continuidade a essa prática de colaboração associando-se primeiro a Daniele Calabi, em seguida a Lina Bo Bardi e posteriormente a Henrique Mindlin. Os paralelos entre seus trabalhos na Itália e no Brasil podem ser estabelecidos no campo do projeto de grandes edifícios e no design de mobiliário e interiores. Enquanto o primeiro revela um discreto rigor geométrico, o segundo apresenta um desenho sóbrio, que enfatiza as contribuições de vários artistas italianos atuantes em São Paulo.

## Pentimenti – Processo na Arquitetura Canadense Contemporânea

Eduardo Aquino, Canadá  
102661.2547@compuserve.com



The Burt Litan Felix architects instalação em processo

O termo *Pentimenti* susteve a concepção desta mostra na Galeria de Arte de Ottawa, que intenção trazer um panorama do pensar e do fazer arquitetura através deste enorme território, no momento atual e por uma jovem geração. *Pentimenti*, que em italiano significa 'arrependimento', é um termo usado por historiadores de arte para indicar as partes escondidas do processo de criação artístico; por exemplo, as partes apagadas de um desenho ou camadas superpostas em uma pintura. Aqui, a ideia do 'processo' evolui em duas vertentes. A arquitetura como construção em si, como resposta à paisagem rígida da tundra ártica, à planície central infinda, e aos centros demográficos ao sul do país que seguem os moldes genéricos da metrópole norte-americana. E como uma segunda possibilidade de leitura consideraria o território da arquitetura em si, como medium, como *soavoir-faire*, como definidor de uma cultura autônoma. É através desta segunda definição que abreviarei uma visão crítica da exposição *Pentimenti*. O conjunto irregular dos trabalhos apresentados reflete uma tendência contemporânea aonde a referência mais forte são as condições da própria prática, isto é, a desocialização total da arquitetura no panorama cultural canadense. 'Arquitetura' enquanto disciplina e conhecimento assume uma posição mais alienante que a nossa situação brasileira, aonde ao menos a cultura popular reconhece uma Brasília, ou até mesmo a prática indígena ou vernacular como contribuições para a compreensão da arquitetura como participante de uma cultura. Em *Pentimenti*, quase que a totalidade dos trabalhos apresentados (na sua maioria instalações) se referem a uma atitude hermética e individualista (como num exercício artístico), apresentando-se mais como um aviltamento da constituição física da paisagem. São na sua grande maioria projetos não realizados, que foram intencionalmente criados como um ato hierático de preservação do gesto reflexivo e da representação pura, sobrevoando em grandes altitudes o ato cru da 'construção'. Se por um lado tal atitude sugere uma série de novas possibilidades de enunciação criativa e de novas práticas teóricas, o erro talvez foi aniquilar uma conexão substancial com a tradição construtiva de um Tatlin (Monumento à Terceira Internacional), Moholy-Nagy (Módulo Luminante), ou Kurt Schwitters (Merzbau), que compreenderam profundamente os laços íntegros entre a prática da arquitetura e a pura expressão estética de um gesto poético e utópico.

## Ecotecnopólia e o futuro do sul da Flórida

Cristina Mehrtens, Estados Unidos  
mehrtens@umiami.ir.miami.edu



*Arquitetura é uma profissão perigosa porque é a mistura letal da impotência com a onipotência. Neste sentido, o arquiteto quase sempre nutre sonhos neogotomaniacos que dependem, para sua imposição e realização, não somente dos outros mas também das circunstâncias do momento... "Koolhaas, 1996"*

Rem Koolhaas é um dos arquitetos contemporâneos que mais expressa dúvidas quanto à existência de qualquer tipo de vida comunitária nas cidades do futuro. Koolhaas professa admiração pelo delírio urbano – algo nunca planejado ou projetado e típico de “velhas” cidades caóticas como New York – enquanto a base das formações urbanas futuras. Tal postura se coloca em oposição àquela defendida pelos “novos urbanistas” americanos. Porém, ambos acreditam que a vida urbana deve ser reinventada e que este processo de reinvenção deve levar em conta tanto questões políticas quanto tecnológicas. Como a Flórida, a capital do Novo Urbanismo, se encaixaria neste debate? Neste último 22 de março, no simpósio *The Exploding City: Urban Form, Development, and Design in South Florida*, discutiu-se a história e o futuro do desenvolvimento urbano na Flórida. O evento, patrocinado pela Universidade de Miami (UM) e pela Universidade Internacional da Flórida (FIU), se realizou no Museu Wolfsonian cujo edifício neomediterrâneo foi construído em 1927 pela Washington Storage Company e se localiza no cosmopolita distrito arquitetônico Art Deco de Miami Beach.

Para Robert Bruegmann, professor de história da arquitetura da Universidade de Illinois em Chicago e introdutor do simpósio, a forma como o urbano tem respondido à explosão do crescimento, o fenômeno da descentralização tão característico das cidades americanas, é global e envolve tanto o sul da Flórida quanto outras cidades do mundo. A Miami metropolitana – de Palm Beach ao condado de Dade – revela uma cidade diferente daquela apresentada seja pela indústria do turismo, pela concentração cubana, ou mesmo pela cinematográfica ideia de violência e crime. Miami responderia ao fenômeno da dispersão urbana via o embate em seus bairros na acomodação de pessoas das mais variadas procedências, costumes, rendas, e raças e na formação de um movimento pró-centralização muito forte.

A apresentação de Bruegmann seguiram-se quatro painéis: O Novo Urbanismo nas cidades da Flórida; Desenvolvimento Urbano e o Futuro do Entorno; Infraestrutura Urbana e Transportes; e Lugares Urbanos e Identidade Comunitária. Estes painéis

reuniram diferentes setores da sociedade como editores de revistas especializadas, professores das faculdades de arquitetura, história, geografia; diretores de agências do governo como Transporte, Saneamento, Preservação, Desenvolvimento Urbano, Metrô; e líderes comunitários. Falando sobre o futuro da região ecológica do Everglades, Dan Cary, diretor do Departamento de Águas, revelou estudo que combina o interesse privado e a participação pública na preservação do ambiente através da compra de terras e negociações dos projetos arquitetônicos desenvolvidos nas áreas limítrofes entre o urbano e as reservas naturais. Gary Donn, Departamento de Transportes, apresentou o estudo para o corredor Leste-Oeste: o Miami Intermodal Center (MIC) trazendo a tecnologia de ponta ao transporte público via um novo corredor de trens elétricos. Aos discursos das utopias tecnológicas e ecológicas somaram-se relatos da academia e da sociedade como o de Laurie Hermantín, agente comunitária. Hermantín falou da experiência da minoria negra e pobre, segregada espacialmente no bairro Little Haiti, distrito próximo à área central. O estudo revela que esta população não se preocupa com questões ligadas a uma autenticidade ou identidade cultural, mas entende e preserva um contexto que a permita ir comprar na venda do lado, conversar com o vizinho em frente, ou beber um café na esquina.

Enfim, o fato de diferentes segmentos da sociedade se encontrarem para discutir suas ideias e posições quanto à realidade urbana mostra-se uma prática positiva e enriquecedora. Embora tenha minhas restrições quanto à americanização do mundo urbano exposta por Bruegmann não consigo deixar de desejar uma democratização das trocas de ideias, como esta, para outras partes do planeta.

1 Rem Koolhaas: *Conversations with Students*. Architecture at Rice Publications, NY: Houston/Princeton Architectural Press, 1996, p.12

Proposta para o Centro Intermodal de Miami



## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Vista aérea do centro de Campinas na década de 30.

**Lançamento de livro sobre Campinas**  
Será lançado no dia 23 de abril, às 12h30, no novo espaço de exposição da Faupuccamp, o livro de Ricardo Barilaró, *Campinas, o despertar da modernidade*, Coleção Campiniana nº 7, Centro de Memória da Unicamp, Editora Unicamp.

### Ócolum na internet

Artigos publicados no Boletim Ócolum podem ser encontrados na revista *Waltemet*, no seguinte site: <http://www.bestway.com.br/waltemet/>

**Departamento de Planejamento da Faupuccamp**  
Os trabalhos acadêmicos dos professores serão apresentados na sala de vídeo da Faupuccamp, sempre às 13 horas. Programação: 3 abril - Ivone Salgado, "Origens do pensamento racional sobre a cidade"; 10 abril - Mário Henrique D'Agostino, "Geometrias simbólicas: espaço, arquitetura e tradição clássica"; 24 abril - Adilson Macedo, "Ideias preliminares para o projeto urbano da cidade universitária da USP"; 30 abril - Vladimir Bartalini, "Praças do metrô"; 15 maio - Eugênio Queiroga, "A produção do paisagem habitacional metropolitana"; 22 maio - Luis Renato Bezerra Pequeno, "Os impactos ambientais no processo de favelização na cidade de São Paulo"; 27 maio - Dênio Munia Benfatti, "Planos e projetos de urbanismo contemporâneo". [Laura Machado Bueno]

**Ateliê Internacional de Projetos Barcelona 97**  
A Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona promoverá um ateliê de projeto (arq Enric Miralles) que elaborará propostas para a conclusão do Teatro de Ópera do Liceu, incendiado em 1984 e atualmente em reconstrução. Parte do Programa de Mestrado "Arquitetura, Crítica e Projeto", dirigido por Josep Guetgias, o evento está aberto a arquitetos e estudantes de arquitetura do último ano. Quatro países latinoamericanos participarão do evento: México, Chile, Colômbia e Brasil, que contará com duas delegações (São Paulo e Salvador). De 23/06 a 18/07. Informações e inscrições: [oliveira@ufba.br](mailto:oliveira@ufba.br) [Olivia F. de Oliveira]

### Revista Iluminação Brasil

Esta conceituada revista oferece a oportunidade para os especialistas em luminotecnia publicarem em suas páginas. Os interessados devem mandar o material para Elaine Cristine Vidalli (editora), rua Lisboa 445-A, 05413-000 São Paulo SP.



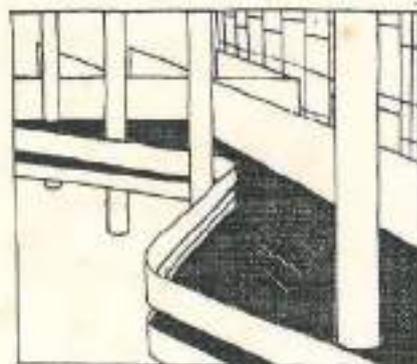
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

## "II Bienal Internacional de Arquitetura"

Em sua segunda edição, a "Bienal Internacional de Arquitetura", que terminou no dia 05 de setembro, reapareceu no cenário cultural do país após um intervalo de vinte anos. No dia 18 de junho de 1973 era aberto ao público a I Bienal Internacional de Arquitetura com o tema "O Ambiente que o Homem Organiza: suas conquistas e suas dificuldades". Na época, as críticas à Bienal assumiram o caráter de sugestões para a realização dos próximos eventos devido ao pioneirismo da exposição. Até então, as exposições de arquitetura eram vinculadas às de artes plásticas, ou se restringiam ao IAB, como a Bienal promovida pelo Instituto, também em 73, na cidade de Goiânia. No relatório final do júri da I Bienal, aparecem claramente as críticas necessárias ao estímulo e melhoria das exposições de arquitetura em âmbito internacional: o caráter internacional pretendido não foi alcançado, devido à pobreza de representação estrangeira e por não comparecerem à Bienal, embora convidados, arquitetos como Louis Kahn, Alvar Aalto, Paul Rudolph e Kenzo Tange. Porém, a queixa maior do júri foi quanto às dificuldades para a seleção e premiação dos trabalhos, uma vez que foram apresentados trabalhos diferentes uns dos outros que mereciam ser classificados por categorias. Até mesmo o tema da Bienal foi, em algumas circunstâncias, esquecido. Tudo isso limitou também o grau de discussão sobre a produção

do arquiteto, uma vez que não foi estipulada uma linha em que os trabalhos se enquadrassem mais nitidamente, nem foi possível um intercâmbio entre profissionais de outras regiões do mundo.

Com o tema "Arquitetura, Desenvolvimento e Meio Ambiente", a Fundação Bienal de São Paulo e o Instituto de Arquitetos do Brasil apresentaram ao público a II Bienal Internacional de Arquitetura. Pretendendo "fazer um balanço do passado para planejar o futuro", a II Bienal carregou a responsabilidade de projetar a arquitetura no panorama cultural brasileiro. Para isso, contou com a exposição de 300 arquitetos nacionais e 40 internacionais, exposição de Escolas de Ar-



quitetura, projetos de urbanização, conjuntos habitacionais e recuperação urbana, além de palestras com arquitetos do mundo todo. De 08 de agosto a 05 de Setembro foi possível ver a arquitetura do ponto de vista de quem projeta, o que resultou em uma exposição não só de edifícios ou planos urbanos, mas também das idéias de quem está por trás destes projetos.

Sem dúvida, a II Bienal Internacional de Arquitetura não é uma exposição fácil, tanto de se fazer como de se assistir. Cada projeto exposto exigiu muito do espectador e fazer desta exigência um prazer não é tarefa simples. No entanto, foi possível encontrar resultados felizes, como a mostra "City Changes" da Inglaterra, que apresentou as transformações ocorridas na cidade de Londres nos últimos anos. Nela, o espectador conseguiu compreender cada projeto exposto através de uma linguagem acessível, composta por maquetes e textos ilustrados por fotos essenciais, sendo que o cuidado visual valorizou o nível de questões levantadas em cada edifício apresentado. É importante detectar a dissonância entre "City Changes" e outras mostras na Bienal: maquetes no nível do observador que permitiram uma visão humana e não divina do projeto, fotos identificáveis, axonométricas ao invés de exaustivas plantas e uma disposição dos painéis agradável de se percorrer.

Não se pode deixar de dizer o quanto os acertos e erros da Bienal acrescentaram ao repertório de quem se interessa por arquitetura. Percorrer os inúmeros painéis e maquetes foi um exercício para o olho e para a capacidade de discutir, elementos imprescindíveis para o profissional de hoje, que comete o erro de se isolar em sua produção particular. A discussão que a Bienal deve provocar é o que se espera para consolidar a profissão do arquiteto no Brasil, e ficar fora dela é fechar os olhos para a arquitetura.

Daniel de Carvalho Moreira,  
monitor PET

#### ÓCULUM 4

A revista de arquitetura, arte e cultura Ócolum está em fase final de produção e será lançada em breve.

#### CONTANDO AS ESTRELAS

Na última edição do "Guia do Estudante 1994", o curso de arquitetura e urbanismo da FAUPUCCAMP, está cotado entre as maiores estrelas do país. Infelizmente não existe nenhuma faculdade com 5 estrelas, mas a nossa foi classificada como 4 estrelas, juntamente com USP/SP, USP/São Carlos, UnB, UFPR e UFRGS.

#### INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES

Alunos da FAUPUCCAMP que foram para o estrangeiro em 1992, passar uma temporada de um ano, já estão de volta: Solange Aiarcon, Carlos "Joe" Eduardo F. Costa Aguiar, na "École d'Architecture de Grenoble", França; e Heloisa Mazon na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal.

Confirmamos ainda a seleção de Eduardo Carvalho de Vasconcelos e Milenna Franceschilli para o intercâmbio na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e de Miguel Geraldo Santos e Mário Aguirre Neto para a École d'Architecture de Grenoble.

Já estão entre nós o grupo de estudantes franceses: Jasmina Rasoul, Laurent Delgado, Nadia Belaide, Philippe Meunier e Stephan Gross da "École d'Architecture de Grenoble" que chegaram no começo do mês. E está a caminho, José Antônio Rodrigues Esteves da "Faculdade de Arquitetura do Porto".

#### CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FAUPUCCAMP

Iniciou-se dia 13/agosto a 2ª turma do "Curso de Especialização em Urbanismo Moderno e Contemporâneo" que passa a funcionar diariamente às 6ªs feiras. O curso

tem duração de um ano e meio e terá seu término em dezembro de 1994. O corpo docente da FAUPUCCAMP é composto por Dênio Munia Benfatti, Ivone Salgado, Luis Cláudio Bittencourt, Mário Henrique "Maíque" Simão D'Agostino, Raquel Rolnik, Ricardo Marques de Azevedo e Samuel Kruchin, além de professores convidados: Carlos Roberto Monteiro de Andrade, Luis Marques, Maria Stella Brasciani e Marisa Varanda Teixeira Carpinteiro.

#### PROFESSORES DA "CASA"

O professor Ricardo Marques de Azevedo defendeu dia 20 de maio de 1993, sua tese de doutorado em filosofia, "Metrópole e Abstração", na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A banca, constituída pelos Professores Dr. Leon Kosssovitch (orientador), Aracy de Abreu Amaral, Celso Favaretto, Regina Maria Prosperi e Renato Janine Ribeiro, concedeu ao doutorando o grau 10 (com distinção).

O professor Ricardo de Souza Moretti irá defender sua tese, intitulada "Critérios de Urbanização para Empreendimentos Habitacionais", com orientação do Professor Witold Zmitrowicz, na Escola Politécnica da USP no mês de outubro.

#### POS - GRADUAÇÃO NO ESTRANGEIRO

A Universidade de Salamanca, Espanha, oferece o seu "Master Universitario en Diseño de Interiores" que se desenvolverá de novembro/1993 a maio/1994 e pretende ampliar e completar de forma homogênea e coerente a formação específica dos interessados. Maiores informações no CAD.

O Instituto de Planificación Física de Cuba, convoca o "III Curso Internacional de Ordenamiento Territorial, Regional y Urbano", de 08 a 28 de novembro/1993 a ser realizado na cidade de Matanzas. Terá como destaque central, a exposi-

ção e divulgação das experiências cubanas. Maiores informações no CAD.

#### BIENAL DE BUENOS AIRES

De 20 a 24 de setembro/1993 acontecerá a 5ª Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires (BA/93) que, entre outros, terá como arquitetos convidados: Antoine Predock, Borja Huidobro, Cesar Pelli, Charles Gwathmey, Claude Vasconi, Emilio Ambasz, Eric Miralles, Eric Von Moss, Francesco Dal Co, Gae Aulenti, Helge Boffinger, Helmut Jahn, Ignasi de Solà Morales, Josef Kleihues, Kiyonori Kikutake, Mario Bellini, Mario Botta, Oriol Bohigas, Paolo Portoghesi, Peter Cook, Richard Meyer, Richard Rogers, Tom Mayne e Wolf Prix. Do Brasil estarão presentes: Carlos Bratke, Luis Paulo Conde e Éolo Mala, entre outros. Simultaneamente à Bienal ocorrerá a reunião do CICA (Comitê Internacional de Críticos de Arquitetura), presidido por Kenneth Frampton, que vai eleger através de um concurso, os melhores livro, prólogo e artigo dos últimos 3 anos, além do melhor edifício desse período, justificando os motivos da sua escolha.

#### CONVÊNIO L'HABITAT-UNIMED

Nos dias 29,30 e 31/julho no Hotel DeVille, Guarulhos, ocorreu o "I Seminário Nacional de Recursos Próprios - Unimed". O evento contou com os seguintes professores vinculados ao L'Habitat: Araken Martinho, José Roberto Merlim e Maria Amélia D'Azevedo Leite, na palestra "Hospital Unimed", finalizando a 2ª etapa do Convênio L'Habitat-UNIMED.

#### MONITORIA CAD

O CAD - Centro de Apoio Didático da FAUPUCCAMP - vai selecionar em breve um novo monitor para iniciar atividades ainda este ano, com prorrogação automática para o próximo ano. Maiores informações no CAD, com a Fátima.

maio 1997  
ano 2  
edição mensal/letivo

Paulo Mendes da Rocha na Faupuccamp  
Sidney Tamai  
stamai@zeus.puccamp.br



Os arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Luis Antônio Jorge, professores da Fau-Usp durante o Seminário "Linguagens da arquitetura" realizado na Faupuccamp.

Realizou-se em Faupuccamp, no dia 08 de abril, o Seminário "Linguagens da arquitetura", com a participação de Lucrecia D'Aléssio Ferrara [Fau-Usp], Lúcia Helena Santagostino [Fau-Unesp/Bauru], arq Luis Antônio Jorge [Fau-Usp] e do arq Paulo Mendes da Rocha [Fau-Usp].

O objetivo desse Seminário foi lançar novas luzes, mesmo que de forma parcial, sobre a questão da Linguagem na Arquitetura e seus descobrimentos sobre o Projeto, a Cidade e ainda sobre o Ensino e o Aprendizado, onde estão diretamente envolvidos o corpo docente e discente.

A primeira forma encontrada foi as questões fundamentais da linguagem, via Semiótica, realizadas pela professora Lucrecia. A segunda foi a leitura da Cidade, onde os Signos, elementos mínimos e fundamentais da linguagem foram a base dessa compreensão, ao que Lúcia Helena chamou de "gene simbólica". A terceira forma, foi a experiência pedagógica do arq Luis Antônio, ex-aluno da Faupuccamp, onde as articulações intersemióticas das diversas linguagens embocadas podem ser esclarecedoras e ainda atuarem como suporte inventivo para o espaço arquitetônico. Na quarta forma, o arq Paulo Mendes da Rocha, destacou a ideia do que é fundamental na arquitetura como a relação de qualidade entre o projeto e a construção, mostrando que a beleza existe onde existe a relação direta entre um material (sua estrutura, densidade, textura, temperatura...) e sua lógica construtiva e portanto seu lugar na obra. Enfatizou as tecnologias humanas dirigidas a construção como

elementos de afirmação do que é Humano. O controle sobre a natureza, sobre os fluidos (águas), os sólidos (terreno, concreto...), e o conhecimento disso tudo são fundamentais para o arquiteto na definição dos espaços Humanos. Mostrou ainda dois de seus projetos, através de slides com desenhos e maquetes, destacando a recuperação do região do porto em Vitória do Espírito Santo, sua terra natal e ainda um Museu nesse mesmo local.

Os expositores legaram-nos diversas questões essenciais e interessantes, além das suas marcantes presenças. A repercussão desse evento foi muito boa entre professores e estudantes, o que tornou mais clara a necessidade de novos seminários, encontros ou workshoops para aprofundar e universalizar esses conhecimentos que diretamente incidem sobre a arquitetura e seu ensino.

Finalmente, esse Seminário serviu de guia para a realização do 3º Seminário Nacional de Informática Aplicada ao Ensino da Arquitetura, que se realizará de 17 a 19 set 97. Constituiu-se importante experiência tanto na sua estrutura operativa quanto na discussão do caráter de Linguagem que com as Novas Tecnologias de Comunicação, de Representação, Operativas de Base Digital, merecerão um enfoque mais detalhado, preciso e preciso.

III Seminário Nacional  
A Informática no Ensino de Arquitetura  
Envio de resumos até 21 de maio  
Data do evento: 17 a 19 de setembro  
Email: sem3@faupuccamp.br  
Home Page: www.fau.puccamp.br/sem3sem2.htm  
Fax: 019 255.6270 (para OAY Faupuccamp)  
Fon: 019 754 7082

Fapesp apoia acervo de  
imagens digitais Faupuccamp  
Editorial

Tendo à frente o Prof. Dr. Ricardo Marques de Azevedo e como colaboradores os professores Abílio Guerra, Maria Beatriz de Carmargo Aranha e Wilson Mariana, o projeto "Centro Integrado de Documentação Para Apoio à Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo" acaba de ser aprovado pela Fapesp. O projeto prevê o acervamento digital de imagens de arquitetura e urbanismo, com prioridade para a produção brasileira, dando assim suporte para os diversos trabalhos de pesquisa em andamento e a se iniciar, tanto de professores em qualificação, como dos alunos de graduação (iniciação científica) e pós-graduação (especialização e mestrado). Depois de sua implantação (com a associação dos bancos de imagens e de dados informacionais), o acervo ficará também disponível para estudiosos externos. As imagens digitalizadas serão gravadas em CD-ROM, no formato PhotoCD Kodak, e poderão ser "lidas" por softwares disponíveis em computadores das linhas PC e Macintosh.

As vantagens de um acervo digital são inúmeras: acesso rápido e simultâneo às informações, com impressionante potencialização do uso do acervo; manipulação versátil das imagens; durabilidade do arquivo digitalizado em suporte CD-ROM, com expressiva economia no item manutenção; enorme capacidade de acervamento em suportes compactos, com expressiva economia de espaço físico; sistema de consulta interativo com o usuário, o que implica em sensível diminuição nas necessidades de quadro funcional; possibilidade de reprodução imediata em uma gama variada de tecnologias (impressoras pb e coloridas diversas, fotocópias profissionais, slides, vídeos, etc); possibilidade de consulta telefônica via modem, com potencial ampliação do público alvo virtual. O projeto-piloto agora aprovado prevê a compra dos primeiros equipamentos necessários e a digitalização de acervo de importante escritório de arquitetura. Tal iniciativa permitirá que a Faupuccamp dê sua contribuição não só na produção cultural, mas também naquele propósito que é tão importante e, infelizmente, tão menosprezado em nosso país — a sedimentação e a conservação da memória artística e do patrimônio cultural brasileiro.

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS boletim óculum

Boletim Óculum é um boletim de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - do Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. As opiniões aqui expressas são apenas as do autor e não são necessariamente compartilhadas pela editoria ou pela direção da revista. Manteremos ser republicadas as notícias mencionadas a frente.

Editor responsável:  
Adriana Duarte

Correspondentes:  
Cristina Martins DSA  
Eduardo Aquino Diniz  
Fernando Carlos Espade  
Fernando Valério Colares  
Alencar Togni Aêlio  
MFR de P. R. F. (Usp)  
Paulo Helder Helder  
Paulo Helder Helder  
Paulo Helder Helder  
Paulo Helder Helder  
Ramon Siqueira Aguiar  
Vitorio Corradi Ineri

Membros:  
Diogo Werneck  
Mário Ambrósio Cordeiro  
Teresa Freja Moreira  
Tatiana Alencar  
Vagner L. Martins

Faupuccamp:  
Diretor:  
Wilson Nazario dos Santos Jr.  
Vice-diretor:  
Alceu Ribeiro  
Coordenador de curso:  
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rod. D, Pedro I - Km 128  
13089-920 Campinas/SP  
Brasil  
Fone: 051-019-754-7158  
Fax: 051-019-255-6270  
e-mail: cad@faupuccamp.br

Revista Óculum:  
Município Campinas/SP  
01409-000 São Paulo/SP  
Fone-Fax: 011 2889340  
oculum@uol.com.br

Boletim Óculum: imagens de  
5000 exemplares.  
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet:  
www.fau.puccamp.br  
oculum@uol.com.br  
www.zeus.puccamp.br

Faupuccamp na Internet:  
www.fau.puccamp.br

Apelo cultural:  
Itautec

IMPRESSO

## Um arquiteto em exposição

Vittorio Corinaldi, Israel



Arq. Zvi Hecker, Centro cívico de Ramat Hasharon, Israel, 1988

No museu de Tel Aviv (de per si um edifício e uma instituição bastante significativos do ponto de vista museográfico) teve lugar no mês passado uma exposição do arquiteto israelense Zvi Hecker, focalizando principalmente seus últimos trabalhos em Israel e Alemanha.

Zvi Hecker é sem dúvida uma das figuras mais controversas no quadro da arquitetura israelense. Alguns episódios "lendários" de comportamento extremo quanto à intervenções arbitrárias na execução de suas obras, associam a sua imagem à do discorde personagem Fountainhead de Ayn Rand. O caráter absolutamente excepcional de suas obras o coloca na vanguarda da polémica cultural arquitetônica contemporânea – mesmo se não com a mesma publicidade de que gozam colegas europeus e americanos, e mesmo se sua inclinação marcadamente poética não se apoia em afirmações categóricas de fundo filosófico pré-estabelecido.

Na confusa nebulosidade conceitual da análise histórico-crítica atual da arquitetura, há uma tendência muito forte para classificar e julgar a produção arquitetônica segundo as definições correntes de "Post-ismo", "De-ismo", "Neo-ismo" e outras nomenclaturas, que procuram conciliar entre as solicitações contraditórias de uma tecnologia avançada, de um gosto prepotente e agressivo condizente com o espírito neo-capitalista, de uma teoria inebriantemente voltada para valores estranhos ao ser humano e centralizados sobre a capacidade de "vender" qualquer coisa – desde produtos materiais, através de "serviços" e até manifestações do espírito.

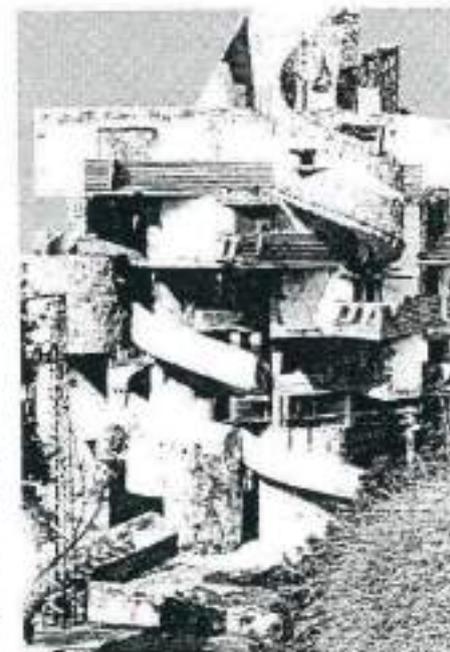
Quem se dispõe a incluir o trabalho de Zvi Hecker nessa tendência está fadado a um fracasso total: porque não é possível enquadrar este arquiteto em nenhuma das categorias supra-citadas: sua exuberante criticidade – embora apoiada sempre em princípios lógicos e racionais – não obedece a nenhuma disciplina visual pré-fixada, e se renova a cada trabalho em sentidos inesperados. Seu fundamento artístico e intelectual o escaminha sempre para soluções de planta, de espaço e de textura adaptados a um determinado ambiente físico e cultural; sua personalidade reúne um não-conformismo frente às convenções do establishment com um realismo frente às limitações objetivas de execução da obra: estes dois pólos se juntam sempre numa síntese que é uma afirmação de coerência – seja no contexto limitado do edifício, seja



Arq. Zvi Hecker, Escola "Heine Balmán", Berlim, Alemanha

no âmbito mais largo da cidade. Os últimos trabalhos se enfocam justamente sobre este aspecto: e rejeitando a acentuação de elementos tradicionais como a praça ou a rua, Hecker assume uma atitude dinâmica frente ao espaço urbano, tratando-o em forma de "gomos" ou pétalas em desabrocho – uma associação figurativa com o girassol que explica também a natureza destes seus espaços, em que o íntimo e fechado se prolonga numa continuidade em direção ao público, coletivo e aberto. É justamente a "flor do girassol" que intitula sua exposição e molda o desenho não só das obras recentes, como da própria montagem da mostra.

Característicos deste grupo recente de projetos são a escola Heins galinskiem em Berlim, o Centro Judaico de Duisburg, e o Centro Cívico em Ramat Hasharon, Israel. Mas também o exame de suas obras de períodos anteriores (como a prefeitura de Bat-Yam, a faculdade de Engenharia Mecânica do "Technion" de Haifa, edifícios de moradia em Ramat Gan ou conjunto residencial de Ramot em Jerusalém) revela cada vez algo de surpreendente e inesperado no trabalho deste arquiteto.



Arq. Zvi Hecker, "Casa em espiral", Ramat Gan, Israel

## Urbanismo parisiense no século das Luzes

Marcos Tognon, Itália  
tognon@sabsns.sns.it

Uma ótima ocasião para o turista aprendiz que chega na metrópole europeia por excelência, Paris, é a exposição sobre o "Urbanismo parisiense no século das Luzes". Súbito, duas explicações são necessárias para o nosso visitante inquieto: que o "urbanismo" assim enunciado é uma modalidade operativa vinculada estreitamente à arquitetura e à arte dos jardins, em uma escala urbana, e não um corpus disciplinar, uma "especialização" cognitiva sobre os problemas da cidade tal como se configurará mais tarde, neste mesmo solo francês, o Urbanismo. E, segundo, que o "século das Luzes" não é nada mais do que o século XVIII, sem nenhuma pretensão em determinar um "urbanismo iluminista": é um empréstimo funcional junto a história das idéias.

Claro, linear, econômico, o percurso da mostra nos apresenta gravuras, desenhos, pinturas, estão ali documentos e reproduções divididos em zonas temáticas: encontramos as propostas para um tipo de intervenção sistemática na cidade, como as barreiras alfândegárias projetadas por Ledoux no perímetro citadino no final do século; ora podemos verificar a inteligência e imaginação dos arquitetos na comemoração da coroa francesa, e destaca-se o projeto de Pierre Louis Moreau de estruturas arquitetônicas efêmeras para a festa do retorno do Rei em 1778; ou ainda, os esforços, as especulações, as propostas para uma determinada área da cidade, como as margens do rio Sena, objeto de intensos desenhos e relatórios de Pierre-Alexis Delamais (1737), de Moreau (1769) e de Charles De Wailly (1789).

Um documento merece menção especial: a planta de Paris feita por Charles de Wailly em 1789, que condensa no seu título *Projet d'utilité et d'embellissement pour la ville de Paris qui s'accorde avec les projets déjà arrêtés par le Gouvernement, dans le quel on a rassemblé de nouveaux monuments, des places publiques...* Ali temos, como uma enciclopédia, os 4 traços que caracterizarão este "urbanismo no tempo das Luzes" segundo o nosso atento turista: 1) o "eixo monumental viário", essencialmente guia linear vivo que supera a esfumatura urbana medieval por um lado, e domina, por outro, o território campestre a ser incorporado ao antigo perímetro urbano; 2) o "ponto focal" dos eixos monumentais, um grande edifício, uma passagem funcional como as alfândegas ou comemorativa, como os arcos triunfais; 3) a "praça arquitetônica", este espaço vazio, regular, ordenado, controlado pela imponente e decisiva edificação limitrafica; 4) o jardim, campo de encontro entre cultura e natureza, meio expressivo de uma grande vontade de ordem humana junto à aparente irregularidade do acaso, do caos; o jardim condiciona, reforça o eixo monumental, o ponto focal, a praça arquitetônica – os paralelepípedos arbóreos no pátio do Palácio Real são fascinantes – mas permite inusitados movimentos, indiscretas passagens, tolerantes fugas.

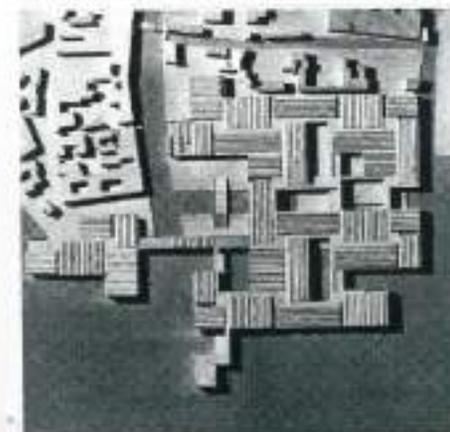
Exposição "Urbanismo parisiense no século das Luzes"  
Seco do 5º Distrito da cidade de Paris, praça de Parfums



Mauro Codussi na igreja de San Zaccaria, 1483.

A leitura do nº 164 da revista portuguesa "Jornal Arquitectos", que tem como tema Veneza, é um número indispensável. Neste momento em que a arquitetura parece divagar entre infinitas estradas estetizantes, olhar a experiência de Veneza pode nos abrir os olhos para o verdadeiro valor da arquitetura e a sua relação com o urbano. Não se trata de um passadismo, pois esta experiência não se interrompe, ela é presente ainda hoje, basta ver como os arquitetos Mauro Codussi na igreja de San Zaccaria, 1483, E.L. Wright no memorial Masieri, 1953, Le Corbusier no hospital San Giobbe, souberam reconhecer e traduzir este valor.

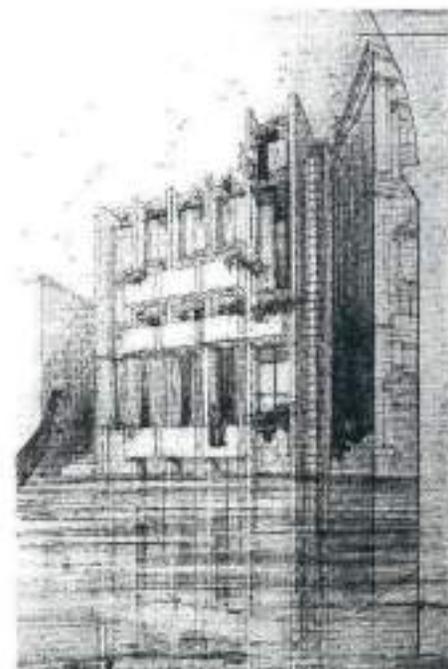
Veneza tem a sua origem da manifestação, da parte de seus fundadores, de um desejo de sobrevivência frente as invasões bárbaras, mas uma sobrevivência não somente física, sobretudo cultural. Segundo o historiador Sergio Bettini, eles queriam conservar-se livres: livres para continuar a viver como cidadãos. Veneza nasce como reação a uma cultura não urbana, nasce e se desenvolve no momento histórico do ocaso da civilização urbana. Com a queda do Império Romano do Ocidente



Le Corbusier, Hospital San Giobbe.

te toda a parte da Europa que tinha vivido sob a influência romana e mesmo a península itálica conhece uma erupção de *pensée sauvage*, ou seja, de uma mentalidade que não era na sua raiz, urbana, não era fundada na cidade, mas em uma outra estrutura e forma de vida: o nomadismo. Estudando Veneza podemos perceber que nela a Arquitetura tira o seu valor da sua capacidade de exprimir os valores "fundadores" da *civitas*, portanto quando esta é intimamente ligada à forma urbana, quando esta não é um objeto dissolvido em um coletivo mas sim um episódio deste coletivo. Esta é a mensagem de Veneza.

Depois da posse do prefeito filósofo Massimo Cacciari a cidade tenta reverter a tendência que quer ver uma Veneza morta, um mero cadáver urbano elevado à nobre função de patrimônio cultural universal. Depois de vários anos, pensadores como Bettini, Tafuri, Concina, Cacciari e muitos outros, vêm elaborando uma sólida releitura do valor histórico desta cidade e através deles conseguimos nos



Frank Lloyd Wright, Memorial Masieri, 1953.

demonstrara atualidade e a importância da lição urbana de Veneza. Com a introdução à compreensão desta revolução lagunar este número de *Arquitectos* é essencial. Uma série de artigos nos mostram o enorme esforço intelectual e prático que está sendo feito para salvar esta cidade da sua pretendida morte urbana. Particularmente os artigos "Veneza: passado, presente e futuro" de Claudio Sart, "Imagem e Mito de Veneza" de Francesco Dal Co, "As Venezas possíveis" de Giandomenico Romanelli e "Estratégias de intervenção" do Secretário do urbanismo e da Construção da prefeitura de Veneza Roberto D'Agostino são de uma agradável riqueza e clareza intelectual.

Associação dos Arquitectos Portugueses, Travessa do Carmo, 21725, 1200 Lisboa Portugal, tel 343 2454, fax 343 2461.

Em 1914, um estudante do curso de arquitetura da Faculdade de Matemática, Alberto Reborati, editava *La Edificación Moderna en Montevideo*. Ele seria responsável, entre 1920 e 1940, com Bello e Reborati, por um empreendimento construtor e imobiliário de importância singular para a cidade. Nesse mesmo ano, a Sociedade de Arquitectos do Uruguai publica pioneiramente no continente a revista *Arquitectura* que se transforma em frutífero âmbito de reflexão. O Centro de Estudantes de *Arquitectura* encarará desde os anos 30 seu próprio âmbito editorial, que nos anos 60 constituirá um estimulante intercâmbio teórico.

A elitismo militar dos anos 70 inibirá tais atividades. A necessidade de sobrevivência gerará variadas culturas de resistência, entre elas a revista *Trozo*, editada por estudantes de arquitetura. É com o restabelecimento das estruturas democráticas no país, e na pós-moderna década de fim de século dos anos noventa, que surge por parte de alguns integrantes da revista *Trozo*,<sup>1</sup> em setembro de 1981, o projeto independente da revista *Elarqa* e o *Editorial Dos Puntos*<sup>2</sup> com caráter absolutamente profissional, com o objetivo de documentar e difundir a arquitetura nacional e fomentar sua decisão teórica e crítica. Rapidamente se incorporam novos projetos, como as monografias e os *Guías Elarqa de Arquitectura*, se transformando dessa forma no primeiro e único editorial no país centrado em arquitetura e desenho, com uma qualidade de produção sem precedentes no meio.

As monografias incluem no momento, as dos arquitetos Mauricio Cravotto (1893-1962) e Rafael Lorente (1907-1992), como também pesquisas abordadas pela Faculdade de Arquitectura e outros pesquisadores independentes.<sup>3</sup> Os guias de arquitetura surgem com a produção editorial do primeiro *Guía Arquitectónica y Urbanística de Montevideo* em 1992. Hoje, além de 3 volumes centrados em determinadas zonas da cidade, se prepara um outro sobre a cidade de Colonia, nomeada recentemente Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

A revista *Elarqa* (20 números) tem circundado a arquitetura nacional, discutindo-a de diferentes ângulos. Alguns de seus números têm sido de caráter monográfico (como os dedicados ao arquiteto Julio Vilamajó, 1894-1948, e a obra do arquiteto Miguel Ángel Odróizola na cidade de Colonia), outros mais teóricos e polêmicos (como os dedicados às chamadas *Generaciones del Ladriño*) e outros mais pragmáticos ou dedicados a temas mais contemporâneos (Novas centralidades, Obras grandes em construção, Espaços noturnos, etc).

[tradução Diego Wisnivesky]

1 A revista *Trozo* continua sendo como publicação do Centro de Estudantes de Arquitectura.

2 Editor Julio Garcia. Redação e Administração María Cassinelli, 1196, 11300 Montevideo Uruguay. Fax (5982) 400062/420481.

2 *Elarqa* @ [myweb.com.uy](mailto:myweb.com.uy) <http://myweb.com.uy/Elarqa>

3 Bello y Reborati. *La actividad inmobiliaria y la coexistencia urbana de Montevideo* pela Facultad de Arquitectura; "Arquitectos del 900" por Walter Domingo e "O assujeito en la arquitectura del Rio de La Plata" por A. Araujo.

4 Os 3 volumes citados relativos à La Ciudad Vieja de Montevideo (Torre II e ao Centro (Torres I e II).

## CEDODAL. De e para América Latina

Patricia Mendez, Argentina  
postmaster@banc.org.ar

O Centro de Documentación de Arquitectura Latinoamericana, iniciou as suas atividades em Buenos Aires durante 1995 sob a direção do arquiteto Ramon Gutierrez e com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento e a pesquisa histórica, a formação teórica e a difusão da arquitetura e do urbanismo Ibero-americanos. O CEDODAL conta, para seus objetivos, com diferentes tipos de acervos de documentos, entre eles: a Biblioteca com mais de 12.000 volumes; uma Hemeroteca com mais de 10.000 exemplares de revistas de arquitetura, aproximadamente 142 coleções completas, fazendo deste Centro um dos acervos mais importantes do continente; e também, coleções de plantas e desenhos dos séculos XVII, XIX e XX, correspondência de trabalhos profissionais, coleções de fotografias e cartões postais antigos, microfílm, recortes de periódicos, etc. Todo o material e todo o funcionamento do Centro se organizam através de Departamentos especializados: Biblioteca e Hemeroteca; Documentação; Preservação do Patrimônio (que inclui o Centro Bardo), dedicado ao estudo de tecnologias alternativas; e finalmente, a seção de arte Latino-americana.

O material existente na CEDODAL é fruto da colaboração — que ao longo de mais de 20 anos — tem dado suporte a diferentes grupos profissionais, principalmente na última década a partir da participação dos SAL (Seminários de Arquitectura Latinoamericana). Tanto os acervos hemerográficos como os bibliotecológicos estão sendo informatizados e uma vez concluída esta tarefa o Centro poderá abrir o acesso aos pesquisadores.

O grupo de fundação do Centro está composto por: os arquitetos Ramon Gutierrez (correspondente Óculum em Buenos Aires), Graciela Vinales e Patricia Mendez como Diretor, Vice-diretora e Coordenadora Técnica respectivamente, além da Bibliotecária Nelly di Salvo.

De sua parte, o Centro nomeou correspondentes em vários países latino-americanos os quais colaboram angariando material, como também na aproximação dos colegas ao conhecimento deste empreendimento. No Brasil a responsabilidade é do arquiteto Hugo Segawa, Av. Irai 819 Ap.102, São Paulo.

Os acervos hemerográficos se completarão principalmente com as doações enviadas ao CEDODAL. [tradução Diego Wisnivesky]



CEDODAL

CEDODAL  
Centro de Documentación de Arquitectura Latinoamericana  
Casa Postal 120, Filial 4B (B), 1448, Buenos Aires, Argentina  
Fon/fax: 54 1 8173249  
E-mail: postmaster@banc.org.ar  
Home Page: <http://www.peruvian.com/CEDODAL>

## Revista RUA nº 6 Nino Padilha



Capa de RUA nº 6. A revista pode ser encontrada no Mestrado de Arquitetura da UFBA. Preço: R\$ 15,00 + Taxas de envio. Pedidos por e-mail: mesaquin@ufba.br

A revista RUA nº 6 lançada em abril na FAU-UFBA, dedicada a Milton Santos Filho, prematuramente desaparecido, tem o mérito de continuar no seu papel fundamental de lançar no mundo universitário visões sobre a arquitetura e a cidade, fazendo da crítica, do debate e da informação suas armas. No lançamento da revista a Prof. Anne Marie Sumner proferiu a palestra "Fluxo Urbano: Enigma Contemporâneo". O sotaque baiano esteve presente no acarajé com cerveja servidos no coquetel. A RUA aparece em um formato diferente dos números anteriores, numa apresentação mais bem cuidada e amplamente ilustrada, tendo como eixo temático: "Cidades: Desenhos, Desenhos e Destinos". Os textos mantêm a qualidade e a atualidade a que a revista se propõe.

A revista é aberta com dois instigantes textos que nos propõe um passeio sobre o urbano na cidades dos séculos XIX e XX. Um de Françoise Choay, que nos depara a um Corré, a um Haussmann, indicando as transformações da cidade quando submetida a velocidade do mundo moderno e um outro de Pascoalino Magnavita, "(Re)Aprendendo com Las Vegas", que nos conduz pela Strip de Las Vegas nas três gerações dos seus cassinos e nos redireciona a olhar o urbano bombardeado pelo excesso de signos visuais que compõe a LA, contemporânea, denominando esse fenômeno como "metástase urbana". Pascoalino ainda nos brinda com um delicioso Réquiem a um dos símbolos da arquitetura pós-moderna a Piazza d'Italia, numa nova seção da revista chamada "espaço crítico".

Mana Helena Foglia escreve "Agonia da Urbanidade? Reflexões sobre a cidade futura e o Urbanismo Pós-Moderno", e nos lança a cidade Pós-Moderna que nos ameaça a todos com sua máscara de "dejavu". Ainda encontramos autores como Milton Santos, Isaias de Carvalho, Panerai, Erica Osterman, Kenneth Frampton, Grumbach, Antônio Helodoro, que ratificam a preocupação da linha editorial em abarcar traços distintos nas diversas visadas no pensamento acadêmico sobre a cidade. Passemos também por Viena, na seção "percursos e paisagens". É numa entrevista, o arquiteto Jorge Mascato, nos sugere a cidade a cidade contemporânea latino-americana.

A Revista RUA, que completará o ano que vem dez anos de árdua existência, é fruto de uma coisa que se pode chamar "espírito universitário", é um espaço aberto para a crítica sobre a arquitetura e a cidade, uma Rua construída por diversas mãos.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



### Piranesi. Uma visão do artista

A Pinacoteca exhibe 50 gravuras do mestre italiano Giovanni Battista Piranesi (1720-78) pertencentes a 4 séries do artista: "Cárcees de invenção", "Vistas de Roma", "Antiguidades romanas" e "Antiguidades de Albano e do Castelgandolfo". Pinacoteca do Estado, av Tiradentes 141, Luz, São Paulo, fon 011 227.6329. Até 25 de maio.

### II Seminário Docomomo Brasil

O II Seminário Docomomo Brasil ocorrerá em Salvador de 10 a 12 set 97. Os trabalhos devem ser enviados até o dia 16 jun ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. R Caetano Moura 121, CEP 40210-351 Salvador Bahia, Telefax: (071) 247 3803. Informações: <http://www.ufba.br/evento/docomomo/> [Divia Fernandes de Oliveira]

### Gama Filho faz visita à Itália

O curso de arquitetura promove mais uma edição do InterGama-Arq, visitando, de 04 a 21/07/97, diversas cidades italianas. Inscrições abertas. Info: fon 021 599.7180 e fax 021 599.7170 [Maria Lúcia Monteiro Ribeiro]

### Espaços do Rio

O IAB-RJ promove curso sobre a história dos bairros, a preservação de áreas históricas e a natureza do Rio. Uma das palestras será ministrada pela prof Margareth da Silva Pereira, da Faupuccamp. Informações: fon 021 557.4192.

### Palestras abertas na FauUsp (entrada franca)

"Progettare e mostrare", arq Achille Castiglioni, 7mai, 10h, Campus; "Idealismo e materialismo na arquitetura alemã do séc XX", arq Manuel Quadra, 16mai, 10h, r Maranhão; "Forma e conteúdo na arquitetura alemã do séc XX", arq Manuel Quadra, 16mai, 14h, Campus; "De praça ao jardim público", arq Hugo Segawa, 20mai, Campus. Confirmar presença: fon 011 818.4801 / 813.2511

### Erratas

1. No artigo "Arquivo de arquiteto: um problema eletrônico?", de Marcos Tognon, publicado no Boletim 6, a legenda do desenho saiu incorreta. O certo é: "Desenho, Arquivo Marcello Piacentini, Biblioteca central da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Florença".
2. O e-mail do Docomomo Brasil é docomobr@uftubr

junho 1997  
ano 2  
edição meses letivos

## Alunos da Faupuccamp desenvolvem trabalho em Cuba Geraldo Calmon de Moura aluno do TGI

**Seleção Óculum** é um informativo de assuntos relacionados à Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Editorial (CAE) da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento da Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. As opiniões manifestadas em artigos e matérias não são necessariamente concordadas pelo editor e a direção da revista. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

**Editor responsável**  
Nélio Guimarães

**Colaboração**  
Cristina Martins Zúñiga  
Edel do Aguiar Cavallari  
Fernando Carlos Soares  
Fernando Moreira Oriberto  
Maurício Tapanofília  
Márcio Pimenta  
Paulo Henrique de Aguiar  
Piero Siqueira  
Rafael Moreira Alencar  
Roberto Guilherme Aguiar  
Wilson Carmo de Azevedo

**Membros**  
Diego Witzke  
Flávio Assis da Costa  
Regina Inês Moreira  
Tatiana Norton  
Wagner L. Moreira

**Impressão**  
Grafic  
Wilson Ribeiro da Santos Jr.  
Mecânica  
Irene Lisboa  
Coordenador de curso:  
Ricardo Marques de Azevedo

**Centro de Apoio Editorial**  
Campus I  
Rua D. Pedro I - Km 128  
13083-900 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: 35-419-754, 7155  
Fax: 35-419-255, 6376  
cae@faupuccamp.br

**Revista Óculum**  
Avenida Cambridge 87  
01404-000 São Paulo/SP  
Fone/Fax: 311 3000750  
ocul@maquiagem.com.br

**Sistema Óculum** (Impressão)  
500 exemplares  
Distribuição gratuita

**Quem é o Internet**  
wittard@nag.co.uk

**Faupuccamp no Internet**  
www.fau.puccamp.br

**Arte cultural**

**Itautec**



Alunos da Faupuccamp, acompanhados pelo professor Samuel Kruchin, visitam trabalhos em Santiago de Cuba

Realizou-se, entre os dias 28 de março e 11 de abril, a viagem do grupo de alunos e professores da Faupuccamp à Santiago de Cuba com o intuito de efetuar a análise e o levantamento de dados relevantes para a realização de um dos temas do TGI de sexta-feira. O acordo firmado entre a Faupuccamp e a Universidad del Oriente só foi possível devido à presença da professora daquela instituição arquiteta Marta Valenciana em Campinas, onde realiza estudos para sua dissertação de mestrado. Coordenados pelos professores Samuel Kruchin, Silvana Rubino (que foram à Cuba com os alunos) e Raquel Rolnik, o grupo

formado pelos alunos Adriane Pina, Eliana Bernardes, Fábio Carone, Fábio Shoyama, Geraldo Moura, Heloisa Tomonary, Marília Gallo, Mauro Hirsch, Pier Paolo Pissolatto e Rodrigo Brunetti, fará propostas de intervenção urbana na região do "El Tivoli", ponto privilegiado do centro histórico de Santiago. Para isso, durante sua estadia, o grupo recebeu total apoio da Universidad del Oriente e das professoras cubanas, arquitetas Flora Labrada e Noemi Rodriguez, além do conservador da cidade, arquiteto Omar Lopez, que ministraram, entre outros temas, aulas expositivas sobre a história da cidade, palestras sobre materiais de construção utilizados, e monitoraram constantes visitas ao local de intervenção. Além disso, propiciou-se o encontro com estudantes cubanos que relataram suas experiências discentes naquele país. O material obtido com a viagem (fotos, textos, slides, livros) já está disponível para consulta nos laboratórios da Faculdade (CAD e CAV), estando programado para o próximo mês de agosto a visita da professora arquiteta Flora Labrada para acompanhamento dos projetos.

O resultado final dos trabalhos com data prevista de apresentação em 22 de setembro, será exposto no Memorial da América Latina e, entre 6 e 8 do mês de outubro, no II Encontro ciudad, imagen y memoria en Santiago de Cuba, onde será examinada sua viabilidade de execução pelos órgãos competentes, junto com outros projetos similares realizados pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, CAD - FAUCCAMP.

## Especialização em urbanismo Raquel Rolnik posgradu@fau.puccamp.br

A Faupuccamp abre inscrições em junho para nova turma do Curso de Especialização em Urbanismo Moderno e Contemporâneo. Trata-se de um curso de qualificação profissional e de formação. Nesse sentido, visa possibilitar o aprofundamento nas questões da história do urbanismo moderno que, via de regra, o profissional arquiteto conhece de maneira superficial, bem como afeição a graduados de outras áreas afins, sociólogos, historiadores, comunicólogos, engenheiros, um quadro consistente sobre questões da cidade moderna, de seu urbanismo e dos projetos e intervenções contemporâneas. O curso trata com profundidade a História e Teoria do Urbanismo, introduzindo também o aluno na prática de pesquisa e reflexão.

O curso tem a duração de um ano e meio com três semestres letivos que, por sua vez, são subdivididos em dois bimestres cada. São oferecidas no total 12 disciplinas com 32 horas-aula cada uma (2 créditos), correspondendo a 360 horas-aula e 24 créditos. Cada disciplina é composta de 8 aulas, com 4 horas-aula cada uma, sendo oferecida durante dois meses, ou seja, durante um bimestre. O curso é oferecido no período diurno, um dia por semana, às segundas ou sextas, com uma disciplina no período matutino e outra no vespertino. Professores da Faupuccamp: Dênio Bepfatti; Ivone Salgado; Mário Henrique Simão D'Agostino; Margareth da Silva Pereira; Maria Lúcia Refinetti Martins; Raquel Rolnik; Ricardo Marques de Azevedo; Samuel Kruchin; Silvana Rubino. Professores convidados - curso 97/98: Carlos Roberto Monteiro de Andrade - EESC/USP; Heitor Frugoli - Sociologia FGV e Antropologia PUC SP; Janice Caliaffa - ECO/UFRJ; Luis César de Queiroz Ribeiro - IPPUR/UFRJ; Olgária Matus - FFLSH/USP. Informações: 019 754.7178



Fachada de edifício na região do "El Tivoli", Santiago de Cuba

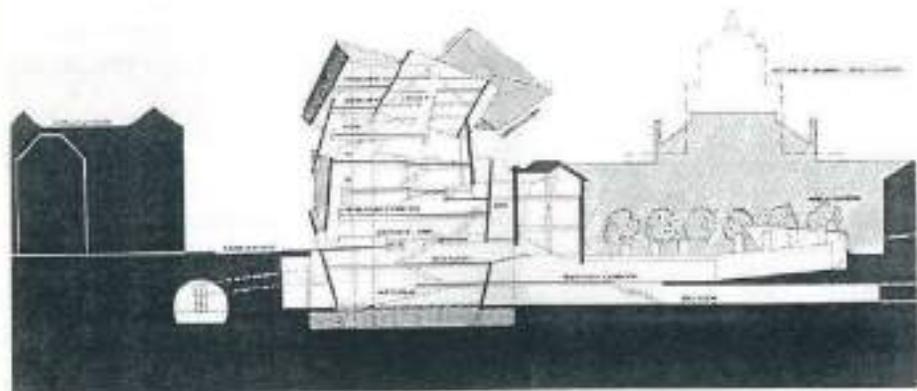
**URBANISMO  
MODERNO E  
CONTEMPORÂNEO**

**CURSO DE POS-GRADUAÇÃO**

FACULDADE DE ARQUITETURA  
E URBANISMO PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE CAMPINAS

INFORMAÇÕES:  
TEL.: (019) 22 809 8 777 e 778 FAX: (019) 41 8471

## Caos, música, computadores, arte e história: a espiral de Libeskind Christopher Whitehead



Corte de ampliação do museu Victoria e Albert em Londres, arquiteto Daniel Libeskind

Uma ampliação para o museu Victoria e Albert está planejada para seu último local disponível. A espiral do arquiteto alemão Daniel Libeskind constitui uma grande continuação e transformação de algo nascido no séc XIX, e dentro deste contexto, torna visível a função e o conteúdo do museu. Conceito direcionador na concepção formal, o movimento espiral da arte e da história e o princípio pelo qual o espectador, como um elemento transitório ativo, vaga através da arte e da história, apreendendo este conceito implícito na construção do edifício.

As percepções da história têm se modificado dramaticamente através do tempo. O friso pedimental do Museu Britânico do século XIX representa um progresso rígido e linear da civilização. Contudo, muitos museus históricos arquitetônicos são baseados em princípios lineares que têm suas raízes em tendências historiográficas passadas.

É importante ressaltar que até mesmo o *Museu em espiral do Desenvolvimento Ilimitado* de Le Corbusier (1931), expressou a ideia de uma objetivação infinita da história fundamentada em um plano linear. Na espiral de Libeskind o mecanismo de derivação é o mesmo, entretanto, o princípio linear foi substituído por noções de infinitude e imprevisibilidade, vindas da Teoria Contemporânea do Caos.

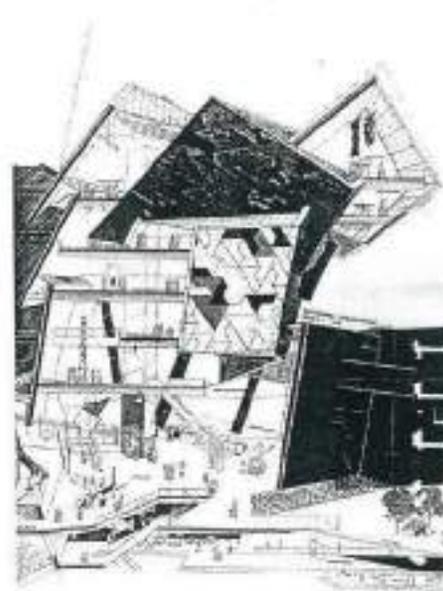
A noção do museu infinito tem sido acentuada nos últimos anos pela mídia dos computadores, que foi capaz de iniciar o relacionamento simbiótico e competitivo com os museus já existentes. A apresentação da história no espaço museológico tem sido comparada à textos, particularmente no último século. Hoje em dia, a tecnologia dos computadores intervém, de várias maneiras, entre o espaço e o texto. A infinita interação que tal tecnologia sugere, na qual o usuário está no centro, tem mostrado que –dentro de qualidades formais do novo edifício, tal como um terminal computadorizado– o museu deve propor uma infinidade de possibilidades tanto de uso como de experiência. O museu propriamente dito, com seus objetos, representa o mundo e a cultura exterior. Esta grande variedade de conhecimentos, pode ser proposta

através de qualidades cenográficas formais do museu arquitetônico. Contudo, quão infinito um museu pode ser, quando o espaço é limitado? Ele deve ser tão infinito quanto forem as experiências humanas, e tentar oferecê-las e promovê-las no espaço restante, clamando por uma "abertura ao invés de um fechamento":

"O seu último acorde (a mais ampla metáfora para a espiral), não finaliza a música do museu, mas sim a estende em direção ao desconhecido, à lutas horizontais, à mente do espaço."

(tradução Tatiana Alarcon)

Christopher Whitehead  
École Normale Supérieure de Pisa  
Piazza dei Cavalieri 7, 56100 Pisa fax: 0039 50 163513



Corte esquemático em perspectiva da ampliação do museu Victoria e Albert em Londres, arquiteto Daniel Libeskind

## Tiravanija no MOMA

Eduardo Aquino, Canadá

102661.2547@compuserve.com



Revisão histórica? Criticismo agudo e exagerado do Movimento Moderno? Ou somente uma paródia ou brincadeira irresponsável às custas de uma tradição da qual o arquiteto americano Philip Johnson é um dos representantes mais importantes?

Estas são uma das questões que surgem ao se visitar o pequeno pavilhão construído pelo artista tailandês Rirkrit Tiravanija no jardim de esculturas do Museu de Arte Moderna de Nova York.

Tiravanija referenciou este projeto na famosa casa de vidro que Johnson construiu na sua propriedade de New Canaan (Connecticut), em 1949. Nesta réplica as diferenças principais se constituem na escala da estrutura –que aqui foi reduzida consideravelmente para acomodar principalmente as crianças– mas também no uso de materiais. Sendo um dos ícones do Modernismo, a casa Johnson utilizou aço e vidro como materiais dominantes. No caso do pavilhão de Tiravanija o material principal utilizado foi madeira pintada, o que poderia ser interpretado como uma outra imagem de 'redução' às conquistas do *International Style*.

Quando se observa o progresso deste jovem artista, identificamos uma trajetória que nos faz distanciar a ironia inicial que o seu projeto sugere. Tiravanija tem criado durante a sua curta carreira artística instalações e performances com um caráter tipicamente participativo e simpático. Lembro-me que há uns dois anos visitei uma de suas 'exposições' na galeria 303 na mesma cidade, aonde, num quatinho de depósito atrás do espaço vazio da galeria, ele servia comida tailandesa com cerveja, numas mesinhas, como se fosse um bar de esquina. Mais tarde, na bienal do Whitney, ele construiu uma sala com material barato de construção, e dentro instalou instrumentos musicais utilizados na formação básica de uma banda de rock: guitarra, baixo e bateria, na qual, perante projeções de vídeo de movimentos político-sociais o visitante era convidado a tocar os instrumentos. Esta atitude que convida e atrai, que recebe e generosamente oferece, se distancia da rigidez que certas vertentes da arquitetura moderna colocou. O pavilhão criado por Tiravanija, que foi utilizado pelo museu como ponto de encontro de crianças e atelier de criação, se define pela própria ambiguidade visual, material e espacial, que se contradiz simultaneamente entre uma homenagem gentil e carinhosa ao Modernismo, e a análise rigorosa e meticulosa de uma tradição que requer uma revisão crítica constante. Ou como ele mesmo diz: 'uma necessidade de se começar de novo.'

Conversa com Vincent Scully  
Cristina Mehrrens, Estados Unidos  
mehrrens@umiami.ir.miami.edu

Descasando sobre uma das cadeiras fronteiras de um cinema transformado em sala de aula, um chapéu cinza e um sobretudo anunciam a silenciosa presença de um homem grisalho que se encaminha para a tribuna. Ao fundo, diligentes estudantes de arquitetura arranjaram diapositivos para uma audiência cativa composta de alunos do curso, pessoas da comunidade, professores, arquitetas, amigos e curiosos. Trata-se da última apresentação do curso de Vincent Scully, *Architecture: The Material and the Maximal. Style and Context*. Quem é este homem e a que ele faz na Universidade de Miami? Eu o entrevistei no último dia 17 de abril. Vincent Scully – professor em Yale há 50 anos, narrador de uma série sobre arquitetura para a tv e escritor – influenciou estudantes brilhantes como Robert Stern, Esther de Costa Meyer, Maya Lin, Cesar Pelli e Leon Krier. Devido a suas diversas atividades, Philip Johnson o descreveu como “o professor de arquitetura mais influente de todos os tempos”. Em suas aulas, observa Keith Thomas, “sentimo-nos em companhia de um guia maravilhoso, conhecedor e experiente, às vezes idiossincrático e opinioso, mas sem dúvida, sensível e iluminativo”. O grande êxito de Scully enquanto crítico e escritor reflete-se em sua profícuca produção de artigos e livros. Entre outros, Scully escreveu sobre F. L. Wright, L. Kahn, A. Rossi e M. Graves e apresentou livros influentes e representativos de diferentes correntes como *Writings* (1979) de Philip Johnson e *The New Urbanism: Toward an Architecture of Community* (1994) de Peter Katz. Nesta entrevista, Scully resumiu algumas ideias sobre a arquitetura americana atual. Segundo ele, presenciamos, nos últimos 30 anos, o renascimento do vernacular e das tradições clássicas da arquitetura seguido de sua incorporação ao curso da arquitetura moderna. O desenvolvimento mais recente desta tendência é o revival do planejamento e do urbanismo americano tradicional. Scully está em Miami devido a esta causa e a fim de juntar suas forças às de seus ex-alunos em Yale, Andres Duany e Elizabeth Plater-Zyberk, diretora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Miami. DPZ, como ambos são conhecidos, projetou Seaside – primeira comunidade construída sob os princípios do Novo Urbanismo – e desenvolveu os ideais do “classicismo moderno” na Escola de Arquitetura.<sup>1</sup> Neste processo, o papel da preservação histórica – vista não só enquanto instrumento informativo e educativo, mas também como um movimento arquitetônico significativo e participativo – tem sido fundamental. Scully revela que, nos EUA, a preservação histórica iniciada na década de 60, ganhou ímpeto em lugares como New Haven, Connecticut, através do trabalho de uma pessoa que não era arquiteta ou planejadora urbana mas dona de casa. Este movimento dedicou-se exaustivamente na manutenção do centro da cidade e seus bairros e, com o tempo, tornou-se mais forte. Hoje, o movimento é uma força política poderosa. Scully é Conselheiro do Instituto de Patrimônio Histórico Nacional nor-

te-americano. Neste momento, o movimento tenta salvar a cidade de Coral Gables da construção de um shopping center regional que causaria o entupimento do tráfego e tornaria o centro em cidade fantasma. Segundo ele, a preservação acompanhou, apoiou e participou dos fatos mais importantes ocorridos na arquitetura dos últimos 30 anos através da criação de um público que busca salvar as cidades e revitalizar seus centros. Scully indigna-se frente ao caráter invasivo do Estilo Internacional: “O modernismo destruiu a estrutura cultural do habitante urbano ao criar o conceito de *owner-garde*. Esta ideia, trágica e destrutiva, suspendeu centenas de anos de conhecimento sobre como viver em comunidades e ignorou o fato de que a arquitetura é uma atividade de desenvolvimentos e não de invenções. Arquitetos transformaram-se em heróis épicos que podiam dizer às pessoas como viver. Scully detesta o desejo abocadado de Le Corbusier em introduzir carros na cidade e culpa a arquitetura moderna e sua característica “heróica” pelo que aconteceu nos EUA: a destruição do centro urbano. Existiria a possibilidade de um meio caminho entre a busca do novo e adoração pelo progresso dos modernistas e esta corrente tradicional que leva em conta as lições do viver em comunidade vindas do passado? Estaria tal resposta no Novo Urbanismo? Scully acredita que sim. Longe de expressar nostalgia, este movimento busca um diálogo entre tradição e inovação ao propor o uso da arquitetura vernacular e do planejamento tradicional em soluções que revivam o centro da cidade. Entretanto, se o NU resultar apenas na criação de mais Seasides, isto seria triste. A dispersão urbana é hoje o problema crucial da arquitetura e urbanismo. Se o NU sobreviver será porque ele enfrentou este desafio e incorporou-se à solução deste problema. Neste sentido, existe alguma esperança pois os mesmos princípios básicos que permitiram o trabalho de DPZ estão presentes em obras como a Livraria Harold T. Washington, Chicago; a comunidade neo-Georgiana em New Albany, Ohio; a cidade perto de Orlando planejada pela Walt Disney Company; e Patemoster Square, o conjunto comercial londrino próximo à Catedral de St. Paul.<sup>2</sup> Enfim, Scully reivindica para os subúrbios e cidades americanas uma arquitetura mais humana que retorne às tradições clássicas e vernaculares para os subúrbios e cidades americanas. Uma solução que busca restaurar o tecido urbano que sustenta comunidade. A última imagem no seminário de Scully é poética e impressiva: a outra de dois skylines produzidos pelo homem confrontam o mar, um em New York City e outro em Seaside. Professor inspirador, Scully focaliza, sob novas lentes, as atitudes humanas em relação à natureza e provoca uma impressão indelével em qualquer pessoa que se interesse por arquitetura.

1. Duas universidades têm hoje programas de arquitetura que ensinam classicismo: Notre Dame e a University of Miami.  
2. Rybczynski, Witold. “The New House” in *The New York Review*, 10 mai 92.

Encontro de regional de arte: os museus se integrando na cidade  
M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org



Fachada do Museu Baines em Montevideo, Uruguai

Os vínculos unilaterais que territórios coloniais mantiveram com as metrópoles persistem nas geografias latino-americanas; o desconhecimento mútuo de nossos produtos culturais constitui uma realidade endêmica. Neste sentido, o Encontro Regional de Arte – levado a cabo em 1996 em Montevideo e organizado pelo *Museu Baines* – integra a corrente de esforços que procuram se opor a esta situação. Artistas e teóricos da região sul foram convocados para realizar exposições a partir de um colóquio para troca de ideias e aprofundamento na reflexão. A pauta propunha trabalhar em torno da experiência do deslocamento e da justaposição cultural: exílios e outras situações fronteiriças próprias de nossa época.<sup>1</sup>

A concepção do encontro propôs procurar a participação de outros museus localizados na região, de cujos espaços e significados os artistas se apropriaram. Dessa maneira, o *Museu e Jardim Botânico*, teve uma intervenção – pela primeira vez – nos herbários de botânicos célebres e em seus critérios taxonômicos; o *Museu Antropológico*, foi abordado por instalações, algumas relacionadas com a metáfora do corpo e outras com uma crítica à etnografia, desde o ponto de observação da arte atual. Por sua vez, o espaço do *Museu Baines* foi respeitado e valorizado em seus códigos patrimoniais. Finalmente, a localização periférica destes museus – para uma *cultura* de cidade que privilegia desde o começo do século outras zonas de seu território – teve “repercussões urbanas”. O *Arco del Prado*, uma área de transcendência histórica e ambiental para a cidade por constituir o parque mais primitivo do acervo verde de Montevideo, ao ser interpellado a partir de diferentes ângulos, provocou uma inédita “mobilização cidadã”, que permitiu exibir as potencialidades estratégicas de uma das centralidades que o Plano de Montevideo, hoje em elaboração, se propõe recuperar e afirmar.

[Tradução Diego Wórniesky]

1. Organizado pelo Departamento de Cultura do Intendente Municipal de Montevideo, desde o Museu Municipal de Artes. *Artes* Ann. Montevideo, 25, ano 27 de Setembro de 1996. Artistas convidados: Fernando Botero (Colômbia-Peru), Ana Kim e Paulo Klenzhausen (Brasil, São Paulo), Nury Gerezzi e Rosa Velasco (Chile) e Divadlo Salerno (Paraguai, Nelson Romero, René García, Fernando Polino e Espardo Cardozo (Uruguai). Analistas: Aracy Amaral, Luis di Amador e Ivó Nozaria (Brasil), Tolo Dobos (Paraguai), Pedro Melado (Chile), Gustavo Burtini (Argentina-Peru), Aida Haber, Wilson & Naggo, Alfredo Torres (Uruguai). Coordenação do ERA 96: Gabriel Peñalba, Diretor do Museu Baines.

## Novo arquiteto, nova Academia

Marcos Tognon, Itália  
tognon@sabsns.sns.it



Foto de Villa Argentina, antigo complexo do século XVIII, que está sendo restaurado para hospedar a sede da nova academia de arquitetura em Mendriolo, Sulgo

### Uma emergente instituição superior de arquitetura

"O que se entende por academia? Aquela da retórica e do aulicismo? Aquela, de lecorbusiana memória, que dizia não à tabula rasa do Plan Voiron? Ou aquela mais recente, que propõe o retorno à cidade tradicional, como resposta à complexidade sempre maior da cidade de hoje? É obviamente fácil dizer que a Academia de Arquitetura da Universidade da Suíça italiana não quer ser nem um e nem outro entre estes tipos de escola. Mas difícil é isso que será, sobretudo porque os trabalhos começaram há pouco tempo."

Logo será concluído o primeiro semestre dessa Academia de Arquitetura, uma experiência que germinou em 1993, sobretudo com a iniciativa e o estímulo de um dos mais destacados arquitetos da Suíça italiana, Mario Botta, e que conta com a participação de ilustres professores, entre os quais Francesco Dal Co, Leonardo Benevolo, Sergio Azzurro, Albert Jacquard e Vittorio Savio. Analisando o *curriculum* preparado para os 3 ciclos de estudo, da graduação até o doutorado, as estruturas pedagógicas e de pesquisa, e, principalmente, os "manifestos", isto é, textos que justificam as diversas imposições, é possível arriscar algumas definições para esta nova Academia. Devemos recorrer ao próprio termo "academia", assim, em duas evidentes acepções: um contexto no qual se cultua a formação humanística, complexa, entrecruzada de valores históricos, técnicos e de competência especializada, e, segundo, uma entidade, uma instituição, com responsabilidades situadas em um âmbito público, dentro de uma perspectiva social, e, para esta, fornecendo um agente, um operador, o novo arquiteto.

O núcleo deste contexto acadêmico é formado por três distintos departamentos, aquele central, o Departamento de Projeto, e os outros dois de competência específicas, o Departamento de História e Cultura e o Departamento de Ciência e Técnica. Entre esses dois últimos, são distribuídos cursos que partem da história da arte e arquitetura, da história do território, do restauro, da filosofia, até a matemática, a informática e a ecologia; uma formação humanística e técnica que pode ser expandida para saberes especiais, previstos nos cursos facultativos como botânica, energias alternativas, infraestrutura do território, ou mesmo história da literatura, da música, do cinema e do teatro, todas

concorrendo para formar o novo arquiteto. Ainda sobre o central Departamento de Projeto, encontramos uma divisão entre dois tipos de ateliers: naqueles denominados "ateliers horizontais" o objetivo é favorecer exercícios que compreendam as matérias contemporâneas dos outros departamentos em termos projetuais, sempre apoiados pelo ensino gradual de técnicas de expressão e controle da substância visiva, como o desenho técnico, as maquetes, a fotografia ou meios informatizados; nos "ateliers verticais" encontraremos como tema, sempre, um projeto que realize a síntese progressiva dos conhecimentos em jogo, da escala edilícia às operações territoriais.

"A concepção de três áreas de estudo responde também à necessidade de afrontar os múltiplos componentes da matéria arquitetônica em maneira interdisciplinar. Os departamentos, e os relativos programas de ensino se entrecruzam ao longo de todo o arco dos estudos, completando-se em função das solicitações, das motivações ao projetar, como também nas escolhas culturais elaboradas no interior de cada atelier. Se prevê, assim, uma atividade transdisciplinar que possa enriquecer as escolhas projetuais."

Uma biblioteca-medioteca especializada, um centro de documentação, definido como arquivo, que tutela registros documentais e iconográficos de artistas e arquitetos, e um centro de comunicação, promotor de atividades culturais e contatos completam a estrutura interna da Academia. E, com vários acordos entre a nova sede em Mendriolo e instituições suíças e italianas, como o potente Politécnico federal de Zurique ou o apurado Centro de Estudos Andrea Palladio de Vicenza, garantem uma colaboração binacional, melhor, internacional que garante a abertura cultural da nova Academia.

Como fundo comum, um sério profissionalismo caracteriza esta iniciativa, expresso assim por Mario Botta em seu manifesto de fundação:

"O arquiteto está se transformando, de um operador edilício para um operador territorial, investido com uma série de responsabilidades, e, de consequências técnicas territoriais, energéticas e ecológicas sempre mais vastas. O arquiteto está se transformando, de um operador criativo para *manager*; a sua função tende, cada vez mais, a ser aquela de coordenador de numerosas componentes técnicas que entram na profissão."

#### Notas

- 1 "Perfil", texto de apresentação na página Web da Academia di Architettura.
- 2 "Os departamentos", página Web da Academia di Architettura.
- 3 Mario Botta, "L'Accademia di Architettura a Mendriolo", página Web da Academia di Architettura.

#### Accademia di Architettura

Villa Argentina  
Largo Bernasconi 2  
6600 Mendriolo Sulgo  
Tel +41 81 640 49 49  
Fax +41 81 640 49 48  
<http://www.sabsns.ch/mendriolo/accademia/ital/pt.htm>

## Acontece

Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos culturais

MAQUETAS DE LA VILLETTE  
**AXONOMETRIE**  
JEAN AUBERT



Caixa do livro: 178 pag., 32 x 24 cm, 270 FF e R\$ 40,10.  
Edições de La Villette - 341  
avenue de Fondre - 75019  
Paris.

### Edições de La Villette

A editora da École d'Architecture de Paris La Villette publica *Axonometrie* de Jean Aubert. Interessante histórico da axonometria, rico de referências bibliográficas. Fartamente ilustrado. [Paulo Dizioli]

### Direitos Humanos no limiar do século XX

O prof. da Faupuccamp Mário Henrique Simões d'Agostino (Maicuc) participou da mesa-redonda *O trabalho e seus direitos: silêncios e palavras*, uma das atividades do evento comemorativo dos 50 anos de Maria Paula, famoso edifício da USP.

### Concurso Internacional em Buenos Aires

Eduardo Costantini construiu museu para abrigar sua coleção de arte moderna e contemporânea latinoamericana. A competição faz parte do VII Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires. O júri contará com M. Botta, K. Frampton, N. Foster e E. Miralles. Info: Concurso Museo Costantini, Madero 900, piso 28, 1300 B. Aires, fon 54 1 318.8000, fax 54 1 318.8001.

### Concurso Instituto de Estudos Avançados

Serão abertas ainda neste semestre as inscrições para o concurso de anteprojeto de arquitetura da sede do IEA-USP. O vencedor desenvolverá projeto completo, incluindo arquitetura, instalações elétricas e hidráulicas e ar condicionado.

### Sai primeiro resultado do concurso para MoMA

Equipes selecionadas para a 2ª fase do concurso de ampliação do museu novaiorquino: Herzog e De Meuron (Suíça), Y. Taniguchi (Japão) e B. Tschumi (EUA). Entrega final em dez/97.

### Arte Cidade - Intervenções urbanas

Exposição com obras anteriores e estudos para o *Arte/Cidade III* e *Brasmitte* [SP/Berlim]. De 3ª a dom, das 10h às 21h, de 22 mai a 15 jun. Sesc Pompéia, r. Clélia 93, fon 011 871.7700.

### Prêmio Pritzker na Internet

Site com informações detalhadas sobre todos os ganhadores, notícias sobre o último prêmio, etc. <http://www.pritzkerprize.com/pritzker.htm#top> [Ruth Verde Zein]

### Errata

O email do L'Habitat é [lhabitat@fau.puccamp.br](mailto:lhabitat@fau.puccamp.br)



## "Projetos de Apartamento" em Montreal

Eduardo Aquino, Canadá  
102661.2547@compuserve.com



Betty Goodwin, "Projeto de apartamento", rua Mentana, Montreal, anos setenta. Para conhecer melhor: <http://globe.com/ozce/en/1-2005/assim/04.html>

O êxodo anglofone para Toronto nos anos 70 provocou um sério esvaziamento da população de Montreal, causado pelas diferenças políticas e linguísticas entre os canadenses de língua inglesa e os de língua francesa. Desde então a oferta de imóveis tem sido consideravelmente maior que a procura, fazendo do custo de vida de Montreal um dos mais baixos entre as metrópoles do mundo ocidental. A cidade ainda não chegou ao ponto do abandono radical que se observou no núcleo urbano de Detroit durante a crise do petróleo, mas a ocupação irregular e frágil que se sucede até hoje é claramente sentida quando se anda pela cidade. Os primeiros grupos a tomar vantagem desta situação foram exatamente arquitetos e artistas. Concomitantemente com a ocupação de espaços industriais do Soho em Manhattan por galerias de arte, uma tradição local se iniciou como alternativa não só à circulação de obras de arte, mas também como uma nova prática artística, o que depois viria a se conhecer comumente como "projetos de apartamento". Tais iniciativas consistem em ocupar um apartamento vazio com uma situação diferente do seu uso original, como local de exposição ou simples alteração física do espaço, designando, neste caso, um projeto de caráter autônomo. Tal prática reconstrói um espaço doméstico em sítio de transformação cultural, só possível devido à tal situação político-econômica dos últimos vinte anos, e também à tática cultural do governo, que sempre patrocinou tais empreendimentos independentes. Em paralelo ao surgimento desta prática, vemos o importante desenvolvimento dos *artist-run centers* (cooperativas de artistas), uma das grandes tradições da produção contemporânea no Canadá, que no seu início representou as tendências mais radicais de vanguarda.



Robert McNealy, "Paintings/Writing in Hallway", 1997



Suzanne Barley, "Photos", 1994

Esta atitude propõe uma questão ligada diretamente à arquitetura de tais espaços: muitos deles unidades familiares para a classe trabalhadora construídas na passagem do século, influenciadas pelo modelo serial inglês. Aqui, a relação entre a obra de arte e o espaço de interação é essencialmente distinta do espaço clássico e neutro da galeria de arte, pois o artista o ocupa à partir de uma história remanescente, utilizando-se das marcas e alterações deixadas pelos ocupantes antecedentes, indicando uma narrativa particular do lugar e

desencadeando uma estratégia de operação subjetiva que depois veio a ser conhecida como "site-specific". Neste caso, o artista é obrigado a redefinir a obra em total harmonia com tais vestígios, texturas, cheiros, luz existente, acabamentos, a rua, etc., evitando o isolamento natural do objeto observado em espaços de galeria. Um dos projetos clássicos e originários desta tradição é a alteração que os artistas Betty Goodwin e Marcel Lemyre realizaram num apartamento da rua Mentana no final dos anos setenta. Nele, durante os dois anos em que alugaram o apartamento exclusivamente para a realização do projeto, os artistas criaram dois espaços independentes, marcando-os com um caráter bem individual. Goodwin transformou um cômodo ao fundo removendo o papel de parede, substituindo-o com uma textura própria: um gesto constante de traços a lápis. Então, como num movimento violento, seccionou um terço da porta do closet criando um corredor estreito, conectando assim com a parte frontal do apartamento. Neste espaço construiu um pequeno cômodo dentro do cômodo existente, acabando-o com cal, sugerindo um espaço de meditação sagrado e singelo.



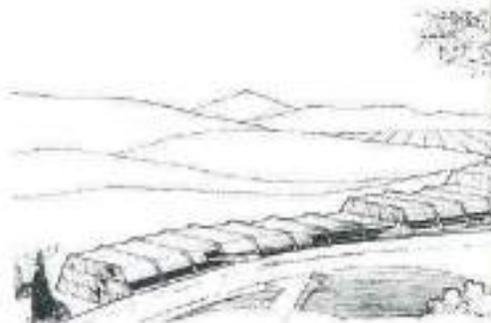
Susan Day, "Hotel Painted Tiles", 1998



Vida Simon, "Sleep Patterns/Wall Drawing", 1995

Lemyre, por sua vez, adicionou uma janela extra numa das salas remanescentes, espelhando assim a janela existente. Inseriu também um *tromp l'oeil* na porta do armário, imitando e continuando a textura kitsch do papel de parede original. É de se remarcar também o ativismo de Lani Maestró e Stephen Horne com a sua Gallery Buming (Galeria Queimando). Em uma série de projetos realizados a partir de 1991, eles ocuparam temporariamente vários sítios industriais, comerciais e residenciais, mostrando na sua maioria o trabalho de artistas não estabelecidos. Mais recentemente Vida Simon e Jack Stanley modificaram uma pequena sala abaixo da escada de acesso ao segundo andar, onde operam uma galeria de arte. Hoje, a cada ano, existem dezenas de "projetos de apartamento" espalhados pela cidade, desafiando assim o conforto e controle que o circuito das galerias de arte comerciais ou museus um dia impuseram como norma de circulação da produção artística. Tais "projetos de apartamento" reconhecem e valorizam o comportamento físico e a observação aguda como resposta perceptiva à experiência dos espaços cotidianos (que às vezes passam despercebidos), determinando um estado que Bachelard definiu como "paranormal". Como se uma luz que toca o muro, a textura abrasiva de um chão ou o vento que desliza pela fresta da janela fossem gestos únicos de uma benção inesperada, de uma intimidade infinta com a história invisível de tais espaços-comuns.

## Desacordo rodoviário Vittorio Corinaldi, Israel



A polêmica entre desenvolvimento e conservação é quase uma constante em todos os ambientes executivos e culturais, não importa em que parte do mundo.

Israel não se furta a esse fenômeno, e o grande surto de construção e desenvolvimento que o país vem atravessando e que bem se situa nas tendências mundiais de uma economia aparentemente liberal, dá lugar a uma séria preocupação quanto ao futuro ambiental deste país.

Geograficamente, Israel pode ser descrita de forma genérica como uma estreita faixa de território entre o mediterrâneo e o rio Jordão, que corre de norte a sul numa depressão mais ou menos paralela à costa.

A maior parte da população está concentrada no trecho central desta faixa, com uma densidade que já hoje ultrapassa os 600 habitantes por km quadrado. Tel Aviv - principal foco da vida econômica no país - está localizada no meio desta formação basicamente linear, atraindo para si uma massa de tráfego permanente, que já se tornou insustentável tanto na rede de estradas interurbanas como na malha viária da cidade.

Embora a estrutura técnica das estradas seja objeto de contínuos melhoramentos, o fato é que ela não consegue acompanhar o ritmo de crescimento do número de veículos.

As demais cidades igualmente sujeitas a esse "boom" construtivo, também já sofrem de sua característica da urbanização moderna, e seu crescimento - em velocidade e proporções - põe em risco as últimas reservas de solo e seus valores naturais, ameaçando transformar a faixa costeira e sua ramificação para leste numa única conurbação congestionada.

O país é servido hoje por duas principais autoestradas norte-sul, das quais alguns eixos leste-oeste naturalmente muito mais curtos e dirigidos a núcleos específicos. Ambas estas estradas são "estranguladas" pela concentração metropolitana de Tel Aviv.

Assim o plano nacional elaborado com vistas ao começo do século XXI prevê a construção (já iniciada) de mais uma grande rodovia, que deverá correr paralela às outras duas, sobre um trajeto que acompanha grosso-modo a fronteira do controvertido estado palestino, passando ao largo da grande aglomeração do centro do país.

Trata-se de uma obra de grande envergadura - tanto do ponto de vista dos recursos investidos quan-

## Dos sólidos platônicos aos fractais

Michea Simona, Suíça

msimona@arch.usi.ti-edu.ch



Kiyuzi Namara. Desenho publicado na revista *Okulum* 718, em artigo de Vittorio Corinati. "Kiyuzi - este é de fato 'quasi-umbral'".



1. Fractal "Conjunto de Julia"; 2. Dodecaedro estrelado; 3. Fractal "Curva de Peano"

to sob o aspecto tecnológico. E como não podia deixar de ser, ela provoca uma polémica viva no público israelense: os setores executivos e os políticos (que não raramente representam apenas os interesses daqueles) pressionam fortemente para uma conclusão quanto mais rápida da obra, pouco sensíveis às advertências e protestos de setores ligados ao meio ambiente e à pesquisa histórico-arqueológica – ambos fatores ativamente envolvidos na discussão, devido à inevitável intervenção panorâmica e ecológica incluída na construção, e à existência de numerosos restos históricos ao longo do eixo projetado, que corresponde a uma das concentrações humanas do período Bíblico e pós-Bíblico.

A construção da estrada, se desligada de um planejamento inter-disciplinar apropriado, poderá se transformar rapidamente em mais um foco de congestionamento, poluição e especulação de amargas consequências. As verbas consideráveis requeridas para a construção e para processos anexos (como desapropriações, saneamento, soluções técnicas laterais, equipamentos modernos de engenharia de tráfego, paisagismo, etc.) são alvo de crítica em círculos diversos, que consideram a despesa desnecessária e nociva, e preferiam vê-la aplicada, por exemplo, em uma ampla e moderna rede ferroviária ambiental – muito mais respeitosa à qualidade ambiental e bem mais eficiente do que a desenfreada proliferação de automóveis e caminhões. E de fato, as ferrovias se encontram em atraso e atraso no desenvolvimento das infra-estruturas do país, e poderiam trazer uma solução fácil e uma melhora sensível ao problema do transporte de massa. E independente da conclusão total ou parcial da rodovia, numa perspectiva definida não se poderá prescindir do fator estrada de ferro em sua versão atualizada.

É de esperar que ao redor da citada polémica possa surgir uma marcada consciência de planejamento, e que – quase no limite da capacidade física do território – ainda se consiga orientar sua configuração para um ambiente de autêntica qualidade humana: a alta densidade populacional já é um fato. Cabe agora aos homens dirigir as tendências físicas e políticas para uma realidade de harmonia e de equilíbrio. Para isto se exige uma atmosfera de tolerância e bom-senso, que sempre foram características da Israel verdadeira, e que hoje se vêm sacrificadas por uma liderança pouco condizente com sua vocação pacífica.

A Universidade da Suíça Italiana nasceu recentemente, em outubro de 1996, e é composta hoje por três faculdades: Economia, Ciências da Comunicação e a Arquitetura. O nascimento de uma faculdade propõe justamente a reflexão sobre as escolhas didáticas, "construindo do zero" um curso universitário inteiro. Diante da necessidade de escolher um curriculum de estudos matemáticos para os arquitetos, surgiu uma oportunidade que nos levou a considerar diversas hipóteses de trabalho, entre as quais imitar os cursos institucionais de matemática para estudantes de arquitetura das outras universidades suíças, onde a matemática tem, infelizmente, a função preponderante de desestimular os estudantes de arquitetura, não suficientemente preparados ou motivados. Os conteúdos desses cursos são completamente vazios de significado, pois são úteis somente à formação de um matemático e não de um arquiteto; em nossa Academia de Arquitetura<sup>1</sup> foi descartada essa estrada: ali, escolheu-se um ensinamento mais relacionado às temáticas interdisciplinares e isso só é fácil quando é dada uma carta branca para as escolhas didáticas.

Assim nasceu o curso "Dos sólidos platônicos aos fractais"<sup>2</sup>, um curso que apresenta a matemática não como conjunto de conhecimentos aplicáveis mais ou menos mecanicamente, mas como uma aventura cultural e intelectual, como uma parte integrante específica da nossa cultura. Os argumentos são apresentados a partir da história, mostrando o desenvolvimento no tempo dos conceitos básicos da matemática até os nossos dias. Junto com os argumentos tradicionais, procuramos apresentar também aspectos novos da matemática, sem todavia ter a possibilidade de desenvolver sistematicamente os instrumentos necessários, fornecendo sobretudo os conhecimentos científicos essenciais que permitem aos estudantes compreender os problemas atuais da matemática. Geralmente o ensino tradicional aos matemáticos pressupõe muitíssimos conhecimentos, prosseguindo sempre com uma base muito ampla, algo que conduz, às vezes, a perder de vista o essencial. Nos surpreendeu, entretanto, constatar que é possível discursar sobre as descobertas matemáticas fundamentais sem entrar demasiadamente na linguagem técnica.

E, assim, não exitamos em introduzir aos futuros arquitetos da Academia alguns argumentos avançados de matemática, algumas partes fundamen-

tais do desenvolvimento de um pensamento matemático que sempre procura exprimir "formas" novas, relacionadas à necessidade de ampliar continuamente os modelos atuais. E, mesmo a escolha em apresentar a atual situação da pesquisa matemática foi estimulante para quem, como um arquiteto, deve se confrontar com a atualidade dos modelos e das formas de expressão.

Naturalmente não se pode fazer matemática sem fórmulas, como não se pode fazer música sem notas. Para transmitir a matemática é, ainda sim, possível reduzir o formalismo em um mínimo essencial. Logo, é necessário um grande esforço para construir um discurso rigoroso, desenvolvendo uma linguagem nas suas linhas essenciais. Concluindo, é necessário prescindir-se do formalismo e evidenciar o aspecto estético das diversas formas: existe um aspecto ligado aos objetos que a matemática estuda, os objetos clássicos da geometria, as formas podem ser criadas matematicamente, mas, existe também, uma "beleza" da matemática relacionada à lógica, ao raciocínio matemático, algo que não é quase nunca autônomo do formalismo. Assim, a beleza da matemática se encontra também quando teoremas importantes podem ser demonstrados com simplicidade e quando se descobre que diversas partes da matemática são vinculadas de um modo inesperado. Por exemplo, a teoria de Galois, que inicialmente era ligada à solução das equações, encontrou mais tarde aplicação no estudo e na classificação dos cristais, passando para a teoria dos grupos, e, sucessivamente, para a física das partículas elementares. É importante sublinhar esses aspectos para ter uma visão de conjunto e relacionada à evolução do pensamento em todas as suas formas. Nesse sentido, a relação estreita entre pensamento matemático e pensamento artístico-estético se completa. [tradução: Marcos Tagnan]

1. Academia di Architettura, Villa Argeria, Largo Bernasconi 2, 6850 Mendrisio (Suíça, tel: +41 91 8404848, fax: +41 91 8404888, <http://www.bocallati.ch/ri/en/01/castaceni/01/01/01.htm>)

2. O curso "Dos sólidos platônicos aos fractais" na Academia de Arquitetura, Mendrisio (Suíça) é promovido pelo prof. Sergio Alberici, prêmio Max Planck, e também diretor da Cátedra de Probabilidade e Teoria da Universidade de Ruhr, e diretor do Centro de Pesquisa sobre Fractais Específicos na Universidade de Bielefeld e Saarbrun, ambas na Alemanha.

**Velhos arquitetos, novas publicações e a cidade presente**  
Marcos Tognon  
tognon@sabsns.sns.it

Por quê, meu caro leitor, nós conhecemos pouco a arquitetura italiana? Por quê quando enfrentamos o "problema cidade", engajados em um projeto urbanístico ou em uma análise histórico-crítica, não pegamos um manual, um autor italiano? Salvo a exceção do fenômeno Aldo Rossi, e de discretos fiéis de Paolo Sica, a biblioteca do arquiteto, pelo menos brasileiro, conserva poucos volumes, temáticos ou de autores, italianos. E, no entanto, quantos de nós não foram iniciados à História da Arquitetura e do Urbanismo modernos pelas tantas páginas de Zevi, Benevolo e Argan?

Imediatamente, e sem grandes constrangimentos, podemos responder àquelas perguntas iniciais: nos falta um contato direto com textos e imagens que não foram eleitos por aquela triade quase oficial, que sempre lamentou a história moderna da arquitetura italiana como desventurada, martirizada, quase inexistente. Hoje, boas publicações nos chegam da Itália e podem nos estimular a uma reflexão mais aberta frente os problemas que o arquiteto sério deve enfrentar a cada estudo projetual. É também uma ocasião especial para conhecer o que é "moderno" na Itália e o que os nossos Senhores Zevi, Benevolo e Argan não nos contaram. Sob os cuidados de Guido Zucconi, encontramos o volume "Dal capitello alla città", com uma introdução do curador, uma antologia de textos, e um elenco bibliográfico de Gustavo Giovannoni (1873-1947). Giovannoni é uma das figuras centrais da arquitetura italiana deste século: vamos procurar conhecer a história do primeiro curso regular superior de arquitetura e encontraremos Giovannoni; passamos a especular os textos de "Urbanística" e lá está a antologia "Vecchie città ed edilizia nuova", assinada por ele em 1931; vamos então ao texto da Carta de Restauro de Atenas, de 1931, o primeiro documento "moderno" que objetiva criar uma política internacional de restauro e da preservação dos bens culturais e, entre os dez pontos, o texto decaia princípios, idéias de Giovannoni. São afirmações de Zucconi justificadas, muito bem, em sua introdução e nos textos escolhidos. "Ambiente", "condições de harmonia dos monumentos", "zona de respeito", "tradições locais", "procedimento criativo", são alguns dos léxicos que o leitor encontrará nesse volume, reclamando preocupações sobre as intervenções modernas nas cidades antigas, sobre o "estilo" da arquitetura, sobre o papel do arquiteto. Giovannoni é um grande professor que exercita sobretudo a sua "atitude" didática e formadora nos textos: ao lê-los, nos sentimos seus alunos-arquitetos, nos sentimos tuteladores de um patrimônio que não somente responde às exigências dos nossos estudos ou preferências, mas a uma função pública, cívica, cultural na intrincada Urbe.

Guido Zucconi, *Dal capitello alla città*, introdução e seleção da antologia de Guido Zucconi. BMGrafia de G. Giovannoni organizada por Giuseppe Bonaccorso. Milão, Sica Edit, 1997. ISBN: 98-16-4045-3. Preço: 22.000 Liras (R\$ 20,00). De Ilvo Zucconi ver Daniele Calabi, *Variações de um espaço inventivo*, revista *Árquitetura* 516

**História de Campinas em livro de Amaral Lapa**  
Áurea Pereira da Silva  
Conselho editorial



Depois de A cidade: os castelos e os átrios, de José Roberto de Amaral Lapa, Edição do prof Luciano Guilberto, Travessa 1, 274, 9º andar, Ed. da Antiga Restora, Faculdade Universitária, 05509-900 São Paulo SP, Tel: 011 211 4958-100 011 913 8827 e 202.

Era esperado o livro sobre Campinas do prof Amaral Lapa. Sua persistente afeição à cidade levou-o a idealizar o Centro de Memória da Unicamp, que guarda um admirável acervo de documentos e livros sobre a história local. O autor, vasculhando esses arquivos, compilando documentos conservados em diversas bibliotecas e trabalhando com a bibliografia tradicional e os recentes textos universitários reconstitui a vida da cidade na 2ª metade do séc XIX. Confrontam-se duas Campinas: a tradicional erguida em taipas, malcheirosa, de ruas descuidadas, provinciana nos gestos e na ação que cederá o passo à cidade de tijolos, da estrada de ferro, dos melhoramentos urbanos e tecnológicos marcados por novos padrões de urbanidade.

Este livro tem, por assim dizer, alguma ressonância da "nouvelle histoire", abrindo-se às novas temáticas, buscando reconstituir os hábitos, os costumes, os espaços, os rituais e os fragmentos da vida material e espiritual da cidade. O autor articula estes "flashs" do cotidiano dentro de um quadro geral, cujo recorte passa pelas estruturas da sociedade, da economia e do poder do Estado. No capítulo "Um passeio pelo perímetro" somos convidados a entrar na intimidade dos espaços urbanos, fazendo itinerários, analisando os Códigos de Posturas e as intervenções do poder público na vida da cidade. Infelizmente, neste ponto o leitor recente da ausência de plantas antigas capazes de restaurar a memória dos espaços urbanos em suas sucessivas fases.

Os surtos pestilentos e a devastadora ação da febre amarela recebem quatro capítulos. O autor destaca o papel da legislação sanitária que disciplina desde a higiene pessoal até as grandes intervenções urbanas, orquestradas pelo poder público, no sentido de restaurar a saúde da cidade e de seus habitantes.

O adensamento populacional, o requinte da sociedade, a presença de uma elite intelectual ativa e de uma comunidade estrangeira organizada conduziram a um amplo movimento cultural e educacional sem paralelo. Impressiona o número de escolas, sociedades recreativas, culturais e filantrópicas listadas pelo autor.

Estão presentes ainda os registros de outros temas envolvendo a vida da cidade e de seus habitantes. Uma vasta bibliografia, que contém fontes primárias (manuscritas e impressas), artigos, livros, textos universitários e projetos em andamento, completa esta importante obra colocada à disposição dos cultuadores da História campineira.

**Acontece**  
Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

**Jordi Borja na Faupuccamp**  
Ex-vice-prefeito de Barcelona, coordenador do Plano Estratégico e Gestão metropolitana da capital da Catalunha, o urbanista espanhol Jordi Borja proferirá a palestra "A renovação urbana de Barcelona", no dia 08 de agosto, na Faupuccamp.

**Concurso para bolsa de estudos na Suíça**  
A Faupuccamp estará selecionando um aluno para concorrer a uma bolsa de estudos para a Academia de Arquitetura de Mendrisio, na Suíça italiana, que tem entre seus professores Mario Botta e Leonardo Benevolo. A bolsa é de 16 mil dólares e corresponde a um ano de estudos. Inscrições até 08 de agosto. Info: PA, com Joana e Deborah.

**3ª Bienal Internacional de Arquitetura**  
Organizada pelo IAB e pela Fundação Bienal de SP, acontece de 9 a 30 nov 97. Inscrições de arquitetos e escolas até 20 ago. Fqde. Ibirapuera, Port 3, Pav. Cícilio Matarazzo, 04088-900 São Paulo, fon 574.5922, fax 549.0230. [bio@arquitectura.com.br](mailto:bio@arquitectura.com.br) <http://www.arquitectura.com.br/bio/index.html>

**VII Seminário de Arquitetura Latinoamericana**  
Com o tema *Cidade latinoamericana*, realiza-se em Lima, Peru, no mês de setembro, o 7º SAL. Info: A/C Pedro Belaunde, Avda. José Pardo 557 of. 1002. Miraflores, Lima 18, Peru. Fon/fax 51 1 4474555.

**Concurso Internacional de idéias**  
A revista 2G patrocina concurso para a sede da Fundação Mies van der Rohe em Barcelona. Ins. até 31 out. Info: Ed. Gustavo Gili, Roselló 87-89, 08029 Barcelona Espanha. Fon 343 430.5435; fax 343 430.4853; [2Gcompetition@seker.es](mailto:2Gcompetition@seker.es)

**Seminário em Buenos Aires**  
Com o tema "Preservação do patrimônio de la arquitectura industrial", organizado pela CONICET-Aguas Argentinas. 29 e 30 set. Inscrição limitada e gratuita. Fax 54 1 379.0105 [Ramón Gutiérrez]

**Editora da Unicamp lança livro**  
"A construção de um sonho. Os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil" de Marisa Varanda T. Carpintero. Info: Editora Unicamp, fon 019 788.2170 / 788.2173

**IPHAN lança título sobre museografia**  
O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional acaba de editar "Museografia - A linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural". Info: Palácio Capanema, Rua da Imprensa 16, 8º andar, 20093 Rio de Janeiro RJ

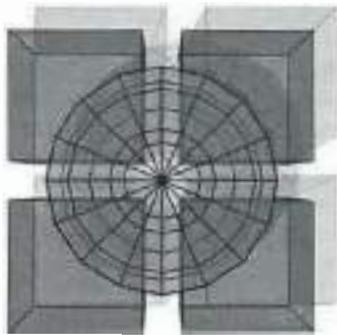
**Nova livreria de Vicente Wissenbach**  
Surge em São Paulo a mais nova livreria especializada em arquitetura e urbanismo, a PróLivros. De 2ª a 6ª, das 9 às 19h. R. Luminárias 94, Sumarézinho, 05439-000 São Paulo SP, fon 011 864.7477, fax 011 871.3013

setembro 1997  
número especial  
ano 2  
edição meses letivos

## Informática: novos horizontes da arquitetura

Sidney Tamai e Octavio Lacombe

sem3@zeus.puccamp.br



O III Seminário Nacional de Informática Aplicada ao Ensino da Arquitetura será a oportunidade de discutir sobre arquitetura e seu ensino, através de uma ampla amostragem do que se vêm fazendo, pesquisando e ensinando, em escolas de todo o Brasil, pela abordagem das novas tecnologias.

Muito se têm falado na relação da arquitetura com as novas tecnologias digitais. Agitam-se arquitetos e escolas de arquitetura, buscando compreender as possibilidades abertas para o nosso campo de atuação. Se tal agitação é tão intensa, é por que as transformações extrapolam e colocam em cheque nossa atuação como arquitetos.

Este Seminário dá mostras de que não se debruçará apenas sobre a arquitetura tradicional, concebida através de ferramentas soft. Teremos discussões sobre as implicações das novas tecnologias e reflexões acerca das novas configurações de nosso campo de atuação, no ensino e na produção da arquitetura. Estamos nos referindo à arquitetura digital, um signo estético tão poderoso quanto a arquitetura que visa à construção.

A arquitetura como signo estético ganha outras configurações, que apontam para novos horizontes. Ampliam-se as possibilidades de criação e concepção do espaço e redimensiona-se o campo de abrangência da arquitetura, pois esta deixa de estar limitada à materialidade do real e passa a exercer sua especificidade espacial também através da imaterialidade dos meios digitais. Os chamados 'espaços virtuais', auto-referentes, se apresentam como um novo campo para os arquitetos, pois a concepção de espaços, constitui o con-

teúdo específico de nossa formação. Como disse Lucrécia D'Alessio Ferrara em comunicação recente, a cidade real, em suas funções primordiais, passará a ser virtual, à medida em que for cada vez menos acessada, em virtude do trânsito permitido, em relação àquelas mesmas funções, pelos meios digitais. A cidade real será conformada pela biblioteca, pelo supermercado e pelo banco digital, por que estes serão por nós acessados e, assim, 'atualizados' se, e ao passo que, deixarmos de 'atualizar', de frequentar a cidade material existente.

Para cercar esta questão, teremos 3 convidados: o arquiteto Emanuel Dimas de Melo Pimenta, que há muito se utiliza dos meios digitais para conceber a sua arquitetura; a Dr<sup>a</sup> Lucrécia D'Alessio Ferrara, da FAU-USP, que trará elucidacões conceituais acerca das implicações dos meios digitais na arquitetura; e LAGEAR, Laboratório da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, dedicado a explorar as potencialidades dos meios na interface com a arquitetura e seu ensino.

Deste modo, o III Seminário virá ampliar a discussão da informática aplicada à arquitetura, inserindo-se na complexidade dos meios digitais. Procuramos estimular debates, inserindo textos e links sobre a abrangência da arquitetura interfaceada pelos meios digitais em nosso site.

Estamos aguardando com entusiasmo. Até o Seminário!



Emanuel Dimas de Melo Pimenta. Edifício Simétrico para a International Society for the Interdisciplinary Study of Symmetry, Budapeste, Hungria (1995-1996)

## Para participar do evento

Coordenação

sem3@zeus.puccamp.br

As inscrições de trabalhos para o II Seminário Nacional A Informática no Ensino de Arquitetura, que acontecerá em Campinas de 17 a 19 de setembro próximos, estão encerradas, mas a participação como ouvinte está aberta à todos os interessados: arquitetos, professores, pesquisadores, estudantes e profissionais de áreas ligadas à arquitetura e à informática. As palestras e comunicações se realizarão simultaneamente em três auditórios, nos dois períodos dos três dias do evento. A programação, com horário, título e autor dos trabalhos, está disponível em folder ou em nosso site na Internet.

### Inscrição

O valor da inscrição para professores, pesquisadores, arquitetos e outros profissionais é de R\$ 40,00. Estudantes de graduação pagam taxa reduzida de R\$ 10,00. Para efetuar sua inscrição, deposite o valor correspondente no Banco Itaú, ag. 1025, Puccamp, conta corrente n° 11382-8, em nome do "3° Seminário / Sidney Tamai". Após efetuar o depósito, telefonar para (019) 7547082 e confirmar com Angela, fornecendo nome completo, instituição de origem e especificar a modalidade da inscrição (profissional ou estudante). No dia 17/09, na abertura do seminário, trazer o canhoto bancário e apresentar no Bureau de inscrição, onde receberá crachá de identificação e o material para o Seminário.

Os certificados de participação serão fornecidos com a especificação da modalidade de inscrição (profissional ou estudante).

### II Seminário Nacional

A Informática no Ensino de Arquitetura 17, a 19 de setembro de 1997

sem3@fau.puccamp.br

www.fau.puccamp.br/sem3/sem3.htm

fax 019 255.6376 (CAV Faupuccamp)

fon 019 754.7082 (CAV - c/ Angela)

Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Campus I

Rodovia Don Pedro I, Km 136  
13089-500 Campinas SP

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

## Imagem virtual, espaço global e tempo contínuo

Lucrécia D'Alessio Ferrara, Fauusp

A imagem artesanal pode ser identificada nas cestarias do neolítico; a imagem mecânica, também denominada de segunda geração, é caracterizada pela fotografia e pelo cinema e produzida por recursos fotográficos responsáveis pela fidelidade referencial e, sobretudo, pela possível reproduzibilidade; a imagem virtual, ao contrário do registro reprodutivo, incide sobre outras características produtivas pois não tem uma base concreta, embora seja passível de uma estranha identificação sem reconhecimento.

Porém e apesar das diferenças produtivas, as imagens correspondem, sempre, ao registro de profundos avanços na capacidade do homem de produzir conhecimento. As cestarias do neolítico documentam a metamorfose fundamental do homem na procura de uma vida comunitária e de uma sociabilidade, a imagem mecânica é a manifestação do domínio do homem sobre a natureza mutável, a imagem virtual, sintética ou de terceira geração, ao contrário das anteriores, deixa evidente que a produção da imagem incide sobre a natureza de linguagem que é comum a qualquer imagem, mesmo que essa reflexão não seja explícita.

Informatizada, a imagem virtual tem sido mais propriamente chamada de digital e supõe a tradução de fragmentos visuais em dígitos ou pixels que diagramam imagens inexistentes referencialmente, mas passíveis de existência imaginária. Dessa forma, a imagem virtual não se coloca no nível da reprodução da realidade como as imagens mecânicas, mas ela produz imagens que se fazem representar, sem matriz referencial. Ou seja, auto-referente, a imagem virtual coloca em evidência sua própria natureza de linguagem na produção de conhecimento, sua originalidade essencial que incide sobre seu sistema de representação, associação e percepção.

As montagens fotográfica e cinematográfica correspondem a uma interpretação do referente pelo conflito que estabelecem entre fragmentos, duração, ritmo e planos de exposição tendo em vista a produção de um efeito de recepção, ou seja, a função representativa da montagem é desautomatizar a percepção ideológica do referente.

Na imagem virtual, o processo representativo não impõe reconhecimento, aceitação ou repulsão de um universo ideológico, mas seleciona-se, dentro de uma ampla memória de imagens tecnologicamente sustentadas, simples sugestões que nos permitem expandir e enriquecer o processo perceptivo. A simulação domina a dimensão representativa da imagem virtual.

Enquanto informação que produz informação, o sistema associativo que preside a imagem virtual tem como paradigmas a velocidade e a mudança processadas sinteticamente de tal modo que a idéia ou o novo não está na acumulação de dados, mas no processo produtivo onde a solução está mais na sugestão do que na persuasão de uma completude. Produção de idéias, velocidade e mudança ocorrem ao mesmo tempo e a sincronia é a

matriz do processo associativo da imagem virtual. Simulação e sincronia atingem o seu auge em um sistema interativo altamente complexo que caracteriza a dimensão perceptiva da linguagem virtual. Sem dúvida, esta complexidade decorre, de um lado, da ausência de um polo referencial a dominar o processo representativo, de outro e como consequência, da ausência de uma ordem espaço-temporal consagrada de uma verossimilhança de verdade entre idéias associadas. A dificuldade deste processo perceptivo decorre da ausência de uma matriz sensível, visual sobretudo, pois seu agenciamento é produzido por uma capacidade relacional que o receptor desenvolve entre formas, cores, dimensões, volumes, movimentos apenas possíveis, mas que atuam como elementos que podem proporcionar uma outra percepção da realidade ou atuar como sugestões corretivas do universo. Um ambiente propício a uma percepção auto-corretora.

A inusitada experiência representativa, associativa e perceptiva da realidade virtual caracteriza a atmosfera de um tempo contínuo em um espaço assimétrico e sem hierarquias, responsável pela grande revolução que atinge a performance dos vários âmbitos das ciências exatas às biológicas e exigindo uma avassaladora revisão das ciências humanas na sua simplificadora subdivisão disciplinar.



Emanuel Dimas de Melo Pimenta. Macchina Dei Sensi (1995-96)

Para conhecer mais sobre a obra de Melo Pimenta:  
<http://www.asa-art.com/asa.htm>  
<http://www.asa-art.com/edmp/edmp1.htm>  
<http://www.fcen.pt/museu>  
<http://www.asa-art.com/sp/sp.htm>  
<http://www.asa-art.com/woiksed/w.htm>  
<http://www.asa-art.com/janus.htm>  
<http://www.asa-art.com/durini.htm>  
<http://www.fcen.pt/museu/beuys/beuys1.htm>

## A informática no ensino de arquitetura

Rinaldo de Lucca

lucca@sc.usp.br

O II Seminário Nacional "A Informática no Ensino de Arquitetura", promovido em outubro de 1996 pela Universidade Federal de Viçosa, através do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, pretendeu atender não só as recomendações do "Seminário Nacional de Avaliação do Ensino de Arquitetura e Urbanismo" (realização: MEC-CEAU/SESu e UnB), mas também ser uma continuação dos anseios apresentados no I Seminário Nacional, realizado na Universidade Federal da Bahia em agosto de 1995.

Entre os objetivos gerais do seminário, pretendia-se reunir representantes dos cursos de arquitetura em funcionamento no país, envolvidos com o ensino e o uso da informática aplicada à arquitetura e urbanismo, avaliar o que se realizava nesta área e formular diretrizes específicas para o cumprimento de conteúdos mínimos em informática na formação do arquiteto e urbanista. Entre os objetivos específicos pretendia-se conhecer melhor as experiências nacionais e internacionais sobre o uso e o ensino da informática, organizar grupos de trabalho em pólos regionais, definir formas de intercâmbio para a formação de profissionais de ensino na área de informática aplicada à arquitetura e urbanismo e também definir linhas de pesquisa sobre desenvolvimento e aplicações de informática na arquitetura.

Profissionais de diversas partes do país estiveram presentes e participaram do seminário, apresentando trabalhos ou participando dos grupos de trabalho organizados no início do evento.

Uma característica observada nos seminários de Viçosa e Bahia ainda se mantém presente, mesmo com a penetração da informática no nosso dia-a-dia profissional: o ensino de informática na arquitetura visto como uma disciplina isolada de todo o resto do curso de arquitetura, a ser ministrada por profissionais especializados.

A informática ainda é vista por considerável parte dos profissionais de ensino de arquitetura como uma lapiseira digital, e assim sendo basta ensinarmos algum software de CAAD para nossos alunos e para nossos colegas professores e pronto, teremos arquitetos do século 21. Nada mais limitado do que esta visão. Treinamento em informática é parte da formação e não a formação.

Ensinamos ainda a usar canetas nanquim antes do mouse, e calculadoras para calcular estruturas, ao invés de aprendermos sistemas estruturais utilizando os softwares mais adequados. A ferramenta está hoje longe do pensar arquitetura. Quem pode questionar hoje que a informática é um fortíssimo elo de ligação entre o exercício acadêmico e o exercício profissional?

É óbvio que se a ferramenta digital é apresentada ao aluno sem que lhe seja esclarecido o modelo sobre o qual tal ferramenta é concebida, o resultado poderá ser um uso e um produto limitado pelo ferramental. O problema não é a ferramenta ou tanto em qual semestre ela se insere no curso.

## Arquitetura e computadores enquanto instrumentos éticos

José Cabral dos Santos

Ana Paula Baltazar

LAGEAR@serv-01.ez-bh.com.br

O problema é a falta de esclarecimento sobre o que está por trás dos modelos propostos pela ferramenta.

Ao ensinarmos a perspectiva com dois pontos de fuga, usando régua e esquadro, também estamos moldando nossos alunos em uma visão de mundo. Será que esta visão é mais prejudicial do que a visão dada pela informática? O problema não estaria concentrado na apologia deste ou daquele recurso, e na falta de esclarecimento sobre o que está por trás dele?

Ensina-se na disciplinas de projeto a representar o espaço, com raras exceções, em duas dimensões: planta+corte+fachada. Não podemos começar a projetar e a representar diretamente em três dimensões? A pensar o todo ao invés das partes? A ferramenta nos dá essa possibilidade.

Outro ponto polêmico é o aperfeiçoamento do corpo docente. Como poderemos pensar em uma verdadeira reformulação do ensino e dos cursos de arquitetura, sem pensarmos em treinamento dos nossos professores?

Também é óbvio que não poderemos esperar que tudo gire em torno da informática, mas podemos conceber algum professor a parte do processo de informatização dos cursos de arquitetura? E como será este treinamento? O que priorizar?

Necessitamos utilizar recursos que nos permitam representar o espaço arquitetônico, e não apenas apresentar este espaço. Necessitamos ensinar e projetar utilizando recursos que simulem o espaço, e não que apenas o "desenhem". Softwares de cálculo estrutural, para simulação de ambiência e outros são fundamentais para a compreensão do espaço.

Precisamos considerar e preparar nossos alunos para enfrentar as necessidades do mercado de trabalho cada dia mais aberto para a concorrência do exterior, extremamente competitivo.

O mercosul está aí. Estamos formando profissionais aptos a concorrer com nossos colegas da Argentina e Uruguai? Como está sendo usada a informática no ensino de arquitetura por nossos colegas sul-americanos?

Algumas das questões e posições que coloquei foram formuladas por mim e por colegas participantes do II seminário nos corredores e coffee breaks do evento, e ao longo deste ano através de papos via e-mail. Corretas ou não, servem para lembrar algumas das coisas que já discutíamos em Salvador em 1995.

Com certeza neste III Seminário A Informática no Ensino de Arquitetura poderemos dar continuidade às conversas já iniciadas e iniciar outras que nos levem adiante neste trabalho de aperfeiçoar o ensino de arquitetura no Brasil.

Se existe algo fundamental na arquitetura – um sentido ou uma função original – certamente diz respeito ao seu caráter ético: o objeto arquitetônico enquanto expressão e manifestação das relações éticas dos homens.

O computador, recentemente, deixou de ser mera ferramenta de cálculo passando a ser um revolucionário instrumento de comunicação. Ao se transformar em "espaço" para encontro e convivência de pessoas, o computador passa a ter um papel fundamental na articulação social contemporânea. Desta forma, assim como a arquitetura, o computador deve ser abordado enquanto instrumento ético.

Para pensarmos a relação entre *arquitetura* e *computador* de forma mais significativa, devemos considerá-los em sua potencialidade enquanto instrumentos éticos, ou seja, como elementos capazes de servirem de cenário ativo que amplie qualitativamente a relação entre seres humanos. Nessa interrelação entre computador e arquitetura, ambos podem se beneficiar. O computador deve reforçar as funções originais da arquitetura e não apenas ser limitado à ferramenta de representação técnica – CAD. A arquitetura, por outro lado, deve servir como metáfora radical para a criação de ambientes computadorizados.

CAD. Tecnologia que já nasceu velha. Como diversas pesquisas apontam, os programas de CAD não acrescentaram nada de substancial ao modo de trabalho dos arquitetos contemporâneos. Os softwares disponíveis para arquitetura, em geral, apenas emulam os métodos tradicionais de criação e representação do objeto arquitetônico. Tal deficiência se deve principalmente ao fato de serem baseados em princípios projetivos estabelecidos há 500 anos atrás – na Renascença – com o surgimento da perspectiva. O uso inquestionado do paradigma perspectivístico como cerne lógico dos programas de CAD, faz com que não haja inovação de fato, mas apenas uma virtualização: uma transposição dos procedimentos efetuados na opacidade da prancheta para a luminiscência da tela (ver ilustração de Paolo Ucello - 1465 – contraposta a modelamento no Form•Z - 1997). Os programas de CAD hoje disponíveis, usados da forma como o são, não criam demandas novas para a arquitetura, ou seja, não abrem espaço para investigações que questionem a relação entre a representação e o objeto arquitetônico, ao contrário, apenas sedimentam o processo tradicional de desenho.

Usualmente as novas tecnologias surgem para responder uma expectativa pré-existente e só num segundo momento são exploradas de maneira inovadora gerando possibilidades não previstas. O uso do computador na arquitetura certamente não foge à regra: até o presente momento, os programas de auxílio ao desenho só respondem às demandas tradicionais de representação do arquiteto, tornando-se uma pseudo-revolução no processo de produção da arquitetura. Na verdade, apenas uma exploração radical de tais softwares, mesmo desvirtuando seu uso predeterminado, seria capaz de

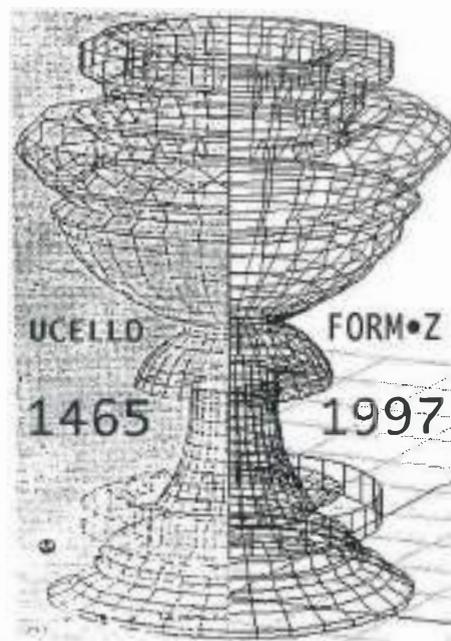


Ilustração de Paolo Ucello (1465) contraposta a modelamento no Form•Z (1997)

abrir possibilidades de discussão de um novo paradigma de representação e criação arquitetônica. Arquitetura transfere-se no ciberespaço. Este segundo momento na apropriação da tecnologia da informação no campo da Arquitetura já começa a ser vislumbrado com algumas iniciativas de pesquisas avançadas na criação de *realidades virtuais* e arquitetura no ciberespaço, além de investigações como Generative Architecture, Shape Grammar e CSCW (Computer Supported Cooperative Work). Destas linhas de pesquisas pós-CAD, as investigações de realidade virtual e de arquitetura no ciberespaço apresentam possibilidades intrigantes para o futuro da profissão, e colocam em cheque a própria definição e o papel da arquitetura como a entendemos tradicionalmente. Um aspecto problemático de tais pesquisas é o fato de que, em sua maioria, ainda são desenvolvidas por profissionais de outras áreas que não a arquitetura. Isto acaba por gerar um uso equivocado da arquitetura como metáfora óbvia para o ciberespaço. Enquanto especialistas de outras áreas se aventuram em pesquisas mais radicais sobre as possibilidades deste novo instrumento, os arquitetos tem-se limitado ao uso do computador como mera ferramenta de representação.

O caráter revolucionário e potencial da informática aplicada à arquitetura, torna necessário o engajamento do arquiteto no desafio de pensar e projetar o ciberespaço transformando-o assim em algo mais abrangente e referencial que possa ser chamado ciberlugar. Essa metáfora, ainda carente de estudo, parece ser a única maneira viável de se habitar de fato o ciberespaço, inaugurando uma computação arquitetural pós-CAD, e uma arquitetura pós-paradigma perspectivístico.

<http://www.ufmg.br/>

## Flash

Emanuel Dimas de Melo Pimenta  
asartech@mail.telepac.pt

E não é possível pensar em ciberespaço, pelo menos em seus primeiros anos, sem resgatar a imagem do telefone. A palavra "telefone" foi inventada sete anos antes do nascimento de Alexander Graham Bell. Destinava-se a um instrumento que produzia notas musicais através do toque sobre botões de madeira.

Até mesmo a invenção do aparelho que conhecemos como *telefone* nada tinha a ver com o uso que viria a caracterizá-lo. Existia, então, uma busca, mais ou menos generalizada, da criação de um equipamento que *traduzisse* a fala em sinais elétricos - um suposto primeiro passo para a *tradução* do universo acústico em visual - instrumento essencial para surdo-mudos. Embora seja, hoje, evidente a ingenuidade dessa tentativa, havia uma efervecente procura por essa descoberta e tornou-se famoso o fato de, entre muitos outros, Elisha Gray ter entregue ao American Patent Office a mesma invenção com somente duas horas de atraso em relação a Bell. Graham Bell ficou famoso e Elisha Gray tornou-se um nome esquecido.

Na década de 20, diálogos produzidos através do telefone eram considerados humorísticos e eram vendidos, gravados em discos. Um novo prazer que se descobria - o *voyerismo* acústico, oral. Escutar conversas alheias, distantes no tempo e no espaço. Não é preciso lembrar as *escutas* a IRCs (Internet Relay Chat) para resgatar automaticamente uma identidade de tais descobertas.

Em 1875, apenas um ano antes do surgimento do telefone, Victor Hugo resumiria a estratégia que viria a ser estabelecida pelo novo meio, uma onda que estava no ar: "Todas as histórias são a história do passado. A história da revolução é a história do futuro. A revolução conquistou por antecipação... Há no que ela nos trouxe mais terra prometida que terra conquistada e, à medida que uma de suas conquistas feitas antecipadamente entra no domínio humano, um novo aspecto da revolução revelar-se á...".

Com o esquentamento da informação, há uma crescente compressão do tempo, que tenderá ao *tempo real*. À partir de um determinado momento, o passado torna-se futuro. Assim, passamos a viver em uma sociedade *revolucionária*, dentro da qual tudo é novidade, todo o tempo. A intensificação da informação em *tempo real* provocará uma nova reversão, um novo quadro sensorial. O que acontece com o telefone enquanto espécie de resposta a esse processo de mudanças - e que é, certamente, seu traço mais significativo - é que, pela primeira vez, o meio de comunicação não mais é unidirecional.

Todo o universo ocidental passou, após Gutenberg, a obedecer a tipos de formatação. O banho, antes atividade de regeneração espiritual e integração social, passou a ter uma finalidade profilática, médica. Os projectos de arquitetura passaram a dividir, com-partimentar, hierarquizar. Passamos todos a obedecer a um formato padrão, standard, mais ou menos estável e previsível.

Na Idade Média, geralmente, as pessoas dormiam juntas, em um mesmo cômodo, quando não em uma mesma cama ou amontoado de almofadas. Não havia, nas moradias de então, uma rigorosa separação entre sala de estar e cozinha. Até finais do século XVIII, os doentes utilizavam suas próprias roupas quando internados em hospitais, praticamente sempre contaminadas e pouco limpas. O exercício intensificado da leitura, tornando possível através da imprensa, conduziu à uma formidável metamorfose comportamental. Padrões uniformizadores foram sendo, por essa via, gradualmente estabelecidos.

O telefone representa uma espécie de primeira ruptura com esse poderoso universo mecânico e linear. Uma espécie de "fissura" lógica e histórica que encontra correspondência, em algum sentido, ao pensamento de Charles Sanders Peirce. O tempo real em um sistema de "duas mãos". Com o telefone e com o automóvel, o design da família conhece uma profunda transformação. Vamos desdobrando invenções e mais invenções em uma notável trama de auto significações. Proust e as lanternas mágicas, a perspectiva plana, Leonardo da Vinci, Perotinus Magnus, Freud, Sócrates. Mergulhamos até Osiris, no Egito Antigo - em seus templos, na informação que cobria indistintamente todas as paredes e no ritual iniciático que consistia em se apreender um caminho especializado através daquela formidável constelação de conhecimento. Um primeiro percurso de iniciação que seria seguido por outros, elaborados pela determinação da descoberta, pelo método. Não será exatamente esta a imagem da universidade do futuro?

No final do século XX, e em aparente oposição à cultura da superespecialização que caracterizou o ocidente no período Moderno, a informação isolada deixou de ter qualquer valor especial. Através da Internet, da crescente quantidade de livros publicados todos os anos, de revistas, jornais, rádios, cd-roms, cds áudio, cinema e televisão entre outros meios, praticamente qualquer pessoa pode acessar uma gigantesca quantidade de informação. O importante será, antes, o estabelecimento de uma nova Paidéia para a formação do ser humano. Somente neste século é que a agricultura deixou de ser a principal atividade humana. Somente há poucas décadas é que descobriu-se o significado de inúmeras línguas arcaicas, e com elas sua história - o que significa que o século XX não apenas representa o momento de maior conhecimento da natureza em todos os tempos, como também o momento de maior conhecimento de nós mesmos, de outras épocas, de outras civilizações - que acabaram por revelar-se nossas próprias origens, parte essencial de nós!

Navegamos aqui, não linearmente, da Realidade Virtual ao telégrafo, a Gutenberg, à Idade Média, à televisão, ao jornalismo. Fomos abrindo sucessivas janelas em uma ordem não teleológica - cuja aparente simplicidade não esconde as mais vastas e complexas implicações.

Tomamos todos os eventos como se estivessem indissolúvelmente enfiados em um todo. Fomos descobrindo as origens de tecnologias dentro de outras, uma sendo o significado da outra - espécies de etimologias transculturais, transnacionais e transdisciplinares. Admiramos Giotto, Leonardo, Bashô, Safo, Canaletto, Debussy, Hokusai, Borromini, Bach, Beethoven, Frank Lloyd Wright ou Imhotep não mais como figuras distantes, mas como se fôssem todos nossos antepassados mais diretos, não importando de onde vieram ou qual tipo de trabalho realizaram. Parece-me que essa abordagem *total* produzida pelo ciberespaço é, exatamente, o significado primeiro da revolução tecnológica representada pela Realidade Virtual. A palavra "tecnologia" lança sua raiz etimológica no Grego *technoi*, que significa "habilidade" e que era indiferenciadamente utilizado para aquilo que, com alguma aproximação, hoje chamamos arte. Tratamos, em termos de universo virtual, de um conjunto de habilidades - estratégias sensoriais - que tornam evidente uma espécie de síntese, de sublimação, do tempo e do espaço - pela primeira vez em todo o percurso da humanidade.

Há, portanto, um novo fator, uma reveladora idéia-chave, igualmente essencial para a compreensão da questão do ciberespaço e da Realidade Virtual. Embora o telefone aparentemente não obedeça a uma formatação standard, sua função é a codificação e descodificação automática e padrão de sinais eletrônicos - produzindo, assim, uma taxa de ruído uniforme. Mas, os computadores envolvidos no ciberespaço passam, também pela primeira vez, a organizar e distribuir informação. Isto é, não são um sistema passivo ao nível da inteligência. Auto organização e inteligência.

Através de "estímulos" provocados pelos utilizadores, conjuntos de hard e softwares desencadeiam um novo espaço humano, vivo. Um espaço potencial de interações contínuas. Assim, além da sublimação, da síntese, há a permanente metamorfose. Permanente criatividade. A estandardização de estereótipos dá lugar ao sentido de permanente interação, em um complexo transcultural, transnacional e transdisciplinar - características da lógica da navegação. Não descobrimos, de fato, nosso planeta como Gaia, mas descobrimo-nos a nós próprios enquanto Gaia - em todas as suas dimensões. A imagem que damos ao planeta é nossa forma de conhecer as coisas.

Super-tecnologias - ou grandes "revoluções" tecnológicas - representam uma mutação total, uma verdadeira metamorfose no que chamamos por "modo de pensar" - uma mutação na estrutura de todas as relações humanas. Sistemas não mais enquanto estruturas passíveis de interferência, unidirecionais, mas sim enquanto permanente contaminação. Sintagmas no lugar de paradigmas. Certamente, e em um certo sentido, estejamos a viver atualmente, à escala planetária, um processo de mutação semelhante àquele vivido pelos Gregos imediatamente após Homero!

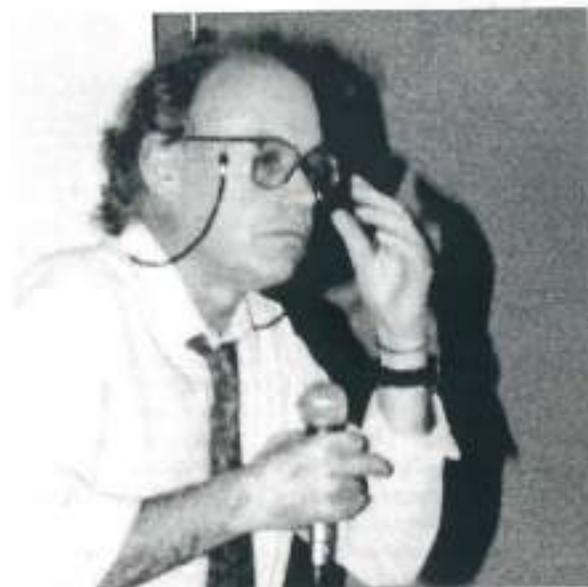
<http://www.asa-art.com/jedmp/jedmp1.htm>

setembro 1997  
ano 7  
edição meses letivos

## Christian de Portzamparc e Jordi Borja fazem palestras na Faupuccamp

Editorial

oculum@uninet.com.br



Jordi Borja falando sobre intervenções urbanas na Faupuccamp (08/08/97)



Christian de Portzamparc lançando a revista ficaver 9 na Faupuccamp (22/08/97)

Neste último mês de agosto duas importantes personalidades da arquitetura e urbanismo contemporâneos estiveram na Faupuccamp, onde proferiram palestra para nossos professores e alunos. No dia 08 de agosto, o urbanista espanhol Jordi Borja, ex-vice-prefeito de Barcelona e coordenador do Plano Estratégico e Gestão Metropolitana da capital da Catalunha, apresentou para um auditório lotado palestra sobre a importância dos espaços públicos na organização das cidades e sobre a renovação urbana de Barcelona, onde descreveu todo o processo de elaboração e efetivação das radicais transformações urbanas nos preparativos das Olimpíadas de 1992, que se converteu em paradigma de como um evento desse tipo pode ser não apenas uma intervenção pontual e efêmera, mas a mola propulsora de transformações estruturais, revigorando a trama urbana e permitindo uma melhoria da qualidade de vida dos habitantes da cidade. De Barcelona em diante, os grandes eventos esportivos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo passaram a ser vistos por políticos, administradores e urbanistas de todo o mundo como um dos mais interessantes mecanismos de renovação urbana e desenvolvimento econômico, o que explica

em grande parte a inscrição recorde de cidades candidatas para as Olimpíadas de 2004. Jordi Borja, um frequentador já assíduo dos debates urbanísticos no Brasil, veio a Campinas convidado pelos Cursos de Especialização e de Mestrado em Urbanismo da Faupuccamp, coordenados por Raquel Rolnik e Ivone Salgado. Especificamente para o mestrado atua como palestrante convidado no *Seminário sobre Metodologia Científica e Pesquisa*, que conta ao longo do semestre com outros convidados, cada qual apresentando questões metodológicas em sua área de atuação e pesquisa: Flávio Villaça, Nestor Goulart Reis Filho, Munillo Marx. O arquiteto e urbanista francês Christian de Portzamparc, autor da Cidade da Música do Parque La Villette, no dia 22 de agosto, apresentou sua obra para mais de 700 pessoas. No dia anterior, no dia 21 de agosto, Portzamparc participou de mesa redonda no Museu da Casa Brasileira com Denio Benfatti e Marcelo Carvalho Ferraz. Logo após, durante o coquetel, ele autografou exemplares da *Óculum 9*, número monográfico sobre sua obra. Com edição de Abilio Guerra, Denio Munio Benfatti e Paulo Roberto Dizioli, a última *Óculum* é dedicada ao seu pen-

samento urbanístico. Como bem diz o editorial, "para além do design arquitetônico apurado, o que nos interessa na obra de Portzamparc é maneira sensível como ele tenta interpretar a cidade do nosso tempo, o imenso respeito com que acolhe as lições do passado, buscando na cidade tradicional e na cidade moderna lições positivas para uma melhor compreensão e solução dos imensos problemas urbanos que afligem a cidade contemporânea. Em um momento histórico onde prevalecem visões apocalípticas quanto ao destino das grandes cidades, Christian de Portzamparc retoma com coragem valores para muitos ultrapassados de vivência urbana e boa qualidade de vida para o homem cidadão. Suas propostas de ordenação da cidade tendo como unidade básica a quadra aberta, onde funde as noções de rua tradicional e do espaço aberto modernista, são excelentes lições que poderão contribuir – desde que lidas com calma e atenção – para as discussões em nosso meio que visam buscar soluções mais humanas (e menos propagandísticas) para os problemas urbanos que nos afligem". A *Óculum 9* recebeu apoio cultural da Base Aerofotogrametria, Elevadores Atlas, Carteiro e Itautec e Maison du Vin.

Boletim Óculum é a publicação mensal de divulgação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente compartilhadas pelo Óculum ou pela direção desta revista, mas não podem ser repudiadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável  
Rafael Garcia

Colaboradores  
Antonio Delgado Espinosa  
Cristina Martins GOM  
Eduardo Aguiar Castro  
Fernando Carlos Ayres  
Fernando Vilas Boas Tolentino  
Marta Logezzi 1996  
M. Pina P. Pinheiro Grunberg  
Paul Meyer Helms  
Renato Dalari Souza  
Pedro Moreira Almeida  
Rafael Roberto Ayres  
Walter Carradori 1997

Membros  
André Rajon  
Diego Moutonny  
Flora Amato Carlini  
Fernanda Lima  
Vagner L. Moreira

Supostores  
Ondar  
Wilson Ribeiro dos Santos  
Vice-vozes  
Lina Liberti  
Coordenador de curso  
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Editorial  
Campus I  
Rua 3, Pólvora - 13081-000  
13089-500 Campinas SP  
Brasil  
tel: 55-019-254-2114  
fax: 55-019-254-2110  
e-mail: oculo@faupuccamp.br

Boletim Óculum  
Av. João Camargo, 11  
13040-000 São Paulo SP  
Rua - Rio - 011 2546550  
oculum@uninet.com.br

Banco de Depósitos Obrigatório  
3000 para placas  
3000 para outros

Óculum na internet  
www.oculum.com.br

Financiada por: Inep/Unicamp

Agência cultural

Itautec

## TGI da Faupuccamp faz viagem de estudos a Buenos Aires

Abílio Guerra

oculum@uninet.com.br



Puerto Madero, Buenos Aires, Argentina. Projeto de revitalização do arquiteto Pablo Deval e equipe.

De 4 a 7 de setembro uma turma de professores e alunos da Faupuccamp visitou a cidade de Buenos Aires. Tendo como núcleo a equipe da disciplina "Trabalho de Graduação Interdisciplinar" da quarta-feira, que este ano desenvolve estudos e projetos urbanísticos para uma área degradada de São Paulo, e reforçado por professores de diversas disciplinas e alunos de outras turmas, um grupo de 49 professores aterrissou na capital portenha com o intuito de conhecer obras de revitalização urbana e reciclagem arquitetônica.

No dia 5, sexta-feira, a equipe dirigiu-se até a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Palermo, onde foi recebida pelo diretor da escola e responsável pela revista *Arquis*, arquiteto Daniel Silberfaden. Presente na viagem, o diretor da Faupuccamp Wilson Ribeiro dos Santos Jr (Caracol) estabeleceu primeiro contato para futura assinatura de protocolo de intercâmbio e colaboração mútua com a destacada escola argentina que, em poucos anos de existência, já se destaca por arregimentar um conjunto expressivo de jovens professores e arquitetos.

Dando início ao trabalho, dois membros do corpo docente da Faculdade de Arquitetura, Adrián Gorelik e Graciela Silvestri, colaboradores da revista *Ocolum*, proferiram uma ilustrativa palestra sobre a evolução histórica e urbanística de Buenos Aires, com destaque para o período após a cidade assumir o papel de capital federal da República Argentina e adotar exemplar planejamento territorial e controle do desenvolvimento urbano. Logo após, o arquiteto Pablo Deval apresentou o projeto ganhador do concurso nacional em 1991 para a revitalização e desenvolvimento urbano de Puerto Madero, do qual era um dos arquitetos responsáveis. Conhecer este magnífico exemplo de renovação urbana em área degradada foi um dos principais motivos da visita do grupo.

Depois das palestras, o grupo rumou para o studio do arquiteto Alberto Varas, um dos autores do projeto ganhador do concurso de criação de espaço urbano na antiga zona ferroviária do Retiro, que dá continuidade, à norte, ao plano geral de reurbanização das margens do rio da Prata. Este projeto, em fase final de desenvolvimento, envolve a revitali-

zação de antiga estação ferroviária, remanejamento de leitos da estrada de ferro e estação de metrô, criação de imensas áreas de espaço público, novos equipamentos culturais e esportivos, diversas edificações habitacionais e vários espigões conformando o novo limite da cidade em relação ao rio. Alberto Varas apresentou o projeto tendo como apoio uma imensa maquete das intervenções propostas. Enquanto raciocínio e procedimento, a intervenção urbanística assemelha-se muito aos projetos das ZACs parisienses, onde, a partir de um recorte muito claro do território urbano, fixa-se normativas rigorosas do uso do solo, regulando-se a implantação, gabarito e volumetria básica dos edifícios propostos, caracterizando os espaços livres e equipamentos públicos.

Os outros dias foram dedicados a visitas a diversos bairros e edifícios de Buenos Aires, ao passeio e ao lazer. Dentro das preocupações acadêmicas da visita, vale destacar as reciclagem de três edifícios antigos, convertidos em importantes e luxuosos locais de comércio, serviço e lazer: a Galeria Pacífico (antigo edifício fabril), o Pátio Bullrich (antigo local de feição de gado e cavalos) e a Recoleta (antigo monastério).

Nos contatos realizados e nas visitas aos locais de intervenção arquitetônica-urbanística, o grupo constatou o enorme prestígio que desfruta atualmente na Argentina a categoria dos arquitetos. O resultado, pelo menos no caso de Buenos Aires, é uma cidade muito bem cuidada, com excelente qualidade de vida, tornando-se importante fator na melhoria da auto-estima dos habitantes da cidade. Ali é impensável, por exemplo, a atual situação de São Paulo onde, nos últimos anos, importantes intervenções urbanas foram executadas sem qualquer participação de arquitetos e urbanistas, com o Poder Público passando por cima do interesse da coletividade como um bulldozer, agredindo a cidadania e o bom-senso. Para um arquiteto brasileiro, visitar Buenos Aires é, antes de tudo, um processo de tomada de consciência da precária situação institucional que ocupa hoje no Brasil.



Urbanização do Retiro, Buenos Aires, Argentina. Maquete do projeto do arquiteto Alberto Varas e equipe.

## Minimum: a presença da ausência

Eduardo Aquino, Canadá

102661.2547@compuserve.com

A revisão crítica do Minimalismo nos leva a reconsiderar o fenômeno em si, a sua importância hoje, os seus patamares conceituais e o momento histórico no qual se desenvolveu. A passagem de um simples parâmetro teórico para uma prática artística de influência considerável transformou o Minimalismo numa das idéias mais significativas geradas pela produção artística dos anos sessenta. A tendência atual de recontextualizar o Minimalismo - por exemplo, na Europa ou até no Brasil - se equivoca ao ocultar da discussão as motivações originadoras deste gesto cultural e o seu contexto inicial, criando assim observações críticas dissonantes. O livro *Minimum* (Phaidon Press, London 1996), projeto do arquiteto inglês John Pawson, tenta reconsiderar o termo em relação às diversas manifestações da arquitetura, arte e da cultura material, atentando a novas possibilidades de interpretação de uma idéia gerada por um seleto grupo de artistas há três décadas em Nova York. Em *Minimum*, Pawson estabelece várias áreas de aproximação investigativa, dividindo-o em capítulos sob os títulos Massa, Luz, Estrutura, Ritual, Paisagem, Ordem, Contenção, Repetição, Volume, Essência e Expressão. As analogias criadas entre o aspecto formal de tais expressões - desde construções rurais da Alta Escócia e a arquitetura de Barragan, até as instalações de Donald Judd, incluindo também o seu próprio trabalho - Pawson assume a posição de um historiador formalista, que interpreta o mundo à partir de uma visão ocularcentrista, onde a realidade se desdobra em uma posição reivindicadora de interesses próprios, criando uma leitura imediata e linear, senão premeditada, atenuando assim as complexas relações existentes entre as divergentes expressões apresentadas aqui. O que resta como consistente em Pawson é a soberba apresentação deste volume, com o seu design contido, com o afloramento de imagens de uma beleza quase que insuperável, seduzindo o leitor mais pelos olhos do que pela razão. Talvez uma distinção poderia ser feita em prol de uma maturidade discursiva da tese minimalista, distinguindo a evolução do termo em relação ao movimento artístico em referência, e o que tal fenômeno realmente significaria para a crítica da arquitetura contemporânea, considerando que tais práticas, arte e arquitetura, tiveram desenvolvimentos reconhecivelmente autônomos. Enquanto Pawson define 'mínimo' como a presença da ausência, concentrando claramente a sua atenção na supremacia do objeto, a sua aparência e 'simplicidade', o legado minimalista nos deixou talvez algo muito além de um formalismo simplório: a confirmação que espaços e objetos não se realizam em sua plenitude sem o seu significativo ideal, isto é, sem a direta [re]ação humana. O palpável neste caso é exatamente o invisível, aquilo que não se demonstra impresso, pensado ou contado. Para os minimalistas o objeto em si se torna apenas o amparo da experiência, um convite à percepção total, pois o que conta não é a aparência do objeto, e sim a presença da presença.



O I.U.U.L. foi fundado em Roma em dezembro de 1993, durante as "Jornadas de Estudo sobre a Realidade Urbanística Latino-Americana", realizadas na Universidade de Roma La Sapienza. Seu objetivo é promover ações urbanísticas de estudo, pesquisa e desenvolvimento que tenham como objetivo melhorar a qualidade de vida nas comunidades da região. Atualmente realiza atividades conjuntas com Universidades, entidades, empresas e profissionais da América, Europa e Ásia.

"Habitat para o século XXI" é o tema que será abordado pela 2ª Bienal de Urbanismo, organizado pelo I.U.U.L. e patrocinado pela UNESCO, que a declarou continuadora dos objetivos da Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos Habitat II.

Convocamos para um Concurso Internacional de Urbanismo para Profissionais e Estudantes de Arquitetura com Prêmios que incluem passagens e estadias para explicar seus trabalhos nas Pré-Bienais de Conceição (Universidad del Bío-Bío, Chile) de 29 a 31 de Outubro de 1997 e a do Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid (Espanha) de 09 a 11 de Março de 1998. Podem apresentar-se trabalhos materializados, de projetos, de pesquisa ou propostas que discutam o tema "Habitat para o século XXI".

Culminando no dia 08 (Dia Mundial do Urbanismo) até o dia 12 de Novembro de 1998 na Faculdade de Direito e Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, onde todos os trabalhos recebidos (incluindo os trabalhos que se apresentem no Chile e Espanha) serão exibidos e explicados por seus autores para que um Jurado Internacional indique os prêmios da 2ª Bienal. Os Urbanistas de trajetória internacional, especialmente convidados, apresentarão Conferências e coordenarão oficinas, se contará com atividades complementares, mesas redondas, exposições especiais, com aqueles que desejem participar de forma interdisciplinar. Se realizará simultaneamente uma "Exposição Internacional de equipamentos e infra-estrutura urbana", permitindo conhecer as novas técnicas e tecnologias disponíveis para o Habitat do século XXI. *Tradução Diego Wisnivesky*

2ª Bienal de Urbanismo. Coordinación General Arq. España. Informaciones (91-5 820 6316). [www.ibe-procefiol.es](http://www.ibe-procefiol.es)



Sobre o traçado espanhol da Colônia, foram sensibilidades italianas as que edificaram as cidades de Buenos Aires e Montevideo a partir da segunda metade do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, como territórios que estavam processando identidades próprias.

Em Montevideo, o numeroso contingente de construtores e artesãos italianos que abasteceu a nascente e próspera indústria da construção do fim de século, proveu na sua maioria das sucessivas correntes migratórias do norte da Itália; Como, Milão, Gênova e suas províncias periféricas. Esses migrantes, muitos deles formados em institutos, como na Academia di Brera em Milão, conformaram nestas latitudes atmosferas urbanas próprias, trazendo fachadas, fábricas de gesso, marcenarias, vitrais, mosaicos e ferraria; os elementos de "ornato" que integravam o repertório da linguagem eclética e historicista do momento.

A contribuição de técnicos "notáveis" de formação italiana à arquitetura e o urbanismo de Montevideo (Poncini, Andreoni, Capurro, etc.) foi abordada por Aurelio Lucchini<sup>1</sup> na década de 60. Enfoques históricos posteriores incluíram nos anos 80 estudos sobre a produção "quantitativa" da cidade, realizada com a repetição de "tipos" arquitetônicos elaborados pelas mãos "anônimas" de mestres construtores e promovida fundamentalmente por ações especulativas. "El Montevideo de la Expansión. 1868-1915"<sup>2</sup> indaga exaustivamente sobre a participação da especulação imobiliária na geração de cidade, protagonizada por Francisco Piria. De qualquer modo, a influência italiana na imagem de Montevideo através da chamada habitação "standard", entre 1880 e 1920, é objeto de uma pesquisa minuciosa realizada pela Facultad de Humanidades<sup>3</sup>, e finalmente na Facultad de

Arquitetura estudaram-se as produções da empresa Bello & Reborati<sup>4</sup>, realizadas entre 1921 e 1940. A atividade de Piria - espetacular pelo seu volume - incluiu a utilização da habitação "standard" como ferramenta geradora de morfologias urbanas. O resultado final constituiu uma totalidade harmônica na qual cada edifício se integrou ao conjunto exibindo suas particularidades. As realizações de Bello & Reborati, abordadas no primeiro pós-guerra deste século - trabalhando com recursos linguísticos diferentes, mas também com a incorporação de trabalhadores e artesãos italianos - obteve resultados similares.

A sensibilidade italiana nas nossas cidades poderia ser um campo fértil para a abordagem de pesquisas regionais, na medida em que a imigração italiana no Rio da Prata incluiu o sul do Brasil nos seus itinerários. A silhueta do Palacio Salvo em Montevideo, uma obra do arquiteto milanês Mario Palanti, persiste desde 1922 como uma marca urbana indelével. Em Buenos Aires existe abundante obra de sua autoria, e na Rua dos Andradas na cidade de Porto Alegre é possível encontrar também algumas de suas cariátides e atlantes segurando fachadas de fantasia.

*Tradução Rávio Aracêlio Córdou*

1 "Ideas y formas en la arquitectura nacional". Aurelio Lucchini. Editorial "Muestra Terra". Montevideo, 1966.

2 "El Montevideo de la expansión. 1868-1915". Ricardo Alvarez Jara, Marcos Arana, Livia Borchianti. Ediciones de la Banda Oriental. Montevideo, 1996.

3 "El aporte italiano a la imagen de Montevideo a través de la vivienda". Anabela Galbati - Mazzini.

4 "La actividad inmobiliaria y la expansión urbana de Montevideo. El caso de Bello & Reborati, 1921-1938". Yolanda Bracco - María Piro. Editorial Dos Puertos. Montevideo, Março 1996.



Ocúlm 9, número especial sobre a obra urbanística de Christian de Portzamparc. Informações pelo fone 019 754.7156 ou [oculum@uninet.com.br](mailto:oculum@uninet.com.br)

## Habitação de interesse social: normas e bom-senso

Bona De Villa



Normas urbanísticas para a habitação de interesse social de Ricardo de Sáua Maretti, IPT - Fiep, 1997, ilustrado, 192p.

Entre as poucas coisas boas que vêm acontecendo ultimamente, no campo da arquitetura e do desenho urbano, está a multiplicação de conjuntos de habitações populares de boa qualidade. Surgem empreendimentos realizados por cooperativas, múltiplas e outras entidades que não podem ter seus projetos aprovados por procedimentos especiais, à margem da legislação urbanística em vigor.

Cada município deveria ter, portanto, normas legais voltadas para a habitação de interesse social de boa qualidade, isto é: capazes de garantir algumas condições essenciais de segurança e conforto para os moradores e para sua vizinhança; capazes de induzir – ou pelo menos, não impedir – soluções corretas e criativas para o arruamento, o loteamento e a implantação das edificações no terreno. Contribuir para isso é o objetivo deste trabalho.

Ricardo Maretti é um profissional que coloca sua competência técnica a serviço de sua sensibilidade para problemas sociais. Suas recomendações para a elaboração de normas urbanísticas representam a evolução de um trabalho muito sério, que vem de longe. A análise dos erros e descuidos cometidos em muitos loteamentos e conjuntos residenciais destinados a moradores de baixa renda motivou o desenvolvimento de trabalhos de orientação para autores de projetos que, por sua vez, levaram à análise crítica das restrições legais para assentamentos residenciais, com atenção especial aos problemas de custo. O passo seguinte foi o estudo de critérios para normas inovadoras.

Este pequeno livro traz reflexões sobre o objetivo, o grau de interesse coletivo e a oportunidade de cada tipo de exigência legal, além de oferecer as informações necessárias para definir os parâmetros essenciais. Traz também orientações para elementos dos projetos que não precisam ser fixados em lei.

O autor não apresenta um modelo fechado de projeto de lei, por acreditar que as decisões sobre o que é importante e viável exigir são responsabilidade de quem conhece as peculiaridades da comunidade e da cidade onde as normas são aplicadas.

O trabalho é dedicado, portanto, aos cidadãos comuns interessados nessas decisões e particularmente a seus representantes: vereadores, prefeitos e militantes de entidades não governamentais.

Revista de Sáua Maretti é engenheiro civil e doutor pela Faculdade Paulista de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Fapucamp.

## Legislação urbana em São Paulo e a concentração do poder

Maria Lucia Refinetti Martins



A cidade e lei: legislação política urbana e territorial na cidade de São Paulo, de Raquel Polnik, Studio Nobel - Fapesp, 1997, ilustrado, 272 p.

Dia 22 de agosto teve lugar na Livraria Cultural, em São Paulo, o lançamento do livro "A Cidade e a Lei", da professora e arquiteta Raquel Polnik, editado pela Studio Nobel, com apoio FAPESP. O livro é produto de sua Tese de Doutorado, desenvolvida no Departamento de História da New York University. Originalmente escrito em inglês, recebeu o aporte da Fapucamp para tradução e versão. Desde há muito envolvida com a questão da formação de "territórios" na cidade de São Paulo, a autora recupera, nesta obra, a trajetória da legislação urbana na cidade de São Paulo, penetrando em sua história e elucidando seu papel político e cultural ao longo do tempo. Demonstra que a ineficácia das normas urbanas em regular a produção da cidade é a verdadeira fonte de seu sucesso político, financeiro e cultural em um contexto onde a riqueza e o poder sempre estiveram concentrados. Afinal, conforme avalia, "mais além do que definir formas de apropriação do espaço permitidas ou proibidas, mais do que efetivamente regular a produção da cidade, a legislação urbana age como marco delimitador de fronteiras de poder". O livro trata com mais profundidade e detalhe o período compreendido entre 1886 e 1936, quando ocorre a primeira anistia a construções irregulares na cidade. Ao longo desse período foram formuladas as bases da legislação urbanística paulistana – alguns princípios presentes até nossos dias. A pesquisa realizada e as alternativas apresentadas buscam colocar em discussão os possíveis termos da superação dos limites perversos a que chegou a cidade de São Paulo.

Raquel Polnik é arquiteta, professora da Fapucamp e coordenadora dos cursos de pós-graduação – Especialização em Desenho e Gestão do Território Municipal e em Urbanismo Moderno e Contemporâneo. É também responsável pela área de projetos do Instituto Pólis e, como profissional, foi diretora de Planejamento da Secretaria de Planejamento do Município de São Paulo, durante a gestão Luiza Erundina, tendo coordenado o Plano Diretor da cidade e, mais recentemente, atuado em consultoria sobre planos e legislação urbana em cidades brasileiras e latino-americanas.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Revista Óculum traz Jo Coenen para Bienal A revista de arquitetura e urbanismo da Fapucamp é responsável pela vinda de um dos destaques internacionais da III Bienal Internacional de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, a se realizar de 9 a 30 nov, o arquiteto e urbanista Jo Coenen, responsável pelo projeto de renovação urbana Ceramique, em Maastricht, Holanda.

6º Prêmio Paviflex do Concurso Fadema-Abea A arquiteta Nicole Caren Krause, formada em 1996 na Fapucamp, recebeu menção honrosa no concurso. O projeto Praça da Sé – redesenho e Centro de Apoio ao Transporte Urbano foi orientado por uma equipe de professores do TGI da 6ª feira.

### Morre Aldo Rossi

Um dos mais importantes arquitetos contemporâneos, faleceu nesta semana o italiano Aldo Rossi. Autor de importante obra construída e textos críticos fundamentais, Rossi não resistiu aos ferimentos de um acidente de automóvel. O Boletim Óculum prestará homenagem no próximo número.

V Conferência Internacional do DOCOMOMO Tema: "Visão e realidade. Aspectos sociais da arquitetura e do urbanismo no Movimento Moderno". Estocolmo, Suécia, de 16 a 18 set 88. Prazo de entrega dos resumos: 15 set 87. Info: Docomomo Brasil, R. Caetano Moura 121, 40210-350 Salvador BA, Telefax 071 247.3511, docomobr@ufba.br

Documentação do Congresso UIA Barcelona 96 Trabalhos apresentados disponíveis para aquisição. Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Plaça Nova 5, 08002 Barcelona. Fon 343 412.7651; fax 343 412.6795; internacional@coac.es

Abraão Sanovitz: projetos, desenhos e gravuras Exposição comemorativa dos 50 anos da Fausp. Até 26 set. Rua do Lago 876, Cidade Universitária, São Paulo, fon 818.4048.

### Cidade e Sanitarismo

Mesa redonda com Sidney Chalhoub (Unicamp), José Roberto Amaral Lago (Unicamp), Ana Lucia Duarte Lanna (Usp) e Myriam Bahia Lopes (Ufes), organizada pelo Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, 16 set, 14h, IFCB Unicamp.

Exposição Barcelona Madrid (1898-1997) A se realizar de 22 set a jan 98 no Centre de Cultura Contemporània de Barcelona. Casa de Caritat Montalegre, nº 5, 08001 Barcelona Espanha, fon 93 412.0781/412.0782, fax 93 412.0520.

Concurso de idéias São Paulo eu te amo Promovido pela Prefeitura organizado pelo IAB/SP, visa obter propostas de renovação urbana para 20 áreas da capital paulista. Inscrição: 18 ago-03 out. Entrega: 03 nov 97. Info: IAB/SP, rua Bento Freitas 306, 4º and, sala 43, fon 011 258.6597

outubro 1997  
ano 2  
edição meses letivos

Revista Óculum traz Jo Coenen e projeto C eramique para a III Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo  
Abilio Guerra, Luis Espallargas Gimenez e Paul Meurs  
oculum@uninet.com.br



Projeto urbano C eramique em Maastricht, Holanda. Arquiteto Jo Coenen

Jo Coenen, da mesma gera o de Rem Koolhaas,   hoje o arquiteto e urbanista holandês que mais se tem destacado no cenário internacional. Suas obras, publicadas nas mais importantes revistas internacionais, começam a ganhar as páginas dos livros e catálogos, consolidando sua já significativa obra como uma das referências contemporâneas. Um dos convidados da última trienal de Milão, Jo Coenen acaba de desmontar a exposi o *Reinventing the territory 87-97* em Berlim, no *Aedes East in den Hackischen H fen*. Jo Coenen virá ao Brasil em novembro e estará presente no lançamento da * culum* sobre uma de suas obras mais importantes, o Projeto C eramique em Maastricht, na Holanda. Prestigiando sua Sala Especial, se fará presente na 3  Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, proferindo uma das conferências principais.

#### Projeto C eramique

Por mais de um século o terreno C eramique, uma antiga área industrial de 23 hectares para a produ o de cerâmicas. O principal objetivo deste projeto foi acrescentar um bairro novo e adequado ao centro da cidade, e ao mesmo tempo criar uma liga o natural com a vizinhança, formada por bairros já consolidados. As duas partes da cidade, separadas pelo rio Maas serão interligadas por uma nova ponte para

ciclistas e pedestres, localizada próxima ao limite histórico das muralhas da cidade. A revitaliza o do local está em andamento e os resultados parecem provar que apesar de tudo   possível criar uma síntese entre o corredor tradicional e as estruturas radicalmente abertas do movimento CIAM. Os perfis das ruas relativamente fechadas e estreitas relacionam-se às condi es espaciais da cidade histórica. Contrastando com isso, as praças, arcadas e jardins fechados interconectados por um sistema de passagens para pedestres, oferecem vistas surpreendentes e proporcionam uma estrutura muito aberta ao nível do solo. Os vários edifícios previstos – habita es, escritórios, museu, biblioteca, teatro, etc. foram encomendados a diversos escritórios liderados por importantes arquitetos, tais como Aldo Rossi, Mario Botta, Alvaro Siza Vieira, Aurelio Gaffetti e Oriol Bohigas.

#### Jo Coenen & Co

Jo Coenen (1949) tem seu próprio escritório em Maastricht (Holanda). Entre seus muitos projetos arquitetônicos e urbanisticos estão o Instituto Holandês de Arquitetura (NAI) em Rotterdam (1993), o Kunstcluster (Fórum de Arte) em Tilburg (1996), o Plano Diretor para a ilha KNSM em Amsterd m (uma antiga parte do porto, 1990) e a renova o urbana da Alameda Vaillant, em Haia (1989).

Especializa o em urbanismo na Faupuccamp  
pet@zeus.puccamp.br

#### Mestrado

As inscri es para o Mestrado em Urbanismo da Faupuccamp, para a turma de 1998, estarão abertas entre os dias 1 de outubro e 21 de novembro de 1997. "O Mestrado em Urbanismo da Faupuccamp define a cidade como objeto de investiga o privilegiado com suas linhas de pesquisa voltadas   investiga o: da história das cidades e dos seus processos constitutivos; da constru o da cidade como objeto artístico; da gestão do espaço e da sua dimensão política; e, dos projetos urbanos, objetos de transforma es do espaço construido."

#### Especializa o

As inscri es para o Curso de Especializa o em Desenho e Gestão do Território Municipal da Faupuccamp, para a turma de 1998, estarão abertas entre os dias 3 de novembro e 5 de dezembro de 1997. "As áreas de planejamento urbano e gestão municipal passam por um momento importante de redefini o de estratégias, paradigmas e métodos. O curso se propõe a formar e atualizar os profissionais que atuam na gestão urbanstica dos municípios, mobilizando professores com vasta experiência teórica e prática e propiciando um espaço de supervisão e debates dos projetos que estão sendo desenvolvidos pelo profissional nos seus respectivos municípios."

#### Informa es

Faupuccamp – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontif ca Universidade Católica de Campinas. Secretaria da Pós-Gradua o, Campus I, Prédio H11, Rod. D. Pedro I, Km 136, 13089-500 Campinas SP Brasil; fax 019 255.6376; fone 019 754.7088 (com Andrea); ou email pet@zeus.puccamp.br

**URBANISMO  
MODERNO E  
CONTEMPORÂNEO**  
CURSO DE P S-GRADUA O

FACULDADE DE ARQUITETURA  
E URBANISMO - PONTIF CA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE CAMPINAS

INFORMAÇOES:  
TEL. (019) 62.961.6.171 e 178 FAX. 019. 62.967

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

**Boletim  culum**   um informativo sobre as atividades da Revista  culum e publica-se pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontif ca Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. Atualiza es, manifesta es e comentários são enviados aos assinantes e são lidos pessoalmente e corrigidos pelo editor e pelo diretor de edi o. Material pode ser enviado eletronicamente para: oculo@uninet.com.br.

Editor responsável:  
Abilio Guerra

Correspondentes:  
Abilio Guerra (responsável)  
Eduarda Marinho (SP)  
Eduarda Marinho (Campinas)  
Fernando Carlos Espíndola  
Fernanda Vitorino Colares  
Marcos Topon (Brasília)  
M. P. P. Pinheiro (Campinas)  
Paul Meurs (Holanda)  
Tiago Diogo (Franco)  
Pedro Moreira (Amsterd m)  
Rafael Queiroz Aguiar (Rio de Janeiro)  
Vivian Cavalcanti (Brasília)

Colaboradores:  
Agnel Kogian  
Dirigei Vermeijer  
Rafael Vitorino Colares  
Tatiana Marcon  
Vagner L. Moreira

Assessoria:  
Diretor:  
Wilson Ribeiro (da Síntese)  
Vice-diretor:  
Fernando Colares  
Coordenador de curso:  
Roberto Marques de Almeida

Centro de Apoio Didático  
Campinas  
Rod. D. Pedro I - km 136  
13089-500 Campinas SP  
Brasil  
Fone: 019-019-754.7126  
Fax: 019-019-255.6376  
e-mail: fau.puccamp.br

Boletim  culum  
Alameda das Mouras 51  
01424-300 São Paulo SP  
Brasil - Fax: 011-2648961  
oculum@uninet.com.br

Boletim  culum, impresso em:  
5000 exemplares  
Distribui o gratuita

Qualidade de impressão:  
Hilborn-Imagem

Faupuccamp na Internet:  
www.faupuccamp.br

Assinatura:  
Itautec

IMPRESSO

## Quem foi Aldo Rossi arquiteto

(1931-1997)

Marcos Tognon

tognon@sabsns.sns.it



Aldo Rossi. Museo Benetton para o projeto urbano de Trevise (arqueto holandês Jo Coenen)

Neste momento em que a vida do homem Aldo Rossi se interrompeu, vida que se apagou no último 4 de setembro, após um infeliz acidente de automóvel, que contava com maduros e, nos últimos tempos, discretos 66 anos de idade, nós podemos declarar, sem exatidão, que o arquiteto Aldo Rossi continua presente.

Lugar comum, raro leitor, dizer que obras edificadas, projetos e textos de um falecido arquiteto, muito ativo em sua vida terrena, o mantenha "presente" entre nós; visitaremos as suas obras, acompanharemos os projetos em seus percursos ideativos, com as devidas ressonâncias críticas, leremos tudo, não faltam registros do "caso" Aldo Rossi. A crítica mais atualizada, italiana e internacional, sempre dedicou atenção ao arquiteto milanês; publicações econômicas e sustentaos volumes ilustrativos dos edifícios e dos sólidos desenhos de Rossi ocuparam, assiduamente, as prateleiras mais privilegiadas; temos guias de arquitetura que, bem comportados, nos informam o endereço, o estado físico, a bibliografia dos edifícios sugeridos para uma visita, em Milão, Gênova, Paris, Parma, Berlim, e muitos estudantes e jovens arquitetos sabem o quanto esses livretos são úteis na procura de certos tesouros.

Mas que fique claro para o meu leitor paciente: se o homem Aldo Rossi deixa o nosso mundo terreno, o arquiteto Aldo Rossi entre em nossa "história" da arquitetura. Devemos, assim, ter o cuidado em não dar as duas mãos à Crítica "engajada", como também não ludirmos com somente aquilo que facilmente podemos obter em uma boa livraria. Falo dos riscos na fruição da literatura e da obra de nosso ilustre defunto. E vamos por pessoa. Aldo Rossi arquiteto incomodou muito tal Crítica especializada, particularmente aquela italiana, pesada e atenta leitora de Lukács; uma Crítica que elegeu as suas preferências justamente nos anos Setenta, quando Rossi se afirmava como forte protagonista, com alguns edifícios importantes concluídos, com um percurso didático proposto na Faculdade de Arquitetura do Politécnico de Milão, e, com a clamorosa direção da XV Trienal de Arquitetura de Milão.

O nosso arquiteto, comemorado hoje, procurou então replicar certas palavras, duras, que chegavam ao seu estúdio, nos Setenta mas também no vicínio sucessivo, certos juízos como "fascista" (Zevi 1973), "nostálgico frustrado" ou "demasiadamente otimista" (Tafuri 1980 e 1986), "obsessivo" (Beluzzi e Conforti 1990), não esquecendo a ostilidade da redação da revista *Parametro* na ocasião da Trienal. Devemos ler todos, principalmente o perigoso Tafuri, príncipe dos críticos, mas devemos nos aproximar de Ezio Bonfanti, de Renato Nicolini e do animado grupo da revista *Controspazio*, verdadeiro ambiente promotor de uma "crítica" temperada da bagagem rossiana, sempre naqueles anos Setenta.

Antes, sobre o jovem Aldo arquiteto, nos testemunha o ambiente milanês-veneziano de *Cosabella-Corbelli*, entre os anos 1955 e 1964, um contexto importantíssimo. Poderemos conferir o espírito empreendedor de Rossi numa a uma "nova arquitetura", a uma "Tendência": Rossi trabalha na redação da revista, escrevendo, planejando volumes monográficos, comissionando estudos a companheiros, sempre ao lado de Ernesto Nathan Rogers, a baliza moral da cultura arquitetônica italiana do pós-guerra.

Deveremos voltar a olhar os sérios e sóbrios sólidos de Aldo Rossi, partes da sua arquitetura construída e desenhada; e, aquela nossa mão que não fora oferecida aos críticos deve, sim, pegar os textos de Aldo Rossi, o fundamental *Architettura della città* (1966), os *Scritti scelti sull'architettura e la città 1956-1972* (1975), *A Scientific Autobiography* (1981), o *libro-azzurro. I miei progetti 1981* (1983). Invidados por problemas, por noções como "autonomia da arquitetura", "tipologia", "elementos primários", "cidade análoga", poderemos nos aproximar do centro dessa vida arquitetônica, a "pública".

Foi evidente para os outros, e consciente para o nosso arquiteto: fazer arquitetura é estudar arquitetura, é infringir o mundo das resoluções profissionais com o mundo subjetivo das interpretações sobre a cultura material, das preferências escondidas desde a infância, da herança iluminista em classificar, modelar, restituir uma ordem, uma herança moral do Racionalismo. Poética arquitetônica, aqui, pode ser entendida assim, mas talvez nos faltará muito, principalmente aqueles estratos que só a vida oferece no dia a dia, as alegrias, os achados, as frustrações... Nos consaltemos meu leitor, aceitando o monumental testamento de desenhos, edifícios e textos do arquiteto Aldo Rossi.

#### Bibliografia mínima indicada sobre Aldo Rossi

1. Ezio Bonfanti, "Elementi di costruzione. Note sull'architettura di Aldo Rossi" in *Controspazio*, ano II, n. 10, 1970.
2. Wilfredo Savio, *L'architettura di Aldo Rossi*. Milano, Franco Angeli, 1976.
3. Gianni Brambilla, Aldo Rossi, Palermo, Zedocchi, 1981 (versão espanhola de Gustavo Gili).
4. Manfredo Tafuri, "Il caso Aldo Rossi", capítulo 9 de *Storia dell'architettura italiana 1944-1985*, Torino, Einaudi, 1999.

## Vermont: desenvolvimento e velocidade

Eduardo Aquino, Canadá

102661.2547@compuserve.com

Montes ríspicos, cidadezinhas pitorescas, a exuberante gama de cores da paisagem realçando com a simples arquitetura rural, estradas livres de billboards ou qualquer outro vestígio visual do capitalismo sensacionalista. A primeira impressão que se tem quando explorando este minúsculo e encantador estado americano, ao sul da fronteira com o Quebec, é como se Vermont fosse uma paisagem perdida, esquecida, ou recriada na imaginação cinematográfica, como se estivéssemos visualizando uma romantização hollywoodiana. Mas não. O que faz este pequeno território sobreviver aos abusos da cultura consumista é ao mesmo tempo um profundo sentido da própria história e uma necessidade intuitiva de preservação de um modo de vida em total extinção. O que surpreende é que esta consciência está espalhada coletivamente por todo o estado, como se todos fossem cúmplices secretos contra uma conspiração invisível, com uma consciência política não artificial e que deslumbra, que não se manifesta nos recintos parlamentares ou na superficialidade da mídia, mas ocorre no contato humano do dia a dia, nascendo da necessidade mútua de se recriar constantemente uma qualidade de vida que se perde comumente pela incapacidade de mobilização econômica e política, ou pelo enfraquecimento natural da luta constante por uma justiça social.

Como consequência, Vermont se tornou o estado americano aonde é mais penoso de se implantar um supermercado ou um empreendimento imobiliário. Tão logo se sabe de tal intenção, populações se organizam tornando qualquer expansão capitalista absurda em processos judiciais que levam anos para serem julgados, com a frequente vitória das comunidades locais. Um dos casos mais marcantes foi a recente tentativa de localização de um McDonald's na rua principal da singela Montpelier, a capital do estado. O caso ficou famoso pois foi um dos únicos momentos em que a marliaca rede de fast-food perdeu na justiça perante o gesto popular. Conhecidos também são os escultores de cemitério da região de Barre, italianos refugiados do pós-guerra, formando um dos redutos anarquistas mais significantes da América do Norte, e contribuindo ao crescimento dessa consciência política e do sindicalismo regional. Este equilíbrio entre o respeito humano, a paisagem, e o desenvolvimento técnico e econômico só foi possível graças à esta atitude coletiva, que vive independentemente de partidos políticos ou da mídia, permitindo assim que vaquinhas leitricas coexistam harmoniosamente com a virtualidade da avançada indústria informática nativa, e o intenso desejo de uma vida simples, parata e cheia de civilidade.

## Atividades de pesquisa dos alunos da Faupuccamp

Maria Lucia Refinetti Martins  
jmartins@dialdata.com.br

### III WORKSHOP PET

ESPAÇO MODERNO E ESPAÇO VIRTUAL



CECI N'EST PAS LA VILLE SAVOYE  
ISTO NÃO É A VILLE SAVOYE

O espaço moderno e o espaço virtual  
III Workshop PET 1997

O grupo PET (programa CAPES para estudantes de graduação) promoveu, entre 16 e 26 de setembro, seu III Workshop, com o tema "Espaço Moderno e Espaço Virtual".

Frente à realização na Faupuccamp do III Seminário "A Informática no Ensino de Arquitetura", o grupo PET adotou a informática como linha temática de seus trabalhos durante o ano de 1997. Assim, no momento em que ocorria o Seminário, produziu-se, de modo contínuo, o Workshop 97 do PET assim como a publicação FAUzine 3.

Workshop e FAUzine são frutos do trabalho de pesquisa que se desenvolveu durante o ano, investigando e correlacionando alguns temas: buscando compreender o Espaço Virtual, colocando em pauta o Espaço Moderno e a prática da Arquitetura Moderna em Campinas, buscando refletir sobre a Arquitetura que é feita hoje. Entre todos, um fio condutor: o Espaço, esse elemento essencial de nosso trabalho de arquitetos e urbanistas.

O Workshop, destinado a alunos de graduação, é oferecido anualmente, com 60 vagas. A programação envolve palestras e mesas redondas com professores e atividades práticas desenvolvidas em equipe. Tem caráter de curso de extensão, com duração de 30 horas.

Sua proposta é motivar e incentivar nos estudantes uma relação mais instigante com o aprendizado. Desenvolve-se como um processo intensivo de imersão acadêmica, de modo lúdico e informal. Procura oferecer aos participantes uma experimentação de como uma mudança de atitude em relação ao aprendizado e à busca do conhecimento pode ser desafiadora e "viciante". A ideia é de que, um pouco envolvido pela "festa" e pela intensidade do convívio com colegas de diferentes séries e com professores, o estudante se mobilize para uma nova atitude acadêmica.

A partir dessas bases foram realizados o primeiro Workshop, em 1995 com o tema "Dando a volta pela cidade" e, em 1996, o II Workshop, "Futuros da Cidade". Neste ano, realizamos "O Espaço Moderno e o Espaço Virtual", cujas atividades incluíram, na vertente Espaço Virtual: mesa redonda, vídeos e uma instalação, onde o visitante podia vivenciar noções de "espaço virtual". A mesa redonda contou a participação do Arquiteto Emanuel Dimas de Melo Pimenta (convidado internacional do III Seminário de Informática no Ensino de Arquitetura), que debateu com a professora Margareth da Silva Pereira o tema *Virtuallidade e Arquitetura*. Ainda sobre o tema, os participantes foram desafiados a expressar sua compreensão através de representação teatral, em um rápido quadro. Em relação à *Arquitetura Moderna*, foram propostas pesquisas urbanas, em que os participantes eram instados a identificar, na cidade de Campinas, edifícios construídos no período do movimento moderno, buscando evidenciar as obras que realmente seguem os procedimentos da arquitetura moderna, adaptando-se à realidade regional, em contraposição às meramente casuais e modistas. Para realização dessa tarefa tiveram o apoio de palestra a cargo da professora Maria Beatriz de Camargo Aranha e uma série de slides preparadas pelo grupo PET, sob orientação da mesma professora. Ao final, em atividade de ateliê, os participantes organizaram e expuseram seus desenhos e conclusões sobre *Arquitetura Moderna* em Campinas. As pesquisas que levaram à preparação do Workshop tiveram o apoio de diversos docentes da escola além dos já citados.

A repercussão positiva desse trabalho tem despertado, a cada ano, maior interesse e envolvimento de estudantes e professores, inclusive externos à Faupuccamp.

#### Iniciação Científica

Contando com um quadro de 34 estudantes de graduação envolvidos em Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica, a Faupuccamp vai se fazendo presente no meio acadêmico do país. Desde 1994 tem havido apresentação de trabalhos de estudantes nas Jornadas de Iniciação Científica da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Em 1996 um grupo de quatro estudantes ganhou o *Prêmio Jovem Pesquisador* no IV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP, pela apresentação do trabalho "Pensamento teórico e prática contemporânea: futuros da cidade". No presente ano, cinco bolsistas apresentaram seus trabalhos na 49ª Reunião da SBPC em Belo Horizonte e quinze se apresentaram no III Encontro de Iniciação Científica de Puccamp, realizado no Campus I da Universidade, de 29 de setembro a 02 de outubro.

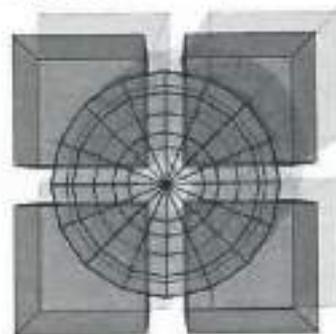
Maria Lucia Refinetti Martins é a tutora PET da Faupuccamp

Novas paisagens, novos territórios  
Affonso Orciuoli, Espanha  
orciuoli@hotmail.com

A exposição *Novas paisagens, novos territórios* no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona oferece mais uma visão sobre as relações entre arquitetura e paisagem. Foi concebida por Eduardo Bru, professor da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona e por Xavier Costa, comissário do MACBA, que em seu exercício de reflexão teórica sobre paisagem e território propõem um distanciamento entre estes elementos.

Dividida em quatro temas que manifestam novas tendências arquitetônicas, a mostra sugere uma leitura de como as cidades e suas arquiteturas vêm respondendo a uma série de rupturas anunciadas pela contemporaneidade: *Intituações* propõe a artificialização do entorno físico original para adentrar-se em novas geografias que colocam em crise as relações entre o natural e o construído. *Simbolos* exporta o urbano além do que convencionalmente entendíamos por cidade, colonizando virtualmente âmbitos físicos superiores. *Fronteiras* exalta a impermeabilidade entre cidade e território, linhas de limite entre diversos modos de ocupação, atividade ou geografia. *Paisagens interiores* revela relações mais íntimas entre o exterior e o interior. A cidade entendida num detalhe de um edifício ou interiores como parte explícita da cidade. Dentro desta tarefa de rotular alguns itens que permeiam o pensamento arquitetônico contemporâneo, coincide aqui uma leitura fragmentada da cidade, onde a realidade se faz cada vez mais interdependente e entrecruzada. Entre uma vintena de projetos, chama a atenção por suas características de representação e conteúdo, o projeto dos arquitetos Diller & Scofidio, que sintetiza a atual "crise" da arquitetura em seu aspecto de ruptura entre o regional e o global. A residência projetada em Long Island, Nova York, em 1989, intitulada *Slow House*, protagoniza em seu desenvolvimento de desenho os acessos que os meios de transporte levam a até o seu interior. Um cuidadoso estudo das visuais entre a estrada, o rio e a casa acabam por atribuir uma relevância ao ponto cartesiano onde esta se situa, clamando as qualidades que a arquitetura oferece enquanto ente físico. Por outro lado, o projeto ironiza esta condição. Um vídeo localizado dentro do museu mostra imagens externas coincidentes com as que se projetam num pequeno monitor colocado no interior da casa, onde também uma câmera leva esta imagem a uma tela posicionada dentro do terreno, colocando em cheque a condição física da arquitetura exaltada anteriormente. A moradia assim se revela como um lugar de recebimento e envio de imagens, renunciando ao contexto real para selecionar aquele onde quer estar, estreitando assim os laços entre arquitetura e tecnologias da informação. As novas relações entre os indivíduos com o tempo e o espaço, as possibilidades de rápido deslocamento dos seres e o intercâmbio imediato de informações nos levam à novas condições urbanas. A ubiquidade e a simultaneidade se relativizam e se mediatizam, conduzindo a arquitetura a novos camos de atuação.

**A informática no ensino de arquitetura. Recomendações**  
Sidney Tamaí, Octavio Lacombe e  
Alexandre Panizza  
sem3@zeus.puccamp.br



O III Seminário Nacional A Informática no ensino de arquitetura (Faupeccamp, 17, 18 e 19 set) tomou as seguintes recomendações para as escolas de arquitetura:

- que o projeto de informatização a ser implantado seja integrado ao conjunto das atividades de ensino, pesquisa e extensão, sem o privilégio de cursos e currículos de autônomos, objetivando uma maior incorporação dos meios informacionais no desenvolvimento do ensino/aprendizagem da atividade projetual inerentes à formação de arquitetos e urbanistas
  - que seja implantada uma infra-estrutura adequada e de acesso a docentes e estudantes
  - que seja estimulado permanentemente o melhor aproveitamento das condições de interatividade e simulação dos meios informatizados, ampliando o leque de experimentação e multiplicidade de abordagens e respostas para a concepção e raciocínio projetual visando a interdisciplinaridade.
  - que os meios informatizados sejam incorporados como mais um recurso gráfico, somando-se aos demais meios de ensino/aprendizagem, tais como desenho, modelagem física, maquetes, etc.
  - que, para o próximo Seminário, os docentes avaliem os procedimentos e experiências realizadas visando subsidiar a discussão sobre metodologia, interdisciplinaridade e extensão da informática ao conjunto de atividades dos cursos.
  - que, tendo em vista a realização do próximo CONABEA (Florianópolis, novembro 97), onde será discutida a implantação das novas diretrizes curriculares nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, as instituições de ensino encaminhem um relato da atual situação dos cursos em relação as condições exigidas para a realização dos conteúdos da Informática, especificando infraestrutura, formação docente e atividades relacionadas.
- As recomendações acima estão em uma versão resumida; o texto integral poderá ser encontrado em [www.fau.puccamp.br/sem3/sem3.htm](http://www.fau.puccamp.br/sem3/sem3.htm)

A sessão de encerramento do III Seminário Nacional A Informática no ensino de arquitetura deliberou que o próximo evento da série se realizará em 1998 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina e sugere que propostas sejam encaminhadas para a organização do evento, que já colocou disponível um endereço eletrônico: [NSEM@arq.ufsc.br](mailto:NSEM@arq.ufsc.br)

**O modernismo brasileiro e o nascimento do IPHAN**  
Abilio Guerra  
[oculum@uninet.com.br](mailto:oculum@uninet.com.br)

Uma das mais curiosas peculiaridades da história da arquitetura brasileira é o surgimento da preocupação crítica e ação sistemática frente ao patrimônio arquitetônico. Sintonizados com os ventos vanguardistas parisienses em um primeiro momento, nossos modernistas logo se embrenharam no interior do país em busca de raízes que justificassem uma autonomia cultural tão almejada. Ainda nos tempos das vanguardas paulistas "descobri-se" Aleijadinho, tornado de imediato o ícone da expressiva alma brasileira.

Se o primeiro tempo foi paulista, o segundo é hegemonicamente carioca. Instalados no gabinete do ministro Capanema, os modernistas vão se tomar a faceta modernizadora do regime autoritário de Vargas, cabendo a ele substancial participação na política cultural, sendo a arquitetura o carro-chefe dessa ação. As figuras exponenciais de Mário de Andrade e Lucio Costa conformam esse campo discursivo que tem como centro ideológico a tensão entre brasilidade e modernização.

O nascimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ocorre neste ambiente cultural, onde os agentes da modernização e da preservação são os mesmos, situação inusitada que dá uma marca indelével no que diz respeito à sua ação inicial e à própria concepção do que deve ou não ser preservado.

Dois livros recentes podem dar uma excelente compreensão desse processo. O primeiro, de Maria Cecília Londres Fonseca, é uma excelente história da "trajetória da política federal de preservação no Brasil", acompanhando por dentro das instituições oficiais as vicissitudes da visão oficial em relação ao patrimônio, com destaque para os dois momentos decisivos – o momento fundador (final da década de trinta), e o momento renovador (a partir da segunda metade da década de setenta).

O segundo é a reedição do magnífico livro testamento de Lúcio Costa, onde o leitor poderá acompanhar a mais significativa aventura cultural no campo da arquitetura brasileira deste século. Costa, cumprindo papel análogo ao de Mário de Andrade em relação à literatura, desenhara o campo conceitual por onde nossa arquitetura se desenvolverá por décadas, em especial as obras de Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy e do próprio Lúcio Costa. Nelas podemos verificar as possibilidades estéticas da fusão conceitual de Costa, que tem como uma de suas âncoras mais poderosas o resgate de alguns aspectos construtivos e diversos valores de nossa arquitetura colonial. A outra âncora, as idéias renovadoras de Le Corbusier, presentes em parte substancial dos textos, trazem para dentro do livro os ecos da movimentação vanguardista européia. O leitor interessado em patrimônio histórico, ao ler vários textos que Costa dedica a esta temática, terá o prazer em ver no nascedouro concepções e posturas que serão a própria essência da ação oficial nessa área.

Maria Cecília Londres Fonseca, *O Patrimônio em Foco*, Editora UFRJ / Nereu / Iphan.  
Lúcio Costa, *Resposta de uma vida*, Editora das Artes, 2ª edição.

**Acontece**  
Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos culturais

**Palestra de arquiteto americano na Faupuccamp**  
Por iniciativa do Departamento de Planejamento, John Tillman Syle, autor do livro *Design for human ecosystems*, realizará palestra sobre seus últimos trabalhos no dia 12 de novembro, às 14h.

**3 revistas internacionais de arquitetura**  
A Ócolum mantém intercâmbio com três revistas internacionais pouco conhecidas no Brasil: *Astrágalo*, Universidades de Alcalá de Henares, Valladolid, Palacete Loreda Paseo de la Estación 10, 28807 Alcalá de Henares, Madrid, Espanha, fax 91 880.2783;  
*Basa*, Colegio de Arquitectos de Canarias, Rambla General Franco, 123, 38001 Sta Cruz de Tenerife, Islas Canarias, Espanha, fax 922 24.2014  
*Metamorfosi*, Vialle delle Milizie 18, 00192 Roma Italia, fax 06 321.4695

**Lançamento de livros**  
*Parcelamento do solo urbano em Campo Grande*, Ângelo Marcos Vieira de Arruda, Ed Uniderp. Info: fone: 007 721.9080 ou 724.6163.  
*Arquitetura Moderna São José dos Campos*, Alexandre Penedo. Histórico da trajetória da arquitetura moderna na cidade, com compilação dos principais projetos. Info: fone 012 322.3792  
*Habitar contemporâneo: novas questões no Brasil dos anos 90*, Ângela Godinho Souza (org) e (Re)afirmando o modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil, Luiz Antonio F Cardoso e Olivia Fernandes de Oliveira (org), UFBA, fone 071 240.0458

**Exposição Tarsila anos 20**  
Seleção de 68 obras da modernista. De 3ª a dom, das 9h às 20h. Galeria de Arte do Sesi, av Paulista 1313, S Paulo, fon 253.5877 ram 262. Até 30nov.

**Michelangelo no Masp**  
Mais de cem obras (pintura, gravura, escultura, relevo em bronze) de Michelangelo e seguidores. De 3ª a 6ª, das 9h às 22h, sab e dom das 8h às 22h. R\$ 8,00 e R\$4,00 estudante. MASP, av Paulista 1578, S Paulo, fon 253.8663 ram 262. Até 30nov. <http://www.uol.com.br/masp/>

**Mostra de Flávio Império no Sesc-Pompeia**  
Reúne obras nas áreas de arquitetura, artes plásticas, cenografia, figurinos, cinema e vídeo. De 3ª a 6ª, das 9h às 21h30, sab e dom das 9h às 20h. Sesc Pompeia, r Clelia 93 S Paulo, fon 871.7700

**Arte@Tecnologia expõe instalações e vídeos**  
Dentre os expositores, Marco da Valle, professor da Faupuccamp. De 3ª a 6ª, das 10h às 21h, sab dom e fer até 19h. Instituto Cultural Itaú, av Paulista 149, S Paulo, fon 238.1700. Até 26 out.

**VIII Congresso Nacional da ABEA**  
Florianópolis de 3 a 6nov, no Curso de Arquitetura da UFSC. Info: ABEA, r Caetano de Moura 121, 40210-350 Salvador BA, fon 071 245.2627

novembro 1997  
ano 2  
edição mensal

**A participação da Faupuccamp na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo**  
oculum@uninet.com.br

**Abertas vagas na Pós-graduação da Faupuccamp**  
pet@zeus.puccamp.br

O boletim Óculum é um informativo para alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campinas, Faupuccamp. Apesar de ser voltado para os membros da comunidade acadêmica, não necessariamente restrito a ela, o boletim pode ser lido por qualquer pessoa que tenha interesse no tema.

Editor responsável  
Alta Garcia

**Coordenadores**  
Adriano Oliveira Zapparello  
Cláudio Bortolan (UA)  
Cecília Aparecida Geraldi  
Fernando César Figueiredo  
Ferdinando Vitorino Galvão  
Marcos Tarciso Della  
Moura Pinheiro Chiquini  
Paulo Moura Nogueira  
Paulo César França  
Rafael Mendes Almeida  
Ricardo de Azevedo  
Roberto de Azevedo

**Membros**  
André Kasper  
Dégo Winkler  
Flávio Assis de Castro  
Tatiana Araújo  
Vicente J. Moreno

**Faupuccamp**  
Diretor  
Wilson Roberto dos Santos Jr.  
Vice-diretor  
Kleber de Azevedo  
Coordenador de curso  
Ricardo Marques de Azevedo

**Centro de Apoio Didático**  
Circuito I  
Rod. D. Pedro I, km 130  
13080-820 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: 051-019-254.1111  
Fax: 051-019-256.0376  
red@faupuccamp.br

**Revista Óculum**  
Atividade de Iniciação  
01-404-000 São Paulo/SP  
Fone/Fax: 011-2889800  
red@oculum.uninet.com.br

**Boletim Óculum**, impresso em  
papel reciclado.  
Distribuição gratuita.

Óculum no Internet  
web@oculum.com.br

Publicação em Internet  
www.fau.puccamp.br



Grande maquete do projeto Oramique em Masdar, Abu Dhabi, Sala Especial de Jo Coenen na 3ª BIA

A Faupuccamp está tendo destacada participação na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

No dia 11 de novembro, o arquiteto holandês Jo Coenen, que conta com sala especial com apoio da revista Óculum, proferiu palestra sobre sua obra. No dia seguinte esteve em Campinas para outra palestra para professores e alunos da Faupuccamp.

No dia 14 de novembro, Samuel Kruchin, professor do departamento de Projeto e da pós-graduação, foi premiado pelo Júri da Exposição Geral dos Arquitetos, na categoria "patrimônio histórico" com o projeto da EEPE Barão de Monte Santo em Moccoca.

No dia 20 de novembro, às 15h30, Sophia S. Telles, professora do departamento de Fundamentos Teóricos, participará do debate "Informação, posição, reflexão. Recortes editoriais: entre a informação total e a reflexão aberta e criativa", com Antonio Carlos Sant'Anna (Projeto, moderador), Alfonso Corona-Martinez (Summa+, Argentina) e Hugo Segawa (Usa São Carlos).

No mesmo dia 20, às 17h30, Abilio Guerra, editor da revista Óculum e professor do departamento de Fundamentos Teóricos, será o moderador do debate "Para quem? O papel didático. As publicações como parte imprescindível da formação e do ensino", com Iñaki Abalos (revista Exit, Espanha), Vicente del Rio (UFRJ, Brasil) e Carlos Eduardo Comas (UFRGS, Brasil).

**Lançamento da Óculum 10-11**

No dia 24 de novembro, às 19h, será lançado no espaço do autor da Bienal o número especial da Óculum sobre o Projeto Cêramique de Jo Coenen. Número duplo, colorido, a Óculum 10-11 apresentará o projeto urbanístico e os projetos arquitetônicos dos diversos arquitetos envolvidos: Aldo Rossi, Álvaro Siza, Mario Botta, Aurelio Galfetti, Luigi Snozzi, Martorel, Bohigas e Mackay, entre outros.

No dia 24 de novembro, às 18h30, a arquiteta Raquel Rolnik, professora do departamento de Planejamento e da pós-graduação, participará do debate "O Plano Diretor de São Paulo", com Heloisa Proença e Luiz Carlos Costa.

No dia 25 de novembro, às 17h, Ricardo Marques de Azevedo, professor dos departamentos de Projeto e Fundamentos Teóricos e da Pós-graduação, participará do debate "Metrópole: centro e periferia", com Regina Meyer e Ermínia Maricato.

Dentre os professores do departamento de Projeto, apresentaram trabalhos Antonio Fernandes Panizza e Alexandre Panizza (com participação de Marco Antonio Bedin, ex-aluno), e Joaquim Caetano de Lima Filho. Representando a Faupuccamp no "Concurso das Escolas de Arquitetura" temos o trabalho dos alunos Aylton Vianna, Caio de Souza Ferreira, Daniel Ghillardi e Fábio Rogê Caroni.

O "Mestrado em Urbanismo" da define a cidade como objeto de investigação privilegiada com suas linhas de pesquisa voltadas à investigação: da história das cidades e dos seus processos constitutivos; da construção da cidade como objeto artístico; da gestão do espaço e da sua dimensão política; e, dos projetos urbanos, objetos de transformações do espaço construído.

Turma 1998: inscrições até 1 de dezembro.

O Curso de Especialização em "Desenho e Gestão do Território Municipal" leva em conta que as áreas de planejamento urbano e gestão municipal passam importante redefinição de estratégias, paradigmas e métodos. O curso se propõe a formar e atualizar os profissionais que atuam na gestão urbanística dos municípios, mobilizando profissionais com vasta experiência teórica e prática e propiciando um espaço de supervisão e debates dos projetos que estão sendo desenvolvidos pelo profissional nos seus respectivos municípios.

Turma 1998: inscrições até 5 de dezembro.

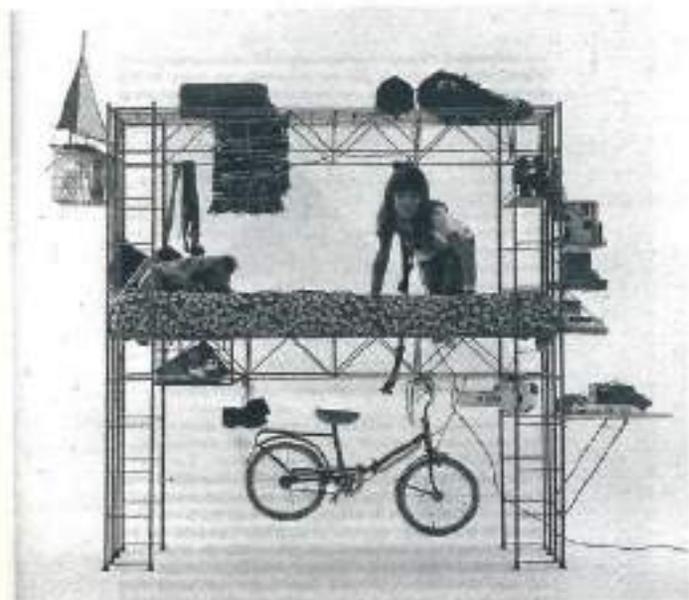
O Curso de Especialização em "Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto" objetiva a qualificação técnica e teórica de profissionais, arquitetos, engenheiros, historiadores, geógrafos, entre outros, para que possam atender de forma criteriosa e consistente a expressiva demanda de projetos e obras neste segmento, garantindo a preservação da memória histórica e das identidades específicas a ela conformadas.

Turma 1998: inscrições até 5 de dezembro.

O Curso de Especialização "Urbanismo Moderno e Contemporâneo" possibilita o aprofundamento da história da urbanística moderna, oferecendo a arquitetos e graduados de outras áreas - sociólogos, historiadores, comunicólogos, engenheiros - um quadro consistente de questões sobre a cidade atual, de seu urbanismo e dos projetos e intervenções contemporâneos.

Turma 1998: inscrições até 5 de dezembro.

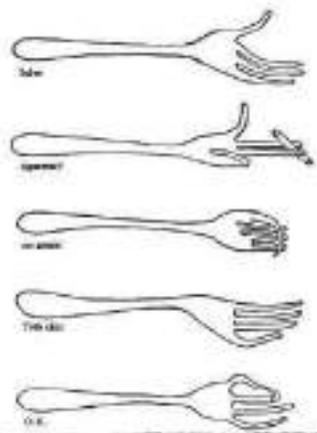
Informações Secretaria de Pós-graduação da Faupuccamp, com Andrea Cardoso (Prédio III, Rod. D. Pedro I, km 130, 13080-820 Campinas, Fone 019-256-0376, pet@zeus.puccamp.br



O último dos futuristas completa 90 anos: para quem nasceu em Milão, cidade capital dos movimentos de vanguarda na Itália, e, justo no ano do "Manifesto futurista" de Marinetti<sup>1</sup>, certos percursos biográficos já seriam quase obrigatórios. Nascer em 1909, falamos sempre do contexto italiano, significava para uma biografia como a de Munari, atingir a maturidade já em pleno período fascista, e, assistir uma série de protagonistas, de tendências, em um contexto heterogêneo e não menos estimulante: basta lembrar, entre 1922 e 1936, certos títulos de revistas ("Architettura e arti decorative" de Marcello Piacentini e Gustavo Giovannoni; "La Casa Bella" e depois "Casabella" com Giuseppe Pagano e Edoardo Persico; "Domus" de Gio Ponti; "Dedalo" de Ligo Orsetti; "Quadrante" do nosso P.M. Bardi; "La città nuova" com Fillia), certas exposições periódicas (Trienal de Monza e depois de Milão, Quadriennale de Roma) ou grupos (os "arquitetos racionalistas", a "Scuola romana", os "futuristas de Turim", a "Galleria Milione"). É, para o nosso homenagem hoje, particularmente, citamos os futuristas da "segunda geração" ou, como já fora proposto antes, o "Segundo futurismo"<sup>2</sup>. Bruno Munari, então com vinte anos, oficializa o seu uniforme de futurista participando da mostra dos "Trentatre pittori" na Galeria Pesaro, ao lado de Depero, Prampolini... Um contexto efervescente de ideias, um segundo Futurismo que agora se estrutura em propostas efetivas para a aplicação dos "ganhos" da arte no mundo cotidiano: a colagem, a pluri-expressão artística através de cores, sons, instalações, do casamento entre a abstração e a figuração publicitária, comunicativa, e se quisermos em léxico atual, lemos mídia. Bruno Munari se dedicou com muita originalidade a programação visual, à didática<sup>3</sup>, à experimentação sobretudo: máquinas "sem função" como aquelas criadas nos anos entre

guerras, a "gráfica lúdica" para as crianças no pós-guerra, os objetos simplesmente "óticos" dos anos Cinquenta. Mas temos uma luminária, uma máquina de café, uma cama infantil ou melhor, um móvel-instalação definido "Abitacolo"; um curriculum digno de designer milanês, e dentro da histórica e célebre fase do desenho industrial italiano dos anos 70<sup>4</sup>. Parabéns Bruno Munari, último futurista, vivíssimo em seu ímpeto criativo sempre associado à ironia, à brincadeira; à uma especial contracultura que não nos nega uma resposta, mesmo que embaraçante: como seria servir-se com certos talheres "falantes", em um jantar de aniversário?

Nota:  
 (1) Filippo Tommaso Marinetti, "Le Futurisme", in: Le Figaro, Paris, 11 de Fevereiro de 1909.  
 (2) U. Borsari, "L'Arte del Futurismo", in: "L'Arte del Futurismo", Roma, 1969.  
 (3) Bruno Munari, "Atti convegni", Milão, 1945; Bruno Munari's ABC (New York, 1963); "Disegno e comunicazione visiva. Dizionario del disegno grafico", edito da Zanichelli, 1966; "Forme e Funzioni", 1977; "Acquello che è", edito da Zanichelli, 1977; "Disegno e comunicazione visiva", edito da Zanichelli, 1977; "Forme e Funzioni", edito da Zanichelli, 1977.  
 (4) U. Borsari, "L'Arte del Futurismo", in: "L'Arte del Futurismo", Roma, 1969; "Disegno e comunicazione visiva", edito da Zanichelli, 1977; "Forme e Funzioni", edito da Zanichelli, 1977; "Disegno e comunicazione visiva", edito da Zanichelli, 1977; "Forme e Funzioni", edito da Zanichelli, 1977.



Quando a história da arquitetura deste final século for escrita, com certeza a obra do arquiteto americano John Hejduk vai receber a devida atenção. A presente exposição retrospectiva no Centre Canadien d'Architecture, a primeira a ser realizada sobre o seu trabalho, demonstra claramente porque a obra de Hejduk merece um olhar cauteloso, e no mínimo afinado com a mesma crítica minuciosa em que se dedicou à sua obra. Através de desenhos, croquis, aquarelas, maquetes, objetos e fotos, Hejduk desponta como um arqueólogo do fazer, aonde a prática da arquitetura se apresenta acima de tudo como um gesto poético. A sucinta estratégia de apresentação de um processo criativo complexo é influenciada pela prática do educador, atividade na qual Hejduk se dedicou tão intensamente quanto ao seu próprio trabalho de arquiteto. A exposição nos conduz a uma trajetória interna do pensar do artista, aonde num primeiro momento são apresentados os "Building Books" (Livros de Construção). Inspirados na obra Adolf Loos, Hejduk articula através de dezenas de aquarelas edifícios imaginários construídos somente no sonho do arquiteto. Através desta série de livro-objetos, Hejduk estabelece um paralelo entre o livro como objeto e o espaço arquitetural: "...o livro é de fato um volume de espaço sólido aonde as nossas imaginações vagam. A massa e o acabamento são feitos de um ar delicioso que circunda e penetra o livro, num movimento constante em direção a uma nova dimensão...". Esta atitude poética permeia todo o processo do arquiteto, que considera o ato da imaginação na arquitetura tão significativa quanto a experiência "real" de se vivenciar o espaço construído. Hejduk dá vazão ao seu gesto criador a partir da quase-total expressão da representação. Verifica-se que a sua obra construída limita-se somente a um conjunto residencial em Berlim, e a uma série de instalações efêmeras geralmente executadas

## O novo Museu Guggenheim em Bilbao

Christopher Whitehead, Itália

num contexto acadêmico, aonde estudantes assumem o papel de colaboradores diretos. O que se percebe ao se visitar esta bela exposição é exatamente a força que tais desenhos e maquetes exercem ao articularem o ideal de um artesão que vive às margens da prática tradicional, reinventando o seu próprio modo de ser, e investindo no desejo profundo de recriar um mundo a partir de uma estrutura subjetiva. Numa época em que confrontamos novas tecnologias e economias de produção, capazes de alterar radicalmente o processo do fazer desde o desenho até a construção, a poética sugerida por John Hejduk significa uma busca a um passado lírico, a recuperação de uma sensibilidade que marcaram a história da arquitetura em outras épocas, mas que nos dias de hoje se vêem em risco de desaparecer. Aqui, o arquiteto vira o alquimista de um universo fantástico, ainda por se inventar, e que só existe mesmo nesta escala pessoal, utilizando-se das possibilidades de ação independentes da economia da cidade. As operações definidas aqui são articuladas simplesmente como motivações ao pensar, respondendo a um instinto criador voraz, a uma obsessão visionária e inesgotável, como aquela que vive somente na alma de um poeta. Os desenhos e maquetes apresentadas não são mais do que experimentações constituindo um vocabulário próprio e que se repetem constantemente, criando assim a "linguagem Hejduk". Na série 'The Wall House' (Casa-Paredes) fica evidente que, para Hejduk, a modernidade nos deixou como legado lições que merecem uma degustação final, longe de estarem enterradas. Estes exercícios nos levam diretamente a Le Corbusier, nas suas composições volumétricas, nas proporções bem medidas, no contraponto plano/volume/vazio, no uso de cores determinando caracteres distintos, não de acordo com um programa pré-estabelecido, mas segundo uma necessidade pictórica de figura e fundo. Hejduk considera 'The Wall House' a procura de uma 'natureza morta' na arquitetura, uma analogia explícita entre o fazer de um pintor e o fazer do arquiteto. Por mais questionável que seja estabelecer um tal paralelo, Hejduk demonstra que a possibilidade de investigação em arquitetura vai além do sítio, da paisagem e da programática que em geral condicionam o nascimento do projeto. Não somente na série 'The Wall House', mas em toda sua obra, Hejduk não se satisfaz com o caráter exclusivamente formal em que seus projetos podem ser recebidos. Ele os faz habitar com ocupantes imaginários, criando verdadeiros roteiros em que contextualiza e justifica cada elemento presente. Em 'Texas House', por exemplo, Hejduk elaborou por dez anos contínuos uma coleção de sete desenhos de execução de uma casa fictícia, utilizando-se de tal projeto para aprender a detalhar e compreender as técnicas de construção clássicas do período moderno. O resultado, apresentado com a minúcia de um Mies van der Rohe, é surpreendente. Mais surpreendente ainda é se saber que tal esforço poético foi motivado somente pelo desejo profundo de aprender.



A construção de novos museus sempre foi uma oportunidade para os arquitetos demonstrarem publicamente seu poder inventivo. Quase que influenciada por obras de arte, a arquitetura do novo museu tem a possibilidade de assumir a identidade da própria obra de arte, propondo composições espaciais, esculturas, de diferentes texturas e cores. Isto já não é permissível no projeto de outros tipos de construções.

O novo edifício de Frank Gehry para a filial da Fundação Guggenheim em Bilbao não é uma exceção à essa regra, e no momento, está no ápice da presente concepção de fantasia, caracterizada na prática de edifícios de museu, ao longo dos últimos 20 anos. O novo museu é um símbolo poderoso, pois incorpora e se insere na cultura local, nas predileções artísticas e na dinâmica humanística dos fundadores. Mediante essa situação, já é esperado que os museus estejam numa situação de rivalidade, uns com outros, pela atenção do público. Entretanto, dessa mistura, uma certa linguagem arquitetônica comum emergiu, e com ela, arquitetos especializados em museus, ávidos para criar novidades. Tais arquitetos são naturalmente forçados a estudar as criações contemporâneas de seus rivais, dentro de um sistema de influências recíprocas que não podem ser impostas. Embora Gehry seja indubitavelmente um dos arquitetos de museu mais inteligentes e inovadores trabalhando hoje, o Guggenheim de Bilbao apresenta algumas similaridades formais com Stirling: o Wilford's Neue Staatsgalerie em Stuttgart (1984), no que diz respeito ao uso de paredes de vidro curvilineas, e com Büsmann e Haberer's Wallraf-Richartz Et Ludwig Museum, em Colônia (1986), com relação à ênfase dada às linhas da cobertura e também na criação de uma dinâmica entre museu e estabelecimentos urbanos.

Dada a história da fundação Guggenheim, o museu de Gehry tem muito o que representar. Como o

museu de Frank Lloyd Wright em Nova York (1948), o edifício de Bilbao foi concebido como sendo a mais premiada peça de uma coleção de arte, e pretendia simbolizar a entrada da fundação Guggenheim na esfera européia - a perda da imagem de instituição americana.

Na realidade, no final de 1990, antes de Gehry ser escolhido, foi decidido que o edifício do museu deveria ter um valor arquitetônico tal, que provocaria um impacto inquestionável na opinião pública. Ao mesmo tempo, a região Basca, responsável pelos custos do edifício, determinou que a arquitetura de Gehry poderia criar um marco identificador para Bilbao e para a região Basca tão distinto quanto o Centre Pompidou em Paris, a Opera House em Sydney e também seria uma demonstração da livre iniciativa da região Basca, a qual pretende ter um papel ativo no desenvolvimento cultural e comercial da comunidade européia.

Milagrosamente, o edifício de Gehry parece pronto a responder estas questões, ao mesmo tempo que se difere e estabelece um diálogo com o entorno imediato. O exterior é formado em parte por pedra calcária local, porém na sua grande maioria por superfícies envidraçadas e chapas de titânio. Na parte frontal a aparência é a de um conjunto de elegantes naufrágios; enquanto contornos curvilineos e formas orgânicas (é difícil encontrar uma linha reta no edifício) referem-se a paisagem rural montanhosa que se encontra a distância, a severidades e qualidades reflexivas dos materiais do edifício estão em harmonia com a zona industrial próxima ao rio e a vizinha estrada de ferro.

Três grandes galerias abrigam a coleção permanente, enquanto sete galerias de sete dimensões diferentes (porém todas com pé direito entre 6-15m de altura) abrigam trabalhos de artistas vivos. Exposições temporárias ocorrerão numa enorme galeria (30 X 130m) que, desfazendo o limite entre o urbano e o espaço do museu, avança sob a Fuente de la Salve, no extremo leste a qual é terminado numa composição com a estrutura de uma torre. O interior se organiza não somente para expor arte mas também para encorajar sua criação, particularmente o espetacular atrio de 50m de comprimento, criado com a intenção de que ali sejam realizadas instalações de arte monumentais. A noção de "espaço neutro" no museu, sempre paradoxal e de certa forma uma falácia, é assim anunciada em favor de uma simbiose orgânica entre o edifício e as obras de arte que ele guarda e gera.

Christopher Whitehead, Scuola Normale Superiore di Pisa, Piazza dei Cavalieri 7, 56100 Pisa (I) Tel. 0571 50 5635/1



## Notícias da Bienal em jornal holandês

Paul Meurs e Patricia Moribe  
urbanfab@knowarc.nl

O jornal holandês "NRC Handelsblad", em sua edição de 12 de novembro, deu grande destaque à Bienal de Arquitetura, em especial à participação holandesa. O título é "Rietveld em um hangar brasileiro", mas quase toda matéria trata da participação de Jo Coenen, que veio ao Brasil a convite da Bienal, a partir de proposta da revista Óculum. "A Holanda", diz a jornalista Joke Mat "está bem representada na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Junto à janelas abertas do 3º andar do prédio da Bienal, projetado por Oscar Niemeyer, os painéis do arquiteto limburguês Jo Coenen balançam lentamente batidos pela brisa da primavera. São painéis pendurados com uma seleção de obras do escritório Jo Coenen & Co, com fotografias grandes e textos sintéticos. Mostra entre outros os projetos urbanísticos Vailantlaan de Haia, Tilburg Centrum Zuid, a ilha KNSM de Amsterdam e o terreno Sphinx Céramique em Maastricht, do qual está exposta uma grande maquete."

"Na área climatizada, no mesmo andar, estão expostas em suportes baixos as cadeiras de Rietveld, alternadas com as maquetes das casas que ele projetou. Trata-se da grande mostra de Rietveld que foi organizada pelo Centraal Museum na cidade de Utrecht, que ocorreu há cinco anos. A obra sobria de Rietveld se adequa ao ambiente de hangar do prédio da Bienal."

"Como a Bienal de Arquitetura de Veneza, que no ano passado aconteceu pela sexta vez, a versão brasileira é um evento irregular. A primeira veio à luz em 1973; a segunda em 1993. No início deste ano, inesperadamente, juntou-se a verba necessária (US\$ 2,5 milhões) para uma terceira edição. Em tempo recorde organizou-se a mostra, resultando em quinze exposições internacionais e dezoto brasileiras, além de uma 'exposição geral' de 550 projetos do mundo inteiro."

"Jo Coenen, presente na inauguração, foi recebido como convidado de honra. Depois de oito discursos de abertura, o governador Mário Covas dedicou um bom tempo frente à maquete do projeto para o terreno Céramique. Essa área, de 23 hectares, no meio de Maastricht, permaneceu abandonado durante anos após a demolição da fábrica de cerâmica Sphinx. O escritório de Coenen coordena desde 1987 a reurbanização da área. Já foram erguidos habitações, escritórios e o Museu Bonnefanten de Aldo Rossi. A metrópole de São Paulo possui inúmeras áreas abandonadas como esta, para as quais nenhum novo uso foi adotado. Covas queria saber como Coenen consegue coordenar ao mesmo tempo o desenvolvimento e construção de vários prédios concebidos por diversos arquitetos. 'Expliquei-lhe que esse é meu trabalho cotidiano', disse Coenen. 'Tudo tem sido continuamente avaliado. A maquete muda todos os dias. O objetivo é criar um clima urbano, onde não exista apenas habitação, mas também locais de trabalho, espaços públicos, avenidas principais e secundárias e caminhos exclusivos para pedestres. É necessário obtermos uma mescla de todas as funções possíveis'."

## Sincretismos e polifonias na metrópole contemporânea

Edemir de Carvalho  
edemir@esplora.it

Movido por uma paixão incontida pelo Brasil, Massimo Canevacci, em seu recente livro lançado no Brasil<sup>1</sup>, declara explicitamente seu desejo de propor um método antropológico a partir da experiência brasileira. Parece exagerado? Mas não é! Talvez o exagero fique por conta dos intelectuais que ainda "pensam" o Brasil, precedidos e legitimados pelos intelectuais de outras paragens. A "excessiva" pluralidade cultural brasileira imprime uma dinâmica ao país que dificilmente podemos encontrar situações análogas e é, paradoxalmente, esse exagero cultural brasileiro que pode fazê-lo exemplo dos sincretismos anunciados por ele. Em seu livro anterior, lançado no Brasil, "A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana", Canevacci, anuncia e deixa São Paulo se anunciar, mergulha e "se perde" na profusão de signos metropolitanos. É exatamente esta cultura metropolitana irrequieta, "macunaima" e cambiante que tem provocado e estimulado Canevacci a experimentar os sincretismos. Sua reflexão exige um olhar extrapolador e navegante para além dos limites do método antropológico comportado. É uma proposta para quem não deseja repetir o lugar comum e não censure a experiência e a evasão no interior dos novos signos metropolitanos, ou melhor, da cultura metropolitanos.

O vertiginoso cenário metropolitano da Grande São Paulo é uma referência sempre frutífera ao seu método. Não é por mera casualidade a elaboração de idéias tão presentes no cotidiano brasileiro, a exemplo do sincretismo e de conceitos "flexíveis", "mobies". Para além do sincretismo religioso brasileiro, Canevacci, sem abandonar a dialética, representa-a sinérgica e dialógica, denominando-a "dialética suja".

Canevacci adentra a metrópole contemporânea dialogando ou comunicando com a pluralidade de vozes ruidosas que preenchem os espaços e assumem seus lugares nos hibridismos ou sincretismos metropolitanos. Sua proposta não caminha verso a homogeneização, como pode sugerir esta coexistência plural, mas tem como desafio a "construção" de novos códigos interpretativos. É um método ainda em construção, mas pleno de pesadas discussões, apenas iniciadas: a dialética sinérgica e dialógica, a apreensão da pluralidade multicultural e, consequentemente, dos sujeitos (a pluralidade do "eu").

Sem dúvida, Canevacci aponta para questões essenciais na interpretação da metrópole, especialmente no que se refere à mutação, ao movimento (velocidade) e ao pluralismo. Seu método é uma tarefa difícil, desafiadora e visceralmente polêmica. Concordando ou não, os "ingredientes" da globalização, dos sincretismos e hibridismos estão evidentes e transparentes no nosso cotidiano. O impossível é desconsiderá-los.

<sup>1</sup> "Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais", Epitaxi Studio Nobel / Instituto Cultural Itaú São Paulo - Itaú Itaiano di Cultura, 1996

Edemir de Carvalho é professor de Sociologia da UNESP/Campus de Marília. Atualmente bolsista CAPES, na Itália

## Acontece

Programação do Fórum de Debates da 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

20 nov Debate (15h30) "Informação, posição, reflexão". Alfonso Corona Martinez, Sophia Telles, Hugo Segawa e Antonio Carlos Sant'Anna (moderador). Debate (17h30) "Para quem? O papel didático". Itaki Abalos (Exit, Espanha), Vicente Del Rio (UFRJ), Carlos E. Comas (UFRGS) e Abilio Guerra (Óculum, moderador) Conferência (19h30) "Sobre a prática de uma arquitetura crítica", Itaki Abalos

21 nov Debate (15h30) "Arquitetura no mercado global". Katherine McInnes, Paulo Markum, Arifindo Munjioli e Gianfranco Vannucci (moderador). Debate (17h30) "Novos territórios na mídia". Mercedes Sans, Júlio Moreno e Ole Bouman; Marinas Suzuki e Paulo Casé (moderadores) Conferência (19h30) "Rem Koolhaas: entre a percepção poética e a fantasia setenciosa", William Saunders

22 nov Debate (14h30) Concurso "Eu amo São Paulo". Membros do júri. Festa (19h)

24 nov Palestra (17h) "Produção brasileira contemporânea". Abrahão Saravitz. Debate (18h30) "O Plano Diretor de São Paulo". Heloisa Proença, Raquel Rolnik e Luiz Carlos Costa Debate (20h) "Energia, tecnologia e urbanismo", Emerson Kapaz, David Zylberstajn e Jorge Wilhelm

25 nov Debate (17h) "Mestres da arquitetura brasileira: Oswaldo Bratke". Hugo Segawa, Guilherme Mazza Dourado e Mônica J. de Azevedo. Debate (18h30) "Metrópole: centro e periferia". Regina Meyer, Erminia Maricato e Ricardo Marques de Azevedo Conferência (20h) José Maria Botey

26 nov Palestra (17h) "Produção brasileira contemporânea". Gustavo Penna. Palestra (18h30) "A cidade e a preservação do patrimônio". Habert-Jan Henket (presidente Docomomo) Palestra (20h) Peter Reed (diretor do MoMA)

27 nov Debate (17h) "Globalização e arquitetura". Jorge Farello Pinto, Anne-Marie Sumner e Manuel Coelho. Debate (18h30) "Natureza e desenho ambiental". Rosa Klüss, Maria A. Franco e Benedito Abdud Palestra (20h) Henrique Browne

28 nov Palestra (17h) Joaquim Guedes. Debate (18h30) "Globalização e arquitetura". Edson Musa, Marinha Mascheroni e Miguel Pereira. Debate (20h) "Música e espaço" Anna Maria Kieffer, Conrado Silva, Eduardo de Almeida, José Augusto Mannes, Marília S. Almeida, Rodolfo Coelho e Vanderlei Lucentini

29 nov Debate (14h30) "Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura". Telesforo Cristofani, Mário Figueira e membros do Júri de Premiação. Debate (17h) "Acessibilidade ao meio físico". Verônica Camisão, Silvana Serafini e José de Almeida Palestra (18h30) Ernest Scoffman Premiação (20h) Concurso das Escolas de Arquitetura

fevereiro 1998  
ano 3  
edição mensal

## V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo acontece na Faupuccamp em outubro

Ivone Salgado  
VSHCU@acad.puccamp.br

**Boletim Óculum** é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e circula no polo Centro de Apoio Didático (CAD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Fapuccamp. As páginas mais atualizadas em matéria urbana não são necessariamente cobertas periodicamente em direção ao meio. Matrizes podem ser reproduzidas e geradas em formato e-foto.

**Editor responsável:**  
Mário Costa

**Correspondentes:**  
Mônica Inês de Oliveira  
Cristina Martins ESB  
Edson Luís dos Santos  
Márcio Rogério de Sá  
M. Pôr F. Pinheiro Augusto  
Paul Mees Hinder  
Paulo Dótilo Forno  
Tomás Mees de Azevedo  
Rafael Roberto Aguiar  
Valério Giovanni de Azevedo

**Membros:**  
André Kubler  
Daniel Camargo  
Ruy Antonio Codato  
Nivaldo Lacerda  
Tatiana Ribeiro

**Publicações:**  
**Óculum**  
Módulo Biblioteca Faculdades  
Vila - Av. Dr. José  
13080-000  
Coordenação de Curso  
Rua São João nº 1308

**Centro de Apoio Didático**  
Campus II  
Av. Dr. José - km 130  
13080-000 Campinas SP  
Brasil  
Tel: 33-019-254.7150  
Fax: 33-019-255.3226  
Módulo Administração

**Revista Óculum**  
Alameda Cordeiros 51  
01-404-800 São Paulo SP  
Fone-Fax: 011-3888.003  
oculum@vnet.com.br

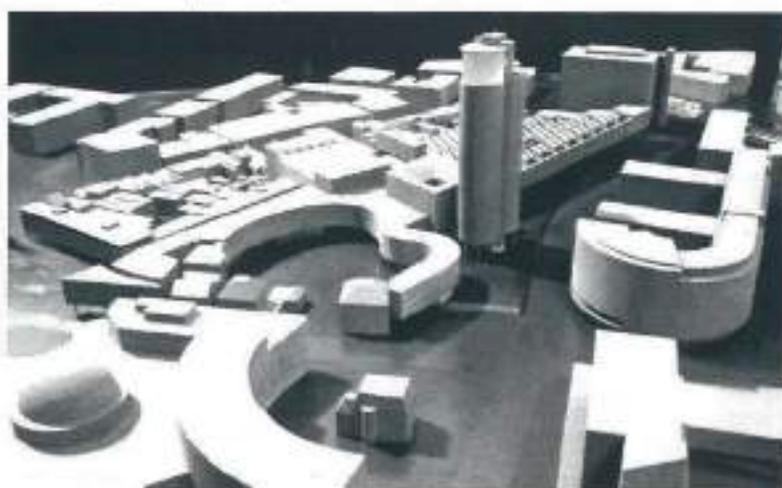
**Distribuição gratuita**

**Publicação on-line:**  
www.puccamp.br/~foal

**Atividade cultural**  
Av. Dr. José



IMPRESSO



Projeto urbano para Smalle Haven, Holanda. Arquiteto: Jo Coenen. Análise: projeto do outro urbano de Alameda próximo a - Norte, Praça Arquiberto Christian de Portinari.

Com o tema "Cidades: temporalidades em confronto. Uma perspectiva comparada da história da cidade, do projeto urbanístico e da forma urbana", realizar-se-á em Campinas, em outubro deste ano, a quinta edição do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, que se dirige a professores e pesquisadores da história urbana e do urbanismo em diferentes áreas: arquitetos, urbanistas, historiadores, paisagistas e profissionais oriundos de disciplinas conexas no campo das ciências sociais e humanas. O V Seminário dá continuidade aos Seminários já realizados: I e II Seminários em Salvador (UFBA, Mestrado em Arquitetura, 92/93); III Seminário em São Carlos (EESC/USP, Mestrado em Arquitetura, 94); e IV Seminário no Rio de Janeiro (Prour/UFRJ, Mestrado em Urbanismo, 96).

### Tema geral

Nas Américas a concepção de planos de cidades se confunde com a própria colonização. Em 500 anos de história, ciclos, lógicas de concepção, teorias e formas se cruzam, se sobrepõem, se tensionam e por vezes parecem se repetir. Na Europa o planejamento moderno das cidades é um fenômeno que se consolida na "era das revoluções" dos séculos XVIII e XIX. No Novo Mundo esses marcos exigem deslocamentos, interrogações, outras possibilidades de leitura do conhecimento técnico, das normativas, das regras e paradigmas

presentes nas formas urbanas. Vistos em uma perspectiva comparada, recortes temporais distintos (periodizações) ou marcas acumuladas de diferentes ações no tempo (os sucessivos processos de transformação que a cidade contemporânea condensa) começam a exigir uma reflexão sistematizada e um balanço dessas experiências. Este Seminário propõe um fórum direcionado à comparação das experiências históricas e contemporâneas do urbanismo, as discussões das práticas, das teorias e das concepções de cidade e seus discursos. Seis grandes núcleos temáticos indicam possibilidades de interconexão das relações espaço/tempo na cidade.

### Sessões Temáticas

1. **Memória e patrimônio cultural:** Concepções de memória. Novos enfoques das teorias de preservação. Gestão do patrimônio. Projetos contemporâneos de revitalização do patrimônio cultural.
2. **Arquitetura da cidade:** Propostas de desenho urbano. Marcos referenciais urbanos. Arte e cidade. Concepções artísticas de cidade. Estética e projetos urbanos.
3. **Projetos e intervenções urbanísticas:** Planos e projetos urbanísticos. Urbanistas: teorias e obras. Visões disciplinares da cidade: engenheiros, urbanistas e arquitetos.
4. **Teorias e concepções de cidade:** Tratadísticas, regras e paradigmas. Concepções

ativas e normativas na concepção urbanística. Teorias e modelos do projeto urbano.

### 5. História e cultura urbana:

Formações discursivas e iconológicas sobre a cidade. Registros e representações da cidade. Símbolos reais e virtuais da imagem urbana.

### 6. Territórios, fronteiras e estratégias de gestão urbana:

Cidades planejadas e ocupação territorial. Cidades mundiais: passado e presente. Modelos de gestão urbana: paralelos e contrastes históricos.

### Exposições

Paints, vídeo, data-show, outros. Pode-se encaminhar propostas com especificações técnicas.



**Seminário "História da cidade e do urbanismo"**  
Campinas, 11, 15 e 16 de outubro de 1998  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado em Urbanismo

### Participação

Até 15/04/98 Pré-inscrição e resumo do trabalho.  
Até 15/09/98 Envio do trabalho definitivo

### Informações

Secretaria de Pós-graduação da Fapuccamp, box 818  
713-7180, fax: 33-019-254.7150, VSHCU@acad.puccamp.br  
www.puccamp.br/~faupsem/sem08

PREP-CAD/FAP  
PUC-CAMPINAS

## IV Bienal de Arquitectura

Espanhola de Madrid

Daniela Martins Abdelnur Camargo

a25867@aq.upm.es



Remodelação do Museu Marítimo de la Barceloneta, Barcelona. Atíques, Casañeta, Henrich, Jaig e Tarradé

Museu Provincial de Arquitectura e Bellas Artes, Zamora, Tuñón e Morozila

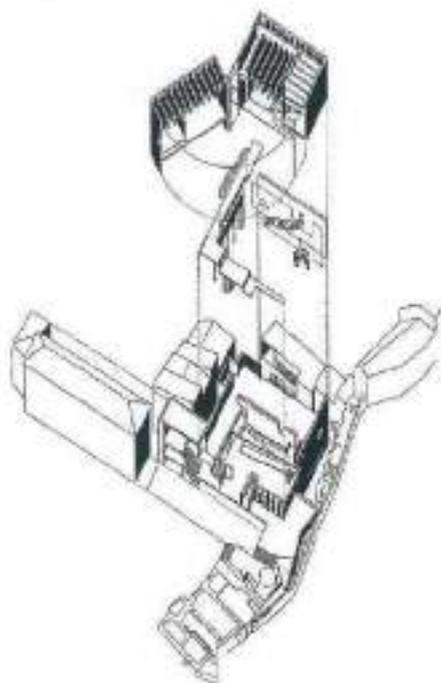
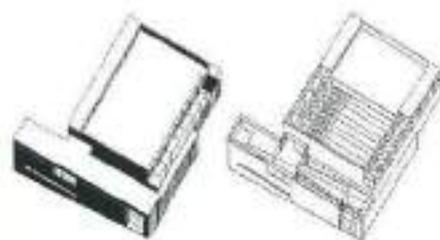
Palas de San Sebastián de los Reyes, Madrid, Murogoya e Oñate

Entre novembro e dezembro de 1997, ateliers, conferências e debates somaram-se aos painéis de exposições da IV Bienal de Arquitectura Espanhola, dirigida pelo arquiteto Carlos Ferrater, reunindo importantes arquitetos discutindo temas como restauração, novas paisagens, transformações na forma, na palavra, na diferença e nas atividades docente e profissional.

"Arquitetura - novas paisagens" contou com um ciclo de conferências dirigido pelos arquitetos associados Iñaki Abalos e Juan Herreros e um ateliê de projetos destinado aos alunos da ETSAM (Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid) que contava com a assessoria, além dos arquitetos mencionados, de Eduardo Arroyo, Daniel Zarza, Pedro Urzaiz e Federico Soriano, editor da revista "Fissuras". Nessas duas semanas de ateliê, no Colegio de Trinitarios, da Universidade de Alcalá de Henares, ministraram conferências Beth Figueras, o professor da ETSAB Eduard Bui, o crítico grego Yorgos Simenfordis, o arquiteto alemão Florian Beigel e o japonês Toyo Ito.

O intento de pensar novas paisagens, a nova maneira de perceber os limites da cidade, cada vez mais difusos, a mútua infecção entre arquitetura, natureza e meio ambiente: estes foram temas que, tanto nos aspectos técnicos como práticos, geraram questões para as discussões em ateliê: "Como podemos trabalhar sobre o ócio urbano sendo simultaneamente sensíveis às novas práticas e à demanda de uma cuidadosa preservação do meio físico? Que estratégias projetuais podem desdobrar-se no maço físico da cidade contemporânea capazes de dar resposta às demandas ainda germinais e muitas vezes contraditórias? Que tecnologia e desde qual perspectiva estas são úteis para configurar este novo meio urbano?".

Os trabalhos acadêmicos - comentados na própria ateliê por professores, alunos e convidados - estão agora em exposição.



### Palémica

Já dentro do outro tema "Arquitetura. Transformações", o debate "transformações da palavra" - que propunha analisar a incidência da palavra e de seus meios de transmissão na conformação do debate arquitetônico - suscitou grande divergência entre os conferencistas, os espanhóis Alejandro Zaera e Luis Rojo, e os franceses Charles Poicay e Claude Parent. O jovem arquiteto madrilenho Alejandro Zaera - que compartilha o FOA (Foreign Office Architecture) com Farshid Moussavi em Londres, onde são professores na prestigiada "Architectural Association" - falou sobre o método de arquitetura que adota, onde a "palavra" é ausente. Sem deixar-se convencer pelo intento de Zaera (que apresentou imagens diversas, como linhas de cardiograma, às quais traduziria em arquitetura), o mito francês, Claude Parent, demonstrou firmeza frente às novas questões apresentadas. Arquiteto renomado, colaborador de Le Corbusier, formalizador dos conceitos de Paul Virilio, dono há anos de uma coluna na revista francesa "Architecture d'Aujourd'hui", Parent só poderia ficar melancólico diante desse abandono do humanismo. O debate ficou em aberto.

Bienal de Arquitectura Española  
<http://www.bienal.org>

Daniela Martins Abdelnur Camargo e graduanda na Faculdade, atualmente aluna visitante na ETSAM

## Os sinistros e a tragédia cultural brasileira

Abilio Guerra

oculum@uninet.com.br

Sexta-feira, 13. Mês de fevereiro. Depois de 10 horas de fogo que se propagou nas primeiras horas da madrugada, a cena é terrível: o aeroporto Santos Dumont, projeto modernista dos renomados arquitetos da família Roberto, jaz enegrecida. Os bombeiros demoraram a agir pois os responsáveis demoraram a avisá-los. E - ironia suprema para um edifício situado ao lado do mar - quando chegaram se depararam com a falta d'água nos hidrantes. Culpa do dia aziago? Ou culpa das milhares de pequenas e grandes omissões dos que são pagos para proteger nossas vidas e nosso patrimônio? E não é a primeira vez que acontece. Há quase 3 décadas um incêndio colocou em risco um dos mais importantes edifícios modernos de São Paulo, o Conjunto Nacional, excelente projeto do arquiteto David Libeskind. Depois foi a vez do Teatro Castro Alves de Salvador, obra magnífica de Bina Fonyat. Ampliando a lista de obras consumidas pelas chamas, chegou a vez do imponente Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, desenhado por Affonso Reidy. O MAM teve o agravante de contar na época com o segundo melhor acervo nacional de arte moderna, totalmente extinto pelo fogo. Vantagens do concreto armado: os três edifícios, totalmente restaurados e modernizados, constituem hoje - novamente - destacadas referências urbanas das três capitais regionais.

Desanimadora também a cobertura da imprensa. Logo após a destruição do aeroporto, o noticiário se concentrou nos aspectos pragmáticos. Escapou a quase todos jornalistas a relevância arquitetônica do edifício. Comparada à ampla cobertura dada no ano passado à destruição do patrimônio artístico cultural na Itália abalada por terremotos, fica ainda mais indesculpável esta omissão. A tragédia cultural é ainda mais profunda se lembrarmos que terremotos são resultantes de forças naturais imprevisíveis e incontroláveis, enquanto incêndios são frutos do anterior descaso e da previsível falta de punição posterior.

A recuperação ou demolição do Aeroporto Santos Dumont foi tratada até o momento sob a ótica econômica e pragmática de "quanto vai custar" e "quanto vai demorar", o que é inaceitável. Reconstruir ou não o edifício dos irmãos Roberto deveria ter como argumento fundamental uma verdade incontestável: trata-se de uma obra prima da arquitetura moderna brasileira que deve, a todo custo, ser preservada.



Aeroporto Santos Dumont em chamas. 02 de fevereiro de 1999

## Conseqüências arquitetônicas de um terremoto

Marcos Tognon

tognon@sabsns.sns.it



Torre cívica de Foligno, antes da sua queda total. Foto publicada no jornal italiano "Il sole 24 ore" de 24 de novembro de 1997.

Passados quase cinco meses do trágico dia de intensos terremotos na Itália central, as perdas arquitetônicas assumem proporções sempre mais preocupantes: dezenas de pequenas cidades perderam quase 30% dos seus edifícios, irrecuperáveis, e centenas de monumentos, das simples igrejas de discretas paróquias até os centrais edifícios públicos, receberam uma grave ferida em suas estruturas.

Protagonistas principais, entre os monumentos, foram a Basílica de Assis, que perdeu uma seção da primeira abóbada cruzada na nave central (não esquecendo os afrescos de Cimabue) e, a Torre cívica de Foligno, que se fraturou dramaticamente durante os primeiros tremores e não resistiu, dissolvendo-se em milhares de tijolos após dias seguidos com terremotos de menor intensidade. Imediatamente os trabalhos de restauro dos monumentos foram iniciados, e propostas polémicas, como aquela de substituir as superfícies afrescadas de Assis perdidas com outras, novas e falsas, para manter a originalidade do ambiente, desencadearam aquele tão apreciado hábito italiano que é o debate de impressões e de hipóteses. Mas é para aquela arquitetura menor das pequenas cidades atingidas na Umbria e Marche que se pode prever as conseqüências arquitetônicas mais preocupantes: imagine, leitor, que são nessas cidades que encontraremos um verdadeiro "tecido urbano", costurado ao longo de séculos por pequenos vãos, volumes, cores, técnicas construtivas, uma somatória de vários estratos que sustentam o pitoresco e o original de cada "ambiente" urbano.

## A arquitetura entendida como alarde tecnológico

Elena Rojas

As exposições universais constituem o cenário onde cada país mostra o melhor de si mesmo. A princípio, este tipo de exibição se limitava aos produtos industriais, porém pouco a pouco os edifícios tem assumido a missão de representar os sucessos de seu país. Com independência com o que se encontra em seu interior, a arquitetura tem se convertido na imagem do progresso de uma nação. O projeto de um pavilhão para qualquer exposição universal supõe, de certo modo, a encomenda ideal: é a licença para a criação, a ocasião propícia para um arrojado técnico particular.

O pavilhão que Nicholas Grimshaw projeta como bandeira do Reino Unido na Expo de Sevilha reflete o que tem sido a cara da arquitetura britânica da segunda metade do século XX: a aplicação da tecnologia de ponta na construção e a confiança nos elementos puramente técnicos para dotar os edifícios de uma expressividade formal. Grimshaw pertence a uma "segunda geração" de arquitetos "high tech" (depois de Norman Foster e Richard Rogers) que luta contra a visão nostálgica fomentada em seu país pelo príncipe Charles. As peculiaridades deste projeto em relação ao entorno e ao uso foram decisivas no momento da eleição do tema.

No momento de iniciar um trabalho ajuda muito justificar com exatidão o uso que faremos dos conceitos. No título utilizei a palavra "alarde". Gostaria de definir esta palavra me apoiando em autoridade competente. Segundo Maria Moliner, a acepção atual do termo "alarde" faz referência à "ação de mostrar muita quantidade de certa coisa e em forma chamativa". Sem dúvida, outras acepções mais antigas nos remetem ao âmbito militar e jurídico: "Formação militar em que se passava revista aos soldados e às suas armas", "Revista de inspeção", "Visitas do juiz aos presos", "Exame periódico pelos tribunais de assuntos pendentes"... Em qualquer caso no ato sempre existe alguém que faz inspeção, que olha, que passa revista e com isso procura apresentar o objeto da melhor maneira possível. Dado o caráter das últimas Exposições Universais, se faz patente que nelas se passe revista ao objeto arquitetônico, a ele se faça uma inspeção. Por conseqüência, o objeto se vê obrigado a fazer uma exibição, uma demonstração. Seria possível um tipo de comportamento mais discreto, sem "alarde", que se limite a sugerir; porém em uma mostra deste tipo é difícil que um país se prive da tentação de marcar com ênfase sua presença utilizando-se de uma tecnologia avançada, sobretudo quando o domínio desta tecnologia é sinônimo de poder.

Caberia a possibilidade de um objeto arquitetônico de tecnologia tão avançada como o que nos preocupa, sem fazer muito alarde disso, onde fosse destacado outro de seus aspectos. Robert Venturi em "Learning from Las Vegas" nos falava de uma arquitetura que não é suporte do anúncio pois ela mesma é o anúncio. Nisto tem se convertido os pavilhões das atuais exposições. No Pavilhão Britânico a arquitetura não é suporte da transmissão



Pavilhão Britânico na Expo-92. Arq. Nicholas Grimshaw

de mensagens, mas ela mesma é mensagem, o signo – e aqui o signo é a alta tecnologia. O conjunto de operações através das quais se constrói o objeto arquitetônico é o que esta arquitetura quer significar, a mensagem que quer transmitir; o que se exhibe em seu interior passa a um segundo plano. O fato de que determinados países (Inglaterra, Alemanha, EUA) tenham interesse em enfatizarem técnica empregada para a construção de seus pavilhões, de tal maneira que fique gravado na mente dos observadores a união entre o país em questão e o domínio da alta tecnologia, é um assunto político.

A tecnologia hoje não é somente "saber fazer" uma série de operações altamente qualificadas; é, em determinados aspectos, uma ideologia. Ou seja, se utilizam as conquistas técnicas, o aperfeiçoamento dos mesmos, com o fim de estabelecer hierarquias na escala do poder. Portanto, a alta tecnologia atua como uma forma material de sugerir quem tem e quem não tem o poder. O "high tech" é o próprio emblema do poder. No mundo atual quem dispõe de alta tecnologia está no primeiro plano na corrida das nações pelo poder.

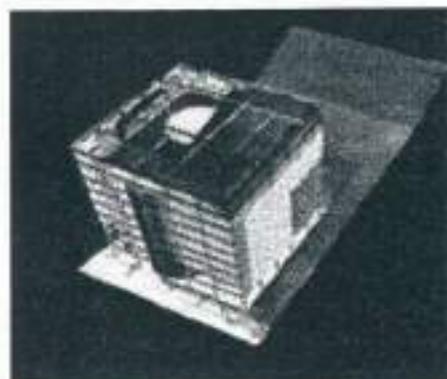
O Pavilhão Britânico é um exemplo claro de arquitetura entendida como "alarde" tecnológico. Como já foi dito, o edifício não se limita a ser o recipiente de descobrimentos técnicos, mas ele mesmo constitui uma novidade tecnológica no campo da construção. Na realidade é uma abordagem acceptica desvinculada de toda referência ao entorno e cuja identidade nacional resume-se ao reflexo de uma gigantesca bandeira agregada ao edifício.

Concluirei dizendo que o projeto de Nicholas Grimshaw para o Pavilhão Britânico da Expo-92 realmente alcança seu objetivo. Consegue amenizar em seu interior as altas temperaturas estivais de Sevilha, consegue impactar o visitante com seu aparato técnico e consegue que o Reino Unido seja identificado com o domínio do "high tech". Mas uma arquitetura pensada somente do ponto de vista climático e para fazer alarde técnico resulta um pouco ingênuo ou pouco ambicioso. Uma resolução do mesmo problema, igualmente técnica, porém mais discreta, precisaria talvez outra implantação e outro uso.

Este texto é um extracto. O artigo integral pode ser encontrado em: <http://web.arch-nag.com>.

## Projeto para uma escola de arquitetura

Aylton Vianna, Caio S. Ferreira,  
Daniel Ghillardi, Fábio R. Carone

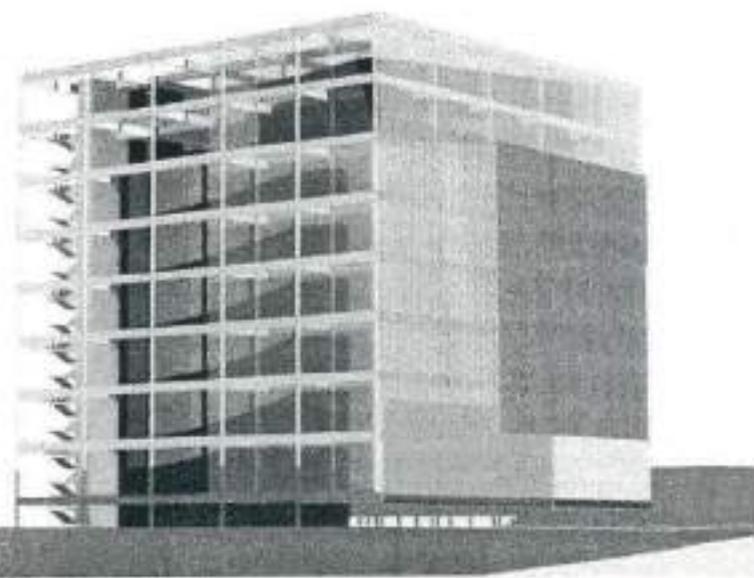


Nosso projeto, representando a FAU PUC-Campinas, foi premiada com Menção Honrosa no concurso de escolas da 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. A partir do tema proposto "O espaço para o ensino da arquitetura no 3º milênio", procurou-se estabelecer como partido o uso da imagem na didática universitária. Para isso resolveu-se o programa da escola em um edifício de corpo único e em forma de cubo suspenso, organizando suas funções de acordo com a orientação solar. A oeste e comunicando-se com o restante do campus, leva na totalidade da fachada um telão multimídia que transforma o próprio edifício em imagens ligadas ao ensino da arquitetura (obras, intervenções urbanas, arquitetos, etc) tentando transportar o observador o mais próximo do universo abordado em aulas e livros. A leste, a fachada abre-se à paisagem natural de fundo de vale, transparente tanto ao usuário



interno quanto ao que contempla o edifício. A norte, fachada de incidência solar durante todo ano, tem como filtros, brises móveis e interativos para o completo controle da iluminação zenital. A sul, localizam-se os serviços: banheiros e circulação vertical principal (escadas e elevadores). A estrutura mista de malha modular de pilares e vigas de concreto e volume de parede estrutural, dão complexidade na organização das plantas por possibilitarem lajes independentes de usos específicos.

A organização interna do programa da escola, respeita uma hierarquia na disposição dos pavimentos tipo (1 andar por ano letivo, do térreo à cobertura) com pavimentos intermediários de uso comum (lançonnete, centro acadêmico; biblioteca e laboratórios) conectados diretamente por escadas rolantes e criando assim uma "promenade" dentro do edifício.



## Acontece

Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos  
culturais

**Documobrasil e a Ufba lançam livro**  
"Re)discutindo o modernismo. Universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil", coleção de textos sobre diversos aspectos do modernismo brasileiro. Rua Caetano Moura 121, Federação 40210-350, Salvador, fon 071 240.0458, fax 071 247.3511, email documobr@ufba.br

**Concurso de idéias para a escola estadual**  
Patrocinado pela FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação - e organizado pelo IAB-SP, tem como objetivo a seleção de estudos para escolas de 1º grau visando à possibilidade da contratação de projetos, com características tais que possam ser implantadas em diversos terrenos do Estado de São Paulo. Inscrições de 15/02/97 a 02/fev/98. Info: fon 011 259.9897 fax 259.6597. <http://www.arquitetura.com.br/iabsp/ide/ideg.htm>

**Concurso para o centro de São Sebastião**  
O "Concurso público nacional de idéias para a implantação de uma marina e revitalização urbana do centro histórico da cidade de São Sebastião/SP", com patrocínio da Petrobrás e Volkswagen da terá alta premiação. Inscrição até 14 de maio. Info: IAB-SP, Rua Bento Freitas 306, 4º andar. 01220-000 São Paulo SP, fon 011 259.6866, fax 011 259.6597

**Curso de concreto armado no México**  
O Instituto Mexicano del Cemento y del Concreto, estará organizando o curso "Fundamentos da tecnologia del concreto". De 21 a 23 jul 98. Av Insurgentes Sur 1673, 5º piso, Piso Col. Guadalupe, CP 01020 Mexico DF, fon 662.5731, fax 661.3262, imcy@mail.internet.com.mx <http://www.imcyc.com>

**XVI Ranking Playboy das Melhores Faculdades**  
Pode ser encontrado na Internet o ranking das principais Faculdades de Arquitetura e Urbanismo brasileiras. Nesta lista a Faupucamp aparece como a melhor escola privada do país e a segunda do Estado de São Paulo. A classificação é a seguinte: 1º USP; 2º UFRJ; 3º UFRS; 4º UPMG; 5º UnB; 6º PUC Campinas; 7º UFF; 8º USP S. Carlos; 9º UFPR e UFBA; 10º Mackenzie. O site na Internet é o seguinte: <http://www2.uol.com.br/playboy/ranking/faculdades/arquitetura.html>

**Exposição Di Cavalcanti 100 Anos**  
Mostra com 70 pinturas do mestre do modernismo brasileiro. De 3ª a 6ª, das 10h às 20h; sab e dom das 13h às 18h. MAB-Faap, r Alagoas 903, São Paulo SP; fon 3662.1662. Até 01mar.

**Fotógrafos homenageiam 444 anos de S Paulo**  
Fotos de Antonio Saggese, Juca Martins, Gai Oppido, Eduardo Castanho e Carlos Fedon. De 3ª a 6ª, das 10h às 21h; sab dom e fer das 10h às 19h. Instituto Cultural Itaú, av Paulista 149, São Paulo SP; fon 238.1700. Até 22fev.

março 1998  
ano 3  
edição mensal livre

## Tempo e memória Um ponto de vista sobre Campinas Antonio da Costa Santos

**Notícia Original** é um instrumento de divulgação das notícias do boletim e do site do grupo e do site de Apoio Óculum - CNPq - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, na Avenida do Café de Campinas, Figueira. As notícias mantidas em nosso site são de caráter informativo e não devem ser utilizadas para fins comerciais. Não há possibilidade de reprodução em outros sites e jornais.

Editor responsável:  
Aldo Baroni

**Colaboradores**  
Antonio Gustavo Caporali  
Cristina Monteiro Ruff  
Eduardo Augusto de Oliveira  
Marcos Tassan Bardi  
Mônica Helena de Souza  
Paulo Sérgio Andrade  
Paulo Sérgio Pinheiro  
Roberto de Almeida  
Roberto de Almeida  
Walter de Almeida

**Membros**  
Aldo Baroni  
Aldo Caporali  
Cristina Monteiro  
Eduardo Augusto de Oliveira  
Marcos Tassan Bardi  
Mônica Helena de Souza  
Paulo Sérgio Andrade  
Paulo Sérgio Pinheiro

**Associação**  
Associação Óculum  
Rua do Comércio, 100  
13065-000 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: (51) 213-754-1150  
Fax: (51) 213-255-6570  
E-mail: oculo@uol.com.br

**Centro de Apoio Óculum**  
Campus I  
Rua D. Pedro II, 100  
13065-000 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: (51) 213-754-1150  
Fax: (51) 213-255-6570  
E-mail: oculo@uol.com.br

**Associação Óculum**  
Associação Óculum  
Rua do Comércio, 100  
13065-000 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: (51) 213-754-1150  
Fax: (51) 213-255-6570  
E-mail: oculo@uol.com.br

Distribuição gratuita

Equipamento internet:  
www.puc-campinas.br

Apple e iMac  
Apple e iMac



IMPRESSO



Uma vista de Campinas na primeira metade do século

O papel do patrimônio de Campinas na construção da cidade contemporânea exige da escola uma leitura do problema e um debate com a sociedade para que o poder público defenda aquilo que está sendo destruído. Vereadores e prefeitos de Campinas nunca definiram uma política preservacionista. O Capital atrasado continua destruindo e a escola permanece afastada. Nesta última metade do século, intervenções urbanísticas de impacto vem distanciando Campinas de um projeto generoso de uma cidade que poderia vir a ser o templo de suas musas.

O modo como o antigo "rossio" da cidade do café foi tratado, e me refiro exclusivamente a ele, pelo "Plano de Melhoramentos Urbanos" de Prestes Maia, realizado entre 1934 e 1938, revelaria por décadas, uma contradição e um antagonismo. A contradição de sobrepôr um Projeto de Avenidas idealizado na concentricidade, sobre o traçado quadriculado de tradição iluminista portuguesa da freguesia de 1774 e o antagonismo de visões políticas de cultura e história, provocado pelas profundas transformações do período Getúlio Vargas. Prestes Maia e Mário de Andrade foram para campos opostos. Ambos eram funcionários públicos da capital. Quando Prestes Maia foi nomeado prefeito interventor de São Paulo entre 1936 e 1945, demitiu Mário de Andrade, o fundador do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e o construtor intelectual do SPHAN fundado por Rodrigo de Mello

Franco de Andrade em 1937, durante a gestão do ministro Gustavo Capanema. O embate de posições foi sentido por Flávio de Carvalho, mestre da antropofagia uswaldiana. O ano de 1938, além de ter sido o ano do "Plano de Melhoramentos Urbanos" de Campinas e da demissão de Mário de Andrade, foi o ano de inauguração da importante casa de Valinhos. Este projeto contém implicitamente o risco de seu projeto para o concurso do Palácio do Governo de 1928, contemporâneo da casa modernista de Gregori Warchavchik, tão elogiado por Mário de Andrade; e toda eloquência do discurso sobre "A Cidade Homem Nu", apresentado no IV Encontro Pan-americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro em 1930. A casa dele está caindo, às vésperas do centenário de seu nascimento. Campinas desaparece como projeto da cidade. Estudemos melhor o ano de 1938.



EREA XI

CAD - PAU  
PUC-CAMPINAS

FAU PUC-Campinas sedia o  
XI EREA SP  
EREXI@acad.puocamp.br

A FAU PUC-Campinas sedia o XI Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Estado de São Paulo que acontece entre os dias 17 e 21 de abril de 1998 na cidade de Campinas. O EREA é um projeto da FENEA - Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo - e reunirá desta vez estudantes de 36 escolas de nosso Estado. Um retorno à origem, pois o primeiro EREA aconteceu em Campinas em 1983.

O tema geral "A Construção da Cidade Contemporânea" será desenvolvido no XI EREA Campinas, como também nos outros 4 ERAs (Norte-Nordeste, Centro, Sul e Leste) e no ENEA (Encontro Nacional) a ser realizado no Rio de Janeiro no período de 20 a 27 julho.

O XI EREA Campinas será marcado por intervenções urbanas em espaços públicos, residenciais e abandonados. O tema geral a ser enfatizado nestas áreas da cidade de Campinas, contará com os seguintes subtemas: 1. Espaço livre público; 2. Espaço habitado; 3. A imagem da cidade; 4. Tempo e memória; 5. Sociabilidade contemporânea.

A espinha dorsal do evento serão os TICs - Trabalho Integrado na Cidade -, onde o estudante terá contato direto com a comunidade. Para as atividades matinais estão reservados passeios turísticos e culturais e atividades alternativas. A partir das 20:30h acontecerão sessões de "Discussão Aberta", com a presença de profissionais da área levantando discussões relevantes ao tema. As festas também serão temáticas: "Festa do Personagem Urbano" e "Festa das Citações Arquitetônicas". Este número especial do Boletim Óculum de preparação e divulgação do XI EREA conta com as seguintes colaborações: Antonio da Costa Santos, Departamento de Projeto; Luiz Espallargar Gimenez, Departamento de Fundamentos Teóricos; Vladimir Bartalini, Departamento de Planejamento - todos da FAU PUC-Campinas - Cibele Saliba Rizek, Escola de Arquitetura USP São Carlos; e Luis Antonio Jorge, FNU-USP.

XI Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Estado de São Paulo  
De 17 a 21 de abril de 1998  
FAU PUC-Campinas, Universidade de Campinas  
Fone: (51) 213-754-1150  
E-mail: ERAXI@acad.puocamp.br

## Cidades globalizadas e a crise das utopias urbanas

Cibele Saliba Rizek  
padis@cepa.com.br



Favela na Pico de Janeiro. Foto: Paul Weiss

"Disse (o Grande Khan): – É tudo inútil, se a última porta só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais profundo. É Plão: – *Diferença das vivas não é algo que um; se existe, é aquele que já está aqui (...)* existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar a inferna e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-la. A segunda é ariscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem é o que, no meio da inferna, não é inferna, e preserva-la, e abrir espaço". Italo Calvino, "As cidades invisíveis". Cia das Letras, São Paulo, 1991.

Não é muito difícil constatar que estamos diante de uma dupla crise. Ela se desdobra por um campo de experiências na e da cidade, identificadas com as formas da civilidade ocidental e por uma crise da reflexão e da própria concepção de cidade. As experiências que configuram esta crise são tematizadas como caos, violência, barbárie resultantes da pobreza, da miséria, do *apartheid* social brasileiro e mundial e, visivelmente, se contrapõem à idéia de urbanidade, sinônimo de civilização e, não raro, de modernidade. Parte desta discussão configurou um terreno que foi ganhando corpo a partir da noção de exclusão social. Entretanto esta noção suscita algumas questões que dizem respeito à reposição de velhas dualizações, tais como, por exemplo, entre os excluídos e os incluídos ou entre as zonas de vulnerabilidade e as zonas de coesão e de integração.

Esta reposição das dualidades é muito apaziguadora, ao menos para os que estão reunidos de algum modo sob a noção de inclusão. Além disso, esta dualidade como forma de pensar o presente permite e avalia duas posturas frequentes e perigosas: uma mitificação nostálgica do passado e uma posição que tematiza o futuro como catástrofe. De fato, pobreza e miséria, no Brasil e em outras sociedades não são fenômenos novos, o que não quer dizer que não se apresentem sob o signo de novas perversidades. De fato, a sociedade e a reflexão brasileiras foram compreendidas por muitas enunciações de dualidades: o arcaico e o moderno, o velho e o novo, o atraso e progresso. Curiosamente as significações, os sentidos destas dualidades se transformaram, deslizando e configurando novos referentes: direitos se transformam em privilégios; como é o caso da reivindicação da Reforma Agrária, que se transformou em marca do Brasil

arcaico contra o Brasil moderno.

Em meio a estes deslizamentos de sentido, uma crise pouco evidente se desenhou: a do futuro que se configura em uma crise de horizontes, de utopias e de sua legitimidade. Outro elemento do futuro em crise se vincula ao fato de que as ameaças não se localizam apenas nestas zonas de exclusão, até porque há uma circularidade entre estes lugares e aqueles em que ainda se fabrica coesão e integração. De um modo ou de outro, estamos todos vivendo "o risco", ou "de risco", em meio a um terreno que instabiliza e recria significados.

O que se desvanece é a idéia mesma da constituição de sujeitos e a legitimidade de uma igualdade possível pela estranha e surda transformação dos sentidos, implícitas nas novas práticas e nos novos discursos. A pobreza, o desemprego, o crescimento das formas de "exclusão" já determinados como tal são candidamente justificados pela globalização, pelas novas modalidades da concorrência, pelo "imperativo categórico" da saúde econômica das empresas e do Estado, pela âmbita mundial dos novos mapas da pobreza e do desemprego, pela constituição de consensos que deslocam a possibilidade e a legitimidade mesmo do conflito. Para além do que tema em aparecer como estancado e dividido, a "nova questão social" e a crise das cidades podem ser vistas como parte constitutiva da crise do futuro, o que pode indicar porque a cidade deixa de ser o lugar da utopia e passa a ser o terreno do investimento de novos "realismos". A cidade, lugar do pensamento, deixa de ser tematizada como *topos* da liberdade, como promessa, e passa a ser vivida como desenraizamento que produz não um novo começo, mas uma capacidade inusitada de destruição e de violência.

Repensar o presente como um tempo de transições, recolocar o presente como momento frágil entre o passado e o futuro, pode permitir qualificar perdas reais e simbólicas, recolocar possibilidades que estão nas esferas e nos horizontes da ação humana e, como tal, não podem estar inscritas na "natureza mesma das coisas". Isto faz parte refletir e dizer a cidade, em contraponto à comunidade, como lugar onde a idéia mesma de igualdade e medida pôde ser concebida, lugar onde ganharam densidade e espessura pública, por oposição à tutela comunal e ao simples contrato, direitos e solidariedades e, sobre esta base, identidades e subjetividades. Este lugar ainda existe como um conjunto de práticas e como horizonte? Ainda é possível pensar as cidades brasileiras desta perspectiva? É possível intervir nas cidades sem levar em conta, afinal, o que elas são? Talvez um dos caminhos de reflexão seja um esforço de reconhecimento destas questões no campo mistado dos conceitos de cidade e de suas múltiplas adjetivações contemporâneas: cidades globais, cidades virtuais, cidades hiper reais, e muitas outras. Talvez por isso, seja ainda mais necessário recuperarmos nossa capacidade de imaginar e, assim, reinventar as cidades e as suas promessas.

## Espaços livres públicos na cidade contemporânea

Vladimir Bartalini  
vladbart@mandic.com.br



Parque La Vilette, Paris. Arq. Bernard Tshumi. Foto: A. Durrieu

A existência de "espaços livres públicos" é indissociável da existência da cidade. Antecede o nascimento do urbanismo – disciplina com pretensões científicas para refletir e atuar sobre o espaço urbano. Assim, quando nos meados do século 19, na Europa e nos EUA, foram concebidos os primeiros "sistemas" de espaços livres e de áreas verdes públicas, as "praças", os "parques" e os jardins "públicos" já estavam presentes nas cidades.

Foi a partir de meados do século 19 que se consumou a adaptação dos valores estéticos, dos conhecimentos de um modo geral, próprios da "arte dos jardins", até então quase que restrita às grandes propriedades privadas, às novas demandas de um público fruidor, qualitativa e quantitativamente diferente do frequentador dos jardins privados. Esta nova "arte pública" teve seu próprio desenvolvimento. Entre 1835 – ano em que John Claudius Loudon, num lance pioneiro, definiu princípios gerais para os projetos de jardins público – e 1906 – que marca a 1ª edição do livro de Jean-Claude-Nicolas Forestier – vieram à pública publicação que se propunham organizar os espaços urbanos não edificados num sistema coerente. Em 1908 Jules Vacherot lançou o livro "Les Parcs et jardins au commencement du XX<sup>e</sup> siècle, Ecole française (Barrillet-Deschamps)". Ao dedicar o livro a Barrillet-Deschamps – o principal jardineiro da equipe de Alphand, na Paris do Segundo Império – Vacherot entoa o "canto do cisne", alertando para o risco da perda de todo um saber adquirido na "arte dos jardins".

De fato passaram a ser raras as reflexões sobre os projetos de parques e jardins, situação refletida no academicismo sintomático da própria produção. Existiram exceções: Barle Marx no Brasil, Luis Barragán no México, Geoffrey Jellicoe na Inglaterra e a "escola" californiana dos anos 30 nos Estados Unidos (Garret Eckbo, Dan Kiley, James Rose e Thomas Church). Mas muito pouco desta produção teve rebatimento na esfera pública.

Há quem entenda este empobrecimento como "um sintoma da crise que afetou a arte dos jardins, na verdade a própria idéia de jardim, na época da modernidade". A singularidade dos jardins (sua não reproduzibilidade), os cuidados constantes e onerosos que exigem, a própria fruição destes espaços (ainda guardando traços aristocráticos), seriam pouco compatíveis com "a estandarização, a internacionalização, a velocidade e mais genericamente com os modos de vida próprios da época

## Por uma antologia da imagem da cidade

Luis Antônio Jorge

lajorge@lexxa.com.br

moderna industrial!<sup>1</sup>

Aoim, à medida em que o urbanismo se desenvolvia como técnica de gestão da urbanização, também se desenvolviam as idéias sobre a necessidade da vegetação no meio urbano (higienização) e dos espaços livres para recreação (saúde física e moral). Esta visão utilitarista, traduzida em termos de m<sup>2</sup> de "verde" por habitante, prevaleceu sobre as particularidades (funcionais e estéticas) das diferentes tipologias de espaços livres públicos, particularmente as áreas verdes.

Mesmo propostas urbanísticas de vanguarda, como as "villes vertes" de Le Corbusier, recorreram ao "jardim à inglesa" para descrever o tipo de parque em que se assentariam as cidades.<sup>2</sup> As pesquisas de uma nova estética para os jardins não saíram dos limites da "Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes", realizada em Paris em 1925.

Foi necessária a crítica ao movimento moderno dos anos 60 e 70, para que ressurgisse o interesse pelas questões da paisagem, dos jardins e dos parques. Nos anos 80 o concurso para o parque La Villette, em Paris, propiciou a criação de um novo paradigma de parque urbano tanto em termos programáticos quanto formais. Em paralelo, tomaram impulso as preocupações de ordem ecológica, resultando em novas posturas em relação ao chamado ambiente "natural" em meio a áreas urbanizadas, levando a atitudes de proteção ou de recuperação de testemunhos de ecossistemas mediante a implantação de parques. Jardins que valorizam o "inculto", as "ervas daninhas", a "intervenção mínima" como alternativas ao "neo-racionalismo", ao "deconstrutivismo", à "land art". Embora este renascimento não esteja isento da "ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, efemeridade e caos" que caracterizam o desenho urbano pós-moderno, em alguns casos ele serviu para o questionamento e a reproposição do papel do parque na cidade contemporânea, e do papel do jardim como espaço de representação das relações do homem com a natureza.

Mas simplesmente filiar-se a esta ou àquela "tendência", ou mesmo servir-se acriticamente de todas, não nos levará muito longe. Depois de terem servido, de forma magistral, ao alto clero durante o renascimento italiano; depois de terem oferecido um magnífico cenário para a nobreza francesa do século 17; e depois de terem acomodado, com genialidade, o espaço em torno dos castelos à paisagem rural inglesa setecentista, os jardins e, por extensão, os parques públicos podem acabar se prestando docilmente, hoje, ao papel de "biombos" que ocultam as mazelas das cidades atuais, na sua competição pelo título de "cidades globais". Nada mais distante da realização do anseio por uma cidade mais humanizada e democrática.

Notas

- 1 John C. Loudon, "Remarks on laying out Public Gardens".
- 2 J.-C. Mollet-Foretier, "Grandes Villés et Systèmes des Parcs".
- 3 Jean-Pierre Le Dantec, "Jardins et Paysages: Textes originaux de l'Antiquité à nos jours", Larousse, Paris, 1999.
- 4 Le Corbusier, "Urbanisme", 1925.
- 5 David Harvey, "Dinâmica pós-moderna", Ed Loyola, 1992.



Foto: Fest 0, Curitiba, 1999.

A análise da imagem da cidade a fim de proporcionar subsídios ao projeto de arquitetura e urbanismo, pautou a pesquisa pioneira de Kevin Lynch, concluída em 1959 e publicada, no Brasil, com o título "A Imagem da Cidade". A interpretação desse trabalho permitiu, aos arquitetos e urbanistas, reconhecer na cidade, uma sintaxe mínima de elementos ou variáveis operacionalizáveis, não só na compreensão da imagem, como na constituição de um ideal de desenho urbano, marcado pela legibilidade e clareza das suas proposições. A imagem, conforme o conceito empregado por Lynch, decorre da ação do nosso sentido da visão; isto é, as suas qualidades físicas são definidas pela inteligência visual, que, na sua atividade, discrimina, ordena e classifica, ao produzir alguma forma de compreensão. Analogamente, a partir desse conceito de leitura visual pôde-se, então, antever um projeto de cidade definido por imagens claras associadas às especializações dos espaços destinados às diferentes funções. Estava-se referendando, agora com uma outra base teórica, trunfo das pesquisas desenvolvidas na época pelos estudiosos da Gestalt, os postulados da cidade funcionalista, ou seja, produzindo uma sobriedade do seu ideário, pelo menos, pela década subsequente. O projeto comprometido com essa abordagem da imagem da cidade enfatizava seus aspectos visuais.

Tal concepção da imagem da cidade veio perdendo a sua influência, na medida em que veio perdendo o seu caráter discriminante. A cidade continuava sobrepondo funções nos mesmos espaços, promovendo a convivência simultânea de tudo e de todos – o que só aumentou as ressalvas ao modo de ler a cidade proposto por Lynch e definido, assim, por uma visualidade hegemônica.

Um outro fator que veio comprometer o discernimento que a imagem da cidade pode oferecer foi, justamente, a inflação de imagens e sobretudo, de linguagens e de artifícios de produção de imagens – além das facilidades comunicacionais – típica dos tempos em que vivemos. As imagens não se vinculam mais aos espaços, nem tampouco à cidade. Elas migram e se reproduzem numa contínua colagem, avessas a qualquer mito de fidelidade à origem. E o que vemos é uma espécie de retórica da cidade globalizada, caracterizada pela homogeneização que tais discursos necessitam lançar mão para atingir grandes massas. A representação uniforme das cidades nos novos meios de comunicação tem, em grande parte, produzido uma adap-

tação dos cartões postais à era eletrônica, através de um uso pouco criativo, salvo raras exceções, da plataforma www. É de novo, além de uma hegemonia do visual, a perda das diferenças que dão aos lugares suas individualidades.

Agora, curiosamente, quanto mais a imagem define-se polisensorialmente, mais próxima ela está do senso comum. Se a uma cidade fosse atribuída uma imagem, suficientemente conhecida, de modo que a partir dela fosse a cidade identificada, provavelmente, essa imagem é a mesma registrada pelos postais, caso a cidade tenha apelo turístico. Mas, descartando essa situação, a imagem que cada um evoca quando dela se fala, pouco tem de visual: é antes polisensorial. Ela é visualmente pouco definida, e para que assim se faça, é necessária percorrê-la na memória, buscando os lugares registrados. Tal percurso, dado os parâmetros que cada um recolhe, faz com que esta "imagem da cidade" seja extremamente particular, ou seja, ela, embora sendo "da cidade", é uma representação de uma história pessoal, de uma experiência de vida, composta por odores, ruídos, temperatura, sensações, etc.

Aquela imagem cobrada pela experiência pessoal, pelos fatos de vida que lhe foram agregados, é dificilmente representável numa linguagem comum ou objetiva, ou seja, que visa uma comunicação de ordem prática para alguém (como é, por exemplo, a imagem de um mapa, para quem deseja encontrar um endereço). Quanto mais a imagem se define pelo força da narrativa de um sujeito específico, que demonstra e explicita seu ponto de vista, seu tempo e seu lugar, tanto mais ela se afasta da panorâmica imagem da cidade de domínio público. Ocorre, porém, que a imagem da cidade é resultado de uma conjunção de imagens, não só vividas por aqueles que de fato tem a cidade como palco das suas experiências, como por aqueles que se detiveram em apresentá-las, utilizando os mais variados meios e instrumentos para inscrevê-la num imaginário urbano, que será tanto maior e diversificado, quanto o repertório daquele que o conhece. Ora acontece que determinados quadros da vida urbana, expressos nas obras de alguns artistas, seja ele do universo verbal (a cidade de Recife, de Manoel Bandeira ou de João Cabral) ou visual (a Praça Roosevelt do Sganzerla ou o Arhangabaú do Gruber), tem (ou deveria ter) para um estudioso, pesquisador ou profissional de arquitetura e urbanismo, igual poder de expimir, ou até, definir, ainda que temporariamente, a imagem polisensorial da cidade. Por que a nossa iconografia urbana está quase limitada às fotos e pinturas de paisagens? E os documentários do cinema, ou mesmo a ficção? E o vídeo, a literatura, o cartum?

O que precisamos, sim, não é só rever, mas construir nossa tradição, visitando o espaço lido, saboreando as imagens que já definiram lugares, aprendendo com a revelação que os olhares aguçados, as vidas, as consciências, as habilidades de outrem ainda estão por produzir. Por uma antologia da imagem polisensorial da cidade brasileira.

## Um olhar sobre a cidade

Vanessa Gayego Belo Figueiredo  
Coordenadora Geral do XI EREA  
pet@zeus.puocamp.br

- 1722** Bandeirantes paulistas em busca de ouro.  
O pouso à beira do Caminho das Goitases.  
Caminhões, caravanas, caravanas...  
Passagem obrigatória - a Rua do Pinga.  
Surge Campinas - "Princesa do Oeste".  
A casa de taipa e sapé.  
Festa, paisagem, água, paragem.
- 1745** Densa mata, Vila de Jundiá.  
Do fiticídio do Pinheiro aos campos de Mogi.  
Do pouso às sesmarias.  
E mais Minas...  
Os primeiros colonos - o barro rural.  
"O bávaro do Mato Grosso das Comarcas".
- 1774** Do bairro à freguesia.  
De sapé e pauz rolíceo a capela se erguia.  
"Freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Campinas".  
O primeiro colono, a primeira praça.  
Francisco Barreto Lima, sesmeiro, fundador e  
"urbanista".  
As primeiras quadras - as ruas De Baixo, Da Meio  
e De Cima.  
Com traçado retilíneo ortogonal.  
Surge o núcleo urbano de Campinas.
- 1797** Do pobre freguesia à rica Vila.  
Policultura, monocultura, subsistência,  
exportação.  
Surge a Vila da cana-de-açúcar - "Vila de São  
Carlos".  
Novas sesmarias - grandes latifúndios.  
Janela, porta, janela.  
Do taipa de mão à taipa de pilão.  
Do casa térrea ao casarão.  
A catedral, o teatro, a igreja, a casa do conselho.  
Junto às primeiras eleições - a cadeia...  
E os primeiros ladrões.
- 1842** Do açúcar ao café.  
Do Vila à Cidade.  
Enfim... a cidade de Campinas.  
Café, café, café com pão...  
Olha aí a ferrovia.  
Olha aí o europeu - imigração.  
Fim do tráfico negreiro - abolição.  
Paulista, Mogiano, Sorocabano.  
Vem telegrafo, vem comunicação.  
A gás - a iluminação.  
"Bondes de burro" e chafarizes.
- 1860** Grãos, bandeiras de ferro, azulejos.  
Mais ferro, mais ferro...  
As primeiras indústrias.  
Fundição, tecida, couro, sabão.  
A máquina, o homem, a máquina.  
A cidade cresce, cresce, cresce...  
Cadê o esgoto, cadê o saneamento.  
A cidade quer saneamento.

**1889** Vem a epidemia - o febre amarela.  
Desolação, abandono.  
Coqueiras pro fora da cidade.  
Surge o perímetro urbano...  
O primeiro código de obras.  
O "urbanismo sanitário".  
Pavimentaram as ruas.  
É como diria Manuel Bandeira:  
"Trucidaram o rio" - que rio?  
Campinas: "cidade limpa e saudável".  
Profilaxia. Foi-se a epidemia.  
Como Fênix, Campinas ressurgiu.

**1900** E então... mais fábricas, mais fábricas.  
Alem do café, o atajado.  
Olha o bande, sem traço.  
Novos bairros em formação.  
Expansão, expansão, especulação.  
Especulação imobiliária.  
Pavimentação, obra viária.  
"Craqui", olha o balaio.  
Adeus café, café, café com pão.  
Paralelo a ferrovia, a rodovia.  
Mas um vaza Fênix ressurgiu.

**1940** O povo quer "ordem e progresso".  
Prédios modernos, amplos avenidas.  
Vem "Maursson" - Frestes Maia, o urbanista.  
Café igreja, café casarão,  
Tudo vir pavimentação.  
Transformação, adaptação, expansão.  
Acelerada industrialização e construção.  
Olha de novo a especulação.  
Resistências ao Norte e Oeste.  
Indústrias ao Sul e Sudoeste.  
Olha aí a "cidade mogiana".  
"A grande Campinas" - metrópole regional.

**1960** De residencial a comercial,  
Vai mudando a área central.  
O horizontal cede ao vertical.  
Concreto, ferro, concreto.  
O recorte de cidade apaga os edifícios públicos.  
Avenidas, viadutos, pontes.  
Automóvel, automóvel!  
Cadê as praças, cadê a Rua do Pinga?  
As praças estão na periferia.  
Agora abertas e com esmolas montes.  
Nada como antes!  
Ergue-se a muralha.  
Oprimindo a casa de pau.

**1990** Campinas, "terceira praça econômica do país".  
"Uma cidade dinâmica".  
Fluxo, fluxa, fluxa...  
Olha o rótulo.  
Gira, gira - gira capital.  
Alta tecnologia, importante polo industrial.  
Produção, otimização, globalização.  
Ensino, pesquisa e extensão.  
Universidade em expansão.  
A cidade ontem e hoje.  
Passado, presente, futuro...

## XI Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura

Luis Espallargas Gimenez  
learq@mandic.com.br



Centro de Convivência, Campinas. Arq. Fábio Percecco. Foto: Augusto Ramalho Pezoto.

O tema escolhido para o XI EREA, organizado na FAU PUC-Campinas não poderia ser mais oportuno. Em primeiro lugar, porque a cidade, enquanto feito coletivo, deveria ser sempre considerada, a um só tempo, referência e convergência das intervenções de arquitetura e em segundo, porque a desfigurada imagem das cidades modernas e a desvanecida metodologia do plano orden e seus vazios devem ser ocupados por inéditas proposições que recuperem a abalada convicção do projeto da cidade. Definir como tema do encontro "A construção da cidade contemporânea" ajuda a procurar um outro e necessário urbanismo, evidentemente desconhecido do planejamento normativo e devetor do desenho urbano que tantos valores acumulou em todas as cidades. Uma nova forma de urbanismo que costure as conquistas da arquitetura moderna junto com a cidade tradicional ou as invenções técnicas e tipológicas junto com a história dos homens que fica condensada em seus assentamentos e objetos. Um urbanismo diferente, a meio caminho das teorias acadêmicas e da interpretação contemporânea, já que terá que dar conta dos problemas emergentes que se apresentam, enfrentando a complexidade sem precedentes nas cidades e porque ademais do desempenho deverá promover qualidade urbana nas cidades. Ao invés de contentar-se com projetar edifícios autônomos e quase sempre presunçosos, os alunos mostram interesse-se pelas relações intersticiais dos edifícios construídos em todos os tempos, concentrando nestes lapsos suas atenções e energia. E quando se apreendem todos os edifícios em conjunto e seus correspondentes intervalos que se conhecerem relações espaciais superiores aos insignificantes recuos de um lote. As relações espaciais entre os edifícios estão nos vazios deixados que constituem os espaços públicos de uma cidade, ou os lugares de importância urbana fundamental, uma vez que pertencem e representam a todos cidadãos, vazios que a cultura insiste em entender como terra de ninguém, onde será possível abrir negócios, jogar entulho, anunciar, abrigar taxistas, construir guaritas e cercar com grades. O desenho dos espaços públicos será uma das chaves para a construção das cidades. Recuperar a importância destes espaços, convergendo a todos de seu valor é uma grande e inadiável tarefa onde os arquitetos e claro, os alunos de arquitetura tem um papel de maior importância.

março 1998  
ano 3  
edição meses letivos

## Pela preservação do patrimônio da Cia Paulista em Jundiaí

Laura Machado Mello Bueno e Eduardo Carlos Pereira

laurab@kyotec.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos locais da Região Paulista e é publicado pelo Conselho Administrativo - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Campinas, Inspeção Municipal. Atendemos manifestações em matéria arquitetônica, histórica, restauração e obras de conservação patrimonial por meio da publicação de artigos. Também podem ser enviadas sugestões que mencionem o local.

Editor responsável:  
Abilio Lima

Colaboradores:  
Adriana Oliveira Ferreira  
Cristina Medeiros EPN  
Ed Jairo Aguiar Gomes  
Walter Tognini Vianna  
SP Plus P Feresio Chagas  
Paulo Alves de Almeida  
Paulo César F. Pereira  
Pedro Roberto Azeiteiro  
Barbara Guimaraes Aguiar  
Márcio Oliveira de Azeiteiro

Membros:  
André Kaplan  
Ary S. Zucchi  
Daniel Cavalcanti  
Flávia Almeida de Godoy  
Fátima Leiria  
Teresa Marcon

Empunhas:  
Gleize  
Wilson Francisco Gomes de  
Melo - Diretor  
Tereza Maria  
Coordenadora de Curso  
Rosário Marques de Almeida

Centro de Apoio Jurídico  
Conselho  
Rua D. Pedro 1 - Km 128  
13085-500 Campinas SP  
Brasil  
Fone: 49-014-704.1162  
Fax: 33-019-233.3276  
E-mail: cad@kyotec.com.br

Boletim Óculum  
Alameda Campinas, 11  
01424-900 São Paulo SP  
Fone/Fax: 011 2558953  
oculab@kyotec.com.br

Distribuição gratuita

Faça o pedido na Internet:  
www.kyotec.com.br

Após o curso  
Após o curso



IMPRESSO



Estação Ferroviária São Paulo Railway de Jundiaí, foto de 30. Avenida Museu Ferroviário Barão de Mauá, Jundiaí

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro (ex São Paulo Railway e atual Fepasa, hoje de propriedade do governo federal) possui um conjunto arquitetônico inaugurado em 1893 em Jundiaí, onde funcionavam suas oficinas para manutenção das locomotivas e vagões.

É inegável a relevância do papel da Cia Paulista na história brasileira e particularmente na história paulista, e sua ligação com o desenvolvimento da império inglês, que projetou e construiu sistemas ferroviários semelhantes em muitos países. Sem contar as implicações da migração inglesa e italiana que constituíram boa parte do corpo de funcionários da railway. Essa importância ganha um caráter fortemente sócio-cultural no caso do conjunto de oficinas de Jundiaí, através da história de seus ferroviários, que envolveu por muito tempo grande parte de chefes de família da cidade, para gerir e fazer funcionar o que já foi um modelo de eficiência e atualidade.

Atualmente este conjunto, com as funções originais desativadas, está praticamente vazio, já que apenas alguns prédios estão ocupados - Museu Ferroviário, biblioteca onde está reunido o acervo técnico da Fepasa e setor de arrecadação do ICMS local.

O conjunto das oficinas da Cia Paulista em Jundiaí, é composto por uma área de 140.000 m<sup>2</sup> e de cerca de 30.000 m<sup>2</sup> de área construída - armazéns, oficinas, estações de trem, escritórios, estação Jundiaí Paulista e casas de força. No terreno há trechos arborizados, grandes pátios de manobra algumas casas, onde moram funcionários do sistema ferroviário. Está localizado numa faixa estreita entre a Avenida dos Ferroviários (antiga linha de trem desativada e posteriormente demolida) e a linha de trem ainda em funcionamento, de ligação entre Jundiaí e Campinas, passando por Louveira, no vale do Rio Jundiaí. Nas extremidades a área se limita com a principal estação ferroviária de Jundiaí e com um centro esportivo municipal.

Trata-se sem dúvida de assunto que merece o interesse social, político, de estudiosos, a execução de levantamentos e inventários. Entretanto está sendo tratado com descaso. Estamos preocupados e chamando a atenção ao fato de que as oficinas se encontram com um pedido de tombamento no Condephaat (nº 186/86) paralisado há mais de 10 anos, o que por si só já identifica não um caso específico, mas o status quo de crises mal tratadas, como se não carregassem relevância. Não sabemos se o que precisa ser salvo são apenas os bens patrimoniais ou a própria instituição Condephaat, que nesse processo se revela esfacelado. É necessário que se recupere a respeitabilidade dos órgãos

de defesa do patrimônio histórico. De qualquer forma, ambas situações necessitam de socorro, atenção intelectual, correção, direção e decisões certas no tempo certo. A Fepasa está para ser privatizada e o tombamento precisa ser realizado o quanto antes, para garantir que os novos donos sejam obrigados a dar um uso conservacionista ao local. Estando a Fepasa atualmente sob domínio federal e sendo a Cia Paulista parte da história do sistema ferroviário nacional, o Iphan também deve estar envolvido.

Jundiaí não possui um Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio que pudesse formalizar providências para a preservação do bem com agilidade. É preciso tornar público o que é o patrimônio que engloba as oficinas e a própria ferrovia, com suas histórias, arquiteturas, ferroviários, organizando-se e executando-se levantamentos e inventários em toda extensão. Para isso estamos solicitando sua participação e manifestação junto às instituições responsáveis, à imprensa, às universidades e faculdades, aos órgãos de pesquisa, órgãos gestores da cultura nacional e paulista.

Cartas de apoio a este manifesto podem ser encaminhadas diretamente aos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio artístico-cultural no Estado de São Paulo e no território nacional:  
CONDEPHAAT Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Histórico do Estado, Secretaria do Estado da Cultura, Av. Paulista 2644, 1º e 2º and, 01310-300 São Paulo SP. Fone 011 258.6117, fax 011 2312684  
IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, 9ª Coordenadoria Regional, Rua Baronesa de Itú 639, Santa Cecília, 01231-000 São Paulo SP. Fone 011 826.0547

Laura Machado Mello Bueno é arquiteta, professora da FAU PUC-Campinas, onde é chefe do Departamento de Planejamento. Eduardo Carlos Pereira é arquiteto e atua em Jundiaí.

## Vitrúvio em italiano diretamente do latim

Marco Biffi



Templo idealizado segundo Vitrúvio, desenho de Andrea Palladio, edição de De architectura, Veneza, 1568, tocação D. Barbieri

A nova edição do "De architectura" foi publicada pela Einaudi na coleção dos "Millenni", sempre caracterizada pela sua altíssima qualidade; mas além do incontestável valor dessa veste editorial, o livro se impõe imediatamente como um válido e útil instrumento que cobre uma grave lacuna no panorama editorial italiano. De fato, a última edição completa vitruviana é dos anos 30 do século passado, com o texto em latim, respectiva tradução e um amplo comentário. A nova publicação se revela, sobretudo, extremamente versátil, porque satisfaz às exigências de um grande espectro de leitores: dos especialistas, tanto dos que se dedicam ao classicismo quanto os historiadores da arquitetura, mas também aquele dos simples cultores da matéria, esses que se apresentam com as exigências mais diversificadas ao texto fundamental da cultura artística do ocidente. Cada um dos livros vitruvianos (Antonio Corso preparou os livros -VI, e Elisa Romano o I e os VII-X) é precedido por uma introdução específica, que procura evidenciar as características fundamentais e delinea os argumentos tratados, enfatizando problemas particulares. O texto em latim é confrontado com uma tradução correta e pontual; e é acompanhado por um bom comentário, equilibrado em sua extensão, que oferece imediatamente um grande número de informações, deixando para um segundo nível as referências bibliográficas que favorecem futuras e minuciosas investigações. Esse é sem dúvida um dos maiores méritos da obra, inclusive para um público internacional: de fato, o comentário é um guia atual e ágil para uma bibliografia vitruviana; e, além disso, o comentário tem uma forte homogeneidade, pois todo o trabalho, sob a direção de Pierre Gros e, com uma notável coesão dos tradutores, foi concluído em um período relativamente breve para esse tipo de empresa científica (aproximadamente 8 anos), oferecendo assim uma informação uniforme e preciosamente comparável.

○ Núcleo da obra - texto, tradução e comentário -

foi completado por alguns instrumentos colaterais, visando aspectos singulares. O primeiro é o prefácio de Gros, com o título "Vitrúvio e il suo tempo", e que corresponde plenamente às características ecléticas então evidenciadas no comentário: se por um lado Gros oferece um panorama ágil sobre as problemáticas fundamentais ligadas à figura de Vitrúvio, como uma útil introdução à leitura do seu tratado, do outro lado não renuncia à certos aspectos de grande importância científica, como aquele da posição sócio-cultural do arquiteto latino. Gros evidencia, claramente, a peculiaridade de Vitrúvio como uma figura em um certo limite: do ponto de vista social, por pertencer ao *ordo* dos *apparitores*<sup>11</sup>, mas também sob um ponto de vista artístico-profissional, já que Vitrúvio se encontra em um limbo entre a arquitetura republicana, a qual pertence sem dúvida, e a imperial. Ainda na parte introdutória da obra, encontra-se o texto de Romano, sobre a "língua" do tratado, com o título "Fra astratto e concreto. La lingua di Vitrúvio". A especificidade do arquiteto latino é justamente decodificada como um laboratório experimental de criação de uma nova linguagem, e portanto caracterizada pela presença dos variados registros e por uma oscilação contínua entre a redundância e a extrema síntese.

Simetricamente, a obra é concluída por dois ensaios, ambos de Maria Losito, e que afrontam o problema da exegese vitruviana nos séculos XV-XVI, partindo da análise de dois problemas específicos que são denunciados pelos respectivos títulos: "La ricostruzione della voluta del capitello ionico vitruviano nel Rinascimento italiano (1450-1570)" e "L'analogo vitruviano e il III libro del De Architectura di Daniele Barbaro (1556-1567)". O volume é completado por uma ampla seção bibliográfica, por um "Índice dos nomes e dos lugares" e por um "Índice dos termos técnicos". E, em uma nota crítica, os curadores anunciam que o texto latino proposto é baseado na edição de Rose e Müller-Ströbing de 1867, atualizado com algumas variantes também declaradas em um elenco.

Uma última nota positiva é em relação à presença de desenhos explicativos nessa obra: desenhos que Fra Giocondo já tinha bem intuído em 1511, e que são um subsídio indispensável para a real compreensão de um texto técnico como o "De architectura". Esse aspecto, que é reduzido à discretas inserções em muitas das recentes edições italianas e estrangeiras, é, no caso do volume Einaudi, cuidado com muita atenção, não esquecendo os vários desenhos funcionais que são filiados ao comentário, em quatro seções temáticas com as respectivas granchas.

11. Entende-se aqui a classe social dos servidores públicos da Magistratura romana. (Tradução de Alcides Tognini)

Vitrúvio, De architectura (edição de Pierre Gros, tradução e comentário de Antonio Corso e Elisa Romano, Turin: Giulio Einaudi Editore, 1997, 2 volumes, 1500 páginas, ilustrado, L. 220.000 ISBN 88-06-12278-8)

Exposição "Fabrications" no Wexner Center  
Ascanio Merrighi, EUA  
ascanio.merrighi@gsiarch.com



Exposição "Fabrications", Foto de Richard K. Lusch

"Fabrications" é uma exposição de arquitetura que está acontecendo ao mesmo tempo em Columbus, Nova York, São Francisco e Barcelona. A ideia é abordar e levar ao público o tema da arquitetura por outro meio que não as representações gráficas tradicionais. Os objetos estão lá, 1:1.

Elementos que interagem com o espaço no qual se inserem, um anexo a uma casa alternativa, casa auto-suficiente para final de semana e algo chamado sala de leitura virtual. A última não passa de alguns móveis em acrílico dispostos num ambiente fechado da galeria. Não óbvio quanto sem graça, só fica mesmo com essa descrição mais a delação dos autores: Stanley Saitowitz Office, São Francisco, Califórnia.

Chegando mais perto das outras propostas têm-se umas elegantes estruturas em perfis metálicos curvos, dobrados, soldados, pendurando-se nas vigas e apoiando-se no piso da "Galeria 3" do Wexner. Proposta do escritório de Eric Owen Moss, tenta colocar as pessoas em posições diferentes das que usualmente estão quando experimentam a "tortura" de Eisenman (autor do prédio) por dentro. A instalação seria feita para subir a posições e alturas diferentes com ângulos de visão não previstos pelo arquiteto. Não vingou: por algum motivo têm uns parafusos, plataformas e guarda-cópos a menos, e uma placa "do not climb". Mas a elegância está lá. Mockbee/Coker Architects, sôlistas nos EUA (Memphis), fizeram um anexo a um daqueles ônibus escolares amarelos usado como casa por um contêrneiro deles. Acresceram ao ônibus uma plataforma paralela às janelas com um sistema de quebra-sol e um cômodo a mais ao fim do eixo. Espécie de sala com escultura feita a partir de treças locais, dizem. Confessa-se aqui ignorância sobre alguns aspectos funcionais da obra, mas visualmente atraí. Vai ser usada depois pelo morador do "ônibus". Casadenses, Patkau Architects colocou à mostra uma casa de fim de semana compacta geradora da própria energia. Para suficiência completa só falta fazer água. É o que se vê, vale o ingresso (\$3 US) e ainda dá para espiar em vídeo o que rala nos outros três cantos. Deixa-se descrição para quem esteve lá.

Fabrications, Wexner Center for the Arts, 111ev a 1200r, C2120: 301 Architecture, Boston/Wings, Full Scale, The Textonic Garden (ISBN 0-910471-44-3, <http://www.org.ohio-state.edu/Remix/>)

## O investimento público no sertão nordestino

José Sales Costa Filho  
ppau@secrel.com.br

Tem o Nordeste brasileiro carregado consigo o estigma do atraso nacional, em função das intempéries climáticas que assolam o seu território periodicamente, de uma inadequada política de apropriação de recursos naturais que contribuiu à desertificação da região e por resultados de um mau modo administrativo que tem nas ações paternalistas a sua conhecida feição.

Dentro deste quadro já secular de "inviabilidade assumida" surgiram nesta última década e meia tentativas de consolidar alternativas de desenvolvimento em contraponto com as posturas usuais da "ajuda humanitária" para um Nordeste "abandonado".

O ponto de partida para tais ações é o paradigma adotado e desfraldado com o auxílio de uma mídia especial para o caso, de que existe uma grande viabilidade de desenvolvimento e sustentabilidade no Nordeste brasileiro, restando definir quais são as potencialidades existentes na região, as diretrizes estratégicas para a consolidação destes objetivos desejados e a consolidação de uma profunda mudança na cultura nordestina "tradicional" existente. A nova visão de Nordeste tem que sobrepujar a anterior cultura de "nordestino cabra macho sem sinhô" em "Vidas Secas".

A SOUT está promovendo com recursos de fomento do BIRD / Banco Mundial, um ambicioso programa de qualificação das cidades cearenses, de acordo com uma postura estratégica mais ambiciosa ainda de qualificar o Estado para atração de investimentos, vinculado de certa maneira a tendência atual de dotar as pequenas e médias cidades como alternativas viáveis de vida e negócios. Como toda rede no Brasil, a do Ceará tem um grave problema estrutural a ser enfrentado que é de sua distribuição espacial no território. A macrocefalia de sua capital Fortaleza, com sua Região Metropolitana de mais de 2,8 milhões de habitantes (quase metade dos habitantes do Estado) cristalizou um processo em que os privilégios desta RM são sempre superiores ao do restante das cidades do Estado.

O PROURB<sup>1</sup> foi proposto para inversão desta tendência e selecionou 44 dos principais municípios do Estado, nos quais serão empreendidas várias ações para consolidar uma direção de desenvolvimento, dentre as quais se destaca a elaboração e implementação dos PDDU<sup>2</sup>, a gestão das águas no território, o saneamento básico e, em destaque, a conservação ambiental.

O escopo dos trabalhos de planejamento e modelagem do espaço é não só a elaboração do PEU<sup>3</sup> na versão clássica (desenho de uso, ocupação do solo, legislação urbanística), mas também um Plano Estratégico que pretende alcançar tanto o universo da atividade pública como demonstrar parâmetros e potencialidades de cada um destes municípios para o empreendedor privado.

Os objetivos do PROURB são a elevação da quantidade e qualidade de vida nas cidades cearenses e uma redistribuição territorial da população, dos serviços públicos e das atividades econômicas,

visando o fortalecimento destas cidades consideradas estratégicas.

É algo inédito como ação governamental, mas faz parte de uma estratégia maior de colocar o Ceará como a opção preferencial de investimento no quadro nordestino, depois do Estado da Bahia, que é disparadamente o maior captador de recursos da região. E também por considerar que não cabe só à administração pública a procura desta sustentabilidade, sendo este contexto, por conseguinte, uma atividade de parceria.

Está composto o fundamento de um "quadro de otimismo", alimentado por uma ação política de capacitação industrial onde mais de 400 novas indústrias estão sendo atraídas para o Estado; de gigantes como os Grupos Vicunha, Grendene, Gerjau e Antártica, a indústria de todo porte e tipologias variadas. E a estas indústrias tem sido apresentada as opções preferenciais do interior do Ceará.

Isto é mais inédito ainda na medida em que neste quadro das cidades cearenses existe esta grande diferença dimensional, já citada, entre Fortaleza, como o maior sítio do Estado e o restante destas cidades onde só 3 delas tem mais de 200 mil habitantes, uma 150 mil e o restante abaixo de 80 mil, com um espectro médio da ordem de 50 mil.

Todo este novo contexto está baseado em um conjunto de diretrizes que incluiu a mudança da cultura urbana na cidade nordestina; a expansão do universo urbano, a interiorização, a inclusão social e a obrigatória participação da sociedade civil; a proteção, a recuperação do patrimônio natural e histórico; a qualificação dos agentes públicos e a procura de novos parceiros para o desenvolvimento.

Foram disponibilizados recursos financeiros da ordem de 240 milhões de dólares, só para o PROURB, de origem do BIRD / Banco Mundial e Governo do Ceará para aplicação em desenvolvimento institucional, infra-estrutura urbana e hídrica.

Podem parecer meio ufanista, mas tratar de questões de planejamento estratégico, em cidades no "cafundô" do Sertão do Ceará é algo peculiar.

"Cascavear" a realidade e descobrir potencialidades urbanas se transformam numa tarefa de "mineração urbanística". São imensas pretensões deste programa e algumas comunidades, digo cidades, estão encarando esta ação com entusiasmo e crença no sucesso. Uma olhada sobre os fatos é interessante:

Os questionamentos e polêmicas são de toda ordem: Os benefícios são "virtuais" ou reais? Esta postura não é "pseudo planejativa" de bases neo liberalista? Qual a disponibilidade de participar deste mercado de trabalho de consultoria?

### Notas

- 1 SOUT - Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do Estado do Ceará
- 2 PROURB - Projeto de Desenvolvimento Urbano e Gestão de Recursos Hídricos
- 3 PDDU - Planos Diretores de Desenvolvimento Urbano
- 4 PEU - Plano de Estruturação Urbana

## Livro narra evolução histórica do modernismo na França

Maria Stella F. Dutra, França



Convento de la Tourette, Arq. Le Corbusier. Foto A. Guerra

No final de 1997 foi lançado na França o primeiro dos dois esperados volumes de *L'architecture Moderne en France*, organizado pelo prof. Gérard Monnier - colaborador da *Óculum* -, com a colaboração de Claude Lougnot e Christine Mengin. Em homenagem à René Julian, que introduziu a história da arquitetura contemporânea na universidade francesa, este primeiro tomo inicia-se com as premissas da modernidade (1889-1914) para, em seguida, consagrar-se às experiências arquitetônicas do entre-guerras. O segundo tomo, recolhido por Joseph Abram e Gérard Monnier, foi anunciado para este ano e ser consagrado ao período contemporâneo (de 1940 aos nossos dias).

Explorando o conjunto do território francês, este trabalho restitui a complexidade dos acontecimentos da arquitetura moderna; complexidade ligada, por um lado, à transformação da demanda social e da definição de novos programas: habitação popular, supermercados, cinemas, estádios, escolas etc., e por outro lado, ao surgimento de novos clientes, arquitetos e doutrinas. Este estudo procura ampliar o horizonte de observação, mostrando os laços que unem esta arquitetura ao seu processo de produção, quer pelas técnicas ou formas utilizadas, quer pelas idéias que o norteiam; e às novas problemáticas da concepção e da realização dos edifícios.

Utilizando judiciosamente uma iconografia, às vezes rara ou inédita, acompanhada de um comentário ao mesmo tempo informativo e analítico, este livro se aplica igualmente sobre uma documentação densa a respeito de arquitetos e edifícios. Com o objetivo de uma visão abrangente do período, este estudo não se atém aos profissionais e obras já consagrados, mas contempla arquitetos pouco conhecidos e edifícios notáveis por suas inovações técnicas ou formais.

Além de uma classificação por temas e por programas, o volume comporta notas biográficas, uma bibliografia e índices que facilitam a consultação.

Maria Stella F. Fernandes Dutra é autora em História de Arte na Université de Paris I. Gérard Monnier, Claude Lougnot e Christine Mengin são professores de História da arquitetura na Institute d'histoire de l'Art et d'Archeologie, Université de Paris I.

Gérard Monnier (org.), Claude Lougnot e Christine Mengin, *Architecture Moderne en France*, tomo 1: 1889-1940, Paris, Floart, 1997, 260 p.



MUSEU D'ART Contemporani de Barcelona. Arq. Richard Meier

A incorporação do bairro do Raval à muralha construída no ano 1389 acrescentaria à cidade terras "extra-muros" onde se davam hortas, hospícios, conventos e matadouros. Durante o século 18 se produzirá a demolição da muralha na parte das Rambles. A finais do século 18 e a princípios do 19 se urbaniza o Raval, enquanto que ao longo do século 19 aí se instalarão fábricas. Em 1854 se dá a autorização da demolição da muralha e, em 1859 a aprovação do Plan del Eixample, do engenheiro Cerdà. Em 1897 se anexam à Barcelona seus municípios circundantes (Gràcia, Santis, Sarrià, etc.), conformando assim a cidade tal como se apresenta na atualidade.

Na virada do século 19 ao 20 o bairro passará por uma espetacular mudança. A indústria traz consigo o proletariado, sobretudo uma população de emigrantes provenientes do sul peninsular. Estas fábricas que se assentavam no Raval vão produzir também a proliferação de locais que a "cidade nova", moderna, necessitava. O déficit habitacional promoverá a criação de casas de dormir e pensões baratas. Sua proximidade ao porto trará toda uma horda de marinheiros, prostitutas, jogadores, malandros e desocupados. Bares, cabarés, casas de jogo, prostíbulos e cafés-concerto se multiplicariam no bairro.

A demolição gradual de várias habitações que se encontram em profundo estado de degradação – seja por seu aspecto "físico-estrutural" (problemas de fundação das casas, falta de banheiros, falta de elevadores nos edifícios que pela especulação imobiliária alcançam alturas, às vezes, de sete andares, problemas da acessibilidade rodada), seja por seu aspecto "uso-funcional" (população imigrante e ilegal, lugares de tráfico de drogas, prostituição) – vão permitir a higiene do bairro. Nos vazio resultantes das demolições, surgem espaços públicos, procurando uma idéia de continuidade que penetre em toda cidade.

O bairro marginal hoje em dia dá lugar a um bairro oficial. Antigos conventos, casas de caridade, hospitais e igrejas são restaurados para converterem-se em bibliotecas, museus, salas de exposições e centros de ensino. A hipervalorização do testemunho arqueológico será uma das principais linhas de atuação. Com a intenção de garantir a identidade local, caminhos se traduzem em monumentos, antigas igrejas em salas de exposições. A cidade, em seu eterno processo de redefinição,

conserva seus monumentos e experimenta novas tipologias que se adaptem às necessidades do mundo contemporâneo. Cria espaços para novos equipamentos que surgem com as novas práticas que o capitalismo avançado adota. É a metrópole pós-moderna o lugar de concentração de fluxos de energias em seus mais diversos matizes. A sociedade da informação, efêmera, fugaz e fragmentada experimenta novas capacidades perceptivas de compreensão do mundo à sua volta, produzindo espaços e lugares que respondam a estas necessidades.

Do ponto de vista econômico, o projeto de desenvolvimento moderno tem como ponto principal a necessidade de rápida transformação de seus contornos. As estratégias da economia mundial necessitam solos urbanos flexíveis e mutáveis. Neste processo de transformação de usos, e por conseguinte de mudanças no solo urbano, Barcelona em sua "Ciutat Vella" declarou a promoção de símbolos provenientes da "cidade tradicional" para gerar espacialmente uma identidade que albergue toda sua complexidade.

Isto se encaixa nos processos de intervenções urbanas que se produzem na cidade que, graças a um eficaz sistema de promoção, transmitem internacionalmente a imagem de Barcelona como um grande laboratório urbano no final de século. Os esforços da autopromoção que a administração adota produzem o orgulho do barcelonês em relação à sua cidade.

A transformação do Raval se inscreve num processo de reestruturação urbana que teve seu "catalisador" nas olimpíadas de 92, evento que se converteu num incentivo econômico e, principalmente, de marketing para a promoção de Barcelona no mundo, garantindo um incremento da afluência turística.

A estratégia que se seguiu para a transformação do Raval se baseia em grande medida na inserção e transformação de instituições culturais, como a conversão do Convento de Santa Mônica, o Hospital da Casa de Caritat, o Pati Manning, o Palau de la Virreina e o Convento Bels Angels em edifícios culturais que albergam diversos tipos de propostas expositivas. Tudo isso gerou uma proliferação de galerias de arte, livrarias e comércios relacionados com a arte, o desenho e a cultura, imersos numa espiral econômica que termina elevando o valor do bairro com seus consequentes deslocamentos sociais e semióticos que aceleram uma renovação economicamente adequada.

Dentro deste marco, o Museu d'Art Contemporani de Barcelona – MACBA – será o instrumento máximo neste processo de reconstrução do bairro. O projeto do internacional arquiteto Richard Meier aposta no forte impacto visual, na clareza virgem e pura do edifício. O racionalismo e a aura que transborda em seu redor, provocam um "efeito domínio" que acaba englobando todo o bairro, transformando assim uma área da cidade que estava em profunda decadência num polo de atração de capital renovado e rentável.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Seminário "História da cidade e do urbanismo"  
O Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas organiza, de 14 a 16 de outubro de 1998, o IV Seminário "História da cidade e do urbanismo". Até 15/04/98: pré-inscrição e resumo do trabalho. Até 15/06/98: envio do trabalho definitivo. Info: Secretaria da Pós-graduação da Fapucamp, fon 019 754.7068, fax 019 754.7190, email VSHCU@acad.puccamp.br

A FAU PUC-Campinas sedia o EREA-SP  
O XI Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Estado de São Paulo acontece de 17 a 21 abr 1998 em Campinas. O tema geral será "A Construção da Cidade Contemporânea", com os seguintes sub-temas: 1. Espaço livre público; 2. Espaço habitado; 3. A imagem da cidade; 4. Tempo e memória; 5. Sociabilidade contemporânea. Info: 019 754.7150 ou 019 754.7177, email EREAXI@acad.puccamp.br

## Fundação Le Corbusier

Criada por iniciativa de Le Corbusier, a Fundação conserva um patrimônio importante de documentos legados pelo arquiteto. Fondation Le Corbusier, 8-10, square du Docteur Blanche, 75016 Paris France. [http://www.architectes.net/le\\_corbusier/](http://www.architectes.net/le_corbusier/)

Concurso de idéias para a escola estadual  
Patrocinado pela FDE e organizado pelo IAB-SP, visa a seleção de estudos para escolas de 1º grau do Estado de São Paulo. Inscrições até 13 abr 98 (novo prazo). fon 011 259.8897 fax 259.6597 <http://www.arquitetura.com.br/iabsp/ide/> fdereg.htm

Bienal de Arquitetura e Engenharia em Madrid  
Visando o intercâmbio de informação e experiências entre arquitetos e engenheiros da Iberoamérica, Portugal e Espanha, acontece em Madrid de 5 out 1998 a I Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Ingeniería Civil. Entrega de propostas: 30 abr 98. Seleção: mai 98. Inauguração: 5 out 98. email bienaliberoamericana@alcala.es <http://www2.ccdcc.es/cohopu/bienal/>

João Batista Vilanova Artigas na Internet  
Alguns projetos do mestre da arquitetura moderna paulista que estão disponíveis em página Web: FAU-USP, estádio do Morumbi, terminal de ônibus de Londrina, Marina Santa Paula, Terminal de ônibus de Juá, laboratório Lanara, escola pública de Itanhaém e conjunto habitacional de Guarulhos. <http://www.fau.usp.br/~artigas/home/>



Terminal de ônibus de Itá. Arq. Vilanova Artigas

abril 1998  
ano 3  
edição meses ímpares

## Arquitetura e terceira idade FAU PUC-Campinas expõe na Câmara Municipal de S. Paulo Maria Lucia Refinetti Martins pet@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é um informativo trimestral gerido pela Revista Óculum e publicado pelo Centro de Apoio à Comunicação (CAC) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos apresentados em seu conteúdo são de natureza acadêmica e não necessariamente corroborados pelo editor e pela direção da revista.

Editor responsável  
Nello Galvão

Conselheiros  
Alfonso Oribe de Espanha  
Cristina Ribeiro de Sá  
Edson Aguiar Conrad  
Mário Targino de Sá  
M. Páez F. Finney de Góes  
Paulo Moura Holanda  
Paulo Sérgio Prisco  
Pedro Morcia Almeida  
Raoni Roberto de Azevedo  
Walter Diniz de Azevedo

Membros  
André Bagan  
André Zapolato  
Danilo Camargo  
Flávio Antonio de Castro  
Flávio Lacerda  
Francis Vieira Barros  
Tatiana Araújo

Faculdade  
Diretor  
Wilson Roberto dos Santos  
Vice-diretor  
Irene Maria  
Coordenadora de curso  
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Campus I  
Rua Dr. Pedro B. de Azevedo, 134  
13088-000 Campinas/SP  
Brasil  
Fone: 35-019-754.1150  
Fax: 35-019-283.0276  
fauc@puc Campinas.br

Endereço eletrônico  
Alameda Campinas, 11  
01404-000 São Paulo/SP  
Fone-Fax: 011-3089500  
ocul@mauricio.com.br

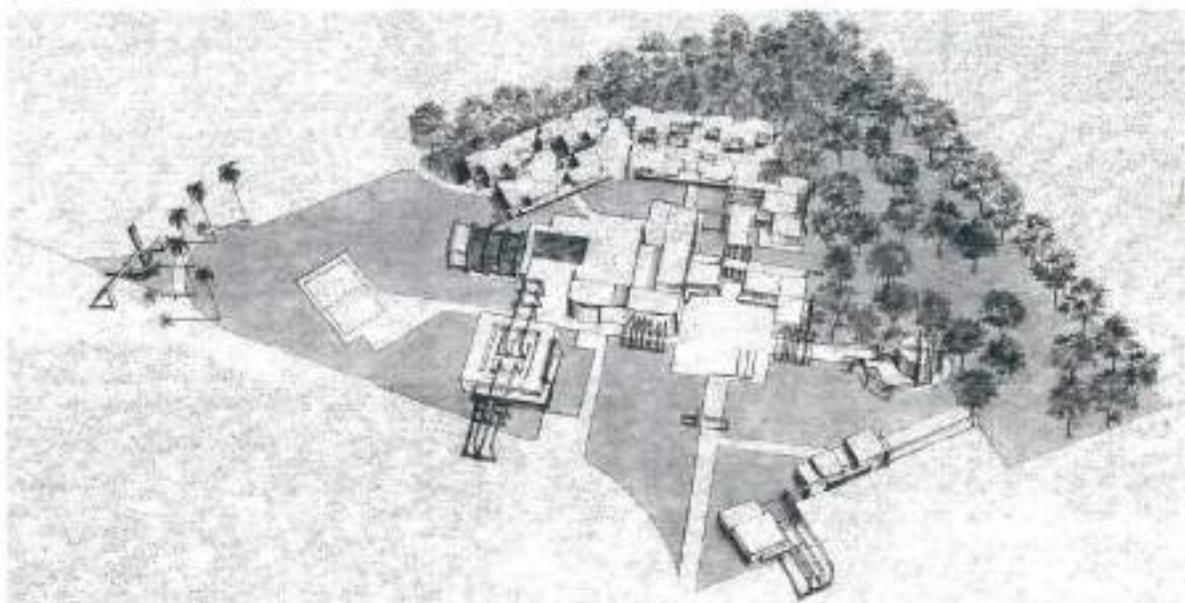
Endereço eletrônico  
www.puccamp.br/~pet

Apelo cultural  
Associação de Pais  
da Faculdade



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Centro de Convivência para Terceira Idade. Arquiteta Larissa Regina de Campos Bresciani, ex-aluna da FAU PUC-Campinas.

Projetos de Centros de Convivência e Moradia para a terceira idade, desenvolvidos nas atividades do TGI-97 por alunos da FAU PUC-Campinas graduados no final do ano passado, estarão expostos no saguão da Câmara Municipal de São Paulo no período de 13 a 17 de abril, das 8:00 às 20:00 horas.

A exposição faz parte do debate sobre *Arquitetura e Terceira Idade*, atividade do "Seminário Qualidade de Vida para um Envelhecimento Saudável", organizado pelo "Guia da Terceira Idade" e pelo Vereador José Eduardo Cardozo. Reunindo-se mensalmente, desde 1996, o Seminário tem por objetivo debater temas de interesse da terceira idade e elaborar medidas e iniciativas para melhorar sua qualidade de vida. Conta com a participação de idosos da Grande São Paulo e arredores e especialistas em terceira idade, em áreas que vão da saúde à previdência social, direitos, instituições asilares, lazer, recolocação profissional. A partir de agora inclui também a Arquitetura e o Espaço Urbano.

O debate sobre o tema, a realizar-se no dia 13 às 14:00 horas no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo será coordenado pelo Vereador José Eduardo Cardozo, com os debatedores: Secretário Municipal de Habitação, Lair Krahenbuhl, Deputada Estadual Maria Lucia Prandi (autora de Projetos de Lei para terceira idade), Padre Marcio, do Pastoral da Moradia e Professor Arquiteto Araken Martino, do Departamento de Projeto da FAU PUC-Campinas. Também estarão presentes os jovens arquitetos Carla Cubera, Carlos Eduardo Souza, Cássia M. S. Hernández, Graziela Constantino, Larissa Regina de Campos Bresciani e Maria Raquel Liberatori, ex-alunos da FAU PUC-Campinas e autores dos projetos em exposição, que terão a oportunidade de discutir com os idosos e ouvir deles considerações críticas sobre as propostas. Por iniciativa dos professores do TGI (Trabalho de Graduação Interdisciplinar), Araken Martino, João Eduardo Lima, Maria Beatriz Camargo Azevedo, Maurício Fridman, Sérgio Rubens Fiuza e Vicente Guillermo Noriega, a FAU PUC-Campinas estará neste ano de 1998, pelo terceiro ano consecutivo, dedicando-se à pesquisa e à produção de arquitetura para a terceira idade.

Esse grupo etário, que tem necessidades específicas, até hoje pouco tratadas pela arquitetura e pelo urbanismo, é o que mais vem crescendo atualmente no Brasil, em consequência do aumento da longevidade e redução das taxas de natalidade. O grupo PET - Programa Especial de Treinamento da Capes - que desenvolve esse ano o tema "Cidade Saudável" incluiu o envelhecimento saudável em sua pauta, participando da organização da exposição.

Maria Lucia Refinetti Martins é professora do Departamento de Planejamento e Coordenadora do Grupo PET da FAU PUC-Campinas.

Exposição e debate "Arquitetura e Terceira Idade"  
Exposição de projetos de alunos do TGI da FAU PUC-Campinas no Saguão da Câmara Municipal de São Paulo, de 13 a 17 de abril, das 8h às 20h.  
Debate com José Eduardo Cardozo (coord), Lair Krahenbuhl, Maria Lucia Prandi, Pedro Mauro e Aguiar Martinho, Salão Nobre da Câmara Municipal, 13 de abril às 14h.  
Câmara Municipal de São Paulo, Votantes Jusseli, 100, São Paulo SP, Fone: 011 35.15.13.55.

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

## Modernos do Porto Domingos Tavares, Portugal



Capela, Barragem de Picote e Alto Douro, Portugal

A mais genuína cultura brasileira sempre exerceu um grande fascínio sobre a inteligência portuguesa. Expressando, através da língua comum, um sentimento misto de tristeza crítica e encantamento pela invenção livre e imaginada de todas as formas de felicidade, aparece como uma espécie de fuga lírica para paraísos encantados. Não é assim o gênio português. Simples, linear e um pouco melancólico, enquadra a realidade como coisa necessária e limite da vida. De espírito aberto, recebe as idéias novas com interesse, às vezes com entusiasmo inconsciente, e envolve-se na especulação da mudança. Mas, no fundo, mantém ligação instintiva às coisas habituais, à sua vivência tradicional. E espanta-se com o lirismo anônimo que chega das terras de Santa Cruz.

Quando o movimento moderno da arquitetura, fruto da nova sociedade industrial, varreu da Europa o historicismo decadente e se expandiu por todo o lado como processo de ocidentalização internacional, ninguém ficou indiferente, nem em Portugal, nem no Brasil.

E se, provavelmente, esta situação se repercutiu igualmente, mais ano menos ano, por entre as novas gerações de arquitetos de todo o mundo, com particular incidência na força de seu impacto nos países não europeus com sede de ocidentalização, impressionou particularmente a riqueza inventiva da corrente brasileira do movimento moderno. Os intelectuais americanos e europeus foram também, nesse momento, sensíveis à frescura poética das formas da moderna arquitetura do Brasil, tornada bandeira nos anos cinquenta depois da publicação em 1943, em New York, do livro de Goodwin, "Brazil Builds", que correu mundo.

Os arquitetos do Porto saídos da Escola de Belas Artes por esses anos eram arquitetos modernos. Por formação, por convicção de escola e por dogma. Fiel à estrutura mental racionalista expressa no discurso escrito de Le Corbusier e nas lições conhecidas ou adivinhadas de Walter Gropius, não deixavam por isso de ser jovens, transportadores de uma forte cultura supra-arquitetônica. Cultura essa com valores intrínsecos nem sempre objetiváveis como são os do respeito pelos princípios genéricos das continuidades, no plano dos sentimentos, no plano das convicções sociais e, também, no plano da compreensão física do espaço a que poderíamos chamar "regional". Tem a ver com o sentimento de ligação à terra e à tradição das coisas

comuns, aos valores da paisagem que os emocionam e do homem que se funde com a paisagem. Então, a razão, a paisagem e a poesia, consubstanciam as três grandes linhas de força desta primeira geração autenticamente moderna saída da escola do Porto, no contexto da produção da nova linguagem arquitetônica a que genericamente se chamou, por toda a parte, movimento moderno. A razão liga-a, por orientação de escola, por estudo e por convicção expressa, ao discurso Bauhausiano e aos cinco princípios de Le Corbusier. A paisagem e a sua ligação à terra e às gentes da sua memória, é sítio comportamental de quem se insere num corpo social com próprios. A poesia rompe as regras pelas paixões repentinas transportadas com as imagens de Pampulha, por exemplo, ou outras de F. L. Wright, Erich Mendelsohn ou Arn Jacobson. Há uma experiência precisa, rigorosa e para além do mais grandiosa, que ficou oculta nas escarpas do Douro internacional, que necessita de ser revisitada como pretexto para reflexão sobre o significado de um momento preciso da arquitetura da escola do Porto.

Logo ali, no desenho das barragens e das instalações contexas, se torna evidente que cada decisão, como cada risco que prevê e informa a decisão arquitetando a transformação da paisagem, é mais do que uma decisão técnica unidirecional absoluta porque é também estética, testemunhada força da obra humana.

Os arquitetos do moderno escondido nas escarpas de Miranda do Douro e Mogadouro aprenderam na prática da sua atividade profissional, em confronto com a realidade do terreno, a superar as tendências de uma geração moderna radical. Enquanto equipe, embora rigorosa e determinada, prestou sempre grande atenção aos valores da relatividade da sua intervenção, da eficácia da resposta, da importância do sítio como coisa natural, da cultura como valor próprio, do contexto como programa complexo condicionador da proposta.

Voltamos aqui ao fascínio da experiência brasileira e das suas formas livres. A mim, particularmente, emocionava-se todo o conjunto de Picote, desde as instalações técnicas da barragem, ao novo alceamento com Igreja, Centro Comercial, Escola, Casas dos operários e engenheiros, Pensada, Tênis, Piscina, etc. Arquitetura geométrica, modulada, afirmativa, de forte presença visual. Mas sempre articulada com as linhas da paisagem, numa sabedoria de implantação atenta às formas naturais que parece diretamente herdada da tradição helenística, como se fazia na construção de cidades como o Porto. E um sublinhado, uma variação, uma pendente, uma curva subtil, um ritmo intenso que aqui e acolá nos colocam na nostalgia da espontaneidade brasileira. Dando expressão ao que é verdadeiramente genuíno na cultura portuguesa.

Texto do livro "Moderne Escondido", Michele Garrido e Fátima Fernandes (org.), FUP, Porto, Rua do Gajeta, 214-410, Porto, Portugal, 1997, 222 p., capa dura, ISBN: 989-973-9483-06-0. A versão integral deste artigo pode ser encontrada em nosso site via Internet. Surpreendentemente bonito e bem editado, é um livro recomendado pela Óculum para a biblioteca do leitor.

## Observação sobre a educação de arquitetos

Daniel Libeskind, Alemanha



Museu Jantze de Berlim. Arq. Daniel Libeskind

Escolas não existem apenas para produzir um tipo de gente necessária à sociedade. Elas pretendem educar indivíduos no trabalho de arquitetura e planejamento para que assumam uma responsabilidade que é, obviamente, prática, ética e política. Estudantes deveriam ter uma oportunidade de questionar e responder de uma maneira contemporânea às mudanças observadas na sociedade. Uma escola deveria refletir as transformações globais da tecnologia, educação e pensamento, e não manter uma atitude provinciana, dedicando-se somente a assuntos locais. Deveria afrontar do próprio sono. A maioria das escolas não parece tão alerta quanto as pessoas que lá estão. O discurso é o mesmo que o dos anos cinquenta ou sessenta. Existe um pequeno grupo em todas as escolas que gostaria de impor ideais de homogeneidade, tipologia ou estilo, promovendo uma idéia de eterno em arquitetura. Mas um ideal de eternidade já nasce morto. Este tipo de teoria paralisada, implicando na aceitação cega de certas regras e regulamentos, não pode mais orientar a educação. Conhecemos tal atitude na experiência modernista totalitária e em todos os "ismos" já ultrapassados. Esta atitude é muito retrógrada, pois faz lembrar um tempo em que não se era permitido questionar ou desafiar o mito do poder. Kim Il Sung já morreu. Essa geração está desaparecendo e espero que não seja substituída por uma outra geração de dogmas, mas por uma aberta a novas idéias. Gostaria de recomendar aos estudantes de arquitetura que fiquem atentos ao que acontece no mundo e que viagem e observem diferentes culturas na Ásia, África e América do Sul, e não somente na Europa e América do Norte. É importante aos estudantes de exprimirem algumas das questões fundamentais sobre a existência da arquitetura no século 21 e acordar deste sono no qual a arquitetura caiu no século 18. Estudantes têm um papel enorme neste processo. Eles não somente reagem mas são também criadores de uma consciência. Sempre desejariam posições dominantes e constituem fatores catalisadores no processo de transformação do conhecimento. Já é tempo dos estudantes lembrarem que escolas foram feitas para desafiar a sabedoria do mundo e a sua corrupção, ao invés de suportá-la.

Daniel Libeskind é professor na Universidade da Califórnia e tem escritórios em Berlim e Los Angeles. Texto publicado em *Educating Architects*, Martin Pearce e Maggie Toy (org.), Academy Editions, 1995. Edição e tradução de Odáris Araújo.

## Çok güzel: o banho Çemberlitas de Mimar Sinan

Eduardo Aquino, Canadá  
eaquino@compuserve.com



Banho Çemberlitas em Istambul, Turquia. Art. Mimar Sinan

Um deslocamento temporário, como se lá não estivesse. Em contraste, a luzidez, a precisão de um lugar. Tais foram as impressões da minha visita ao banho turco Çemberlitas em Istambul, no bairro histórico de Sultanahmet. Ao ir ao hamam (lê-se *romam*) confrontei-me com uma outra dimensão da cultura islâmica. O banho significa a limpeza ritual do corpo, e também da alma, o que explica a presença comum de hamams em toda conglomeração urbana do mundo islâmico. Acabei indo a este hamam por recomendação de Kemal Çadıoç, o gentil anfitrião do meu hotel, e também pela sua localização, quase ao lado da hospedaria. Então, quase por acidente, fui introduzido ao trabalho do arquiteto da renascença islâmica Mimar Sinan (ca. 1490-1588), autor do hamam Çemberlitas. Istambul é como se fosse formada de ruas Gerais Carreiros, e esse comércio impetuoso, tão ligado à sua estratégica posição geográfica – um porto de parada de mercadores entre a Ásia e a Europa – cria uma atmosfera deliciosíssima. Era começo de noite, a correria rotineira instaurada, e depois de um outro dia cheio de descobertas, a única coisa que seria capaz de fazer, antes que as minhas pernas se desmembrassem do meu torso, era ir relaxar. Logo quando cheguei fui recebido por um dos *tellâks* (massagistas), que, com a simpatia turca de sempre, passou-me a chave do meu *camkân*, um cubículo aonde se deixa os pertences, com uma caminho ao lado para relaxar. Desnudei-me colocando o *peştamal* na cintura. Depois de vestir um par de *takunyas* (tamanços de madeira) me deslocuei até o *hararet*, o salão central do hamam, aonde o ritual do banho se sucede. No centro do *hararet*, deitei numa grande plataforma de mármore circular (*goöbek tasi*), aquecida por um forno subterrâneo que produz o vapor. O seu conforto acentuado está na textura aveludada do mármore, e mais ainda na sua convexidade mínima, fazendo desta superfície de oito metros de diâmetro bojudá. Com surpresa notei que era talvez o único estrangeiro do hamam (na Turquia passo por árabe ou egípcio), o que tomou a experiência mais aguda. Os turcos deitam no *goöbek tasi* cara a cara, formando uma margarida no centro e se metem a conversar. Passados alguns minutos, quase desmaiado, senti-me de repente num outro tempo. Os sons, o ambiente, a moleza, tudo colaborou para este deslocamento perceptivo único. O *hararet* é formado por doze pequenos vestibulos

circundando o *goöbek tasi*, com duas pias cada (*kurnas*), usadas na lavagem individual. O hamam é formado por duas estruturas idênticas, dividindo assim os grupos de banhistas por sexo. O saguão de entrada antecede a grande cúpula que cobre o *hararet*. A diferenciação tipológica destes dois espaços acentua o caráter simbólico do ritual. O vestibulo marca o caráter social. E a cúpula, além de abrigo, convida também à retirada da realidade tangível para um estado entorpecedor; aludindo assim ao espaço reverente das mesquitas. Quando se olha para a cúpula, deitado no fervente *goöbek tasi*, ela se parece mais uma extensão para o espaço exterior. Tal sensação é enfatizada pela precisa localização de 151 blocos de vidro, que, durante a noite criam uma forte presença gráfica, e durante o dia deixam a luz entrar com delicadeza. Quando imaginei estar no clímax da experiência, foi aí que veio o *tellâk* com a sua massagem. Não é bem massagem, é esfregação mesmo. Neste método de relaxamento e limpeza medieval primeiro se aplica uma espuma pelo corpo todo, e depois esfrega-se a pele com o *kese*, uma luva abrasiva, removendo várias camadas de pele morta. É impressionante a quantidade de coisa que sai do corpo, fazendo do ato da purificação um gesto simbólico, mas também um atributo prático. A coesão do espaço com o evento é bem especial. Há quase quinhentos anos o mesmo ritual é realizado diariamente, intocável, fazendo desta imutabilidade a sua razão d'être. O sentido do evento traduzido na disposição sofisticada de cada elemento dita o deslocamento sensorial: a luz, o vapor, a materialidade, as porções, o fator dramático, os sons, as texturas, os movimentos, a religiosidade implícita, formando, numa cumplicidade completa, a sensação única deste encontro estimulante. Mimar Sinan foi reconhecido como o maior arquiteto da renascença islâmica pela compreensão astuta da sua própria cultura, traduzindo-a em toda sua complexidade. O que permitiu a sofisticação do seu gesto criador. Foi o período de riqueza no qual serviu ao sultanato otomano, primeiro como engenheiro militar, e depois como arquiteto da corte do sultão Süleyman, o Magnífico. A mesquita de Edime, considerada a sua maior obra, a mesquita Süleymaniye Camii e a pedra sepulcral que projetou para si mesmo, ambas em Istambul, são exemplos marcantes do seu trabalho. Encontrar uma obra que reconheceu o seu tempo, traduzindo-o de maneira tão visionária, é sempre uma experiência significativa. Quando tal expressão vence o tempo, e se institui permanentemente pela própria qualidade da sua existência, da sua história, é aí que se identifica um ideal moderno. Não o moderno representativo, naquilo que se expressa visualmente, mas o moderno no gesto, no discernimento, na própria atitude de reconhecer, de antemão, o atemporal. O hamam Çemberlitas de Mimar Sinan provoca, antes de tudo, esta defasagem espacial, uma dádiva que se traduz não só na sua expressão material, mas também no evento: a sábia beleza de um homem lavando o outro.

## Nova cidade velha de Montevideo Visões integradoras

Maria Pilar Perez Piñeyro e  
Hugo Gilmet, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org



Centro da cidade de Montevideo, com toda ao fundo.

A evolução do processo de recuperação implantado a partir dos anos 80 na Cidade Velha de Montevideo pode ser vista hoje como a origem de um pensamento de cidade que buscou promover e priorizar (pela primeira vez em nosso meio) a reflexão e o trabalho sobre as "presenças" patrimoniais e ambientais urbanas. A política usada na Cidade Velha se baseou em um pensamento urbano global, que lhe conferiu estruturação e sentido. Os resultados alentadores derivados das ações de controle e revitalização realizadas na Cidade Velha, impulsionaram a atuações similares em outras áreas de Montevideo, escolhidas por sua significação urbana, cultural, simbólica, paisagística e ambiental. A preocupação em evitar a deterioração de uma área de alto valor histórico deixa de ser mera atitude conservacionista para constituir-se em fator gerador de pensamento e de gestão da cidade. Na década de 90, a cidade é culturalmente reconhecida em suas diversas facetas. O desafio atual será superar a degradação urbana restituindo ao espaço público sua condição integradora. No princípio do século 20, a cidade resultante do período colonial e da república posterior (séculos 18 e 19), que havia mantido a baía como seu epicentro, perde sua relação com a mesma, cedendo o lugar para a cultura da "cidade das praias", iniciando um processo de expansão e concentração de serviços na sua costa leste, o que gerará a segregação social na cidade. O projeto e a reciclagem pioneira em habitações de uma antiga fábrica de cerveja em Aguada, um antigo bairro lindeiro à baía (arg Nelson Inda e outros) iniciado no começo da década atual; os planos estatais e municipais para a área (Plano Montevideo); os projetos de recuperação de um dos riachos que desagua na baía (rio Miguelete) e a realização do Seminário Montevideo (com convidados internacionais) em março de 1998, organizado pela Faculdade de Arquitetura e pela Prefeitura Municipal de Montevideo, realizando work-shops que durante 15 dias elaboraram projetos para restabelecer o vínculo da baía com o epicentro urbano: são fatos que evidenciam ações e intenções firmes de restabelecer o equilíbrio urbano por parte de políticos, arquitetos, acadêmicos e gestores urbanos. Desde então, para a "Nova" Cidade Velha – encravada sobre a península que define conjuntamente com o Cerro o perfil da baía – se propõem visões integradoras.

## A Cappella dei Pazzi é de Brunelleschi?

Valentina Moimas, França  
oculum@imaginet.fr



Dois recentes artigos de Marvin Trachtenberg contestam a atribuição da Cappella dei Pazzi, em Florença, a Brunelleschi. Passado o primeiro momento de surpresa e a sensação de que alguém está demolindo um dos pilares da história da arquitetura, ou ao menos da maneira como esta vem sendo ensinada, a leitura dos artigos se revela muito interessante. O autor<sup>1</sup>, além de sustentar que a obra prima brunelleschiana tem uma outra paternidade, fala de um mal entendido muito mais vasto em torno desta obra, fruto da particular mitologia que se criou em torno da obra de Brunelleschi. Depois de uma minuciosa pesquisa de todas as fontes primárias relativas à construção do edifício e depois de ter demonstrado a ausência de qualquer prova direta da participação de Brunelleschi na mesma, Marvin Trachtenberg assinala que a Cappella dei Pazzi está ausente da lista de obras atribuídas ao mestre na biografia de Antonio di Tuccio Manetti. Esta biografia, escrita em torno aos anos 80 do quinhocento, é até hoje um testemunho confiável da obra do arquiteto, pois todas as atribuições ali citadas foram confirmadas pela historiografia moderna.

A atribuição da Cappella foi feita, segundo Trachtenberg, tendo como base uma apressada biografia de Brunelleschi dos anos 1490 e que será retomada por toda a literatura sucessiva. Esta biografia, porém, já demonstrou conter lacunas e erros o que a torna uma fonte não confiável. Segundo o histórico, se este elemento em si não pode constituir uma prova clara, ele permite de introduzir uma séria dúvida sobre a legítima paternidade.

A análise do monumento e a sua comparação com um outro edifício, a Sagrestia Vecchia di San Lorenzo (que serviu de modelo à Cappella e cuja autoria de Brunelleschi é indiscutível) permite – para além das semelhanças e confrontando detalhe por detalhe – demonstrar como a desatribuição



ção é legítima. Sem entrar aqui nos detalhes do confronto, a qual leitura se revela verdadeiramente instrutiva, nos limitamos a dizer que o autor desenvolve de maneira muito convincente a sua tese apoiando-se sobre contínuos confrontos estilísticos entre as duas obras.

No segundo artigo, depois de retomar as razões que justificam a desatribuição da paternidade do edifício, ele o atribui a Michelozzo di Bartolomeo. Partindo da análise dos motivos que levaram à edificação da Cappella, lançando um olhar à eclética produção michelozziana e concentrando-se enfim nos detalhes estilísticos, o autor evidencia os elementos que estão na base da sua reatribuição. Além da evidente surpresa que um trabalho deste gênero provoca, nos parece exemplar como na história da arquitetura restem ainda muitas zonas obscuras, mesmo sobre juízos que pareciam definitivos. Estes ensaios repropõem o problema de uma imagem mítica do Renascimento que surge agora como inadequada, pois frequentemente esquece ou omite suas contradições constitutivas.

1. Revista Casabella, n.º 605 (1996) e n.º 612 (1997)

2. Trachtenberg anuncia a publicação de um livro sobre o assunto

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Celebração do cinquentenário da UIA

Acontecerá no dia 05jun98, com preparação do programa festivo a cargo do Instituto de Arquitetos da Suíça. Dentre os conferencistas convidados, destacam-se Richard Rogers, Jaime Lerner, Pierre Vago, Mario Botta, Charles Correa, Frank Gehry, Rem Koolhaas, Fumihiko Maki, Rafael Moneo, Renzo Piano. [Arq Miguel Pereira]

II Simpósio Internacional de Sintaxe Espacial De 29mar a 2abr99, em Brasília, Brasil, organizado pela FAJ UnB e co-patrocinado pelo Space Syntax Laboratory da University College London, info: Brasil: fon + 55 61 273 1254, fax + 55 61 273 2070; fredhol@guarany.cpd.unb.br; http://www.spacesyntax.com. Info Reino Unido: fon 44 (0) 171 813 4364, 44 (0) 171 504 5914; fax 44 (0) 171 916 1887; mark.major@ucl.ac.uk; http://donic.bart.ucl.ac.uk/web/spacesyntax

Complete sua biblioteca de arquitetura importantes títulos recém lançados importantes para o estudioso da arquitetura brasileira:

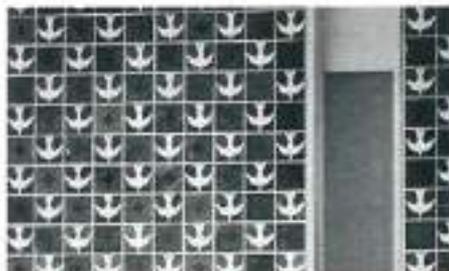
1. "Dicionário Ilustrado de arquitetura" volume 1, A a L, Cecília M. Lima e Maria P. Albernaz. ProEditores, São Paulo, 1998, 316 p. R\$ 35.
2. "Arquitetura, texto e contexto. O discurso de Oscar Niemeyer", Miguel Pereira. Editora UnB, Brasília, 1997, 200 p. R\$ 20.
3. "Vilanova Artigas", Marcelo C. Ferraz e Rosa Artigas (org.). Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fund Vilanova Artigas, São Paulo, 1997, 216 p. R\$ 70.
4. "Oswaldo Arthur Bratke", Hugo Segawa e G. M. Dourado. ProEditores, São Paulo, 1997, 324 p. R\$ 50.
5. "Racionalismo e Proto-Modernismo na obra de Victor Dubugras", de Nester Goulart Reis. Fundação Bienal, São Paulo, 1997, 216 p. R\$ 40.

### Prêmio Prestes Maia de urbanismo

Organizado pela Sempla, com inscrições até 27 mai e entrega de trabalhos até 15jul (16h). Inscrições: Al Joaquim Eugênio de Lima 447, 9º and (Protocolo). Info: 011 269-4850.

### Museu Virtual Athos Bulcão

A obra de um dos mais importantes artistas plásticos do modernismo brasileiro pode ser conhecida no excelente site da Fundação Athos Bulcão. <http://www.nudah.com.br/museuathos/>



Arquit. revestimento externo, 1955, Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer

maio 1998  
ano 3  
edição mensal ativa

## XI EREA Campinas: construindo a cidadania

Juan Pablo Rosenberg

rosenberg@telnet.com.br

**Boletim Óculum** é um informativo de assuntos locais da Região dos Vales e é publicado pelo Centro de Apoio Didático (CAD) da Faculdade de Engenharia e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Contém notícias relacionadas às atividades educacionais necessárias ao cotidiano da comunidade e na perspectiva da escola.

**Colaboradores**  
Nilton Gomes

**Colaboradores**  
Alfonso Bruch Jr. Espoleta  
Cláudio Nóbrega, Edil  
Garcia, Paulo Cesar  
Mariano, Luciano Rossi,  
M. Ruy F. Pinheiro, Cláudio  
Paulo, Mauro Nóbrega,  
Paulo Sérgio, Roberto  
Pedro, Marcos Almeida,  
Rafael Garcia, Agostinho  
Werner, Euzébio, et al.

**Membros**  
André Kaplan,  
Daviel Oliveira,  
Eduardo Augusto Coimbra,  
Flávio Lacerda,  
Priscila Maria Neves,  
Tatiana Altman

**Patrocinadores**  
Danco  
Vale do Rio Preto Sarcos  
Wendelcor  
Vale do Rio  
Comunidade de Curso  
Técnicos da Faculdade de Engenharia

**Centro de Apoio Didático**  
CAD-UF  
Rua D. Nogueira, km. 130  
13089-200 Campinas/SP  
Brasil  
Tel: 00-019-374.1188  
Fax: 00-019-205.1270  
E-mail: cad@ufcamp.br

**Revista Óculum**  
Av. André Baccarelli  
13089-200 São Paulo/SP  
Fone/Fax: 011 288.9360  
ocul@ufcamp.br

**Página Web** no Internet  
www.ufcamp.br/ocul

**Aplicação para**  
Apple e Windows  
Disponível em



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Momento marcante da festa da Vila Brandina, para o aniversário de 40 anos da moradia. Abaixo, alunos de arquitetura de escolas distantes constroem uma praça para os crianças do bairro. Foto: Rafaela Almeida (M. Ungarelli)

Felizes os aprendizes arquitetos-urbanistas que aproveitaram a singular oportunidade de participar do Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura do Estado de São Paulo, organizado pelos estudantes da FAU PUC-Campinas com o apoio da direção da escola e da administração da Universidade. O XI EREA ocorreu entre os dias 17 e 21 de abril e congregou mais de dois mil estudantes, inclusive de outros estados das 4 regiões do Brasil (é o maior número da história dos encontros regionais e mesmo nacionais), que ficaram alojados no edifício do Seminário da Faculdade de Engenharia da PUC-Campinas. O tema geral era a *Construção da cidade contemporânea* e para explorá-lo, com o apoio da Prefeitura, de forma inédita, os futuros arquitetos tomaram a própria cidade de Campinas como palco e objeto de intervenção, transformando-a, durante quatro dias, em um grande laboratório habitado. A rodoviária ganhou seu *graffiti*, e para não sentir-se abandonado, o Largo do Rosário pôde presenciar o marante ato público realizado pelos estudantes como forma de agradecimento à cidade por receber o EREA.

No entanto, ambos invejaram a marginalizada Vila Brandina, que sofreu uma verdadeira revolução visual. Lá, primeiro quatro, depois seis e depois oito ônibus lotados de

estudantes tenazes e curiosos faziam desembarcar formigas operárias que, junto com os moradores da Vila, aprendiam e ensinavam num grande espírito de equipe, não apenas técnicas de revestimento de paredes (mosaico, textura, pintura), paisagismo e construção com materiais alternativos (bambu, taipa-de-pão, alvenaria armada, solo-cimento, stocker, argamassa armada, entre outros), mas vivências, valores, culturas e, principalmente, solidariedade.

Ao final de três intensos dias de mutirão, os moradores e, mais especificamente as crianças, viram-se presenteados com uma praça, revestimentos nos muros da escola e do centro comunitário e com a descoberta de valores estéticos essenciais, até então ignorados que, com certeza, subsidiarão uma vida mais alegre e próspera para essas pessoas. O que lá se viu foi um grandioso exercício de cidadania e de socialização do conhecimento, em que todos, independentemente de naturezas ou condições sociais, apreenderam a técnica e o valor da generosidade e do esforço coletivo. Para suportar o fatigante trabalho manual que se estendia por toda a tarde, os acadêmicos puderam saborear os almoços e jantares providenciados pela comissão organizadora, que eram manjares se comparados aos pratos típicos de encontros de estu-

dantes. E, findo cada dia, partiam os alunos para o cumprimento de sua última missão, seu dever cívico enquanto jovens: confraternizar-se nos tão esperados EREMs e nas agitadas festas que se estendiam até o amanhecer. E, então, coexistiam e mimetizavam-se os remanescentes e fraternais (e acima de tudo resistentes) rodas de violão da noite com os madrugadores grupos de capodra, relaxamento e tai-chi.

Por fim, o sustento intelectual para toda esta festividade acadêmica – afinal nós fomos lá para beber e para conversar – ficou por conta dos debates com um experiente time de mestres, formado por Ciro Pinódi, Ruy Othake, Regina Meyer, Paulo Mendes da Rocha e Sophia Telles. Realmente, o XI EREA Campinas representou um marco na evolução dos Encontros Estudantis de nossa área: por sua dinâmica inovadora, pela excelente organização, que conseguiu confortar simplesmente o dobro do número de estudantes esperados e pelos resultados alcançados. Que fique de exemplo este encontro, pois o EREA marcou Campinas. E Campinas marcou o EREA.

Juan Pablo Rosenberg, 22 anos, estudante de 4º ano da FAU-Mackenzie



UFPA  
PUC-CAMPINAS

## IBA Emscherpark: uma exposição invisível

Ul Meurs, Holanda  
urbanfab@knoware.nl



Exposição IBA – Internationale Bauausstellung – Exposição Internacional da Construção – criada e associada a Berlim, à mostra que trazia Aldo Rossi, Peter Eisenman e tantos outros e que aconteceu na década de 80. A IBA seguinte começou há dez anos e acontece no vale do rio Emscher, no coração da área industrial do Ruhrgebiet, na Alemanha. O tema é a adaptação da região aos tempos pós industriais. Com mais de 80 projetos tenta-se iniciar uma transformação ecológica, econômica e social da região. Quando comparado com as IBA's anteriores, o que chama a atenção é a escala e a complexidade do projeto. A IBA Emscherpark cobre uma área de 800 km<sup>2</sup> com cerca de 2,5 milhões de habitantes. Qualquer exposição desaparece nessa escala, mesmo se bilhões de marcos estão sendo investidas nela. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, as ambições do projeto são enormes. A região é conhecida pelas indústrias ultrapassadas, as minas abandonadas e a paisagem perturbada, poluída e arruinada. Nesse contexto a IBA ganhou um nome provocante: IBA Emscherpark. A mensagem transmitida é clara: o vale do Emscher, hoje um esgoto imenso, vai se transformar em uma paisagem atraente. Dez anos não é o suficiente para reverter a imagem da região entre Duisburg e Dortmund e criar um pólo atrativo de moradia, trabalho e lazer. A IBA funciona mais como laboratório do futuro, mostrando os caminhos em que uma metamorfose integral poderia se enveredar. O projeto começou com um plano regional, que foi elaborado em projetos pilotos, divididos em seis categorias: paisagem, ecologia, trabalhar na natureza, patrimônio histórico-industrial, habitação e renovação social.

Durante a década de 80 o Vale do Emscher sofreu uma crise econômica e social. Um grande número de minas, alto-fornos e fábricas foi desativado. Ninguém mais quis investir nessa paisagem que lembra a lua, apesar dos fatores positivos, como uma boa infra-estrutura, uma força de trabalho bem educado, a presença de um grande mercado de consumidores e uma boa localização na Europa. Um século de extração intensiva resultou numa região quase descartável. Durante esse tempo, o rio Emscher se transformou em um grande esgoto

ao ar livre. O solo foi gravemente poluído. A mineração provocou deslocamentos do solo de dezenas de metros de profundidade. Foi o preço de prosperidade industrial.

Desde o início, a IBA Emscherpark foi considerada uma oportunidade única para reverter o quadro negativo em que a região se encontrava. O projeto foi aprovado em 1988, logo antes do colapso da DDR e a unificação da Alemanha. A partir daquele momento os principais projetos da Alemanha focalizaram o lado oriental, mas as verbas da IBA já tinham sido alocadas, o que permitiu sua sobrevivência. A intenção da IBA é estimular um desenvolvimento econômico nas margens do rio Emscher. Para isso era necessário eliminar os fatores negativos e aproveitar os fatores positivos da região. A iniciativa somente poderia ter sucesso numa escala regional, porque é nessa escala que os fatores negativos se apresentam. Os projetos pilotos tem papel importante. Devem estimular os seus contornos. Há uma coerência entre eles, que liga a escala regional à escala local. A qualidade arquitetônica, paisagística, ecológica e urbanística é importante. E o lado social dos projetos releva também – seja na participação dos moradores, seja em projetos específicos – o papel das mulheres. Por último, a seleção dos projetos deveria apresentar uma variação de usos.

Os investimentos da IBA são grandes. Mesmo assim, a exposição não tem um orçamento para realizar os projetos. Foram feitos convênios com muitos parceiros, para canalizar investimentos para os projetos da IBA. Subsídios da Comunidade Europeia, do Governo Federal da Alemanha e do Estado Nordrhein-Westfalen foram aplicados nos projetos, além de investimentos de municípios, empresas de serviços – companhias de luz, gás, etc – e da iniciativa privada. Depois da apresentação do plano regional, todas as entidades públicas e privadas foram convidadas para apresentar projetos. Centenas de propostas foram recebidas. A escolha dos projetos foi baseada nos critérios anteriormente estabelecidos. Durante dez anos, até 1999, os projetos ganham prioridade das entidades públicas e suporte do escritório da IBA, que coordenou os projetos, a comunicação e as relações públicas, além de organizar os concursos.



## Impacto regional dos parques de turismo temático

Laura Machado Mello Bueno e  
Maria Helena Ferreira Machado  
laurab@kyotec.com.br



Parque temático "Terra Fronteira" no Rio de Janeiro

A FAU PUC-Campinas realizou a 16 de Abril o seminário *O Impacto Regional da Implantação dos parques temáticos*, com representantes das equipes dos estudos ambientais de dois grandes empreendimentos, da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, do Ministério Público, dos municípios, de moradores, ambientalistas e especialistas em sociologia, urbanismo, economia, agricultura recursos hídricos e transportes. Cerca de 150 pessoas participaram do evento. O seminário, organizado por nós, integra uma atividade curricular optativa do Departamento de Planejamento, e conseguiu trazer a realidade para a universidade, catalizando e aprofundando as discussões.

O crescimento da indústria do turismo temático (nove grandes empreendimentos de lazer estão em negociação, licenciamento e implantação afetando direta ou indiretamente Juiz de Fora, Vinte e Nove, Valinhos, Cabreúva, Indaialuba e Campinas) coloca questões que exigem reflexão e posicionamento.

O primeiro aspecto é do objeto em si: o que é o turismo temático? É a oferta ao cidadão das vivências de simulação e de prazer controlado, em lugar construído para se sentir estar em outro lugar. O significado social, antropológico e cultural deste produto foi destacado no seminário, questionando-se o desprezo pelas referências culturais brasileiras nos temas dos parques e o desinteresse do setor turístico por outros atrativos regionais: a herança da economia do café, tais como as fazendas, ferrovias, cultura do migrante, a história da República na região de Itu, atributos naturais como a Serra do Japi e o Circuito das Águas.

Agora assim a questão da relação entre crescimento, desenvolvimento e qualidade de vida e legitimidade da gestão setorial, regional e local. Essa região, conhecida como um oásis de desenvolvimento pela dinâmica de sua produção industrial e agrícola, apresenta grandes vantagens econômicas comparativas para o turismo temático: clima propício, concentração populacional (28 milhões em um raio de 240 km) e alto nível de renda da população, acesso rodoviário de qualidade.

Por outro lado, apresenta vários problemas – inexistência de novos investimentos em infra-estrutura regional, poluição dos rios, escassez de água, quase total inexistência de áreas verdes naturais, processos de conurbação urbana, saturação dos eixos viários, fechamento de indústrias e diminuição das ofertas de emprego, perda de solo agrícola para loteamentos e condomínios. Dentro deste quadro foi discutida a questão da

## PUC de São Paulo preserva o Edifício Sapientiae de Rino Levi

Renato Luis Sobral Anelli  
reanelli@sc.usp.br

licenciamento dos parques. Pode-se continuar a pensá-los individualmente ou temos um fenômeno de grande escala, cujos impactos sócio-ambientais não são irrelevantes? Numa região com intensa atividade antrópica, pode-se discutir licenciamento ambiental observando-se apenas os aspectos físicos e biológicos locais? Como fica a questão sócio-econômica, de ocupação do território? Não é objeto de interesse público no licenciamento ambiental? Deve então ser tratada por qual instância: o município, os órgãos setoriais? É conhecido o histórico comprometimento do Estado brasileiro com o capital privado e também as dificuldades de se fazerem cumprir as regulamentações por ele mesmo instituídas. A participação do Ministério Público (algo novo para a maioria da população) no seminário foi muito importante, esclarecendo a questão ética e legal relacionada ao licenciamento dos parques, assim como a de representantes dos municípios e da população dessas áreas, que viram as obras se iniciarem sem a elaboração de EIA/RIMA, o que causou o embargo das obras de dois empreendimentos. Colocou-se a diferença de interesses entre o empreendedor, que procura obter o maior lucro e o interesse público, que deve dar conta de um ambiente equilibrado e de sã qualidade de vida a todos os que estão e estarão vivendo no local.

Questionou-se a legitimidade da aprovação pela DERSA do acesso ao Shopping Serra Azul na Via Bandeirantes, que seria também o acesso para o Complexo Turístico que, entre outros, contém o Parque Play Center e Wet'n Wild, com fluxo de pico no verão previsto de 60.000 pessoas/dia. O Estado deverá arcar com os custos de construção de novos sistemas de transporte entre São Paulo e Campinas, face à saturação do Sistema Anhanguera-Bandeirantes causada pelos parques? E o DNEE, que autorizou a retirada de água dos rios da região pelos parques sem um estudo das demandas futuras? Os municípios têm condições de atender as demandas ampliadas de segurança, saúde, atendimento a acidentes etc?

Foram apontadas iniciativas criadas a partir do embargo dos parques: municípios procuram implantar um fórum para discussão de desenvolvimento econômico; passam a desenvolver conselhos locais e regionais de turismo com o apoio da EMBRATUR e o EIA/RIMA do Parque Play Center começa a ser elaborado, e com alguma participação. Como conclusão do seminário, apontamos a necessidade de se discutir de forma contínua e coordenada, políticas regionais que incorporem estas recentes mudanças que afetarão o futuro da região de Campinas. Deve-se promover a participação do maior número de agentes sociais envolvidos - incluída aí a Universidade - na defesa do bem comum e da equidade social.

Sandra Machado Melo Duarte e Maria Helena Ferreira Machado são professoras do Departamento de Planejamento da FAU PUC-Campinas.



Edifício Sapientiae, em Rino Levi. Acima, foto da época da inauguração. Arquivo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas. Abaixo, situação atual. Fotos Renato Sobral Anelli

Ao folhearmos as publicações sobre a história da arquitetura moderna brasileira, nos deparamos com imagens bem fotografadas de edifícios recém inaugurados. As imagens do conjunto Pedregulhos, de Eduardo Heide, cenário de algumas cenas do filme *Central do Brasil* revelam uma outra realidade. É gritante o estado de ruína de grande parte das obras da arquitetura moderna brasileira. A deterioração é provocada por motivos diversos, em geral associados à degradação das áreas urbanas na qual está construído (centros e periferias de grandes cidades), onde os novos habitantes não possuem recursos para a necessária manutenção de edifícios que beiram hoje os 50 anos de idade. Considerando que a arquitetura moderna sempre primou pela experimentação de novas tecnologias, cujo desempenho no tempo não era conhecido, a falta de manutenção torna a deterioração inevitável.

A recente visita a algumas obras de Rino Levi em São Paulo revelam certas especificidades frente a este quadro. Na maior parte, a deterioração não ocorre devido a problemas de manutenção, uma vez que diversos detalhes construtivos garantem a sua longevidade, mas sim por intervenção dos seus usuários. A ocupação da área central de São Paulo

por uma população de baixa renda transforma edifícios da antiga classe média em cortiços, com reflexos inevitáveis para sua arquitetura.

Mas há outro tipo de intervenção: promovida por proprietários abastados e zelosos com o seu patrimônio, que solicitam uma "atualização" da sua arquitetura. Dessa maneira vemos os atuais responsáveis edifício do Banco Itaú da Avenida Paulista acrescentar e prestes italianas e peitoris pós-modernos ao teto-jardim do volume da agência; ou o Hospital do Câncer alterar totalmente a recepção, substituindo a parede de blocos de vidro e o painel de azulejos por uma decoração anódina ao gosto do novo-riquismo contemporâneo. Entre cerca de 30 obras de Rino Levi visitadas, uma das poucas exceções deste quadro desanimador é o antigo "Sedes Sapientiae", da PUC-SP, na rua Marques de Paraná. Apesar dos seus 57 anos de idade, seu atual estado de conservação revela o cuidado na preservação do edifício e de seu jardim, mantendo um uso coerente com o original.

Tem sido pouca a discussão sobre preservação de obras da arquitetura moderna brasileira. Um dos motivos talvez esteja no receio de que ao abordar tal tema se reconheça uma condição de coisa passada para essa arquitetura. Mas basta lembrar que o Ministério da Educação foi tombado no momento da sua inauguração, para entendermos que as gerações mais velhas souberam utilizar esta discussão como forma de legitimação de uma arquitetura em implantação. Talvez o debate sobre a conservação e compatibilização de exemplares dessa arquitetura a usos e situações atuais possa se tornar uma forma de reflexão sobre a renovação de suas propostas.

Renato Luis Sobral Anelli é arquiteto, professor da FAU USP São Carlos e membro do Conselho Editorial da *Dezium*.

Muito do editor é observativo desde criança está cheio de quanto estimo preocupado com o problema da conservação de bens patrimoniais arquitetônicos. Se até há pouco tempo o problema de preservação era tratado de maneira autoritária por edifícios de setores públicos, apenas nos consideramos - infelizmente, tendo como principal motivador a destruição - de casos importantes obras deste século não estão protegidas das intempéries naturais e do destruição do tempo.



O declínio do império industrial e a fotografia de Maxe Fisher  
Eduardo Aquino, Canadá  
eaquino@compuserve.com



Galvões de Montreal (Montreal)

Le Corbusier escreveu em 1923, no seu reconhecido livro *Vers une architecture*: "Sem a busca de uma ideia arquitetural, mas simplesmente guiados pelos resultados de cálculos (derivados dos princípios que governam a nossa universidade) e da concepção de um Organismo Vivo, os engenheiros de hoje fazem uso de elementos primários e, coordenando-os segundo as regras, provocam emoções arquiteturais, transformando o trabalho humano em harmonia com uma ordem universal." Descrevendo os princípios de base que guiam o ideal arquitetônico – segundo ele, a massa, a superfície, e a planta – Corbusier usou imagens dos silos de grão do antigo porto de Montreal para ilustrar esta nova ordem estética: uma estética fundada não numa aparência visual supérflua, mas na tradução do conhecimento científico de uma época. Hoje, os habitantes do antigo porto se movimentam para livrarem-se de tal "horrenda" estrutura, posicionando bem na frente dos seus condomínios, de gosto notório *riche*. Graças aos esforços de uns poucos, incluindo Heritage Montreal e a arquiteta Phyllis Lambert, o sítio está agora preservado como monumento nacional.

É com surpresa, entretanto, que encontramos inúmeros edifícios industriais na cidade, com um valor arquitetônico significativo, literalmente dissolvendo-se ao léu, vítimas da deterioração econômica dos últimos vinte anos. Pelo contrário do que se pareça, tal abandono recria, em algumas áreas (em especial ao longo do canal Lachine ou nos subúrbios industriais), um espetáculo pós-industrial que poucos têm a oportunidade de vivenciar. Tal caráter fantástico proporciona uma paisagem muito mais rica do que muitos projetos de revitalização, que tendem a tornar anti-séptica esta mesma paisagem. A fotografia montrealense Maxe Fisher registra com vigor esta condição meio apocalíptica em retrato genuíno da situação urbana e político-esquizofrênica de Montreal. Ela utiliza uma estratégia marginal: onde a invasão voluntária e ilegal destes espaços acentua o aspecto enigmático de suas imagens, funcionando como um contraponto crítico à indiferença dos urbanistas e políticos, que tendem a aniquilá-las como possibilidade de reinvenção urbana ou simplesmente como poesia, sugerindo que, às vezes, é melhor deixar tais condições intactas do que removê-las da textura e da qualidade histórica do lugar.

Aeroporto Santos Dumont  
Maria Beatriz de Camargo Aranha  
Conselho editorial Ócullum

Em 1996, por ocasião dos 60 anos do Aeroporto Santos Dumont, a Editora Empresa das Artes publicou importante álbum comemorativo, revalorizando o projeto arquitetônico do escritório MMM Roberto, vencedor do concurso público de 1936 e responsável por vasta obra arquitetônica, que se destaca na produção moderna brasileira. Ao recuperar a memória do projeto arquitetônico do aeroporto, o livro revela também o engendramento de um dos momentos mais profícuos desta arquitetura. Para melhor caracterizar a inserção urbana do projeto, são descritos os principais aspectos da evolução urbana do Rio de Janeiro, desde a sua fundação. Todas as propostas de intervenção na cidade comparátem e esse resgate deixa claro como o desmante do Morro do Castelo possibilitou o aterro da ponta do Calabouço, onde se instala o Aeroporto Santos Dumont. O projeto dos irmãos Roberto é o que mais corretamente tira partido desta localização privilegiada, afirmação que é possibilitada pela comparação com os demais concorrentes do concurso de 1936, também resgatados na publicação. A ata do júri, o processo de construção, as alterações do projeto inicial, as repercussões na crítica especializada, os projetos complementares, tudo está documentado. O desenvolvimento da aviação, e implantação de uma infra-estrutura capaz de garanti-lo, as políticas governamentais para a área também são explicitadas. De fato, uma publicação de peso.

Dois tristes circunstâncias aumentam o valor do livro. A primeira é o trágico incêndio ocorrido em 13 de fevereiro passado (ver Boletim Ócullum 14), e a premente necessidade de restauração do edifício. A segunda, menos episódica, é a incipiente historiografia sobre a arquitetura moderna brasileira. A qualidade e o alcance dessa arquitetura torna mais incompreensível a ausência de sua história. O Aeroporto Santos Dumont é um dos marcos dessa produção, além de um exemplo perfeito de como um projeto de larga escala pode interferir de maneira positiva na malha urbana. Não poderia ser mais oportuna a presente publicação.



Aeroporto Santos Dumont, MMM Roberto, 1936

Maria Beatriz de Camargo Aranha é professora do Departamento de Fundamentos Teóricos do FAU PUC-Campinas.

Acontece  
Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos  
culturais



Gustave Dalibon, On the Pont de l'Europe, 1876-81

#### Revista de Artes na Internet

O site do Artnet Magazine é uma excelente revista de crítica e divulgação artística. Dentre os artigos, destaque para a crítica de J. Martin Hill sobre a exposição *Manet, Monet & The Railway Station*, atualmente no Musée d'Orsay de Paris, proximamente na National Gallery of Art de Washington. <http://www.artnet.com/magazine/> Outros sites interessantes na Internet: *Chicago Architecture Foundation*, <http://www.architecture.org/>; *Revista Architettura*, <http://www.architettura.it/>

#### Arquitetura do nordeste em destaque

A 4ª Feira e Congresso de Engenharia e Arquitetura do Paul (IV FECON) e a 2ª Mostra de Arquitetura do Nordeste, organizados pelo IAB-PN, acontece em Teresina de 12 a 15 maio. Info: fon 086 233.1876, fax 086 222.5228

#### Programa Nova Arquitetura Brasileira

A Direção Nacional do IAB e a revista Projeto Design estarão publicando obras referentes das novas gerações de arquitetos brasileiros. Info: rGal. Jardim 633, 3ª and, 011223-904 São Paulo SP

#### Renzo Piano ganha o Prêmio Pritzker

O arquiteto italiano, de 60 anos, co-autor junto com Richard Rogers do Centro Georges Pompidou em Paris, receberá o principal prêmio mundial de arquitetura em junho na Casa Branca

#### Multi-evento de arquitetura em Campinas

Reunindo diversos eventos simultâneos – encontro, feira, salão, palestras, exposições e assembleia das AREAS – a 1ª ArqVision é uma promoção da Associação Regional de Escritórios de Arquitetura. De 25 a 30 ago. Info: fon 019 238.9411

#### Brasília ganha guia de arquitetura moderna

A Fundação Athos Bulcão acaba de lançar o excelente "Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília", de Andrea da Costa Braga e Fernando Ribeiro Falcão. Info: fon/fax 061 322.7801

#### Inscrições para Seminário são um sucesso

Com o recorde de mais de 400 trabalhos inscritos, o V Seminário de História da cidade e do urbanismo que acontecerá em Campinas em outubro abrirá em breve inscrições para ouvintes.

junho 1999  
ano 3  
edição mensal

## Concurso público de idéias para escolas de 1º grau promovido pela FDE

Diego Wisnivesky e Graciela Torre Sidway  
dwini@correionet.com.br e towy@nutecnet.com.br

Desenvolvemos durante o mês de maio o projeto premiado pelo Concurso Público de Idéias para Escolas de 1º Grau, organizado pelo Governo do Estado de São Paulo, através da FDE - Fundação para Desenvolvimento da Educação e do IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo.

O concurso teve como objetivo a seleção de estudos para escolas, visando a possibilidade de contratação de projetos premiados para atender o mais rápido possível às situações de emergência enfrentadas pela FDE. O edital do concurso apresentou um programa determinado, com especificações funcionais de espaço, iluminação, ventilação, pedindo economia de construção, flexibilidade para enfrentar diferentes tipos de terrenos e propostas para diferentes configurações espaciais.

O nosso projeto, escolhido por sua solução simples e versátil, se desenvolve a partir de um módulo, desenhado através de dois sistemas estruturais. O primeiro sistema é constituído por peças pré-fabricadas de concreto armado, vigas e pilares, que possibilitam a repetição do módulo no sentido horizontal ou vertical e permitem que todos os espaços internos possam estar cobertos com laje. A forma quadrada do módulo apresenta uma solução para a extensão do espaço em qualquer direção, podendo realizar intervenções pontuais ou até mesmo provisórias.

O segundo sistema estrutural é metálico e é solucionado para a cobertura. Está projetado através de um plano horizontal, responsável por drenar a água pluvial e outro plano inclinado, desenvolvido para responder às exigências de controle ambiental através da disposição de aberturas e elementos de vedação. Proporciona também uma solução funcional para a ventilação cruzada e natural ao longo de toda a circulação, uma vez que as diferentes configurações espaciais dos módulos se organizam em função de uma circulação central ao longo de todo o projeto.

A ocupação linear inicia a proposta para um espaço onde a funcionalidade é de extrema importância. Sua organização permite uma fácil localização do usuário, um fácil acesso a qualquer ponto do prédio, é intrinsecamente flexível e apresenta diferentes soluções de organização. A execução de uma série de escolas com um sistema tecnológico pré-fabricado possibilita uma reflexão sobre a natureza da escola. A sua composição e concepção devem ser pensadas como um organismo aberto e em comunicação com a comunidade.

Diego Wisnivesky é arquiteto formado em 1987 na FAE PUC-Campinas. Graciela Torre Sidway é arquiteta formada na FAU da Universidade de Buenos Aires.

Alberto Sartoris:  
um século de arquitetura  
Olívia de Oliveira, Suíça  
butikofer.oliveira@span.ch



Alberto Sartoris,  
1901-88

Com o falecimento de Alberto Sartoris dia 08 de março último, desaparece o derradeiro pai da arquitetura moderna. Aos 97 anos de idade, este italiano de Turim vivia na Suíça há mais de cinquenta anos, onde cursou seus estudos e se tornou professor nas Universidades de Sion e Lausanne. Um dos primeiros representantes do chamado racionalismo na Itália e Suíça, desde a tenra idade de 13 anos já participava do movimento futurista italiano e em 1928 seria o mais jovem membro fundador dos CIAM, em La Sarraz. Além de arquiteto, pintor, e professor, Sartoris foi um grande animador do racionalismo. Será ele um dos primeiros a conhecer e divulgar a arquitetura moderna brasileira. A conselho de Pietro Maria Bardi visita, em 1935, São Paulo, Rio, Pernambuco e Bahia. No mesmo ano, a segunda edição de seu concorrido livro *Gli elementi dell'architettura funzionale* vem apresentada por Bardi e Le Corbusier e incorpora, com destaque, A casas de Warchavchik. Com cerca de 800 obras projetadas e não mais de 50 construídas, Sartoris volta a ser solicitado nos anos 80 e falece em plena atividade, deixando inacabado o maior centro de sua vida: a reforma de uma enorme fábrica próxima a Turim, onde construiu uma "praça vertical" de vários níveis com ruas e galerias cobertas. Este "humanista generalista" deixa em sua casa, no cantão Vaud, uma biblioteca com 25.000 títulos, uma correspondência mundial mantida durante três quarto de século com expoentes da arquitetura e um conjunto de desenhos, maquetes e "arquitecturas de papel", doadas por ele ao estado, para daí criar um centro internacional de estudos de arquitetura moderna, mostrando-nos - como ele gostava de afirmar - que "as vanguardas não morrem, mas se tornam clássicas".

Boletim Óculum é um boletim mensal de assuntos gerais da Arquitetura e é publicado pelo Centro de Apoio Técnico - CAT - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FAE PUC-Campinas. Os artigos são publicados em matérias relacionadas com o ensino e a prática da arquitetura.

Editor responsável:  
Nélio Guerra

Correspondentes:  
Alfredo Davanzo-Faculdade  
Cristina Michereis-FDE  
Cristina Nogueira-Jacaré  
Marcos Lagoin-Itaipu  
M. Pilar Pinheiro Magalhães  
Cláudia Oliveira Souza  
Paulo Moura-Petropolis  
Paulo Sérgio-Franco  
Pedro Máximo-Alexandre  
Ricardo Gutierrez-Alpinópolis  
Vilma Carolina-Itaipu

Membros:  
André Kallin  
Daviel Carronei  
Nélio Marchetti-Catanduva  
Nélio Zanini  
Francis Vinicius-Douris  
Tatiana Alencar

FAE PUC-Campinas:  
Bairro:  
Wilson Ribas dos Santos Jr.  
Rua-Dirceu  
Itaipu-MG  
Coordenador de curso:  
Nélio Marchetti-Faculdade

Centro de Apoio Técnico  
Rua D. Pedro II - 139  
Campus I - CEP 13085-000  
Campinas-SP-Brasil  
Fone: (11) 314-2144  
Fax: (11) 314-2554/3178  
E-mail: cat@pucsp.br

Revista Óculum  
Assessoria Comercial:  
01404-000 São Paulo SP  
Telefone: (11) 2418890  
e-mail: oculo@wines.com.br

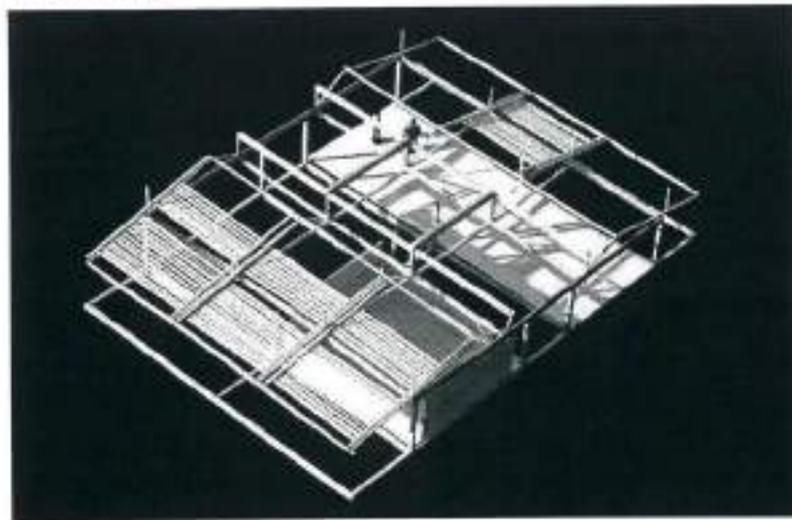
Página Web: www.oct.com.br  
www.pucsp.br/ocul

Agência Cultural  
Rosa e Bialli  
Design e Arte



DAIDIGITAL

IMPRESSO



CAD - 1999  
PUC-CAMPINAS



Plano urbano para renovação de áreas degradadas em Barcelona

Barcelona pretende ser reconhecida como potência cultural do ano 2000 e para isso está apostando alto no que será o *Forum Universal das Culturas de 2004*. O evento tem o apoio da Unesco e a intenção de colaborar com a construção da paz mundial. Para sediá-la, a capital da Catalunha volta a investir pesado na reestruturação da cidade, a exemplo do que fez para as Olimpíadas. Usa o prestígio que adquiriu nesta época para propor a reabilitação de uma zona, hoje, completamente degradada.

Barcelona pretende oferecer um espaço de encontro e celebração dos temas que compõem o centro ideológico do Fórum: as condições da paz, a cidade e o seu desenvolvimento sustentável e a diversidade cultural. Para tal, se poderá contar com a ajuda de um debate que terá início no ano 2001 tanto pela Internet como pelos meios de telecomunicações de todo o mundo. As tarefas mais difíceis do comitê de organização do Fórum foi encontrar um mote para que as pessoas o vejam desde fora e uma maneira de divulgar o evento por todos os países englobados pela Unesco. Uma tarefa difícil que tem posto a prova toda a organização demonstrada em 1992.

O local proposto para a realização do evento está situado a nordeste da cidade, na fronteira entre Badalona e Barcelona, onde se pretende criar uma plataforma marítima que ganharia 63,22 hectares de terreno ao mar. Atualmente se situam nessa área uma depuradora de águas, o rio Besòs, e uma incineradora; o que implica em que para reabilitá-la, devido ao seu estado de degradação e marginalidade, seria necessário, mais do que um projeto arquitetônico ou urbanístico, um projeto de revitalização ambiental.

O projeto para o Fórum leva em consideração todas essas questões e propõe diversas intervenções com implicações urbanísticas e ambientais: a ampliação e modernização da depuradora, que necessita adaptar-se ao novo código europeu de saneamento de águas; tratamento das águas que desagüam ao mar regenerando os diferentes ecossistemas afetados na região, possibilitando o banho na praia Nova Icària que seria ampliada; a exten-

são da avenida Diagonal que agora chegaria até o mar; a criação de um porto esportivo unindo o bairro da Mina ao mar e melhorando sua qualidade de vida; a ampliação do passeio marítimo e a criação de um novo zoológico, maior e mais moderno, que possibilitaria o regresso de várias espécies de sua propriedade que estão emprestadas a outros zoológicos com melhor infra-estrutura; regeneração do fundo marinho com a potencialização da sua diversidade biológica.

As novas instalações necessárias para o ato, para a depuradora e incineradora serão utilizadas como durante o evento como pavilhões de exposições. A área contará também com novos edifícios que a princípio servirão de alojamento para os estudantes que visitarão o evento e que depois serão destinados ao mesmo uso de uma maneira definitiva. Está sendo estudada a possibilidade da instalação de uma universidade nessa área, o que possibilitaria a construção neste local dos pavilhões principais da exposição: o Palácio das Cidades, da Paz e da Cultura. Ou seja, nada será construído sem ter um uso predeterminado para o período pós-Fórum. O sistema de transporte existente não poderá suprir as necessidades do evento, portanto este será complementado com um moderno sistema composto por monorrais (que provavelmente se comunicarão com o metrô) e ferries turísticos que atualmente só chegam até o porto olímpico, mas que terão sua rota estendida até o novo porto esportivo e zoológico. Também se prevê a utilização de energias alternativas como a eólica, a fotovoltaica e a solar para o desenvolvimento deste bairro no futuro.

O objetivo é gerar uma plataforma que sirva para o equilíbrio das funções atuais, para a melhoria dos problemas existentes decorrentes da intervenção humana descontrolada e para abertura desse trecho do litoral à cidade e ao público. Enfim, é o conceito desenvolvimento urbano sustentável sendo mais que debatido - aplicado!

Paula Codina e graduada no FAU PUC-Campinas, atualmente atua viajando no RFSUB, Barcelona



Renovação e expansão do MoMA. Arquiteto Yoshio Taniguchi

Jacques Herzog / Pierre de Meuron, Bernard Tshumi e Yoshio Taniguchi exibiram no MoMA até 28/04 os projetos finalistas do concurso de expansão e reestruturação do museu novo-iorquino. Filtrados de um grupo inicial de 10 arquitetos, os 3 selecionados tiveram de junho a setembro para desenvolver os projetos exibidos. Simultaneamente foi lançado o livro *Imagining the Future of The Museum of Modern Art*, sétimo de uma série iniciada em 91 com a finalidade de repensar instalações, acervo e programações do museu. O livro documenta o processo até a escolha final do projeto de Taniguchi.

No primeiro contato com a exposição, sobressaem o impacto da proposta de Herzog / de Meuron e o bom comportamento do prédio de Taniguchi. Tshumi interpreta o anexo variando sobre o tema da verticalidade em Manhattan, interligando partes diversas que compõe o museu (de uma casa de 1932 ao arranha-céu da década de 80) numa composição horizontalizada. As relações por ele apresentadas são a princípio mais envolventes: balanços, linhas e o jogo dos planos cheios e leves valorizam a nova entrada pública na rua dos "fundos", mantendo a atual como secundária. O que também fez Taniguchi, numa abordagem porém mais sutil e uniforme que a de Tshumi.

O que mais pesou na escolha foi a solução dos espaços internos: circulação, iluminação e disposição do acervo; áreas de expansão imediatas e futuras. Cada peça do atual acervo foi colocada em planta, exigência atendida pelos 3 projetos, que o ganhador estruturou conceituando: espaços e elementos verticais interligam plantas e circulações, enquadrando por vezes cenas do exterior.

Revendo, contata-se as raízes conceituais e pragmáticas que deram o trabalho a Taniguchi. Tshumi deixa uma preferência possivelmente tendenciosa pela maneira mais instigante que estrutura e apresenta sua proposta. Herzog e de Meuron ficam com o impacto inicial. Diante da base complexa que nutriu o concurso e da tentação gerada na mostra, o que fica é isso: divirja com cuidado.

MoMA - The Museum of Modern Art, New York  
11 West 53 Street, New York, 10019, <http://www.moma.org/>

## American Way of Construction... sob olhar espanhol

Daniela Camargo, Espanha  
a25867@aq.upm.es

Precisa mescla entre visão poética e documentário, o curta-metragem *Going Up* do diretor Gary Pollard – sobre a construção do edifício Financial Square, projetado pelo arquiteto moderno norte-americano Edward Durrell Stone e construído em 1987 – propõe as mais diversas reflexões, que oscilam constantemente entre a questão sociológica, que abarca o trabalhador envolvido nessas operações norte-americanas de grande escala, e as questões projetuais, tais como a produção e transporte de materiais pré-fabricados, a elevação de estruturas na obra, a influência da temperatura de Nova Iorque durante a construção, com destaque ao tema da segurança dos trabalhadores em obra. Este curta, antes apresentado em uma TV espanhola, foi apresentado aos alunos da ETSAM pela cátedra "Construcción 3", como subsídio para discussão do tema *arrinho-céus*, demarcando a grande diferença entre as maneiras americana e europeia de encarar a edificação – exuberância das grandes alturas e rapidez construtiva versus aproveitamento otimizado de materiais e área (mesmo com o prejuízo do cronograma). Na Espanha, os riscos de segurança são de responsabilidade do mestre de obra, que está sob o controle dos arquitetos e operadores técnicos, que, por sua vez, executam o projeto do arquiteto. Nos EUA esta responsabilidade técnica é do engenheiro.

Vale ressaltar que o arquiteto espanhol tem um ensino muito mais técnico quando comparado ao colega brasileiro, fato perceptível no detalhamento dos projetos acadêmicos, refletindo grande diferença curricular: O curso de arquitetura da ETSAM, por exemplo, prevê 2 anos da disciplina de estruturas e 4 anos da disciplina de construção, além da tardia e madura iniciação a projetos, disciplina que começa apenas no 3º ano, quando pressupõe-se que os subsídios necessários estão assimilados. Ao ver o documentário, que suscitou esta reflexão, é interessante ter em conta a previsão de vida útil atribuída ao edifício nos EUA (que oscilaria entre vinte e trinta anos no máximo!), considerar a relação entre a evolução da etapa construtiva e as variações de temperatura ao longo do ano, que impedem, em certos momentos, algumas operações comuns (por exemplo, a soldagem) e esgarçar-se com a falta de fobia de altura e vertigem por parte dos trabalhadores estrangeiros envolvidos na construção. Enfim, é preciso assisti-lo!

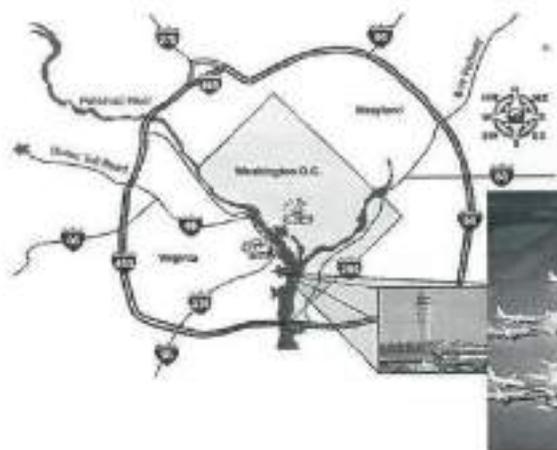
Daniela Martins Aldreda Camargo é graduanda na TAU PUC-Catânia, atualmente aluna visitante na ETSAM, Madrid



MoMA, de Philip S. Rossiter e Edward Durrell Stone, NY, 1958/59

## A reforma do Aeroporto Nacional de Washington

Cristina Mehrtens, EUA  
mehrtens@umiami.ir.miami.edu



Aeroporto Nacional de Washington DC: localização na cidade, foto atual e foto da maquete da renovação, arq. Cesar Pelli

Desde a década de 1980, os problemas e confusões de tráfego e estacionamento tornaram-se insuportáveis e o local onde pessoas passaram anos arrastando bagagens pela chuva e neve, o envelhecido edifício moderno do Aeroporto Nacional de Washington DC tornou-se desconfortável e desinte-ressante. O conhecido aeroporto dos políticos, o sombrio aeroporto da capital tinha que se transformar.

A possibilidade de dar novas perspectivas a um programa inventado no século 20, destinado a elite do capital financeiro e político, tornou-se o desafio do escritório Cesar Pelli e Associados.<sup>1</sup> Neste aeroporto, os tempos de globalização, refletidos na popularização do serviço aéreo, exigiram a transformação e reinterpretção deste espaço.

O projeto de renovação do aeroporto teve como objetivo principal torná-lo atrativo, receptivo e não apenas funcional. O relevar destas características conduziu a um desenho que ampliou e uniu, em uma só linguagem, as qualidades públicas de lazer e de comércio deste terminal aéreo. Neste sentido, as várias possibilidades criadas neste espaço favoreceriam tanto o usuário em trânsito quanto aquele que nele trabalha ou o visita. Embora a arquitetura básica do terminal tenha se tornado sinônimo de passado e desconforto, foi através da clássica combinação do aço com as cortinas de vidro e da aplicação de tons pastéis ao sombrio cinza do concreto da modernidade pioneira que os arquitetos realizaram a linguagem da renovação. Foi gasto 1 bilhão de dólares em 250 mil pés quadrados de muro contínuo de janelas de vidro e aço que enriqueceram a vista privilegiada do campo de pouso e permitiram a visão panorâmica do Rio Potomac e do skyline da cidade, tornando-se o espetáculo principal dos usuários e a dor de cabeça dos lavadores de vidro.

Em pelo menos um ponto toda mídia concordou: o aeroporto se tornou mais conveniente. Esta arquitetura conveniente permite que viajantes chegando de metrô estejam a apenas 100 passos do terminal e ainda possam a opção das calçadas rolantes que os conduzam aos diferentes 44 portões. A área de estacionamento foi revista e passou a

oferecer 7 mil vagas.<sup>2</sup> No entanto, a mais distinta característica da renovação foi o teto do terminal. Parecem duas fileiras de guarda-chuvas abertos pintados nas cores azul pálido, branco e amarelo-claro. Existem skylights redondas na maioria destes 54 mini-domos e aos pisos e paredes do terminal foram aplicados trabalhos de arte. Estas soluções se distribuem no espaço e buscam acentuar certa humanização e tornar o aeroporto convidativo e agradável.

O terminal em forma de "E" reflete em sua parte mais longa uma miniatura da conhecida Main Street, incluindo uma loja do Museu Smithsonian, do Zoo Nacional, e da National Geographic a fim de realfirmarem aos viajantes que eles já estão em Washington.

Enfim, o projeto para o novo terminal de passageiros do arquiteto argentino Cesar Pelli enfatizou conveniência, eficiência e simplicidade. A ideia da "renovação" (redesign) seguiu a linha de "melhor e não maior" onde o objetivo final foi que o terminal se tornasse mais receptivo e ao mesmo tempo agradável, convidativo e de bom gosto.

Com chamadas de "Ronnie em Concreto", o aeroporto nacional de Washington DC voltou a ocupar os jornais nesta última semana de abril.<sup>3</sup> Tal denominação espelha não somente a mudança de nome do aeroporto, resultado de acesa contenda política, mas também a manutenção da característica técnica básica deste terminal renovado que trouxe novas perspectivas a um antigo programa arquitetônico sem perder sua identidade moderna.

### Notas

1. O arquiteto argentino Pelli, conhecido por combinar em seus projetos as ideias neo-estruturalistas aos ideais racionalistas via integração da arquitetura e outras artes, inclui entre seus mais recentes trabalhos o mais alto edifício do mundo – as torres gêmeas da Petróbrás no centro da cidade de Kuala Lumpur na Malásia – e o edifício de escritórios NTT em Tóquio no Japão, com sua pitoresca praça/plaza interior.
2. Este número inclui 112 vagas reservadas ao Supremo Tribunal federal, aos membros do Congresso e do corpo diplomático – todos poderosos que sempre tiveram privilégios para a entrada gratuita de grande maioria que nunca os possuem.
3. A partir de abril de 1998, o Nacional passou a se chamar Aeroporto Ronald Reagan Nacional de Washington.

## Concurso da Fapesp: temos uma nova arquitetura brasileira?

Abilio Guerra

oculum@uninet.com.br



Os projetos participantes do recente concurso para a nova sede da Fapesp estão sendo expostos na FAU-USP. Os projetos entregues, cuja autoria vai dos mais destacados arquitetos até recém-formados, demonstram o quanto a atual arquitetura brasileira está sem uma questão clara ou um objetivo hegemônico. Não que a boa arquitetura esteja ausente; soluções formais agradáveis e rigorosas respostas ao programa são encontradas em vários projetos. Mas é visível o quanto a atual produção é tributária da referência externa, muitas vezes sem os devidos ajustes à nossa realidade. A atual arquitetura francesa – onde predominam os componentes metálicos, o rigor geométrico, a austeridade formal, a transparência e a delicadeza das vedações – parece ter uma forte presença nos corações e mentes dos nossos arquitetos, presença que começa a se fazer visível também em nossas cidades. Outras afinidades efetivas podem ser verificadas, como as complexas estruturas metálicas inglesas, a contenção e simplicidade japonesas, o exotismo e hollismo orientais, o rigor construtivo e funcionalismo exacerbado dos epígonos modernos ou um requentado modernismo brasileiro. Fenômeno conidente com os mecanismos de globalização, esta heterogeneidade nos leva a questionar se a saída regional, particularista em sua essência, ainda faz algum sentido intelectual e se constitui suporte suficiente para respostas adequadas às complexas demandas do mundo atual.

Tais elocubrações são sugeridas pela própria história da arquitetura brasileira deste século, cujo sucesso e posterior ostracismo teve como principal



motor sua relativa autonomia. O que se colocou durante este período como fatores de autenticidade nacional foi a reiteração de diversos recursos formais e um discurso unificador apelando para uma base cultural comum.

O enriquecimento de procedimentos e a rarefação do espírito original nos levou ao atual estado de descrença e deslumbre frente ao estrangeiro. Tal como no início do século, vivemos a sede de atualização. Que tenhamos a mesma sensibilidade para nos reencontrarmos com nosso passado, cientes que ele se foi, mas que é um legado inalienável cujo eco ainda se faz ouvir. Mas uma arquitetura inscrita em um contexto cultural não se faz apenas com discursos, mas também com a experimentação. O círculo vicioso em que nos encontramos só será quebrado com a coragem de encarar a novidade e com a precaução de desconfiar de suas facilidades.

Enquanto isso, os concursos se sucedem. A última década foi muito produtiva em projetos premiados que jamais saíram do papel. Este concurso da Fapesp é um bom momento para mudarmos esta história. Que o projeto de Hector Viglietta – cuja implantação do edifício é um achado, onde o edifício surge como elemento mediador entre o deserto (estacionamento) e floresta (bosque fechado) – seja construído e que se inicie um momento mais interessante da nossa arquitetura.

Exercício público de arquitetura para o projeto da Nova Sede da Fapesp: 1º Hector Viglietta; 2º Tito Livio e Václav de Mész; 3º Valério Santos, Roberto Ratto e Mário Figueiroa; 4º Marcos Ruyato; 5º David D'Almeida e Róbia Pestana



Acima: à esquerda, núcleo projeto vencedor de Hector Viglietta. Abaixo, à direita, projeto de colômbio de David D'Almeida e Róbia Pestana. Ao lado, projeto de colômbio dos finalistas da FAU-USP: Compêns, Valério Santos, Roberto Ratto e Mário Figueiroa

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



### Celebração dos 50 anos de Chandigarh

De 08-11 jan99 ocorre conferência internacional que comemorará os 50 anos do projeto de Chandigarh. Info: Chandigarh Perspectives, Post Box 94, G.P.O., Sector 17, Chandigarh, 160 017 India. fax: 91 172 549260. <http://www.cperspectives.org> info@cperspectives.org

### 10º Concurso Paviflex 98 anuncia finalistas

Os 25 finalistas que concorrerão aos 5 prêmios Paviflex foram anunciados pela Tadenac/ABEA. Dentre eles, Diego Wisniwskyj da FAU-PUC-Campinas, orientado por Antonio F Panizza, com o projeto "Laboratório de Luz Síncrotron".

### Bienal de arquitetura em Madrid

A I Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Ingeniería Civil, organização governo espanhol, colegios de arquitetos e universidades, abre 05 ou 1998. Info: Colegio de los Trinitarios, Calle Trinidad 1, 28001 Alcalá de Henares, Madrid España, fax: 3491 885.5275. [biennial.iberoamericana@alcala.es](mailto:biennial.iberoamericana@alcala.es) <http://www2.cedex.es/cehopu/bienal>

### 50º Congresso Internacional de Americanistas

Organizado pelo Centro de Estudos Latinoamericanos da Universidade de Varsóvia, 10-15 jul 2000. Info: CESLA UW, Zurawia 4, 00-503 Warszawa Polónia. fax: 4822 6253170; [cesla@plearn.edu.pl](mailto:cesla@plearn.edu.pl) <http://www.cesla.ci.uw.edu.pl>

### 1º Encontro sobre extrusão de alumínio

Organizado pela ABAL, ocorrer nos dias 17 e 18 de junho em São Paulo. Info: r Humberto I, nº 220, 4º and, 04018-030 São Paulo, fon 011 5084.1544, fax 011 549.3159, [secretaria@abal.com.br](mailto:secretaria@abal.com.br)

### V Conferência Internacional do DOCOMOMO

Com o tema *Visão e Realidade: Aspectos sociais da arquitetura e urbanismo no movimento moderno*, ocorre em Estocolmo, Suécia, 16-18 set 98. Aberta inscrição pl ouvintes. Info: fon 00468 4630500 fax 4630560, [marina.botta@arkitekturmusset.se](mailto:marina.botta@arkitekturmusset.se)

### Seminário sobre resistência das edificações

O I Seminário Internacional sobre *Arquitectura y Diseño Sísmo Resistente* acontece em Santafé de Bogotá, Colômbia, 29-31 jul 98. Info: Universidad de los Andes, Dep. Ing. Civil, fon 2866224/2849911, exts. 2810 y 2811, fax 2815148

julho 1998  
ano 3  
edição mensal

## O criador da arquitetura moderna brasileira

Abilio Guerra

oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Quando manifestar em matérias assinadas não são responsáveis pelo conteúdo da edição ou pela direção da revista.

Editor responsável  
Abilio Guerra

Colaboradores  
Afonso Dickstein Eggen  
Cristina Moriconi LEM  
Edson Acunzi Cosade  
Mário Tognon Jr.  
M. Rita P. Pereira Unepel  
Olivia de Oliveira Souza  
Paulo Meira Almeida  
Paulo Dória Alencar  
Pedro Manoel Almeida  
Ronaldo Soares Aguiar  
Vitor Cordeiro Azevê

Membros  
André Kaplin  
Daniel Castro  
Rafael Amadio Costa  
Flávia Lacerda  
Fábio Vitorino  
Tatiana Assis

FAU/PUC-Campinas  
Diretor  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr.  
Woodward  
Vitor Meira  
Coordenador de curso  
Ronaldo Manoel Aguiar

Centro de Apoio Didático  
Rod. Dr. Paulo VI - Km 125  
Campinas - SP - 13125-900  
Campinas SP Brasil  
fone: 55 019 254.3138  
fax: 55 019 255.6239  
boletim@puccamp.br

Revista Óculum  
Avenida Condado, 51  
13104-000 São Paulo SP  
Fone/Fax: 011 2688910  
oklum@uol.com.br

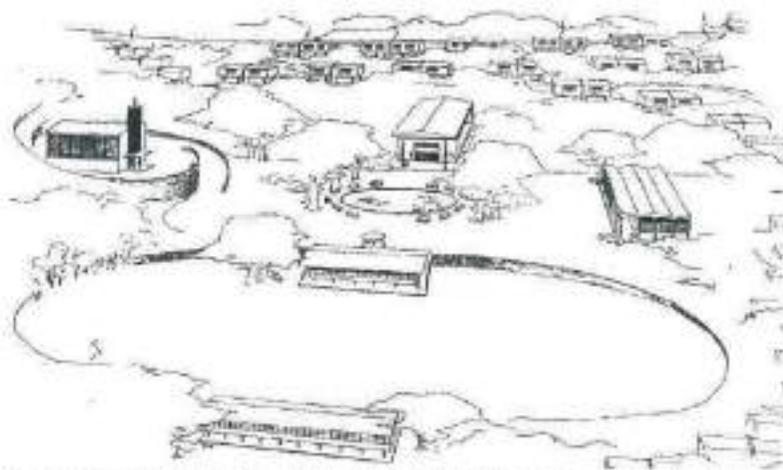
Página Web no Internet  
www.pucamp.br/~oal

Agência cultural  
Agência Web  
Digitalidade



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Vila Marlevede, projeto urbano não construído para a Companhia Siderúrgica Belo-Mineira, 1934. Abaixo, construção do Praça dos Três Poderes, Brasília, agosto de 1959. Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

Em um dos seus croquis para a Vila Marlevede, Lucio Costa representa uma cena familiar: a mãe lavando roupa no tanque, enquanto peças já estendidas no varal batem ao vento; ao seu lado, o bebê brinca sentado no chão; o pai está recostado em um pilotis, com as mãos atrás da cabeça, observando a paisagem emoldurada pela estrutura de concreto armado que sustenta a casa por sobre as cabeças dos personagens. Em outro croqui para o mesmo espaço, um outro homem olha a paisagem enquanto seu vizinho lê jornal deitado na rede amarrada em dois pilares. Cenas onde ressoam a frase de Oswald: "a poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Manicota lendo o jornal".

Busca de uma fusão da ebulição cultural européia com as "raízes nacionais", o modernismo brasileiro das décadas de 20 e 30 é o ponto de partida para a visão urbana de Lucio Costa. Visão que já aparece com todas suas cores em seu texto e croquis para Vila Marlevede, antecipando na forma expressiva e no conteúdo sua participação no concurso para a futura capital brasileira, Brasília. O resguardo da intimidade convivendo com a hegemonia da coletividade; a separação estanque entre o centro cívico e as áreas habitacionais; a vegetação tropical exuberante em plena

harmonia com a arquitetura racionalista; a adaptação de recursos construtivos e tipológicos típicos de nossa tradição artesanal de país colonial às características construtivas industriais e estandarizadas da arquitetura moderna; a convivência pacífica entre o automóvel e a velha "capistrana", caminho a pé no meio do território sem limites.

Visão urbana que constituiem uma arquitetura e um urbanismo cabloco, mestiços, passo fundamental para a constituição de uma nova tradição. O que muitos atribuem à geração espontânea, na verdade é um engenhoso artifício forjado por homens inteligentes. Lucio Costa foi um deles.

Lucio Costa

editorial

oculum@uninet.com.br



Lucio Costa  
1902-98

Lucio Costa nasceu em 27 de fevereiro de 1902, em Toulon, França. Filho de um engenheiro naval a serviço do governo brasileiro, foi educado na Inglaterra e na Suíça. Radicou-se definitivamente no Brasil em 1916, quando a família retornou ao Rio de Janeiro. Formou-se arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes em 1924, à qual retornou como diretor em 1930, promovendo uma frustrada reforma do ensino. Mesmo sem ter conseguido quebrar a espinha dorsal do academicismo, sua passagem pela escola foi suficiente para aglutinar jovens estudantes que seriam em breve os primeiros arquitetos modernos brasileiros. Convocado pelo ministro Gustavo Capanema a projetar a sede do Ministério da Educação, cercou-se dos pupilos: Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer. Trouxe Le Corbusier ao Brasil como consultor e assim nasceu o primeiro arranha-céu corbusiano do mundo. Era o início do período glorioso da arquitetura moderna brasileira. Lucio Costa faleceu, calmamente dormindo em sua casa no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1998.





"Tasado de Gracia", Barcelona. Foto de M. Arrempi

O Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona propõe repensar o desenvolvimento das cidades através da exposição *A Cidade Sustentável*, aberta até 13 de setembro deste ano.

Por desenvolvimento sustentável entende-se a escolha de políticas que equilibrem a preservação do meio ambiente com um desenvolvimento econômico que satisfaça as necessidades das gerações atuais sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

A sustentabilidade ambiental implica, além do mais, na manutenção da diversidade biológica, da saúde humana, da qualidade do ar, da água e do solo a níveis que preservem a vida e o bem estar da humanidade, assim como a flora e a fauna. As cidades são, no final do século XX, o principal cenário dos grandes atos que enfrentam as sociedades. Espaço privilegiado para a criatividade e para a inovação, as cidades, especialmente as ocidentais, são os principais responsáveis pelos problemas sócio-ecológicos que afetam as comunidades em todo o planeta.

Os países ricos consomem três vezes mais do que lhes corresponderia na partilha igualitária dos recursos mundiais. O modelo de cidade ocidental, que desperdiça energia, incentivando a competição e não a cooperação e a participação, se mostra incapaz de enfrentar as crises ecológicas globais e garantir a igualdade e a justiça social.

O modo de vida urbano, nossas pautas de divisão de trabalho, produção industrial, agricultura, consumo e atividades de lazer, nos fazem responsáveis por muitos dos problemas ambientais com que nos enfrentamos. Os atuais níveis de consumo dos recursos nos países industrializados são bastante superiores ao do resto da população mundial. Entretanto, os países mais pobres são os responsáveis pelo rápido incremento da população mundial.



"Sociedade de automóveis", foto de M. Arrempi

A população humana aumenta em 222.000 pessoas a cada dia. O desenvolvimento sustentável só é possível se o consumo dos recursos e o crescimento da população estão de acordo com as possibilidades de produção do ecossistema. No mundo se produz mais de um automóvel a cada segundo. Da noite para o dia se fabricam mais de 30.000 automóveis.

Uma lógica sustentável para os sistemas urbanos seria aumentar a possibilidade de contato entre os diversos elementos sem que isto causasse um aumento do consumo de energia e de recursos. Em oposição à cidade difusa, com espaços monofuncionais e escrava do automóvel, se coloca a cidade compacta e variada, substancialmente menos consumidora de energia, de espaço e tempo para manter a sua estrutura e organização.

A renda anual de um bilionário é igual à renda de 45% da população mundial. Os países pobres são os mais afetados pelos problemas ambientais. A divisão desigual das riquezas é a causa de um comportamento insustentável, tornando mais difíceis as mudanças que se requerem.

Um habitante de Nova York consome três vezes mais água e produz oito vezes mais lixo que um habitante de Bombaim. Pensar o território de maneira sustentável significa levar em conta os sistemas naturais que se desenvolvem. Portanto, há que introduzir uma nova lógica onde o espaço não urbanizado seja considerado como um sistema tanto ou mais importante que o urbano, que garanta a viabilidade dos sistemas naturais.

O principal objetivo de uma planificação urbana sustentável seria diminuir significativamente os quilômetros percorridos cada dia pelos indivíduos, promovendo iniciativas que incentivem ao máximo o auto-aproveitamento energético e de alimentos, criando vias que tornem possível o intercâmbio de bens e informações e ao mesmo tempo, favorecendo as particularidades de cada região.

No entanto, não podemos esquecer que o desenvolvimento sustentável perde todo o sentido se não for aliado à igualdade e à justiça social. Sabemos que a mistura e a convivência de diferentes elementos é uma enzima potentíssima para catalisar a coesão e a estabilidade social.

Neste sentido, a arquitetura e o planejamento urbano são elementos que devem acompanhar a busca de uma sociedade sustentável, viabilizando especialmente os conceitos anteriormente descritos. Não se trata simplesmente de racionamento de consumo de energia e recursos naturais ou de normas de reciclagem; medidas estas que muitas vezes se confundem com modismos. Trata-se de uma mudança muito mais profunda no cerne das dinâmicas da sociedade pós-moderna, exigindo uma redução do consumo de bens e uma melhor distribuição da riqueza à escala mundial.

Exposição da cidade sustentável, 0149-13200, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, "Dia de Destac", Montalegre nº 5, 08001 Barcelona Espanha, tel: 93 326 4100, fax: 93 326 4101

## Luta contra o tráfico ilícito de bens culturais

Luiz Antônio Bolcato Custódio  
webmaster@iphan.gov.br



Escultura do Menino Jesus do século XVII, desaparecido em Paraty-RJ, ficha nº 462 na lista de Bens Culturais Procurados do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Seguindo orientação do Conselho Internacional de Museus - ICOM, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está lançando a segunda edição da campanha *Luta contra o tráfico ilícito de bens culturais*. A gravidade do assunto e a repercussão da campanha durante o ano de 1997 levaram o ICOM a repetir o tema em 1998. Fundado em 1946, o ICOM é uma organização não-governamental vinculada à Unesco, com sede em Paris, que reúne profissionais de museus de todas as categorias, e atua em 157 países. A luta contra o tráfico ilícito de bens culturais é uma de suas atividades principais.

No ano passado, o trabalho de divulgação da campanha, no Brasil e na América do Sul, propiciou o início de parceria com a Interpol brasileira, para inibir as ações de qualquer modalidade de tráfico de bem cultural. A Interpol mantém em Lyon, na França, um arquivo de imagens e informações sobre bens roubados em todo o mundo.

No Brasil, o IPHAN vem organizando uma base de dados sobre bens desaparecidos. Esta ano está lançando em sua página na Internet o *Cadastro Nacional de Bens Culturais Procurados*, visando informar sobre esses bens, receber denúncias e outras notícias. Já estão cadastradas cerca de 600 peças, apenas nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A exemplo do que ocorreu em 1997, esta campanha estará sendo lançada em todo o mundo no dia 18 de maio, data em que se comemora o Dia Internacional dos Museus. Terá duração de um ano, período em que todos os organismos envolvidos com a preservação cultural estarão procurando conscientizar as autoridades e a sociedade em geral para a importância da questão. Por essa razão, esta campanha é atemporal, não se limitando ao dia 18 de maio.

O cartaz da campanha foi impresso conforme orientação do ICOM, onde cada país insere a ilustração de um bem cultural desaparecido. A imagem brasileira escolhida divulga um quadro retratando Dom Pedro II, pintado em óleo sobre tela pelo artista Manuel Pereira dos Reis, em 1855, de propriedade particular, tombado pelo IPHAN e furtado em 1983 na cidade de Petrópolis - Rio de Janeiro.

Luiz Antônio Bolcato Custódio é Diretor do Departamento de Promoção - DEPRON - do IPHAN

IPHAN - RUA COLOMBO, 21 - AND. 20040-904 BRASILIA - DF, TEL: (061) 414-6154, FAX: 414-6126, <http://www.iphan.gov.br>

## Urbanidade: urbanismo da cidade à megalópole

Jean Paul Dollé, França



### Território e democracia

É em Atenas, no século VI a.C. que Clistêno inventou o espaço da cidade – cidade democrática, servindo-se da nova ciência geométrica para promover uma igualdade espacial – onde cada porção de espaço público vale o mesmo que qualquer outro, o que corresponde à igualdade cidadã de todos os homens livres. Desde então, na tradição ocidental, foram associados o projeto de urbanidade e o exercício da cidadania, pois como dizia um ditado da Idade Média, "o ar da cidade liberta".

A cidade aparece como o lugar mais propício ao aprendizado da civilidade, primeiro passo em direção a uma vontade democrática de vivência coletiva, ou seja, uma forma de conciliar o que parece inconciliável, a existência de diferenças, a invenção de um comum, de um espaço comum. A urbanidade da cidade se mede precisamente a partir dessa capacidade de se fazer comum, comunitária, disposta de espaços públicos suficientemente numerosos e atraivos para permitir ao cidadão de encontrar-se, localizar-se e aglomerar-se.

A cidade grande tal qual a descreve e sonha Baudelaire, é o lugar propício a todas as trocas e misturas, as mesclas. A cidade grande quer ser cosmopolita, aglomerando todas as diferenças e conseguindo, portanto, criar uma identidade além da territorial.

O problema que coloca a Megalópole é saber se ela é uma simples extensão da cidade grande, mais extensa, mais povoada, mas conservando todas as características e as formas que permitem fazer referência ao que qualificamos normalmente de cidade. É uma simples diferença de escala ou trata-se de algo radicalmente diferente, mascarada pelo parentesco lingüístico das noções de urbanidade e de urbanismo?

O urbanismo não seria antes de tudo o nome do exílio da cidade?

A partir de então, como pensar na articulação entre a arquitetura e essa nova forma de estabelecimento humano, a Megalópole?

Desde que os homens moram e circulam, a arquitetura se dedica a resolver esse enigma espacial-temporal: construir o permanente para mortais que passam no decorrer do tempo.

A proliferação dos meios de transporte, cada vez mais rápidos, que encurtam as distâncias e permitem consequentemente a existência de aglomerações mais extensas, induz a um novo habitat e uma nova maneira de morar. Como morar uma cer-

ta modalidade do tempo, a rapidez? Como e onde morar quando o tempo é vivido como perpétua mudança do espaço, encarado como um interstício instável de deslocamentos incessantes? Nessas condições como pensar e viver o comum, se faltam os momentos de dividir um lugar comum estável?

Ainda há cidade sem desejo de espaço comum? Hoje a convergência entre o território (cidade, nação) e a representação política democrática entrou em crise. Pois é então necessário mais do que nunca interrogar-se sobre a articulação entre o projeto urbano – com quem, onde e em vista de que viver juntos – e a projeção arquitetônica; enfim, outro desenho político de urbanidade e desenho de formas construídas.

Para isso, a disseminação dos conhecimentos do saber das experiências arquitetônicas e filosóficas parece pertinente, não buscando seu menor denominador comum, mas ao contrário, guardando sua identidade essencial em relação ao registro das questões que colocam a urbanidade.

Assim a filosofia se interessa não pela política mas pelo que é político, ou seja pelo fato inaudito que possam existir dois grupos estáveis, sobrevivendo aos indivíduos efêmeros que os compõem. Ela é levada a se perguntar novamente se não existe uma ligação lógica e uma permanência histórica entre o ato de construir um recinto como um muro, uma barreira, o que revela competência arquitetônica, e o de instituir uma lei comum, à qual todos podem e devem aderir.

Não adesão sem limitação, não urbanidade sem limiar, desfecho, referência. Filosofia e arquitetura estão no começo, no comando – arcaico – pelo menos na área – era – iniciada com a invenção da *villè-cité* e da filosofia.

Essa época está em vias de finalização, ao menos se levarmos a sério o conceito Deleuziano da deterritorialização. Aparecem então fluxos, redes, agendamentos. Assim, os antigos lugares-ligações são conceitos que devem ser radicalmente repositados.

Jean Paul Dollé é filósofo e professor na Ecole de Architecture de Paris La Sorbonne.  
Narrações de Maurice Nadeau e tradução de Plínio Arraio Caldas e Plínio Dollé



## 1º ArqVision, um multi-evento em Campinas em agosto

Jorge Daniel Villar



Residência "Los Vios", Arq. Cristián Boza, Chile

A AREA - Associação Regional de Escritórios de Arquitetura - Campinas, entidade de classe sem fins lucrativos, de utilidade pública, foi fundada em 1988 por um grupo de arquitetos, a maioria oriundos da FAU PUC-Campinas. Na falta de objetiva orientação oficial para a atuação profissional, de comum acordo, decidiram estabelecer critérios e procedimentos de referência. De lá para cá, houve uma sensível mudança de atuação, que foi ampliada e diversificada, crescendo o corpo de filiados (hoje com 80 escritórios), estimulando a criação das AREAs de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Na comemoração do seu décimo aniversário, entre 25 e 30 de agosto, a AREA-Campinas realizará o maior multi-evento de arquitetura, construção e decoração do segundo mercado de oportunidades do Brasil: o interior do estado de São Paulo. São componentes: 1) Primeiro Encontro Latino Americano de Profissionais de Arquitetura e Construção (1000 congressistas), com exposições, work-shops e conferências; 2) Primeiro Salão de Profissionais de Arquitetura de Campinas e Região (trabalhos de 30 escritórios em exposição); 3) 1ª Premiação Anual de projetos construídos; 4) 1ª Feira de Produtos e Serviços para Arquitetura, Construção e Decoração (100 expositores) e 5) 1ª Assembleia Anual das AREAs. Exposição da obra de Oscar Niemeyer, inúmeros apólos institucionais e conceituados conferencistas – Miguel Ángel Roca, Argentina; Cristián Boza, Chile; Carlos Morales Hendry, Colômbia; Juvenal Baracco, Peru; Bruno Padovano, Edison Musa, Gian Carlo Gasperini, Gianfranco Vannucchi, Gustavo Fenna, José Tibiriçá, Henrique Cambiagli, Paulo Bruno e Rogério Betaglicci, Brasil – demonstram a importância do evento. A 1ª Premiação Anual de Projetos Construídos na região ou projetados nela, é aberta à participação de qualquer arquiteto. A organização é da própria AREA, hoje uma entidade com prestígio, que recebeu Diploma de Honra ao Mérito outorgado pela Câmara de Vereadores do Município. Os interessados em participar, devem entrar em contato com Jorge Villar, r Clóvis Bevilacqua 267, 13075-040 Campinas SP Brasil, fon/fax: 019 243.3958, arq@arqvision.com.br, http://www.arqvision.com.br. Filiados, professores e estudantes tem descontos. Há convênios com Hotéis de diversas categorias e com a VARIG. Agência de turismo oficial: TLM - fon/fax 019 233.4455.

## Charlotte Perriand: uma vida de criação

Olivia de Oliveira, Suíça  
butikofer.oliveira@span.ch

Uma bela surpresa editorial foi recém-lançada: a biografia de Charlotte Perriand. Uma artista constantemente esquecida no meio acadêmico e relegada por uma historiografia misógena, ressurge com toda sua alegria de viver. Em seus plenos 95 anos de idade, Charlotte nos encanta narrando sua vida, viagens e obra com um frescor adorável. Muito mais que uma biografia, um livro que nos introduz ao pensamento e à obra desta que foi, não casualmente, associada à Le Corbusier e Pierre Jeanneret durante quase dez anos (1928-37), assinando com eles uma série de móveis revolucionários que se tornaram clássicos, dentre eles a chaise longue. Charlotte revela a potência de Le Corbusier em sua relação pessoal, que acabaria afastando-a do mestre, apesar de jamais abandonar seus ideais. Finalmente como recebeu a notícia de sua morte, no Rio de Janeiro, e sua ida à Cap-Martin, acompanhada por Lúcio Costa, para dar o último adeus a Corbu.

Um capítulo inteiro é dedicado à sua experiência no Japão durante os anos 40, onde esteve à convite do Ministério de Comércio e Indústria, como Conselheira de Arte Industrial e professora no Instituto de Arte Industrial de Sendai, o mesmo que, em 1933, havia sido dirigido por Bruno Taut. A descoberta do Japão tradicional, de novos materiais, novas técnicas e diferentes costumes ampliaram seus horizontes, para colocar em marcha seus sonhos de vanguarda. Ela encontrará na simplicidade da casa tradicional japonesa o perfeito acordo entre a arquitetura e a natureza recriada pelo homem, tão procurado pelos ideais corbusianos para a arquitetura moderna.

Charlotte fez ainda comentários muito interessantes sobre Brasília e a arquitetura moderna brasileira, e mostra que nos anos em que viveu no Brasil, pode captar com extrema sensibilidade, as multifacetadas sócio-econômicas do país que atravessava o final da década de 50.

A biografia traz ainda algumas ilustrações da obra de Perriand, mas para os que pretendem se aprofundar, podem recorrer ao catálogo da exposição *Un art de vivre*, realizada pelo Museu de Arts Décoratifs de Paris, em 1985, que foi organizado pela própria autora e editado por Flammarion.

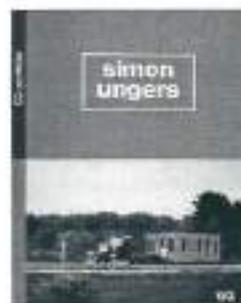
Charlotte Perriand. Une vie de création. Paris, Ed. Odéon 1998, 708p, 420p.



Charlotte Perriand detida sobre chaise longue.

## Minimalismo e melancolia: a arquitetura de Simon Ungers

Abilio Guerra  
oculum@uninet.com.br



Simon Ungers: Henry Urbach (1904) coleção portfólio. Ed. Quilobô, Gê, Barcelona 1998, 68 ppg.

"As instalações, edifícios, objetos e projetos urbanos de Simon Ungers propõem uma arquitetura de abstração sublime. Totêmicos e evocativos, seus austeros projetos se configuram mediante uma lógica formal restritiva e rigorosa. Ungers persegue um minimalismo robusto, que oculta a elaboração para intensificar certos gestos contundentes. Seja quais forem as características do programa, da implantação, da escala e da construção, os projetos de Ungers se deslocam em última instância até a clareza da imagem, a unidade de volume e a presença inconfundivelmente tectônica"

Com esse parágrafo, Henry Urbach inicia *Minimalismo e melancolia*, texto de apresentação da obra do jovem arquiteto alemão Simon Ungers. Trazeno para a análise o famoso texto de Freud, *Luto e melancolia*, Urbach toma a obra arquitetônica de Ungers como uma *Weltanschauung* (visão de mundo). Em seu famoso estudo, Freud distingue dois sentimentos típicos do indivíduo frente à perda do objeto amado – o luto e a melancolia. O primeiro, trabalho paulatino de reelaboração psíquica, permite ao indivíduo uma liberação gradativa ao se submeter ao princípio da realidade. A melancolia, porém, é detonada quando o objeto perdido é subtraído da consciência. Daí o caráter difuso da dor melancólica, pois a fonte do desprazer está ausente e iratingível.

Urbach desloca estes mecanismos para uma chave cultural. Segundo ele, a obra de Ungers é uma resistência ao mundo fragmentário atual, que tem como essência a fugacidade e a ruptura. Como a unidade perdida foi subtraída da consciência cultural do mundo contemporâneo – e portanto do campo do possível – na arquitetura de Ungers ressoa uma especulação melancólica, onde a perda e a ausência não param de pulsar. "Algo amado e perdido subsiste no ar, mas é irreperável". Neste sentido, o passado não se entroniza como símbolo, não opera como ordenador do devir. A arquitetura de Ungers está totalmente à margem de uma atitude contextualista ou historicista. Sua dimensão coletiva advém do fato que a perda é coletiva e o mal-estar é de toda uma civilização. A melancolia, neste registro, é uma operação cultural lúcida, pois recupera vestígios da totalidade sem chorar por seus fragmentos irreperáveis.

Quatro títulos interessantes de Gustavo Gili: Adolf Kischantz, *Genius Steiner* e *Jose Bonzan*, 1997. *Paulo Nêcio Celso* dos métodos experimentais, *Quilobô Gê* (Gênesi), 1997. *Dicionário (quatro de arquitetura)*, *Paralelo D & Cheng*, CO México, 1991.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

**Biblioteca Óculum – CAD FAU PUC-Campinas**  
*Por uma poética popular da arquitetura*, Júlio de Lamonica Freire, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1997. E os seguintes títulos do Studio Nobel: *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*, Nadia Somekh. *História viajante: notas filosóficas*, Olga Matos. *O desmanche da cultura*, Mike Featherstone. *Espaço intra-urbano no Brasil*, Rávio Villeça.

### XX Congresso da UIA – Beijing 99

O tema para a competição de estudantes será *Habitación urbana para o século 21*. Info: 8# Zhuzong Dayuan, East Beichen Rd., Chaoyang Dist., Beijing 100101 China, fon 86 10 6492.4782, fax 86 10 6492.4722, uiabeijing99@public.gd.com.cn

**Seminário "História da cidade e do urbanismo"**  
O Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas organiza, 14-16 out/98, o V Seminário "História da cidade e do urbanismo". Info: Secretaria do Pós-graduação da Faupuccamp, fon 019 754.7088, fax 019 754.7196, email VSHCU@acad.puccamp.br

### Forum de jovens arquitetos na França

A Federação Mundial de Jovens Arquitetos promove Forum Internacional que tratará do desenvolvimento sustentável da região do rio Agly, sul da França. Currículos dos arquitetos interessados serão avaliados até o final de julho. Info: <http://www.acesso.com.br/~jodin/fmjja.htm>

**Curso de verão na Architectural Association**  
Aberto para estudante e arquiteto, de 13 a 31 jul, o curso "FLUXion: unfolding the city from within" estará enfocando uma área periférica de Londres, local onde convivem o desenvolvimento e a pobreza. Info: Deborah Street, Summer School, Architectural Association School of Architecture, 34-36 Bedford Square, London WC1B 3ES, fon 00 44 171 887 4000, fax 0171 414 0782, email: arch-assoc@arch-assoc.org.uk, site: <http://www.arch-assoc.org.uk>

### Arquitetura de Artigas e Reidy em Londres

A exposição *Brazil Still Builds: The work of Vilanova Artigas e Alfonso Reidy* ocorreu no mês de junho na Architectural Association. Foi organizada pelo arquiteto Michael Henzel com a colaboração do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, da Fundação Vilanova Artigas e dos arquitetos Nabil Bonduki, Álvaro Pantoni e Rosa Artigas. Próximas exposições: Paulo Mendes da Rocha (nov/98) e Jovens Arquitetos (mai-jun/99). [Ligia Velloso Nobre]

### Eventos de informática em Santa Catarina

A UFSC promove de 30ago a 02set a I Conferência Latino-americana de informática no ensino de arquitetura e o IV Seminário nacional de informática no ensino de arquitetura. Info: UFSC Dep. de Expressão Gráfica, CP 476, 88040-900 Florianópolis SC, Fax 048 331.9988, fon 048 331.9978, coinfa@arq.ufsc.br <http://www.arq.ufsc.br/COINFA>

agosto 1998  
ano 3  
edição mensal temática

## Exposições de trabalhos de alunos da FAU PUC-Campinas

Editorial

oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Comitê de Assessoria Editorial (CAE) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente consideradas pela editoria ou pela direção da revista.

Editor responsável:  
Abílio Bustos

Correspondentes:  
Afonso Gregório Capucho  
Cristina Mochini LUI  
Eduardo Aquino Casati  
Marcos Toyon Akio  
Mário P. P. de Moraes  
Otilio de Oliveira Saigo  
Paulo Mário Moraes  
Paulo Djaló J. França  
Rafael Moreira Almeida  
Renato Galvão Aguiar  
Walter Carlos de Jesus

Membros:  
André Garcia  
Dante Camargo  
Nádia Patrícia Cabral  
Nádia Lavigne  
Pádua Vitoria de Sá  
Tarciso Alencar

FAU PUC-Campinas  
Diretor:  
Wilson Ribeiro da Silva  
Vice-diretor:  
Vitoria de Sá  
Coordenador de curso:  
Renato Marques de Almeida

Centro de Apoio Didático  
Rua Dr. Pedro - 1 - km 130  
Campinas - CEP 13080-500  
Campinas SP Brasil  
Fone: (51) 019-254-7158  
Fax: (51) 019-255-8376  
E-mail: oculo@pucnet.br

Boletim Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-900 São Paulo SP  
Fone-Fax: (011) 2669963  
E-mail: oculo@uninet.com.br

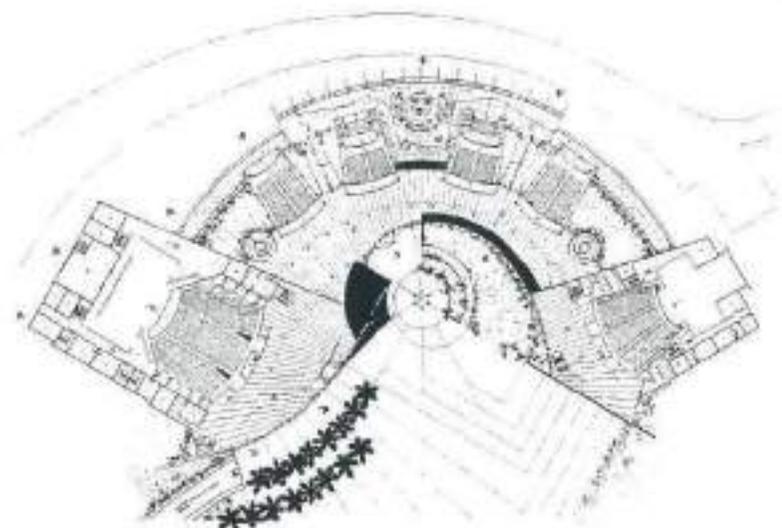
Página Web on Internet:  
www.pucnet.br/~ocul

Assinatura  
Fórum de Assinatura  
Da Editora Óculo



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Alessandra Pascoal, "Centro Cultural Metropolitano" para o CIATEC - Mito de Alta Tecnologia, Planta baixa.

Aconteceu nas duas semanas passadas, no Espaço de Exposições da FAU PUC-Campinas, uma exibição de trabalhos de alunos que se formaram no final de 1997. Com apresentação esmerada e excelente qualidade de desenvolvimento, eles retrataram bem o avanço acadêmico por qual tem passado o ensino em nossa escola.

O curso de graduação em arquitetura e urbanismo da FAU PUC-Campinas é constituído por um conjunto de disciplinas semestrais alocadas em cinco departamentos (Projeto, Planejamento Urbano, Teoria e História, Tecnologia, Linguagem) e que são ministradas nos primeiros quatro anos. No último ano todos estes departamentos se organizam em torno de um trabalho síntese - Trabalho de Graduação Interdisciplinar TGI - que, ao contrário das outras disciplinas, desenvolve-se anualmente.

São constituídos, no início de cada ano letivo, cinco grupos de trabalho, um em cada dia da semana, formados por cinco professores dos diversos departamentos e cerca de 25 alunos. Para cada dia é escolhido um tema de intervenção arquitetônica e urbanística para uma área específica que envolva questões complexas e escalas diversas. Do ponto de vista didático, o desenvolvimento do trabalho obedece a duas dinâmicas: a) coletiva, onde professores, alunos e diversos convidados estabelecem o campo de discussão, delimitam o con-

junto de problemas e propõem estratégias de enfrentamento; b) individual, onde os alunos desenvolverão um projeto arquitetônico-urbanístico individual, com orientação coletiva dos professores.

A avaliação dos trabalhos é feita com a combinação de critérios diversos, visando dar conta de vários aspectos acadêmicos. O processo de trabalho é avaliado durante todo o ano e culmina com a realização da "Pré-banca", onde os alunos devem provar condições de terminar a contento o projeto em andamento. Uma vez alcançada a aprovação nesta etapa, todas as notas são "zeradas" para a Banca Final (com-

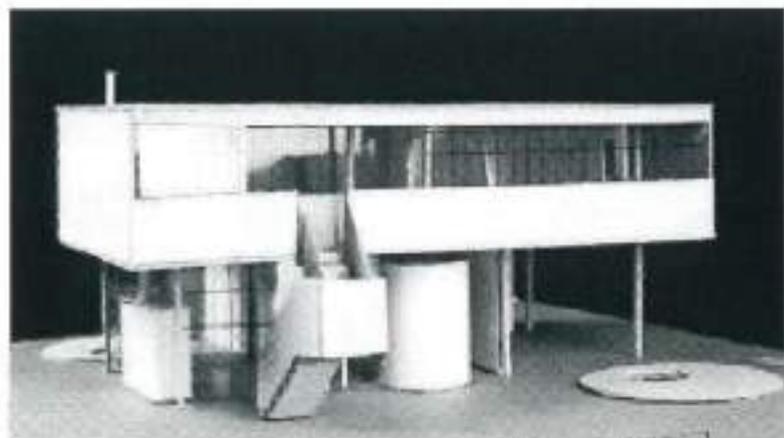
posta por professores orientadores, outros professores da casa e profissionais externos), onde será avaliado apenas o trabalho em sua versão final, composto pelo projeto e por um "Memorial Crítico", onde o aluno deve retratar a reflexão que sustenta sua proposta arquitetônica.

Os trabalhos expostos foram os seguintes: Fernando Katayama, "Centro Social e de Convenções" (2ª feira); Daniela Galli e Alessandra Pascoal, "CIATEC Pólo de Alta Tecnologia" (3ª feira); Fabiano Andrade e Fernanda Marafon, "Revitalização da Barra Funda" (4ª feira); Carla Cubero e Larissa Bresciani, "Centro de Convência para 3ª Idade" (5ª feira).

### Exposição de maquetes

No final do 1º semestre, também alunos do 1º ano tiveram seus trabalhos expostos. Tendo como tema a arquitetura moderna nacional e internacional e como produto final maquetes de estudo e definitivas, os alunos puderam mostrar um resultado surpreendente em se tratando de primeiranistas.

Exposição "TGI 1997". Curador: Prof. Denis Muniz Berfald. Disciplina: TGI. Horário: Centro Audiovisual. Local: Espaço de Exposições. Período: De 05 a 14 ago. Exposição "Arquitetura Moderna Internacional". Curadores: Prof. Abílio Guerra e Prof. M. Beatriz Camargo Assis. Disciplina: Introdução à Arquitetura Moderna. Horário: Centro Audiovisual. De 28 jun a 03 jul. Local: Espaço de Exposições. Período: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, Campus I, Rua Dom Pedro II n. 136, 13089-500 Campinas SP. Fone: 019-256.7077, <http://www.pucnet.br/~ocul>



Residência Milan, arq. Carlos Milan. Alunos: Juliana Ferraz Zanella, Júlio Monteiro Andrade e Márcio Henrique

PUC-CAMPINAS



Casa n.º 675, Mario Russo, 1948. Abaixo: Casa do Diretor, Walter Gropius, 1926 e Casa Schröder, Gerrit Rietveld, 1925

Em fevereiro de 1997 iniciou-se a destruição da casa n.º 675 da Av 17 de Agosto em Recife. Construída em 1948, a casa foi projetada por Mario Russo, arquiteto italiano que chegou ao Recife em 1948 para trabalhar no plano arquitetônico para o campus da recém fundada Universidade Federal de Pernambuco. Tendo permanecido no Recife até 1956, Russo atuou como professor de arquitetura na antiga Escola de Belas Artes e projetou um pequeno mas significativo conjunto de obras, que hoje constitui parte importantíssima do patrimônio da arquitetura moderna pernambucana. Entre suas obras destaca-se a Casa 675, uma das mais altas realizações da poética racionalista na arquitetura pernambucana, e que incorpora influências de vertentes do Movimento Moderno que são observadas com pouca frequência na arquitetura moderna brasileira. Sob este aspecto, a Casa 675 é singular: além da natural influência da obra de Le Corbusier, a obra de Russo incorpora influências do Neoplasticismo holandês e do Racionalismo de Bauhaus. A sutil decomposição do volume prismático em planos que se projetam no espaço, a ortogonalidade absoluta, a economia de meios plásticos, a redução da composição aos seus elementos essenciais, são características da casa em questão que evidenciam influências da arquitetura de Gropius, de van Doesburg e Rietveld, que provavelmente chegaram até Russo pela obra de arquitetos racionalistas italianos como Terragni. Na obra de Russo estas influências européias são adaptadas ao contexto local. Esta é provavelmente a qualidade mais importante da Casa 675, que constitui um exemplo feliz de adaptação da linguagem internacional da arquitetura moderna às peculiaridades da nossa cultura e do meio ambiente tropical. A valorização da varanda, por exem-

plo – presente no piso superior da Casa como um generoso espaço aberto e sombreado – demonstra a intenção de Russo de criar espaços adequados à vida no trópico nordestino. A presença do azulejo como revestimento decorativo é outra característica que comarava que Mario Russo buscava criar uma arquitetura moderna autenticamente brasileira. Ecoando as experiências do grupo de Lucio Costa e Le Corbusier no projeto do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, Mario Russo emprega o azulejo decorado em azul e branco, que aparece na casa 675 como elemento da tradição arquitetônica local incorporado à linguagem internacional da arquitetura moderna.

Enquanto expressão pura do Racionalismo na arquitetura, a Casa 675 constitui manifestação de uma poética cartesiana, uma poética da razão lógica, uma poética solar, de luz e transparência, de clareza e rigor. Este rigor cartesiano manifesta-se em um ascetismo formal e uma economia radical de meios plásticos. Certamente esta não é uma arquitetura de apelo fácil, de encantos imediatos, mas sim uma arquitetura que requer sensibilidade para ser apreciada. Todavia, ainda que esta arquitetura possa parecer árida aos olhos de observadores pouco sensíveis, o rigor e a simplicidade plástica que caracterizam a Casa 675 são profundamente significativos na medida em que constituem a concretização arquitetônica do Espírito de uma época, de uma determinada visão de mundo. O tema da preservação do patrimônio arquitetônico é um tema extremamente complexo. Porque preservar. Como preservar e, sobretudo, O que preservar, são questões complexas e não raro polémicas. Raros são os casos consensuais, nos quais se atinge uma unanimidade quanto à necessidade de preservar uma determinada obra. Por incrível que pareça, a Casa 675 era um destes raros casos consensuais, e estava entre os imóveis protegidos pelo Estado como parte do nosso patrimônio cultural. Mas só até outubro de 1997, quando – a despeito da oposição de alguns arquitetos – o Conselho de Desenvolvimento Urbano do Recife decidiu excluir a Casa da lista dos imóveis preservados. Isto resultou a sua destruição.

O caso em questão nos leva a repetir uma velha indagação: Que contribuição se deve esperar de nós arquitetos no esforço para a preservação do patrimônio da arquitetura brasileira? Talvez a reflexão sobre esta questão possa contribuir para evitar a repetição de fatos como o ocorrido.

Vittorio Corinaldi, Israel

Acaba de ser lançada em Israel a primeira hebraica do já clássico *Vers une architecture* de Le Corbusier<sup>1</sup>. O fato tem uma repercussão particular para o contexto da arquitetura israelense.

Deve-se ver como um sintoma positivo o aparecimento de uma consciência histórico-crítica, num ambiente que até agora havia se caracterizado por um exercício profissional basicamente imitativo de culturas do grande mundo, sem assimilar seu substrato filosófico e ideológico. A obra de Le Corbusier teve um impacto especial sobre a maioria dos arquitetos que marcaram o ambiente físico israelense: não só por intermédio daquele período dos anos 30 em que se moldou a primeira tradição da arquitetura de Israel, caracterizada pela assimilação generalizada dos postulados do *Bauhaus*<sup>2</sup>, como também pela conformação que se deu ao "habitat" estatal nos primeiros anos do país: foi aquela a época de uma migração massiva de centenas de milhares de pessoas que vieram a triplicar no espaço de poucos anos a população do país, exigindo soluções rápidas e econômicas para o problema premente da moradia.

E embora a extrema falta de recursos tenha gerado no início soluções planimétricas e construtivas demasiado modestas e precárias, reconhece-se nelas o endereço formal e teórico das idéias de Le Corbusier. Este é sensível também na impositiva urbanística de novas cidades, ou na expansão das cidades existentes em novos setores residenciais, que na maioria vieram a ser ocupados por populações de origem cultural alheia aos critérios racionalistas e aos costumes sociais europeus – vinde não raro a se transformar em centros de desigualdade e discriminação, e até de criminalidade: o *shikun* (unidade de habitação) israelense transformou-se na imagem física deste problema social, o que conduziu nos anos 70 a uma reação no sentido de uma "explosão suburbana" de loteamentos especulativos, monótonos e irrespeitosos do ambiente e da paisagem, e numa onda de construção *Do you yourself* de sobrados de mau gosto e péssimo projeto, onde a ilusão de liberdade é fornecida por minúsculos *jardins* privados, e por recuos obrigatórios e irrisórios da divisa de cada parcela. A edição hebraica do *Vers une architecture* despertou também novas polémicas e interrogações sobre a figura do grande mestre francês: ao analisar suas idéias e sua obra já numa perspectiva de 75 anos, torna-se hoje bastante evidente a contradição entre a intenção democrática e renovadora de seu pensamento e a atitude egocêntrica e absolutista, frequentemente simpáizante de regimes anti-democráticos. E vemos com clareza quanto esta mensagem é antes de mais nada o trabalho de um gênio exuberante e individualista, que procurava moldar o mundo à sua imagem, e não tinha escrúpulos (pelo menos no plano literário) em advogar uma total abstenção frente aos patrimônios culturais já cristalizados.

1 Likrat Arquitetura (*Vers une architecture*). Tradução de Idit Basson. Organização editorial: a/c Sharon Basson. Ilustrações: 2 Vittorio Corinaldi, *Modernismo Periférico*, revista *Opium* 3/86



## Architectural Association expõe arquitetura brasileira

Ligia Nobre, André Leirner, Londres  
ligian@globalnet.co.uk



Atas do encontro com Michael Hensel, arquiteto e professor da Architectural Association, Londres, e responsável – em colaboração com o Instituto Lina Bo e P. M. Bardí, Fundação Vilanova Artigas e a Embaixada Brasileira – por uma série de 3 exposições na AA sobre a arquitetura brasileira. A 1ª foi realizada em junho de 08, sobre Artigas e Belyi Terenos ainda Paulo Mendes da Rocha (novembro 08) e Jovens Arquitectos (junho 09).

### Objetivo e critérios

"Pensei na continuação da série de exposições apresentadas no MOMA de Nova York nos anos 40 (*Brazil Still Builds*). Quis reintroduzir o fato de que algo realmente extraordinário havia ocorrido naquela época e que algo deste movimento ainda continua – há realmente trabalhos muito interessantes acontecendo na arquitetura brasileira que não são conhecidos na Europa."

"Depois de um encontro com Marcelo Ferraz (Instituto Lina Bo e P. M. Bardí), ficou claro que teríamos uma sequência de exposições e eventos relacionados a seminários, que traçariam parte do desenvolvimento histórico da arquitetura no Brasil de 1943 até hoje, constituindo 3 eventos. Uma exposição focaria alguns dos contemporâneos de Niemeyer, com obra do mesmo nível, mas não tão conhecidas no exterior. Depois, uma conexão com um dos mais importantes arquitetos brasileiros da atualidade, Paulo Mendes da Rocha, tomando seu trabalho como uma continuação, apesar das interrupções provocadas por mudanças políticas. O vazio entre a produção de Paulo Mendes e a atual geração de é aqui considerada como vantagem, por permiti-los rever com distanciamento crítico algumas das questões importantes anteriormente."

"Reconheço que a seleção prioriza São Paulo, mas não foi intencional. Desejávamos que ao longo dos 3 eventos pudéssemos gerar algum tipo de interesse. Outra intenção seria criar uma consciência pública que possa ajudar alguns dos esforços de produção contemporânea brasileira à sobreviverem ao ato de colonização."

### Influências na produção contemporânea

"Eu conheço muito pouco sobre as intenções dos arquitetos do tempo de Artigas. Mas penso que é realmente importante visitar estes projetos e enxergar neles a resposta contemporânea para problemas contemporâneos relacionados a espaços sociais. A emergência de projetos atuais podem

ser relacionados a projetos brasileiros – por exemplo, a Biblioteca Jussieu (Rem Koolhaas) à FAU USP, ou o projeto em Agadir do OMA ao Pavilhão Brasileiro em Osaka de Paulo Mendes –, e o fato de que hoje nós podemos entender e trazer uma outra leitura àquelas tentativas, permiti-nos olhar para aquela arquitetura sem necessariamente saber muito sobre as intenções do arquiteto, mas de fato avaliar seu espaço. Penso que é onde reside o potencial e onde nós temos muito a que aprender da arquitetura brasileira. Alguns dos chamados movimentos europeus atuais podem ser facilmente relacionados a esforços realizados décadas atrás no Brasil. Não é por acaso que pessoas como Rem Koolhaas visitaram o Brasil e experienciaram conscientemente alguns desses espaços. Podemos perceber alguns traços daquela arquitetura na produção atual destes arquitetos. Neste sentido, torna-se mais uma maneira retroativa de olhar estes projetos buscar neles algo que nos auxilie no enfrentamento dos atuais problemas urbanos."

### O edifício e a cidade

"O interessante em projetos como a FAU-USP ou o Terminal de Ônibus em Jaú de Artigas é a quase indistinção entre desenho urbano e edifício. As aberturas do edifício e as superfícies contínuas tendem a dissolver distinções entre interioridade e exterioridade existentes no corpo sócio-coletivo da cidade. Estes limites tornam-se mais e mais ambíguos e neste sentido a condição possível de um evento urbano dentro do edifício é muito importante. Um triste exemplo é o Museu da Escultura, de Paulo Mendes, pois este fantástico espaço social e coletivo passa a ser, com a colocação de grades ao seu redor, somente um adensamento da malha urbana. É um exemplo de como uma rica espacialidade pode ser facilmente destruída."

"Este é um grande problema e não acho que a solução seja simplesmente remover grades. A questão é saber como seria possível rearticular o espaço público para que este se mantenha de fato público. Ou seja, pensar a articulação entre espaço público e políticas de controle e organização do mesmo, e como estas questões podem ser integradas de uma forma estratégica a outras formas/ modos de desenho urbano."



MUSEU, Paulo Mendes da Rocha. Fotos Nelson Kon e André Otter.

## O panoptico e o ensino de arquitetura

Ana Paula Baltazar, Inglaterra  
AnaPaula@arquitetura.demon.co.uk

A University College London (UCL) foi instituída em 1828, tendo como base as idéias de Jeremy Bentham, um de seus fundadores. O pensamento de Bentham pode ser exemplificado com seu Panóptico, um projeto para prisão inglesa que não chegou a ser efetivado. O Panóptico seria uma torre central rodeada pelas celas dos presidiários. Desta torre teria-se uma visão completa de todo o presídio através de venezianas que impediriam a visão do interior da torre pelos presidiários. Assim, os presos teriam a sensação de estarem sob observação durante todo o tempo. Essa conscientização da vigilância a alteraria o comportamento dos presidiários, que até então vinham sendo punidos quando eram vistos cometendo uma infração, em vez de receberem orientação para não cometê-la. Segundo Foucault, a consciência substituiria a punição corporal e o aparato de punição daria lugar a uma real malícia punitiva imposta pelo Panóptico.

Mesmo não tendo sido construído, o Panóptico pode ser considerado um marco histórico conceitual, por apontar a possibilidade de alteração do comportamento a partir de uma conscientização moral. Podemos ver os reflexos da consciência panoptocista na UCL, que foi a primeira universidade na Inglaterra sem restrições sociais, raciais, religiosas e de sexo para admissão de estudantes, ao contrário de Cambridge e Oxford. A primeira cadeira de Arquitetura foi estabelecida em 1841, e deu origem à Bartlett School of Architecture, Building, Environmental Design and Planning. Assim, a escola de arquitetura da UCL também nasceu desse projeto de conscientização panoptocista, que não deixa de ser ainda hoje uma proposta pioneira para o ensino universitário. Embora o ponto de vista panoptocista não esteja totalmente ultrapassado, já se passaram mais de 200 anos desde sua primeira concepção, e Jean Baudrillard em seu texto "O fim do Panóptico" prenuncia seu destino, ainda que sem apontar uma solução.

Desde 1841 até hoje a arquitetura já experimentou diversas mudanças, tanto estruturais, quanto estéticas e conceituais. No fim de junho passado, a exposição dos trabalhos dos estudantes do curso de graduação da Bartlett sintetizava, de alguma forma, a cara da arquitetura deste fim de século, apontando para a superação do ponto de vista panoptocista – unidirecional, embora abrangente – e a introdução de uma visão pantopicista – multidirecional e ainda mais abrangente – patrocinada pela experimentação, instigada pelo pensamento de seu diretor, o arquiteto Peter Cook. Assim como o Panóptico, o Pantópico também surge de uma proposta arquitetônica – pan-tópos, proposto pelo arquiteto do cyberspaço Marcos Novak – e já pode ser identificado como a tónica dos trabalhos de investigação que buscam explorar as possibilidades da digitalização da arquitetura, buscando tornar qualquer espaço "habitável".

A exposição dos trabalhos dos estudantes de graduação da Bartlett apontou todo fim de uma letiva (junho)

## Arquitetura moderna e habitação popular no Brasil

Carlos R. Monteiro de Andrade  
candrade@sc.usp.br



O novo livro<sup>1</sup> de Nabil Bonduki, vem contribuir para preencher lacunas tanto na historiografia da habitação popular no Brasil, quanto na historiografia da arquitetura moderna brasileira. Neste trabalho, Bonduki traça um quadro panorâmico da habitação popular no Brasil. O período coberto vai da emergência da habitação como uma questão social, em meados do século passado (sobretudo, a partir da abolição da escravidão) até o fim da era Vargas – com os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, a expansão periférica de casas auto-empresendidas e a proliferação das favelas.

Trata-se de uma obra – pioneira no enfoque e na abrangência do período analisado – de história social da moradia do trabalhador no Brasil. Apoiado em uma ampla e cuidadosa pesquisa – na qual se destaca o levantamento iconográfico – o livro de Nabil Bonduki articula pontos de vista analíticos diversos, mas complementares. Estes abrangem tanto as variáveis econômico-político-jurídicas – ao estudar o papel desempenhado pela Lei de Inquilinato na produção da casa para o trabalhador –, como os aspectos arquitetônicos e urbanísticos – ao apresentar os conjuntos habitacionais construídos pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões nas décadas de 1940-50.

É no capítulo em que aborda tais conjuntos habitacionais que Bonduki põe à tona inúmeros projetos que demonstram ter havido uma rica experimentação formal e construtiva, com inúmeras soluções tipológicas apresentando claras influências de concepções europeias – dos blocos laminares das *Siedlungen* alemãs, às mega-estruturas lineares de Le Corbusier, passando pelos traçados pinturescos dos subúrbios-jardins –, quase sempre assimiladas de modo original.

Revelando uma fecunda produção dos arquitetos modernos brasileiros, emerge com os projetos habitacionais um corpo de profissionais ainda pouco conhecidos, como Carlos Frederico Ferreira, Rubens Porto, Carmen Portinho dentre outros, que indicam ter sido a arquitetura moderna brasileira um movimento mais complexo do que a historiografia tende a caracterizar, ao enfatizar apenas suas obras e figuras luminárias.

<sup>1</sup> *Crônicas da habitação social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Orlado do Casa Própria*. Nabil Bonduki, Editora Estação Liberdade, J. Papéis, 1998, 314 págs.

Carlos R. M. de Andrade é arquiteto docente pesquisador do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do EESC-USP; ex-professor convidado do Curso de Mestrado da FAU-UNICAMP.

## Um novo livro de Benevolo, mas ainda com perpétuos rancores

Marcos Tognon, Itália  
tognon@sabsns.sns.it

É muito estimulante para o jovem estudante de arquitetura italiana encontrar, fresquíssimo em uma livraria, o novo livro de um dos velhos e mais seguidos mestres, senão o autor das primeiras leituras, como é o caso de Leonardo Benevolo. Sempre fiel a boa casa editorial Laterza, Benevolo nos oferece um texto que registra aquela liberdade na escritura, na associação de ideias, no decantamento de opiniões que só a precisa e longilínea experiência no ensino, no largo respiro do historiador e do comunicador da visibilidade arquitetônica permitem: Leonardo retomou a atividade docente na Accademia di Architettura (Mendrisio, Suíça), e quem não se recorda dos grandes manuais *Storia dell'architettura moderna* (1960), *Storia dell'architettura del Rinascimento* (1973), e dos "álbums" iconográficos *Storia della città* (1975), *La casa dell'uomo* (1976), entre outros. Pois é confrontando com esses antecedentes que se pode degustar as novidades do volume *L'architettura nell'Italia contemporanea*. Temos os capítulos relativos a quadros periódicos da evolução da cultura arquitetônica italiana desde a unidade política (1871) até as "perspectivas" no final desse século, mas capítulos, sublinhamos, dominados por poucos e econômicos temas, favoráveis ao que Leonardo Benevolo cultua como base para a sua crítica. Certo, é um livro de juízos críticos de Benevolo sobre momentos da história da "paisagem construída".

As notas de rodapé são substituídas pelas grandes citações dentro do corpo do texto, inteiras páginas e muitas ilustrações até incomuns para um livro de crítica de arquitetura. É aqui que Benevolo se renova, um crítico que coloca tantos registros culturais e, depois, pede uma resposta à arquitetura e ao urbanismo nesses últimos cem anos na Itália. Os "Canti" do poeta Giacomo Leopardi, as fotografias urbanas nos Oitocentos, a literatura utópica futurista, as obras dos artistas Giorgio Morandi e Fontana, as películas realistas de Felini e Rossellini, a operosa retórica de Italo Calvino, garantem um contraponto, uma "pietra di paragone", uma consciência da "degradação da paisagem herdada historicamente" no solo italiano.

*L'architettura nell'Italia contemporanea*, Leonardo Benevolo, Roma-Bari, Laterza, 1998, ISBN 88-420-5507-8, 18.000 Liras



Leonardo Benevolo e Gregorio Anselmi. Projeto para a reorganização da zona arqueológica central de Roma, 1964-66

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



### FAU PUC-Campinas no Concurso Paviflex

O ex-aluno Diego Wisnivesky teve seu trabalho de TGI "Laboratório Sincrotron / Parque Tecnológico" (orientação de Antônio Fernandes Panizza e equipe da 3ª feira) agraciado com menção honrosa no 10º Concurso Paviflex. Premiados: Mauricio Lamosa Nunes (Mackenzie SP); Fabricio Risas Chicca (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal, MS); Swane Doya Salles, Fernanda Silva Vilela e Paulo Fontes de Queiroz (os 3 da Universidade Federal de Pernambuco).

### Biblioteca de arquitetura Óculum - CAD

1. *O móvel da casa brasileira*, Glória Bayeux, Museu da Casa Brasileira, Av. Brig Faria Lima 774, 01467-000 São Paulo SP, fon 011 210.2554, fax 210.2499, mcb@arquitetura.com.br.
2. *Eupólios ou o arquiteto*, Paul Valéry, Editora 34, r. Hungria 592, 01455-000 São Paulo SP, fon 011 832.1041, fax 210.9478
3. *As cidades na economia mundial*, Saskia Sassen, *Megalópolis*, Celeste Dialquiaga, e *Limites de Design*, Dijan de Moraes, Studio Nobel, r. Maria Antônia 108 F, 01222-010 São Paulo SP, fon 011 257.7599, studio Nobel@livrariainobel.com.br
4. *Eficiência energética na arquitetura*, Roberto Lamberti et al, Eletrobrás / Procel, venda na ProEditores, fax 011 3871.3113.

Concurso de ideias 2G para arquitetos sub-40 Enric Ruiz Geli, de Barcelona, foi o vencedor do concurso de ideias para a Fundação Mies van der Rohe. Resultado completo: <http://www.ggll.com>

### Seminário Nutau'98 na Fau-USP

Com o tema *Arquitetura e urbanismo: tecnologias para o século XXI*, o Núcleo de Pesquisa em Tecnologia promove o evento de 8-11 set 98. Info: r do Anfiteatro 181, Colmeia Favo 6, Cid. Universit., 05508-900 SP/SP, fon 011 810.3209, <http://www.usp.br/nutau/nutau.htm>, nutau@org.usp.br

### Workshops de Verão, Venezuela e França

Organização Centre International de Recherche et d'Education Culturelle et Agricole (Boisbuchet, França). Info: Centro de Arte La Estancia, Av Santa Ana, Urbanización La Floresta, Caracas 1060 Venezuela, fax 58(0)2-208 6968; *Vitro Design Museum*, "Workshops", Charles-Eames-Strasse 1, D-79576 Weil am Rhein, Alemanha, fax 49 (0)7621-7023 580, workshops@design-museum.de

setembro 1998  
ano 3  
edição mensal/ativa

Fernando Carrascal apresenta seus projetos para Sevilha na FAU PUC-Campinas  
oculum@uninet.com

Os anais do III Seminário  
Sidney Tamai  
stamai@acad.puccamp.br

**Boletim Óculum** é um informativo de assuntos ligados à Nova Ócula, um e-mail editado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Quando possível, as nossas atividades são socialmente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

**Editor responsável:**  
Abilio Guerra

**Correspondentes:**  
Arlene Oliveira-Camelo  
Cristina Mendes-ITA  
Eduardo Aquino-Cadafi  
Marcelo Fogari-Ida  
M. Pêra P. Pinheiro-Sagebi  
Cláudia de Oliveira-Sulzer  
Paul Mouton-Holande  
Paulo Sérgio-Araújo  
Rafael Mello-Alencastro  
Renato Quaresma-Araguainha  
Viviane Carvalhal-Isart

**Membros:**  
André Bicalde  
Sérgio Carnevali  
Fátima Aparecida-Castaldi  
Rafael Laurini  
Flávia Maria-Davini  
Tatiana-Mayer

**FAU PUC-Campinas:**  
Diretor:  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr.  
Vice-Diretor:  
Irene Wroble  
Coordenador de curso:  
Ricardo Marques de Azevedo

**Centro de Apoio Didático:**  
Rua D. Pedro II - km. 120  
Campus I - CEP 13089-900  
Campinas-SP-Brazil  
Tel: 55 019 7547155  
fax: 55 019 3554376  
faud@cad.puccamp.br

**Revista Óculum:**  
Avenida Campinas 51  
01404-900 São Paulo SP  
fone-fax: 011 3888960  
oculum@uninet.com.br

Nossa Web na internet:  
www.puccamp.br/~fau

Aplicativo para  
Apple ou Mac  
Téléchargez sur  
Kodak



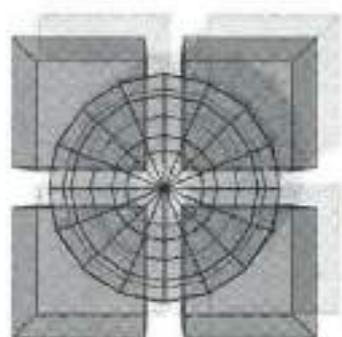
DAIDIGITAL

IMPRESSO

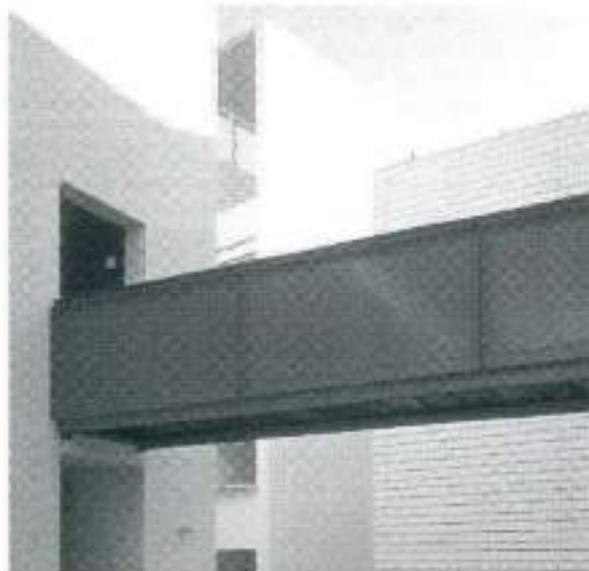
No último dia 02 de setembro, o arquiteto andaluz Fernando Carrascal esteve presente na FAU PUC-Campinas, onde fez uma palestra para professores e alunos da escola. Associado a José María Fernández, Carrascal tem hoje um dos mais conhecidos escritórios de Sevilha, com projetos publicados nas mais importantes revistas espanholas, como a *Croquis*, *Arquitectura Viva*, *Arquitectura y Vivienda*, *On Diseño* e outras. O arquiteto é também professor de disciplina de projeto da Escola Técnica Superior de Arquitectura de Sevilha - ETSAS. Convidado pela revista *Óculum* - cujo próximo número tratará de revitalização de áreas degradadas - em sua apresentação em Campinas, Carrascal priorizou o tema da revitalização de edifícios e áreas centrais degradadas, detendo-se em especial sobre dois projetos recentes, sendo um a conversão do Palácio de Hernán Cortés - uma antiga residência do século XVII atribuída equivocadamente ao nobre espanhol - em habitação coletiva de interesse social, e o outro uma renovação de quadra em área muito degradada do centro histórico sevillano, tendo também como tema habitação para população de baixa renda. Este último, situado onde anteriormente haviam 3 "cornis" (terrenos de ocupação

intrincada e alta densidade populacional), resultou em 83 habitações, onde os arquitetos responsáveis trabalharam dentro de diversas limitações impostas pela Comissão de Patrimônio e pelas normativas do Plano Diretor de Sevilha.

A manutenção de antigas características da ocupação - com a predominância da tipologia "cortijo" e a existência de sucessivos pátios de iluminação e distribuição do fluxo - mereceu uma sofisticada resposta de projeto. Como o código obrigava apenas as salas serem iluminadas pelo próprio terreno, mas era omissa quanto a cozinhas, dormitórios e banheiros, os arquitetos optaram pela articulação de espaços com predomínio da servidão (aberturas em terrenos alheios), onde a privacidade individual e a noção de conjunto foram obtidas com engenhosas janelas de venezianas móveis dissimuladas nas paredes brancas. As unidades são diversificadas para atender o recorte irregular dos 3 terrenos originais, com apartamentos simples, com entrada pelo nível do solo, e apartamentos duplex, com entrada pelo primeiro andar. Para potencializar o uso das caixas de escadas, duas pontes cruzam um dos pátios, provocando com sua cor vermelha e presença escultórica uma ruptura da homogeneidade do conjunto.



O CDrom contendo os anais do III Seminário "A informática no ensino da arquitetura" (setembro 1997), já está disponível na FAU PUC-Campinas. Solicitamos aos professores, pesquisadores, coordenadores e diretores de escolas de arquitetura que entrem em contato conosco, com endereço completo, para envio gratuito do CD. O CD contém os papers dos participantes e dos convidados especiais como os da Prof. Dra. Lucrécia D'Alessio Ferrara e do arquiteto e músico Emanuel Dimas de Mello Pimenta. Este mesmo CD traz ainda dois programas Demos de alta performance para arquitetura - *Minicad e Atlantis*. A solicitação deve ser feita por email - cav@acad.puccamp.br ou então stamai@acad.puccamp.br



Reabilitação de quadra degradada no centro histórico de Sevilha. Projeto de habitação coletiva de interesse social. Arq. Carrascal e Fernández. Foto: Ducio Matagorda

PUC-CAMPINAS

## Projeto Rio Cidade Méier

Luciente Del Rio

delrio@rio.com.br



Área poderestransformada no Méier. Arquitetos: Mayerhofer e Toledo.

Situado a menos de 10 kms do centro do Rio, às margens de via férrea da RFFSA, o bairro do Méier consolidou-se como importante opção residencial para a classe média e, já nos anos 50, tornava-se um dos centros comerciais mais dinâmicos da cidade. Entretanto, o bairro encontrava-se muito deteriorado, com sérios problemas oriundos da ocupação desordenada e do trânsito caótico. As condições topográficas e o processo de parcelamento do solo geraram um tecido urbano de fraca continuidade física e visual, e a situação de seu principal eixo viário era caótica: circulação e desenho viário inadequados, estacionamentos irregulares, calçadas estreitas e cheias de vendedores ambulantes, e inexistência de sinalização, arborização ou áreas adequadas ao convívio social.

Estudos iniciais permitiram uma compreensão ampla da área e do bairro e um elenco das qualidades ambientais necessárias ao bairro foram identificadas e definidas como metas de projeto: imagem (recuperar a identidade e a imageabilidade, perdidas com o crescimento desordenado), continuidade (capacidade de funções e recuperação das relações físicas, espaciais e temporais), visualidade (legibilidade e qualidade estética), variedade (encontros e utilizações múltiplas) e conforto/segurança (apropriação e uso seguro dos espaços).

Dentre as intervenções implantadas pelo Rio Cidade para o Méier destacam-se: mini-terminal de ônibus para as linhas que ocupavam as vias públicas; redesenho do principal eixo comercial com homogeneização das caixas de rolamento, construção de canteiro central com palmeiras e baias para ônibus, táxi e carga/descarga; novo conjunto esportivo com iluminação própria e chafarizes marcando a entrada do bairro; reforma da Praça Agripino Grieco com a construção de anfiteatro e play-ground; arborização, iluminação diferenciada e redesenho dos passeios com novos padrões de piso coloridos; implantação de pocket plazas incluindo-se uma com pista de skate; nova passarela coberta sobre a linha férrea; sistemas de sinalização diferenciados; abrigos de proteção em paradas de ônibus e táxi e para concentrar o mobiliário de serviços como telefones públicos, banco, lixeiras e mapa.

Luciente Del Rio é arquiteta, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ, FAU-UFRJ, e professora de Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Nacional. Foi coordenadora do Projeto Rio Cidade Méier no escritório Mayerhofer e Toledo.

## Novos desafios na gestão de terras públicas no Brasil<sup>1</sup>

Pedro Abramo

abramo@NOVELLIPPUR.UFRJ.BR

A capital brasileira, Brasília, foi inaugurada no início dos anos 60 como uma "cidade nova" com a pretensão de inaugurar uma nova era das metrópoles latino-americanas onde o uso eficiente da terra pelo poder público permitiria um crescimento urbano ordenado. Dois instrumentos básicos foram dispostos para tal fim. O primeiro, o controle normativo do uso do solo a partir de um plano diretor concebido por Lúcio Costa. O segundo, a disponibilidade das terras da capital federal pelo poder público, que permitiria um planejamento da cidade sem os eventuais constrangimentos e conflitos advindos da propriedade individual da terra. Passadas três décadas e meia, a imagem atual de Brasília não difere substancialmente dos problemas vividos pelas outras grandes metrópoles latino-americanas. O crescimento explosivo da periferia desprovida de infra-estrutura básica, ocupações clandestinas, loteamentos irregulares, deterioração precoce do centro e altos índices de inadequabilidade urbana são fenômenos que a atual administração deve enfrentar, apesar de dispor, desde sua inauguração, do controle e propriedade fundiária da cidade.

Miopia fundiária e clientelismo administrativo Brasília pode ser definida como uma experiência singular de gestão de terras urbanas na América Latina, pois desde sua criação a gestão das terras públicas estava sob a responsabilidade da administração local. Entretanto, ao longo dos anos, a cidade apresentou um crescimento explosivo da sua periferia acompanhando a mesma lógica de ocupações irregulares e loteamentos ilegais das outras metrópoles latino-americanas. A grande diferença, no caso de Brasília, diz respeito à propriedade pública dessas terras ocupadas ilegalmente, afinal, paulatinamente, a possibilidade de direcionar o processo de crescimento urbano através de uma política explícita de acesso a terra pública foi sendo irremediavelmente comprometida. Outro processo que hipotecou de forma significativa as possibilidades da gestão do estoque fundiário público de Brasília foi a utilização política das mesmas, com a promoção de vendas irregulares e sem nenhum critério de eficiência administrativa e urbana. Nos primeiros anos da década de 90, a administração de Brasília distribuiu cerca de 65.000 lotes de forma irregular e desprovidos de infra-estrutura básica. Esse "clientelismo fundiário" com as terras públicas, além de reduzir o estoque das mesmas, implicou igualmente em uma necessidade de fontes de recursos para o financiamento de infra-estruturas. Como o principal recurso disponível pela Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal (Terracap) era seu patrimônio fundiário, o uso político gera uma outra consequência: a venda de terras públicas para financiar a infra-estrutura urbana da política de "clientelismo fundiário". Esse círculo vicioso de desperdício produziu fortes distorções que a atual administração local objetiva reverter com a utilização da terra pública como "capital" em uma efetiva política de gerenciamento de rendas fundiárias e custos urbanos.

Nesse sentido, a experiência de Brasília parece confirmar os argumentos georgianos que afirmam que a propriedade fundiária pública em si não resulta em um crescimento urbano mais equilibrado e socialmente equânime. Hoje a administração local procura definir estratégias de gestão das eventuais rendas fundiárias da propriedade pública procurando, direcionando o uso do solo urbano, o que indica uma nova forma de relacionamento do poder público com o mercado fundiário, pois aquele relativiza seu papel de principal ofertante de terras para transformar-se em um verdadeiro administrador de benefícios fundiários.

### A terra pública como capital fundiário

Essa nova estratégia de administração do patrimônio fundiário da capital brasileira tem como princípio básico a definição da terra pública com um "capital fundiário", cuja utilização, entretanto, está submetida a um conjunto de ações estratégicas e de vertebração urbana, transformando-se em fator indutor na consolidação do parque tecnológico do DF, em contrapartida pública no processo de reconversão de usos da área central da cidade, em instrumento de promoção social no programa de regularização fundiária e na utilização da terra pública como ativo fundiário nas vendas, *leasings* e parcerias em empreendimentos urbanos.

### Estratégias diferenciadas

A utilização de estratégias fundiárias diferenciadas permite ao poder público uma maior flexibilidade de suas ações. A busca de um equilíbrio entre as iniciativas de caráter social e outras onde o poder público procura maximizar seus rendimentos com a gestão do patrimônio fundiário ganha atualmente o contorno de uma verdadeira política de gestão da terra pública, rompendo com o caráter eventual de tais ações (miopia fundiária) e com o uso político da terra (clientelismo fundiário).

<sup>1</sup> Texto baseado sobre o "Seminário Internacional sobre Gerenciamento de Rendas Fundiárias e Custos Urbanos" em Brasília, organizado pelo Lincoln Institute, Instituto de Planejamento do Distrito Federal e Terracap, com participação de Alfredo Garay (ex-secretário de Planejamento do Buenos Aires), Bernard Pleson (MIT) e Henri Verstraete (Agência Fiscal de Rotterdam-Holanda).

Pedro Abramo é professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor dos livros "On the Social Theory of Urbanization: Residential" (Hobson's International, Paris, 1997) e "The Urban Collapsibility" (J. J. Harcourt, Paris, 1998).



Vista aérea da Ase Sul de Brasília. Foto: Rada Bento, DPMA-DF

## Habitação social e pré-fabricação

Pedro Moreira

ngmarchitekten@berlin.snafu.de



Edifícios complementares, Berlin-Mitte, arq. Jens Freyberg

A situação hoje verificada nos complexos habitacionais da Europa Central e Oriental significa para especialistas e a sociedade como um todo com um desafio de ordem até há pouco ignorada. O confronto com os disparates urbanísticos e arquitetônicos dos anos 50 e 60 já havia se iniciado há 30 anos no Ocidente, através dos comentários críticos de Jane Jacobs, Herbert Gins, Oscar Newman ou Robert Venturi, e tomaram plasticidade panfletária com a declaração da *Morte de arquitetura moderna* lançada por Charles Jencks em 1977, onde esse autor toma como epi-sódio da demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe em St. Louis/Missouri em 15 de julho de 1972. Além da crítica funcional ao planejamento do período, esses autores argumentavam que a linguagem "purista" da Arquitetura Moderna estaria em irremediável contradição aos códigos de vida de seus usuários. Fato é que boa parte das tendências originadas desta crítica, comumente posicionadas sob o rótulo "Pós-Modernismo", demonstraram-se ineficazes na resolução do problema. Sua importância revela-se hoje na reintrodução da discussão da cidade enquanto fenômeno orgânico, pluralista, capaz de permanente reação aos sinais dos tempos.

O fenômeno da decadência dos grandes conjuntos habitacionais deve-se também a fatores exteriores a questões diretamente relativas à Arquitetura, e que nem sempre encontram neste um campo de reflexão. Política urbana, política habitacional ou questões administrativo-financeiras são igualmente determinantes do sucesso de qualquer empreitada. Somente a permanente vigilância nesses campos pode alterar o curso dos processos de decadência construtiva dos complexos habitacionais e da formação de guetos cuja dissolução é quase impossível.

A falência do "socialismo real", lida por muitos como o "trunfo da civilização ocidental", trouxe consigo uma série de impasses mantidos sob controle no antigo sistema, sendo o mais óbvio deles a possibilidade de ascensão social e a pressão por esta causada. Esse novo horizonte vem a gerar em curtíssimo prazo conflitos sociais que se expressam na eminente "invasão" da Europa Ocidental por essas populações em busca de trabalho e novas condições de vida.

Assim, não é difícil entender o empenho da Comunidade Européia na formulação de programas

de auxílio técnico e financeiro aos países da Europa Oriental. Parcerias entre cidades vêm sendo efetivadas, institutos têm sido fundados nos diversos países, e o Senado de Berlim criou um departamento próprio para intercâmbio de experiências. A *European Academy of the Urban Environment* formulou em outubro de 1997 a "Sofia declaration on the future of the large prefabricated housing estates in central and eastern Europe", na qual explicita a urgência de intervenções.

Se por um lado os extensos programas da era socialista ocasionaram uma radical transformação da paisagem urbana nesses países, que inclui a perda irreparável de um patrimônio urbano, por outro não se pode negar que a estas populações foram proporcionadas condições mínimas de vida das quais o terceiro mundo carece. Além disso, observa-se que ao longo das décadas surgiram hábitos culturais próprios desta nova forma de vida, que não podem ser ignorados. A massa construída apresenta sem dúvida problemas, alguns dos quais mencionados nesse artigo, mas possui também qualidades intrínsecas a serem salientadas. O custo social de soluções radicais como a demolição em St. Louis é absurdamente inviável, e vale aqui notar que os custos de recuperação e desenvolvimento desses complexos não ultrapassa um terço do valor de construção nova equivalente.

A pré-fabricação enquanto princípio, formulada de forma quase utópica pelo Modernismo, continua sendo o grande instrumento no equacionamento da problemática habitacional. O futuro das realizações socialistas na Europa Central e Oriental pode parecer à primeira vista um tema localizado e distante para nós brasileiros. No entanto, a proporção das realizações e a variedade de enfoques adotados no passado e na atualidade instigam investigações mais profundas sobre estas experiências, que podem servir de insumo na formulação de novas políticas habitacionais no Brasil e na América Latina.



Reapropriação de edifícios do tipo WBS 70 em Dresden. Construção de novos blocos, 1974/1986, arquitetos Krenner und Partner

## Reurbanização do bairro Retiro em Buenos Aires

Diego Wisnivesky

dwini@correionet.com.br



Maquete do projeto de revitalização do Retiro, Buenos Aires

O projeto de Miguel Baudizzoni, Jorge Lestard e Alberto Varas, vencedor do Concurso Nacional de Ideias para a área de Retiro, propõe a revitalização de um dos setores periféricos mais importantes para o desenvolvimento urbano de Buenos Aires. O Retiro, atualmente degradado e obsoleto devido a aspectos históricos, se caracteriza por permitir a entrada à cidade através do porto que, ao mesmo tempo, separa o rio de la Plata do centro da cidade através da infra-estrutura ferroviária pertencente a empresa Ferrocarriles Argentinos, impedindo assim o desenvolvimento metropolitano. Esta iniciativa por parte da empresa Ferrocarriles Argentinos e a Sociedad Central de Arquitectos, em conjunto com a Prefeitura, não aborda apenas uma questão urbana, demonstra também um estado atual da cultura e da sociedade portenha. O concurso remete aos conceitos de Le Corbusier apresentados na sua *Cité des Affaires* em 1929: devolver a centralidade à cidade, sem deslocar o centro tradicional, mas sim construindo uma nova cidade sobre o rio.

Em entrevista, o arquiteto Alberto Varas apresentou as questões discutidas para o desenvolvimento de seu projeto e a sua relação com a atual configuração da cidade: "Buenos Aires alcançou uma fase de seu desenvolvimento urbano altamente complexo com oportunidades para a geração de novos espaços urbanos, públicos e privados. Porém, a paralisação da cidade durante décadas fez com que grande parte de sua infra-estrutura se encontre hoje obsoleta. A melhoria da qualidade de vida na metrópole – principal objetivo do projeto – está ligada tanto à qualidade de seu espaço residencial (através da proposta de novos tecidos urbanos frente à massa quadricular da cidade existente) destinado ao lazer e mobilidade aos quais as pessoas dedicam, cada vez mais, importante parte de seu tempo. O projeto propõe hipóteses sobre o funcionamento de outros aspectos da vida da cidade os quais sem determinadas soluções, não podem assegurar a qualidade de vida pretendida para os cidadãos (lazer, contato com a natureza, funcionamento do porto, funcionamento racional das vias de circulação do transporte de cargas), que em geral, fazem a sua realidade econômica, tendo a cidade como centro de produção. Buenos Aires inaugura desta forma a problemática de uma nova escala de fragmentos urbanos monumentais em áreas de centralização."

## Arquitetura, urbanismo e energia no limiar do século XXI

Paulo Sergio Scarazzato  
labcon@acad.puccamp.br

A discussão sobre suprimento energético para cidades e edifícios vem ganhando importância nos últimos anos, em função do iminente esgotamento ou saturação das matrizes energéticas atuais – da crescente consciência ecológica. Estas questões tendem cada vez mais a entrar na ordem do dia de arquitetos e urbanistas, enquanto agentes responsáveis pela criação dos ambientes construídos, os quais são consumidores por excelência da energia disponível, seja ela natural, produzida ou transformada por mãos humanas.

No primeiro semestre deste ano, dois importantes eventos internacionais abordaram o tema. No mês de maio, em Ontário, Canadá, ocorreu a "International Conference on Daylighting Technologies for Energy Efficiency in Buildings", promovida pelo Governo Canadense e pela "International Energy Agency" (IEA), com a colaboração das seguintes instituições: "Canada Mortgage and Housing Corporation" (CMHC), "Illuminating Engineering Society of North America" (IESNA) e "Lawrence Berkeley National Laboratory" (LBL), dos EUA. As sessões temáticas abordaram os seguintes tópicos: 1) Ferramentas para projeto (softwares); 2) Técnicas de monitoramento; 3) Técnicas de predição; 4) Lições aprendidas com a iluminação natural dos edifícios; 5) Sistemas avançados de fenestração; 6) Projeto da iluminação natural: conquistas e desafios; 7) Novas técnicas de medição da eficiência dos sistemas de iluminação natural; 8) Códigos e normas técnicas; 9) sistemas de controle; 10) Sistemas inovadores.

Em junho, Lisboa sediou a conferência anual da "Passive and Low Energy Architecture" (PLEA), que deverá ocorrer no Brasil no ano 2000. No tema da Expo 98 Lisboa, "Environmentally Friendly Cities" foi o tema central da conferência, que em suas sessões temáticas abordou os seguintes tópicos: 1) Planejamento urbano; 2) Planejamento bioclimático de espaços exteriores; 3) Arquitetura solar; 4) Reciclagem (retrofitting); 5) Estratégias, sistemas e componentes; 6) Iluminação natural; 7) Refrigeração passiva e ventilação natural; 8) Energia e impacto ambiental dos materiais de construção; 9) Ferramentas de projeto e análises técnicas; 10) Regulamentos, direito ao sol e certificação; 11) Educação; 12) Esquemas de suporte a projetos.

A realização destes dois eventos, quase que simultâneos, e os pontos abordados refletem, mais que uma coincidência, o envolvimento da comunidade acadêmico-profissional internacional com questões cruciais para a qualidade de vida de nossas cidades. Por conta dos grandes problemas e desafios que o país vive atualmente nesta área, o momento apresenta-se bastante propício para a reflexão, em nosso meio, de todos os que estão envolvidos com o planejamento urbano e com a arquitetura. A propósito, é oportuno lembrar que em outubro próximo, o Rio de Janeiro estará sediando o "Efficientia 98", um Seminário Internacional de Combate ao Desperdício de Energia Elétrica, promovido pela Eletrobrás.

## São Paulo Megacidade 2000

Márcia Macul  
marmacul@usp.br

Éstar investido, neste momento, do papel direcional que o discurso oferece ao público – onde as ideias ensaiam um tipo de eficácia – é a sugestão que o *Seminário São Paulo Megacidade 2000* propõe. A questão: discutir o problema das grandes metrópoles e o interesse que o tema desperta neste final de século, ante o irreversível caminho que tomaram as cidades do terceiro mundo principalmente.

O programa conta com uma série de onze conferências comentando diversos conteúdos, e onze intervenções na área metropolitana de São Paulo – que são competência de onze escolas de arquitetura escolhidas dentro da grande São Paulo. Os dois acontecimentos – debate e projeto – tratam de levantar problemas e buscar modelos de desenvolvimento urbano compatíveis com a contemporaneidade – apontando sempre para melhorias possíveis nas áreas urbanizadas e conurbadas. A perspectiva da geração e exposição de projetos terá continuidade numa apresentação coletiva das propostas, prevista para agosto de 99, quando também se lançará um livro contendo-as, bem como um seminário final em Hong Kong em dezembro de 99.

A iniciativa vem de um acordo firmado entre FUPAM, FAU-USP e Universidade Hong Kong, órgãos estes apresentados pelas figuras de dois professores arquitetos: Bruno Padovano do Brasil e Stephen Lau da China.

As universidades têm autonomia nas suas propostas de intervenção, criando um território próprio de interpretação, análise e método de projeto. As comunicações expositivas e debates têm temas estabelecidos e são organizadas pela EMPLASA. A palavra tenta sempre abrir espaço para a observação da realidade. O projeto, ao contrário, tratará de abrir espaço físico para propor estratégias de criação de novas realidades.

O público tem sido oportuno, atuante e presente, o que demonstra a importância do evento.

Datas, locais e temas dos próximos encontros:

8 set 14h: Universidade Brás Cubas, "Meio ambiente, suporte físico e infraestrutura urbana na Grande São Paulo";

14 set 14h: Universidade do Grande ABC, "Circulação, transportes e sistema viário na Grande São Paulo";

22 set 9:30h: Universidade de Guarulhos, "Habitação na Grande São Paulo";

28 set 15h: Universidade de Mogi das Cruzes, "Emprego na Grande São Paulo";

05 out 14h: Universidade Paulista, "Patrimônio histórico na Grande São Paulo";

12 out 15h: Universidade São Judas Tadeu, "Inovações tecnológicas e desenvolvimento urbano";

19 out 14h: Universidade Anhembi Morumbi, "Definição de macro-eixos / áreas de intervenção – USP, Mackenzie, FAAP, UBA, UBC, UNIABC";

26 out 14h: EMPLASA, "Definição de macro-eixos / áreas de intervenção – UrG, UMC, UNIP, USJT, UAN".

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Prêmio Mies van der Rohe

23 projetos disputam o *Prêmio Mies van der Rohe de Arquitetura Latino-americana* da Fundação Mies van der Rohe. O ganhador será divulgado no dia 11 de setembro e todos os finalistas serão publicados em catálogo. Os participantes brasileiros são os seguintes: *Rio-Cidade Leblon*, de Luiz Eduardo Índia da Costa; *Museu Brasileiro de Escultura*, São Paulo, de Paulo Mendes da Rocha; *Museu de Arte Contemporânea*, Niterói, de Oscar Niemeyer; *SESC Nova Iguaçu*, de Héctor Vigilecca e Bruno Padovano. Info: Anna Bes e Jordi Joan. Fundació Mies van der Rohe, Provença 318, prin. 2º B, fon (3493) 215.1011, fax (3493) 488.3685.

### Biblioteca de arquitetura Óculum – CAD

1. *Casos Paulistanos*, Milton Rodrigues Alves e Pedro Martini II, Casa Paulistana de Comunicação, r Figueira Bueno 1955, 02173-010 São Paulo SP, fon 011 8988.5436.

2. *Fotografia e cidade*, Solange Ferraz Lima e Vânia Carneiro de Carvalho, e *Monumento a Ramos de Azevedo: do concurso ao exílio*, Anateresa Fabris, Mercado Letras, r Tiradentes 673, 13023-191 Campinas SP, fon 019 234.1214.

3. *Modelos: material para o design*, IPT, CP 7141, 08508-901 São Paulo SP, mmartins@ipt.br

### IX Bienal Nacional de Arquitectura de Caracas

Organizado pelo Colegio de Arquitectos de Venezuela, conta com a participação de 132 obras no tema "La arquitectura de fin de siglo: 1888-88". De 16 ago a 08 nov, Museu de Belas Artes. Info: Arq Martín Padron, padnova@telecel.netve / Arq Jesus Yepes, editora da revista *Entre Royales*

### Concurso para Faculdade de Medicina da USP

Organizado pelo IAB-SP, o "Concurso nacional para o plano diretor de restauração da Faculdade de Medicina da USP" prevê demolições e novos edifícios. Info: IAB-SP, rua Bento Freitas 306, 4º and, 01220-000 São Paulo SP, fon 011 259.6866, fax 011 259.6597, iabsp@arquitetura.com.br

### Nova revista brasileira de arquitetura na Internet

"Ponto" é uma revista de arquitetura feita por estudantes. Neste primeiro número traz o projeto do Centro Cultural FIESP de Paulo Mendes da Rocha e equipe, texto de Flávio Motta, outros artigos e links diversos. <http://www.ponto.org>

### XV Exposición Construya Vivienda

De 19-25 out, no "Poliedro de Caracas", Venezuela. Info: <http://www.expoentec.com.ve>, expoentec@truf.net

### Docomomo SP organiza evento

O I Seminário do Grupo de Trabalho Docomomo Vale do Paraíba acontece em São José dos Campos de 28 a 31 out. Resumo de trabalho até 21 set. Info: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, av Sebastião Gualberto 545, Vila Maria, 12209-320 São José dos Campos SP, fon 012 324.7300

outubro 1998  
ano 3  
edição meses íntivos

V Seminário de história da cidade e do urbanismo  
Cidades: temporalidades em confronto  
VSHCU@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é um informativo sobre assuntos gerais da Revista Óculum e é editado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas. O índice é enviado às revistas assinadas, e está necessariamente combatido pela comissão de publicação mensal.

Editor responsável:  
Arlindo Duarte

Correspondentes:  
Antonio Oliveira (Copacabana)  
Christina Melchior (SUL)  
Sérgio Aquino (García)  
Maurício Tassinari (Itália)  
N. Pilar P. Pinyon (Lagoa)  
Otilia de Oliveira (Super)  
Paul Meyer (Holanda)  
Paulo Otávio Franco  
Pedro Moreira (Albania)  
Sônia M. Castro (Argentina)  
Viviane Cristina (Brasil)

Monitoras:  
André Colares  
Daniel Cornelio  
Flávia Anacleto Castro  
Rafaela de M.  
Priscila Vieira (Dinamarca)  
Tatiana Mariani

FAU PUC-Campinas  
Av. Dr. Wilson Filho, 600 - Santa Rita  
Vila - Jd. Santa Rita  
Ribeirão Preto  
Coordenador de curso:  
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Av. Othoniz - Km. 136  
Campinas - SP - CEP: 13088-500  
Campinas SP Brasil  
Tel: 95 018 754.7150  
Fax: 95 019 255.6276  
e-mail: cad@pucamp.br

Revista Óculum  
Atividade Campinas 31  
01 409-000 São Paulo SP  
Fone-Fax: 011 38888663  
oculum@uninet.com.br

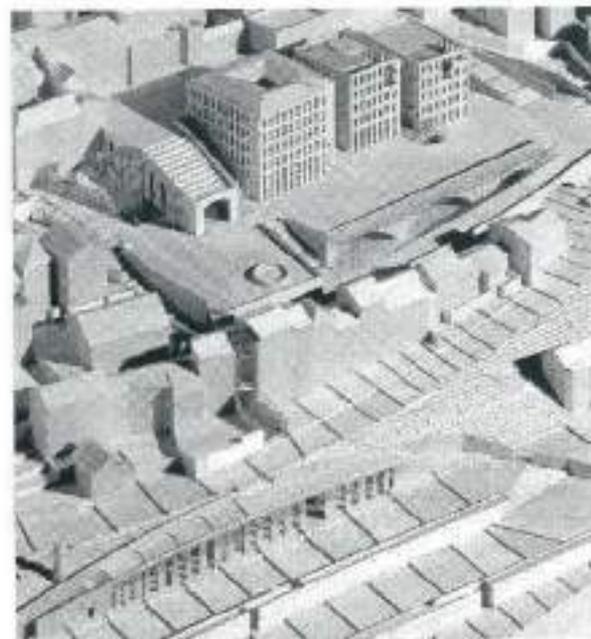
Página Web na Internet:  
www.pucamp.br/oculum

Apple cultural  
Apple Store Brasil  
Distribuição: Kiosk



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Projeto de revitalização da Itália (Itália) de Firenze, arquiteto Massimo Carmassi, que estará presente em Campinas para o Seminário.

Organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas, o V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo acontece em Campinas nos dias 14, 15 e 16 de outubro. Voltado para arquitetos, urbanistas, paisagistas, historiadores e estudantes em geral, o evento se destaca pelo número expressivo de inscrições de trabalhos (cerca de 500) e pela excepcional qualidade dos convidados brasileiros e estrangeiros. Dentre outros, estarão se apresentando em Campinas os professores Gabriele Morilli e Joseph Rykwert e o arquiteto Massimo Carmassi. Tema geral

Nas Américas, a concepção de planos de cidades se confunde com a própria colonização. Em 500 anos de história, ciclos, idênticos de concepção, teorias e formas se cruzam, se sobrepõem, se tensionam e por vezes parecem se repetir. Na Europa o planejamento moderno das cidades é um fenômeno que se consolida na "era das revoluções" dos séculos XVIII e XIX. No Novo Mundo esses marcos exigem deslocamentos, interrogações, outras possibilidades de leitura do conhecimento técnico, das normativas, das regras e paradigmas presentes nas formas urbanas. Vistos em

uma perspectiva comparada, recortes temporais distintos (periodizações) ou marcas acumuladas de diferentes ações no tempo (os sucessivos processos de transformação que a cidade contemporânea condensa) começam a exigir uma reflexão sistematizada e um balanço dessas experiências. O Seminário propõe um fórum direcionado à comparação das experiências históricas e contemporâneas do urbanismo, as discussões das práticas, das teorias e das concepções de cidade e seus discursos.

#### Conferências

Conferência 1 (15 outubro, 20h): Gabriele Morilli (Università degli Studi di Firenze)  
Conferência 2 (15 outubro, 20h): Joseph Rykwert (Pennsylvania University).

#### Mesas Redondas

Mesa 1 (14 out 20h): Urbanização e Projeto no Mundo Luso-Brasileiro; coordenador: Nestor Goulart Reis Filho (FAU USP); participantes: Rafael Moreira (Universidade Nova de Lisboa); Walter Rassa (Universidade de Coimbra); Roberto Delson (United States Merchant Marine Academy of New York)

Mesa 2 (15 out 11h): Projetos Contemporâneos de Revitalização do Patrimônio Cultural; coordenador: Marcos Tognon (Scuola Normale Superiore di Pisa e FAU

PUC-Campinas); Mario Lupano (Universidade de Bolonha); Massimo Carmassi (Diretor do Escritório de Arquitetura Ufficio Progetti di Pisa); Regina Prosser Meyer (FAU USP)

Mesa 3 (16 out 11h): A Circulação de Modelos Urbanísticos: Transferências Culturais entre Europa e Américas; coordenadora: Heliane Argotti Salgueiro (Comitê Brasileiro de História da Arte); participantes: Antoine Picon (École Nationale des Ponts et Chaussées de Paris); Georges Teyssot (Princeton University); Muriilo Marx (FAU USP).

#### Sessões temáticas

Sessão 1. Memória e Patrimônio Cultural: Concepções de Memória, Novos Enfoques das Teorias de Preservação, Gestão do Patrimônio, Projetos Contemporâneos de Revitalização do Patrimônio Cultural.  
Sessão 2. Arquitetura da Cidade: Propostas de Desenho Urbano, Arte e Cidade, Concepções Artísticas da Cidade, Estética e Projetos Urbanos.

Sessão 3. Projetos e Intervenções Urbanísticas: Planos e Projetos Urbanísticos, Urbanistas: Teorias e Obras, Visões Disciplinares da Cidade: Engenheiros, Urbanistas e Arquitetos.

Sessão 4. Teorias e Concepções de Cidade: Tradições, Regras e Paradigmas, Preceptivas e Normativas na Concepção Urbanística, Teorias e Modelos do Projeto Urbano.  
Sessão 5. História e Cultura Urbana: Formações Discursivas e Iconológicas sobre a Cidade, Registros e Representações da Cidade, Símbolos Reais e Virtuais da Imagem Urbana.

Sessão 6. Territórios, Fronteiras e Estratégias de Gestão Urbana: Cidades Planejadas e Ocupação Territorial, Cidades Mundiais: Passado e Presente, Modelos de Gestão Urbana: Paralelos e Contrastes Históricos, Informações e Inscrições  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU PUC-Campinas, Campus I, Rod. Don Pedro I km 136, 13024-904 Campinas SP Brasil, fone 019 756.7088, fax 019 756.7198

## Sobre o trabalho do arquiteto Massimo Carmassi, Itália



Olhate de Ferro, recuperação de área central de M. Carmassi.

Pisa esconde uma extraordinária riqueza sob as míserias acumuladas nos últimos sessenta anos. Sob os rebocos se conservam as potentes estruturas das "casas torre", enquanto que o seu assentamento urbano se estende racionalmente ao redor do arco forte e doce do Arno, limitado pelas muralhas medievais ainda bem conservadas nos seus sete quilômetros.

Tornei-me arquiteto estudando essa cidade, colhendo as referências fundamentais para o meu trabalho; encontrei soluções na cidade antiga que, continuamente, estão presentes nos meus projetos. Pisa, Siena, Lucca são cidades de tijolos assim como são de tijolos muitas das minhas construções. E quando penso em um espaço, o imagino definido por duas paredes paralelas, e, no seu interior, são distribuídas funções e ambientes. O tijolo manifesta sempre a capacidade de durabilidade durante o seu envelhecimento, é densamente expressivo, homogêneo, produz infinitas vibrações cromáticas. Uma alvenaria de tijolos é sempre uma estrutura honesta, que exhibe claramente o seu próprio modo de ser, que declara a própria consistência e a sua própria execução, que se justifica por aquelas virtudes que Margherite Yourcenar recolhe nas *Memórias de Adriano*, registrando: "Eu preferi adotar o tijolo eterno, material que na sua extrema lentidão retorna à terra de onde, precisamente, foi derivado, e que se esmaga, imperceptivelmente, de tal modo que o edifício permanece uma mole, mesmo quando já não é mais uma fortaleza, um anfiteatro, uma tumba".

Eu não aprovo as obras de arquitetura que pretendem apresentar-se como esculturas; amo imaginar a arquitetura como parte de um tecido urbano totalmente homogêneo. Os meus projetos, salvo algumas exceções, são expressões de uma ideia de afinidade e tendem à simplicidade; eu pretendo realizar volumetrias elementares, cuja complexidade é delegada à definição dos espaços internos, e, sempre sob certas constantes. Em primeiro lugar a parede e, portanto, o papel designado pelas plantas. Muitas das minhas obras podem ser interpretadas pelas plantas, já que as elevações são, freqüentemente, uma consequência automática das configurações planimétricas. Existe depois o tema da homogeneidade, seja em relação aos materiais que às cores. Freqüentemente eu procuro imaginar cidades quase monocromáticas, onde modestos acentos de cor contribuem para deter-

minar um sentido de serenidade e de ordem. Tudo isso é relacionado aos temas da duração e da estratificação, características do devir de toda cidade antiga.

As cidades são o resultado de inúmeras sedimentações, do decorrer incessante da vida, e resistem ao tempo em virtude da qualidade dos materiais utilizados nas suas construções. As minhas arquiteturas empregam materiais resistentes e simples, pois assim são quase predispostas às futuras modificações, ou ainda, para se inserirem nos estratos da cidade. Um edifício sólido não é jamais destruído; pode ser reestruturado, ampliado, modificado, mas sempre conserva a memória da sua configuração original. As "casas torre" pisanas são uma demonstração de tudo isso: não obstante as adaptações internas, as suas estruturas originais se mantiveram e resistem a toda modificação. Isso está relacionado ao modo de enfrentar o problema do "non finito". A cidade antiga é um conjunto incompleto, sem uma conclusão. Muitos monumentos pisanos, por exemplo, foram modificados durante a construção e freqüentemente não foram concluídos. Às margens do rio Arno temos a igreja de S. Matteo que possui uma base românica, provavelmente incompleta, uma fachada principal feita nos Seiscentos, e ainda ampliada e modificada no século sucessivo; tudo isso garante um efeito constante de incompleto, e as sucessivas sobreposições definem o sentido da obra construída.

Os arquitetos deveriam ter uma postura aberta em relação às transformações futuras, e não pensar nas próprias obras como acontecimentos irremediavelmente concluídos. Grande parte das construções contemporâneas são incapazes de suportar qualquer modificação, justamente porque não possuem, concretamente, uma densidade. Eu amo as arquiteturas que são mais caracterizadas por detalhes excepcionais. Os grandes arquitetos conceberam sempre belíssimos detalhes, e esses são a própria substância da arquitetura: podemos conferir na Biblioteca Laurenziana, na Postsparkasse de Otto Wagner, na Maison de Verre de Chareau, no Pavilhão de Barcelona de Mies, ou na Banca Popolare di Verona de Carlo Scarpa. Geralmente os detalhes são considerados como se fossem acabamentos; mas se os detalhes são pensados como componentes fundamentais da arquitetura, é necessário também imaginar uma relação muito estreita entre projeto e prática construtiva. Todos os meus projetos são completados durante a construção, no canteiro de obras. Por essa razão, acho muito improdutivo delegar a direção dos trabalhos executivos a outros.

Massimo Carmassi é arquiteto, urbanista e professor livre-docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Ferrara. Foi titular do Ufficio Progetti da cidade de Pisa (1974-1980), realizando um extenso estudo de tecido urbano da cidade, sendo responsável por projetos, no centro e na periferia, de edifícios públicos e habitação. Foi convidado especial em várias mostras coletivas (Internale di Milano 1987, Biennale di Architettura em Veneza 1991) e individuais. Carmassi estará presente em Campinas como convidado do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 14-16 outubro

## A Expo'98 de Lisboa Claudio Sat, Portugal



Alameda dos Oceanos na EXPO'98 de Lisboa

Termina em Lisboa a EXPO'98, a última Exposição Mundial do século. O tema "Os oceanos: um patrimônio para o futuro" comemorou os 500 anos da chegada de Vasco da Gama na Índia e aborda uma questão essencial, a gestão dos recursos marinhos. Efeméride onde se aproveitou para iniciar a requalificação urbana e ambiental de um extenso setor da cidade de Lisboa ocupado até há pouco por instalações industriais insalubres e perigosas. O recinto expositivo (ao lado da Doca dos Olivais), constitui o núcleo de uma intervenção maior, com 340ha, denominada Zona de Intervenção, que se estende por 5 km junto ao rio Tejo em terrenos distantes 6,5 km do Terreiro do Paço, centro simbólico da cidade. Os objetivos perseguidos pelo Plano de Urbanização da Zona de Intervenção (PUZ) visam restabelecer a relação da cidade com o rio, consolidando uma plataforma logística destinada a relançar, social e culturalmente, Lisboa como nova "Capital do Atlântico". Apesar de suas inegáveis potencialidades paisagísticas e urbanas, a capital portuguesa é carente de uma "idéia de Cidade" que aglutine e hierarquize os numerosos planos elaborados nos últimos anos. Diante disto é que o êxito de Barcelona e as dificuldades de Sevilha – os outros dois eventos ibéricos recentes – constituem referências determinantes para a EXPO'98, a primeira com seu exemplo de reconversão urbana e recuperação da borda marítima; Sevilha com um tema expositivo cujas condicionantes a diferencia das Olimpíadas e de seus conseqüentes esquemas urbanos. Com estes modelos presentes, os técnicos do Parque Expo 98 AS, responsáveis pela Exposição, enfrentam com pragmatismo a problemática urbana quando escasseiam, justamente, os modelos semelhantes. As grandes exposições foram concebidas com o propósito de destacar-se da cidade real, função reservada ao Recinto Expositivo que englobava dentro de seu perímetro o exotismo internacional das mais recentes fantasias, avanços científicos e meios de comunicação – os mesmos meios que colocam hoje, paradoxalmente, fora de seus limites, simultaneamente e nos lugares mais distantes, as últimas novidades. Apesar destas questões e uma vez assumido o tema, a EXPO'98 se concentrou, principalmente, em prevenir os desajustes que esta intervenção poderia provocar na estrutura urbana, introduzindo algumas variantes dignas de destaque:

## Habitação e reabilitação do centro histórico de Montevidéu

Pilar Perez Piñeyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org

– Dota a Zona de Intervenção de moderníssimos equipamentos, serviços e infra-estruturas, como também de notáveis acessos, onde o novo nó de auto-estradas Norte, a Estação Intermodal do Oriente e a recente Ponte Vasco da Gama configuram uma nova "porta" de Lisboa.

– Envolve os 98ha do Recinto Expositivo com os 340ha da ZI, destinando a metade de sua superfície construída (1.100.000 m<sup>2</sup>) ao uso residencial e procurando uma correta integração com as zonas vizinhas.

– Redefine o próprio modelo expositivo, "ocultando" os Pavilhões Nacionais no interior de grandes espaços chamados Áreas Internacionais e cede gratuitamente suas instalações aos países participantes que se vêm estimulados a investir mais nos conteúdos e menos na construção de um edifício "emblemático".

– Destina os recursos esperados com a venda de ingressos e dos 2.500.000 m<sup>2</sup> de terrenos na ZI para amortizar os gastos da Exposição, criando um mecanismo de autofinanciamento inédito neste tipo de evento.

– Destaca os edifícios permanentes dos efêmeros, que serão substituídos pelas construções definitivas que no ano 2010 esperam receber 25.000 pessoas e criar 18.000 postos de trabalho. Resultado: uma estrutura de ruas e praças igual a nossas cidades, afastando-se do espírito experimental tão característico das exposições anteriores, sugerindo uma progressiva "dispensabilidade" do Recinto, apontando para uma dissolução do modelo expositivo nos espaços cotidianos da cidade e – porque não! – nas extensões ilimitadas de nosso planeta.

– Deste ponto de vista urbano, o PUZI aposta em uma "nova centralidade" consonante com o desenvolvimento equilibrado da Área Metropolitana, sem prejudicar as centralidades existentes, integrando os tecidos adjacentes e cooperando com a recuperação dos tecidos históricos.

É possível afirmar que a EXPO'98 foi uma excelente oportunidade para rever a temática dos Grandes Eventos uma vez verificada a importância por eles assumida de transformação das cidades, contribuindo para individualizá-los e classificá-los, visando a elucidação suas potencialidades e limitações para contribuir no desenvolvimento equilibrado de estruturas urbanas já existentes.



Reabilitação de antiga cervejaria em habitação. Arq Nelson Peña

Com o restabelecimento das instituições democráticas no Uruguai em 1985, são criados em Montevidéu os instrumentos de crédito e regulamentares que viabilizam a utilização do estoque habitacional existente como política alternativa de moradia para toda a cidade. A Prefeitura Municipal de Montevidéu elabora uma regulamentação especial para reciclagens que flexibiliza as normas de habitabilidade estabelecidas (áreas, dimensões de vãos, alturas, condições de ventilação e iluminação, etc.) e por sua vez o Banco Hipotecário estabelece uma linha de créditos para esta modalidade de construção, enquanto que a nova obra é incentivada através da linha "preço-projeito-terreno", criada com a finalidade de construir nas prédias vizias.

A Cidade Velha de Montevidéu, em particular, é declarada Área de Intervenção Urbana Prioritária por parte de ambas instituições, com o objetivo de favorecer com créditos mais acessíveis, intervenções destinadas ao setor habitacional, um dos fatores chave para a reabilitação da zona. É nesta nova conjuntura da cidade, que uma equipe de arquitetos ganha, ainda fora das bases do concurso público, e em meio de muitas dificuldades, uma das encomendas destinadas à moradia, propondo a reabilitação de uma antiga fábrica de cerveja localizada na zona de la Aguada (área degradada próxima à baía), justificando o seu menor custo em relação à uma nova obra após demolição do edifício existente.

A valorização do centro histórico da cidade e da cidade histórica como conceito, repercute interesse por outras áreas da cidade, caracterizadas por outros significados urbanos, ambientais e culturais. A revisão do Plano Diretor de 1956, que também tem lugar durante aqueles anos (1982) – e que havia proposto "definir ordenamentos urbanísticos próprios para cada área caracterizada da cidade" –, promove o aprofundamento do conhecimento da cidade existente.

Com relação aos elementos de gestão, os resultados animadores derivadas das ações de controle e recuperação implementadas na Cidade Velha pela gestão de sua Comissão Especial Permanente, ferramenta sugerida inicialmente no núcleo original da planta urbana, será validado e consolidado por sucessivas administrações, para outras áreas da cidade. Em 1980 é criado o Conselho Auxiliar de los Pacitos e a Comissão Especial Permanente de

Carrasco e Punta Gorda, duas zonas sobre a costa de significativo valor patrimonial e paisagístico; e em 1991 é criada a Comissão Especial Permanente del Prado, outra zona de grande significado histórico, arquitetônico e ambiental para Montevidéu. Finalmente a área rural do departamento de Montevidéu, também se apresentou como elemento da criação de uma quinta comissão especial permanente, para preservar paisagens originais, sua área de produção agrícola e os limites da cidade.

As Comissões Especiais Permanentes, possuem a sua base ideológica, como instrumentos de regulamentação urbana, numa gestão descentralizada da cidade por um lado, e, por outro, no reconhecimento da cidade como uma entidade integrada por diversidades, superando anteriores visões uniformizadoras e totalitárias, negadoras da cidade existente. Estes instrumentos atendem as zonas consideradas muito críticas: áreas da cidade com qualidades absolutamente incomuns e singulares, cobertas pelo capital imobiliário em busca de terrenos propícios para edificações mais lucrativas. O conceito tradicional de normativa abstrata e geral se transforma com o objetivo de salvaguardar os valores preexistentes e, simultaneamente, permitir a mudança e o desenvolvimento da cidade. A normativa é um ponto de referência nestas zonas, cuja aplicação é estudada caso a caso, atendendo ao que se refere à qualidade das intervenções. Este aspecto é o que rege precisamente uma gestão particularizada e flexível.

Estas comissões, de caráter técnico e honorário, são integradas por figuras relevantes e representativas de diversos âmbitos: profissionais, culturais, universitárias, municipais e também vizinhos. A pluralidade e amplitude de sua integração é uma garantia de transparência da gestão em temas onde estão envolvidos importantes interesses e, em alguns casos, contrapostos.



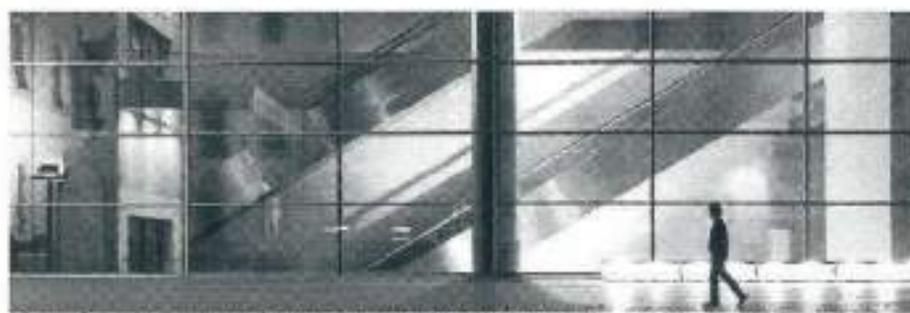
Jardins e equipamentos à margem do rio. Foto Expo 98



## Atividades optativas da FAU PUC-Campinas

Ricardo Marques de Azevedo

fau@acad.puccamp.br



Dentro de Cultura Contemporânea de Barcelona. Projeto Albert Viaplana e Hèlio Piñon (aut. vtd a Campinas). Foto Lourdes Ainsara

A FAU PUC-Campinas está implantando em 1998 experiência inédita no Brasil de criação das atividades optativas. Diversamente das disciplinas correntes que estão, de modo geral, comprometidas com conteúdos mais ou menos estáveis, as atividades optativas tem por objetivo propiciar uma oportunidade para a elaboração, a discussão e o aprofundamento de questões emergentes de interesse para a formação do arquiteto. Assim estas atividades estão desdobradas de seguir a forma convencional de disciplinas e sua distribuição em semanas letivas consecutivas, podendo concentrar-se em prazos próprios e contemplar outras formas para sua realização como, por exemplo, work-shops, ciclos de palestras, seminários, exercícios assistidos, viagens de estudos, etc. Poderão ainda contar com a participação de profissionais e professores de outras instituições. É intenção de nossa escola garantir que estas atividades constituam momentos de excelência no processo de formação de nossos estudantes.

Assim, no primeiro semestre deste ano os Departamentos de Projeto, Planejamento, Fundamentos técnicos, Tecnologia e Linguagem arquitetônica realizaram as seguintes atividades optativas, dentro do tema geral *Técnica e Arquitetura*. Para estes cursos optativos foram convidados destacados arquitetos e professores: Luiz Munari, Leon Kossevitck, Afonso Reil, João Walter Toscano, Paulo Bruna, Marcos Acayaba, Joaquim Guedes Paulo Mendes da Rocha, Abraão Sanovicz, Marcelo Ferraz, Marcos Acayaba, Roberto Lueb, Gian Carlo Gasperini, Ayrtton Camargo e Silva, João Carlos Correia, Marcelo Antoniazzi, entre outros.

### Programação do 2º semestre de 1998

1) *Belo Horizonte: arquitetura em três momentos* (Projeto). Viagem monitorada a Belo Horizonte com estudo de três momentos de sua história: o plano de Aarão Reis, o período moderno e a "escola mineira". Maria Beatriz de Camargo Aranha e Luis Fernando Campanella Rocha (org).

2) *Projeto como pesquisa: análise de projetos* (Projeto). A idéia, o método e a linguagem através de análise de 8 projetos do arquiteto Gian Carlo Gasperini. Profs. G C Gasperini e José Roberto Merini.

3) *Renovação de Áreas Centrais* (Planejamento). Visitas e estudos de caso das áreas centrais de São Paulo, Santo André e Campinas. Profs. Ricardo Badaró e Érica Diogo. Convidados: Regina Meyer e Margareth Yemura.

4) *Seminário de História da Cidade e do Urbanismo* (Planejamento). Estudo da produção científica de alguns dos principais convidados ao Seminário de História da Cidade e do Urbanismo a realizar-se na FAU PUC-Campinas em outubro próximo. Workshop com Joseph Rykwert e Walter Rissa. Prof. Beatriz Piccolato Siqueira Bueno. Convidados: Málio Henrique D'Agostino e Ivone Salgado.

5) *Reabilitação de edifícios e áreas urbanas degradadas* (Fundamentos). Série de palestras e debates sobre os temas da renovação, restauração e revitalização de áreas urbanas e edifícios históricos.

Abílio Guerra e Luis Espallargas (org). Convidados: Marcos Tognon, Massimo Carmassi e Gabriella Ioli.

6) *Arquitetura européia do pós-guerra: Espanha, Itália e França* (Fundamentos). Panorama da produção de arquitetura do pós-guerra ao período contemporâneo em três países europeus: Espanha, Itália e França. Abílio Guerra e Luis Espallargas (org). Convidados: Hèlio Piñon, Mario Lupano e Roland Castro.

7) *Forma e Técnica: uma visita à obra de Oscar Niemeyer* (Linguagem). Viagem ao Rio de Janeiro e a Niterói com entrevista com o arquiteto Oscar Niemeyer e visita a algumas de suas obras naquelas cidades. Profs. Antonio Carlos Kfourri e Fernando Peres. Convidados: Fernando Cabral e Oscar Niemeyer.

8) *Design de Identidade Visual: a obra de Alexandre Wolner* (Linguagem). Introdução à conceitualização histórica da função comunicação e à metodologia do design gráfico e seu desenvolvimento. Profs. Spencer Pupo Nogueira e Fernando Peres. Convidado: Alexandre Wolner.

9) *Estudo de habitabilidade: moradias do favela Vila Brandina* (Tecnologia). Através do estudo de caso, instrumentar os alunos para a avaliação da habitabilidade da edificação e desenvolvimento de projetos de adequação das edificações existentes. Profs. Luis Chichierchio e Lauro Mello Bueno.

As atividades optativas programadas, atendendo aos critérios de variedade, excelência e atualidade, constituem importante complemento à formação de nossos estudantes e contribuem para o esforço de contínuo aprimoramento dos padrões de ensino, pesquisa e extensão da FAU PUC-Campinas. Os programas detalhados das atividades encontram-se à disposição dos interessados.

Informações e inscrições: Próto de Arquitetura da FAU PUC-Campinas.

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Reunião Geral da FAU PUC-Campinas

No dia 13 de outubro professores e alunos estarão se reunindo para discutir o relato da atual direção e as perspectivas futuras de nossa escola.

### Melhores escolas de arquitetura do Brasil

O recém lançado *XVII Ranking Playboy das melhores faculdades do Brasil* traz a FAU PUC-Campinas em 2º lugar, consolidando sua posição de melhor escola particular do país. A relação completa é a seguinte: 1) USP-SP; 2) UFRS; 3) PUC-Campinas; 4) UFRJ; 5) UFMG; 6) USP-S.Carlos; 7) UnB; 8) UFBA; 9) Mackenzie e UFF; 10) UFSC.

### ABEA organiza o XV ENSEA em Campo Grande

O Encontro Nacional sobre o Ensino de Arquitetura e Urbanismo terá como tema principal "Práticas pedagógicas no ensino de arquitetura e urbanismo". Ocorrerá também a XXI Reunião do Conselho Superior da ABEA e eleição de conselheiro para o CONFEA. Campo Grande MS, 22-26/nov/98. Info: fon/fax 067 741.7433, abra@pobox.com

### Biblioteca de arquitetura Óculum - CAD

A Editora Gustavo Gill lança a *GG Reprints* coleção com títulos consagrados. Entre outros temas: *Los ideales de la arquitectura moderna*, Peter Collins; *La imagen de la ciudad*, Kevin Lynch; *Intenciones en arquitectura*, Christian Norberg-Schulz; *Autobiografía científica*, Aldo Rossi; *Ciudad Colloge*, Colin Rowe e Fred Koetter; *Aprendiendo de las Vegas*, R Venturi, S Izenour e D Scott Brown.

### Revista latino-americanas de arquitetura

*Elarqa* - excelente revista uruguaia - pode ser adquirida junto à editora Dos Puntos, Dr. Mario Cassinini 1199, CP 11200, Montevideo Uruguay, fax 400062, 2.elarqa@uyweb.com.uy

### Exposição do concurso de marinas no IAB-SP

Estão expostos os projetos participantes do Concurso público nacional de idéias para a implantação de uma marina de São Sebastião". Até 31/out, seg/sex, das 9h às 18h. IAB, r Bento Freitas 306

### Seminário sobre marginais Tietê e Pinheiros

Organizado pelo Instituto de Engenharia e intitulado "Recuperação ambiental e paisagística das marginais Tietê e Pinheiros na cidade de São Paulo". 06/out, das 9h às 18h. Av Dr Dante Pazzanese 120, São Paulo, fon 574.7766 ram 45/46

### Mestrado em Arquitetura em Porto Alegre, RS

O programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura da LFRGS abre nova turma para 99. inscrições até 14/nov. Info: Secretaria do Programa, fon 051 316.3485, ppgarq@vortex.ufrgs.br

### Alunos da FAU PUC-Campinas lançam jornal

Intitulado *Pizzadas* - homenagem à tradição de festas estudantis ao redor de um forno de pizza - foi lançado pelo Centro Acadêmico (CAFAU). O Boletim Óculum deseja vida longa às "Pizzadas".

outubro 1998  
ano 3  
edição meses letivos

## O novo no velho Revitalização de áreas degradadas nas cidades

Abilio Guerra  
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais de Revitalização e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os artigos publicados em nossas páginas não são necessariamente corroborados pela editoria ou pela direção desta.

**Editor responsável:**  
Abilio Guerra

**Correspondentes:**  
Afonso Orioli de Oliveira  
Cristina Martins DAM  
Eduardo Aquino Corradi  
Maurício Toppan Inôe  
M. Pilar P. Freyre Urquiza  
Cláudia de Oliveira Siqueira  
Paul Meurs Malanda  
Paulo Rivelli Procopio  
Pedro Moreira Azeiteiro  
Renato Galvão Aguiar  
Vivian Donatti (Jard)

**Monitores:**  
André Galvão  
Dante Camargo  
Rafael Amadori Celso  
Hélio Jardim  
Thaís Vieira Duarte  
Telma Alarcon

**FAU PUC-Campinas:**  
Rua Dr. Roberto dos Santos, 1  
Vila do Arco-Íris  
13081-900  
Coordenador de curso:  
Ricardo Marques de Almeida

**Centro de Apoio Didático:**  
Rua Dr. Pedro de Azevedo, 130  
Campus I - CEP 13069-600  
Campinas, SP, Brasil  
fone: 55 019 754.7154  
fax: 55 019 256.6174  
e-mail: cad@puc-campinas.br

**Revista Óculum:**  
Alameda Campinas, 51  
01404-000 São Paulo, SP  
fone-fax: 011 2888060  
oculum@uninet.com.br

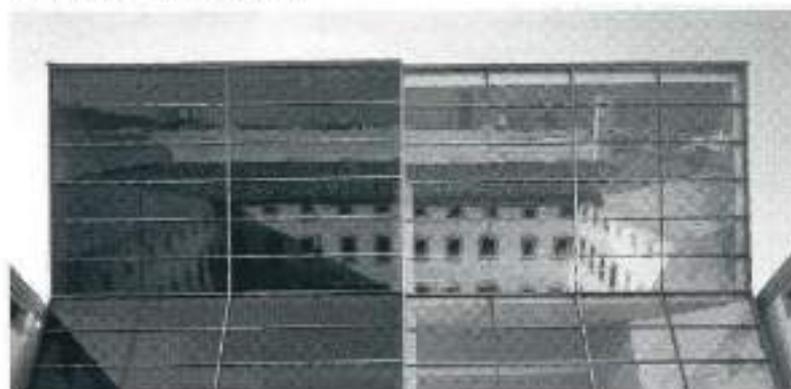
**Página Web na Internet:**  
www.pucamp-fau.br

**Aplicativo:**  
Apple do Brasil  
Tel@apple.com.br



**DAIDIGITAL**

IMPRESSO



Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, antiga Casa de Cidade, Vaplana e Pylon. Foto: Lourdes Jarama

A revitalização de áreas degradadas tornou-se um dos temas mais importantes da arquitetura nesta segunda metade de século. O ideário moderno da construção sem fim de novas cidades fracassou com o final da 2ª guerra, quando as ruínas das grandes cidades demonstraram o quanto aquele passado tido como incômodo poderia simplesmente desaparecer. O discurso mudou radicalmente, mesmo entre os proletores do moderno. Agora a cidade construída, com história e tradição sedimentadas, passou a ser vista como o lugar do cidadão, do habitante, do morador. Já não era mais ruim em si, desprezada de maneira irreversível para os novos tempos que se avizinhava.

Do lado desta consciência do valor do passado, outro paradigma fundamental deste século se introduziu no seio das discussões arquitetônicas e urbanísticas: o visor ecológico. As preocupações com o meio ambiente trouxe consigo a certeza do esgotamento dos recursos naturais, dos limites da exploração das energias renováveis e da insanidade que significa tratar o meio ambiente construído como um cenário de transformações radicais e infinitas. Tanto a consciência da importância simbólica das construções passadas como da necessidade de usufruí-las de maneira mais racional por se tratarem de frutos do labor coletivo, tornou a arquitetura e o urbanismo mais dóceis com a velha carcaça da

cidade histórica. Ela poderia muito bem ser adaptada aos novos usos, às novas necessidades humanas, às novas demandas coletivas. Era o fim definitivo do mito de que a "forma segue a função". Agora, os velhos edifícios – lembrança de hábitos, costumes, vivências – deveriam tornar-se suporte da existência contemporânea. Este casamento de necessidades espirituais e econômicas já teve uma prole significativa e hoje são inumeráveis os esforços no mundo inteiro pela recuperação de áreas degradadas das cidades.

### Novo número da Óculum

A Óculum vem preparando há dois anos um dossiê sobre o assunto, pesquisando diversas estratégias de enfrentamento do problema nos mais diversos países. Este material – que constituirá o próximo número da revista Óculum – vem sendo apresentado aos nossos leitores nos últimos meses através de artigos condensados no Boletim Óculum. Foi uma maneira de prepararmos o terreno da discussão, uma vez que os artigos que serão publicados não tratarão apenas de projetos consagrados; antes de tudo, estarão preocupados em apresentar o histórico urbano da área em questão, as concepções e conceitos estruturadores da ação renovadora, e os mecanismos institucionais de financiamento e gerenciamento. Esse dossiê deveria ser lançado no V Seminário de história da cidade e do urbanismo (14-16 outubro), mas a atual crise financeira acabou por atrasar a edição.

### Artigos da próxima Óculum

Este boletim traz alguns resumos de artigos que estarão presentes no próximo número da Óculum: *Reabilitar nossas cidades*, de Vladimir Bartolini; *A revitalização da área central de São Paulo*, de Regina Prosser Meyer; *O desafio da requalificação*, de Riccardo Ghio; *Remodelar*, de Roland Castro; e *Um desafio urbano, um desafio social*, de Francis Rathier. Diversos outros artigos sintéticos foram publicados em números anteriores do Boletim Óculum: *Rio-cidade: reabilitação da cidade do Rio de Janeiro*, Vicente del Rio [b022]; *Revitalização do Bairro do Retiro em Buenos Aires*, Diego Wisniewski [b022]; *Recuperação da cidade velha de Montevideo*, María del Pilar Pérez Piñeyro [b023]; *Recuperação da Baía de Montevideo*, Hugo Gilmet; *A recuperação da imagem urbana*, Massimo Carmassi [b023]; *O habitável*, Jean-Paul Dollé [b020]; *A industrialização da pós-guerra no leste europeu*, Pedro Moreira [b022]; *IBA Emscherpark: uma exibição invisível*, Paul Meurs [b018]; *O bairro do Royal de Barcelona*, Afonso Orioli [b016]; *Habitación coletiva em centro histórico de Sevilha*, Fernando Carrascal [b022]; *Projeto de renovação do Aeroporto Nacional de Washington DF*, Cristina Mehrens [b019]; *Imagens afetivas: algumas notas sobre o trabalho de Maxe Fisher*, Eduardo Aquino [b018]. Ainda sem resumos no Boletim, a próxima Óculum contará com os seguintes artigos: *As margens do rio. Revitalização do Puerto Madero em Buenos Aires*, Graciela Silvestri; *Recuperação da Baía de Montevideo*, Hugo Gilmet; *Problemas, manobras e estratégias modernas para os centros antigos italianos*, Mario Lupano; e *Projeto pedagógico do TGI da FAU PUC-Campinas*, Luis Espallargas Gimenez.

### Boletim Óculum na Internet

Todos os artigos já publicados pelo Boletim Óculum podem ser consultados em nosso website [www.pucamp-fau.br](http://www.pucamp-fau.br).

CAD  
PUC-CAMPINAS

## Centopiazze per Roma: o desafio da requalificação

Riccardo Ghio, Itália



"Cinco estações", praça para o bairro de Decima, Aldo Aymonino

Uma promoveu nestes últimos anos um amplo programa de requalificação urbana, voltado à tutela das grandes áreas livres que ainda possui, recuperando as periferias, valorizando o seu patrimônio histórico-arqueológico, reestruturando e ampliando a rede de transporte público sobre trilhos.

Enquanto os novos programas urbanísticos – indispensáveis para operar em um quadro maior de certeza, após muitos anos de crescimento desordenado da cidade e tantas vezes ilegal – foram definidos e aprovados, a Administração Municipal empenhou-se em uma ação difusa de requalificação e manutenção urbana que foi iniciada pelos Departamentos Ambiental, Obras Públicas, Tráfego e Território e, através do novo programa *Centopiazze per Roma* (Cem praças para Roma) promovido diretamente pelo Prefeito.

De fato, o projeto do espaço público e, em geral, a questão da requalificação dos espaços abertos da cidade já são, há um bom tempo, objetos de interesse e de atuação por parte de muitas administrações europeias. Desviando-se de um modo dominante mas equivocado de projetar espaços públicos, aquele em que temos somente a dotação de um novo mobiliário urbano – e que se demonstrou muitas vezes um componente posterior na degradação e não na requalificação urbana – a atenção da cultura arquitetônica se voltou para uma atividade projetual mais atenta dos lugares, procurando elementos de coerência com a paisagem circunstante e com a parte da cidade na qual se intervém.

Em um recente debate sobre o tema da requalificação dos espaços abertos, Guido Canella, recordando o novo *Auditorium* de Roma, questionava sobre o papel e a utilidade de uma arquitetura que, condicionada pelas exigências da mídia, se conotava fortemente para a espetaculosidade e a especificidade dos lugares, isso em relação a uma arquitetura mais difundida no território e na cidade, e menos engajada em termos comunicativos. "Se trata frequentemente – sublinhava Canella – de grandes projetos úteis à organização do consenso e à imagem da cidade, mas não são sufici-

entes para restituir à arquitetura aquele papel central em relação à sociedade, capaz de romper uma barreira que, ao contrário, isola essa mesma arquitetura".

Justamente para evitar esse risco, a Administração Municipal de Roma procurou atuar paralelamente em vários fronts: iniciou algumas grandes obras, inegavelmente necessárias e que já eram esperadas há muito tempo, e promoveu uma ação difundida de requalificação urbana, onde a arquitetura não deve enfrentar os "não lugares" mas, sim, lugares específicos, nas quais já se encontram certos estratos urbanos assentados, e sob um programa que pode ser amplamente discutido, junto aos cidadãos, até um possível consenso.

O programa "Centopiazze" nasceu também para esse objetivo, contribuindo justamente para recriar – mesmo se com um objetivo limitado – uma agregação de interesses, uma maior possibilidade de enraizamento nos próprios lugares implementados, reclamando um novo interesse pelo espaço coletivo que, hoje, parece completamente perdido. Conceber um programa de requalificação urbana para uma cidade como Roma requer, antes de tudo, um conhecimento das diversidades dos lugares: as várias partes urbanas, às vezes densas, outras mais rarefeitas, aquelas centrais e outras periféricas, não permitem imaginar um programa unitário; é viável, e assim foi feito, procurar regras e critérios básicos mas, também, é necessário afrontar os lugares que requerem intervenções, sabendo, particularmente, interpretá-los. Em alguns casos, por exemplo na cidade histórica, se trata de uma intervenção que respeita esses mesmos lugares, avaliando as sedimentações e as estratificações da história; em outros casos, nas várias e diversas periferias, se trata de redescobrir e valorizar os melhores componentes encontrados, componentes às vezes paisagísticos (a praça/parque de Fidene), outras vezes uma edificação antiga – por exemplo um aqueduto (largo Pettazzoni al Quadraro) – outras vezes ainda uma certa qualidade esquecida de uma arquitetura menor, sóbria mas coerente (Piazza Piaggio no Villaggio Breda). A cidade consolidada, por sua vez, oferece também cenários muito diversos: grandes praças de periferia circundadas por fachadas edilícias compactas e de baixa qualidade (Piazza Balsamo Crivelli no Tiburtino, ou o Viale Vicopisano na Magliana), mas também lugares de grande qualidade arquitetônica (Piazza Sauli na Garbatella ou a Piazza del Quatticchio no bairro homônimo).

Riccardo Ghio é coordenador dos projetos do Ufficio Centopiazze, Prefeitura de Roma. Tradução de Marcos Tognan



## Intervenção pública e espaço público no centro de São Paulo

Regina Prosperi Meyer  
rmpmeyer@that.com.br



"Minhocão" e Praça Roosevelt. Foto Nelson Kon / Viva o Centro

A incorporação dos elementos urbanos exigidos pelo processo de metropolização de São Paulo incidu de forma decisiva na estrutura física e funcional do Centro, produzindo marcas profundas nos seus espaços públicos.

A conjugação das obras do trecho da via expressa sobre a Av. São João (Elevado Costa e Silva, popular Minhocão), com a inauguração da nova Praça Roosevelt, marcam o primeiro grande ataque aos espaços públicos do Centro tendo como premissa, ou justificativa, as graves questões de circulação viária. A via elevada ligando a r. Amarel Gurgel ao Largo Padre Péricles (inauguração 1971) criou um novo estatuto urbano para a Av. São João.

A Praça Roosevelt (inauguração 1970) tomou-se um símbolo da ação do poder público sobre os espaços públicos da área central. A antiga praça de terra batida é substituída por uma edificação cuja qualidade urbana foi imediatamente contestada. A escala do projeto interferiu na estrutura da região, criando paredes onde existiam vistas. Paradoxalmente, mesmo reconhecendo que ali existia um imenso e inadequado estacionamento a céu aberto, é impossível não reconhecer o caráter destrutivo da iniciativa. A tentativa de dotar uma megaestrutura de 30.000 m<sup>2</sup> de qualidades urbanas, quando sua função essencial era encobrir as pistas subterrâneas e garantir o livre fluxo dos veículos que atravessam o Centro, sem nenhum contato direto com a sua estrutura viária, levou os arquitetos responsáveis pelo projeto urbano a buscar uma densidade de uso e de funções capaz de criar um "autêntico trecho de cidade".

Mas a falsa complexidade espacial e programática criou espaços que não revelam suas funções. A indistinação, tanto nos acessos externos quanto nos espaços internos, entre uma garagem, uma creche ou uma biblioteca, tomou-se uma barreira, um impedimento para uma posterior assimilação pelo usuário e pela cidade. A dificuldade de "ler" o seu espaço e misterioso interior, assim como a impossibilidade de criar qualquer tipo de continuidade entre a nova construção e o tecido urbano existente, estabeleceram entre a praça e o Centro relações de coexistência, no sentido empregado por Rem Koolhaas ao descrever as propriedades das

## O que entendemos por remodelar a cidade

Roland Castro



Remodelagem em Lorient, org. Roland Castro. Fotos Nicolas Baret.

Tudo o trabalho que levamos a cabo por sete anos no Cais de Rohan em Lorient foi a ocasião de colocar em prática uma nova maneira de produzir a cidade: a remodelagem. Partindo de edifícios existentes, de uma história urbana em curso, de um tecido urbano já constituído, praticamos o que pode-se entender pelo termo evocativo de *judéo urbano*: a mudança radical de uma situação urbana, sem recorrer à tabula rasa.

Muito além de um procedimento tradicional de reabilitação, remodelar significa uma aproximação rigorosa e sistemática do existente; a vontade de reintegrar os bairros em uma urbanidade mais vasta; um desenho urbano que retoma os grandes temas, esquecidos no tempo, da rua, da praça, da sombra, do recanto; um engajamento social decidido, caso por caso se for necessário.

A herança que nos legou o período moderno com as edificações privadas de qualquer urbanidade, nos impõe a busca de um quadro administrativo, legal e financeiro reproduzível, com o propósito estrito de que a remodelagem do Cais de Rohan não se torne uma operação de exceção, mas sim o primeiro capítulo de uma nova técnica urbana que integra simultaneamente uma compreensão da história urbana, do passado dos lugares, de suas experiências adquiridas, e o desenho [design] de uma nova urbanidade para todos.

**Exemplo realizado: Cais de Rohan em Lorient**  
Originalmente 2 barras de 80 m de comprimento e uma terceira barra com 160 m. Todas com 10 m de largura e uma dezena de andares. Construídas no início dos anos 80, elas fizeram do bairro de Lorient uma zona de exclusão social e urbana que, com 40% de desemprego na população ativa, parecia definitivamente condenado.

O ponto de partida: não demolir o existente para em seguida construir novas edificações, não se contentar com uma reabilitação superficial, uma espécie de lavagem de luxo das fachadas. O interesse é portanto de partir dessas barras monolíticas, de seus defeitos e problemas. A personalidade dessas edificações é tal que se faz necessário reintegrar as fraquezas para conseguir redesenhar novamente um lugar.

Aqui interveio um elemento essencial dessa operação, a ação onipresente da rádio DSQ<sup>1</sup>, que ocupa um escritório no canteiro e emprega habitantes do Cais de Rohan. Além de reunir arquitetos, empreiteira e todos que os participantes do projeto, ela instaura um diálogo sistemático com a população, atuando como intermediária entre os diferentes protagonistas, assegurando assim a mais completa compreensão do projeto.

Durante a realização da obra alguns moradores foram transferidos para alojamentos-hotel por um breve período. Todas essas idas e vindas e a amplitude da remodelagem urbana constituem um incômodo para todos. E mesmo que tudo tenha sido bem conduzido, evitando ao máximo os inconvenientes de um grande canteiro de obras, foi importante que a comunicação entre os locatários e o conjunto dos intervenientes tenha sido facilitada ao máximo. Nesse sentido a rádio DSQ, além de desenvolver uma série de outras ações relativas a esse bairro, preencheu com bastante desenvoltura seu papel de intermediária e de esclarecedora durante a elaboração e a construção do novo Cais de Rohan.

Remodelar, demolir, construir, desenhar, fazer ceder trechos urbanos um lugar, um bairro da cidade. Retirar completamente uma das caixas de escada da maior das barras, abrindo assim uma grande avenida para o mar, reencontrando o traçado da cidade em seu entorno imediato. Criar ruas com pequenos edifícios de 4 andares entre as lâminas, transformando os grandes espaços vazios não qualificados em praças. Romper com a monotonia, trabalhar com a linha do céu e a relação com as construções vizinhas. Enternecer e suavizar. Reintroduzir esse lugar na cidade, requalificá-lo, reconstruir a cidade. E sempre respeitando a identidade social do lugar, acrescentando alojamento para estudantes, um edifício adaptado às pessoas necessitadas de assistência, aberto à vida, à mistura, à mestiçagem e às trocas.

<sup>1</sup> DSQ (Développement Social des Quartiers - desenvolvimento social dos bairros). Sistema criado nos anos 80 com a intenção de estabelecer um diálogo sistemático com a população a partir de rádios instaladas nos locais de intervenção, para clarificar as intenções dos projetos em curso e para melhor compreender as necessidades desta mesma população.

Roland Castro é arquiteto e professor de Arquitetura na Ecole d'Architecture de Paris-la Villette. Foi nomeado pelo Primeiro Ministro para o "Observatoire" e delegado na Renovação dos Bairros no "Plan de Grand Paris". Foi arquiteto coordenador do "Bairro da Eça" em Paris-14-Defense.



edificações nas quais o tamanho [conceito de *bigness*] é um dado fundamental. Embora o termo coexistência sugira algum tipo de acordo, é bom não ter ilusões: as atuais condições da Praça Roosevelt não demonstram nenhum tipo de aproximação entre o contexto urbano onde foi instalada e o seu interior. A paradoxal possibilidade de um projeto exacerbar a precariedade ao invés de induzir ou promover a reparação dos problemas urbanos ficou ali patente. A nova praça criou um tremendo resíduo urbano cujo poder de erosão continua negativamente vivo e ativo no Centro.

O segundo golpe, dentro de princípios semelhantes aos que conduziram à intervenção da Praça Roosevelt, veio logo a seguir com o plano de ampliação da Praça da Sé, aprovado em 1973 e realizado a partir de 74. A implantação da estação Sé ligada à primeira linha do metrô paulistano impôs a demolição dos imóveis da vertente leste da praça, junto às ruas Felipe de Oliveira e Santa Teresa. As duas justificativas apresentadas para o porte das intervenções foram a necessidade de espaço subterrâneo que a maior estação metropolitana do Centro exigiria e o volume de pedestres que a área receberia após 1978, com a sua inauguração.

Pelo projeto executado entre 1974-78, as praças da Sé e Clávis Beviláqua passam a compor um espaço contínuo, sem, no entanto, chegar em momento algum à condição de espaço integrado. A Catedral da Sé e o Palácio de Justiça perdem seus espaços específicos, seus suportes urbanos, o que lhes retira também a capacidade de funcionarem como "marcos delimitadores", passando a disputar "ombro a ombro" o espaço duplicado e transbordante. Implodiu-se com as edificações a própria essência espacial e funcional das duas praças. O novo espaço, o espaço resultante, engoliu as duas praças criando um território fluido e indefinido em todos os níveis. Apesar de posteriormente agregar-se a forte presença da estação Sé do metrô, o ferimento não chegou a ser cicatrizado e nem tampouco a estancar o excesso de espaço criado pela acumulação das duas praças.

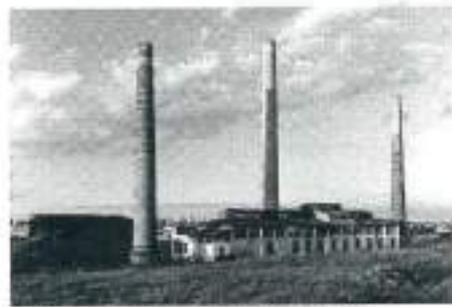
O vazio criado não chegou a ganhar o poder evocativo do *terrain vague* de que fala Ignasi de Solà-Morales.<sup>2</sup> Aqui o vazio criado pela ausência das edificações não pôde alcançar a dimensão positiva de uma promessa, de espaço expectante, pronto a receber um projeto e um novo uso. O vazio criado na Sé é pura indeterminação. As inúmeras tentativas de recompô-la através de intervenções no seu interior resultaram nulas. Diante da impossibilidade de reconstituir o tecido urbano implodido, as fontes, as esculturas e os patamares cuidadosamente desenhados e distribuídos estrategicamente não cumprem nenhuma função articuladora. Acabam por assumir o papel de adereços onde a arte parece querer substituir e compensar a própria vida urbana que dali se ausentou.

<sup>1</sup> Koolhaas *From S.M.A.L.L. Rotterdam 1995* p. 504

<sup>2</sup> Ignasi Solà-Morales, *Terrain Vague* in *Quaderns* n.º 292 Barcelona 1996



Renovação da ilha Segur, Paris. Arq. J-P Buffi e J-F Le Dantec



Chimneys em São Paulo, foto Nelson Kon / ArqDiáde

Tendo como pano de fundo o empobrecimento, as manifestações de violência exprimindo a revolta dos jovens das periferias (na qual os rachas de automóveis constituem a expressão mais típica da época) e de constatação que somente a manutenção não bastaria, que os anos 80 vêm sendo postos em prática os procedimentos da DSQ.<sup>1</sup> De modo limitado, porém com uma grande extensão, cobrindo uma grande parte dos bairros de habitação social, estes novos procedimentos se inserem na continuação das ações iniciadas anteriormente, trazendo porém mudanças notáveis. Eles colocam desta vez o acento na trílogia urbano-social-economia. Eles buscam sua articulação com a criação desses bairros de uma dinâmica social favorável à integração de uma população empobrecida, e suscetível de produzir o retorno da classe média que tinha desaparecido.

Contrariamente aos anos 70, trata-se de um método mais centrado sobre a adaptação do funcionamento dos equipamentos existentes do que sobre a produção de equipamentos. Essa adaptação surge a partir da consideração das características de uma população mais propensa à solicitação dos serviços sociais do que à boa vontade cultural da classe média dos anos 70. Os procedimentos tendem a ser transversais, abordando os problemas de saúde, de educação e de economia, aparecendo este último tema a partir de uma crise que perdura e afeta particularmente as populações residentes nesses bairros. O empobrecimento e a temática da integração orientam na busca de abordagens que favoreçam a conquista da gestão cotidiana dos bairros pelos próprios habitantes. O trabalho de animação da vida social é a ocasião de constituir um trabalho de parceria associando principalmente o organismo HLM<sup>2</sup> e a Prefeitura, mas também outros parceiros do trabalho social. Em certos casos, isso permite a renovação da abordagem social desses bairros.

A abordagem espacial continua ainda, apesar das intenções iniciais de arquitetura e urbanismo, fortemente restrita a uma abordagem muito técnica, ou mesmo decorativa, como sublinha a avaliação nacional da reabilitação realizada em 1993. "As intervenções sobre as fachadas resultaram mais de uma concepção decorativa e plástica do que de uma concepção arquitetônica que estabelece conexão entre funcionamento do edifício e seu aspecto externo [...]. As intervenções decorativas

contribuíram mais com a imposição do que com a integração na cidade."<sup>3</sup>

Certas iniciativas, durante os anos 80, emergem de procedimentos que abordam reabilitações de grands ensembles<sup>4</sup> sob o ângulo arquitetônico e urbano. Desde essa época, certas posições se confrontam sobre o tratamento dos espaços externos frequentemente deserdados por falta de meios ou em razão de uma difícil articulação entre as lógicas dos organismos HLM e das coletividades locais. E são apenas alguns – como o grupo Arcane, entre outros – que compreenderam o embate do tratamento arquitetônico e urbano ou sustentaram iniciativas que se direcionavam nesse sentido, como é o caso da Missão Banlieue 89 (tendo à sua frente Roland Castro e Cantal Duparc). Atuaram com tenacidade, mas nem sempre com sucesso, durante aquele período.

Essa tomada em consideração se revela na verdade muito mais promissora do que o previsto e encontra um desenvolvimento mais significativo no fim dos 80 e no começo dos 90. Nesse momento, de fato, a questão dos grands ensembles não é mais simplesmente abordada em termos de reabilitação, mas em termos de reestruturação urbana com as suas consequências em termos de "reformulação" indissociavelmente arquitetônica e urbana. Os Grandes Projetos Urbanos (GPU) traduzem, sem serem os únicos, a tomada de consciência da aposta que representa, de certo modo a refundação desses espaços legados pelas visões de um urbanismo de zoneamento. Depois de todos esses anos, trata-se de ultrapassar a simples abordagem técnica de normatização das habitações, de decoração de fachadas, de tratamento da vizinhança dos edifícios, e mesmo a demolição, para começar a tratar os grands ensembles em sua globalidade, sua dimensão arquitetônica e urbana na escala do bairro ou na escala da cidade. Enfim, trata-se de criar a perspectiva de uma verdadeira reestruturação urbana.

1 Desenvolvimento Social dos Bairros  
2 HLM: Habitation à Loyer Modéré; habitação a aluguel moderado  
3 Comité Interministeriel de Réévaluation des Politiques Publiques, "Le réhabilitation de l'habitat social: rapport d'évaluation", La Documentation Française, Paris 1993  
4 Grands ensembles, grandes conjuntos habitacionais

Francis Rathier é arquiteto e funcionário do Governo Francês, especialista em programas de renovação de habitações coletivas construídas no Pós-Segundo na França.

Reabilitar: voltar a ser hábil, capaz. Verbo transitivo... Voltar a ser capaz de que? Falar em reabilitar as cidades implica admitir que elas deixaram de estar preparadas para alguma coisa, que houve desvio de alguma finalidade. Seria mais adequado, talvez, falar em finalidades, uma vez que a história e a geografia registram diversos tipos de cidades, servindo a diferentes fins ao decorrer do tempo e inscrevendo diferentes formas no espaço.

No entanto, considerando que na próxima virada de século prevê-se que 60% da população mundial estará vivendo em cidades (contra 10% no início do século 20), é possível afirmar que a finalidade da cidade, genericamente falando, coincide com a própria finalidade da história humana. É claro que sob esta generalização jazem visões conflitantes da história e da cidade. Houve teóricos que chegaram a supor que a finalidade da história, o seu enredo, seria o desenvolvimento da razão. Não de uma razão natural, e sim intrinsecamente humana, que se realizaria no Estado racional, que produziria a síntese conciliatória entre o indivíduo e a realidade social. Neste caso, se o cenário da história é um mundo urbanizado, a cidade racional seria o espaço do ser humano plenamente realizado. Outros teóricos sustentaram que o desenrolar da história não se daria pela busca de uma razão abstrata, ou de qualquer outro "fantasma metafísico", mas por uma ação puramente material, "evidenciada no próprio ato de comer, beber ou vestir-se". E cada indivíduo obterá o que comer, o que beber e com que vestir-se, com o suor do seu rosto e às custas do divórcio entre o que produz e do que se apropria. Mas estes teóricos prometeram uma redenção final quando, graças ao progresso das forças produtivas, chegaria o "reino da liberdade". Como seriam as cidades desse reino, ou antes, haveria cidades nesse reino? Em caso negativo resta-nos aguardar a consumação da História sobre as ruínas do que já foram as cidades. Em caso positivo, teremos que cruzar este vale de lágrimas antes de chegarmos à cidade dos homens, das mulheres, dos velhos e das crianças livres. Abre-se aqui o espaço para a utopia. Não a de uma cidade ideal e estática, modelo acabado, mas a de uma cidade rica de possibilidades e de realizações, cheia de imprevistos mesmo, como em um jogo, mas direcionada por uma vontade moral, que se reconheça como humana, e não entregue a forças cegas, sejam elas naturais ou do mercado.

novembro 1998  
ano 3  
edição mensal letivas

## Reabilitação da orla marítima de Caraguatatuba

Antonio Abboud e Alexandre Stringari  
abboud@modulonet.com.br



A importância desse projeto envolve diversas questões. A primeira e mais importante é a constatação de que Caraguatatuba nunca teve uma arquitetura expressiva, a não ser pontos isolados e distanciadíssimos no tempo. A segunda é a ausência em nossa cidade de um lugar de referência, um espaço de vivência definido pela arquitetura. Por fim, era necessário desviar a atenção da cidade para sua orla marítima de intenso beleza e que não recebia a atenção merecida por parte de seus moradores.

Estas três questões auxiliaram na conceitualização do partido arquitetônico: a busca de um traçado adequado ao desenho que a natureza nos privilegiou; o desenvolvimento de uma cidade para o pedestre com largas e confortáveis calçadas; um sistema viário funcional que evitasse os grandes congestionamentos, tão comuns no verão e feriados e que nos tiram a paz. É interessante perceber, através da relação feita pelos usuários, que o projeto reverenciou Copacabana e as calçadas de Burle Marx. Não tínhamos tal pretensão, mas ao observarmos a execução percebemos com alegria que isso ocorreu. Um saudosismo Bossa Nova em plena virada de século! Dentre as mais diversas reações dos usuários, a descoberta do mar e de nossa paisagem foi a de melhor resultado, o que nos tornou ainda mais calçados. Com a arquitetura sendo entendida como uma possibilidade de vida melhor, o Litoral

Norte de São Paulo – com sua natureza ainda selvagem e exuberante – caminha em busca do desenvolvimento controlado, solicitando a presença do arquiteto para combater o crescimento desorganizado e especulativo.

**Descrição do Projeto:** Calçada de praia: 10m larg.; 0,50m de altura; em toda extensão do projeto; calçada da cidade: 5m e esplanas com 7,5m, vagas enfileiradas com tempo central variáveis larguras (1m, 1m, 1m); vagas de estacionamento: 45; arcos os sortidos e na canteiro central; vegetação: toda a extensão, com 85 palmeiras (mucuna); 16 los carapaveis: 16m em cada sentido.

Alexandre Stringari e Antonio Abboud, autores do projeto, são formados na FAU PUC-Campinas

## Seminário do Docomomo em São José dos Campos

oculum@uninet.com.br

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo de S. J. dos Campos sediou em outubro passado o I Seminário do grupo de trabalho *Docomomo Vale do Paraíba* como atividade integrada à programação do *IV Mês de Arquitetura*.

Realizado na antiga casa de Olivo Gomes, projeto do arquiteto Rino Levi, hoje Parque da Cidade, o evento teve depoimentos de Carlos Lemos, Eduardo Corona e Alberto Xavier e duas mesas redondas: *Preservação da arquitetura moderna: estratégias e ações* (coord. Ana Beatriz Galvão) e *Movimento moderno e a pesquisa universitária* (coord. Lúcia Gomes Machado), esta com a presença de M<sup>te</sup> Beatriz de Camargo Aranha da FAU PUC-Campinas. Ocorreram ainda 3 mesas de comunicação, coordenadas por Dolores Cocco (Unifai), Abílio Guerra (FAU PUC-Campinas) e Hugo Segawa (EESC-USP).

Trabalhos da FAU PUC-Campinas: *Arquivo digital da obra de Rino Levi* (Ricardo Marques, Abílio Guerra, M<sup>te</sup> Beatriz C. Aranha e Wilson Mariani), apresentado pelos alunos André Kaplan, Fábio Vilela e Priscila Davini; *Arquitetura moderna em Campinas* (Grupo PET, coord. M<sup>te</sup> Lúcia Refinetti Martins), apresentado pelo aluno Alexandre Tonetti; *Exposição Maguetes de projetos modernos*, organizada pelo aluno Daniel Carmelossi; *Concurso para o Plano Piloto de Brasília*, apresentada pela mestrandia Aline Moraes Costa.



Residência Olivo Gomes, atual Parque da Cidade, S. J. Campos. Foto Acervo Digital da FAU PUC-Campinas

Boletim Óculum é um informativo de assuntos ligados à Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático – CAD – da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Colônias mantidas em múltiplos pontos na identificação e correção de erros e/ou informações incorretas são bem-vindas e serão publicadas na próxima edição da revista.

Editor responsável:  
Abílio Guerra

Correspondentes:  
Antonio Augusto Duarte  
Cristina Melchior 224  
Duarte Aquino Camêdo  
Marcelo Tognon Nelli  
M<sup>te</sup> Pilar P. Pinheiro Marques  
Nivaldo Oliveira Tognon  
Paulo Mauro Holandi  
Tatiana D'Alch. Franje  
Toda Mônica Alonzo  
Isabela Gustavo Aguiar  
Viviane Camargo Araoz

Membros:  
André Kaplan  
Daniel Carmelossi  
Fábio Aranha Camêdo  
Fábio Lavini  
Priscila Vilela Davini  
Tatiana Aranha

FAU PUC-Campinas  
Diretor:  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr.  
Vice-Diretor:  
Lúcia Galvão  
Coordenadora de curso:  
Ricardo Marques de Araoz

Centro de Apoio Didático  
Rua O. Peralta - Km 134  
Campus 1 - CEP 13069-900  
Campinas SP Brasil  
Tel: 55 019 254-7169  
fax: 55 019 254-8376  
fau@cad.puc-campinas.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 57  
01404-000 São Carlos SP  
Fone: fax: 311 2888952  
oculum@uninet.com.br

Página Web na Internet:  
www.oculum@puc-fau.br

Apple e iTunes  
Apple do Brasil  
estão registrados.



## Seminário de história e Semana

pós-seminário: um balanço

Abílio Guerra

oculum@uninet.com.br



Obras de revitalização em Berlim, palestra de Maria Lupano

O V Seminário de história da cidade e do urbanismo (Campinas, 14-16out) organizado pelo Programa de Pós-Graduação da FAU PUC-Campinas foi um enorme sucesso. Durante 3 dias os mais de 500 inscritos e convidados puderam assistir palestras e debates de intelectuais de diversos países e conferir nas mesas de comunicações a produção atual de diversos pesquisadores.

O enorme interesse verificado no período de inscrições de trabalhos e de ouvintes culminou na presença maciça nas apresentações, propiciando diversos debates após as mesmas, comprovando o momento propício de realização do evento e a qualidade das convidadas e trabalhos. Nas considerações sobre a urbanidade e nas proposições para as cidades atuais, pôde-se observar a tensão entre as sobrevivências do passado e as novas demandas do futuro imediato.

Dentre outros, apresentaram-se durante o Seminário os professores Gabriele Morali, Rafael Moreira, Walter Rossa, Roberta Delson, Maria Lupano, Massimo Carmassi, Jean-Paul Dollé, Antoine Picon e Georges Teyssot. Sem dúvida a presença mais aguardada foi a de Joseph Rykwert, aplaudido com entusiasmo após conferência sobre os encaminhamentos da arte, da arquitetura e da cidade, feita com uma simpatia que a todos encantou.

Na semana seguinte (19-23out) aconteceu a Semana Pós-Seminário, uma série de conferências e palestras dos estrangeiros presentes no Seminário, com o reforço de Helio Piñon, de Barcelona, e Maria del Pilar Pérez Piñeyro, de Montevideo.

A Semana Pós-Seminário teve como principal objetivo propiciar aos nossos quase 800 alunos de graduação o convívio com estes importantes visitantes, uma vez que o Seminário de história da cidade e do urbanismo teve como público alvo profissionais e alunos de pós-graduação.

### Lista com principais apresentações do Seminário

Conf. 1: Frederik-Law Duxsted e os parques públicos como mecanismos energéticos da cidade. Georges Teyssot; Conf. 2: A cidade e os modos de arquitetura durante os renascimentos. Gabriele Morali; Conf. 3: O futuro das cidades. Joseph Rykwert; Mesa 1: Urbanização e Projeto no Brasil (Luso-Brasileira). Nestor Bouliant (coord), Rafael Moreira, Walter Rossa e Roberta Delson; Mesa 2: Projetos Contemporâneos de Revitalização do Patrimônio Cultural; Marcos Tagnon (coord), Maria Lupano, Massimo Carmassi, Jean-Paul Dollé; Mesa 3: A Circulação de Modelos Urbanísticos. Transferências Culturais entre Europa e Américas. Helio Piñeyro (coord), Antoine Picon, Georges Teyssot, Maria Marx, R\$ 30,00 (incl) ou R\$ 150 (brasil). Info: Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU PUC-Campinas, fone: 019 756-7088; fax: 019 756-7198. V5HCJ@total.puccamp.br

## Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português

Walter Rossa, Portugal

mwrassa@mail.telepac.pt

Sem ser o seu principal objetivo, a produção deste colóquio tem sido o principal elemento catalisador do projeto A cidade como civilização: universo urbanístico português 1415-1822 que a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP) tem desenvolvido. No essencial o que se pretende é o desenvolvimento e a afirmação da História do Urbanismo enquanto elemento fundamental do corpus disciplinar da cultura portuguesa e a formação em rede dos investigadores que nela trabalham.

O Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português 1415-1822 será dividido em plenárias de seis Sessões Temáticas e uma Mesa Redonda. Para além dos temas das comunicações será fundamental que todos conheçam a abordagem e a metodologia seguida nos textos apresentados, mas que só posteriormente estarão acessíveis em ata. É essa a razão da publicação antecipada dos resumos, possibilitando também o debate prévio à própria redação dos textos. Esta faculdade reside numa das principais orientações do projeto: a circulação de idéias e de informação. Com esta abertura espera-se transformar a reunião num momento de avanço ímpar do conhecimento disciplinar. Estão convidadas todas as investigadoras e interessados na temática a participar ativamente no colóquio organizado pela CNCDP e que ocorrerá no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra entre 02 e 06 de março de 1999.

A língua oficial será o português, com tradução simultânea de/para inglês. Serão emitidos certificados de participação aos participantes, com direito a desconto de 20% na aquisição das Atas. Inscrições

Com os preços de 5 000\$00 (simples: entrega de documentação e participação nas sessões temáticas e mesa redonda) ou 20 000\$00 (completo: simples + participação nos jantares de abertura e de encerramento, nos almoços de trabalho e na visita de estudo), as inscrições estão abertas até 15jan1999 (com tolerância até 28fev, com aumento de 50% no valor da inscrição). O pagamento deve ser feito por cheque endossado à Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses ou por cartão de crédito.

Info: CNCDP, Rua dos Boios, 1 dos Basalheiros, 1100 Lisboa, Portugal. Terc: +351-1-861.0900, fax: 867.3300, cidade@cncdp.pt



## Prêmio Carlsberg para o arquiteto Peter Zumthor

Olivia de Oliveira, Suíça

butikofer.oliveira@span.ch



Thomas de Vries, sig P Zumthor, 1990-95. Foto Christian Richters

O arquiteto Peter Zumthor (Basileia, 1943) foi homenageado com o Prêmio Carlsberg 1998. Instituído em 1991, dentro de um espírito de incentivo às artes, desejado pelo fundador e herdeiros da cervejaria dinamarquesa, The Carlsberg Architectural Prize é oferecido a cada 3 anos a um arquiteto, em reconhecimento à qualidade de sua obra. O 1º foi dado à Tadao Ando, em 1992. Nesta 3ª edição, Zumthor concorreu com outros 24 candidatos, entre eles, Frank Gehry, Rem Koolhaas, Rafael Moneo, Norman Foster, Jean Nouvel e Renzo Piano. Para Zumthor construir é se engajar psicologicamente com o ser humano, é propor "uma espécie de envoltório e background para a vida, um estojo sensível ao ritmo de passos sobre o solo, à concentração do trabalho, ao silêncio do sono". Foi a esta sensualidade do bem-estar que os membros do júri se mostraram particularmente sensíveis, sublinhando como as construções de arquiteto suíço são "profundamente voluptuosas a vários níveis e jogam com os sentidos do olfato, do tato, da audição tão bem quanto da vista."

Entre suas obras destacam-se a singela capela em madeira, erguida à Sogn Benedetg (1985-1988), uma torre com planta em forma de gota d'água, iluminada apenas pelo lanternim da cobertura e revestida de escamas de madeira odorante, bem como o Kunsthauus de Bregenz, Áustria (1990-97), cuja pele de vidro mate reflete os humores do céu do Lago de Constance ao mesmo tempo que irriga o interior com uma luminosidade e respiração mágicas ou ainda o bellissimo banho termal de Vals (1990-96), onde o jogo rigoroso de cheios e vazios dá ao usuário a dupla sensação de proteção e de abertura sobre a natureza. A osmose quase geológica do edifício é obtida graças ao seu revestimento em gneiss, um tipo de granito local cinza azulado, cortado em lâminas horizontais seguindo o sentido das estratificações da pedra.

A arquitetura, explica Zumthor, "necessita refletir as possibilidades que lhe são inerentes, ela não é um veículo ou um símbolo para coisas que não lhe pertencem em sua essência. Numa sociedade em que se celebra o desnecessário, a arquitetura pode propor uma resistência, neutralizar o consumismo das formas e significados para falar sua própria linguagem". São algumas das lições ouvidas pelos alunos da Academia de Arquitetura de Mendrisio, onde Zumthor é professor desde 1996.

http://www.carlsberg-arch-prize.com

## Viagem de estudos da FAU PUC-Campinas para Belo Horizonte Maria Beatriz de Camargo Aranha



Escola Guignard, em BH, arq. Gustavo Penna. Foto Gil Prates

Cumprindo a programação das Atividades Optativas da FAU PUC-Campinas para o segundo semestre, realizou-se no período de 31 out a 04 nov uma viagem monitorada a Belo Horizonte onde analisou-se o plano urbanístico e projetos significativos da arquitetura da cidade. Nesse sentido, definiu-se três momentos: o plano de Aarão Reis e o período de sua instauração, o período moderno e a tecnologia do aço na arquitetura contemporânea – a chamada *escola mineira*.

Contando com o apoio do Departamento de Arquitetura da PUC-BH e do Departamento de Desenvolvimento de Projetos da USIMINAS, foram 4 dias de intensa atividade que cumpriram plenamente os objetivos previstos. Os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com as principais discussões contemporâneas sobre arquitetura brasileira, visitando os projetos mais recentes dos arquitetos Gustavo Penna, Éolo Maia, Silvio Podestá, João Diniz e outros, e acompanhando a recente experiência de utilização de estruturas de aço em habitação social. Puderam também conhecer obras significativas da produção moderna brasileira, como o conjunto da Pampulha, o edifício JK (rara experiência de Oscar Niemeyer na área de habitação social), os edifícios de Álvaro Vital Brasil, o campus da UFMG e muitos outros. Reconheceram, na cidade atual, os marcos da primeira cidade brasileira planejada, tão visível em lugares como a Praça da Liberdade, verdadeira síntese do processo vivido nesses cem anos.

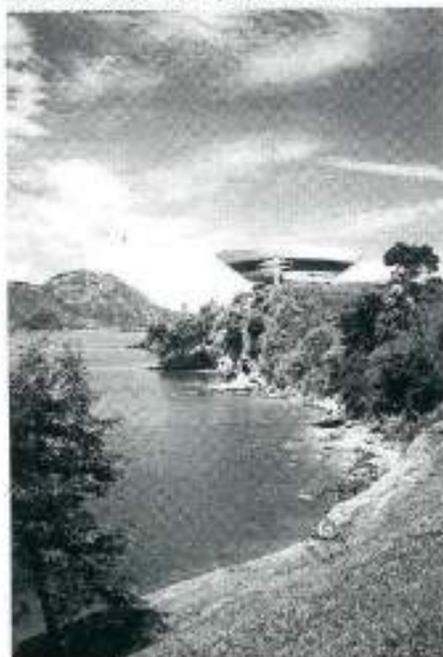
Do ponto de vista arquitetônico, nela convivem harmoniosamente os edifícios neo-clássicos dos primeiros tempos, marcos modernos como o edifício Niemeyer e marcos contemporâneos como o edifício da Secretaria da Cultura de Éolo Maia. Do ponto de vista urbanístico, são dominantes as duas malhas ortogonais sobrepostas que definem o arruamento, as quadras, lotes e – ainda muito presentes nos dias de hoje – os grandes eixos previstos por Aarão Reis.

A rica experiência vivida por esse grupo de alunos atingirá um universo maior, na medida em que todas as visitas e discussões com especialistas e arquitetos foram amplamente documentadas e passam a fazer parte dos acervos do CAD – Centro de Apoio Didático – e do CAW – Centro Audiovisual, órgãos da FAU PUC-Campinas.

A visita a Belo Horizonte foi organizada pelos professores Maria Beatriz de Camargo Aranha e Luís Fernando Campandini Rocha

## Niemeyer ganha medalha do Riba de Londres, Inglaterra Paul Meurs, Holanda urbanfab@knoware.nl

O RIBA – Royal Institute of British Architects – homenageará Oscar Niemeyer com a Medalha de Ouro Real de 1998. Embora tal fato devesse ter ocorrido há uns 30 anos atrás, a escolha é significativa. Ao invés de optar por um dos arquitetos do atual starsystem, o RIBA achou por bem destacar um arquiteto de 90 anos de idade. Faz parte de uma nova onda de interesse mundial pela obra do arquiteto brasileiro. Oscar Niemeyer recebeu os prêmios Pritzker de 1988 e Leão de Ouro da Bienal de Veneza de 1996. Além disso foram publicados belos livros sobre seus projetos na França (Jean Petit, 1996), nos EUA (David Underwood, 1994 e 1995) e no Japão (Gallery-MA Books, 1997). Mesmo diante deste destaque e divulgação, muitos arquitetos ingleses pouco conhecem a obra de Niemeyer além das imagens divulgadas por ocasião da inauguração de Brasília. Para esse "re-encontro" com o laureado foi organizado uma pequena mostra na sede do RIBA em Londres. Em uma sala foram reunidos desenhos, imagens, citações, livros e revistas sobre o arquiteto e sua obra. Embora os desenhos originais e as maquetes estejam ausentes, o material exposto dá uma boa idéia da trajetória de Niemeyer dos anos 30 até hoje. O curador e designer da mostra, Dennis Sharp, dispõe uma bonita seqüência de desenhos na parede, montada em painéis azuis. No meio da sala foi exposta uma vitrine ondulada de 14 metros de comprimento, cheia de livros, fotos e revistas. A mostra foi a única opção no momento para os ingleses conhecerem essa obra. Como Niemeyer não viaja mais pelo mundo, os diretores do RIBA irão ao Rio de Janeiro em novembro para entregar a medalha. Será organizado um pequeno encontro na Casa das Canoas. Os novos contatos poderão ser uma boa oportunidade para trazer uma mostra maior sobre Oscar Niemeyer para a Europa.



Museu de Arte Moderna, Niemeyer. Foto Paul Meurs

## Memória e arquitetura Fernando Lara, Estados Unidos ferlara@umich.edu



Hotel Capagueses, Capagueses, MS, arq. Atilio Izzido e Gilberto Lemus. Foto Pedro Lobo / PHAN SH

Realizados em Saint Louis, Missouri, entre os dias 2 e 4 de outubro último, 70 professores de vários países discutiram o tema *Memória e Arquitetura*. A conferência organizada pela ACSA (Association of Collegiate Schools of Architecture) e que teve a Washington University at St. Louis como anfitriã, teve por objetivo debater o papel da memória no ensino, pesquisa e prática da arquitetura. As interfaces entre memória e arquitetura, não só no que diz respeito a restauro e conservação, mas no entendimento da arquitetura como veículo e depositária de memória, foi a tônica dos trabalhos. Nas palavras de um dos convidados especiais, Prof. Stanford Anderson, (MIT), a memória se faz presente tanto a partir da arquitetura (monumentos e marcos comemorativos), como na arquitetura em si (recipiente de traços e marcas da experiência humana). Diane Ghirardo (UCLA) analisou o espaço urbano como memória cultural na multi-étnica Los Angeles, e Jennifer Bloomer (Iowa) discorreu sobre a memória das complexas relações raciais americanas através da arquitetura.

A memória da arquitetura brasileira foi representada numa seção moderada por Meton Gadelha (Washington U.), onde os trabalhos – Fernando Lara (PUC-MG) sobre as relações barroco-modernismo, Ana Lúcia Santos e Lourdes Luz (Santa Úrsula) sobre as casas de fazenda do Vale do Paraíba, e Yolanda Daniels (Michigan) sobre a memória dos espaços de escravidão em Ouro Preto – foram apresentados e amplamente discutidos pela platéia norte-americana. Enquanto Daniels investigava o significado dos poucos traços restantes dos espaços de escravidão como na Casa das Contos em Ouro Preto, Ana Lúcia Santos e Lourdes Luz examinaram as ambíguas relações entre casa grande e senzala nas fazendas de café do Vale do Paraíba, numa interessante comparação com as plantations do sul dos EUA. A apresentação de Fernando Lara discutiu como a geração modernista se ancorou no passado, reforçando a idéia do barroco mineiro como mito de origem, construindo uma poderosa memória e descartando outras. Tanto para a platéia como para os quatro pesquisadores ficou a idéia de que as memórias da arquitetura brasileira são muitas e muito ricas, cabendo a nós investigá-las e relacioná-las.

Vera Pellamini e Zeuler Lima (USP) também estiveram presentes no encontro, cuja principal lição foi a urgência da reflexão sobre nossa memória.

## Artigas por Artigas em Sevilha

Silvana Rodrigues de Oliveira,  
Espanha  
sroliveira@arquired.es



Segunda casa do arquiteto em São Paulo, em Vilanova Artigas.

A Escola Técnica Superior de Arquitectura de Sevilha – ETSAS –, onde só se estuda dentro do curso de História da arquitetura contemporânea a ida de Le Corbusier ao Brasil e sua influência na Escola Carioca, conheceu um pouco mais da arquitetura brasileira, sobretudo a de Vilanova Artigas. No dia 21 out o arq Júlio Artigas apresentou uma palestra aqui em Sevilha. Começou com a apresentação do coordenador das atividades culturais de ETSAS, arq Alfonso del Pozo, enfocando o momento atual da arquitetura na Espanha que busca uma integração com toda Iberoamérica, como o ocorrido na "I Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Engenharia" que acaba de realizar-se em Madrid, e portanto a importância de em ambientes menores poder dar-se à conhecer obras e arquitetos que aqui ainda são pouco divulgados. Na continuação, fiz a apresentação da palestra – seu currículo pessoal e agradecimento:

"Agradecemos a sua disposição e colaboração por hoje renunciar a seu protagonismo profissional e nos apresentar a obra do seu pai – João Vilanova Artigas – de grande interesse para a reflexão da arquitetura brasileira. Ele tem a sorte de pertencer a uma família de artistas, ademais do pai, mãe e mulher pintoras. Atualmente vive na segunda casa do arquiteto-pai, que aparece no cartaz (por certo agradecemos a arq M<sup>o</sup> Ivone Souza Bois pela sua elaboração). Casa que hoje não será apresentada por falta de slides que estão emprestados para elaborações das inúmeras teses que se realizam atualmente sobre a obra do arquiteto. Viver hoje nesta casa é saber renunciar ao que muitos chamam de conforto, é saber conviver com materiais simples como o cimento queimado ou tijolo pintado com cal, é saber renunciar as tentações das iniciativas privadas interessadas no entorno valorizado, como o depoimento que o próprio Júlio nos fez há meses atrás: *Caso eu vendesse esta casa ficaria rico mas me amaria moralmente.*" Havia mais de 500 alunos e quase 20 professores. A palestra foi sublime, surpreendendo os alunos que desconheciam a existência desta arquitetura. Hoje quando se está na moda o *Less is more*, as soluções, os detalhes, as estruturas, que aparecem nestas obras de muitos anos atrás, fazem sentido. Aplaudiram insistentemente, uma valorização da arquitetura brasileira, consonante com o grande interesse atual existente aqui na Europa.

## Monografia sobre Reiser e Umemoto

Ligia Velloso Nobre, Londres  
ligian@globalnet.co.uk



Biblioteca Kansai, Japão, Arq Reiser e Umemoto, concurso 1999

A Academy Editions publicou recentemente uma monografia com projetos dos arquitetos Reiser e Umemoto (R+U), prefácio de Daniel Libeskind, textos do filósofo Andrew Benjamin e do próprio Jesse Reiser. Os projetos apresentados incluem propostas para concursos – Terminal de Yokohama, Biblioteca Kansai e Bucharesti 2000 – e, dentre outros, o "Jardim Aquático" em colaboração com o crítico e arquiteto Jeffrey Kipnis. Oposições binárias que têm dominado a arquitetura como disciplina por longa data – teoria e prática, estrutura e ornamento, programa e forma – são colocadas em questão. O melhor caminho nesse impasse segundo Reiser, é focar não em questões de representação e significado, mas na organização do trabalho e seus efeitos. R+U consideram a arquitetura como infra-estrutura com relevância continuada nas construções materiais (o estado sólido da arquitetura). Operando por diagramas dinâmicos em que computador e modelo físico são ferramentas imprescindíveis ao processo de projeção, eles exploram as potencialidades das estruturas espaciais popularizadas por Buckminster Fuller – utilizadas aqui como sistema infra-estrutural intermediário flexível – e recuperam os trabalhos do matemático René Thom e do biólogo D'Arcy Thompson em relação às possibilidades da forma topológica. Embora com renovações formais, R+U não sucumbem à nenhuma espécie de formalismo em detrimento da função. Benjamin ressalta que um edifício concebido como um processo dinâmico possui a noção de tempo intrínseca na concepção, funcionamento e vivência da forma construída. Na concepção do projeto, o edifício em si mantém espaços à espera da injeção de programa permitindo a inserção do futuro no presente, i.e. aberto para o imprevisível. O edifício e a malha urbana são concebidos como sistemas dinâmicos adaptáveis a contingências futuras. A mudança torna-se uma expressão ativa de organização material do edifício (Reiser). Reinserindo o potencial da arquitetura como manifestação concreta, esta é operada segundo a lógica de um diagrama dinâmico. R+U recuperam a dimensão política da arquitetura por lidarem claramente com o poder da arquitetura. Mas aqui esse poder surge como potencial (*puissance*, na terminologia de Nietzsche) permitindo assim a emergência de novos horizontes de possibilidades.

Reiser + Umemoto Recent Projects, Andrew Benjamin (ed.), Academy Editions, Inglaterra 1999

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Telaviva, 1995, arq Enriquez Noyen e Bernardo Gómez-Pomera

**1<sup>o</sup> Prêmio Mies van der Rohe vai para México**  
A Fundação Mies van der Rohe divulga ganhador do 1<sup>o</sup> Prêmio para a arquitetura latinoamericana: "Edifício multi-uso e complementares para Televisa", Cidade do México, grupo TEN Arquitectos

### Congresso UIA Pequim 1999

Inscrições do Concurso promovido pelo Congresso UIA até 20 nov. Info: College of Architecture, Xi'an University of Architecture & Technology (XUAT) 710055 Beijing China. Fone 86 29 220.2943, fax 86 29 552.7821, LiuKCH@pub.xsonline.com

### Curso arquitetônicos de verão no Chile

De 03-16 jan 99 acontece em Valparaíso e Santiago o *International Summer Institute on Architecture and Design 1999* (Columbia Univ., PUC Chile e Univ. Técnica Federico Sta Maria). [www.isi.utfsm.cl](http://www.isi.utfsm.cl)

### Presença brasileira em Londres

A Architectural Association (AA) abre em 10 nov as exposições de Paulo Mendes da Rocha (*Brazil Still Builds 2*), de João Martínez Corrêa com a nova Estação de Metrô Copacabana, e de fotos do Barroco Mineiro. Até 11 dez. [www.arch-assoc.org.uk](http://www.arch-assoc.org.uk)

### Concurso de arquitetura e urbanismo em SP

*Plano Diretor para reurbanização da área do Corrandiru*. Insc. até 27 nov. Info: IAB, r Bento Freitas 306, 4<sup>a</sup>, 01220-000 São Paulo SP, fon 259.6597

### Exposição de arquitetos formados na FAU-USP

*5 décadas de arquitetura: uma leitura*. Exposição dos 50 anos da FAU-USP. Museu Brasileiro da Escultura, av Europe 218, São Paulo, 03-29 nov

### Exposição envolvercidade no Museu da Cidade

Trabalhos dos alunos da FAU PUC-Campinas para o curso Urbanismo II, tema "Intervenção urbana". Eventos 28 nov. Debate 03 nov. Exposição 04 dez. Av Andrade Neves 33. Info: 019 231.3397

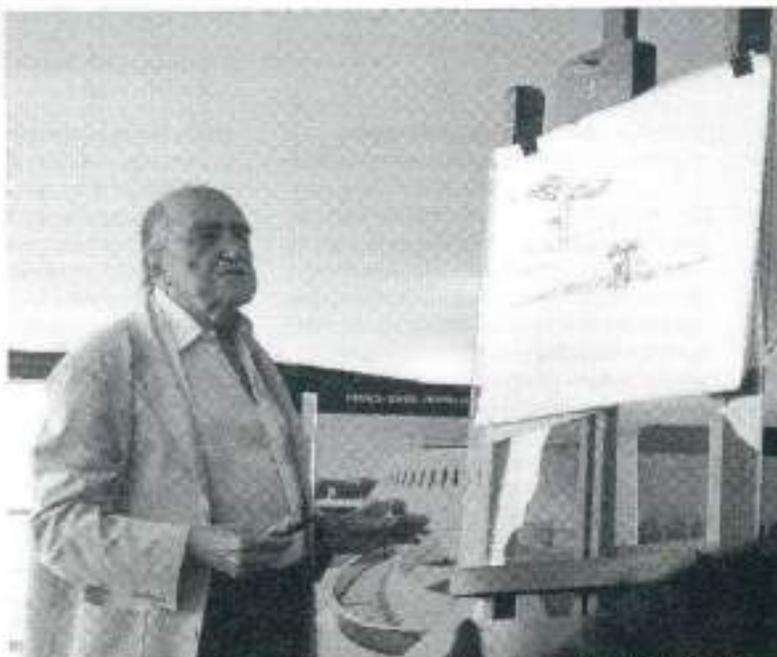


Silvana Rodrigues de Oliveira (Paralaxe de Belos Artes, 1997) e obra no Instituto de Arquitetura da Universidade de Sevilha

dezembro 1998  
ano 3  
edição meses letivos

## Uma visita a Oscar Niemeyer

Antonio Carlos Kfoury, Fernando F. Cabral e Fernando V. Peres  
fau@acad.pucamp.br



Em seu escritório, Oscar Niemeyer desenha um dos projetos que está realizando em 1998. Foto Davi Elias Thomas

Visitar Oscar Niemeyer no seu escritório carioca é uma experiência extraordinária. Estivemos lá, alunos e professores da FAU PUC-Campinas, em outubro passado, como parte de uma viagem de estudos ao Rio de Janeiro inserida em uma Atividade Optativa do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Afável e generoso, Niemeyer nos recebeu em seu escritório amplo e luminoso, de onde se avista a paisagem magnífica das montanhas e do mar de Copacabana. Com calma e segurança, falando baixo e pausadamente, desenhou em folhas grandes de papel manteiga, lembrando momentos de sua vida e dos seus 60 anos de trabalho.

O que mais impressiona hoje em Oscar Niemeyer é que ele não sossega, não se acomoda. Mostrou-nos seus novos projetos na Inglaterra e em Niterói, revelando novamente a busca incessante do novo, do espaço surpreendente, da beleza e do aprimoramento da engenharia e da construção.

Uma aula? Várias: aula de desenho, de arquitetura, aula de vida. Delas, talvez, a mais importante para alunos e professores foi a da permanente inquietação desse arquiteto de 80 anos. Inquietação tanto frente às questões da arquitetura quanto aos desígnios do país.

Mas a viagem não termina aí. Uma parcela importante da atividade optativa foi a visita a 5 obras do arquiteto no Rio.

No centro da cidade que outrora foi a capital brasileira, estivemos no edifício do Ministério de Educação e Saúde, projetado em 1938 a partir de estudos preliminares de Le Corbusier e desenvolvido por uma equipe de arquitetos coordenada por Lúcio Costa, da qual Niemeyer fez parte. Sua implantação surpreende pela clareza da definição da quadra, obtida com a ocupação de dois de seus lados pelo edifício e pela fluidez na interligação dos espaços das ruas circundantes com o interior da quadra, onde encontra-se uma praça projetada por Burle Marx e na qual se chega caminhando entre os pilotis sob o edifício. Na Lagoa Rodrigo de Freitas visitamos outras duas obras. O edifício Obra do

Berço, de 1937, uma maternidade e creche para mulheres com poucos rendimentos, na qual foi utilizado o brise-soleil vertical móvel na composição da fachada. E o Hospital Sul-América, de 1952, em que Niemeyer reinterpreta o desenho dos pilotis, propondo-os em forma de "V" com bordas arredondadas.

Na Estrada das Canoas estivemos na casa do arquiteto, construída em 1953 e hoje não habitada. A surpresa que esta obra revela a seus visitantes está principalmente na maneira como são tratados os elementos que constituem seu pavimento térreo. A laje plana, suas colunas de sustentação e as vedações de vidro e alvenaria seguem todas um traçado predominantemente curvilíneo, mas o que surpreende é que não estabelecem entre si uma relação de compromisso recíproco, assemelhando-se a uma espécie de sobreposição livre de traçados para cada um dos elementos da composição. O que cria situações inusitadas entre interior e exterior nesta que é uma das obras-primas do arquiteto.

Encerramos nossas visitas indo a uma das obras mais recentes de Niemeyer: o Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Se do ponto de vista estrutural e de seu uso ela nos remete ao projeto do Museu de Arte Moderna de Caracas, de 1954-55, devido ao conceito de protensão de lajes e vigas realizada por suas paredes externas inclinadas para fora do volume, é a Câmara dos Deputados em Brasília que ela se relaciona formalmente. Trata-se, por isso, de uma variação daquela cúpula invertida, agora rasgada por uma abertura de 360° em sua linha média e suspensa no ar por um volume cilíndrico central. O MAC-Niterói, implantado em uma pequena península rochosa e escarpada na embocadura da Bala de Guanabara, assemelha-se a uma neve especial ali pousada a saudar o Rio de Janeiro e Niterói.

Viagem de estudos ao Rio de Janeiro. Atividade Optativa da FAU PUC-Campinas. Coordenação dos professores Antonio Carlos Kfoury, Fernando F. Cabral e Fernando V. Peres. Departamento de Linguagem Arquitetônica. Outubro de 1998.

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Conselho Acadêmico (CAO) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Comentários e informações em relação às edições não são necessariamente compartilhadas pelo editor ou pela direção da revista.

Editor responsável:  
Arlindo Quares

Correspondentes:  
Arlindo Quares (Coordenador)  
Christina Monteiro (FAU)  
Eduardo Aguiar (Unicamp)  
Lúcia Veloso Nobre (Anglo-americano)  
Marcelo Tognon (Unicamp)  
Márcio P. Rezende (Unicamp)  
Olivia de Oliveira (Unicamp)  
Paula Marum (Unicamp)  
Paulo Roberto Franco  
Pedro Marcos Almeida  
Renato Durães (Anglo-americano)  
Ronaldo Damasceno

Membros:  
André Koplin  
Daniel Carneiro  
Isabela Tassi (Anglo-americano)  
Rafael Lacerda  
Ricardo Vieira Davini

FAU PUC-Campinas  
Diretor:  
Wilson Nogueira de Sá (em 1998)  
Vice-diretor:  
Vivian Lacerda  
Coordenador de curso:  
Ronaldo Marques de Almeida

Centro de Apoio Didático:  
Rua D. Pedro I - Km 136  
Campinas - CEP: 13089-900  
Campinas SP Brasil  
Fone: (51) 013 754.7108  
Fax: (51) 013 258.8270  
fau@acad.pucamp.br

Revista Óculum  
Atividade Optativa  
Rua D. Pedro I - Km 136  
Campinas - CEP: 13089-900  
Campinas SP Brasil  
Fone: (51) 013 754.7108  
Fax: (51) 013 258.8270  
fau@acad.pucamp.br

Página Web na Internet:  
www.pucamp.br/ocul

Apelo cultural  
Apelo do Brasil  
Designêl Kozak



DAIDIGITAL

## Santo André Cidade Futuro

Raquel Rolnik  
rolnik@polis.com.br



Avenida dos Estados em Santo André. Área de intervenção proposta às equipes de urbanistas brasileiros e estrangeiros.

### Eixo Tamanduatehy (denominação provisória)

A metrópole paulista apresentou nas últimas duas décadas um processo de esvaziamento da atividade industrial, em termos absolutos e relativos, em relação ao Estado de São Paulo e ao país. A região do ABC, e Santo André em especial, como território tecido em função da indústria, vem sofrendo um grande impacto com a crise do setor industrial. Por outro lado, a metrópole ainda representa uma área de influência nacional, de destacada hegemonia funcional. Este papel está intimamente relacionado à manutenção e crescimento da função terciária (comércio e serviços) superior: os setores financeiro, turístico e de lazer, educação e cultura, saúde e esportes, comandos empresariais, atividades ligadas às funções governamentais e outras. A região do ABC é hoje o segundo maior mercado consumidor e a segunda praça bancária da metrópole, superada apenas pela capital. Diante do esvaziamento industrial, um cenário otimista considera que a metrópole de São Paulo consiga desempenhar um papel importante na divisão internacional e nacional do trabalho, abrindo funções terciárias geradoras de alto valor agregado, complementadas pelo desenvolvimento das indústrias de alta tecnologia, dinâmicas e de pequeno porte, além de abrigar população de elevado nível profissional e cultural. Neste contexto, o ABC, e em especial Santo André, assumiria um papel de importante eixo de crescimento e desenvolvimento.

Este cenário implicaria na superação de problemas de várias ordens – desde o investimento em áreas sociais fundamentais no sentido de combater a exclusão e capacitar os cidadãos para um novo perfil de atividade econômica, até a requalificação do espaço urbano oferecendo não apenas uma nova funcionalidade, mas sobretudo uma nova urbanidade.

O projeto *Eixo Tamanduatehy*, elaborado desde a prefeitura de Santo André, projeta um plano urbanístico para o grande eixo da várzea do Rio Tamanduatehy, onde se alojaram a ferrovia e as indústrias – hoje em processo de substituição funcional – como uma das estratégias do projeto *Santo André Cidade Futuro*, que busca apontar os caminhos de superação dos problemas apontados acima, apostando em políticas públicas no âmbito regional e local, em parceria com o setor privado e com a própria população.

Desde o início da atual gestão, a Prefeitura de Santo André já havia encomendado ao escritório do urbanista Cândido Malta Campos Filho um levantamento detalhado das potencialidades urbanísticas da região, bem como a elaboração de propostas urbanísticas para a área. A partir de 1998, a Prefeitura contratou outras três equipes, compostas por renomados urbanistas paulistas e estrangeiros, para desenvolver um anteprojeto urbano para um novo eixo de centralidade metropolitana, articulando a Av. Dos Estados, Av. Industrial, ferrovia e Rio Tamanduatehy, no trecho compreendido no interior do município.

As equipes que se incorporaram ao projeto em 1998 são: 1) Eduardo Leira (Madrid), Nuno Portas (Lisboa), Manuel Hertz (Barcelona), que trabalharão de forma associada com Manoel Banfim e Francisco Prado (Santo André); 2) Joan Busquets (Barcelona) e Álvaro Siza (Lisboa), associados a Hector Vigliocco e José Magalhães (São Paulo); Christian de Potzamparc (Paris) que trabalhará com Bruno Padovano, José Paulo de Bem e Roberto Righi (São Paulo).

O Projeto *Santo André Cidade Futuro* tem a coordenação geral de Maurício Faria, que conta com a assessoria de Jordi Borja (Barcelona) e Raquel Rolnik (professora da FAU PUC-Campinas) para o projeto *Eixo Tamanduatehy*.

No momento, as equipes estão desenvolvendo os projetos, cuja entrega está prevista para março de 1999. Nos dias 23 e 25 de novembro e 4 e 5 de dezembro próximos, as equipes estarão reunidas em Santo André, discutindo suas primeiras hipóteses de trabalho.

Projeto urbano Serjus Mirabeau, Aix-en-Provence, França. Arq. Christian de Potzamparc, convidado pela Prefeitura de São André.



## Instalações urbanas de alunos da FAU PUC-Campinas

Maria Lúcia Refinetti Martins  
fau@acad.puccamp.br



No dia 26/Nov acontece na área central de Campinas o evento *envolveridade*, promovido pela FAU PUC-Campinas com apoio do Museu da Cidade. Com uma programação que se estende das 9h às 18:30h, o evento consiste de performances e instalações desenvolvidas pelos alunos da disciplina *Urbanismo II*. São intervenções de curta duração no espaço urbano, buscando expressar e comentar os múltiplos espaços e significados da vida urbana.

A proposta, experimentada inicialmente no 1º semestre, tem o objetivo didático de desenvolver nos futuros arquitetos uma atitude de franca diálogo e entendimento com o espaço da cidade: observá-la, compreendê-la em seus múltiplos aspectos e escalas, as diversas atividades, seus variados personagens, seu ambiente. Visa também superar o natural recelo de posicionar-se, de intervir no espaço e de acatar a reação do usuário. Sendo o Museu da Cidade um equipamento cultural Municipal, situado na área central e especificamente vinculado ao viver urbano em Campinas, a proximidade e parceria para o evento foi um processo natural.

O conjunto dos trabalhos será registrado através de diferentes meios (vídeos, fotos, desenhos) e apresentado com debates no Museu da Cidade no dia 03/Dez, às 14h, ficando a partir dessa data em exposição.

Para quem se interesse em acompanhar a programação foram elaborados mapas com o roteiro e horário de cada apresentação. Estão disponíveis na secretaria da FAU e no Museu da Cidade, av. Andrade Neves 33, fon 231.3387.

A programação de instalações e performances, no dia 26, tem início às 9h na Praça Bento Quirino: com *Toblerone*. Seguem-se, a cada 30 minutos, a partir desse local: *Lazer no Centro*, *Faxina*, *Jackey Club*, *Beco do inferno*, *Quem é Bento Quirino?* (inovante na praça) e *Recobrir a Cidade*. No período da tarde, às 14h, na viela da Praça da Andorinhas é a vez de *Funil*, seguindo-se: *Polição Sonora*, *Jogue o lixo no chão*, *A cidade na cidade* (Glicério x Brás Leme), *Alimentando-se de Prefeitura*, *diverCidade*, *O visível e o invisível*, retomando às 18h à Praça Bento Quirino, onde finaliza, com *Cultura do Cerveja*.

Evento *envolveridade*. Professores: Eugênio Queiroga, Maria Lúcia Refinetti Martins, Raquel Rolnik, Mariana Corina Gury. Participantes: 68 alunos da disciplina *Urbanismo II*. Agradecimentos a Soraya Zanforlin, Coordenadora do Museu da Cidade.

## Desenvolvimento urbano e política fundiária em Brasília

Ricardo Farret  
farret@unb.br



Construção de casas em Brasília pela Novaterra, década de 90

No Brasil, como em tantos outros países, o urbanismo tem a dupla função, às vezes contraditórias, de intervir na cidade existente, de modo a adaptá-la às necessidades emergentes, decorrentes tanto da nova ordem nacional como internacional, e, ao mesmo tempo, buscar soluções às profundas desigualdades sociais que, ao fim, se materializam no espaço urbano.

A viabilização dessas funções depende de novos instrumentos que extrapolam a tradicional e restritiva legislação urbanística, demandando outras ferramentas de gestão urbana que promovam a dinamização da base econômica e social da cidade, a elevação dos níveis de emprego e renda e a agilização da ação do setor público.

No entanto, a crise fiscal que bloqueia o Estado frente a necessidade de novos investimentos, particularmente em infra-estrutura urbana, e a pressão gerada por um processo de urbanização ainda acelerada e por demandas crescentes dos novos agentes sociais, apontam para um quadro que potencializa a necessidade de um novo modelo de planejamento e gestão, não mais vistos como instâncias distintas e sim como momentos de um mesmo processo de desenvolvimento urbano. Esse novo modelo identifica-se com um urbanismo operacional, caracterizado por parcerias entre os setores público, privado e não-governamental, e pela escala dos empreendimentos, em que a intervenção sobre a totalidade urbana, hoje em dia, difícil ou até mesmo inviável, é substituída por ações estratégicas em áreas específicas da cidade, de modo a gerar efeitos multiplicadores diversos. Esse novo modelo de urbanismo só agora parece estar sendo objeto da atenção das administrações locais brasileiras. Isso se deve, em grande parte, à idéia – errônea – de se associar o desenho urbano com *zooquillage* urbano.<sup>1</sup> Enquanto isso, em várias cidades do mundo, áreas degradadas têm sido objeto de grandes projetos de urbanismo com refinada (não necessariamente dispendiosa) elaboração, resultando, ao final, na revitalização econômica, na recuperação da auto-estima da população e no fortalecimento de seus elos sociais.

Exemplos podem ser encontrados em Nova Iorque (Battery Park), San Francisco (Yerba Buena), Filadélfia (Penn Center), Londres (Docklands), Barcelona (Puerto Viejo), Paris (Les Halles e Les Marais), Buenos Aires (Puerto Madero), Berlim e Beirut (Área Central, para só citar os empreendimentos

mais conhecidos. É importante salientar que os méritos desses projetos dependem, em grande parte, da engenhosidade dos arranjos institucionais e instrumentos de política fundiária e de desenvolvimento urbano utilizados, tais como o *fidejucômio*, o *leasing*, a parceria público-privada e a outorga onerosa do direito de construir. O Governo do DF, reunindo os poderes de estado e município, só agora está assumindo, embora ainda de forma incipiente, a importância dos projetos urbanísticos integrados para a vida econômica e social da cidade, acenando, aqui e acolá, com projetos de expansão e ocupação – mas não de revitalização – de partes da área urbana, como é o caso do Projeto Orla, um complexo turístico às margens do Lago Paranoá.

Em Brasília temos uma situação única. Devido a peculiaridades, os empreendimentos urbanísticos, decorrentes das diretrizes prioritárias do desenvolvimento urbano – como a geração de emprego e renda, a sustentabilidade financeira do DF, etc – consistem, via de regra, na criação e/ou expansão de áreas destinadas à atividades econômicas, em geral, nas cidades satélites. A exceção do Projeto Orla, acima referido, projetos de revitalização de áreas construídas têm estado ausente das ações de desenvolvimento urbano na Capital, caracterizando ações pontuais e de pequena envergadura, apesar dos planos e discursos mais recentes enfatizarem o seu potencial como centro de serviços no âmbito das relações latinoamericanas, em geral, e do Mercosul, em particular.

Embora carentes de estudos mais aprofundados e, portanto, discutíveis, essas premissas não têm tido o necessário rebatimento urbanístico por parte do GDF, já que, se confirmadas, implicam em áreas de grande porte destinadas a centros de negócios e seus respectivos equipamentos complementares. Pensa-se em urbanismo no varejo, quando, na verdade, a escala é mais ampla.

Um instrumento adequado para a implantação de empreendimentos desse porte passa pela criação de agências específicas para a sua condução dos grandes projetos de revitalização, desde a fase de estudos de viabilização econômica até a fase de comercialização das áreas construídas, passando pela contratação de projetos e de incorporação. Essas agências, por terem uma finalidade única e gozando de uma maior autonomia relativamente à administração direta, dispõem de maior agilidade e flexibilidade na sua área de ação, principalmente, na busca de serviços e parcerias no setor privado. Hoje, com uma vasta experiência acumulada, além de subsídios recolhidos de outros países, a implantação dessa proposta requer uma análise cuidadosa do alcance e limitações dos instrumentos envolvidos, por parte do GDF e, mais particularmente, da Terracap, pela suas atribuições cumulativas de agência fundiária e de desenvolvimento econômico do Distrito Federal.

1. R. Farret, "Os desafios políticos do desenho urbano" in M.F. Gonçalves (org.) O Anel de Brasília: Um Anel em Neoclassicismo, Porto Alegre: Ricardo Farret Arquiteto, PhD pela Universidade de California, Berkeley, e pesquisador associado do MCG/UMD

Renzo Piano e o novíssimo Auditorium S. Cecilia em Roma  
Marcos Tognon, Itália  
tognon@bib.sns.it



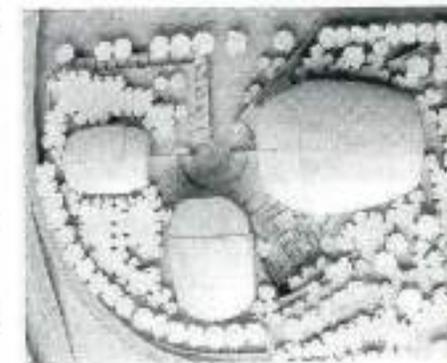
Auditorium S. Cecilia, by Renzo Piano, corte transversal do auditorium novo (acima) e maquete do conjunto (abaixo)

### Uma forma para três arquiteturas

Esse é o ano de máxima afirmação do arquiteto italiano Renzo Piano: vencedor do prêmio Pritzker 1998 – "Oscar da arquitetura" contemporânea – o arquiteto genovês nasceu em 1907 inagurou, semanas atrás, mais uma grande parte do mega canteiro de obras em Berlim, precisamente a reconstrução da central Potsdamer Platz, e, agora, espera os poucos meses para a conclusão de uma das maiores empresas edificações na capital italiana dos últimos cinquenta anos, o conjunto Auditorium S. Cecilia.

O projeto para três anfiteatros e demais estruturas de serviço na região norte de Roma, ao lado dos seus irmãos não tão velhos assim como o Centro comercial Bercy em Paris (1987-90), ou o Centro Jean Marie Tjibaou na Nova Caledônia (1992-97), nos mostra um Renzo Piano sempre erguido nas pesquisas de um léxico plástico, de uma unidade que associa partes muito aprimoradas com o seu todo compacto, coeso, indivisível.

Projetando simultaneamente nestas duas escalas, dos componentes estruturais e da unidade fechada, do design da estrutura e do correspondente invólucro, Renzo Piano promove no conjunto romano a síntese, a convicção, resistência à fragmentação, a louável positividade ainda sustentável para uma arquitetura parlante no final deste nosso século. São três "casulos" funcionais à acústica e à horizontalidade predominante da paisagem, graduados em escalas progressivas e de acordo com a capacidade de casa sala; são três "insetos" propriamente ditos – como alguém já declarou radicalmente – e assim "comem" os restos arqueológicos da antiga vila romana encontrada durante a realização das fundações.





CEG São Jardim, arq. José Maria de Silva Neves

Há dois anos, em visita à Araraquara, reminiscências da infância me levaram até minha antiga escola. Demorei para encontrar o antigo *ginásio* – o bairro tinha mudado e desapareceram todas as antigas referências espaciais. Quando finalmente a encontrei, levei um susto: lá estava ela, bem menor do que me recordava, mas mais bonita, paredes pintadas, vidros limpos, pavimentação impecável, instalações renovadas.

Agora chega às minhas mãos o livro *Arquitetura escolar paulista: restaura*. Minha singela escola não estava lá, mas foi o suficiente para me induzir à lembrança. Folheando a publicação me deparei com exemplares arquitetônicos de excepcional qualidade, todos recém restaurados pela FDE. Com uma encadernação luxuosa e um desenho gráfico apurado, o livro traz uma preciosa documentação iconográfica de 24 escolas e uma bem cuidada apresentação textual, onde esta produção é contextualizada na evolução histórico-arquitetônica do Estado de São Paulo.

Se meu *ginásio araraquarense* se insere na série dos milhares de edifícios públicos merecedores do zelo governamental, as escolas aqui apresentadas são exemplos paradigmáticos de nossa melhor arquitetura. Um órgão público, nos tempos indignos de hoje, conseguir conciliar demandas quantitativas e qualitativas é algo que merece aplauso. A arquitetura escolar paulista nasceu com a República e o estabelecimento da instrução primária obrigatória, universal e gratuita. No primeiro momento destaca-se a arquitetura eclética de Ramos Azevedo e Victor Dubugras, autores de 9 das escolas restauradas. Se o ecletismo e o *art-déco* predominam na primeira metade do século, 11 escolas construídas na década de 30 destoam pela surpreendente modernidade. José Maria da Silva Neves, autor de 9 delas, arquiteto formado pela Escola Politécnica de São Paulo e desconhecido por nossa historiografia, tem pleno domínio dos princípios do modernismo europeu. É uma pena nenhum de seus projetos esteja entre os selecionados (será que algum foi restaurado?) e a documentação dos mesmos seja restrita. Dentre as obras restauradas, destacam-se também duas de autoria de Vilanova Artigas e Carlos Cascalini – as conhecidas escolas de Itanhaém e Guarulhos.

Lichtenberg é um antigo bairro operário localizado em área central da antiga Berlim Oriental, cuja estrutura urbana fragmentada adquiriu caráter desolado com a construção de edifícios pré-fabricados diversos ao longo dos anos 50 e 60. O projeto do escritório berlinense Augustin & Frank foi vencedor de concurso urbanístico, e visa através de novas edificações a definição de uma "ilha de serviços" e a criação de nova moradia de cunho social dentro de uma estratégia de adensamento urbano. A altura dos edifícios foi orientada pelos blocos de habitação vizinhos, sendo dominante a estrutura de 5 pavimentos, interrompida por acentos urbanísticos em áreas de 4 ou 8 pavimentos.

O programa definido pela Sociedade de Desenvolvimento do bairro Lichtenberg resultou em 15.500 m<sup>2</sup> de habitação (215 apartamentos variando de 1 a 5 cômodos) e 1600 m<sup>2</sup> destinados a comércio e pequenos escritórios, garagem com 61 vagas e estacionamento com 79 vagas. A área de comércio foi concentrada na rua de tráfego intenso no lado norte e as habitações desenvolvem-se na periferia dos dois blocos, voltadas para rua e pátios internos. A realização de uma creche, uma escola e um parque encontram-se em fase de planejamento. O partido promove transparência nos dois primeiros pavimentos, cujas fachadas consistem na alternância de vidro, concreto aparente e revestimento de madeira, em contraste aos pisos superiores cujas fachadas maciças receberam um tratamento em reboco grosso pigmentado em azul e de caráter artesanal. O desencanto das aberturas foi concebido com a intenção de evitar a identificação do *gride* de cada unidade habitacional. Habitações no piso térreo, dentre as quais 6 apartamentos para paraplégicos, contam com terraços de madeira e acesso direto às áreas comuns, cujo paisagismo configure uma hierarquia e variedade espacial. O resultado final define harmonia com os edifícios pré-fabricados da redondeza sem abdicar de linguagem contemporânea própria.



Habitações em Lichtenberg, Alemanha. Foto Werner Hühneraker

#### Biblioteca Ócolum – CAD de arquitetura

1. *Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a preservação*, Ateliê Editorial, 1998, r Marechal Bittencourt 481 01432-020 São Paulo SP, fon 011 887.0903
2. *Salas de cinema em São Paulo*, Inimá Simões, PW Editores, r Luminárias 94, 05439-000 São Paulo SP, fon 011 864.7477
3. *Fundação Maria Luísa e Oscar Americano*, Fund. ML e O, Americano Av Morumbi 3700, 05806-300 São Paulo SP, fon 011 842.0077
4. *Revista Arquês*, nº15 Junho8, Centro de Investigações em Arquitetura da Universidad de Palermo, CPE7 S. A. Florida 683 Local 18, 1375 B Aires Argentina, fax 314.7135, info@cp67.com
5. *Annali di Architettura*, nº 8, 1997, Centro Internazionale di Studio di Architettura "Andrea Palladio" di Vicenza, Casella Postale 835, 36100 Vicenza Italia, fon 32.3014, fax 32.2869

12º Congresso brasileiro de transporte e trânsito  
Com o tema *O transporte na cidade do século 21*, organizado pela Associação Nacional de Transportes Públicos. Recife, 14-18jun89. Info: ANTP, r Augusta 1626, 01304-902 São Paulo SP, fon 011 283.2999, fax 284.6411, antpsp@fesesp.org.br

#### Cinco décadas de arquitetura: uma leitura

Exposição comemorativa dos 50 anos da FAU USP com projetos de arquitetos formados entre 1948 e 1998. MUBE, r Alemanha 221, São Paulo, fon 011 881.8611. De 2ª a dom, das 10h às 19h. Até 29nov

#### Pós-Graduação em arquitetura nos EUA

A newGraduate School of Architecture oferece as seguintes cursos: *Environmental Design, Business and Practice Management e Information Systems Technology*. Info: admissions@newgraduate.org www.newgraduate.org/catalog/catalog.htm

#### Documentação do Seminário de urbanismo

Está disponível documentação do V Seminário de história da cidade e de urbanismo: Caderno de resumos e CD-Rom com Anais (R\$15 cada); 6 fitas de vídeo das conferências e mesas redondas (R\$30 uma; R\$150 todas). FAU PUC-Campinas. Fon/fax 019 756.7088, VSHCU@acad.puocamp.br

Exposições fotográficas no Centro Cultural SP  
Estão abertas até 16dez inscrição para o Programa Anual de Exposições Fotográficas de 1999. Divisão de Artes Plásticas, r Vergueiro 1000, São Paulo SP, fon 011 277.3611 ram 259

Exposição de Sérgio Ferro em São Paulo  
Até 08dez98. Galeria São Paulo. Rua Estados Unidos 1456, São Paulo SP, fon 011 852.8855

Associação Brasileira do Alumínio oferece curso  
A ABAL oferece o curso *Metelografia do alumínio e suas ligas* (07-09dez). Info: ABAL, r Humberto I, nº 220, 4º and, 04018-030 São Paulo SP, fon 011 5084.1544, fax 549.3159, aluminio@abal.com.br

dezembro 1998  
ano 3  
edição meses letivos

**Patrimônio arquitetônico de Amparo**  
**Exposição de maquetes de alunos da FAU PUC-Campinas**  
Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira  
spmarg@macbbs.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático - CAD - da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável  
Abílio Guerra

Correspondentes  
Affonso Orciuolo *Espanha*  
Cristina Mehrrens *EUA*  
Eduardo Aquino *Conadô*  
Ligia Velloso Nobre *Inglaterra*  
Marcos Tognon *Itália*  
M<sup>re</sup> Pilar P Pineyro *Uruguai*  
Olivia de Oliveira *Suíça*  
Paul Meurs *Holanda*  
Paulo Dizioli *França*  
Pedro Morcira *Alemanha*  
Ramón Gutierrez *Argentina*  
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores  
André Kaplan  
Daniel Carmelossi  
Isabela Taxa *Brisighello*  
Flávio Laurini  
Priscila Vieira Davini

FAU PUC-Campinas  
Diretor  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr  
Vice-diretor  
Irineu Idoeta  
Coordenador de curso  
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático  
Rod D Pedro I - Km 136  
Campus I - CEP 13089-500  
Campinas SP Brasil  
fone 55 019 754.7156  
fax 55 019 255.6376  
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01 404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

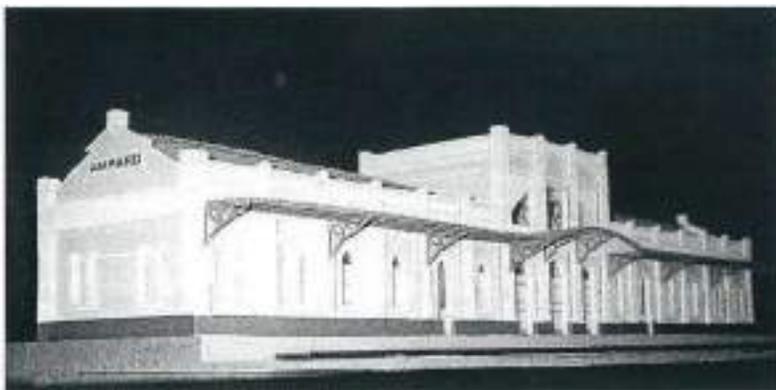
Página Web na Internet  
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural  
Apple do Brasil  
Daidigital! Kodak



DADIGITAL

IMPRESSO



Estação Mogiana, alunas Fabiana Duarte, Maria Stella Ermetice, Renata e Telma Shimabukuro

Desde o início de 1998 os alunos da disciplina de *História da arquitetura no Brasil* da FAU PUC-Campinas vêm desenvolvendo um estudo sobre Amparo, cujos resultados estão sendo apresentados em uma exposição no Museu da cidade. No plano externo, o trabalho de pesquisa histórico-arquitetônico, iniciativa das professoras Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira, buscou dialogar com autoridades e profissionais locais – arquitetos e historiadores – envolvidos na identificação e proteção do patrimônio cultural Amparense. No plano pedagógico, o trabalho se propôs realizar não apenas um levantamento histórico mas, sobretudo, contribuir para a compreensão do processo projetivo de forma integrada. Buscou-se articular conhecimentos de aspectos da evolução urbana; a análise das plantas dos diferentes programas; das técnicas construtivas; dos elementos estilísticos configurados na forma do próprio edifício.

O resultado desse trabalho crítico foi apresentado em maquetes e textos-dossies capazes de resgatar o saber arquitetônico da época em relação a todos os procedimentos que envolvem o projeto no momento de sua concepção e posterior construção.

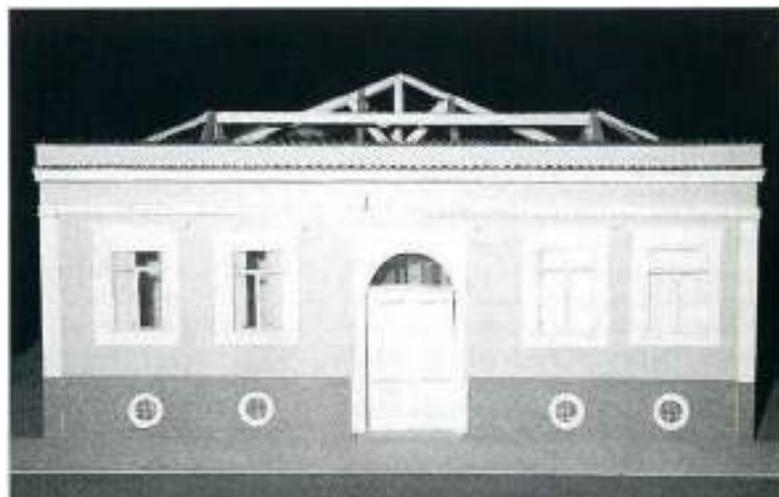
Ao propor tal exercício, os professores se pautaram em suas experiências didáticas, que vinham mostrando, já há muitos anos, como o contato direto com a pesquisa de campo através da materialidade da cidade, do edifício e do convívio com situações concretas de vida dos moradores, trazia aos alunos um sentido novo de inserção

de grande número das propostas pedagógicas vigentes em nossas escolas de arquitetura. Na formação do arquiteto o desafio hoje parece ser superar uma dupla fragmentação: em relação à transmissão do conhecimento – compartimento em várias disciplinas – e em relação à ideia de que o passado, o futuro e o presente são instâncias temporais isoladas, o que leva à uma visão estanque do tempo e da história. Na verdade, a história da cidade, não revela o passado, mas sobretudo o próprio presente e os desafios que são colocados à ação do arquiteto. A dedicação dos alunos – dando o melhor de si a esse exercício – e a respostas dos habitantes e dos estudiosos da cidade parece indicar que com práticas como esta, a FAU-PUC-Campinas responde ao seu papel de desenvolver de forma concreta o conhecimento que é gerado nas salas de aulas transformando velhas construções num patrimônio vivo.

de grande número das propostas pedagógicas vigentes em nossas escolas de arquitetura. Na formação do arquiteto o desafio hoje parece ser superar uma dupla fragmentação: em relação à transmissão do conhecimento – compartimento em várias disciplinas – e em relação à ideia de que o passado, o futuro e o presente são instâncias temporais isoladas, o que leva à uma visão estanque do tempo e da história. Na verdade, a história da cidade, não revela o passado, mas sobretudo o próprio presente e os desafios que são colocados à ação do arquiteto.

A dedicação dos alunos – dando o melhor de si a esse exercício – e a respostas dos habitantes e dos estudiosos da cidade parece indicar que com práticas como esta, a FAU-PUC-Campinas responde ao seu papel de desenvolver de forma concreta o conhecimento que é gerado nas salas de aulas transformando velhas construções num patrimônio vivo.

Exposição "Patrimônio Arquitetônico de Amparo: maquetes". Áurea Pereira da Silva e Margareth da Silva Pereira (coordenação). Museu Histórico: Maria Terezinha Nobre Frare (diretora); arquiteto Érick Witter (diretor da Pinacoteca). Cidade de Amparo: prefeito Carlos Piffer; vice-prefeito José Tadeu de Campos Nobre; arquiteta Rita de Cássia Carrara Carvalho (Departamento de Obras); arquiteto Marilda Gutiere (vice-presidente da AREA de Amparo); prof Roberto Teixeira Lima (historiador). Museu Histórico Pedagógico Bernardino de Campos, r Luiz Leite nº 7, fon 019 870.2742. De terça a sábado, da 13h às 17h, e domingo, das 8h às 12h. Até 11 de dezembro. Outras maquetes: www.puccamp.br/~fau



Hospital Ana Cintra, alunos João P. Martini, Keila Kako, Luana Queiróz, Maira Tosoni, Renata Bedone e Tais Bichara

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

## O último projeto: o fim da arquitetura

Hector Vigliecca  
 hv@mandic.com.br

Frank Gehry, escolhido pela história para fazer o ato final da arquitetura deste século, fechou um ciclo de conhecimento e não deixou mais espaço para a experimentação.

Se a história neste século for lida do ponto de vista de um observador leigo, como um mosaico, a arquitetura se mostrará como um devaneio enlouquecido sobre um processo de libertação e isolamento do objeto do desejo. Como um palhaço solitário que, no desespero de fazer seus truques, envelhece tão rapidamente que transforma sua própria existência em pura nostalgia.

Na verdade, quando se procura analisar os autores deste século, descobre-se que eles não existem. Suas obras, embora intensamente marcadas pela inteligência criativa e pelas obsessões individuais, se apresentam como produto da negociação e do intercâmbio coletivo.

### Crítica do Informe

Desde o fim do século passado os críticos definiram os limites das artes e seus criadores com terminologias que remontavam a imagens, paráfrases quiméricas, do extraordinário ao prodigioso... das musas inspiradoras; tudo em um mundo nebuloso e impreciso, onde um juízo crítico racional parece proscrito.

Hoje é curioso ver muitos arquitetos apontando uma nova arquitetura através dos conceitos do informe. Fraturas, distorções, diagonais velozes e fugazes, peles tensas, cristais estilhaçados, estruturas torturadas e mórbidas formam parte do léxico da crítica que abusa da paciência de quem quer entender. Mas é curioso ver toda esta arquitetura informe no fim ter que percorrer todos os caminhos convencionais para se transformar, às vezes, no pior das formas. Quando construídas e territorializadas elas não resistem ao cruel resumo de ser mais uma combinação mais ou menos feliz de estrutura, fechamento e decoração.

### O arquiteto intérprete

Frank Gehry como profeta do "Desconstrutivismo" com ar do construtivismo russo, que ele tão bem recupera (e que no entanto não reconhece), brinca com sensações de movimento, explosão, fragmentos, mas que se solidificam uma vez construída a arquitetura.

Dentro dos espaços construídos reais, que induzem ao movimento *sem necessidade de destino*, quem olhará as obras expostas? Um absurdo quando pequeno, tem condenação geral, sem clemência. Um absurdo quando grande demais tem uma rara aceitação e um desmedido esforço para realizá-la, como um desafio de vida e morte.

### Operação construção

Quando analisados os aspectos construtivos do Guggenheim de Bilbao, se verá que Gehry, propositalmente, não parte da idéia de estrutura portante como estabelecida pelas noções convencionais de estabilidade ao longo de toda a história da arquitetura – do gótico à Calatrava, passando por Gaudí, Nervi e Dieste. Ele parte de outros princípios... mas quais? O que se percebe observando a estrutura do Mu-

seu e seus detalhes construtivos, é que eles são essencialmente periféricos e não todos auto estáveis. Para desenvolver isto, Gehry contou com uma equipe invejável de técnicos espanhóis e americanos que ficaram alucinados tentando dar estabilidade ao conjunto, com estruturas híbridas e inconseqüentes, que só foram possíveis de serem calculadas com o auxílio dos computadores. Frank Gehry diz que esta obra é resultado de uma leitura local. É difícil acreditar nesta afirmação. No mínimo é adaptação de uma experiência formal autônoma preconcebida com muita antecedência ao encargo.

Uma foto publicada por muitas revistas de arquitetura apresenta prateleiras do escritório de Frank Gehry cheia de volumes parecidos com as fôrmas de madeira que se encontram nos ateliês de sapateiros italianos. Pensar arquitetura como uma madame que prova milhares de sapatos que combinem com seus vestidos pode ser legítimo, mas não nos leva a pensar em um caminho, que induz a uma reflexão de continuidade, e sim a um ponto final. Deus nos livre das cópias.

### O fim e o reinício da arquitetura

A aproximação a um novo patamar de reflexão em uma realidade caracterizada pela agressividade, pelas urgências, pela massificação, pela ilegibilidade, pelas grandes quantidades, exige um "novo âmbito de pensamento", um novo patamar de reflexão para começar o trabalho; o ciclo atual está concluído.

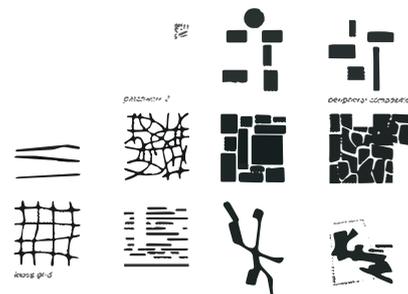
**A produção:** desvendar e compreender sistematicamente a produção da arquitetura para definir nosso futuro com estratégias precisas. **As condições:** a arquitetura não versa sobre as condições do desenho e sim sobre o desenho das condições (condição no sentido negativo de causa). **As estratégias:** a abordagem científica das condições que se manifesta através de uma hipótese estrutural. **A territorialização:** o aumento das comunicações não nos leva à substituição de um modo de vida por outro, mas apenas à multiplicação das possibilidades.

Héctor Vigliecca, arquiteto (Faculdade de Arquitetura de Montevideo, 1968) com pós-graduação na Università degli Studi di Roma (1970), é professor da FAU Mackenzie e da FAU UNIP



## Diagramas e seus usos na arquitetura

Lígia Velloso Nobre, Inglaterra  
ligian@globalnet.co.uk



Estudo de organizações de padrões. Stan Allen, *From Object to Field, AD Architecture After Geometry*, Londres, 1997

Constituindo uma forma de pensamento gráfico que opera como um modo de notação e pensamento, o diagrama opera através de gráficos, tabelas, desenhos, figuras ou padrões apresentando os cursos de um fenômeno e relações entre dados exprimindo idéias e suas possíveis formas. O potencial do diagrama no campo da arquitetura está em sua possibilidade generativa ao invés de ser apenas uma ferramenta descritiva. Dentro desta condição generativa, o que passa a ser importante não é o que a forma representa, mas o potencial desta durante o processo de projeção e da arquitetura construída. Embora derivados de sistemas aparentemente fora do campo da arquitetura, os diagramas são uma expressão literal da ordem específica existente de um fenômeno ou de dados, e não um símbolo. Um diagrama apresenta qualidades formais de relações, sejam de programa, forma ou espaços atribuíveis a uma imagem. Esse processo, presente na exploração interdisciplinar dos pioneiros da Bauhaus, foi retomado com as experimentações de Venturi e Eisenman, abrindo espaço para a geração desconstrutivista – Hadid, Tschumi, Libeskind, etc. De acordo com Koolhaas, o OMA quis nos anos 80 se tornar mais independente dos precedentes da arquitetura moderna, procurando outras influências que poderiam possivelmente criar o novo. Por isso, o diagrama passou a ser um dos meios utilizados para visualizar dados e assim torná-los manipuláveis e "desenháveis". Muitos arquitetos da geração mais nova na Holanda apresentam modos de operação através de diagramas como ponto de partida no qual a visualização dos dados pode revelar o conceito básico e desenho para um determinado projeto. O grupo holandês MVRDV por exemplo, utiliza uma técnica desenvolvida denominada *datascape*, combinando termos de "paisagem" (*scape*) e dados (*data*) mediante a geração da forma da arquitetura. Esse tipo de diagrama não está preocupado com a forma *a priori*, mas com a manipulação de dados e informações urbanas existentes, alterando a atenção do desenvolvimento da forma para a análise e manipulação de processos materiais e imateriais. Ao operar fora de uma lógica fixa *a priori* e ser capaz de gerar "outras formas" e práticas de vivência do ambiente construído, o diagrama generativo passa a ser importante no processo de projeção da arquitetura.

## Terra, mercado e desenvolvimento urbano

Ricardo Farret, Brasília  
farret@unb.br



Habitações coletivas em Brasília DF. Foto Duda Bentes / DePHA

Há um consenso cada vez maior entre planejadores e gestores da cidade de que o desenvolvimento urbano – e portanto, a qualidade de vida – depende do tratamento que se dá à questão fundiária. Tratadas no âmbito das políticas fundiárias urbanas, as questões relacionadas à propriedade, produção e alocação da terra urbana vêm sendo objeto de experiências em diversas cidades do mundo, em contextos sócio-econômicos variados. Essas experiências têm em comum um maior envolvimento do setor público na questão fundiária, entendendo a terra urbana como um bem heterogêneo, composto por uma diversidade de outros bens, com o peso de cada um deles variando conforme a diversidade de fatores históricos, culturais e econômicos. A política fundiária urbana pode facilitar o processo de planejamento urbano, tornando-o mais ágil no atendimento às demandas sociais e mais eficaz e equitativo na alocação de terras, visando um retorno mais justo das valorizações imobiliárias geradas pela ação do setor público, objeto em geral de apropriação privada. Ao longo dos anos o poder público se utilizou de instrumentos coercitivos, como os controles do uso e ocupação do solo e os tributários. O agravamento dos problemas decorrentes do crescimento desordenado das cidades (segregação e exclusão social, déficit na provisão de serviços urbanos, crise fiscal do Estado, etc.) vem levando à adoção, pelos governos locais em especial, de instrumentos mais ativos de promoção do desenvolvimento urbano, a partir, precisamente, dos recursos resultantes da captura das valorizações imobiliárias. O entendimento que se tem do mercado imobiliário urbano está associado à forma como a questão da propriedade fundiária é encarada. Trata-se de uma discussão conceitual e metodológica controversa, cercada de lacunas. De um lado, as peculiaridades da *terra urbana*: imobilidade, indivisibilidade, heterogeneidade, etc. De outro, os inúmeros agentes e instituições envolvidos na sua produção, comercialização e consumo: as regras jurídicas da propriedade, a indústria da construção civil, os agentes financeiros e os intermediários (loqueadores, incorporadores, projetistas, consultores...), cujos interesses, estratégias, alianças e conflitos se constitui um campo pouco explorado de análise. Até os anos 70 houve um nítido predomínio da abordagem econômica neoclássica que considera o mercado como o instrumento regularizador da

oferta e procura. Essa vertente despolitiza a questão da estruturação do espaço urbano, refletindo "uma concepção ingênua do comportamento dos consumidores e instituições".<sup>1</sup> Eventuais desvios nesse mercado em equilíbrio são creditados a obstáculos institucionais, em geral associados a ações ineficazes do governo sobre o espaço urbano.

Esse quadro se altera a partir dos anos 70, principalmente com a abordagem centrada no comportamento dos agentes e instituições envolvidos no processo de estruturação intra-urbana (Ball, economia urbana; Harvey e Short, geografia urbana; Castels e Topalov, sociologia urbana). Essas vertentes entendem o espaço como cenário onde se desenvolvem as relações de produção e consumo, cabendo ao espaço urbano um papel ativo diante dos processos sociais.

Em qualquer dessas vertentes, um tema substantivo é a formação dos preços imobiliários a partir da apropriação das rendas fundiárias urbanas (venda ou aluguel), preocupação já encontrada em Ricardo, há quase 200 anos, que se colocou duas questões que até hoje permeiam o debate: *como um bem – a terra – paro cuja existência não houve trabalho, pode ter um valor? E qual a justificativa ética para a apropriação privada deste valor?*

A vertente neoclássica eliminou essas inquietações éticas ao sustentar que a renda é apenas o pagamento por um fator de produção, tal como o salário remunera o trabalho e o juro remunera o capital. A terra teria uma produtividade intrínseca, o que, no caso urbano, seria determinada pela acessibilidade que cada porção de espaço traz consigo. A renda teria, assim, um papel técnico de racionalizador do uso de um recurso escasso. Sem ela, "os neoclássicos diriam ser possível conceber a produção de mandioca no centro de São Paulo"<sup>2</sup> Já a vertente da economia política aponta o caráter de mercadoria, apresentando a terra como um bem *produzido* e sujeito às mesmas leis que regem a produção, circulação e consumo. Há um fator não vinculado fisicamente a ela, mas determinante na formação de seu preço: *as valorizações decorrentes de ações públicas – investimentos em serviços e melhorias urbanas e medidas de zoneamento de uso e ocupação do solo.*

Aceitamos a hipótese de que a propriedade pública do solo urbano e de moradias, em um contexto geral de mercado, poderia eliminar a especulação com uma oferta planejada, através da venda, *leasing* ou cessão de direitos reais de uso, como são os exemplos dos bancos de terra da Suécia e Holanda, da nacionalização do solo na Grã Bretanha, das habitações para locação social na França e dos imóveis funcionais em Brasília.

Infer-se daí que uma agência fundiária pública deveria estar engajada num contínuo processo de produção e transformação de áreas urbanas. *Em outras palavras, na essência do processo de planejamento urbano.*

<sup>1</sup> Dowall, D. *Theories of Urban Form and Land Use* IURD/JC Berkeley, 1978, p 65

<sup>2</sup> P Cunha e M Smolka. *Notas críticas sobre a relação entre renda fundiária e uso do solo urbano*. Fundap, São Paulo, 1978

## Reforma do MASP em debate

Abílio Guerra  
oculum@uninet.com.br



MASP de São Paulo, projeto Lina Bo Bardi. Foto Nelson Kon

Em 17 de novembro último foi realizado no auditório da FAU USP o debate *MASP: concepção e cinquentenário*. Estruturado em duas partes, uma primeira composta por depoimentos do seu diretor presidente, o Arquiteto Júlio Neves e do Arquiteto Marcelo Ferraz, diretor do Instituto Lina Bo Bardi, e uma segunda parte, na forma de uma mesa redonda coordenada pela prof<sup>a</sup> Maria Cecília França Lourenço (FAU USP), com a participação dos professores Luiz Marques (História da Arte Unicamp), Renato Anelli (Departamento de Arquitetura USP São Carlos) e Agnaldo Farias (curador do MAM Rio de Janeiro).

O objetivo do debate foi o de discutir as reformas que vem sendo implementadas no museu ao longo dos últimos três anos, que no entender de alguns, compromete certos aspectos da sua concepção original. O principal deles é a pinacoteca, que teve seus suportes de vidro retirados e no seu lugar construídas salas com paredes de compensado e gesso, reproduzindo, entre as duas fachadas de vidro, as salas de um museu tradicional. Várias outras iniciativas vêm sendo implementadas, sem que se tenha conhecimento público do projeto dessas reformas.

Nesse aspecto o debate foi prejudicado pela ausência de Júlio Neves e Luiz Marques, um dos principais defensores das mudanças na pinacoteca, que comunicaram na véspera a sua não participação no debate. Também a ausência de Agnaldo Farias, que comunicou a impossibilidade de sua participação pouco antes do início do debate, reduziu o espectro da discussão. Com o auditório cheio, o restante dos debatedores (ao qual se juntou o Prof Júlio Katinsky, diretor da FAU USP) pôde desenvolver reflexões sobre a história e a situação atual do MASP, considerando ser necessária a urgente divulgação do projeto de reformas para que seja apreciado publicamente. Como foi lembrado por um dos presentes, é usual em outros países que dirigentes de museus discutam com a sociedade as mudanças em suas instituições. Basta lembrarmos do exemplo recente do MoMa e do Guggenheim em Nova York, que tiveram seus projetos de ampliação discutidos longamente pela sociedade.

O debate mais amplo sobre o futuro do MASP, reclamado por todos, ficou para o futuro – um futuro que esperamos próximo. Estamos no aguardo dos próximos passos nesse sentido.

## Um livro benvindo

Maria Beatriz de Camargo Aranha  
fau@acad.puccamp.br



Museu das Missões, Sto Ângelo RS, Lúcio Costa. Foto Paul Meurs

Uma história da arquitetura brasileira do séc. 20: ousadia benvinda. Não deixa de ser um ato de coragem semelhante tarefa. Por sua extensão e complexidade, mas – principalmente – por enfrentar o esforço de síntese nestes nossos tempos contemporâneos tão avessos a elas. O próprio autor é o primeiro a alertar sobre o risco de produzir “uma visão totalizadora que apaga as diferenças, exalta as formas dominadoras e dissimula a diversidade”. Nesse sentido, a iniciativa tem êxito: Segawa consegue equilibrar exames mais localizados e, por isso mesmo mais profundos, com análises de caráter mais panorâmico. Com isso evita o *retrato definitivo* da arquitetura brasileira do período, sem se restringir à narrativa fragmentada.

Recordo a reiterada constatação de que a historiografia sobre arquitetura brasileira é escassa e pontual. Importante, portanto, a inclusão da produção arquitetônica de regiões não mencionadas nos poucos manuais existentes, o que desloca a abordagem focada em grandes arquitetos e obras primas para o exame de processos constitutivos das diferentes arquiteturas que dão nome ao livro e aos seus capítulos. Temos então a determinação do *Modernismo Programático*, da *Modernidade Pragmática* e da *Modernidade Corrente*. Esse deslocamento faz com que o urbanismo e as cidades brasileiras também se tornem objeto de análise, o que, por sua vez, conduz ao cotejamento com outras disciplinas.

Delineiam-se os capítulos: *O Brasil em Urbanização 1880–1926; Do Anticolonial ao Neocolonial: A Busca de Alguma Modernidade 1880–1926; A Afirmação de uma Escola 1943–1960; A afirmação de uma hegemonia 1945–1970; Episódios de um Brasil Grande e Moderno 1950–1980 e Desarticulação e Rearticulação*. Percebe-se um outro risco: a análise interdisciplinar suplantar a questão inicial. Também aqui Segawa tem êxito: em nenhum momento a arquitetura deixa de ser o eixo central. Nomeando modernidades, questionando hegemonias, discutindo escolas ou arriscando prognósticos: é sempre a arquitetura o objeto privilegiado. Pode-se não concordar inteiramente com Segawa, mas é mais um mérito do livro: explicitar os argumentos e posições do autor. Debates e diferenças que raramente deixam os circuitos universitários tornam-se públicos: estímulo para que outras posições sejam explicitadas.

Hugo Segawa *Arquiteturas no Brasil. 1900–1990*. Edusp, 1998

## Patrimônio de tempos e lugares de conflito

Pilar Pérez Piñeyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org

Os historiadores do processo de urbanização do Cone Sul destacam o papel importante da fundação espanhola de San Felipe y Santiago de Montevideu a partir de 1724.

O primeiro assentamento humano organizado no território foi estabelecido pelos portugueses em 1680. A Nova Colônia do Sacramento, estrategicamente implantada sobre uma península do Rio da Prata, na desembocadura dos rios Uruguai e Paraná e frente à cidade de Buenos Aires, se propôs estender os domínios lusitanos até a *fronteira natural* do estuário *platense* e penetrar no mercado colonial espanhol. Como centro de um intenso contrabando, os historiadores do processo econômico, reconhecem a importância da ativação da economia no Rio da Prata promovida pela povoação lusitana. O intercâmbio que se estabeleceria entre Colônia e Buenos Aires gerará laços culturais que perduram até hoje. Do ponto de vista territorial, dali se traçaram rotas até Minas Gerais e São Paulo e a história urbana de Porto Alegre inclui em seu relato referências bem detalhadas sobre a Colônia do Sacramento. Finalmente, o estabelecimento português provocou o interesse espanhol pelo território, acelerando seu definitivo processo de povoamento.

Desde suas origens, distintos tratados diplomáticos e ações militares alternaram a soberania do assentamento entre os reinos de Espanha e Portugal, com a diferença de que o primeiro se dedicará a destruir sistematicamente a cidade construída e reconstruída a cada vez pelos portugueses. Em 1777, Colônia do Sacramento será arrasada definitivamente pelo primeiro vice-rei do Rio da Prata; seus materiais de demolição foram distribuídos entre Buenos Aires e Maldonado e a cidade teve que reinventar suas origens. Três séculos depois, seu traçado urbano, elaborado à margem das Leis das Índias, persiste como testemunho de tempos e lugares de conflito.

O patrimônio urbano e arquitetônico de Colônia, abandonado durante décadas, inicia nos anos cinquenta um lento processo de reconhecimento liderado pelo arquiteto Miguel Angel Odriozola. Tal processo tomará, em sua última etapa, alguns rumos polêmicos: no final dos anos setenta se processam mudanças importantes na constituição social da cidade velha de Colônia e um contingente importante de estrangeiros, assume uma grande porcentagem das reabilitações. Em 1995 a cidade é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade, integrando-se ao conjunto das 15 cidades sul-americanas protegidas pela Unesco.

Dois publicações sintetizam a situação atual de Colônia de Sacramento: os *Guias Elarqa de Arquitectura vol 4* traz minucioso itinerário, destacando a integração da arquitetura portuguesa, colonial espanhola e pós-colonial republicana, muitas delas revitalizadas por intervenções contemporâneas; e a revista *Elarqa* nº 20 fala sobre o presente e o futuro deste território, atualmente exposto aos desafios da construção de infra-estruturas regionais.

Bibliografia: [www.puccamp.br/~fau](http://www.puccamp.br/~fau)

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Biblioteca CAD – Ócullum

1. *Habitat*, Nabil Bonduki (org), 1997, 2ª ed., Studio Nobel, r Maria Antonia 108 fundos, 01222-010 São Paulo SP, fon 011 257.7599, fax 011 257.7599, [studionobel@livrarianobel.com.br](mailto:studionobel@livrarianobel.com.br)
2. *Natureza y ciudad: Planificación urbana y procesos ecológicos*. Michael Hough, Gustavo Gili
3. *Arquitectura y clima: Manual de diseñó bioclimático para arquitectos y urbanistas*. Victor Olgyay, Gustavo Gili, Rosselló 87-89, 08029 Barcelona España, fon 322.8161, fax 322.9205
4. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Marcelo Puppi, Pontes Editores, r Maria Monteiro 1635, 13025-152 Campinas SP, fon 019 252.6011, fax 019 253.0769

Mostra de gravuras e matrizes na Galeria SESI *Os colecionadores 1998*. *Guita e José Mindlin: matrizes e gravuras*. De 24nov a 7fev99. Centro Cultural FIESP, av Paulista 1313, São Paulo. Terça a domingo, das 9h às 19h

24ª Bienal de São Paulo termina em dezembro Com o conceito *antropofagia* para as representações nacionais, mais o Núcleo Histórico (entre outros, Roger Bacon), no Pavilhão do Ibirapuera, Pque do Ibirapuera, portão 3, fon 011 574.5922. De 3ª a 6ª, das 13h às 21h; sáb e dom, das 10h às 21h. Até 13dez

Documentação do Seminário de urbanismo Está disponível documentação do *V Seminário de história da cidade e do urbanismo: Caderno de resumos e CD-Rom com Anais* (R\$15 cada); 6 fitas de vídeo das conferências e mesas redondas (R\$30 uma; R\$150 todas). FAU PUC-Campinas. Fon/fax 019 756.7088, [VSHCU@acad.puccamp.br](mailto:VSHCU@acad.puccamp.br)

Museu de arte popular brasileira

A Casa do Pontal é o maior museu de arte popular do Brasil, com coleção de mais de 5 mil peças. Estrada do Pontal 3295, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro RJ, fon/fax 021 490.3278

Está no ar o número 2 da revista PONTO Site feito por estudantes de arquitetura. Neste número: Maria Bonomi fala a respeito dos *Territórios Imaginários* de Renina Katz; conversa com Álvaro Puntoni; visita ao orfanato de Aldo van Eyck; projeto do Parque Estadual de Ilhabela de Marcos Acayaba e equipe. [www.ponto.org](http://www.ponto.org)

VI Semana de Arquitetura em Natal, RN De 09-13nov. Departamento de Arquitetura, Centro de Tecnologia, BR 101, 3000, Campus Universitário, Lagoa Nova, 59097-970 Natal RN, fon 084 215.3721 / 215.3772, [monica@ct.ufrn.br](mailto:monica@ct.ufrn.br)

IV Encontro de Arquitetura e Engenharia na PB Com palestra de Clorindo Testa mais a *Mostra de arquitetura do nordeste*. Organização do Centro de Tecnologia da UFPB e do IAB/PB. Info: fon 083 216.7119, fax 083 216.7378

fevereiro 1999  
ano 4  
edição meses letivos

Exposição comemora os 90 anos de Oscar Niemeyer  
Marco do Valle  
mdovalle@iar.unicamp.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes  
Affonso Orsiuolo Espanha  
Cristina Mehrrens EUA  
Eduardo Aquino Canadá  
Ligia Velloso Nobre Inglaterra  
Marcos Tognon Itália  
M<sup>re</sup> Pilar P Piñeyro Uruguai  
Olivia d c Oliveira Suíça  
Paul Meurs Holanda  
Paulo Diziali França  
Pedro Marcira Alemanha  
Ramón Gutierrez Argentina  
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores  
André Kaplan  
Daniel Carnelossi  
Isabela Taxa Brisighello  
Priscila Vieira Davini

FAU PUC-Campinas  
Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Coordenador de curso  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

Centro de Apoio Didático  
Rod D Pedro I - Km 136  
Campus I - CEP 13089-500  
Campinas SP Brasil  
fone 55 (0)19 754.7156  
fax 55 (0)19 255.6376  
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

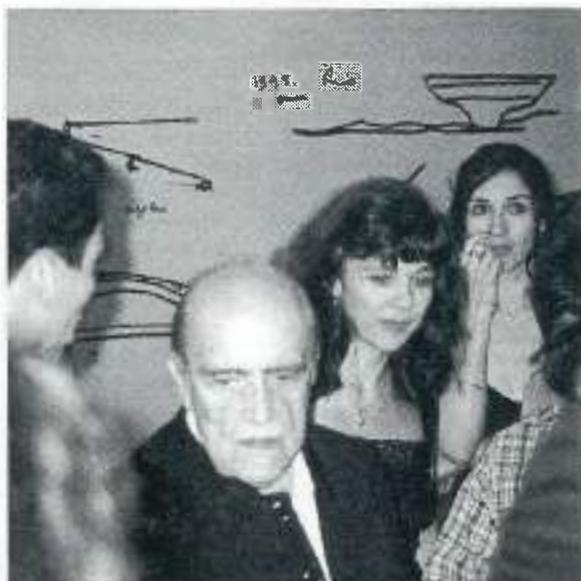
Página Web na Internet  
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural  
Apple do Brasil  
Daidigital Kodak



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Raízes do Memorial /  
Niemeyer 90 anos.  
Curadoria Geral, Cecília  
Sharlach. Direção de  
pesquisa: Ana Lúcia  
Niemeyer de Medeiros.  
Exposição organizada pelo  
Instituto Lina Bo e PM  
Bardi, Fundações  
Memorial da América  
Latina e Oscar Niemeyer.  
Pavilhão Manoel da  
Nóbrega, av. P. Álvares  
Cabraal, portão 10, Pq. e  
Ibirapuera, São Paulo. De  
3<sup>a</sup> a Dom, 11h às 17h.  
Até março99

Uma bela exposição comemora os 90 anos de Oscar Niemeyer, arquiteto brasileiro nascido em 15 de dezembro de 1907 no Rio de Janeiro. Em suas memórias escreve sobre suas origens: "meu nome deveria ser Oscar Ribeiro Soares ou Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, mas prevaleceu o nome estrangeiro e acabei conhecido como Oscar Niemeyer".

Darcy Ribeiro afirma que "Oscar Niemeyer é o fato mais importante que aconteceu no Brasil". Não temos dúvidas que foi ele que deu forma arquitetônica ao Brasil moderno e contemporâneo, que simbolizou nossa arquitetura considerando o passado e projetando o futuro. Seu significado estende-se à própria arquitetura moderna internacional, a quem Oscar Niemeyer questionou com sua obra da Pampulha. "Estávamos em 1940, numa época dominada por um funcionalismo ortodoxo, incapaz de autorizar a fantasia. As formas frias e técnicas não me entusiasmavam muito. Ao contrário: eu me apaixonava pelas formas novas, as superfícies sinuosas, belas e sensuais, capazes de suscitar emoções diversas". Esta invenção demonstrada na Casa do Baile com sua laje sinuosa, mesmo criticada duramente por Max Bill e pela crítica internacional, não fez com que Oscar Niemeyer desviasse e sim firmasse seu caminho, o que possibilitou reconhec-

cimento da arquitetura brasileira no mundo. Devemos ainda considerar sua longevidade e sua vida produtiva como um presente, a um país que procura demarcar sua cultura em um mundo globalizado. O visitante poderá ter o conhecimento da obra do arquiteto por um painel indexador que permite localizar no tempo e no espaço um conjunto de obras, estimado até o momento em 500 projetos (a pesquisa mantém-se em curso), realizados de 1935 até 1998.

A exposição está composta ainda de um conjunto de maquetes de obras emblemáticas do arquiteto, do mobiliário que o arquiteto desenvolveu com sua filha Anna Maria, de um painel com sua biografia, outro painel de desenhos do arquiteto demonstrando suas preocupações poéticas e técnicas na arquitetura, uma réplica do escritório de Oscar Niemeyer no Edifício Ypiranga na Avenida Atlântica nº 3.940 construída com fotografias em escala 1:1 e, no pavimento superior, por ampliações fotográficas de suas obras em grande escala, envolvendo o espectador.

A exposição é um testemunho de uma obra viva e profícua, como também é um pequeno inventário do quanto nós brasileiros e nossa arquitetura deve ao homem e arquiteto Oscar Niemeyer.

II Seminário Montevidéu  
Pilar Pérez Piñeyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org

Desde 1990 os vínculos entre acadêmicos e gestores urbanos na cidade de Montevidéu tem se solidificado mediante uma série de convênios firmados entre a Universidade da República e a Intendência Municipal de Montevidéu, os quais viabilizaram estudos para a cidade, mediante a contratação dos serviços profissionais da Faculdade de Arquitetura. Entre eles se destaca o já aprovado Plano de Ordenamento Territorial (Plano Montevidéu). O intercâmbio entre ambas instituições incluiu em 1998 a organização de um seminário de características inéditas. Durante 15 dias aconteceu diversas atividades integradas: ciclo de conferências, ateliês de projeto e o julgamento dos trabalhos realizados por profissionais de destacada trajetória internacional. A Bahia de Montevidéu constituiu seu eixo temático. O êxito da experiência incentivou sua reedição neste ano, com o tema *Conectividade e Paisagem nas bordas urbanas e Bacia do riacho Miguelete*, uma área fortemente vinculada à Bahia e objeto da elaboração de um futuro Plano Especial. O seminário será dirigido pelo Intendente Municipal de Montevidéu, arq Mariano Arana, e pelo decano da Faculdade de Arquitetura, arq Ruben Otero, com apoio de um comitê acadêmico e um organizador. Serão responsáveis pelos ateliês Hiroshi Hara (Tokyo), Paulo Mendes da Rocha (São Paulo), Jorge Moscato (Buenos Aires), Pierre David (Paris), Ricardo Fayos (Barcelona) e Ann Pendleton (Boston). No contexto de uma política urbana decidida a restabelecer equilíbrios, conexões, paisagens e geografias originais no território de uma cidade segregada socialmente, a proposta do *Seminário Montevidéu II*, surge como uma atitude estimulante, enriquecendo de imaginários urbanos os montevidéanos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Técnicos da Junta de Andalucía, entidade financiadora do Plano Especial para a Bacia do Miguelete (coordenado pelo arquiteto Hugo Gilmet), participarão na etapa final: F. Zoido Naranjo e Manuel González Fustegueras.

II Seminário Montevidéu. Ateliês de Projeto Urbano. Data: 7-20mar99. Local: Faculdade de Arquitetura e Intendência Municipal de Montevidéu. Tema: *Conectividade y Paisaje en las bordas urbanas y cuenca del Arroyo Miguelete*. Info: Facultad de Arquitectura. Boulevard Artigas 1031.11200 Montevidéu, Uruguay. mvdsem@farqu.edu.uy, www.farqu.edu.uy/mvdsem

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS



Croquis de Le Corbusier para a paisagem carioca

Finalmente se fez justiça. Na maioria das exposições de 1987 e no catálogo do Centro Georges Pompidou – *Le Corbusier, une encyclopédie* – viagens, contatos pessoais e projetos latino-americanos não mereceram maior destaque. Apesar da categórica afirmação de Tafari sobre a transcendência inovadora das visões urbanísticas elaboradas pelo mestre em Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e Rio de Janeiro e ao inegável precedente dos mesmos em relação ao Plano Obús de Argel, assinalado por Mary McCloud, nenhuma voz da Enciclopédia tratou em detalhes a experiência latino-americana do arquiteto, nem sua dívida espiritual para com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Agora no Rio são expostos pela primeira vez 47 desenhos originais de seus projetos urbanos e os gráficos das conferências no Rio e Buenos Aires – parcialmente difundidos no livro *Précisions* –, dos quais 38 nunca haviam saído do acervo da Fundação Le Corbusier em Paris.

A exposição centra-se no tema da lâmina contínua de habitações sobre pilotis, coroada por uma autopista, que lhe inspirou o contexto natural do Rio de Janeiro. É esquemático afirmar que na América do Sul "Corbu" descobriu a importância da paisagem e o significado da arquitetura popular, ao visitar as favelas cariocas. Já em sua juventude, durante a viagem ao Oriente, ao percorrer a Macedônia, Grécia, Turquia e sul da Itália, seus cadernos de anotações registraram o impacto de rios, mares e montanhas, como também personagens, costumes e tradições populares dos países visitados. Tampouco foi alheio ao vínculo entre cidade, natureza e topografia, tão presente na milenar e bulhosa Constantinopla. A mudança radical acontece em sua visão da cidade "nova", até então baseada no princípio de tabula rasa, aplicado tanto na *Cidade de 3 milhões de Habitantes* como no *Plano Voisin* para Paris. Descobre que a imagem da modernidade tecnológica não está univocamente associada aos sólidos platônicos. Dentro do avião, se assombra com o serpente dos rios e a infinitude dos pampas; já no desembarque do transatlântico percebe a irregularidade dos morros e colinas cariocas. Entrelaçados a estes espaços naturais surgiram – parafraseando Comas – as *cidades exemplares do urbanismo moderno*.

Confiante nas potencialidades do Novo Mundo, alheio às contradições da velha Europa, assume as condições contextuais e desenha no Rio o viaduto-habitação que logo proporá para Argel. A aná-

lise desta proposta é um dos três leitmotiv da exposição, junto com a evidência do antes e depois do pensamento urbanístico do Mestre – a Cidade de 3 Milhões de Habitantes e o Plano Obús de Argel – e a apaixonada difusão de suas teorias nas 10 conferências realizadas em Buenos Aires em 29 e as 6 proferidas no Rio de Janeiro em 36.

Uma equipe parisiense, dirigida por Yannis Tsiomis, a partir dos desenhos realizados por Corbusier durante suas visitas ao Rio de Janeiro em 29 e 36, elaborou as simulações em computação gráfica, sobrepondo a lâmina à cidade existente, evidenciando suas articulações com os acidentes geográficos da cidade. Através destas reconstruções inéditas ficou demonstrada a disciplina do método projetual de Le Corbusier ao adequar a proposta às preexistências ambientais. A lâmina não constituiu um rígido ideograma, mas sim a imagem projetual urbano-arquitetônica surgida de condicionamentos objetivos: as diversas opções colocadas integram o centro da cidade, a zona portuária, o aeroporto sugerido no recente Aterro, com os sucessivos bairros da zona sul: Flamengo, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Na direção oposta, imaginava o indispensável contato com Niterói ao irradiar-se a lâmina por sobre a Baía de Guanabara. O viaduto-habitação, flexível em seu ondulante e curvilíneo traçado, multiforme no desenho arquitetônico de seus elementos, não constitui um tipo universal como o grego ou o arranha-céu cartesiano, mas um modelo específico para uma geografia concreta, só aplicável no Rio de Janeiro e Argel. O que explica o fato de não aparecer nos planos diretores posteriores de Buenos Aires, Bogotá ou Chandigarh, solucionados a partir dos anunciados canônicos da *Ville Radieuse*.

A exposição e os ensaios contidos no catálogo – referidos também nos projetos do ministério da Educação e Saúde e da Cidade Universitária – demarcam exaustivamente o vínculo do Mestre com a América Latina e, em particular, com o Brasil, mantido nos intercâmbios profissionais com Niemeyer – a elaboração do projeto da sede das Nações Unidas em Nova York – e com Lúcio Costa – no Pavilhão do Brasil na Cidade Universitária de Paris. Uma vez mais é reafirmado o significado de *turn-point* em sua trajetória, das viagens realizadas em 1929 e em 1936, ao maturar sua visão da cidade moderna, apartando-se da rigidez e do cartesianismo imperantes na década de 20. Aqui se forjou sua integração na complexa e multiforme problemática do Terceiro Mundo, cujo clima ocorreria nas obras da Índia e na etapa final de sua obra, no Pós-Guerra europeu. Quem sabe, sem a experiência brasileira, nunca haveria existido as curvas livres de Ronchamp.

Roberto Segre é professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, FAU UFRJ  
Exposição *Le Corbusier – Rio de Janeiro 1929-1936*. Curadoria Yannis Tsiomis, Organização Centro de Arquitetura e Urbanismo, direção Jorge Czajkowski, apoio UNESCO e FAU-UFRJ (Prourb). Conferências: Stanislaus von Moos, Yannis Tsiomis e Carlos E. Comas. À venda catálogo, vídeo e CD-Rom. Até 07 fev. Centro de Arquitetura e Urbanismo, r São Clemente 117, fon 021 503.3137



University of California, Mission Bay Campus. Arq Steven Holl

Um grande fórum de debates – *Residence 2001, Planning the new residential community* – reuniu estudantes, professores e reitores, estendeu-se por várias semanas, procurando definir um programa de necessidades para a nova residência estudantil do MIT. Por fim configurou-se um padrão de excelência para o novo edifício. Todas essas informações e resoluções foram reunidas pela Comissão responsável pelo desenvolvimento e acompanhamento do projeto que, após avaliar as propostas e entrevistar os arquitetos convidados, terminou por eleger o arquiteto Steven Holl para o projeto.

A referência para este novo projeto é a moradia de estudantes projetada por Alvar Aalto depois da II Guerra Mundial, a *Baker House* (1947-1949). O edifício de Aalto, que lecionou na Escola de Arquitetura do MIT na década de 40, está passando por intensas recuperações para a sua festa de aniversário de 50 anos. São 350 apartamentos, restaurante, salas de leitura, sala de jogos, sala de música e outras dependências, todas equipadas com mobiliário desenhado pelo arquiteto.

Por coincidência, Holl foi contemplado com a Medalha Alvar Aalto da Associação Finlandesa de Arquitetos, pelo projeto do Museu de Arte Contemporânea de Helsinque. Mas este foi apenas um dos muitos projetos do arquiteto que chamaram a atenção da comissão que o escolheu. Projetos residenciais, como o de Chiba e Fukuoka no Japão e projetos institucionais como o da Capela de Santo Ignatius, na Universidade de Seattle e o anexo para a Escola de Arquitetura da Minnesota University, também foram decisivos para sua seleção.

O projeto, que terá cerca de 200 mil metros quadrados, inclui todas as facilidades de uma residência estudantil. Entretanto será diferente das outras residências do MIT. Este novo prédio deverá abrigar cerca de 300 estudantes de graduação, 20 de pós-graduação, além de professores, regulares e visitantes, totalizando uma população de 360 pessoas. Além disso deverá contar com uma série de espaços públicos que estarão disponíveis para o uso de toda a comunidade universitária, como sala de conferências, restaurante e outros. O sítio, na parte oeste do campus sofrerá ainda outras transformações, com a construção de uma estação de metrô e outros equipamentos urbanos. Restam aguardar para ver o projeto.

Octavio Lacombe é professor da FAU PUC-Compinas e faz doutorado na School of Architecture and Planning (SAP) do MIT  
Residence 2001 <http://web.mit.edu/buildings/residence2001>  
Steven Holl Architects <http://www.walrus.com/~sha/index.htm>

## Vilas Cariocas

Rogério Goldfeld Cardeman\*

cardeman@ism.com.br



Concurso Vilas Cariocas, projeto vencedor para terreno nº 1

O Concurso Vilas Cariocas – promoção da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, SMH e Iplanrio – visava a criação de 4 tipologias de vilas residenciais em terrenos do Loteamento Portus, localizado na Pavuna/RJ, que serão implantadas na produção de habitação popular, através de parceria entre os programas da SMH, *Novas Alternativas e Morar Carioca*.

No projeto foram combinados 3 tipos de unidades habitacionais visando uma maior diversidade. Cada unidade é formada por 2, 3 ou 4 módulos básicos, que podem reagrupar-se em inúmeras combinações a partir da tipologia básica.

As casas foram dispostas na periferia do terreno, com exceção da área *non aedificanti*, e possuem um pequeno quintal de fundos, que lhes permite adequada iluminação e ventilação. Os espaços livres foram projetados como suporte para uma variabilidade dos usos, sem funções rígidas previstas, contando com churrasqueiras e mesas com bancos, garantindo sua utilização pelos moradores. Neste espaço irão se desenvolver as atividades coletivas, funcionando como ponto de encontro. Foram planejados 5 blocos, assentados em cotas variadas, adaptando-se à topografia. Da mesma forma, os espaços livres foram divididos em platôs, configurando ambiências distintas. Foram projetadas 6 unidades *studio*, 12 de sala/quarto, e 4 de sala/2 quartos – totalizando 22 unidades – sendo que 4 delas, nos blocos laterais, permitirão um posterior acréscimo pelos proprietários.

As passarelas que darão acesso às casas do 2º pavimento foram projetadas em estrutura metálica para dar leveza e caráter contemporâneo ao conjunto. As esquadrias usadas são de aço laminado pintado e terão cores diferenciadas em cada bloco, visando a identidade das moradias, reforçada pelas duas cores de tijolos – ocre e telha. Os materiais especificados foram escolhidos por sua durabilidade, preço e facilidade de obtenção. Como concepção construtiva, foram escolhidos blocos estruturais compostos de escória de alto-forno, argila e cimento, diminuindo-se significativamente o custo com estruturas de concreto armado, ficando estas restritas às lajes e fundações. A cobertura será feita em telhas de fibras naturais impregnadas com betume tendo seu coeficiente de isolamento termo-acústico muito superior ao das telhas de fibrocimento.

\* Equipe responsável pelo projeto: arquitetos Adriana Caúla, Marcos London, Pedro Rolim e Rogério Cardeman

## Winnipeg, parte 1 Horizonte perpétuo

Eduardo Aquino

aquinoe@cc.umanitoba.ca

Em 1886 a primeira travessia continental por trem entre Montreal e Vancouver veio significar um marco na definição da identidade canadense, com sua diminuta população espalhada ao longo da fronteira americana, desenvolvendo-se tradicionalmente pela alta tecnologia, formando uma percepção do lugar e uma tentativa de união nacional. O Canadá sempre defendeu uma grande autonomia entre os seus povos ao passar considerável controle econômico e político para as suas dez províncias, neste caso, criando uma imagem nacional baseada nas peculiaridades de cada região. Com a chegada da rede ferroviária nacional (Canadian Pacific Railway) surgiu uma transformação radical dos hábitos econômicos, o que permitiu não só uma maior interconectividade entre as províncias, como representou um papel crucial na produção da vasta riqueza graneira das pradarias centrais distribuindo-a efetivamente para além dos limites continentais. Como Brasília para o Brasil, Winnipeg se localiza no centro exato dos EUA e do Canadá, posicionando-se na porta de entrada da nova fronteira (o velho oeste), consequentemente se transformando num dos principais centros de distribuição norte-americano, até ser candidamente apelidada de *Chicago do Norte*. Na passagem do século Winnipeg viveu o seu momento de glória maior, aonde o elevado nível de transações comerciais criou um extraordinário adensamento na sua área central, o *Exchange District*, motivando a criação de edifícios de caráter neoclássico ou sullivaniano, mudando a velha presença pacata de cidade do oeste em um *skyline* de proporções metropolitanas, contribuindo para a iniciação de uma consciência moderna regional. Um outro marco verificado foi a implantação, ao longo da via férrea, dos agora famosos celeiros graneiros tão celebrados por Corbusier. Mas a depressão dos anos trinta e o rápido crescimento da indústria automobilística norte americana, com a criação maciça de uma extensa rede rodoviária, expulsou o congelamento abrupto do desenvolvimento da cidade. Hoje o Exchange District repousa sob um ar de abandono e nostálgica desilusão.

A surpresa quando abordamos Winnipeg é que a cidade se estabeleceu a partir da confluência de dois braços fluviais sinuosíssimos, os rios Vermelho e Assiniboine, contrariando assim a sua própria condição geográfica como superfície radicalmente plana, sugerindo um traçado mais regular e ortogonal. Me divirto perdendo-me nas dezenas de bairros que se formam nestes charmosos e calmos bolsos fluviais, que, impossibilitados de sustentar as grandes vias de comunicação direta, são deslocados estrategicamente da intensa movimentação viária. A impressão que tive quando logo aqui cheguei foi que, além do dinâmico lay-out das ruas e da sua característica planar total, imaginava a extensão, mais adiante, de um mar com o seu horizonte perpétuo. Aprendi que Winnipeg esteve um dia submersa no lago glacial Agassiz, formado na idade do gelo de Wisconsin.

## O ascético entediado esterilizado inodoro incolor alienado anônimo insípido hotel cápsula no Japão

Luciana Itikawa, Japão

luci007@hotmail.com



Os hotéis cápsulas estão espalhados por quase todas as metrópoles do Japão. Algumas vezes combinados a hotéis com padrão tradicional de ocupação, eles possuem uma sala de banhos e toalete coletivos e as cabines numeradas individualmente. O hotel cápsula é a densidade elevada às últimas conseqüências. Porém, à um nível de supressão do sujeito – uma reprodução em série de anonimatos. Toda essa compartimentação serve para a estocagem de seres a-ssoçiáveis; alienados dos problemas da metrópole que o consome e do sujeito que está dormindo apenas 30 cm ao lado. A metrópole japonesa possui por resultado essa densidade dramática porque aproxima os cidadãos de uma forma constrangedora; no metrô, no trânsito e também nos lugares de dormir. É inegável que a metrópole transformou o conceito de público e privado. Claustrofobia elevada ao grau de normalidade.

Os hotéis são divididos por sexo, para evitar *desvios* na conduta humana – é o espaço mínimo para se dormir, para se ousar, para se sonhar. As pessoas que usam deste serviço não são apenas cidadãos solitários, desempregados ou desafortunados. Vários deles têm família, trabalho e conta bancária. Uma das coisas que justifica a existência dessa categoria de ocupação são os trabalhos terceirizados – “bicos” – que vêm aumentando na medida em que a metrópole se torna terciária informacional. Ainda que o Japão possua um dos sistemas de legitimação trabalhista mais satisfatórios do mundo, a quantidade de trabalhadores informais é muito grande. São, portanto, cidadãos nômades cujo excessivo deslocamento impede uma ocupação mais prolongada. É a noitada instantânea, assim como existe o hambúrguer instantâneo, a mulher instantânea, o carro instantâneo...

Essa parece uma opção melancólica de uma metrópole não carente de recursos, mas de idéias que providenciam espaços aprazíveis e muito mais sociais.

## Mundaneum: Conferência Internacional de Arquitetura

Pablo Bransburg, México  
bransburg@hotmail.com



Mundaneum, implantação geral, projeto de Le Corbusier

### Desenha sua aldeia e apresenta a universo?

**Mundaneum**, nome do projeto de Le Corbusier para o Centro Mundial, Científico e Educativo das Associações Internacionais que integravam a Sociedade das Nações, em Genebra, Suíça, em 1929. Hoje representa para nós uma bandeira de inspiração que retoma um significado muito especial: o de resgatar as visões utópicas daquela época. Se converte em uma engrenagem e emblema que vai irradiando o que aqueles tempos celebravam: espaços, tempos de paz e colaboração.

No presente, a *liberdade* é a palavra de ordem da arquitetura e das artes em geral. O arquiteto, como todo artista, deve arcar com uma extraordinária responsabilidade social e política, mantendo vivos a imaginação e a linguagem. A arquitetura deve fundamentar-se nos recursos da cultura e do trabalho – em suma, do capital humano –, pois isto se contrapõe às economias de mercado vigentes que convertem os povos em sociedades que precisamente depreciam esse capital humano. Esta voz livre deve nutrir-se dos sonhos daqueles pioneiros que alimentavam a força da cooperação internacional, a união intelectual, a criação de fóruns para a educação e a orientação dos grandes interesses comuns a todas as culturas.

**Mundaneum**, originalmente, se apresentava como um instrumento gerador de obras para o espírito, um instrumento para a documentação, informação, estudo e investigação de todas as manifestações artísticas e científicas internacionais.

**Mundaneum** se manifesta hoje interessado na expressão dialética entre o local e o universo da cultura, em um jogo de retroalimentação. Um modelo que pode visualizar-se como uma fita de Moebius, cujas duas faces em contigüidade resumem a proposta; em tal caso, trata-se de uma fórmula de reverberações insuspeitadas.

**Mundaneum** retoma assim as coordenadas no espaço e no tempo inspiradas na linha das grandes idéias, das atitudes nobres; sua energia intelectual será uma contribuição ética-estética, como epopeia, como uma aventura magnífica para as próximas décadas na construção de um pensamento crítico e reflexivo. **Mundaneum**, um voltar a olhar com olhos novos, corrosivos e irreverentes, para develar o cenário velado do cotidiano... Nada mais que uma (outra) visão de mundo.

Pablo Bransburg é professor da Universidad Iberoamericana, México  
**Mundaneum: Conferência Internacional de Arquitetura**, Universidad del Diseño, San José, Costa Rica. De 01-04jun99.

## Notas sobre a produção do espaço

Tom Verebes, Inglaterra



Desenho urbano para Arabiananta, Helsinki, Finlândia (fragmento)

**Especulação** A teoria espacial existe na produção do espaço. Técnicas multidisciplinares contemporâneas ultrapassam a aplicação de trajetórias filosóficas antigas. Novas práticas dependem de novas técnicas na contribuição da evolução da cultura e da sociedade. Técnica e modelos espaciais De tipologias espaciais às técnicas digitais, a geração do espaço é ligada à pesquisa e à produção. A organização espacial relaciona-se à instrumentalização de técnicas específicas empregadas em séries variadas. O emprego de técnicas resulta em modos de organização com efeitos potencialmente previsíveis. Efeitos previstos Efeitos podem ser razoavelmente previsíveis e são sensíveis a modos específicos de organização dependendo da coerência de implementação de estratégias. A não-familiaridade de técnicas abre a operacionalidade para a inovação e novos efeitos espaciais. Efeitos eventuais Se a apropriação do espaço difere daquela prevista em projeto, o espaço deve torna-se sensível e adaptativo às forças ocupacionais. O registro de possibilidades de uso e a instigação de estruturas de acontecimentos potenciais ainda não podem controlar o espaço uma vez que este é uma dinâmica em evolução adaptativa. Efeitos de ativação espacial resultam em eventos imprevisíveis, que apesar de surgirem como resultado de programas pré-concebidos, são em realidade sinergias contingentes. Diagrama Um diagrama é um modo de descrição gráfica que permite a veiculação lógica de relações. Técnicas de diagramação são dependentes de técnicas gráficas, possibilitando exatidão de intenções, sejam estas analíticas, generativas, etc... Físicalidade Novas condições materiais implicam em novas operações projetuais, assim como novas ferramentas de desenho engendram novas materialidades. O projeto como espacialidade sintética é representado pela possibilidade técnica da produção concreta a partir da geração digital da forma. Espaço A lógica das técnicas digitais presume que explorações espaciais complexas podem ser explicadas coerentemente. Em técnicas manuais, hierarquias gráficas e iconológicas permanecem intactas na transferência semântica. O espaço digital muda a produção espacial de objetos estáticos, direcionando-os para uma sintaxe organizacional dinâmica, modificando princípios organizacionais de figura e massa em direção à lógica vetorial de magnitude, trajetória e intensidade. Tradução André I. Leirner

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

II Simpósio Internacional Space Syntax  
Organização FAU-UnB. Info: fon 061 273.1254, fax 061 340.2702, fredhol@unb.br  
www.unb.br/fau/eventos/2sss.htm

### Ateliê de verão "O sul no norte"

As fundações *Taller de América*, *Taller Los Angeles* e a Woodbury University organizam ateliê arquitetura em Burbank California para estudantes e jovens arquitetos. De 7jun-2jul99. Woodbury University, School of Architecture and Design, 7500 Glenoaks Blv, Burbank CA, USA; fon 818 513 8372, fax 352 22 53, ghonles@earthlink.net

12º Congresso brasileiro de transporte e trânsito  
Com o tema *O transporte na cidade do século 21*, organizado pela Associação Nacional de Transportes Públicos. Recife, 14-18jun99. Info: ANTP, r Augusta 1626, 01304-902 São Paulo SP, fon 011 283.2999, fax 284.5411, antpsp@fesesp.org.br

### Museu de arte popular brasileira

A Casa do Pontal é o maior museu de arte popular do Brasil, com coleção de mais de 5 mil peças. Estrada do Pontal 3295, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro RJ, fon/fax 021 490.3278

### Biblioteca CAD - Ócullum

1. *Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a preservação*, Ateliê Editorial, 1998, r Marechal Bittencourt 491 01432-020 São Paulo SP, fon 011 887.0903
2. *Por amor às cidades*, Jacques Le Goff, Fundação Editora UNESP, fon 011 223.7088, fax 223.9560
3. *Campo Grande, a cidade onde moro e Legislação Municipal de Interesse Ambiental*, PLANURB, Campo Grande MS, planurb@pmcg.ms.gov.br
4. *Estruturas de Aço*, Luis A. Mattos Silva; *Estruturas Metálicas*, Karl Fritz Meyer; *Tecnologia para pré-dimensionamento de estrutura metálica*, CD-Rom. Usiminas, usicivil@usiminas.com.br
5. *Arquitetura grega*, A. W. Laurence; *Escultura gótica*, Paul Willianson. Yale University Press / Ed. Cosac & Naify, fon 011 255.8808, fax 255.3364
6. *Ensaio sobre a razão compositiva*, Edson Mahfuz, UFV / AP Cultural

Incentivo à cooperação Brasil, Argentina e Chile Vitae abre inscrições para o "Concurso Anual de Programa de Cooperação Científico-Acadêmica". Até 23/04. Info: fon 011 3061.5299, fax 883.6361, vitae@dialdata.com.br, http://www.vitae.org.br

### Congresso Mundial Icomos no México

Com o tema geral *O bom uso do patrimônio*, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios promove evento em 4 cidades mexicanas. De 17 a 23out99. icomosmex99@compuserve.com.mx

### História das Missões na Internet

Com apoio da IBM, o IPHAN realizou o *Projeto de informatização do patrimônio cultural das missões jesuítas dos guaranis*. www.missoes.iphan.gov.br

março 1999  
ano 4  
edição meses letivos

## FAUUSP, FAU PUC-Campinas e FAU Mackenzie organizam em conjunto curso de pós-graduação

Marta Dora Grostein  
mdgroat@ibm.net

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável  
Abilio Guerra

### Correspondentes

Affonso Orciuolo *Espanha*  
Cristina Mehrtens *EUA*  
Eduardo Aquino *Canadá*  
Ligia Velloso Nobre *Inglaterra*  
Marcos Tagnon *Itália*  
Mª Pilar P Pinero *Uruguai*  
Olivia de Oliveira *Suíça*  
Paul Meurs *Holanda*  
Paulo Diziosi *França*  
Pedro Moreira *Alemanha*  
Ramón Gutierrez *Argentina*  
Vitorio Corinaldi *Israel*

### Monitores

André Kaplan  
Daniel Carmelossi  
Isabela Taxa *Brisighello*  
Priscila Vieira Davini

### FAU PUC-Campinas

Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Coordenador de curso  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

Centro de Apoio Didático  
Rod D Pedro I - Km 136  
Campus I - CEP 13089-500  
Campinas SP Brasil  
fone 55 (0)19 754.7156  
fax 55 (0)19 255.6376  
fau@acad.puccamp.br

### Revista Óculum

Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

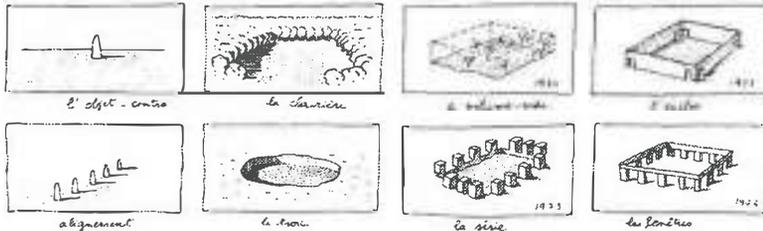
Página Web na Internet  
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural  
Apple do Brasil  
Daigital Kodak



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Esquemas conceituais de Christian de Portzamparc para a "Ville Âge III" (3ª Era da Cidade), publicados na Óculum 9

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), através do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, promoverá em conjunto com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM) e a FUPAM Fundação para a Pesquisa Ambiental da FAUUSP, curso de pós-graduação e curso de extensão universitária sobre o tema *Planejamento e projetos urbanos*. O curso está sob a responsabilidade das seguintes professoras: Regina Prosperi Meyer, Maria Cristina da Silva Leme e Marta Dora Grostein (FAUUSP); Raquel Rolnik (PUC-Campinas); Nádia Somekh (FAM).

Como professores, o curso terá arquitetos estrangeiros convidados - Nuno Portas (Portugal); Juan Busquets, Eduardo Leiras, Manuel Herce e Jordi Borja (Barcelona); Christian de Portzamparc (França) - que preferirão as seguintes palestras:

1. *Urbanismo: do planejamento do território administrativo à construção de um território estratégico*. Arq Jordi Borja. Subtemas: planejamento territorial e planejamento estratégico, iniciativa pública (de regulador a indutor), formas de governo e gestão dos grandes projetos.

2. *A dialética das centralidades*. Arq Juan Busquets. Subtemas: centros degradados, expansão de centros e reconversão de áreas industriais e portuárias, novas centralidades no primeiro cinturão periférico). Apresentação de casos: Barcelona, Haya, Toledo e Málaga.

3. *Grandes projetos urbanos e suas escolas*. Arq Eduardo Leira. Subtemas: a construção da metrópole e grandes projetos; desenho, gestão e financiamento, mecanismos de negociação e parceria. Apresentação de casos: Bilbao, La Défense, Vitória.

4. *Fazer cidade nas periferias*. Arq Nuno Portas. Subtemas: operações urbanas de habitação e espaço público. Apresentação de casos: Lisboa, do SAL à EXPO.

5. *Grandes infraestruturas de comunicação e a construção da cidade-região metropolitana*. Arq Manuel Herce. Subtemas: Mobilidade e centralidade; infraestruturas como operações de redistribuição social e coesão do tecido urbano. Apresentação de casos: Rio de Janeiro, Bogotá.

6. *A 3ª era da cidade e as tipologias de arquitetura urbana estruturadas a partir do espaço público*. Arq Christian de Portzamparc.

7. *A função de grandes projetos urbanos na reconceitualização da atividade de planejamento*. Debates.

O curso será em período integral entre os dias 12 de abril e 19 de abril das 9h às 13h e das 14h às 18h (48 horas aula). O período da manhã está reservado para palestras proferidas pelos urbanistas estrangeiros convidados e o período da tarde para discussões de estudos de caso e textos indicados.

### Evento aberto ao público

Os organizadores do curso promoverão ainda o encontro *Projeto Urbano: Experiências Contemporâneas* para alunos de graduação, professores, arquitetos e demais interessados, com a presença de urbanistas convidados. O evento terá acesso livre, sem inscrição prévia. Dia 15/04, 4ª feira, às 19 horas, no Auditório Rui Barbosa da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, na rua Itambé.

As inscrições para o curso *Planejamento e projetos urbanos* já estão abertas e os interessados deverão preencher cadastro e enviar um curriculum até 22/03 para seleção. Os selecionados deverão se inscrever de 24/03 a 05/04. Taxa de inscrição R\$ 200,00 ou 2x R\$ 100,00. Info: FUPAM-FAUUSP, fon 818.4566 / 814.0829, fax 818.5032.

## Projeto Urbanístico Eixo Tamanduatehy, Santo André

Raquel Rolnik  
polis@ax.apc.org

O projeto *Eixo Tamanduatehy* - projeto de intervenção no eixo da Avenida dos Estados / Ferrovia -, promovido pela prefeitura de Santo André, está sendo elaborado por quatro equipes constituídas por parcerias entre equipes internacionais e urbanistas paulistas. Dentre os profissionais europeus envolvidos no projeto, destacamos Juan Busquets, Christian de Portzamparc, Eduardo Leira, Manuel Herce e Nuno Portas. O produto deste esforço coletivo será apresentado à discussão pública, com a presença de todos os profissionais envolvidos nos dias 13 de abril (em Santo André, no salão do moinho São Jorge, Avenida dos Estados) e 14 de abril (em São Paulo, no grande auditório do MASP), sempre às 19:30 horas.

O grande eixo da várzea do Rio Tamanduateí, onde se alojaram a ferrovia e as indústrias, passa hoje por processo de substituição funcional. O projeto em andamento é parte da estratégia global presente no projeto *Santo André Cidade Futuro*, que busca apontar os caminhos alternativos para a superação dos problemas atuais, apostando em políticas públicas no âmbito regional e local, em parceria com o setor privado e com a população em geral. A origem do trabalho remonta ao início da atual gestão, quando a Prefeitura de Santo André encomendou ao urbanista Cândido Malta Campos Filho um levantamento das potencialidades urbanísticas, bem como a elaboração de propostas urbanísticas para a área. Em 1988 outras três equipes se incorporaram na discussão, chegando aos resultados que será mérito agora de exposição e discussão pública.



Av dos Estados, Trecho da área de intervenção

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

## Quando premiar é difícil

Roberto Segre

robsegre@acd.ufrj.br



Televisa, 1995, arq Enrique Norten e Bernardo Gómez-Pimienta

Não é fácil o acesso dos latino-americanos aos diversos prêmios internacionais, em particular aos outorgados por países e instituições do hemisfério Norte. No concurso de estudantes de arquitetura organizado pela UIA em Barcelona (1996), só uma aluna de Porto Rico chegou à reta final. No concurso de idéias para a ampliação do Pavilhão de Barcelona, convocado pela Fundação Mies van der Rohe e pela revista 2G para jovens arquitetos (1998), entre os 1399 apresentados, só uma equipe argentina da cidade de Rosário obteve uma menção. Na grande lista dos 21 ganhadores do Prêmio Pritzker, por ora se mantém solitário Luis Barragán, sendo Oscar Niemeyer rebaixado a meio prêmio, associado (injusta e gratuitamente) com o "fachadista" do SOM, Gordon Bunshaft. Em novembro passado, o RIBA outorgou ao mestre brasileiro a *Royal Gold Medal* em reconhecimento a sua larga trajetória de inventiva criatividade. Há alguns anos, a Fundação Mies van der Rohe de Barcelona teve a iniciativa de incluir a América Latina no prêmio anual que desde 1988 se outorga a prestigiosos arquitetos do Velho Continente. A partir de consultas internacionais e formação de uma equipe de assessores, foram selecionados 77 projetos do continente e do Caribe, logo reduzidos a 23 finalistas por um jurado formado por Paulo Conde, prefeito de Rio de Janeiro; Mariano Arana, Intendente de Montevideu; Silvia Arango, crítica colombiana; Sara Topelson de Grinberg, presidente da UIA; Terence Riley, do MoMA de Nova York; Fernando Távora, arquiteto português; Ignasi de Solà-Morales, reconhecido crítico barcelonês, mais o diretor da Fundação, Lluís Hortet, que secretariou as duas sessões: a primeira, em julho, na cidade de Montevideu; a segunda, para escolher o ganhador, em setembro, no Rio de Janeiro. O prêmio foi entregue na cidade do Porto em 16 de outubro, na Reunião Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo. Com a presença de reconhecidos profissionais da região – Oscar Niemeyer, Rogelio Salmons, Teodoro González de León, Enrique Legorreta, Clorinda Festa, Carlos Mijares, Laureano Forero, Enrique Browne, Carlos Gómez de Llerena – acompanhados pelos jovens da vanguarda latino-americana – José A. Choy, Pablo Tomás Beitía, Enrique Norten, Mathias Klotz, Héctor Vigliecca e outros –, não foi difícil a seleção do único primeiro prêmio. A dúvida aqui consistia em reconhecer mais uma vez um

dos arquitetos já consagrados ou favorecer os jovens promissores. O jurado assumiu a segunda opção, premiando o edifício múltiplo-usos da Televisa, construído na Cidade do México (1995) pelo Grupo TEM, de Enrique Norten y Bernardo Gomez-Pimienta. Com fina ironia, Adela Garcia-Herrera – redatora-chefe de "Arquitectura Viva" –, ao comentar o concurso ("Babelia", El País, 17/10/98) se referiu à existência de projetos "latinos" e "americanos", já que a obra de Norten, poderia estar implantada em qualquer país desenvolvido, ao invés do nosso sofrido "Sul". Não é que defendamos alternativas pobres, vernaculares ou folclóricas para identificar a arquitetura da região, mas não temos dúvidas que existem imagens icônicas facilmente reconhecíveis com a identidade ambiental latino-americana: a expressividade de territórios e paisagens – urbanos ou rurais – que são particulares da dimensão continental com as quais dialogam as obras – por exemplo o vínculo entre a Bahia de Guanabara e o MAC de Niemeyer em Niterói –, certa força telúrica que aflora nos monumentais conjuntos de Zabludovsky e Gonzales de Leon; a obsessão de Carlos Mijares pelo ladrilho, presente nas obras colombianas de Salmons e Forero; o minimalismo formal e textural de Klotz surgido da leveza e cromatismo da madeira; o infinito da rusticidade do concreto aparente de Paulo Mendes da Rocha; a tecnologia "apropriada" do grafismo plástico de Choy nas obras de Santiago de Cuba. Não deixa de surpreender que a última seleção esteve entre a obra de Norten e o edifício do Consórcio Nacional de Seguros em Santiago de Chile, de Enrique Browne e Borja Huidobro, cuja fina elegância e sofisticados detalhes o aproximam mais de Paris (Huidobro) do que de Santiago (Browne). Após uma disputada votação de quatro a três, a perfeição tecnológica das estruturas metálicas – talvez importadas dos Estados Unidos –, do projeto de Norten foi mais atrativa para alguns críticos de "fora" e de "dentro", ansiosos para que o "Sul" sub-desenvolvido ao qual pertence nossa América se insira no globalizado "Norte", ao menos na arquitetura. Ou, quem sabe, desejosos que o prêmio não se distanciasse em demasia do precedente europeu, outorgado à Biblioteca Nacional da França, de Dominique Perrault.

Roberto Segre é professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, FAU UFRJ



Héctor Vigliecca e Bruno Padovano, Sesc de Nova Iguaçu, RJ

## Mestrado em arquitetura no MIT

Octavio Lacombe

lacombeo@mit.edu

Nos EUA existem dois tipos de cursos para a formação de arquitetos: o bacharelado de 5 anos, como no Brasil, e o mestrado em arquitetura, que varia de 2 a 3 anos e meio, este último preferido por grande parte das escolas de arquitetura. É o caso da Columbia, Harvard, UCLA e MIT. A *School of Architecture and Planning – SAP*, do *Massachusetts Institute of Technology – MIT*, oferece o curso de graduação de 4 anos e o mestrado, que pode ser feito junto com a graduação (6 anos) ou após a graduação (3 anos e meio). Dos 400 estudantes da Escola de arquitetura, 75 estão na graduação e cerca de 200 no mestrado. O curso do curso são os *design studios*, constituídos por disciplinas eminentemente de projeto arquitetônico. Há 3 níveis de *design studios* (I, II e III) e para obter o título de mestre o estudante deverá passar por pelo menos um *design studio* nível III. Para passar de um nível para outro, além da nota na disciplina, é preciso passar por uma espécie de banca examinadora, composta por uma comissão de professores, que julga se o candidato está apto para seguir adiante.

Todo semestre são oferecidos ao menos 2 *studios* de cada nível (que tem suas temáticas renovadas periodicamente) e alguns *workshops* de caráter multidisciplinar, envolvendo desenho urbano e planejamento. Entre os vários *workshops*, foram oferecidos como temas as cidades de Chandigarh e Dresden, ambos com abordagem multidisciplinar. Além de *studios*, são oferecidas disciplinas na área de história, tecnologia da construção, estruturas e computação. Durante o curso, os estudantes devem cursar 9 disciplinas eletivas escolhidas nas áreas de Administração e Negócios, Artes, Ciências Cognitivas, Engenharia, Meio Ambiente e Ciências da Computação.

A Tese de Mestrado consiste de duas partes: a primeira prática (um projeto de arquitetura completo) e uma segunda conceitual (uma dissertação sobre o projeto). Após finalizado o mestrado com sucesso, o arquiteto está apto para se submeter ao teste para obter a sua licença para exercer a profissão. Os testes são duros, diferentes de estado para estado e o que normalmente acontece é que poucos o enfrentam. Os que o fazem, tentam por 2 ou 3 anos antes de conseguir a licença. Correto ou não, o processo norte-americano é rigoroso e complicado, forçando futuros arquitetos a estudar por até 7 ou 8 anos. O que nos dá o prazer de ver trabalhos e projetos de altíssimo nível, extremamente elaborados e detalhados. E isto ocorre tanto aqui no MIT, como em várias das melhores escolas de arquitetura deste país. Merecem uma pequena visita.

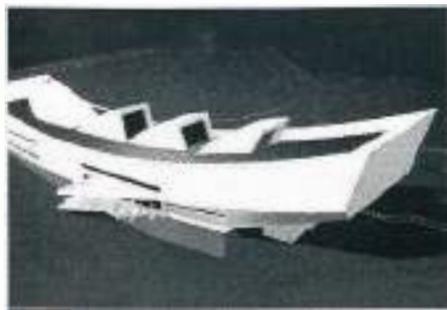
Octavio Lacombe, professor do Departamento de Linguagem Arquitetônica da FAU PUC-Campinas, é doutorando no MIT

Columbia Graduate School of Architecture and Planning and Preservation [www.arch.columbia.edu](http://www.arch.columbia.edu)  
Harvard Graduate School of Design [www.gsd.harvard.edu](http://www.gsd.harvard.edu)  
UCLA Graduate School of Architecture and Urban Design [www.aud.ucla.edu](http://www.aud.ucla.edu)  
MIT School of Architecture and Planning <http://jloohooloo.mit.edu>

## Éolo Maia projeta o Memorial de Campo Grande

Ângelo Arruda

sindarq1@alanet.com.br



Memorial de Campo Grande, arquiteto Éolo Maia

O arquiteto mineiro Éolo Maia, projetou o Memorial de Campo Grande, vencedor do Concurso realizado em 1998, promovido pelo Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas de MS e o IAB/MS e que classificou os projetos de Flávio Carsalade, MG, e de Luis Tabith Jr, SP, em 2º e 3º lugares.

A idéia de construir o Memorial de Campo Grande está ligada às comemoração do centenário da capital do Estado de Mato Grosso do Sul, que acontecerá no mês de agosto deste ano.

Localizado em uma área de 6 hectares na principal avenida da cidade – a Afonso Pena – cortada pelo córrego Prosa, o projeto Memorial proposto por Éolo Maia possui um formato que lembra uma embarcação. Éolo Maia faz parte da “moderna escola mineira de arquitetura” e ganhou o Concurso concorrendo com 21 trabalhos.

Do programa do Memorial consta um Teatro de Câmara, espaços para exposições permanentes e transitórias, sala de eventos públicos, administração e vai abrigar ainda o Arquivo Histórico da cidade, a discoteca e a videoteca. A área total a ser construída é de 2.500 m<sup>2</sup>, dividida em dois pisos, sendo o hall central em pé-direito duplo e painéis que irão contar, através de esculturas, a história da cidade.

A construção é um edifício branco, pousado suavemente no terreno. A nave, com aletas de ventilação em sua cobertura é claramente identificada como um monovolume, que representa a integridade e a diversidade cultural das atividades que abrigará. As suaves curvas do objeto lhe conferem uma singularidade plástica e leveza nas suas dimensões.

O Memorial será construído numa das áreas mais valorizadas da cidade e ponto de passagem de grande número de pessoas e de veículos. Portanto, é um edifício para ser visto pela população.

Segundo os arquitetos que participaram do julgamento do concurso – dentre eles Roberto Montezuma, Gogliardo Maragno e Jurandir Nogueira, o projeto de Éolo Maia era o que melhor traduzia o programa e as necessidades da cidade para uma obra desse porte.

A inauguração está prevista para o dia 11 de dezembro de 1999.

## Los Angeles 2000: XVII ELEA

Guillermo Honles, Estados Unidos  
cleusa@vaxb.woodbury.edu

Os estudantes latinos de arquitetura dos Estados Unidos obtiveram a honra de organizar o XVII Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura – ELEA, o último deste milênio. Estamos conscientes da enorme responsabilidade de levar a cabo um evento de primeira qualidade, digno das expectativas em geral. Entendemos também o simbolismo implícito nesta honra que trata da extensão da América Latina para além de suas fronteiras políticas.

A cidade de Los Angeles, considerada como a primeira urbe do século XXI, será maioritariamente latina no ano 2005, o que implica em um enorme significado em toda a relação sócio-política entre o Norte e o Sul, entre América Latina e América do Norte.

### Tema

O tema acadêmico do evento será *A arquitetura do século 20, uma evolução*. Consideramos apropriado ao final de um tão turbulento e importante século na história da arquitetura, que façamos uma pausa na caminhada e olhemos para trás e avaliemos o que caminho percorrido. Que este encontro seja uma oportunidade de analisar o realizado neste século de Modernismo e que também examinemos propostas do que virá, em todas as áreas de nosso interesse: desenho, urbanismo, tecnologia e meio ambiente.

### Conferências

Estamos comprometidos a oferecer um ciclo de conferências sem precedentes nos ELEAs. A série de conferências estão divididas em dois grupos: *Conferências Magnas*, com convidados internacionais, e *Conferências Arquitetura LA*, com a participação do talento local, que dará uma melhor idéia de nossa urbe e sua influência no mundo da arquitetura internacional. Estas últimas acontecerão na sessão matinal, depois das apresentações estudantis; ou seja, cada estudante poderá assistir a no máximo 4 das *Conferências Arquitetura LA*. Futuramente divulgaremos esses grupos das e os inscritos com antecedência terão direito a escolher o grupo de conferencistas de sua predileção. As listas aqui apresentadas ainda não estão em suas formulações definitivas.

*Conferências Magnas*: Frank Gehry, Billie Tsien, Antoine Predock, (EUA) e Clorindo Testa (Argentina), confirmados; Santiago Calatrava, Rafael Moneo (Espanha), Richard Meier (EUA) e Rogelio Salmona (Colômbia), a confirmar. *Conferências Arquitetura LA*: Michael Rotondi, Kate Diamond, Lou Naidorf, Ernesto Vasquez, Ming Fung, Steven Ehrlich, confirmados; Ray Kappe, Mark Rios, Eric Owen Moss, Neil Denari, Rob Wellington Quigley, Rebecca Binder, Thom Mayne, Kanner Architects, Koenig-Eizenberg e Jon Jerde, a confirmar.

### Convite

Nós os esperamos no ano 2000! Será um prazer tê-los por aqui...

XVII Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Arquitectura ELEA – “Los Angeles 2000”. Organización da Coordinadora Latinoamericana de Estudiantes de Arquitectura, Sección Estados Unidos de America – CLEA USA. De 24-30set2000. Info: cleusa@vaxb.woodbury.edu, www.cleusa.com

## As cidades históricas do Japão: Hiroshima, Kyoto e Nara

Luciana Itikawa, Japão  
luci007@hotmail.com



Vista de Hiroshima, reconstruída após bombardeio nuclear

Hiroshima explora sua tragédia até a última gota de sangue derramada por suas vítimas. Uma tragédia reforçada ao ponto de tornar-se um espetáculo patético (bonecos com roupas rasgadas, tijolos despedaçados *fake*, etc). Em todo lugar, uma reminiscência da bomba: uma escultura *kitsch*, uma ruína freqüentemente restaurada (para que continue ruína), floresiras simbolizando a luta das vítimas remanescentes, etc. Uma densa solenidade contrastando com a histeria *pop* de final de século – a ruína restaurada e o arranha-céu pós-moderno. Surpreendente é que a absorção (e não reinvenção) da cultura *pop* avassaladora, que por ironia vem massivamente dos Estados Unidos, predomine sobre o remorso.

**Kyoto**, como toda cidade turística, conserva seus monumentos a ponto de deixá-los impecavelmente intactos. Eles derrubam e reconstróem com freqüência, nunca aparentando sua distância histórica. O Kinkakuji (castelo revestido de folhas de ouro), famoso cartão postal do Japão, foi construído em 1130 e está implantado de modo que as pessoas só possam se aproximar por vias tortuosas, um jogo de ocultação e revelação intrigante.

A estação de Kyoto, do arquiteto Hiroshi Hara, foi reestruturada: implantaram uma cobertura de estrutura metálica e agregaram mais alguns serviços (centro de convenções, hotel, restaurantes, comércio, etc.). A pluralidade desse equipamento público gigantesco se faz por meio da sobreposição exagerada, grotesca e megalomaniaca. Densidade de informações arquitetônicas e urbanas que tornou-se parte da vida metropolitana.

**Nara** foi a primeira capital do Japão, seguida por Kyoto e Tóquio. Ela denuncia o período de maior influência chinesa: na arquitetura, escultura, pintura, literatura e escrita, música, ciências, etc. Os templos budistas, escandalosos nas cores empregadas, contrasta com a austeridade do templo shintoísta, religião nativa do Japão. A maioria dos japoneses acredita nas duas religiões, apesar delas serem contraditórias. O Budismo monoteísta prega a ascensão espiritual e crê na reencarnação cíclica; o Shintoísmo, que venera deuses da natureza e pessoas mundanas, destaca a vida prática, o esforço e a moralidade. O que pode parecer um oportunismo – afinal eles se casam no Shintoísmo e morrem no Budismo – acaba revelando uma intrigante ambigüidade espiritual, ao contrário da distinção maniqueísta do Catolicismo ocidental.

## Hélène de Mandrot, madrinha dos CIAMs

Olívia de Oliveira, Suíça  
butikofer.oliveira@span.ch



Castelo de La Sarraz, França, onde surgiram os CIAMs

Pronunciar La Sarraz é evocar Hélène de Mandrot (1867-1948), artista e mecenas da arte vanguardista, última proprietária do Castelo de La Sarraz, onde, por sua iniciativa, surgiram os CIAMs. Atualmente o Museu de Arte Decorativas de Lausanne dedica-lhe uma exposição com os principais aspectos de sua atividade singular. *Madame de Mandrot* acolheu em La Sarraz representantes dos mais prestigiosos da vanguarda internacional, em particular oriundos do surrealismo. Entre os documentos apresentados na exposição, destaca-se o livro de hóspedes ilustrado por arquitetos e artistas da talha de Gropius, Max Ernst, Giedeon, Sert, Aalto, Max Bill, Sartoris, Alfred Roth, Le Corbusier, E. Rogers, Moholy-Nagy. Durante a II Guerra seu castelo foi um porto seguro para artistas ameaçados pela conjuntura e serviu de ponto de conexão entre grupos isolados pela situação política. Numa das páginas do livro de hóspedes uma declaração assinada por Peressuti e Belgioioso em 22/07/46 dá o tom do lugar: "À La Sarraz (perto do centro do mundo) após 6 anos de tormenta, aqueles que ficaram reencontram o espírito dos melhores que já não estão (G L Banfi, G Pagano, Labó, F Beltranni), arquitetos que morreram pela Liberação". Seu engajamento pela arquitetura moderna motivava-a, em 1927, a persuadir a instância suprema do concurso da Sociedade das Nações Unidas em Geneve a permitir que Le Corbusier e Jeanneret apresentem um novo projeto, já que na primeira fase do concurso, haviam sido premiados mas não selecionados. Esta prova política não teve consequência prática, mas contribuiu para reforçar o prestígio da mecenas entre os arquitetos modernos e foi um dos elementos mobilizadores para a criação dos CIAM em La Sarraz, no ano seguinte. Entre a coleção de objetos modernos da mecenas reunem-se três casas que fez construir para si: uma em Paris (1925-26), encomendada a Pierre Chareau, outra construída por Le Corbusier em Le Pradet (1929-31) e a terceira, em Zurique (1943-44), de autoria de Alfred Roth. Um ano após o I CIAM, La Sarraz abrigará outro congresso mítico, o do Cinema Independente que será documentado por Eisenstein. Fotos deste documentário desaparecido são mostradas na exposição e algumas raridades do cinema de vanguarda dos anos 30 puderam ser vistas numa mostra paralela, organizada pela Cinemateca Suíça.

Hélène de Mandrot et la Maison des artistes de La Sarraz. Musée des Arts Decoratifs. <http://www.lausanne.ch/musees/artdeco.htm>. Catálogo: Antoine Baudin. *Hélène de Mandrot et la Maison des Artistes de La Sarraz*, Payot, Lausanne, 1998. CD-ROM com Catherine Saugy, Châteaueu, de La Sarraz, fax 021 8661180.

## Arquitetura moderna portuguesa

Sheila Walbe Ornstein  
sheilawo@usp.br



Edifícios residenciais de Álvaro Siza em Maastricht, Holanda

A arquiteta Ana Tostões nos brinda com uma obra que revela a punjância da arquitetura moderna portuguesa (1948-61). Neste período, Portugal encontra-se sob a ditadura de Salazar (1932-68) e até recentemente pouco se conhecia no Brasil sobre a produção arquitetônica e urbanística portuguesa pós 2ª Guerra. A obra preenche uma lacuna do conhecimento, estabelecendo inclusive relações com a arquitetura de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

O Capítulo I – *Sinais de contaminação no pós-guerra* – aborda o período de transição, quando os portugueses começam (eventos de artes plásticas; 1º Congresso Nacional de Arquitetura) a se manifestar contra o regime fascista, propondo uma arquitetura mais contemporânea. Destaque para Fernando Távora. O capítulo II – *Paradigmas da nova arquitetura* – trata da evolução dos novos bairros e propostas urbanas, destacando a solução para o "problema habitacional" das populações de baixa renda, que obedece aos princípios modernos do CIAM, sob forte influência de Le Corbusier. Enfatiza ainda as qualidades urbanísticas e arquitetônicas dos bairros Alvalade e Estacas em Lisboa, que persistem até hoje.

O Capítulo III – *Novas técnicas, processos inéditos, materiais reinventados* – verifica a forte influência dos princípios normativos da Carta de Atenas na arquitetura portuguesa do período e seus efeitos na tradicional tecnologia construtiva deste país, que perdura até hoje. O Capítulo V – *Tradição e modernidade, vanguarda e regionalismo: Keil, Távora e Siza* – mostra à luz das obras dos 3 arquitetos o amadurecimento da arquitetura moderna portuguesa, com a passagem do Movimento Moderno Internacional para um "trabalho diferente, teoricamente racional e formalmente tradicional, apelando a uma linguagem simples inspirada na tradição popular" (p 176).

O Capítulo VI – *A Fundação Gulbenkian e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus: o fim dos anos 50 e o princípio do decênio de 60* – aponta esses dois projetos – que aliam o racionalismo, o organicismo e a serenidade poética na linguagem do concreto aparente – como marcos finais do período estudado. Finalmente, o Capítulo VII – *Conclusão* – resume as passagens anteriores, destacando o rigor profissional e a qualidade da arquitetura do período, apesar do regime político opressor.

Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50, de Ana Tostões. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal, 1997, 349 p.

Sheila Walbe Ornstein é Vice-Diretora da FAU USP

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Biblioteca CAD – Ócolum

1. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*, FAU Ritter dos Reis, fax 051 233.0444, [ritter@ritterdosreis.tche.br](mailto:ritter@ritterdosreis.tche.br)
2. *Oscar Niemeyer. Diálogo Pré-Socrático com Claudio M Valentineti*, Inst. Lina Bo e P M Bardi, fon 011 844.9902, [instituto.bardi@mandic.com.br](mailto:instituto.bardi@mandic.com.br)
3. *Arquitetura Escolar e Política Educacional*, FDE, fon 011 3327.4000
4. *São Paulo Imagens de 1998*, Bovespa
5. *Além da Baixa: indícios de planejamento urbano na Lisboa setecentista*, Walter Rosa. Inst. Português do Patrimônio Arquitetônico, fon 363.1677
6. *Tarsila do Amaral, a modernista*, Nádya Battella Gotlib, Ed. Senac, fon 011 884.8122
7. *As curvas do tempo. Memórias*, Oscar Niemeyer, Ed Revan, fax 021 273.6873 [divulg@revan.com.br](mailto:divulg@revan.com.br)
8. *Universo urbanístico português 1415-1822*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, cidade@cncdp.pt

### Novas revistas universitárias de arquitetura

1. *Revista da FAU UnB*, nº 1, fon 061 307.1009
2. *Locus*, FAU PUCPR, nº 1, [silviane@cctet.pucpr.br](mailto:silviane@cctet.pucpr.br)
3. *Polis*, Facultad de Arquitetura, Universidad Nacional del Litoral, [polis@fadu.unl.edu.ar](mailto:polis@fadu.unl.edu.ar)
4. *2 Arquitecturas*, nº 1, Bogotá, Colômbia, telefax 285.5725, [arquitecturas@hotmail.com](mailto:arquitecturas@hotmail.com)

### Herzog/de Meuron vencem concurso para museu

Os arquitetos Jacques Herzog e Pierre de Meuron serão responsáveis pela construção do Yong Memorial Museum em San Francisco. O início dos trabalhos está previsto para 2002 e a inauguração do museu para 2006. Os arquitetos suíços estiveram entre os finalistas do concurso para a ampliação do MOMA, receberam a encomenda do Museu de Arte da Universidade de Austin e atualmente realizam o Tate Gallery of Modern Art em Londres.

### Fundação Patrimônio Histórico da Energia

Novo órgão estadual paulista comemora sua fundação com exposição inaugural de fotos de época. Rua dos Lavapés 463 Cambuci, São Paulo, fon 279.6237/279.6171, [patrimonio@fphesp.org](mailto:patrimonio@fphesp.org), [www.fphesp.org](http://www.fphesp.org)

### Arquitetura moderna em São José dos Campos

Está disponibilizado site com levantamento de obras modernas, de responsabilidade do Arq Alexandre Penedo. [www.iconet.com.br/arqmqd-sjc](http://www.iconet.com.br/arqmqd-sjc)



abril 1999  
ano 4  
edição meses letivos

## Meu amigo Aldo Van Eyck

Jo Coenen

jocoenen@globalxs.nl

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: [www.puccamp.br/~fau/](http://www.puccamp.br/~fau/)

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes  
Ana Paula Baltazar Inglaterra  
Affonso Orciuolo Espanha  
Cristina Mehrrens EUA  
Eduardo Aquino Canadá  
Ligia Velloso Nobre Inglaterra  
M<sup>re</sup> Pilar P Pineyro Uruguai  
Olivia de Oliveira Suíça  
Paul Meurs Holanda  
Paulo Dizzioli França  
Pedro Moreira Alemanha  
Ramón Gutiérrez Argentino  
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores CIDD  
André Kaplan, Daniel Carne-  
lossi, Priscila Vicira Davini

Grupo PET  
Alexandre Tonetti, Daniela Ab-  
delnur Camargo, Diego Alberto  
Vega, Ivana Coelho Miranda,  
José Renato Solbel M Melhem,  
Júnia S Pires Sana, Giovana M  
Del Duca dos Santos

FAU PUC-Campinas  
Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Diretor adjunto  
Denio Munia Benfatti  
Coordenador de curso  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

CIDD Centro Integrado de  
Documentação Digital  
Rod D Pedro I - Km 136  
Campus I - CEP 13089-500  
Campinas SP Brasil  
fone 019 754.7156  
fax 019 255.6376  
fau@acac.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

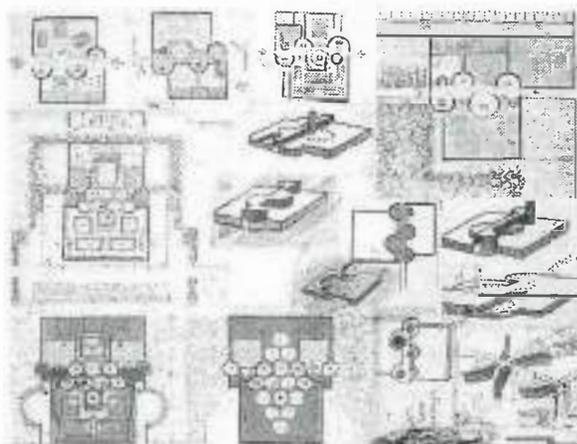
Apoio  
Capes, Apple do Brasil e  
Daidigital Kodak



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Aldo van Eyck nasceu em Driebergen, Holanda, em 1918. Foi educado na Inglaterra e formou-se arquiteto na Suíça. Tornou-se professor no Delft Technical College em 1967. Van Eyck, membro fundador do Team 10, premiado com o RIBA Royal Gold Medal em 90, morreu em 14 de janeiro de 1999.

Ao lado, croquis de Van Eyck, *workshop* de Grave. Foto Paul Martin Lied

Não é fácil para mim escrever sobre a morte de meu amigo Aldo van Eyck. Ele foi, até seus últimos dias, uma figura exemplar e chave da arquitetura holandesa pós 2ª Guerra. Eu tive a sorte de reencontrá-lo algum tempo antes de sua morte, durante um *workshop* na pequena cidade de Grave (Holanda), onde nós, e outros colegas arquitetos conhecidos, projetamos e discutimos uma nova área dessa cidadezinha. Até seus últimos dias ele permaneceu cheio de vida e energia.

Quando comecei a trabalhar com Aldo, fiquei fascinado com aquela pessoa que entrava em seu próprio escritório assobiando canções e fazendo comentários instigantes para sua equipe. Seu forte era criar desafios, formular comentários críticos; parecia que passava incoerentemente de um pensamento para outro, mas tudo era na realidade enraizado em um conhecimento nas mais variadas áreas do conhecimento. Ele tinha um exército de seguidores que constantemente crescia por causa de suas atividades educacionais. Eu nunca o tive como professor, mas Aldo era conhecido por seus excelentes alunos, depois arquitetos fortemente inspirados por ele. Suas atividades como convidado palestrante na Eidgenössische Hochschule em Zurique, no ano de 1977/78, ficaram famosas. Aldo era capaz de concatenar determinados pensamentos ou idéias de forma inspiradora e abrir um universo autenticamente artístico e rico para seus alunos. Para tanto, usava

seu conhecimento de história e seu grande interesse pelo folclore e pela arte moderna. Seu conhecimento elaborado permitia que fizesse conexões entre arte moderna e arquitetura. Seus desenhos apaixonados e coloridos evidenciavam seu desejo de um mundo vivo, claro e alegre, mundo análogo ao que havia observado em culturas primitivas. Ele incorporou este conhecimento nos seus projetos: tudo acontece simultaneamente com uma certa indiferença espontânea e acaba por envolvê-lo como se fosse uma rica vestimenta. Seus edifícios traziam um desprendimento da vida cotidiana e o levavam ao encantamento com seus espaços diversificados, nunca grandes ou ostensivos, mas sempre, sempre com uma escala agradável.

Van Eyck era o mestre da escala e da cor. Em uma de suas jornadas, conheceu Lina Bo Bardi. Ele a viu como um espírito amigo, como está evidenciado em seu texto sobre ela e sobre a beleza do MASP. Ele ficou especialmente enfeitiçado por suas idéias inovadoras de como uma coleção de arte deveria ser exibida. Eram dois amigos que se bastavam e se admiravam.

No último dia 12 de março estive em uma solenidade e todos lá pareciam unidos como uma grande família, exatamente como costumava ser no seu escritório em Amsterdã. Todos reunidos para celebrar Aldo, que viveu no coração de todos, que entusiasticamente louvou a humanidade e sua herança cultural. Encontrei pessoas como Joop Van Stigt, o arquiteto que na condição de assistente, colaborou com Aldo na

edificação de um orfanato; Adri Duyvestein, o político e diretor do NAI; os artistas Tajiri e Auke de Vries; os três arquitetos Loerakker, Reinbouts e Ruijsenaars; Herman Herzberger e sua esposa, e Marijke, a esposa de seu falecido parceiro Theo Bosch e muitos antigos amigos que deram origem à seu escritório como, Hans Van Heeswijk, Hans Wagner e Rudy Uytendhaak. Seus fiéis assistentes que estiveram lá desde sempre, como Freddy Van Trikt e Kwekkeboom, o inspirador empresário colaborador de anos, e políticos, prefeitos que foram prestar seu respeito e admiração à Aldo. Todos compartilhavam a certeza de que um grande homem havia partido e agora teríamos que nos virar sem ele. Sentíamos a falta de nosso pai.

Aldo foi o expoente de toda uma época holandesa pré e pós guerra, defensor do "novo jeito de construir" (*het nieuwe bouwen*) e dos valores de pessoas comuns que possuem o encantamento da arte e pela arte. Phillip Johnson acredita que a Holanda é o país líder no campo da arquitetura moderna no momento. Se este for o caso, nós não devemos isto à atual onda pragmática que ronda nosso país, mas sim a Aldo, que sempre se preocupou com o verdadeiro contexto e significado do "fazer arquitetura".

O verdadeiro contexto não deriva de um efeito imagético, mas sim de um propósito sublime que é dar lugar e proporção à um espaço humanizado. Durante os últimos anos de sua vida Aldo tornou-se uma voz *gritando por ajuda em um território selvagem*. Tornou-se, então, menos apreciado e compreendido. Entretanto, aqueles que realmente foram a fundo em seus textos e aulas, compreenderam seu aviso de perigo: ele buscava resguardar o desenvolvimento arquitetônico das grandes confusões, estas que agora podemos testemunhar pelo mundo. Ele se rebelou radicalmente contra a atitude atual, que destrói com as próprias mãos o "mundo que nos cerca", ou simplesmente o negligencia. É por causa de Aldo van Eyck que o modernismo holandês, tão apreciado por Phillip Johnson, está protegido e estimado.

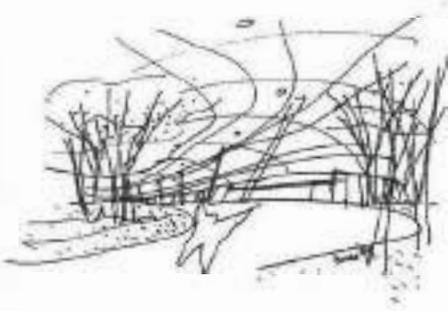
Tradução de Tatiana Alarcon. Leia texto na integra na internet: [www.puccamp.br/~fau/](http://www.puccamp.br/~fau/)

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS

## Projetando para a vida: um novo começo para a arquitetura

Bruno Padovano

padovano@alphanet.com.br



No complexo panorama da produção arquitetônica e urbanística contemporânea, tem surgido manifestações projetuais variadas e interessantes, que inevitavelmente nos levam a considerar a questão do paradigma como base de uma produção consciente.

Após a crise da modernidade, representada pelo pós-modernismo, uma "nova modernidade" está aparecendo em múltiplas demonstrações, que nem sempre são acompanhadas por uma compreensão dos processos sociais originários das novas demandas espaciais, ou por uma análise crítica dos modelos arquitetônicos e urbanísticos utilizados. Na realidade, o que se percebe como paradigma dominante é ainda o velho funcionalismo somado à revalorização do modelo urbanístico tradicional associado à cidade histórica, com sua forte herança clássica (centralização, hierarquias, simetrias, eixos, especializações), oriunda de sistemas sociais autoritários e centralizados.

Os resultados podem ser percebidos em inúmeras manifestações de hibridiz destes dois velhos paradigmas, especialmente no setor imobiliário, conservador por natureza e medroso do possível insucesso econômico dos novos empreendimentos. Também nos processos de segregação social e privatização do espaço urbano, oriundos da fusão de funcionalismo com interesses particulares, elitizantes. Apesar de suas intrínsecas contradições, a hibridiz deste paradigma dominante viabiliza sua sobrevivência num universo nacional ainda não totalmente adaptado às novas condições econômicas e sociais emergentes no plano mundial. Na realidade, este novo contexto "globalizante" pressupõe um máximo de liberdade individual com um máximo de justiça social, através da consolidação de processos democráticos cada vez mais aperfeiçoados. Pressupõe também a livre concorrência e circulação de produtos e idéias, cada vez mais relacionadas a fatores de qualidade de vida, o que inclui uma nova relação entre homem e a natureza.

No plano de arquitetura e do urbanismo é necessária uma passagem paradigmática que acompanhe esta situação, evitando-se cair na tentação de adoção de soluções superadas, e abraçando com renovada coragem um território de novas possibilidades para estas disciplinas, tão relacionadas à vida, e como ela, abertas ao imprevisível, às transformações constantes, ao risco. Isto significa dar espaço à experimentação e à

inovação espacial e tecnológica, a processos de avaliação de resultados e constantes correções dos modelos utilizados, a formas mais democráticas e transparentes de discussão das alternativas de projeto, ao abandono de certezas disciplinares e estratégias elitizantes em favor de uma atitude aberta às pesquisas arquitetônicas voltadas às dinâmicas do atual momento histórico.

Para exemplificar, na produção de arquitetos como Gehry, Libeskind, Zaha Hadid e Eisenman, entre outros, encontramos as faíscas criativas de novas formulações, novas posições, questionamentos e a coragem de colocar "em crise" os modelos seculares da arquitetura e do urbanismo, cada vez mais divorciados da nova realidade.

Buscam-se, em seus projetos, linguagens arquitetônicas coincidentes à complexidade dos fenômenos urbanos e metropolitanos, capazes de absorver e interpretar as dinâmicas espaciais e os anseios qualitativos da sociedade contemporânea. Buscam-se, como na vida, soluções inventivas e sensíveis aos problemas e potencialidades do mundo atual, que possam ampliar o espaço criativo das disciplinas e evitar seu congelamento ou ossificação, o que significa, de fato, a morte, ou o "fim da arquitetura", para os mais pessimistas.

Precisamos, ao invés de crucificar arquitetos criativos e ousados como os citados, que dão continuidade às pesquisas e inovações dos mestres da "velha" modernidade, de Gaudí a Frank Lloyd Wright, de Mies a Le Corbusier, entender que sua contribuição é de grande importância para a nossa área disciplinar, se tivermos a paciência e o interesse de ouvir o que estes tem a dizer, e se tivermos a coragem de enveredar pelos caminhos abertos por uma atitude exploratória.

Incentivar a criação não significa aceitar qualquer delírio arquitetônico, é óbvio. É preciso separar, biblicamente, o joio do trigo, para identificar as idéias que apontam para um novo mundo de possibilidades, (em sintonia com as necessidades de uma humanidade que busca a vida, e sua sobrevivência, nesta fase histórica de seu desenvolvimento) daquelas que são incapazes de acompanhar a evolução da raça humana, e que teimam em reproduzir modelos ultrapassados e anacrônicos. Precisamos, neste sentido, de despirmos de pseudotecnidades e atitudes de "demiurgos", para enxergar os novos horizontes numa era de imensas transformações e grandes desafios.

Precisamos, enfim, mais do que nunca, da inteligência do camponês, que bom conhecedor de sua arte, semeia hoje na terra fértil para colher bons frutos amanhã.

No entanto, sem inovação, sem criatividade, sem ousadia e, principalmente, sem poesia, estaremos semeando num terreno árido, que, certamente não inspiraria nem mesmo o mais otimista dos camponeses a continuar com sua milenar atividade.

Bruno Roberto Padovano é arquiteto titular da Padovano e Associados Arquitetura S/C Ltda, professor Doutor da FAUUSP, diretor adjunto da ASBEA, vice-presidente da FUPAM e presidente do Instituto para o Desenho Avançado - IDEA

## 4ª Bienal Internacional de Arquitetura abre em novembro

Lucio Gomes Machado

lgomes@usp.br



Exposição de Jo Coenen, 3ª BIA, 1997. Foto Nelson Kon

A 4ª BIA, promovida pela Fundação Bienal de São Paulo e Instituto de Arquitetos do Brasil, será realizada de 20 de novembro deste ano a 25 de janeiro de 2000, no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera, São Paulo. Da mesma forma como em sua última versão, realizada em novembro de 1997, deverá ultrapassar o âmbito da discussão, entre críticos e profissionais, de problemas específicos da arquitetura, do urbanismo e do desenho industrial proporcionando ao público brasileiro em geral, não só o acesso a tais debates, mas também às contribuições dos arquitetos deste século, com especial atenção para a produção atual. O cidadão preocupado com a melhoria da qualidade de vida, com o futuro de nossas cidades e com a beleza dos espaços construídos deverá encontrar farto material que possibilitará municiá-lo para participar da necessária retomada da condução das cidades.

Um dos canais deste debate será um fórum sobre Arquitetura e Cidadania promovido em conjunto com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Estão programadas diversas exposições temáticas nacionais e estrangeiras, um Fórum de Debates, conferências e o lançamento de livros e CD-Roms. Certamente, a exemplo do ocorrido na 3ª BIA, será surpreendente observar a amplitude e a profundidade dos trabalhos de pesquisa que resultarão em exposições e também a diversidade da produção dos arquitetos.

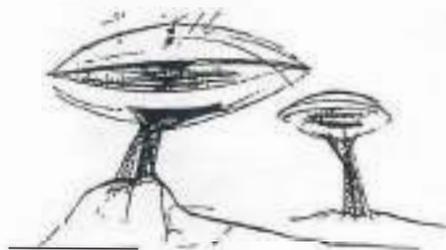
A Exposição Geral de Arquitetos, estará aberta a qualquer profissional registrado nos países membros da União Internacional de Arquitetos. Poderão ser inscritos até três trabalhos (somente obras construídas), os quais serão objeto de seleção prévia. O material a ser exposto deverá ser entregue até 5 de novembro.

O Concurso de Escolas de Arquitetura, também de caráter internacional, propõe como tema uma intervenção localizada e baseada em programa assumido pela equipe participante, organizado em função da análise da realidade urbana específica da região sede de cada escola e visando o projeto de um centro cultural destinado à geração, preservação e divulgação, com atualização permanente, de conhecimento sobre a cidade. As escolas interessadas em participar deverão inscrever-se até 30 de junho e entregar o trabalho que a representará no concurso até 5 de novembro.

Maiores informações e obtenção de cópia do Regulamento pelo fax 549-0230 ou email bia@arquitetura.com.br.

## Situações construídas

Olivia de Oliveira, Suíça  
butikofer.oliveira@span.ch



Foi lançado no ano passado o livro *Situations Construites 1952-1968*, de Jean-Louis Violeau. Neste ensaio sobre a Internacional Situacionista o jovem historiador Jean-Louis Violeau, de 28 anos, propõe uma leitura da noção de "situação construída" à partir da história da arquitetura do segundo pós-guerra. Violeau é um apaixonado pelos movimentos radicais dos anos 50 e 60 e pela arquitetura e cidades que aqueles movimentos colocaram em questão.

O pensamento subversivo situacionista foi formulado essencialmente por oposição ao funcionalismo, estabelecendo uma íntima correlação entre arquitetura e agitação social através do jogo. No trabalho de certos arquitetos contemporâneos encontramos a mesma dimensão simbólica e onírica dos lugares e edifícios que os letristas de Potlatch desejavam construir: uma deriva que era antes de tudo lúdica e que convidava, em palavras de Guy Debord, à "realização contínua de um grande jogo deliberadamente escolhido".

Sucinto e despretensioso, o livro não se propõe a um aprofundamento às teorias situacionistas mas consegue tecer uma interessante rede entre o pensamento situacionista e a arquitetura da pós-guerra, tal como explica o próprio autor: "não tanto para relevar uma influência direta mas antes uma *transpiração* que não tem nada de situacionista mas que denota um *espírito* dos tempos e uma conjuntura intelectual. Não uma inspiração situacionista da produção arquitetural, mas uma arquitetura que bebe nas mesmas fontes intelectuais da vanguarda artística de então". Apenas para citar alguns nomes: Bakema, Alison & Peter Smithsons, Aldo Van Eyck, Team X e grupo Cobra.

### Mais sobre situacionismo

Os interessados poderão encontrar mais dados e informações sobre a Internacional Situacionista em edições que trazem textos originais dos principais intelectuais do movimento:

1. *Oculum* n°4: Carlos R. M. de Andrade, *A deriva: introdução aos situacionistas*; Gilles Ivain, *Formulário para um novo urbanismo*; Guy Debord, *Teoria da deriva*; Constant Nieuwenhuis, *Nova Babilônia e O urbanismo unitário no fim dos anos 50*.
2. Guy Debord (ed). *Potlatch (1954-1957)*. Gallimard, Paris, 1996. 292p.
3. Revista *Internationale situationniste*. (edição fac-símile ampliada). Arthème Fayard. 1997. 706p.

*Situations Construites 1952-1968*, de Jean-Louis Violeau. Coleção Dits Et Contredits vol.11. Librairie de l'architecture et de la ville. Sens Et Tonka. Paris, 1998. 93p.

## Realidade virtual e sintaxe espacial

Ana Paula Baltazar  
anapaula@arquitetura.demon.co.uk

Tanto *Realidade Virtual* quanto *Sintaxe Espacial*, consideradas como ferramentas para análise de espaços arquitetônicos, vêm sendo pesquisadas no *VR Centre for the Built Environment* da *University College London*. Ruth Conroy, pesquisadora do *VR Centre*, descreve um interessante quadro da relação atual entre arquitetos e realidade virtual. Segundo Ruth, os arquitetos entendem realidade virtual: primeiramente como ferramenta de representação e comunicação virtual; ocasionalmente como ferramenta de auxílio ao projeto; e raramente como ferramenta teórica para pesquisa e análise. Considerando que nos dois primeiros casos, o computador vem sendo usado pelos arquitetos em substituição direta do processo manual, não impondo grandes alterações nos resultados dos projetos, a investigação do uso do computador como ferramenta teórica passa a ser de grande relevância para arquitetura e urbanismo. Dentre as diversas possibilidades de utilização do computador enquanto instrumento teórico para arquitetura, duas linhas de pesquisa se estabelecem: impacto do virtual no real e impacto do real no virtual. Tomando o impacto do virtual no real, um de seus grandes potenciais é a simulação dos espaços usando modelos eletrônicos para análise de configuração e conectividade espaciais. Para que possa ser validada a hipótese da avaliação do potencial do espaço real a partir da análise do espaço virtual (simulação), faz-se necessário uma investigação prévia comparativa da maneira com que as pessoas se apropriam de espaços reais e virtuais. Buscando avaliar o movimento dos usuários no espaço virtual em relação ao espaço real, Ruth Conroy baseia-se na análise desenvolvida pelo *Space Syntax Laboratory* para a Tate Gallery, que cria um modelo virtual da mesma galeria e avalia o movimento dos usuários quando imersos no modelo utilizando *headset* (capacete de imersão). *Sintaxe Espacial* é uma teoria a cerca da leitura espacial através da avaliação de conectividade e integração dos espaços, desenvolvida na UCL pelo Professor Bill Hillier. Uma de suas diversas aplicações refere-se à análise e previsão do tipo de movimento dos usuários em museus e galerias visando otimizar a configuração espacial. No caso do modelo virtual foram utilizados os mesmos métodos estabelecidos pela *Sintaxe Espacial* para avaliação de movimento dos usuários, e provou-se que devido a imersão, o movimento do usuário obedece a mesma lógica do real, ou seja, os rastros deixados pelos usuários nos primeiros dez minutos de visita tanto na Tate Gallery real quanto na virtual seguem um mesmo padrão sequencial determinado pela configuração espacial. A partir dos resultados desta pesquisa já é possível considerar a realidade virtual associada à *Sintaxe Espacial* como instrumento preciso de simulação para avaliação do espaço real.

*VR Centre for the Built Environment, University College London:*  
[www.vr.ucl.ac.uk](http://www.vr.ucl.ac.uk). *Space Syntax Laboratory, projeto Tate Gallery:*  
[www.bartlett.ucl.ac.uk/spacesyntax/museums/museums.html](http://www.bartlett.ucl.ac.uk/spacesyntax/museums/museums.html)  
De 29/03 a 02/04 acontece na UnB o Simpósio Internacional de *Sintaxe Espacial*. Info: fredhol@guarany.cpd.unb.br

## As favelas japonesas. O caso específico Kitakyushu

Luciana Itikawa, Japão  
luci007@hotmail.com



Favela japonesa Kitagata após renovação urbana

A favela japonesa, conhecida vulgarmente como *Buraku*, assim como a favela brasileira, é produto de uma exclusão social secular. Como assentamento urbano, porém, é recente: resultado da industrialização tardia e dos movimentos populacionais deste século. O *Burakumin*, o habitante dessas áreas, é fruto de uma sociedade hierárquica, que não consegue desprender-se dos vícios e preconceitos medievais, apesar da industrialização, da revolução Meiji (1868) ter derrubado todo o sistema de castas e da ocupação americana depois da 2ª Guerra Mundial ter forçado a reforma agrária. Ainda há um forte preconceito velado que restringe oportunidades de trabalho e a ocupação da cidade por parte dos desfavorecidos. Obviamente, há centenas de programas habitacionais governamentais bastante eficientes que reduzem o déficit habitacional. Há 2 tipos de habitação pública subsidiada: uma com metade e outra com 2/3 dos recursos governamentais. Por volta de 40% de todo estoque habitacional é subsidiada. Os projetos para a revitalização dos *Burakus* se desenvolveu sob a parceria entre representantes dos *Burakumins*, governo e técnicos em planejamento. O problema básico é o adensamento: ruas e espaços públicos estreitos (ventilação e insolação precários, risco de incêndios) e infra-estrutura e equipamentos públicos insuficientes. Mesmo assim a rua é extensão do espaço privado – muito limpa e bem cuidada, é espaço de reunião entre famílias e festas típicas.

Kitagata é um caso bem sucedido. Localiza-se na cidade de Kitakyushu, com 4100 residentes. O plano foi encomendado ao escritório Wakatake Machizukuri Kenkyusho (Instituto de Planejamento) que serviu como intermediário entre governo e moradores. As negociações se iniciaram em 1982 e em 1993 o projeto foi concluído. O processo de trabalho contou com seminários, entrevistas e levantamentos entre os agentes envolvidos, com a compilação e edição para posterior revisão e opinião dos moradores.

A revitalização da área é acompanhada da renovação na legislação tanto na questão imobiliária (preço da terra, indenização, etc.), quanto na área de segurança social, com uma política social com ênfase na educação, lazer e conscientização sobre direitos humanos. Antes, só existia experiências assim em pequenos projetos habitacionais. O projeto Kitagata foi a primeira larga escala no Japão.



Mesa Tora, Arq Carlos M Teixeira e Arq Helena M Teixeira

No fim de um século que tem na noção de *anti-obra de arte*, de Marcel Duchamp, uma das teses artísticas mais influentes, é prudente que toda reflexão acerca das diferenças qualitativas entre a arte e o chamado mundo das técnicas procure se situar para além das definições apriorísticas.

Na que talvez se constitua como a mais radical dentre as inúmeras revoluções realizadas no âmbito da modernidade estético-cultural, Duchamp instaura, com o *ready made*, o direito à dúvida quanto ao lugar preciso dos objetos na ordem do cotidiano. Esses objetos, ensina o inventor francês, também encontram-se, à semelhança daqueles criados para *gerar sensações estéticas*, expostos à nossa maior ou menor capacidade de examiná-los a partir de códigos de representações simbólicas próprios.

Ainda assim, é preciso ter claro que a cada vez mais ténue distinção entre a arte e o universo dos utilitários (não me agrada o termo *técnica*, ou *técnicas*, demasiado genérico e reducionista, posto que desconsidera os aspectos técnicos inerentes à criação da obra artística), com uma constante migração de informações de um para outro domínio, não destrói, em tão curto espaço de tempo, conceitos que o ocidente europeu levou séculos para elaborar, sistematizar e espalhar pelo mundo, conferindo-lhes o questionável valor de *universais*.

Por mais *bonita* ou *instigante* que nos pareça uma batedeira de bolo, é bastante limitado o número de questões que sua contemplação nos propõe. Com efeito, mesmo contestando o pressuposto pré-moderno de "uma arte separada da vida, com coisas belas para admirar e coisas feias para utilizar", como escreveu, em *A arte como ofício*, o designer italiano Bruno Munari reconhecia que alguma distinção ainda se fazia necessária.

Prova disso é o fato dele ter produzido (ou criado, como preferem os puristas), entre 1935 e 1954 a série de objetos a que deu o nome de *máquinas inúteis*. Trata-se de objetos suspensos que, embora tenham em comum com os móveis de Alexander Calder o princípio, a oscilação e o comportamento dinâmico, são confeccionados com materiais diferentes (papel cartão pintado, eventualmente uma esfera de vidro soprado, madeira e fios de seda, enquanto o norte-americano se utilizava de ferro envernizado ou de cores berrantes).

De acordo com seu autor, suas peças são denominadas *máquinas* porque "feitas de várias partes móveis, ligadas entre si". Ao mesmo tempo, pros-

segue Munari, são *inúteis* porque "não produzem, como as outras máquinas, bens de consumo material, não eliminam mão-de-obra nem dão origem a aumentos de capital."

Eis uma boa pista para se localizar o problema do utilitário na arte contemporânea: foi feito para servir, ou quem o fez partiu de princípios estruturais emprestados dos objetos ou máquinas feitos para uso no cotidiano. O problema é: tais *in-utensílios* (Paulo Leminski, referindo-se à poesia), por proporcionarem ao seu provável usuário mais do que habitualmente se espera receber de um móvel ou de uma peça de mobiliário, exigem, em contrapartida, a entrega a um jogo estético talvez refinado demais para quem só esteja interessado em sentar-se à mesa e saciar sua fome ou em deitar-se numa cama confortável e repousar. Isso também é Duchamp, ainda que pelo avesso, como se verá linhas adiante. Existe, claro, a possibilidade do utilitário portar elementos *artísticos* – aqueles cujo papel se resume em embelezar o objeto, sem afetar suas qualidades físico-estruturais. Como demonstram os livros de história da arte, todos os contextos culturais e períodos dão exemplos de belos artefatos de uso cotidiano, mas refere-se, aqui, a um objeto de outro tipo, no qual *função prática* e *função estética* colocam-se uma diante da outra de forma isomórfica, tensionada, tendendo a uma hipótese de complementaridade que jamais se resolve completamente.

A mostra *In-utensílios*, que reúne artistas plásticos e arquitetos residentes em Belo Horizonte, apresenta alguns exemplos de como o problema do utilitário tem sido abordado no Brasil, hoje, 4 décadas depois das intervenções pioneiras da arquiteta italiana Lina Bo Bardi a respeito do estabelecimento de um *design* com características brasileiras. Características estruturais, insistia a arquiteta-pensadora, ligadas "à realidade dos materiais e não à abstração formal folclórico-coreográfica". Mas não é esse o tema de *In-utensílios*. Entre outras razões, porque a transnacionalização da cultura tornou anacrônicas as discussões sobre o *nacional-popular* – ressaltando-se que o enfoque de Lina Bo era aberto e verdadeiramente cosmopolita, em oposição sistemática tanto à apropriação deslumbrada de cacotoes da produção europeia e norte-americana quanto à fetichização, de cunho folclorizante, da cultura popular brasileira. Não há propriamente um tema, mas uma meta: possibilitar a compreensão de que, em graus diferenciados, os *in-utensílios* constituem-se em formas privilegiadas de pensar a *Casa* (e não mais o museu, como fez Marcel Duchamp), espaço primordial do ser humano, lugar de mediação entre o sujeito e a cidade. Por isso, penso, é que se pode vê-los, também, como belos objetos.

*In-utensílios*. Exposição e mesas com arquitetos e artistas mineiros. Amilcar de Castro, Gustavo Penna, João Vasconcellos e outros. Idealização: Carlos M. Teixeira e Helena Teixeira Rios. Curadoria: Ricardo Aleixo. De 8 a 27 de abril. Museu da Casa Brasileira, av Brig Faria Lima 2705, São Paulo, fon 011 210.2564, fax 011 210.2499, mcb@arquitetura.com.br, www.arquitetura.com.br/mcb  
Ricardo Aleixo é poeta e jornalista



Museu em Bregenz, Áustria, 1990-1997, foto Christian Richters

Zumthor ganha VI Prêmio Mies van der Rohe  
O Museu de Arte de Bregenz, Áustria, do arquiteto suíço Peter Zumthor, ganhou o Prêmio de Arquitetura Europeia, já conquistado por Siza (88), Foster (90), Grimshaw (94) e Perrault (97).  
miespress@miesbcn.com, www.miesbcn.com

Livraria ProLivros no Museu da Casa Brasileira  
A mais importante livreria brasileira de arquitetura funcionará a partir de abril no MCB. Av Brigadeiro Faria Lima 2705, fon 011 864.7477, fax 3871.3013  
preditores@sti.com.br, www.prolivros.com.br

V Encontro Nacional da Habitação na Venezuela  
Acontece em San Cristobal, 04-07 out 1999, na Universidad Nacional Experimental de Tachira.  
Inscrição até 05 maio. Info: arqui@unet.ve

Concursos de urbanismo na Argentina  
A 3ª Bienal Internacional de Urbanismo de B. Aires ano 2000 convida interessados a inscreverem trabalhos nas Pré-Bienais. Info: Taller Internacional de Urbanística Latinoamericana, fax 541 8327338, tiul@filepro.com.ar, www.file-pro.com/tiul

Lançados CD-Roms interessantes

1. *Usimetal*, de pré-dimensionamento de estrutura metálica. Info: Usiminas, 031 499.8191
2. *Projeto de informatização do patrimônio cultural das missões jesuítas dos guaranis*. IPHAN, 12ª Superintendência Regional, fon 051 311.1188 311

Biblioteca CAD – Ócullum

1. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas e Artes plásticas na Semana de 22*, ambos de Aracy Amaral, Editora 34, fon 011 832.1041
2. *Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto*, Célia Ballario Yoshida e outros, IRS/FIESP
3. *Antonio Gaudí*, Pro Architect magazine nº 2, archiw@chollian.dacom.co.kr
4. *MAM-SP, Museu de Arte da Bahia e Museu Castro Maya*, ed. Banco Safra, fon 011 3175.7979
5. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*, Evelyn Furkin Werneck, e *Guia do Patrimônio Cultural Carioca, Bens Tombados*, Depart. Geral de Patrimônio Cultural, PCRJ, fon 021 273.4095
6. *Arquitetura na CESP*, Nina Maria Jamra Tsukumo, CESP, 1994, fon 011 252.3611
7. *Arq Mario Payssé Reyes*, Monografias Elarqa 3, Ed. Dos Pontos, Uruguai. jcgcaeta@uyweb.com.uy
8. *Fábio Penteado*, Mônica J Camargo, Empresa das Artes, f. 011 853.3599, eartes@mandic.com.br

maio 1999  
ano 4  
edição mensal

## A arquitetura do Projeto Sivam

Luis Espallargas Gimenez  
learq@mandic.com.br

Morre Abrahão Sanovicz  
M<sup>te</sup> Beatriz Camargo Aranha  
oculum@uninet.com.br

**Boletim Óculum** é informação da Revista Óculum, publicado pelo COB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a coordenação do Grupo POC - Oculum. Internet: [www.oculum.br/ocul](http://www.oculum.br/ocul)

**Editor responsável:**  
Alida Guara

**Correspondentes:**  
Ana Paula Balthazar Engelen  
Afonso Orlando Casabla  
Cristina Menezes CIA  
Isadora Regina Casati  
Ulysses Veloso Nogueira  
M<sup>te</sup> Pilar P<sup>ra</sup> Professora Unesp  
Olivia de Oliveira Sales  
Paulo Marcos Maloney  
Paulo David / Assessor  
Fátima Moreira Alencastre  
Tarciso Guaraná Argentina  
Viviana Corradi Brasil

**México COB:**  
Ariel Kaplan, Daniel Carreras  
Pracía Vera Serey

**Grupo POC:**  
Alexandre Lorenzi, Daniela Carreira, Diego Vinga, Elton Damasceno, Fábio Araújo, Gabriel Alcizola, Ivana Miranda, José Renato Willem, Jônia Sara, Gláucia De Ducas dos Santos, Márcio Santomas

**PUC- Campinas:**  
Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Diretor adjunto  
Leila Maria Bentini  
Coordenador de Curso  
Wilson Roberto dos Santos Jr

**COB Centro Integrado de Desenvolvimento Digital**  
Rua D Pedro I - Km 130  
Campus I - CEP 13081-500  
Campinas SP Brasil  
Fone: 019 298.7156  
Fax: 019 255.6378  
[info@oculum.com.br](mailto:info@oculum.com.br)

**Revista Óculum**  
Avenida Campinas 81  
01404-000 São Paulo SP  
Fone-fax: 011 2888060  
[oculum@uninet.com.br](mailto:oculum@uninet.com.br)

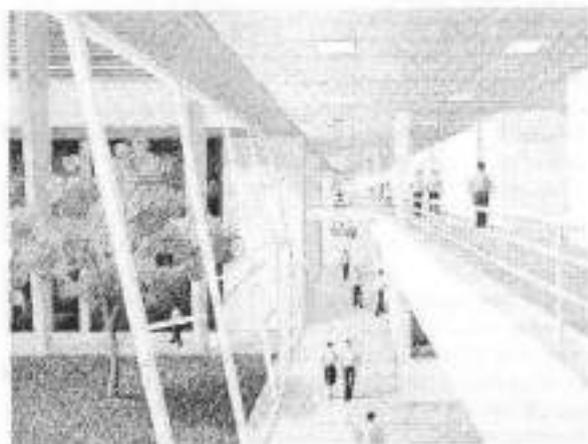
**Apple**  
Caminho Apple do Brasil e  
Design do Brasil



**DAIDIGITAL**



**IMPRESSO**



**Equipe de arquitetura**  
Arquiteto responsável:  
Luis Espallargas Gimenez;  
arquiteto colaborador:  
Nicoló Galati; grupo de  
arquitetos: Guilherme  
Ito, Kenryo Nagase,  
Renata Barreira e Silvana  
Remano Santos; estagiá-  
rios: Daniela Santos, An-  
gela Soraglio de Almeida e  
Jaime Cunha Jr; maqui-  
sta: Terezi Katsumata;  
arquiteto: Roberto Sil-  
veira/Daniel; Fotografia:  
Nelson Kon.

Como toda idéia inovadora, o SIVAM – Sistema Integrado de Vigilância da Amazônia – é objeto de debates públicos e serve de tema para uma desejável exposição de diversos pontos de vista. No entanto, seja qual for o argumento, é certo que este sistema apresenta um conjunto de novidades e desafios de maior relevância quando entendido como um assunto técnico e estratégico. Ou como o projeto complexo de um sistema que vai concentrar todas as informações em tempo real da Amazônia, para integrar, classificar e disponibilizar dados que possam ser compartilhados por um imprevisível número de usuários. Tampouco há dúvida que o sucesso e o bom uso de um sistema tão poderoso de monitoração poderá trazer incontáveis vantagens ambientais, sociais, econômicas e científicas para o país.

Nesta situação a arquitetura, ciente de sua irremediável defasagem técnica dentro de um contexto tão avançado e eletrônico, vai participar exercendo um de seus papéis mais tradicionais, aquele que propõe uma organização que estabeleça ordem e legibilidade em suas relações e que propicie, com flexibilidade e crescimento, futuras ajustes naturais à imponderabilidade do novo. Na implantação a acessibilidade explicitada enquanto eixo principal do centro e a orientação rígida das aberturas de séries de edificações típicas, neutras, componíveis, ampliáveis e vertebradas por corpos longilíneos é combinada com a formalização quase que literal do fluxograma técnico-funcional interpretado pelos ar-

quitetos. Esquema que vai relacionando e posicionando diversos edifícios e atividades para hierarquizar e desenhar os lugares de uma base setorializada por usos variados. Tipos arquitetônicos simples e recortados em que todas suas salas têm janelas e são sempre organizadas por galerias de circulação abertas para o exterior ou por circulações amplas e escalonadas com pés-direitos duplos e pontes de ligação transversal. Espera-se com isso conferir interesse a uma planta aberta e generosa, onde se indique a presença constante da floresta imponente – a presença que se quer defender e garantir – e, ao mesmo tempo, onde uma extensa espacialidade seja ademais de importante, também integradora como pretende ser toda esta ação.

A arquitetura perdeu no último dia 29 de abril Abrahão Sanovicz, arquiteto com destacado papel na produção paulista das últimas 4 décadas. Tornou-se livre docente do Dep. de Projeto da FAJUSP, onde formou-se na década de 50. Foi ativo participante nas discussões sobre ensino, organização da profissão e das entidades dos arquitetos, onde, polêmico, nunca furtoou-se a explicitar seu ponto de vista.

Na sua obra, trabalhou com os programas e experiências que animaram a sua geração. Sua contribuição pessoal destaca-se nas residências unifamiliares onde o espaço comum era valorizado, abolindo hierarquias e usos tradicionais, como a resid. Zélia Deri Twiaschor (1968), a resid. André Mehes Filho (1974) e a sua própria (1976). Na década de 70, quando construtoras paulistas investem em habitações coletivas com custos compatíveis com o Sistema Financeiro da Habitação, que implicavam em rapidez e padronização de componentes, a série de edifícios modulares para a construtora Farma Espago e o Edifício Fiandeiras se destacam. Na área de habitação de interesse social, desde o Parque Cecap Serra Negra (1975) até os recentes Conjuntos Habitacionais Pascoal Melanctonio e Celso dos Santos (1995/97), "o desafio era justamente oferecer um desenho com qualidade de espaço construído para uma faixa de poder aquisitivo carente. O projeto de arquitetura constitui apenas um meio para garantir ao usuário uma qualidade de vida melhor", diz Sanovicz.

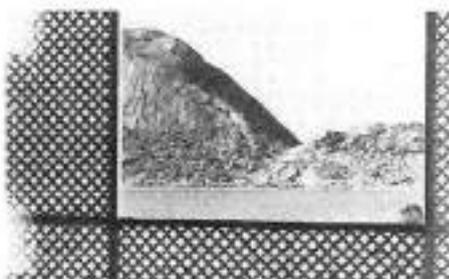


CVA – Centro de Vigilância Aérea, SIVAM, arq. Luis Espallargas Gimenez. Perspectiva interna e foto da maquete

## Modernismo Clássico Brasileiro. de Machado Moreira, 1904/92

Roberto Segre

rosegre@acd.ufrj.br



Prêmio Antônio Coppas, Rio de Janeiro, org. Jorge Moreira

Comparativamente a outros países do continente (como México, Argentina ou Chile...), no Brasil não se viu poucas conquistas de seus principais arquitetos. Exceto a ampla divulgação de Oscar Niemeyer e alguns escassos e antigos livros internacionais sobre Affonso Reidy e Burle Marx, é recente o estudo sobre outros profissionais de prestígio: lembremo-nos dos volumes dedicados a Alcides Rocha Miranda, Álvaro Vital Brazil, João Villanova Artigas, Lina Bo Bardi, Oswaldo Bratke, João Maia, Luiz Paulo Conde, Lúcio Costa e Paulo Mendes da Rocha. Não obstante, ainda há muita coisa por dizer dos fundadores do Movimento Moderno brasileiro, cuja liberdade criadora e divergente dos postulados do racionalismo europeu demonstraram ao mundo, na década de 40, que já se iniciava então o "regionalismo crítico", antes que Alexander Tzonis e Kenneth Frampton o definissem como categoria teórica.

Dentro da vanguarda do Rio de Janeiro que se inicia nos anos 30, dominada pelo tríptico Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Affonso Reidy, Jorge Machado Moreira constitui a alternativa do profissionalismo *standard* – que, na minha opinião, compartilha com os irmãos Roberto –, alheio a toda concessão e às pressões vulgarizadoras de clientes, administradores estatais e empresas construtoras. Quando que o historiador Roberto Corduna – autor do ensaio contido no livro/catálogo – louva a fidelidade de Moreira aos princípios compositivos de Le Corbusier, acredito que sua contribuição principal radica-se na capacidade de integrar-se em equipe com os principais arquitetos locais e também na interpretação própria de uma "brasilidade" que se distancia da sensualidade e liberdade figurativas de Oscar Niemeyer assumindo, como justificadamente assinala o crítico, os atributos do classicismo adequados ao universo periférico.

Moreira teve o mérito de ser um dos poucos desenhistas identificados com o racionalismo europeu que apresentou-se, com Ernani Vasconcellos, para o concurso da sede do Ministério da Educação e Saúde (1935), do mesmo modo que Gerson Pomar, Affonso Reidy, Carlos Leão e Lúcio Costa, todos eliminados perante o triunfo do academismo de Arquimedes Memória. O ministro Gustavo Capanema recusou o projeto vencedor e encarregou Lúcio Costa para a elaboração de uma nova alternativa. Este formou uma equipe com os desenhistas "modernos" assumindo a proposta de Moreira e Vasconcellos como base do futuro edifício, logo

modificado pelas transformações projetuais realizadas por Le Corbusier e Oscar Niemeyer.

Integrado no grupo dos "seis", Moreira participou em concursos e associou-se a alguns deles: Associação Brasileira de Imprensa (1935, com Ernani Vasconcellos); Ministério da Fazenda (1936, com José de Souza Reis e Oscar Niemeyer); Edifício da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1944, com Affonso Reidy); Sanatório de Tuberculosos Bela Vista em Petrópolis (1944, com Carlos Leão); Instituto de Puericultura da Cidade Universitária do Rio de Janeiro (1949, com Ernani Vasconcellos). Finalmente integra-se ao projeto do Aterro, com Reidy e Burle Marx, ao projetar um restaurante no Parque do Flamengo (1962). Este último realizou o paisagismo e a jardinagem da maioria de suas obras.

A obra mais complexa e madura de Moreira é a Cidade Universitária, na Ilha do Fundão (1949/62); culminação dos sucessivos projetos frustrados de Marcello Piacentini, Le Corbusier e Lúcio Costa. A sua grandiloquência dimensional inspirada no Corbu de Chandigarh provém da concepção paternalista e dos supostos recursos ilimitados do Estado benfeitor – durante os governos desenvolvimentistas de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubistchek –, que assumia a responsabilidade total dos serviços públicos. Iniciativa esta que coincidia com outras similares na América Latina, que deixaram os significativos exemplos dos campus da UNAM, no México, e da UCV, em Caracas, dirigidos por Carlos Lazo e Carlos Raúl Villanueva, respectivamente. No Rio, a proposta inicial ficou truncada perante o esvaziamento institucional gerado pelo deslocamento da capital a Brasília, e pelo início da ditadura militar, em 1964. Isso motivou o isolamento e a autonomia dos três núcleos construídos sobre um território dilatado: os edifícios do Hospital e do Instituto de Puericultura; a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura Federal do Rio de Janeiro. Apesar do atual abandono das instalações docentes, ainda são vivenciáveis os espaços generosos das áreas sociais, as transparências e perspectivas dos locais de trabalho, a qualidade dos materiais utilizados, cuja obsessiva modulação aproxima-os mais aos modelos miesianos que aos corbusianos. Enquanto no Instituto de Puericultura estão presentes alguns elementos identificados da "brasilidade" arquitetônica *soft* as Faculdades de Arquitetura e Engenharia contém a escala austera e *hard* da "academia" como marco disciplinar e educativo para os jovens estudantes. Para Moreira, a modernidade coincidia com o rigor tectônico e da funcionalidade clássica adequados ao contexto ambiental e cultural carioca.

Exposição Jorge Machado Moreira. Curadoria de Jorge Cailliet. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, Rua Clemente 117, Botafogo, 22080-001 Rio de Janeiro RJ, tel. 021 503.3137, fax 503.3735, [cau@cau.ufrj.br](mailto:cau@cau.ufrj.br), 1º e 2º de março a 3 de maio 1999. Magnífico catálogo a venda.

Roberto Segre é professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, FAU UFRJ. Produção (e00 exposto) de Daniela Abadencu Cornaga, Grupo PET.

## Novo projeto para o Aeroporto Nacional de Buenos Aires

Diego Wisnivesky, Buenos Aires  
[dwisny@hotmail.com](mailto:dwisny@hotmail.com)



Novo aeroporto de Buenos Aires. Escritório Lier & Tonconogy

O projeto proposto para as atuais instalações do aeroporto nacional de Buenos Aires se apresenta como parte do programa de revitalização da infraestrutura aérea nacional, organizada pela empresa *Aeropuertos Argentina 2000*.

O atual aeroporto está localizado na costa norte da capital, entre a Cidade Universitária e a área de Retiro. O terreno se caracteriza por estar totalmente definido pelos limites metropolitanos e o rio de la Plata, não apresentando possibilidades para uma futura extensão do espaço físico, tanto para o setor de equipamentos como para a pista de pouso e decolagem.

Dentro deste cenário foi organizado um concurso nacional, que deu o 1º Prêmio ao reconhecido trabalho dos arquitetos Raul Lier e Alberto Tonconogy, do Escritório Lier & Tonconogy.

Apresentando uma solução espacial limpa e bem definida, a proposta se destaca por responder de forma direta e eficiente às exigências técnicas e estruturais do programa. O grande desafio para este projeto foi de poder responder de forma funcional às novas demandas do serviço aéreo, tendo como base as atuais instalações.

Com o objetivo de transformá-lo em um aeroporto de última geração, o novo projeto se caracteriza por suas grandes aberturas com vistas em direção ao rio, hoje totalmente bloqueadas, com áreas comerciais nas extremidades e terraços de expansão localizados ao longo da cadeia de árvores entre o prédio e a avenida de acesso.

A renovação permitirá o funcionamento com uma capacidade de absorção de 30% a mais de público, aumento que é esperado para os próximos anos. O número de vagas para o estacionamento será duplicado e a capacidade da plataforma de espera dos aviões aumentará em 25%, incluindo o sistema de corredores de acesso, desde as salas de espera até as aeronaves.

Em conjunto com a área de Puerto Madero, a Reserva Ecológica, a área de Retiro e a Cidade Universitária, este novo projeto se apresenta como mais um vetor de desenvolvimento do espaço metropolitano central em direção ao rio de la Plata, em um momento em que a cidade enfrenta um processo de redefinição da infra-estrutura dos limites urbanos em direção à linha costeira.

Os sintomas mais evidentes das transformações metropolitanas que ocorrem em Buenos Aires se manifestam dentro do processo de deterioração e recomposição de suas infra-estruturas.

O concurso para as marginais do rio Pinheiros e Tietê foi a oportunidade de desdobrarmos algumas questões que vimos formulando em trabalhos anteriores para a cidade de São Paulo, relativas à requalificação de suas estruturas geográficas, a anulação das áreas residuais resultantes de intervenções viárias e recuperação ambiental.

Propusemos quatro matrizes complementares, que se superpõem e possibilitam desenhos múltiplos em suas várias combinações. As matrizes priorizam a idéia da recuperação ambiental por uma nova estrutura vegetal da várzea, que se completa por propostas para os sistemas de fluxo e de novos usos para as áreas lideiras.

A matriz principal define-se pela implantação de um projeto florestal que ocupa todos os vazios disponíveis ou rearranjados ao longo das vias expressas, configurando uma linha verde de alta densidade com 8 milhões de m<sup>2</sup> em seu corpo central e 72 milhões de m<sup>2</sup> sua em sua expansão às áreas urbanizadas da cidade. Em uma frase, o trabalho se propõe a "anular os resíduos urbanos, reconstituindo-os como uma totalidade para a cidade através da paisagem".

Ambicionamos a constituição de um eixo verde com 42 Km de extensão, que responda à degradação ambiental da várzea e a requalifique, com sua extensa rede de eventos, como o grande espaço público metropolitano.

#### O problema

As marginais são o fato geográfico mais radical da estrutura física de São Paulo. Seus 42 km definem uma muralha invisível, que confina a cidade em hemisférios e refaz a estrutura dos vales, criando uma imagem de periferia dentro do sítio urbano. Com as vias expressas, o rio perdeu sua importância geográfica, pois são elas o novo parâmetro físico para a fronteira. Dinamos que a calha viária é o sucedâneo moderno da linha do trem. Junto a elas a cidade se desagrega, transformando estes novos corredores de tráfego numa espécie de metáfora atualizada da cidade murada.

O que pretendemos é a construção de um sistema de possibilidades espaciais, que seja regido pela conjugação de interesses técnicos, econômicos e políticos e impeça a extemporaneidade dos designs nostálgicos, hoje quase inconseqüentes frente à dramaticidade que atingiu a organização estrutural da cidade.

A nova linha florestal e sua expansão gradiente para a franja urbana tenderá a requalificar o eixo, atribuindo um novo valor aos territórios lideiros e esta valorização poderá ser um dos canais de recurso para a implantação da operação.

Concurso de idéias para a estruturação urbana e paisagística das marginais. Projeto Z'colocado, arquitetos Francisco Spadoni e Carlos Lelé



Panopticon e oligopticon: mudança de paradigma

O sociólogo francês Bruno Latour apresentou em fevereiro na Architectural Association de Londres uma palestra baseada em seu livro *Paris cidade invisível* recentemente publicado em parceria com a fotógrafa Emilie Hermant. Iniciando com a questão de como podemos visualizar a cidade, Latour estabeleceu dois diferentes meios de visualização, o *panopticon* e o *oligopticon*. O primeiro estaria relacionado à concepção de panorama, totalizante, megalomaniaco e paranoico. Por outro lado, o *oligopticon* seria o que vemos pouco mas muito bem, o que segue os filamentos, uma série de conexões. "Eu estou interessado no tipo de conexão estabelecida, e não numa visibilidade total". Latour expôs as principais características de sua pesquisa relacionada à teoria de actor-network, uma maneira de subverter divisões de ator e sociedade passando a considerar os atores numa rede de relações aberta e negociável, i.e. a rede é estabelecida e sempre modificada pela ação dos atores envolvidos (derivada de monadologia). Os atores podem ser humanos ou não-humanos, considerando que grande parte das conexões são feitas por não-humanos. Dicotomias como local e global, perto e longe, pequeno e grande são substituídas por tipos e número de conexões, "distribuído o local, localizando o global". O que Latour tenta traçar através do *oligopticon* são exatamente as conexões, as trajetórias desses atores no tempo e espaço. Ele ressalta a importância da "metrologia" para traçar tais conexões, propondo que nós não vivemos numa "sociedade da informação", mas de transformações e associações. Todo transporte sem transformação seria simplesmente um *double-click*. Através do *oligopticon* é possível elaborar, traçar as inúmeras técnicas que rendem a vida possível aos parisienses, ressaltando a importância dos objetos ordinários, do mobiliário urbano que forma a rede da nossa vida cotidiana e que, por sua acumulação, oferece aos habitantes os meios de percorrer e viver na cidade. Mais do que concepções de *panopticon/oligopticon*, o que a proposta de Latour traz de fresco é a revisão das noções dos papéis dos atores (humanos e não-humanos) e das relações, criando uma nova concepção de coletividade, ressaltando as potencialidades presentes nas cidades, no caso os potenciais "invisíveis" de Paris.

Bruno Latour e Emilie Hermant, *Parisville invisible*. Editora La Découverte, Paris 1998. Ver também *Jornais Formas modernas*, ed. 24. Mais: [www.enrappilif-latour.fr/index.html](http://www.enrappilif-latour.fr/index.html)

Pelo segundo ano consecutivo a Faculdade de Arquitetura (Universidade da República) e a Intendência Municipal de Montevideu organizam ateliês de projeto urbano. Sob a direção de 6 experts internacionais, abordou o tema *Conectividade e paisagem nas bordas urbanas e bacia do riacho Miguelete*, desenvolvendo aspectos do *Plano de Ordenamento Territorial de Montevideu (1988-2005)*, recentemente aprovado.

Os resultados do II Seminário Montevideu constituem a primeira validação acadêmica do Plano Montevideu. No mencionado Plano Geral se propõem diversas figuras de planificação derivada, entre elas a redação de um Plano Especial para o riacho Miguelete, de valor estratégico. Nenhum dos 6 ateliês questionou o sentido unitário do Plano Especial como projeto estratégico e de grande significado na estrutura física da cidade. Diferente da primeira edição, onde em cada ateliê se elaboraram vários projetos, nesta se decidiu que haveria apenas um trabalho por ateliê, onde a orientação dada pelo coordenador foi mais decisiva. No primeiro agrupamento das propostas a ênfase dos ateliês foi para os aspectos docentes, se diferenciando dos enfoques posteriores, onde a resolução do tema passou a ser o centro da elaboração, ainda que também estes ateliês tenham dado resposta ao desafio pedagógico.

Os ateliês dirigidos por Pierre David (Paris) e Ann Pendleton (Boston) introduziu enfoques metodológicos diversos onde, mais do que chegar a um projeto, aspirou aproximar-se a diferentes visões da paisagem, a partir de experiências e leituras pessoais.

O ateliê de Hiroshi Hara (Tóquio) não apresentou uma proposta urbana, mas uma pré-urbanização. Se orientou para a transformação na área do manejo informal dos resíduos sólidos por parte dos catadores, visando a descontaminação do riacho e ações de promoção social.

No diagnóstico do ateliê de Paulo Mendes da Rocha (São Paulo), o riacho não existe para a cidade, propondo-se à *construir a natureza*, considerando o riacho uma máquina hidráulica que precisa ter seu traçado "arquiteturalizado" mediante a reelaboração de suas margens.

A proposta do ateliê de Ricard Fayos (Barcelona) também se apoia na definição das bordas urbanas, entendendo que o espaço se conforma pelas fachadas edificadas e no reconhecimento de uma seqüência de diversas tramas ao largo da bacia do riacho e no desenvolvimento de projetos de autor. Por fim, o ateliê de Jorge Moscato (Buenos Aires) identifica nós, tendo como critério de atuação por peças ou projetos urbanos que possam atuar como detonadores da transformação. Se entende que primeiro é necessário empreender a ação urbanística e mais tarde o melhoramento ambiental.

Hugo Gilmet, arquiteto formado pela Universidade de Lund (Suécia) e professor de Teoria na Faculdade de Arquitetura de Montevideu e assessor da Unidade Central de Planejamento da Prefeitura Municipal de Montevideu, Uruguai

Tradução João Espinoff de Diego Vega, aluno do Grupo PET

## A igreja de Lina Bo Bardi em Uberlândia está desaparecendo

Valentina Moimas  
oculum@imaginet.fr



Igreja em Uberlândia, em Lina Bo Bardi. Fotos Valentina Moimas.

No mês de março passado tive a ocasião de visitar pela primeira vez o Brasil. A viagem, longo tempo esperada com a impaciência de quem se prepara para ver com os próprios olhos um país e toda uma série de arquiteturas conhecidas somente por fotos, se revelou uma experiência forte e intensa. A riqueza e a qualidade do patrimônio arquitetônico brasileiro do período moderno é simplesmente deslumbrante. Porém foi um choque ver como todo esse patrimônio é maltratado e deixado em estado de abandono, onde o eufemismo "caindo aos pedaços" adquire seu valor literal. Com incrível tristeza passei no centro de São Paulo, onde o prazer de ver em toda a sua materialidade os edifícios que já admirava através de publicações e outros que descobri por serem menos conhecidos, mas não por isso menos interessantes, foi envenenado pela triste constatação do real estado de conservação deles. As fotos, frequentemente antigas e em branco e preto, não me tinham preparado para uma realidade diversa, que se poderia definir como um lento apodrecimento do patrimônio arquitetônico-urbanístico. Ainda hoje continuo a me perguntar como é possível que um espaço de tal interesse esteja fadado à ruína e por que ninguém intervém para opor-se a este processo.

O talento de Rino Levi, de Álvaro Vital Brasil, de Oscar Niemeyer, para citar só alguns, é hoje reconhecido, então por que agora renunciar às obras que legaram? Se o espaço urbano e as obras arquitetônicas que o compõem são o fruto de uma efervescência cultural de uma comunidade, de uma sensibilidade espacial que distingue uma época, com é possível que essa mesma comunidade não se interesse por conservar, por estudar, por viver esta parte da sua história e da sua atualidade? Respondi a mim mesma, em um primeiro momento, que talvez uma intervenção em um centro urbano com tal complexidade e dimensão exigisse um aporte financeiro impossível atualmente. Mas como explicar que em uma cidade jovem, em pleno desenvolvimento econômico, como Uberlândia, onde obras significativas de arquitetura moderna certamente não abundam, a Igreja Espírito Santo do Cerrado, de Lina Bo Bardi, seja condenada a um fim certo e breve? Isso me fez ferver de raiva. Como pode uma cidade inteira nada fazer para salvar uma pequena jóia da arquitetura moderna tal qual a Igreja de Lina Bo Bardi? Este projeto – malgrado alguns elementos não originais e outros não executados – é uma obra

única no seu gênero. É uma igreja construída com a comunidade e para a comunidade, é um momento de encontro entre uma arquiteta internacionalmente reconhecida e a população do bairro, é a prova que a qualidade de uma arquitetura não é ligada apenas aos meios disponíveis, mas à sensibilidade com o qual o espaço é tratado. Obra de uma poesia rara, onde a concatenar-se harmônico dos espaços é reforçado pela simplicidade dos materiais empregados.

Para ver esta obra fiz uma longa viagem de ônibus até Uberlândia. Para ver com os meus próprios olhos esta obra que sempre admirei inundar-se sob uma chuva de fim de verão. Triste epílogo de uma viagem, onde fixei para sempre na memória a imagem de um teto sem telhas e de paredes transformadas em cascatas. Triste epílogo onde vi que a magia do espaço interno da igreja foi deturpada pelo acréscimo de pseudos pilares de madeira, que não têm nada a ver com a pureza da geometria construtiva, somente pelo desleixo de não substituir duas simples vigas já cansadas. Triste epílogo onde constatei que daqui a alguns anos tudo isso não existirá mais.

É possível que inexistam os meios para restaurar um edifício deste valor e de tão modesta dimensão? É possível que a comunidade não se dê conta do desastre que dia após dia consome a igreja que ela construiu com as próprias mãos? É possível que os arquitetos e os responsáveis políticos da cidade sejam insensíveis ao lento desfazer-se de um dos seus raros edifícios de valor histórico? Cheguei à conclusão que a causa do estado de abandono do patrimônio arquitetônico e urbano brasileiro da época moderna não está ligada somente à falta de recursos econômicos. Penso que o problema é mais profundo e nocivo, e que ele esteja ligado a uma mentalidade propensa ao esquecimento. Serão, como explicar a intervenção recente que desnaturou o conceito espacial original do MASP? Existe a intenção de ignorar este patrimônio, de esquecê-lo e virar a página? Mas se a memória de uma parte significativa da produção arquitetônica nacional não for conservada, o que restará aos futuros brasileiros? Talvez "ocnários teatrais" como os condomínios fechados ou os shoppings centers horrorosos, como os da Barra da Tijuca, ou reurbanizações (?) como o projeto Singapura. Belos exemplos de como esconder uma miséria, cultural ou real.

Valentina Moimas é italiana e graduou-se na Ecole d'Architecture de Paris La Villette, onde hoje trabalha, e é mestre pela Sorbonne em História da Arquitetura Moderna e Contemporânea.



## Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Pavilhão dos Oceanos, arq. F. Chermayeff. Foto Hans Egg Luzzati

### Itinerários de arquitetura portuguesa

A Ordem dos Arquitectos Portugueses montou 15 rotas para conhecer a arquitetura contemporânea portuguesa. Trav. do Carvalho, 21/25, 1200 Lisboa, fon 00351 1 3432454, fax 3432450, cdrs@aap.pt

### Biblioteca CAD - Óculum

1. *Arquitetura e Projeto*, Vicente de Rio, PróEditores, fon 011 864.7477, proeditores@sti.com.br
2. *Tenreiro*, Maria Cecília Loschiavo Santos, Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, fon 021 522.1544
3. *Jorge Machado Moreira e Le Corbusier: Rio de Janeiro 1929-36*, Centro de Arquitetura e Urbanismo, fon 021 503.4572, caurj.smu@perj.rj.gov.br
4. *Arquitetura e Modernidade*, Leonardo Barci Castriota (arg) e *A formação do homem moderno visto através da arquitetura*, Carlos Antônio Leite Brandão, Editora UFMG, Editora@bu.ufmg.br

### Revista Ponto lança número 3

Com matérias de João Walter Toscano, Marta Dora Grootstein e Khaled Goubar. [www.ponto.org](http://www.ponto.org)

### 2º Congresso Estadual de Arquitetos do IAB-SP

Com o tema geral: *O futuro da profissão*, acontece em Campinas, entre 20-22 mai/99. Info: (019) 231.6733, kagu@correionet.com.br

### Exposição Arquitetura Brasileira em Berlim

O projeto *Bairro Amarelo*, do escritório Brasil Arquitetura será exposto de 6 mai a 4jun99, Inst. Goethe, r Lisboa 974, São Paulo, fon 280.4288

### Conferência Internacional em Buenos Aires

Tema: *A cultura arquitetônica desde 1990*. De 01-03set99. Centro de Estudios de Arquitectura Contemporânea, Miñones 2159, 1428 Buenos Aires Argentina, fon 4784.0080, tsasconfe@utdt.edu

### Workshop na ESARQ de Barcelona

A ETSAU da UPC de Barcelona promove o workshop *Fingers, Polders, Islands* (19-29jul). Info: [infoesarq@unica.edu](mailto:infoesarq@unica.edu), [www.unica.edu/esarq](http://www.unica.edu/esarq)

### Exposição no Museu da Chácara do Céu, RJ

*Caminhos do Modernismo Europeu*. Coleção Castro Maya. Até 28 junho, r Martinho Nobre 93, fon 021 224.8881, emaya01@visualnet.com.br

### Errata do Boletim 29

O Castelo de La Sarraz fica na Suíça, no cantão Vaud, à 20Km de Lausanne

junho 1999  
ano 4  
edição meses íctives

## Novidades na página web da FAU PUC-Campinas

Editorial

cidd@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, editado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES (www.puccamp.br/au)

Editor responsável:  
Aldo Queiroz

### Correspondentes

Ana Paula Beltrami (arquiteta)  
Affonso Ornelas Esperto (arquiteto)  
Cristina Melchior (arquiteta)  
Eduardo Adriano Camadé (arquiteto)  
Egla Vilasbo Nicles (arquiteta)  
Márcio P. R. Negro (arquiteto)  
Sílvia de Oliveira Saigo (arquiteta)  
Paulo Meirelles (arquiteta)  
Paulo T. de F. França (arquiteta)  
Pedro Moreira Alencar (arquiteta)  
Sandra Guzman Aguilera (arquiteta)  
Viviane Cornelli (arquiteta)

Membros CIDD:  
Ana Lúcia Kaplan, Sueli Carmozini, Priscila Vieira Lunelli

Grupo PET:  
Alexandre Torres, Daniela Damasceno, Sérgio Vega, Blaine Delamonte, Paulo Araújo, Isabel Piccolini, Ivana Miranda, José Roberto Melchior, André Senna, Cláudia do Dourado dos Santos, Marcelo Swaminath

FAU PUC-Campinas:  
Diretor:  
Ricardo Marques de Assis  
Diretor adjunto:  
Denise Maria Serrão  
Coordenador de curso:  
Wilson Ribas dos Santos Jr.

CIDD Centro Integrado de Documentação Digital:  
Rua D. Pedro I - Box 130  
Campinas - CEP 13001-900  
Campinas SP Brasil  
Fone: 019 256.71.99  
Fax: 019 256.03.75  
cidd@pccamp.br

Revista Óculum:  
Alameda Campinas 57  
01404-000 São Paulo SP  
Fone-fax: 011 2889950  
oculum@pccamp.br

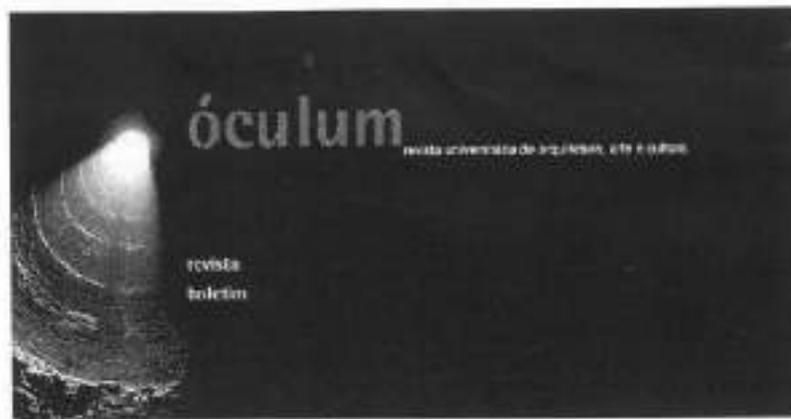
Apoio:  
Canco, Apple do Brasil e Design Intelig.



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Novo design da página de entrada do site do Óculum, com foto de Nelson Kari

No ano de 1997, por iniciativa do Centro de Apoio Didático da FAU PUC-Campinas, e com a participação na produção do aluno Wagner Monteiro, hoje arquiteto formado, iniciou-se o projeto do site de nossa escola na rede mundial internet. Em pouco mais de um mês de desenvolvimento já tínhamos a primeira versão disponibilizada, com algumas informações básicas e um design gráfico provisório.

Tratava-se de iniciativa pioneira dentro de nossa universidade, sendo que até hoje apenas duas outras unidades – o Instituto de Artes, Comunicação e Turismo e o Instituto de Informática – desenvolveram suas páginas próprias. Como é característico dessa nova mídia, nosso site foi concebido em sua estrutura geral e paulatinamente vem sendo implantadas novas informações.

Além do caráter informativo, a página Web da FAU PUC-Campinas tem possibilitado algumas experiências na área de ensino à distância, com a disponibilização de dados de trabalho (desenhos em CAD, fotografias, textos de apoio, etc) do TGI – Trabalho de Graduação Interdisciplinar –, permitindo ao aluno acessar de casa informações fundamentais para desenvolvimento do seu trabalho.

O aluno Daniel Carmelossi é, desde 1998, responsável técnico do site na Internet da FAU PUC-Campinas.

### Novo comando

Desde o mês de março, a responsabilidade pelo desenvolvimento do nosso site passou para o CIDD – Centro Integrado de Docu-

mentação – organismo ligado aos laboratórios CAD e CAV. Essa e outras atividades de pesquisa e documentação contarão com o apoio do Grupo PET-CAPES.

O CIDD desenvolveu, com o fomento da FAPESP, o projeto de digitalização do Acervo Rino Levi (que até o final desse ano estará disponível para pesquisadores) e tem levado a cabo atividades relacionadas à produção digital na área de arquitetura e urbanismo (exposições, documentação, teses, etc).

### Boletim Óculum

Todos os números já publicados do Boletim Óculum – com seu grande espectro de artigos e informações de todos os recantos do mundo – estão disponibilizados na íntegra, que ainda conta com informações gerais das revistas Óculum já publicadas. A versão para a Internet de nosso informativo mensal é agora mais completa do que a versão em papel, contando muitas vezes com textos maiores, fotos coloridas e documentação mais abundante, beneficiando-se das condições propícias oferecidas pela nova mídia.

### Novos links

A partir desse mês de junho a página Web da FAU PUC-Campinas recebe uma grande ampliação de links para instituições diversas (escolas, fundações, museus, revistas, sindicatos, institutos, etc) e outros endereços de interesse na área de arquitetura (exposições, arquitetas, obras, etc).

www.puccamp.br/~fau/oculum/oculum.html

## FAU PUC-Campinas oferece

curso de especialização

pgfau@acad.puccamp.br



Puc Teresol, projeto de restauração, arq Samuel Kruchin

A Pós-Graduação da FAU PUC-Campinas informa que entre 14jun e 08jul99 estarão abertas as inscrições para os Cursos de Especialização em *Desenho e Gestão do Território Municipal* (3ª edição) e *Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto* (2ª edição). O primeiro se destina à profissionais vinculados a administrações municipais (Executivo e Câmara) e demais interessados no campo das políticas urbanas; o segundo destina-se à formação teórica e prática de profissionais arquitetos, engenheiros e historiadores, para uma atuação concreta e consistente na elaboração de projetos de preservação do patrimônio urbano-arquitetônico, histórico e cultural em instituições públicas, privadas ou na atuação liberal. Também estão abertas 4 vagas para o curso de mestrado.

Os cursos contarão com participação de professores e arquitetos de todo o país. O curso *Desenho e Gestão do Território Municipal* é coordenado pelo arq Ari Vicente Fernandes e tem 6 blocos temáticos: *Planejamento e Saneamento Ambiental, Plano Diretor, Legislação Urbanística, Paisagismo e Projetos Urbanos, Padrões Urbanísticos e Habitação de Interesse Social, Cidade Governabilidade e Participação e a Nova Bacia Transportes e Trânsito (realização ANTP)*. O curso *Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto* é coordenado pelo arq Samuel Kruchin e tem 4 blocos temáticos: *Teoria e História do Restauro, Pesquisa e Projeto de Restauro, Técnica de Restauro e Intervenções em Centros Históricos*.

Post-Grad, Fone: 019 2567068 pgfau@acad.puccamp.br



Casa de Galbreth, arq. Paulo Mendes da Rocha. Foto: Sérgio Kari

Não há coisas que não dá para dizer, só fazendo mesmo. Mas tudo o que se faz é insatisfatório. Você renuncia à busca da perfeição porque ela não é possível. Esta casa não é uma perfeição. A casa está na paisagem e não deve ser vista como se fosse uma maquete. O MAC em Niterói, de Oscar Niemeyer, é uma totalidade: o objeto no espaço, uma coisa contra a outra, é isso ou aquilo, a paisagem está lá atrás, o Museu assistindo o Pão de Açúcar, é muito bonito, é maravilhoso.

Já esta casa não é uma totalidade, não é uma forma: é uma sucessão de descobertas de lugares, uma série de surpresas, até sem querer, desveladas pela imaginação. O que vai sobrar é o que interessa: você vê aos pedaços. O capricho das formas da piscina não é um desenho, embora tenha sido desenhado muitas vezes até encontrar uma água funda para se nadar, no meio da vegetação, escondido pela moita de guaiumbês - mas nunca para se ver aquela forma em si. É para esconder: essa casa é feita de prazeres nas detalhes, deve ser toda uma surpresa, ela não pode ser devassada. Ficará melhor quando já tiverem crescido mais as plantas.

#### Promenade architecturale

Entrando pelo lado da piscina a casa parece ser uma forma regular, mas lá dentro ela cresce: a cozinha é um espaço que se ganha de um lado, com o zigzague da parede de concreto, e aparece uma iluminação zenital - esperteza do Mário, proprietário e construtor, porque a iluminação era apenas pela porta/janela que abre em duas partes, como nas casas do interior. Do outro lado a parede de pedra se curva, falha: alguns degraus anunciam e preparam a travessia. O recanto formado pela descontinuidade da parede de pedra é outra surpresa, uma transição antes de se chegar à passarela por onde se passa para o bloco dos quartos.

A casa então se desdobra, como se tivesse sido feita aos poucos, com anexos: a casa no tempo, não só no espaço. Talvez o encanto fundamental do anexo, além de muitas outras considerações que se possa fazer sobre a composição, os volumes, é ser uma maneira de começar a fazer a cidade: como não há um vizinho você mesmo cria um outro, um anexo. A casa será deste ou daquele lado do rio? Mas se a casa é dos dois lados, com uma ponte ligando, é um enriquecimento. O bloco dos quartos é regular: aqui não podia ser de outra maneira. Ao mesmo tempo lembra essas grandes fazendas, o longo corredor com duas portas nas extremidades, a sucessão de quartos.

#### A insustentável leveza

Esta casa não se engendrou da racionalidade dos recursos de construção: a técnica construtiva está a serviço. Mas na construção dos dois corpos surgiu uma questão técnica interessante. O terreno cai no sentido transversal da casa; o riachinho passa lá embaixo; eu imaginei a cota da ponte mais alta; então essa declividade se acentua enquanto problema em relação à implantação, a cota de nível dos quartos fica mais alta que o terreno e as janelas podem ficar abertas sem que de fora o interior seja devassado. A construção em uma água caindo toda o lado em declive precisa ter assegurada sua estabilidade horizontal. Por outro lado, era necessário resolver a janela dos quartos, dispor armários.

Tudo isso é mais a necessidade da estabilidade resultou que essa fachada deveria ser uma parede espessa para resistir a esse esforço horizontal, podendo também abrigar esses outros usos. Então resolvi fazer essa parede como um muro de arrimo ou um armário, uma parede dupla de grande estabilidade mas de espessuras relativamente delgadas, em concreto armado, que vai abrigando ora armário, ora janela. Essa parede fica em pé como um armário, que fica em pé sozinho, como se fossem contrafortes agüentando o empuxo horizontal da casa. A cota mais alta em relação ao terreno cria um embasamento que aflora e permite, no banheiro, a entrada de luz e ventilação por baixo. As demais paredes são em alvenaria de tijolo, telhado de laje com telha sem beiral, fica mais o popular europeu mediterrâneo que o nosso colonial.

#### Imagens literárias

Grotesca como de gruta, gruta: para ser abandonada, invadida pela mata, cipós, um embroglio de natureza e construção, uma anti-construção, uma construção antiga, algo que se deseja ficar lá tranquilo, uma coisa feita porém inacabada, e refeita por cima, ruínas... Como na piscina, que o mata cresce, invade, dissimula, transforma num lago natural. Um embate com a natureza, com a topografia, com a geomorfologia, as árvores. Vir do mata e chegar em casa. Esta casa foi toda feita assim com essa memória, mais literária do que tectônica. Essa casa tem algo com a infância, ser criança e pisar naquela água, tentar passar por baixo da ponte, fazer molecagens. É lúdica... No tempo e no lugar; ela não é uma casa genérica.

Teto coberto e porta de concreto com o arquiteto



## Tecnologia da Informação e Arquitetura

Ana Paula Baltazar, Inglaterra  
ana.santos@ucl.ac.uk

No fim dos anos 60 e início dos 70, o grupo Archigram começava a antever uma potencial mudança paradigmática na arquitetura, quando a tecnologia seria incorporada ao ato de habitar e consequentemente à produção da própria arquitetura. Em 1967 o Archigram montou uma exposição em Londres com propostas futuristas, chamava-se *Viver em 1990* e propunham uma casa em que tudo pudesse ser reduzido, ampliado, transformado de mil maneiras, onde as prendas domésticas seriam função de um robô e os materiais empregados em sua construção seriam diferentes dos usuais indo desde partes de avião até perfis de alumínio. Mais de 30 anos depois, já no final dos anos 80, ainda não vemos os robôs nem materiais tecnológicos alternativos serem empregados quotidianamente, mas sem dúvida alguma a tecnologia tem ocupado cada vez mais tempo e espaço na arquitetura. O interessante da proposta da casa futurista é apontar, mesmo que ao longe, duas vertentes contemporâneas de apropriação da tecnologia na arquitetura. Uma, de caráter social, onde a arquitetura seria transformada pela tecnologia e a vida seria consequentemente facilitada; e outra, de caráter prático, onde a arquitetura absorveria os benefícios da tecnologia nos processos de concepção e produção. Quanto à 1ª vertente, basta citar a Internet e todo potencial de virtualidade a ser desenvolvido. Quanto à 2ª, ainda são poucas as iniciativas que realmente fazem uso do potencial da tecnologia, e ainda prevalece o processo "perspectivista" de produção, fundado no renascimento, mesmo que ajudado pelo computador. Ou seja, pouco vem sendo feito pelos arquitetos no sentido de criar demanda para desenvolver novas tecnologias mais adequadas ou mesmo adequar as existentes às possíveis reais demandas da arquitetura. No intuito de discutir a integração da tecnologia digital no processo de projeto e formação dos espaços a serem habitados, está sendo programado um *Symposium Internacional* focando as possibilidades de design criativo e a apropriação do computador no processo de construção do ambiente seja arquitetônico ou urbano. Nesse *Symposium* serão discutidas diversas iniciativas já consolidadas, como design algorítmico, que embora já venha sendo pesquisado na arquitetura desde os anos 70, ainda não faz parte do instrumental de projeção da quase totalidade dos escritórios de arquitetura e planejamento urbano. Haverá também espaço para situar e especular sobre possíveis futuras demandas, tanto via tecnologias já consolidadas quanto através de soluções criativas que seguramente surgirão para serem discutidas. O *Symposium* visa envolver a arquitetura no debate tecnológico ao lado de profissionais e pesquisadores das ciências da computação e inteligência artificial, enfatizando a importância do arquiteto durante todas as etapas do processo de produção do espaço, começando pelo estabelecimento da própria demanda tecnológica da arquitetura.

Greenwich 2000 International Symposium. De 13 a 15 de Janeiro 2000, Londres. [www.gia.ucl.ac.uk/Greenwich2000](http://www.gia.ucl.ac.uk/Greenwich2000)

## Tel Aviv: urbanismo e participação

Vittorio Corinaldi, Israel



Melhoramentos na faixa da praia de Tel Aviv, Israel.

Há alguns meses tomou posse em Tel Aviv um novo Conselho Municipal, encabeçado por um prefeito eleito pelos votos de camadas populares que vinham sofrendo com o endereço demasiadamente concessivo as grandes interesses imobiliários (que caracterizou a administração anterior).

Pela primeira vez, depois de uma longa separação, a prefeitura procura dialogar com o público e fundamentar seus projetos nas aspirações deste, fugindo de empreendimentos megalomaniacos que, mais do que ir ao encontro dos verdadeiros problemas, vinham a promover gordos benefícios a poucos interessados.

Este é o caso, por exemplo, de uma grande área de centro de negócios da cidade, onde há quase 50 anos, repartições do governo foram instaladas naquilo que constituía um vilarejo de colonos Templários (seita cristã originária da Europa, que no fim do século passado havia estabelecido alguns centros rurais no país, inspirada pelo ideal religioso de redenção messiânica através do trabalho agrícola na Terra Santa).

Contrariamente à tendência da administração anterior, que dava a esta área muito cobijada um uso extremamente intensivo e especulativo, toma forma agora uma iniciativa de deixar sua grande parte como uma região de lazer público, onde os velhos casarões Templários que ainda restam, se entrosariam num desenvolvimento de densidade mais baixa, criando uma área verde que conservaria o possível da existente secular vegetação. Somente ao longo da faixa de limite externo se permitiria uma "espinha" de prédios de escritórios com gabarito de algumas dezenas de andares, coerente com o plano de concentrar o máximo da atividade de negócios ao longo da grande artéria de alta velocidade "Ayalon" que corta a cidade de norte a sul em plano rebelxado.

Dentro deste espírito de "democratização" do planejamento urbano, vem tendo lugar uma série de eventos destinados a fortalecer esse diálogo entre o público e a autoridade municipal. Um deles foi uma exposição durante todo o mês de março, dos principais projetos que a prefeitura pretende levar a cabo: a exposição era aberta ao público, e incentivou o debate e expressão de opiniões através de explicações ao vivo dadas por profissionais à disposição no local, e através de questionários, seminários, etc. Os principais problemas focalizados foram:

– O congestionamento do trânsito e a solução do

problema do transporte de massa. O problema se coloca sobre o quadro de fundo de uma decisão existente da gestão anterior, de se lançar à construção do "metrô" – decisão de caráter propagandístico e pouco viável nas condições materiais previsíveis para o próximo período. E o espírito das soluções procuradas aproxima-se mais do exemplo de Curitiba do que da megalopole, de que políticos ufanistas ou interesseiros gostam de fazer uso.

– O desenvolvimento do setor sul da cidade (menos favorecido durante todos os anos de crescimento desta), através de planos de recuperação de áreas depauperadas, da "injeção" de algumas instituições-chave, como institutos acadêmicos, um grande centro municipal de feiras e congressos, habitações de padrão mais qualificadas, etc.

– O melhoramento da faixa litorânea, criando uma continuidade de praias e passeios de norte a sul, e incluindo o aproveitamento turístico de velhas instalações portuárias desativadas.

– A preservação do núcleo original da cidade, onde se concentra o grande acervo de obras do período "Bauhaus" da década de 30, através do respeito de sua escala e do afastamento do tráfego pesado de suas estreitas ruas.

– A expansão dos principais grandes parques ao norte e ao sul da cidade, e a recuperação paisagística de pequenas praças públicas disseminadas no tecido existente.

– A revisão de alguns grandes projetos executados ou aprovados, e seu redimensionamento segundo critérios menos pretensiosos e mais simpatizantes da população usuária. Inclui-se neste por exemplo a Estação Rodoviária, ambicioso "elefante branco" erguido no seio de um bairro densamente construído, com menosprezo de direitos de moradores e curta visão dos problemas de trânsito que já veio a causar.

Presidindo este processo de renovação da estrutura urbana, está a figura controvertida do novo *City Engineer* (título herdado da administração mandatária inglesa), o arquiteto Israel Gudovitz: um profissional dotado de inegáveis qualidades criativas, mas também de um temperamento radical e inesperado que muitos apontam como antagonico às intenções de abertura democrática do planejamento, além de contrário aos padrões de pensamento da burocracia estabelecida e da liderança financeira e política. Há quem duvide de sua capacidade de se impor sobre os obstáculos que estes dois últimos fatores sem dúvida lhe opõem, e há quem critique excessivo individualismo no que toca a idéias renovadoras.

De qualquer forma, os próximos meses abrirão um campo de curiosa expectativa, e marcarão com certeza um importante precedente no esforço de participação da população nos destinos de sua cidade: problema que transcende os limites locais, e interessa a nível teórico e prático o urbanismo em qualquer parte do mundo.

## Tadao Ando, o zen e a metrópole

Luciana Itikawa, Japão  
luci007@hotmail.com



Hotel em Matsuyama. Arq. Tadao Ando.

Tadao Ando acaba de inaugurar um hotel em Matsuyama, sudeste do Japão. Em uma visita guiada por ele ficou bastante evidente questões também presente em seu edifício Collezione em Tóquio e que o consagrou: os percursos solenes; os desenhos de luz incidindo em aberturas estratégicas; o concreto curado, quase branco; os acabamentos impecáveis; a água dramatizando o espaço; a geometria pura; a estrutura evidente. Num ponto do arco está o zen. À primeira vista, bastante indecifrável aos olhos ocidentais, é compreensível ao se observar o culto à reverência, equilíbrio e harmonia. Uma vida de não interferência, sem ruídos e cuja meta final – a transcendência – se dá pela contínua purificação. Na outra ponta do arco está a metrópole. E a metrópole interfere, à ponto de engolir qualquer tentativa de protagonismo (é bom enfatizar que tal comparação não é maniqueísta). A metrópole é labiríntica, turbulenta, temporal e heterogênea. Tóquio, ainda problematizada pela constrangedora densidade, revela, em última instância, uma irreversível contaminação do fluxo globalizado e auto-contaminação de si mesma.

A hiper mobilidade da capital traz em seu bojo uma hiper mobilidade cultural, onde autenticidade pode soar como palavra sinistra. A arquitetura perde, então, seu status imaculado. Portanto, é difícil falar em imunidade neste final de século (imunidade é uma palavra maldita). Imunidade a qualquer forma de interferência pode significar isolamento. Em Tóquio, a sobrevivência de um ardeio encurtou-se; já se fala na melhor maneira de torná-lo mais provisório ou temporário.

O *fake* talvez seja umas das maiores evidências desse despudor da metrópole. O aço imitando a pedra, o plástico imitando o aço... Toda essa representação (ou falsificação, como quiser) é justificada em última análise, pela mais volia – redução de custos, aumento de produtividade.

No edifício do Tadao Ando há uma verossimilhança que, se não for herética, é ao menos muito cara. O concreto aparente japonês, com tal grau de pureza, é extremamente oneroso. Os desenhos de luz são referências poderosas do que há de melhor na arquitetura tradicional japonesa: a abertura ao rês do chão das casas de chá; a translucidez das portas de correr das residências, etc. Há uma solenidade e uma reverência na arquitetura do Tadao Ando que a cultura metropolitana devorou, ou pior, se esqueceu.

Ciclo de conferências da  
fundação Mies van der Rohe  
Afonso Oreiuolo, Espanha  
oculum@arch-mag.com



Palácio de Winny Maas em Barcelona. Foto Andrés Frutos.

Realizado em Barcelona durante a feira Construmat, no passado mês de abril, o evento contou com os arquitetos premiados pela fundação Mies van der Rohe: Peter Zumthor, ganhador do VI Prêmio de Arquitetura Européia e Enrique Norton, ganhador do I prêmio de Arquitetura Latino-americana<sup>1</sup>, além de Jean Nouvel e Winny Maas. No saguão de entrada do auditório estavam expostos os projetos finalistas de ambos certames. Dos 24 finalistas sul-americanos, figuravam 4 projetos do Brasil.

Entre os projetos expostos destaca-se uma arquitetura baseada na flexibilidade e na sua absorção no contexto urbano. Uma grande maioria de edifícios destinados à cultura revela a cidade contemporânea como um epicentro de atividades voltadas ao ensino, à arte e ao lazer.

Na conferência inaugural, Nouvel assume o vidro como material contemporâneo por excelência, entusiasmado-se com possibilidades de jogos de imagens e mudanças no aspecto das fachadas. A tendência minimalista de Nouvel aposta na desmaterialização, sobre diferentes condições de luz, reflexos e jogos de transparências.

Winny Maas, membro do grupo holandês MRV/DV, surpreendeu o público com propostas urbanas arrojadas, como o desenvolvimento de sistemas viários em 3 dimensões que se permeiam com edifícios. Uma forte aposta no transporte individual em detrimento do coletivo aponta, segundo Maas, para cidades ainda mais dotadas de automóveis. Zumthor expôs o seu trabalho com uma transparente sinergia entre o discurso e a materialização de idéias. O resultado é uma arquitetura de lugares íntimos de contemplação, que superam a possibilidade dos materiais de construção e tecnologia. O premiado Museu de Arte de Bregenz sabe valorizar a natureza que o envolve, como a neblina do lago Constance, os reflexos de luz e as condições climáticas. A forte carga poética do edifício, ainda que baseada geometricamente no purismo, está intimamente ligada à observação da passagem do tempo.

Fechando este ciclo de conferências, o mexicano Enrique Norton fez uma retrospectiva de sua trajetória profissional, na qual se evidencia uma arquitetura ligada ao movimento high tech, como no edifício de múltiplo-usos da Televisa.

<sup>1</sup> Ver também Prêmio Cartier para Zumthor, de Oliva de Oliveira Boesem Douzin 2001 e Prêmio Adriaan de Robertus Seghe Bodolijn Óculum 2001

Sítio de internet: www.miesvan.com, www.zumthor-bregenz.at

Um lugar para a ausência  
M<sup>o</sup> del Pilar Pérez Piñeyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org



Memorial dos presos políticos uruguaios desaparecidos.

O Uruguai decidiu em 1989, com uma pequena diferença de votos, não julgar responsáveis pelos desaparecimentos de presos durante a ditadura (1973-85). Porém, um governo de esquerda eleito em Montevideo (1990) pôde viabilizar em princípios deste ano um concurso público para construir um espaço dedicado a memória dos desaparecidos. O local de implantação, situado ao sudoeste da cidade sobre a encosta do morro de Montevideo, com vista para a baía e imerso em um parque em estado natural de um bairro de origem operária responde bem a sua significação como paisagem e geografia original da cidade; também corresponde à uma política urbana de recuperação e consolidação de suas periferias e em particular do reposicionamento de sua baía.

A proposta conceitual do projeto ganhador alcançou um espaço de silêncio, no qual a força da ausência é o fator gerador de presenças. No alto, distante da conturbação da costa, mas sem perder de vista o mar, um gesto simples: despojar do solo orgânico a superfície mineral (inorgânica) do leito rochoso, deixando ao descoberto a evidência da impossível costa.

A lista dos nomes daqueles aos quais foi negado o direito à sepultura, se desenham precisos contra o ar, fixos sobre a estrutura transparente de 2 muros emolduraçados; soprados ao vento, seus nomes jazem contra o espelho da baía e o perfil da cidade. Ainda que o edital o destacasse, poucas equipes concorrentes pensaram o território. Nesse sentido, a vocação urbana do projeto selecionado estabelece os vínculos tanto viários como de pedestres necessários para a generosa inserção do parque, em uma trama que integra o topo, a encosta e a parte baixa do morro, até hoje desconectados. Interiormente, se mantém os caminhos informais cruzados pelas pessoas do lugar, realizando intervenções mínimas de equipamentos, e se propõe a superposição de um traçado de peregrinação. Iniciada ao pé do morro desde a zona de maior frequência pública (o rambla) e buscando o topo, a concretude do memorial se constituiria em uma de suas paradas metafóricas: uma etapa no passeio da revelação de memórias proibidas.

<sup>1</sup>Arquitetos: Martha Kahn, Ruler Uterri; projetos: Diego López de Haró, Pablo Frassinetti; artista plástico: María Sagastien; engenheiro agrônomo: Rafael Pedraza; maquete: María José Nieta e Sabrina de Souza; arquitetura: Ricardo Hoffstadter; Colaboradores: Rosana Nietán y Guillermo Probst.

Tradução: Aline Sato, aliado do Grupo PET

Noticiário do Grupo PET  
Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos culturais



Sede da Televisa, cidade do México. Arq: Ricardo Legorreta.

Ricardo Legorreta é premiado pela UIA

O arquiteto mexicano ganhou, com o projeto da sede da Televisa na cidade do México, a medalha de ouro de 1999 da União Internacional dos Arquitetos. [www.uia-architectes.org](http://www.uia-architectes.org)

Ateliê Latino América / Los Angeles

O 6<sup>o</sup> LA/LA promovido pela Southern California Institute of Architecture ocorre entre 21 jun a 30 jul 98. Info: SCI Arc Summer Admission, 5454 Beethoven Street, Los Angeles, CA 90066 USA, fax 310 574.3801, [admissions@sciarc.edu](mailto:admissions@sciarc.edu)

Capex reconhece mestrado FAU PUC-Campinas

O programa de mestrado em urbanismo recebeu nota 3, máxima atribuída a novos cursos. Info: Rod D Pedro I, km 136, 13089-500 Campinas SP, fonefax 019 756.7088, [pgfau@pccad.puccamp.br](mailto:pgfau@pccad.puccamp.br)

Workshop na ESARQ de Barcelona (errata B31)

A ESARQ da UIC de Barcelona promove o workshop *Fingers, Palms, Islands* (19-29 jul). Info: [infoesarq@unica.edu](mailto:infoesarq@unica.edu), [www.unica.edu/esarq](http://www.unica.edu/esarq)

XXIII ENEA acontece em Goiânia, 24 a 30 jul 99

Tema: Regionalismo brasileiro, uma semente na nossa modernidade. Info: 062 2 75.3246

4<sup>o</sup> Prêmio Jovens Arquitetos 1999

Organizado pelo JAB/SP e Museu da Casa Brasileira. Inscrições até 15 jun. Info: 011 259.9887

Biblioteca CAD - Óculum

1. *Hut & Kaltwasser*, GG Portfolio; R.M. Schindler, *Obras y Proyectos*; Manuel Brullec, catálogos de arquitetura contemporânea; *Modernidad y arquitectura en México*, Edward R. Burian, Gustavo Gil, Rosselló 87-89, 08029 Barcelona, fon 322.8181
2. *Rio, natureza e cidade*, Cd-Rom, Museu Castro Maia, 021 224.8981, [cmaya01@visualnet.com.br](mailto:cmaya01@visualnet.com.br)
3. *A arquitetura*, Günter Weimer, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fon 051 224.8821
4. *Arquitetura luso-brasileira no Maranhão*, Olavo Pereira da Silva; *Centro histórico de São Luiz do Maranhão*, Luiz Felipe Andrés, Ed Audichromo, fon 011 831.6344, [horizonte@dignet.com.br](mailto:horizonte@dignet.com.br)
5. *Arquitetura moderna, a attitude eleganta*, Maria Angélica da Silva, Ed Scrgasa / UFAL
6. *O desenho industrial*, Denis Schulmann; *O Parque e a arquitetura*, Danilo S Miranda; Ed Papyrus fon 019 231.3500



## Herman Hertzberger na IV Bienal Internacional de São Paulo Herman van Bergeijk, Holanda



Projetos de Herman Hertzberger

O trabalho de Herman Hertzberger ocupa uma posição privilegiada no rico e variado panorama da arquitetura moderna holandesa. Ele é um dos poucos que não rejeitam a princípio a tradição do movimento moderno, mas justamente declara que essa tradição pode ser ainda mais explorada. Enquanto certas idéias podem continuar a ser desenvolvidas, é essencial que a função de servir da arquitetura nunca diminua. A arquitetura não deve servir apenas para expressar uma personalidade ou visão individual, mas deve garantir que todos tenham oportunidades para moldar suas próprias vidas. Além disso, a postura de Hertzberger é tudo menos dogmática, mesmo projetando até os pequenos detalhes de uma construção. Ele efetivamente continua em busca de uma liberdade regulada, uma liberdade baseada em conquistas que não devem ser deixadas de lado em nome dessa mesma liberdade. Ao contrário de vários contemporâneos, Hertzberger delega um papel emancipador à arquitetura. Isso implica que a arquitetura facilita uma intensificação da vida, pois oferece aos usuários mais possibilidades de personalizar seus espaços de maneiras variadas. Hertzberger sempre reage a desenvolvimentos e mudanças sociais e, apesar de compreender que esses podem ser provocados apenas de maneira mínima pela arquitetura, mesmo assim ele responde a tais questões em seus conceitos de programa e tenta em seus projetos instigar mudanças sociais, mesmo que sejam modestas. Isso exige que os resultados sejam sempre testados pela realidade e que as descobertas sejam consideradas no próximo projeto. Durante muitos anos Hertzberger prestou pouca atenção à imagem de uma construção: tudo se baseava na articulação de fluxos de movimento e na criação de áreas que ofereciam espaço para encontros informais. A preocupação do arquiteto com a soleira, com a zona de transição entre público e privado deve ser vista nesse contexto. Ao invés de produzir uma separação inquestionável e precisa, ele permite que os espaços se mesquem e é importante que essas zonas de superposição tenham uma definição formal. Mais do que ninguém, Hertzberger prioriza a dialética do espaço, evitando assim a distinção esquemática entre espaços úteis e inúteis. Ele não tem a mínima intenção de surpreender o cliente e o usuário com uma apresentação brilhante, na qual as mais avançadas técnicas e meios são utilizadas para mascarar o fato de que, no final, o que vale mesmo

é a arquitetura construída. Além disso ele evita o uso de frases pseudo-filosóficas para suprir nova vida na arquitetura. Ele não é mágico nem alquimista, apenas um trabalhador consciente e sóbrio, sempre em busca e em experimentação de novas soluções espaciais.

Após ter alcançado consagração precoce com a escola Montessori, em Delft, seu projeto para a sede da seguradora Centraal Beheer, em Apeldoorn, foi aclamado internacionalmente como uma obra de arte arquitetônica que dava expressão às transformações que estavam acontecendo dentro da sociedade democrática. Nos anos 80, na onda de revisões dos ideais modernos, houve uma reviravolta completa no que até então vinha sendo buscado. As fronteiras foram ficando menos definidas e a pressão e controle sobre uma sociedade compulsivamente consumista diminuíram. Tudo parecia possível num período que deixou de ser marcado por pura ideologia. O importante não era mais oferecer a estrutura, mas criar imagens fortes com uma forma dinâmica. Novos impulsos e contatos inspiraram Hertzberger. Ele conseguiu adaptar-se a essas inicialmente inesperadas circunstâncias, que aos poucos foram exercendo cada vez mais pressão, e continuou a trabalhar. Isso lhe proporcionou uma segunda juventude, na qual, apesar da maior atenção dirigida à imagem (corporal e superficial) na arquitetura, os mesmos ideais ainda são encontrados sob essa imagem. A confrontação não é só interessante mas também muito instrutiva, pois uma profunda mediação ocorre entre passado e futuro a partir da disciplina da arquitetura. O desenvolvimento urbano entrou claramente no campo de visão de Hertzberger. O prédio mais conhecido que se envolve num diálogo com a cidade e tenta reconfigurar e integrar o ambiente urbano ao nível da imagem é o teatro Chassé, em Breda. Numa escala maior, seus projetos urbanos tentam se conectar com a estrutura da cidade ou apresentam-se como ilhas, cujos arredores foram mantidos o mais intacto possível.

Herman van Bergeijk é historiador da arte e professor da Universidade de Delft. Texto do Netherlands Institute of Architecture pelo texto. Tradução Patrícia Marão, colaboração Paul Meurs. Exposição Herman Hertzberger. IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. De 20nov1999 a 25jan2000. Pq. Traouera, São Paulo. Fax 549.0290. bia@arquitetura.com.br



## O escritório do futuro ou o futuro do escritório

André Isai Leirner, Inglaterra  
decoll@globalnet.co.uk

A emergência da atual ordem econômica insere a mudança de condições e ambiente no léxico da descrição de comportamento de mercados. Mercados extremamente competitivos e turbulentos exigem respostas organizacionais rápidas de companhias que nestes atuam. Diversas estratégias organizacionais são conhecidas e todas elas, da produção ao espaço corporativo, necessitam de um espaço físico para sua implementação. Desse modo o espaço do escritório vem adquirindo novas características permitindo a incorporação de mudanças de estratégia e a imprevisibilidade como um fator positivo na organização executiva da empresa.

Nas companhias *task forces*, ou organização por projetos, tendem a substituir organizações rígidas. A alocação de tarefas é temporária variando conforme necessidades vigentes. A projeção de um espaço segundo a estrutura de uma empresa perde o sentido uma vez que esta estrutura possui uma imprevisibilidade de configuração. Projeta-se portanto um arcabouço infra-estrutural onde diversas estruturas possam tomar forma. A diversidade deste ambiente determina o grau de variação estrutural permitida. O estudo do comportamento da dinâmica da empresa permite o equacionamento do equipamento baseando-se em regimes de rotatividade.

A característica dos postos de trabalho por sua vez varia conforme a duração da tarefa. Funcionários com tarefas constantes tendem a possuir territórios estabelecidos e um posto de trabalho (pois secretarias por exemplo). No caso de funcionários alocados por conta de um projeto, eles se apropriam do espaço e equipamentos necessários para o desenvolvimento de tal projeto somente durante a duração do projeto e na medida de sua necessidade. Funcionários relacionados a vários projetos por outro lado, tendem a possuir um posto móvel (um laptop por exemplo) e atacam conforme a necessidade integrando-se em dinâmicas existentes. Espaços específicos são reservados pelos funcionários conforme o andamento dos projetos ou sua necessidade. Recursos de demarcação territorial flexível (painéis móveis, persianas, cores e mobiliário flexível) permitem múltiplas configurações organizacionais e relações entre suas partes.

Unidade de comando e zelo informacional permanecem centrais ao sucesso de uma organização operando em condições instáveis e competitivas. A automação do escritório nestas condições possui dupla importância: por um lado minimiza o fluxo de papel dentro do escritório, diminuindo a burocracia e aumentando a produtividade, por outro cria um novo grau de integração e controle da operação executiva e gerencial da companhia. O papel do Arquiteto nestas condições nunca foi tão político. Cabe a ele a interpretação da conjuntura e a do equilíbrio produtivo entre liberdade do usuário e políticas de controle as quais estarão submetidos. Caso contrário, o arquiteto fará mais uma vez o escritório do futuro ao invés de participar na formulação do futuro dos escritórios.

## Sítios Urbanos

### Um método de inventário

Maria Beatriz Setubal Rezende Silva  
blandau@mincrj.gov.br



Website do IPHAN. Página de inventário nacional

A preservação das cidades envolve questões complexas que demandam respostas rápidas, tais como: a solicitação para execução de obras de restauração, adaptação a novos usos e ampliação das edificações antigas, projetos de edificações novas, de parcelamento do solo, ocupação de encostas, abandono e degradação do casario. Diante dos objetivos da preservação e tendo em vista a competência específica do IPHAN de garantir a autenticidade do bem cultural preservado, propondo alternativas para as diferentes apropriações do espaço urbano, é necessário o conhecimento da lógica de ocupação dos sítios urbanos.

O Inventário Nacional de Bens Imóveis (INBI) do IPHAN é dedicado aos Sítios Urbanos Tombados e visa o levantamento do conjunto de informações que os caracterizam como bem cultural. Por um lado, constitui-se em uma ação de registro, possibilitando a leitura de sua forma e o acesso às informações contidas nos bens culturais; por outro lado, apoia os trabalhos de planejamento e atualização das intervenções nesses bens, contribuindo diretamente para o estabelecimento de critérios e parâmetros de preservação, sedimentados na compreensão do sítio urbano como parte de um processo de construção, referenciado historicamente. O método INBI reúne e sistematiza as informações coletadas de levantamentos de campo; dos levantamentos de fontes documentais, que referenciam o sítio urbano segundo a sua história de ocupação e evolução; e dos dados sobre a trajetória de atuação do IPHAN, constituindo-se em um instrumento da ação institucional.

Foram selecionados para inventário 57 sítios urbanos tombados pelo IPHAN. As bases de dados criadas a partir dos formulários do inventário, foram implantadas a partir de 1997 e os recursos de informática garantem a agilidade na construção de análises, cruzamento de dados e recuperação rápida das informações sobre os acervos. Os dados individualizados dos imóveis integram a base INBI; os dados relativos às características gerais do conjunto constituem a base INBI-SU; e os dados sobre os bens tombados isoladamente, pertencentes ao conjunto, constituem a base IBA (inventário de bens arquitetônicos). Cerca de 3500 imóveis referentes a 11 sítios urbanos já estão implantados na base de dados INBI. Os formulários e implantação dos dados encontram-se em fase de teste.

Maria Beatriz Setubal de Rezende Silva é arquiteta do Departamento de Identificação e Documentação / IPHAN.

## Tóquio e o debate sobre os subcentros

Luciana Itikawa, Japão  
luci007@hotmail.com

Contrariando os postulados sobre a Cidade Genérica enunciados por Rem Koolhaas em seu livro *S, M, L, XL*, Tóquio estaria longe de compartilhar inteiramente com outras metrópoles uma identidade que à ela também é mutante. Seria apenas parcial pensar que a mobilidade de informações produzidas pela globalização poderia gerar uma homogeneização da paisagem. A começar pelo seu arranjo espacial peculiar e estrutura dramaticamente adensada; sua overdose de infra-estrutura (principalmente do transporte coletivo) como também, e talvez o mais importante deles, é a capacidade dos japoneses de reinventarem seu próprio passado, constituindo dentro da cidade núcleos de sua própria história reinterpretada, ou seja, criando não homogeneidades e sim várias especificidades. Obviamente, assim como todas as outras metrópoles, Tóquio também possui uma megalomania em suas dimensões e números; especulação imobiliária voraz; formação de novos subcentros e a presença de equipamentos que a torna cosmopolita. Ela também está vivenciando as mesmas questões ainda insolúveis por todo os países como: a mudança no paradigma do trabalho fixo e regular para o trabalho temporário, subemprego ou clandestino; o excessivo deslocamento do cidadão metropolitano, produzindo o que seria um cidadão errante; o esgotamento de seu estoque habitacional e a exclusão daquilo que é diferente e periférico, cultural e economicamente, as chamadas minorias.<sup>1</sup> Tóquio é de alguma forma tão excludente quanto todas as metrópoles do mundo, seja de países desenvolvidos quanto àqueles em desenvolvimento. Isso porque a exclusão social e consequentemente urbana é ainda mais agravada com a construção de oásis urbanos como novos distritos exclusivos de negócios, parques temáticos em ilhas artificiais, centros de consumo ultra especializado e condomínios residenciais fechados.

O fenômeno de formação de novos subcentros como alternativa do esgotamento do centro tradicional, ao mesmo tempo em que o desfoga, cria paralelamente a formação de novas periferias (tanto aquela que está no seu entorno imediato quanto as periferias mais remotas). Como há uma razoável acessibilidade que permite a comunicação entre os centros, é produzido na metrópole mais deslocamentos fluxos, e muito menos permanência. A excessiva especialização – subcentro de negócios, subcentro cultural, subcentro cosmopolita, etc não está devidamente acompanhada de estoque habitacional. Isso implica que a distância entre os territórios onde se geram informações e a residência ainda é muito grande. Esse fenômeno de expulsão e exclusão prova a incapacidade da metrópole de incluir de fato as diversidades. Perguntar sobre quais são os mecanismos que evitariam esses fenômenos seria o mesmo que perguntar quais seriam os mecanismos reguladores/coordenadores do potencial excludente e autocorrosivo do capitalismo.

1. Ver As Revistas Japonesas. O caso específico Itikawa, Boletim Óculum 20. Luciana Itikawa escreve sobre a presença de sítios de II artigos sobre o Japão para o Boletim Óculum

## A Reconquista da Europa. Espaço público urbano (1980-1999)

Affonso Orciuolo, Espanha  
oculum@arch-mag.com



Vigo, Espanha. Reconstrução da banda marítima

O CCCB analisa, nessa exposição, o fenômeno da recuperação dos espaços públicos das cidades europeias que se produzem a partir dos anos 80. Ajuda que atualmente vivemos uma proliferação de espaços públicos digitais, através de formas de interação a distância promovidas telematicamente, o espaço público tradicional continua tendo sua importância como lugar de prática social, onde se produzem formas básicas de intercâmbio coletivo. Suas características físicas, insubstituíveis, permitem uma relação face a face, distante do vir a ser em Internet. O espaço público tem um caráter simbólico indispensável para a vida urbana. É uma referência através da qual os cidadãos se reconhecem como membros de uma comunidade. Complementar ao espaço privado de habitação, a rua e a praça são lugares aos quais todos têm acesso. As 2 guerras mundiais colaboraram muito para a degradação do espaço público. A falta de recursos financeiros e a especulação no período de reconstrução, acabaram afastando o cidadão da rua, levando o espaço público urbano a um completo abandono. Outro fator importante foi a crescente presença dos automóveis. Se num primeiro momento o reduzido número de veículos e sua limitada velocidade permitiam uma coexistência entre ambos, esta situação logo se veria profundamente alterada.

Depois de um longo período de esquecimento e deterioração, a partir dos anos 80 se inicia na Europa a recuperação e criação dos espaços públicos. Em todas as cidades realizam-se esforços para deter a invasão do automóvel, recuperar espaços industriais obsoletos, instalações portuárias e ferroviárias, reabilitação de centros históricos degradados, criação de novos parques e melhora dos espaços comuns de bairros habitacionais.

A cidade democrática se mede, em algum sentido, naquela em que os cidadãos podem sentir-se cómodos, atraídos, e porque não, seduzidos pelos espaços públicos que compõem a cidade onde vivem. A cidade deve ser usada e abusada, e o espaço público é o lugar de todos, que permite atividades que fortalecem a identidade coletiva. A exposição mostra atuações aplicadas a uma política de intervenção orientada a diminuir as desigualdades. "Assim, a reconquista do espaço público europeu é a reconquista dos valores mais fundamentais das cidades, é, pois, A Reconquista da Europa".

CCCB Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Montcada 5, 08001 Barcelona, tel: 93 3084100, www.cccb.org

## Wolfgang Lotz, a arquitetura e o deslocamento do olhar

Mário Henrique Simão D'Agostino  
marioagostino@hotmail.com.br

O célebre historiador alemão Wolfgang Lotz (1912-1981) é pouco conhecido entre nós. *Arquitetura na Itália*, primeira obra do autor disponível em português (Cosac & Naify Edições, São Paulo), merece, portanto, nossa maior atenção. Delicado falar desse livro, publicado originalmente em 1974, cuja fortuna adianta-se em muito aos desafios a que então se lançara, semirando, sob formas as mais variadas, uma florada de estudos contemporâneos que marcam as revisões e novas orientações da historiografia da arquitetura nas últimas duas décadas. Esta a razão por que, no prefácio à edição italiana, o historiador Arnaldo Bruschi invita-nos a moderar a *Introdução* de Deborah Howard, na qual apresenta uma criteriosa "atualização" da obra (igualmente incorporada à edição em português), memorando que "muitos destes inovadores endereços historiográficos têm início ou tomam impulso propriamente a partir de sugestões propostas por Lotz". O entusiasmo com que, há dois anos, Bruschi saudava a primeira edição adquire, para nós, matiz diverso. Na Itália, congratulava-se a tradução, embora tardia, de "um 'texto-base' ainda fundamental para os estudos de história da arquitetura", que vinha se reunir a outros, relevantes para a formação especializada – e com o adicional de uma linguagem fluida e clara, que o fazia também acessível ao público em geral. No Brasil, não é despropositado afirmar, trata-se das raras "obras de referência" disponíveis em língua portuguesa.

À luz da tradução, e tendo em vista a chamada tradição clássica da arquitetura, um sobrevôo em retrospectiva só pode suscitar perplexidade: Nikolaus Pevsner (*Panorama da Arquitetura Ocidental*, Ed. Martins Fontes, 1982), John Summerson (*A Linguagem Clássica da Arquitetura*, Martins Fontes, 1982), e Heinrich Wölfflin (*Renascentia e Barroco, Perspectiva*, 1989; *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, Martins Fontes, 1984) – este o nosso patrimônio editorial, ao qual poderíamos indubitavelmente reunir outros (poucos) livros, mas dificilmente a título de "obras básicas"; por consequência, tal o prejuízo dos nossos alunos, arquitetos e estudiosos em geral, privadas da leitura em português de autores como Rudolf Wittkower, Emil Kaufmann, Eugenio Battisti, James Aronson, Manfredo Tafuri, Joseph Rykwert, dentre outros. Nesse vácuo, compreende-se o silêncio que assistiu ao lançamento, no ano passado, dos dois volumes de *Arquitetura na Itália, 1400-1600*, um respectivo ao Quattrocento, de autoria de Ludwig H. Heydenreich, e outro sobre o Cinquecento, do nosso autor. (Por felicidade, foi diversa a sorte de *Clássico, Anticlássico*, de Giulio Carlo Argan, lançado este ano pela Companhia das Letras.) [O presente texto é a introdução da resenha de Mário Henrique Simão D'Agostino. Leia o texto na íntegra na página Web do Boletim Ócullum: [www.puccamp.br/~foa/](http://www.puccamp.br/~foa/)]

Arquitetura na Itália, Wolfgang Lotz, Cosac & Naify Edições, Praça da República 76/100 (j) 906, 01048-000, São Paulo SP, Fon: 011 255.8808, fax: 011 255.3264, info@cosacnaify.com.br, www.cosacnaify.com.br

## O mundo de lá

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno  
beatriz.bueno@usa.net



Reuniões científicas são sempre uma oportunidade de trocas culturais. O Colóquio Internacional *A Cidade como Civilização: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, realizado em Coimbra de 02 a 06 de março deste ano, foi mais do que isso. Para nós, do mundo de cá, foi uma oportunidade de "redescobrir" o mundo de lá, ou melhor, perceber que nossas raízes têm bases nesse mestiço universo cultural mobilizado pelo império português, tão diverso e por vezes tão semelhante. Três centenas de especialistas e interessados na matéria, provenientes de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Sri Lanka, Índia, Brasil, Espanha, Argentina, Estados Unidos, França, Itália e Portugal, tiveram a oportunidade de conhecer-se e discutir as especificidades e semelhanças desse processo de ocupação de tão vasto território. As 6 sessões temáticas impressionaram pela variedade das matérias abordadas, versando sobre intercâmbio cultural, urbanização, urbanismo, arquitetura, cultura profissional, teorias, métodos, práticas e políticas empregadas. Dialogar, trocar experiências, trocar bibliografia, divulgar trabalhos de pesquisa, foram entre tantas outras, as oportunidades proporcionadas pelos organizadores do Colóquio – Walter Rosta, Renata Araújo e Helder Carita. O intento foi extremamente válido. Embora seja precoce qualquer balanço, o evento já nos permite conhecer parte dos seus resultados. Para além do intercâmbio, tão rico e salutar sobretudo para nuançar localismos, o projeto já nos apresenta seus produtos: a *Coletânea de Estudos: Universo Urbanístico Português 1415-1822*, publicada no final do ano passado; a belíssima exposição *Os Espaços de um Império* [realizada no Edifício da Alfândega, Porto, de fevereiro a junho de 1999] e respectivo Catálogo; uma *Bibliografia Iberoamericana da História do Urbanismo* correspondente ao período cronológico desse projeto, a constituir-se num balanço da historiografia recente sobre o assunto (no prelo); as *Atas do Colóquio*, a serem publicadas no início do ano 2000, com os 68 textos dos trabalhos apresentados, juntamente com a Exposição de Cartazes com as imagens e resumos dos temas abordados pelos pesquisadores, prevista para a mesma data. Parabenizo os organizadores pela iniciativa, apenas possível com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses que vem dando suporte a inúmeros projetos de igual importância e magnitude. Quem se dirigir a Lisboa deve visitar a Livraria da Casa dos Bicos, sede da CNCDP, onde estão disponíveis as mais recentes publicações e vídeos realizados sob seu patrocínio, num a fim renovar e atualizador invejável para o mundo de cá, infelizmente tão pouco dinâmico nos últimos anos.

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, [www.cncdp.pt](http://www.cncdp.pt)

## Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Exposição "Duas Águas" de Carlito Carvalhosa  
De 26jun a 25jul99, 3ª a dom, 10h-19h, MUBE, r Alemanha 221, São Paulo.

1ª Bienal "José Miguel Aroztegui" em Fortaleza  
Com o concurso Latino-americano de Projetos Estudantis de Arquitetura Bioclimática, é promovida pelo NPC da UFSC e Dep. de Arquitetura da UFAL. Info: 082 972.8727, [www.npc.ufsc.br/~antac/](http://www.npc.ufsc.br/~antac/)

CREA e UFBA oferecem curso de especialização  
Com o tema *Arquitetura em sistemas de saúde*, em Salvador entre ago-nov99. Info: 071 331.0051, [arqsaude@ufba.br](mailto:arqsaude@ufba.br), [www.ufba.br/~arqufba](http://www.ufba.br/~arqufba)

Concurso de idéias urbano-arquitetônicas  
Para arquitetos sub-45. Inscrições até 15set99. Info: Secretariat Europandom, 53, rue de Deux Communies, 93100 Montreuil, França. fon: 33 1 5586.9255, e\_ [pandom@club-internet.fr](mailto:pandom@club-internet.fr)

Exposição "Cities on the move" em Londres  
Organizada pela Vienna Secession e Museu de Arte Contemporânea de Bordeaux. Curadoria: Hou Hamru e Hans U. Obrist; design: Rem Koolhaas. Hayward Gallery, [www.hayward-gallery.org.uk](http://www.hayward-gallery.org.uk)

Bônus da Unesco para aquisição de livros  
Para aquisição de livros, periódicos, materiais audiovisuais e técnico-científicos nos países membros e auxiliar viagens de estudo no exterior. Info: IBECC-Unesco, fon: 021 253.4276, fax: 253.4185

Exposição In-utensilios em Belo Horizonte  
Objetos de arquitetas e artistas mineiros. Amílcar de Castro, Gustavo Penna, Jô de Vasconcellos e outros. Curadoria: Eolo Maia. Palácio das Artes Grande Galeria, av Afonso Pena 1537, de 10jun a 11jul. [Ver texto de Ricardo Aleixo, B. Ó. 30]

Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal  
Exposição no Museu Histórico Nacional realizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses e trazida ao país pelo Instituto Camões. De 15jun a 15jul, Pça Mai An-cora s/nº, 20021-200 R Janeiro RJ, fon: 220.5450

Arquitetura Impressa no Solar da Marquesa  
Exposição de livros de arquitetura, projeto gráfico do designer Marcelo Mario. De 16jun a ago99, R. Roberto Simonsen 136. Info: (011) 572.0356

### Biblioteca CAD – Ócullum

1. *Lúcio Costa: documentos de trabalho*, José Pessoa (org), Edições do Patrimônio, IPHAN
2. *Guia da Arquitetura Art Decó no RJ*, CAU-RJ, fon: 021 282.1137, [alga@pcrj.rj.gov.br](mailto:alga@pcrj.rj.gov.br)
3. *Niemeyer poeta da Arquitetura*, Jean Petit; e *Oscar Niemeyer: cadernos do arquiteto*, Instituto Lina Bo e P M Bardi / Fundação Memorial da América Latina / Fundação Oscar Niemeyer
4. *Turismo cultural em América Latina e el Caribe*, Unesco, fon: 021 253.4276, fax: 021 253.4185

agosto 1999  
ano 4  
edição meses letivos

## Jr. – o jornal de resenhas do Grupo PET da FAU PUC-Campinas

<http://www.puccamp.br/~fau/jr>

Relembre óculos e informações da Revista Óculum, assinando pelo C. E. C. 0140-000, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES, internet: [www.puccamp.br/~fau/](http://www.puccamp.br/~fau/)

Editor responsável:  
Aldo Guerra

Correspondentes:  
Ana Paiva, Editora Espetiva  
Alfonso Giacinto Espetiva  
Cristina Mestrina, EAM  
Fabrício de Sá, CAAE  
Cláudia Mônica Nóbrega, EAM  
M. Pilar P. Pinheiro, Uniquap  
Oliveira Oliveira, Uniquap  
Paulo Moura, Holanda  
Paulo Sérgio, Uniquap  
Rafael Moreira, Alameda  
Rafael, Subseção Acadêmica  
Vivian Cavallari, Uniquap

Monitoria CDD:  
Aldo Guerra, Denise Camargo,  
Tatiana Faria, Uniquap

Grupo PET:  
Alfonso Giacinto, Diego Mota,  
Lia de C. Camargo, Fábio  
Araújo, Isabel Nicolini, Ivana  
Mira, João José, Mariana,  
João Sérgio, Giovana Del Duca,  
José Santos, Marcelo Guimarães

FAU PUC-Campinas:  
Ricardo Moraes de Fátima,  
Aldo Guerra, Denise Camargo,  
Aldo Guerra, Denise Camargo,  
Tatiana Faria, Uniquap

CDD Centro Integrado de  
Documentação Digital  
Rua Dr. Manoel de Barros, 120,  
Campus I, 13089-900  
Campinas SP Brasil  
Tel: 0 XX 19 758.7158  
Fax: 0 XX 19 256.6378  
[visaj@net.puccamp.br](mailto:visaj@net.puccamp.br)

Revista Óculum  
Av. Campinas, E. C. 0140-000  
São Paulo SP, Fone: 2888250  
[oculum@uninet.com.br](mailto:oculum@uninet.com.br)

Apóio:  
Capes, Instituto Brasileiro  
de Design, Uniquap



大  
DADIGITAL



IMPRESSO



O Grupo PET da FAU PUC-Campinas lança neste mês de agosto o "Jr. – Jornal de Resenhas", que trará em cada número uma resenha de um livro sobre arquitetura, urbanismo ou demais assuntos afins. Os livros comentados fazem parte do acervo do Centro de Apoio Didático e estão à disposição dos interessados.

Os autores das resenhas são os alunos do Grupo PET, iniciando uma nova frente de estudos dirigidos. Além de constituir um importante incentivo à leitura de textos importantes em nossa área de conhecimento, a iniciativa visa aproximar ainda mais o Grupo da vida cotidiana de nossa escola com uma prestação de serviço relevante. Os leitores estarão assim informados não só dos novos títulos disponíveis como também do assunto tratado, das abordagens teóricas, das obras referidas e dos dados técnicos (título, autor, editora). O "Jr." está sendo veiculado inicialmente em dois formatos distintos: jornal mural afixado em pontos importantes da nossa escola e versão para internet. Para as pessoas interessadas em colecionar todos os números, eles ficarão disponibilizados em arquivo para Download em nosso website. Quem quiser, basta acessar, chamar o arquivo desejado e imprimir em casa.

Grupo PET da FAU PUC-Campinas PET é a sigla para Programa Especial de Treinamento. Trata-se de um projeto da CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – destinado a alunos que demonstrem potencial destacado em seus cursos de graduação. Os alunos participantes recebem bolsa de estudos durante todo o período de graduação e desenvolvem atividades extracurriculares que favoreçam a formação acadêmica visando a futura integração ao mercado de trabalho ou aos programas de pós-graduação. Um Grupo PET é composto de alunos-bolsistas e um professor-tutor. O Grupo PET da FAU PUC-Campinas existe desde 1992 e já teve à sua frente as professoras Ivone Salgado e Maria Lúcia Refinetti Martins. Atualmente, Abílio Guerra é o professor-tutor do Grupo, que conta normalmente com 11 alunos.

Os quatro primeiros números do "Jr." traz resenhas dos seguintes livros: *Tarsila do Amaral, a modernista*, Nádia B. Gotlib, Senac (resenha de Giovana Del Duca); *Arquitetura escolar e política educacional*, FDE (Júlia Sara); *Arquitetura da modernidade*, Leonardo Barci Castriota, UFMG; (Fabrício Araújo); *Le Corbusier. Rio de Janeiro 1929-1936*, CNU-RJ (Alexandre Tonetti).

## TGI da FAU PUC-Campinas é finalista no Prêmio Paviflex óculum@uninet.com.br

Arquiteta Symonne Costa da Fonte, graduada na FAU PUC-Campinas em 1996, teve seu trabalho final de graduação classificado pelo júri nacional entre os 25 trabalhos que compoem a mostra do 11º Concurso Paviflex 1999 e publicados em CD-Rom. Dos 25 projetos classificados, 20 receberam menção honrosa e 5 receberam o Prêmio Paviflex e serão publicados na revista AU – Arquitetura e Urbanismo. A divulgação dos 5 premiados acontecerá somente na solenidade de premiação, no dia 18 de outubro próximo.

O projeto de Symonne Costa da Fonte é uma proposta de renovação urbana para área central na cidade de São Paulo. A região onde se localiza a praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo, é um segmento da cidade já bastante denso e consolidado, de uso misto residencial e comercial. Apesar desta realidade, a princípio positiva, a praça é um espaço público de poucos atrativos e muito pouco utilizada pela população. Nos anos 70, em função dos grandes projetos viários da época, a Praça Roosevelt foi totalmente destruída para a construção do eixo viário leste-oeste e, posteriormente, foi reconstruída e conformada como hoje a conhecemos. O TGI de Symonne foi orientado pelos professores Wilson Ribeiro dos Santos Jr. (Caracol), Denio Benfatti, Janie Duduch, Roberto Assunção e Joaquim Caetano.



**IV BIA: projeto para a Cidade Universitária em Buenos Aires**  
Diego Wisnivesky, Buenos Aires  
dwisny@hotmail.com



Projeto de Nova Cidade Universitária de Buenos Aires, arquitetos: Baudizzone, Lestard e Varas. Foto: Alejandro Levaratto.

A atual cidade universitária de Buenos Aires está localizada no setor costeiro norte da cidade. O novo projeto, em atual desenvolvimento no escritório de Alberto Varas, representa a primeira intervenção contemporânea natural em Buenos Aires, uma vez que o desenvolvimento do projeto de Puerto Madero e a Reserva Ecológica permanecem ainda em discussão.

A ocupação de terrenos vazios como os que rodeiam os pavilhões da cidade universitária, a reinserção de fragmentos monofuncionais como o campus e a paisagem urbana contemporânea da cidade são parte dos novos problemas que enfrenta Buenos Aires. Isto se soma ao processo de renovação das infra-estruturas e a reconstrução dos interstícios do tecido nos bairros consolidados da cidade.

Buenos Aires não conhece ainda os benefícios das necessárias intervenções contemporâneas sobre sua paisagem urbana e natural, sobre sua costa e sobre seus novos espaços abertos.

Desta forma procura-se encontrar um equilíbrio entre a presença da natureza: a paisagem natural e a presença da cidade: infra-estruturas, usos recreativos, equipamentos, passeios públicos e principalmente – como em toda intervenção de grande escala – trata-se de resolver a identidade da área dentro de uma concepção que valorize os elementos naturais e ao mesmo tempo trabalhe com os novos equipamentos urbanos.

#### "Metropolis - Buenos Aires 2000"

O desenvolvimento do projeto para a Cidade Universitária, junto com o projeto para a área de Retiro, fazem parte do trabalho de pesquisa de Alberto Varas, publicado em seu livro "Metropolis - Buenos Aires 2000". Neste trabalho, Varas desenvolve o estudo do atual crescimento urbano defendendo a monumentalização de fragmentos urbanos para a nova definição dos limites da cidade, em um momento em que a cidade de Buenos Aires se enfrenta com o crescimento e a consolidação do tecido metropolitano em direção ao rio de la Plata.

Baudizzone, Lestard, Varas arquitetos  
Alberto Varas (1943), desenvolve sua prática profissional desde 1968 associado com os arquitetos

Miguel Baudizzone e Jorge Lestard. Autor de numerosas obras construídas e projetos de concursos premiados e publicados na Argentina e no exterior, Varas é professor titular de arquitetura e teoria da arquitetura na Universidade de Buenos Aires, FAU-UBA. Foi professor convidado em diferentes universidades na Europa e nos Estados Unidos e é co-diretor do projeto "Metropolis - Buenos Aires 2000" em convênio com a universidade de Harvard. Desde 1995 é diretor do Laboratório de Arquitetura Metropolitana e Urbana na Universidade de Palermo.

Entre os projetos já desenvolvidos pelo escritório estão o projeto para os Docks 7 e 8 em Puerto Madero (1994), o Auditório para a cidade de Mendoza (1995), o projeto para a área de Retiro (1996), o projeto Vila Olímpica para a Candidatura de Buenos Aires 2000 (1997) e o projeto para a Cidade Universitária (1998).

#### Exposição na IV BIA

Com o apoio da revista *Ocúlum*, a IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo contará com sala especial exibindo dois projetos do escritório Baudizzone, Lestard, Varas para Buenos Aires: reurbanização do Bairro do Retiro e nova Cidade Universitária.

O arquiteto Alberto Varas estará no Brasil em novembro, para a abertura da exposição, e em dezembro, para proferir palestra no Fórum de Debates da IV BIA, onde apresentará conceitos e idéias desenvolvidas em seu livro "Metropolis - Buenos Aires 2000" e conduzirá um workshop junto a professores e alunos da FAU PUC-Campinas.



## Xalapa no México: sua história e seu urbanismo

Juan Pablo Arellano, México  
felice@dino.coacade.uv.mx

Na história existem várias formas de expressar a evolução humana, desde o mais simples cotidiano até complexos processos de civilização que tomam o controle do espaço e da própria história marcando profundamente até hoje estes processos urbanos: como parte de construções de identidade, como parte da história viva.

A maioria das cidades do México foram traçadas sob o modelo de um plano retangular na forma de um tabuleiro de xadrez, sempre se adaptando ao seu espaço geográfico, partindo de uma praça central e organizando-se a partir da divisão das funções tradicionais, como modelo de estruturação do espaço intra-urbano devido à organização social e política do governo dessa época.

Cada imagem que hoje vemos, representa em si mesma uma época na história, uma vida, que identifica um povo como parte de um passado intrínseco à sua arquitetura. Propomos o seguinte: 1) mostrar o modelo de urbanização que se vive em Xalapa a partir do século 16 com o assentamento de famílias espanholas; 2) analisar os projetos de urbanização partindo das características do povoado de Xalapa e outros; 3) destacar as principais influências dos franciscanos nas construções religiosas dos lugares onde se supõem que estiveram.

A disputa pelo poder absoluto entre civis e religiosos permaneceu até os últimos anos do século 16. Durante esse período, foram os frades que se ocuparam de fundar e consolidar a grande maioria dos assentamentos humanos da Nova Espanha. Assim, quando se fala do urbanismo novo-hispânico, geralmente se alude à fundação das grandes cidades, supondo certa homogeneidade no funcionamento das cidades mexicanas onde se concentraram os espanhóis. O urbanismo em Xalapa se dá a partir da chegada das famílias espanholas, que estabeleceram o traçado urbano, levando em conta a riqueza de suas terras e o papel estratégico de seus caminhos, resultando em um grande assentamento populacional. A construção de suas ruas constituiu a lógica reticular de traçado urbano, que seria seguido na maioria das cidades coloniais. A entrada vinha do Caminho Real até a rua principal, atravessando os bairros tradicionais de San José, La Asunción e Xalictic, subindo a rua da Amargura até entrar novamente no Caminho Real.

É em volta desse traçado que a população espanhola e mestiça foi levantando suas habitações. A partir desse caminho começa o processo de urbanização com a construção do convento de San Francisco, o hospital da Imaculada Concepción e a cadeia da vila, o Palácio da Justiça. Xalapa, como muitas cidades mexicanas, tem diversos problemas de conservação de seu patrimônio histórico, sobretudo pela pouca importância que as autoridades dão aos edifícios mais antigos. O patrimônio cultural dos centros históricos devem ser resgatados como presença de um passado íntegro, nos oferecendo uma identidade como habitantes.

Juan Pablo Arellano Martínez é professor do Instituto de Investigaciones Históricas Sociales da Universidad Veracruzana

## Um pouquinho de Brasil em Berlim

Jane Victal Ferreira Duduch  
janeduduch@sti.com.br

O CAV vem trazer, ao Espaço Cultural Planet Idiomas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, a exposição de um caso muito peculiar de exportação Cultural. Trata-se da recuperação de um dos conjuntos habitacionais da herança soviética em Berlim Ocidental que ganhou, além do calor das nossas cores mais populares, obras da melhor estirpe artística brasileira – o projeto prevê, em cada um de seus quatro acessos, obras de Amílcar de Castro, Frans Krajcberg, Siron Franco e Miguel dos Santos. A arquitetura cuidada do escritório Brasil Arquitetura (arquitetos Francisco de Paiva Fanucci e Marcelo Carvalho Feiraz), projeto ganhador do concurso internacional para o loco, concorda magistralmente a reatualização para a humanização do que antes integrava ao mar cinzento dos conjuntos habitacionais pré-fabricados construídos entre as décadas de 60 e 80. A reconstrução da nossa herança cultural proposta através desta reatualização não manteve-se na abrangência da memória recente mas lançou-se muito além desta através de uma experiência com os índios descendentes do grupo linguístico *Mbyty-Guaricury*, os *Kadiwéu*. As próprias índias foram mobilizadas para participarem da elaboração de grafismos que o escritório encaminhou à fabricação dos azulejos utilizados nas elevações e espaços de passagens dos edifícios. O conselho da tribo, de origem no Mato Grosso do Sul, fez então um concurso entre 60 índias resultando em 400 desenhos, dos quais seis foram aproveitados integralmente.

Os arquitetos Marcelo Feiraz e Francisco Fanucci, autores do projeto, farão palestra na FAU PUC-Campinas no dia 10 de agosto, às 14h, no anfiteatro-sala 805.

Exposição de 02 a 12/08/99. Horário das 9:00 às 16:30h. Espaço Cultural Planet Idiomas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Campinas, Tel: 09418-755-7002



Reatualização do Bairro Amalek em Berlim-Ocidental, escritório Brasil Arquitetura

## Derrubem o Palácio dos Bandeirantes

Gilberto Dimenstein  
gdimen@uol.com.br



Acima: Vale do Anhangabaú. Abaixo: Praça D. Pedro. Fotos: H. Kira

Circula nas altas escalões do governo de São Paulo uma ousada operação imobiliária – tão ousada que obrigaria Mário Covas a abandonar o Palácio dos Bandeirantes. Desde 1997, são desenvolvidos estudos para retirar o palácio do bairro do Morumbi, colocando-o no centro da cidade. Mais especificamente no edifício Patriarca, viaduto do Chã, ocupado pelo Banespa, com vista ao Vale do Anhangabaú. Pensada para reverter a deterioração da região central, a mudança saiu da gaveta da burocracia, encarada com crescente simpatia pelo governo. Não vou medir elogios: é uma excelente idéia. Só uma mentalidade subdesenvolvida e indigente engendria a transferência, como ocorreu, da sede de um governo para um bairro da plutocracia, longe de raízes históricas.

A proposta vai além da operação imobiliária. É uma peça na recuperação da paisagem humana. Já existe um movimento articulado pela sociedade civil em parceria com a prefeitura para valorização do centro. É uma parceria que implica da mudança de zoneamento, reforma de prédios, incentivos fiscais para quem recupera patrimônio tombado, até cuidar de meninos de rua ou dos jardins. Alguns desses prédios (antiga sede do Deops e estação Júlio Prestes) se transformam, agora, em espaços de concertos e ensino de música. Uma cidade sem um centro histórico preservado, vivo, respeitado, é uma cidade sem identidade, desfigurada.

A auto-estima do paulistano anda tão por baixo que a desorença é generalizada: imagina-se que estejamos fadados ao irreversível colapso urbano. Idéias como transferir sede de governo são vistas como uma tentativa nobre de enxugar gelo. Esse pessimismo é cretino. Cretino porque desinformado. São Paulo é onde mora o capital humano mais sofisticado e abundante do país. Por isso, só por isso, é a cidade mais interessante do país, núcleo central da pujança criativa. Somos assim não só por causa dos motivos paulistanos – mas, em especial, porque São Paulo é a síntese brasileira, foco de atração dos talentos em busca do progresso pessoal.

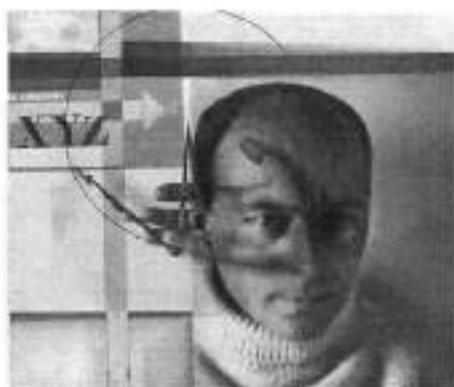
Está aí a matéria-prima para transformação de uma cidade: o aglomerado de talentos pessoais. Também juravam que Nova York estava irreversivelmente fadado ao colapso. Sua pujança econômica e cultural faz hoje de Paris, Roma, Tóquio ou Londres localidades provincianas. Quando cheguei a Nova York, em 1995, Times Square, região dos teatros, era o símbolo da deterioração. Com sua genialidade sarcástica, o jornalista Elio Gaspari, ex-morador de Nova York, me aconselhava o que fazer quando tivesse saudades da Folha de S.Paulo, localizada na Barão de Limeira, na fronteira da cracolândia: "Passe algumas horas em Times Square". Menos de três anos depois de minha chegada, Times Square estava limpa, saíram as casas de pornografia, sumiram traficantes, prostitutas, tráfico de drogas. Na rua com pior fama, começou a funcionar um teatro infantil da Disneylândia. Quando o grupo Disney apostou naquela rua virou motivo de chacota nacional – hoje é o grupo que ri, com tanto dinheiro que está fazendo com o investimento. Por isso, é só por isso, levei a sério quando na semana passada de um empresário (Mário Gamero, da Brasilinvest) anunciou que pretende construir o prédio mais alto do mundo em plena cracolândia. É um prédio de 103 andares, destinado a ser um centro de negócios e residencial, num investimento de US\$ 1,2 bilhão. Vi muita gente olhar com desconfiança – mais do que a desconfiança ao empresário, cujo nome ainda se associa a conflitos com a Justiça, as pessoas vêem improváveis chances de São Paulo dar a volta por cima. Derrubar o Palácio dos Bandeirantes é um ótimo recomeço para fazer as pessoas levarem São Paulo mais a sério.

PS – Por coerência, a Assembleia Legislativa deveria sair do Ibirapuera, também acompanhando o caminho do centro histórico. Não faltam imóveis que poderiam ser adaptados, sem provocar prejuízos – as vendas das sedes atuais tanto do governo como do legislativo fariam com que se economizasse dinheiro público.

Publicado no jornal Folha de São Paulo, 10 de maio de 1999. Re-publicado com autorização do autor.



Museu de Arte Contemporânea de Barcelona expõe El Lissitzky  
Affonso Örciulo  
oculum@arch-mag.com



Auto-retrato (Ochromat), 1924. Galeria Tretiakov, Moscou

Pintor, tipógrafo, desenhista gráfico e arquiteto, o artista russo El Lissitzky (1890-1941) teve sua carreira artística mais conhecida como pintor. Em 1919 é nomeado catedrático na Escola de Artes Gráficas e Arquitetura de Vitebsk, dirigida por Marc Chagall, onde travou contato com Malevich. No mesmo ano, pintou uma série de obras abstratas que denominou *Prout* (про-уновы: para uma renovação da arte), como explica: "Criei o Prout como uma estação de enlace entre a pintura e a arquitetura. Se trata de articular o espaço por meio de linhas, planos e volumes". A partir destes princípios, em 1926 projeta para a Exposição Internacional de Arte de Dresden um sistema inovador para instalar obras de arte, que incluía painéis móveis, com superfícies metálicas e de madeira. Entre as obras que se expunham, além de seus quadros, figuravam os de Mondrian, Leger, Moholy-Nagy, Gabo e Picabia. No ano seguinte cria o Gabinete Abstrato para o Museu de Hannover, um espaço dinâmico que apresentava obras penduradas em diferentes alturas e sobre superfícies variadas, obrigando o espectador a enfrentar-se aos objetos expostos de uma forma inusitada. A exposição no MACBA se centra na segunda fase do artista, quando no meio dos anos 20 abandona a pintura e se concentra no uso da fotografia, fruto de suas estâncias na Europa Ocidental entre 1922 e 1925, quando conheceu a Hans Arp e Kurt Schwitters. Neste período realiza diversos autorretratos, utilizando a técnica da dupla exposição fotográfica, assim como fotomontagens e as primeiras experiências com o fotograma. Encarregado de projetar o pavilhão soviético para a exposição de Colônia em 1928, Lissitzky retorna a Moscou em 1925, o que lhe possibilitou conhecer a Bauhaus. A partir de 1932, Lissitzky e sua esposa Klüppens trabalham na revista mensal de propaganda soviética *SSSR no stroike* (URSS em construção), participação ativa até o ano de sua morte. A exposição apresenta obras provenientes de coleções privadas e de diversos museus, além do arquiteto privado de seu filho Jen Lissitzky, algumas destas apresentadas pela primeira vez na Europa Ocidental.

Museu d'Art Contemporain de Barcelona até o dia 5 de setembro. [www.maco.es](http://www.maco.es)

## Momentos de Radicalismo na Arquitetura

Ana Paula Baltazar, Inglaterra  
ana.santos@ucl.ac.uk

O RIBA – Royal Institute of British Architects – está promovendo um evento esclarecendo a importância da arquitetura, principalmente dos seus momentos de radicalismo, no processo de desenvolvimento da Inglaterra, tanto político quanto socio-cultural, nesta segunda metade do século. O evento foi programado em três partes, sendo uma série de três palestras e duas exposições.

A série de palestras – *Free Radicals* – aconteceu no início de junho e focou a prática do radicalismo na arquitetura britânica, começando com Will Alsop, passando pelo muf e fechando com Peter Cook, que traçou, de maneira inusitada, um perfil das influências no design nos últimos 35 anos através da história simbólica de sua coleção de aproximadamente 60 gravatas.

*Inflatable Moment: Pneumatics and Protest in 68* é a primeira exposição. 1968, em Paris, pode ser considerado o auge de vários anos nos quais arquitetura e espaço estiveram no centro do protesto político e teoria radical. O grupo *Unité*, do qual fazia parte Jean Baudillard, considerava o Modernismo entediante, na melhor das hipóteses, e, na pior, arquitetura do controle. A melhor maneira encontrada para protestar contra a cultura burguesa e sua manifestação arquitetônica foi projetar edifícios e mobiliário cheios de ar quente. A exposição mostra diversos projetos de arquitetos e designers como também algumas peças de mobiliário infláveis. A maioria dos móveis infláveis já é conhecida do público comum, por ter retornado ao mercado, independentemente de sua proposta de protesto inicial. Vale a pena vê-los juntos no seu contexto original.

A segunda exposição – *Manifesto: Fifty Years of British Radicals* – mostra os momentos de radicalismo na arquitetura britânica de 1945 a 1999. Começa por manifestar o que é ser radical em arquitetura, questionando a possibilidade de ser radical num mundo onde tudo se move e se modifica com tamanha velocidade. A exposição desenvolve-se em torno de "manifestos" de arquitetos e mesmo da própria arquitetura que introduziram na Inglaterra momentos de radicalismo. Define-se radicalismo não apenas como o meramente novo ou mesmo como oposição e crítica ao conservador ou tradicional, mas como uma reação irônica e irritante aos sistemas capitalistas, colonialistas e patriarcais. Ser radical não é ser necessariamente revolucionário, mas trazer uma alteração qualitativa, essencial e conceitual para a arquitetura, ou seja, criticar o atual propondo sempre uma solução. A partir desta definição, alguns momentos de radicalismo da arquitetura britânica são exibidos: Os Smithsons, Cedric Price, Archigram, Walter Segal, Community Architecture, NATO, Matrix, muf, Richard Rogers e Neil Spiller. Fica claro, ao final da exposição, que os momentos de radicalismo têm sempre em comum a tentativa de conectar ou estreitar a relação dos usuários com os criadores e controladores do espaço arquitetônico.

Exposições: *Inflatable Moment: Pneumatics and Protest in 68*, 14 Jun a 07ago. *Manifesto: Fifty Years of British Radicals*, 08 a 28ago. RIBA, 66 Portland Place, London W 1 N 4 A O England

## Noticiário do Grupo PET Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Nova livraria de Vicente Wissenbach no MCB. Foto Nelson Koz

**ProLivros no Museu da Casa Brasileira**  
Coquetel de inauguração da primeira livraria brasileira especializada em arquitetura, urbanismo, design e paisagismo. Lançamento do *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, de Maria Paula Albemaz e Cecília Modesto Lima, Edição Vicente Wissenbach. 07ago, 11:30h. MCB, av Brig Faria Lima 2705, São Paulo SP, fon 011 210 2564. [www.prolivros.com.br](http://www.prolivros.com.br)

**Curso de Especialização na FAU PUC-Campinas**  
Com o tema *Potamônio Arquitetônico: Teoria e Projeto*, as inscrições estão abertas até 10ago. Pós-Grad, GXX 19 7567088, [pgfau@acad.puocamp.br](mailto:pgfau@acad.puocamp.br)

**ABAL promove evento em São Paulo**  
O Seminário internacional de reciclagem de alumínio acontece nos dias 01, 02 e 03set09. fon 011 5084.1544, [aluminio@abal.org.br](mailto:aluminio@abal.org.br)

**Mostra de capas de livros no Brasil – 3 décadas**  
A Associação dos Designers Gráficos realiza mostra entre 10-15ago. ADG, r Cônego Eugênio Leite 920 05414-001 São Paulo SP, fon 0 XX 11 881.5513

**4ª Bial Internacional de Arquitetura de SP**  
De 20nov a 25jan 2000, no Pavilhão Cicclio Matarazzo, no Parque Ibirapuera, São Paulo. Info: fax 549-0230, [bia@arquitetura.com.br](mailto:bia@arquitetura.com.br)

**Biblioteca CAD – Óculum**  
1. *Desenho de arquiteto*, João Diniz e Sylvia de Podestá, AP Cultural, r Cristina 1207, 30330-130 Belo Horizonte MG, fon 031 342.3566  
2. *Além dos mapas. Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*, Cristina Freire, Annablume, r Ferreira de Araújo 359, 05428-000 São Paulo SP, fon 011 212.6764, [www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)  
3. *Habitat latino-americano*, Roberto Segre, Caderanos de arquitetura Ritter dos Reis nº 1, r Orfanotrófio 555, 90840-440 Porto Alegre RS, fon 051 233.7166, [ritter@ritterdosreis.tche.br](mailto:ritter@ritterdosreis.tche.br)  
4. *Entornos Vitales. Hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano*, Bentley e outros; *Proyecto y análisis. Evolución de los principios en arquitectura*, B Leupen; *La arquitectura de la vivienda unifamiliar. Manual de espacio doméstico*, A Carnoldi; *Ecurbanismo. Entorno sostenibles. 60 proyectos*, Miguel Ruano. *La última casa*, M Gili. Gustavo Gili, Rosselló 87-89, 08029 Barcelona, fon 322.8161, [ggili@seker.es](mailto:ggili@seker.es), [www.ggili.com](http://www.ggili.com)

**A cidade mediada**  
Sidney Tamai e Mirtes Luciani  
stamai@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é uma publicação da Revista Óculum, publicada pelo D-33 da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: [www.puccamp.br/~foad](http://www.puccamp.br/~foad)

**Editor responsável:**  
Adriano Duarte

**Correspondentes:**  
Ana Paula Salazar (inglês)  
Alfonso Ordoñez (espanhol)  
Cristina Meli (italiano) GEM  
Cristina Aguiar (português)  
Lúcia Veloso (francês)  
Jocelyne Monteiro  
Mônica P. Freyre (inglês)  
Sílvia de Oliveira (português)  
Fátima Helena (português)  
Paulo Roberto (português)  
Pedro Moreira (alemão)  
Sandra Cristina (português)  
Viviana Curvelo (português)

**Membros CAPES:**  
André Kozlov, Daniel Ralizer,  
Kleia, Priscila Vieira (Brasil)

**Grupo PET**  
Alexandre Tavares, Diego Waga,  
Elaine Castanho, Fábio Araújo,  
Isabel Piccolotto, Ivair de Miranda,  
Júlia Sere, Gláucia Otton,  
Quero dos Santos, Marcelo,  
Tereza R., Sandra Maria Yane

**FAU PUC - Campinas**  
**Diretor:**  
Ricardo Marques de Azevedo  
**Diretor adjunto:**  
Dora Maria Bortoni  
**Coordenador de curso:**  
Wilson Ribeiro do Santos Jr

**DEO Centro Integrado de Documentação Digital**  
Rod 9 Pedras - Km 126  
Campus 1 - CEP 13089-600  
Campus SP 9061  
Fone: 019 759.7156  
fax: 019 255.8370  
e-mail: [ocul@ocul.puccamp.br](mailto:ocul@ocul.puccamp.br)

**Revista Óculum**  
Alameda Campinas 11  
01.904-009 São Paulo SP  
Fone-fax: 011 2688350  
[ocul@uninet.com.br](mailto:ocul@uninet.com.br)

**Agência**  
D&A, Agência Brasil e  
Do Agiliza, Roba



D&A DIGITAL



IMPRESSO



Foto de Antônio Saggese

"Ali mesma, onde estava, frequentemente não sei onde estou", Milton Santos

"Exista onde não pensa, pensa onde não está", Lacan

"Arte é tomar o invisível, visível", Paul Valéry

"A Cidade Mediada: grafada, fotografada e infografada" é atividade optativa da FAU PUC-Campinas oferecida aos estudantes no 2º Semestre de 1999 pelo Departamento de Linguagem. Nela procuraremos refletir e produzir um outro olhar para nossa Cidade. Para tanto, contamos com um curso de multimídia e a produção de quatro eventos paralelos e autônomos, inseridos em Campinas.

A cidade que se apresenta é representada transitando além dos limites de percepção do instrumento, gerando linguagens. Sensibilidades fotopoéticas e infopoéticas se apresentarão revelando uma cidade onde inexistia até aquela grafia. Uma única e singular cidade vista sob aquele Meio, sob aquele particular Olhar. Algo se torna visível, representável, estranhamente reconhecível. São fragmentos da cidade, construindo pelas diferenças, unicidades. Cidade-linguagem, cidade-inscrição, cidade-sentido.

Tratamos da cidade humanizada quando alguém para ela dirige sua atenção e produz, na diferença entre o desejo de representá-la e o seu resultado, um vestígio. Um vestígio, um sinal que põe em movimento a cadeia de signos. Um caleidoscópio



Foto de Gal Oppido

que reconheça a multiplicidade de significados e sirva de horizonte na produção da cidade nossa.

#### Eventos

Exposição 3 arquitetas, uma linguagem: a fotografia. Antônio Saggese, Daniel Ralizer e Gal Oppido, MAC Campinas, 31 ago-19 set 99. Abertura às 20:30h

#### Mesa Redonda. Professores convidados:

Lucrécia D. Ferrara, José E. R. Paiva, Wilson Mariana, Octávio Lacombe, Daniel Ralizer e André Malavazzi. 31 ago, das 19 às 20h.

#### Palestras "Cidade: Imagem e Imaginário".

Prof. Dra Lucrécia D'Alessio Ferrara, Pós Graduação da FAU-USP; "Visoroma: uma leitura urbana", Prof. Dr. André Parente, Prof. Dr. Diretor da Escola de Comunicações da UFRJ. Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 18 set, das 19 às 22:30h

#### WebCon. Captação de imagens em dois

marcos da cidade de Campinas focando a paisagem e seu fluxo. Disponibilização On Line na Internet: [www.puccamp.br/~fau](http://www.puccamp.br/~fau). Material básico do curso de Intermediária. 31 ago-30 out.

Exposição. Trabalhos de multimídia produzidos pelos estudantes. Espaço Cultural Planet Idiomas, FAU PUC-Campinas. 08-12 nov

Apoio cultural TW Informática, Conselho Campinas, Planet Idiomas e Base Aerofotogrametria e Projetos

**Duas exposições: viagem de estudos e intercâmbio**  
[oculum@uninet.com.br](mailto:oculum@uninet.com.br)

#### Arquitetura do Rio de Janeiro

Dando prosseguimento às atividades optativas da FAU PUC-Campinas, aconteceu em maio de 1999 uma viagem de estudos à cidade do Rio de Janeiro. Tendo à frente as professoras Áurea Pereira da Silva e Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, uma equipe de 30 alunos fizeram uma visita guiada a diversos edifícios representativos da arquitetura carioca.

Coube aos alunos um estudo histórico e iconográfico de conjuntos arquitetônicos construídos desde o período colonial até hoje - Mosteiro de São Bento, Convento Santo Antônio, Paço Imperial, Jardim Botânico, Casa França-Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil, Aterro do Flamengo, MEC, Casa da Gávea e diversos outros - que resultou na presente exposição.

#### Em terras estrangeiras

Visando divulgar os intercâmbios que alunos da FAU PUC-Campinas vêm realizando há alguns anos com escolas de arquitetura de vários países e estimular uma troca de experiências em culturas estrangeiras, o grupo PET (Programa Especial de Treinamento da CAPES) da nossa escola organizou exposição de trabalhos de alunos e ex-alunos tendo como tema os intercâmbios acadêmicos realizados.

Além da experiência acadêmica, serão apresentadas as mais variadas facetas do intercâmbio: participações em escritórios de arquitetura, viagens e excursões para outras localidades ou países, cultura local, festas, amigos, etc.

A intenção é que a partir desta ocasião se estabeleça um diálogo entre os intercambistas e as diversas instâncias de nossa escola, possibilitando que as experiências individuais sejam assimiladas coletivamente, consolidando as experiências já realizadas e incentivando novos alunos a realizarem intercâmbios no exterior.

#### Arquitetura do Rio de Janeiro: viagem de estudos.

Exposição de trabalhos realizados por participantes de atividade optativa. Organização: Professoras Áurea Pereira da Silva e Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. Realização: Centro Audiovisual - DAV. 30 ago-09 set 99. Em terras estrangeiras. Exposição de experiências de intercâmbio dos alunos da FAU PUC-Campinas. Organização: Grupo PET CAPES. Realização: Centro Audiovisual - DAV. 08-17 set 99. Local: Espaço Planet Idiomas, FAU PUC-Campinas, Campus 1, Av. 019 759.7083

## Olhares do leste europeu sobre o Rio de Janeiro

Roberto Segre

bobsegre@acd.ufrj.br



Peter Fuss, film de Zsolt Enyedy sobre Lagoa Rodrigo de Freitas

Rio. Palavra que designa uma corrente de água, é sinônimo de abundância, fluidez e fertilidade. A partir do século 16, assumiu uma identidade precisa: no imaginário geográfico e urbano mundial, as três letras foram associadas à cidade do Rio de Janeiro. Resulta paradoxal denominar uma urbe por seus atributos geográficos: primeiro, os portugueses Pero Vaz de Caminha em 1500 e Gonzalo Coelho em 1504, incapazes de achar palavras precisas para descrever a incomensurável baía de Guanabara, inferiram a existência de equidistantes rios brotando de insólitas colinas. Logo, parafraseando ao escritor Carlos Heitor Cony, a presença de “dois sacerdotes pagãos” – os morros do Pão de Açúcar e do Corcovado – definiu a iconicidade de sua imagem. Para os europeus, Rio constituiu o paradigma da natureza virgem tropical, do paraíso reencontrado, do espaço não contaminado devido a inocência do “bom selvagem” latino-americano. Cabe supor que antecipando a categoria do “real maravilhoso” do cubano Alejo Carpentier, o almirante francês Nicolas Durand de Villegaignon, desejoso de consolidar a França Antártica (1555), se manteve na pequena ilha frente a terra firme, para regalar-se quotidianamente com o magistral cenário da paisagem carioca.

Finalmente, os portugueses decidiram assentar-se neste marco natural e em 1565 Estácio de Sá fundou a futura Rio com o nome de São Sebastião. O processo de urbanização lusitano foi alheio à normativa cartesiana das hispânicas Leis das Índias, permitindo o diálogo e a simbiose entre trama e topografia. A localização de igrejas e conventos nos morros da área central – Santo Antônio, São Bento, Castelo, Nossa Senhora da Glória – expressaram uma relação dialética com a expansão do tecido viário e os monumentos nos espaços planos da cidade. Equilíbrio perdido no século 20, quando o modelo acadêmico que identificaria a capital do país, assumido pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), impôs a regularidade dos traçados monumentais que motivaram os desmontes dos morros de Castelo e Santo Antônio. Sem dúvida, mesmo diante da “inata maldade dos homens” como afirmou Oscar Niemeyer, a natureza resistiu à perversão da metrópole.

Ao celebrar-se no Rio a reunião de presidentes latino-americanos e da Comunidade Europeia (junho 1999), os dirigentes do CAL-RJ – arquitetos Jorge Czajkowski e Fernando Sendyk – exibiram a

obra de 3 artistas da Europa Central que elaboraram uma visão original da cidade na década de 30: o arquiteto e desenhista húngaro Géz Heller (1902-1992); o pintor polaco Bruno Lechowski (1887-1941) e o fotógrafo amador alemão Peter Fuss (1904-1978). Porque insistir neste período, a mesma das documentadas exposições já realizadas sobre o Art Deco e as visitas de Le Corbusier ao Brasil (1929-36)? Justifica-se pelo fato de que o período de entreguerras constitui um *turn-point* da modernidade carioca; o clímax do ansiado equilíbrio entre arquitetura e paisagem, cujo principal ícone é o Cristo Redentor do Corcovado (1926-31). De um lado, a equipe comandada por Lúcio Costa e assessorada por Le Corbusier (1936-41) projeta o Ministério de Educação e Saúde, emblemático do Movimento Moderno na América Latina; de outro, surge o bairro de Copacabana, modelo do hedonismo burguês, uma vez recuperado o sistema financeiro dos efeitos da Grande Crise de 29. Não é casual então que promotores imobiliários norte-americanos tenham vindo ao Rio para estudar o processo de urbanização ao longo das praias, modelo logo aplicado em *Miami Beach*.

A cidade maravilhosa atrai como um ímã a busca de experiências inéditas por parte de americanos e europeus, facilitadas pela proliferação de transatlânticos, aviões e dirigíveis que encurtavam as distâncias entre continentes. Para os primeiros, ela sintetiza as qualidades essenciais do exótico tropical da América Latina, integrada na imagem unitária do “pan-americanismo” promovido pelo *New Deal* de Roosevelt. Para os segundos, a natureza exuberante do Rio representa a liberdade, a criatividade, a imaginação, a beleza pura, a ruptura de ataduras às normas, a sistemas formais rígidos e impositivos inerentes a uma cultura ancestral e estabilizada. Daí as palavras de admiração de Le Corbusier pelo Rio, ponto culminante de suas inéditas experiências da paisagem continental, “vértice coroado como fogo de artifício”.

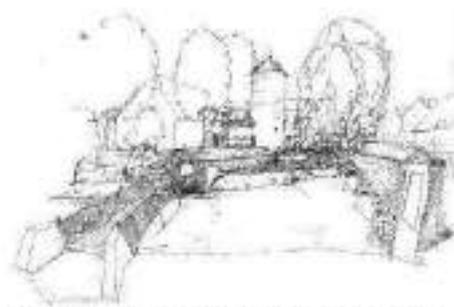
A originalidade da exposição está na coincidência dos olhares sobre a cidade e o diversidade de meios expressivos empregados. Heller, Lechowski e Fuss, vindos da convulsionada Europa Central, minada pelas tensões raciais e políticas que desataram o nazismo e o anti-semitismo. Emigrados de países cuja atmosfera se tornava cada vez mais rarefeita devido o dogmatismo e a intolerância, intuíram o significado das negras riuvers que anunciavam a 2ª Guerra Mundial. Daí a visão apaixonada da diafanidade e luminosidade do céu carioca; as sensuais formas dos morros acariciados pelas ondas marinhas; a profundidade das sombras nos verdes bosques da Floresta da Tijuca e o frenesí construtivo que substitui aceleradamente as construções coloniais e acadêmicas por edifícios modernos. Eles conseguiram, através de inspirados desenhos, pinturas e fotografias, documentar momentos felizes e esperançosos da história urbana do Rio.

Exposição Rio: Olhares do Oeste. Géz Heller, Bruno Lechowski, Peter Fuss. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Jun-ago98. Leia todo na íntegra na internet:

## A dialética construtiva do antigo e do contemporâneo

Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti

maria-cavalcanti@baunetz.de



Waschhaussteig, Lübz, Alemanha. K. Brendle e S. Bergermont

Intervir em áreas antigas não significa apenas realizar uma contextualização simplista ou releitura banal de linguagens figurativas e adequar nova forma construída aos parâmetros urbanos e arquitetônicos das preexistências. Nem reproduzir formas, ornamentos e decorativismos anacrônicos do passado: isto é pastiche.

É preocupante a obsessão com os revivals em algumas correntes da arquitetura pós-moderna deste final de século, que Lina Bo Bardi acertadamente definiu como “retromania”. Nesta onda de angustiante nostalgia e incapacidade de viver o presente (Krier), aberrações pseudo-classicistas (Bofill), metáforas e anedotas (Groves), e farsas do passado (Quinlan Terry), a autenticidade histórica da cidade é violada: o novo não se distingue do antigo.

A construção da cidade exige o respeito pelo antigo e, principalmente, a coragem de ser contemporâneo, de construir e projetar de acordo com a linguagem, estética, valores, tecnologia e os materiais atuais. Assim é o *Waschhaussteig*, uma ponte para pedestres sobre o Rio Elde, em Lübz, de Klaus Brendle, cujo projeto nitidamente atual não se deixa seduzir pelo fetichismo formalista do passado e explora as possibilidades estruturais do concreto e do aço na concepção de uma estrutura leve, transparente e funcional.

Lübz é uma pequena cidade do século 13 localizada na região leste da Alemanha e esta nova ponte está localizada na vizinhança imediata do edifício do *Amtshaus*, originalmente o sede da administração local (atual *Stadtbibliothek, Volkshochschule e Rathaus*), das ruínas da torre do antigo castelo, e da estrutura maciça de uma ponte de veículos do século 19 construída em tijolo e pedra. O *Waschhaussteig* estabelece um contraste formal intencional com as pesadas estruturas dos edifícios antigos e com a ponte existente, deixando à mostra todo o sistema de funcionamento e elementos de sua estrutura, tais como os tirantes e suportes, e os parapeitos elaborados numa rede de aço.

O *Waschhaussteig* é um elemento novo e necessário à vida contemporânea da cidade de Lübz. O purismo e funcionalidade de seu design, sua articulação legível com a ambiência do centro antigo e com a sua paisagem natural e a coerência com o momento histórico atual, evita uma relação ambígua com o entorno e dá continuidade à sua história urbana e arquitetônica.

Maria de Betânia Cavalcanti é PhD em História Urbana (Delfin)

## O arquiteto em reflexão

Henk Döll, Mecanoo Architecten  
info@mecanoo.nl



Biblioteca da Universidade de Delft, Mecanoo Architecten

A fábrica Van Nelle em Roterdã, a casa Rietveld-Schröder em Utrecht, a Casa Maira em Normank e os laboratórios e escritórios das Ceras Johnson em Racine são exemplos já bastante analisados de arquitetura do início do século 20. Todos admirados por terem avançado a disciplina de alguma maneira radical – através da concepção espacial e formal, a invenção do tipo de construção ou inovação tecnológica. No entanto para nós, esses prédios formam um grupo coerente, não por causa de alguma heróica causa ideológica em comum, mas porque são todos resultado de um relacionamento inspirador entre cliente e arquiteto. Essas relações eram, no entanto, muito mais que profissionais; foram baseadas na amizade, em contatos pessoais e geralmente duraram a vida toda.

Os tempos mudaram. Existem exemplos mais recentes de colaborações intensas entre clientes individuais e arquitetos (por exemplo, o Instituto Saik e a Galeria Menill), mas esse tipo de envolvimento tende cada vez mais a ser uma exceção à regra. O mais comum é o envolvimento de muitas pessoas – geralmente com interesses conflitantes – nos processos de concepção e construção. O cliente não é mais um proprietário individual com quem o arquiteto pode desenvolver um relacionamento pessoal e profissional gratificante, mas antes uma série de organizações de estruturas não muito claras e com processos imprecisos para tomadas de decisões.

O termo cliente ganhou uma definição mais complexa que no passado. Pode se referir ao cliente profissional que constrói regularmente – construtoras, prefeituras, universidades – ou a um indivíduo ou instituição empenhado em um primeiro e único projeto de construção. Além disso, por cliente subentende-se também os futuros usuários do prédio e o público que se leva em conta no processo de criação. A função do arquiteto é coordenar o trabalho de inúmeros profissionais de papel fundamental na concretização de um prédio. A arquitetura refinada não surge do laboratório de um arquiteto trabalhando em isolamento. Um projeto meticulosamente planejado só pode ser resultado de uma colaboração inspirada entre clientes, usuários, público, consultores e o arquiteto. É importante que todas as pessoas envolvidas sintam-se pessoalmente responsáveis pelo resultado final e só nessa situação é que a assinatura de um arquiteto pode adequadamente enriquecer o projeto.

Estudamos na Universidade de Tecnologia de Delft no final dos anos 70 e início dos anos 80. Em consequência dos distúrbios de 1968, as universidades passaram a dar mais atenção às implicações sociais do trabalho acadêmico. Foi uma época inspiradora para se estudar arquitetura, um ponto de transição por causa da combinação de questões sociais e projetos arquitetônicos e a incorporação de preocupações sociais e culturais dentro da prática profissional. *Architecture and Utopia*, de Manfredo Tafuri e *Towards a non-oppressive environment*, de Alexander Tzonis, eram textos importantes, influenciando-nos a formular novos papéis como profissionais engajados na sociedade.

Em seu livro *The Reflexive Practitioner – How professionals think in action*, o falecido Donald A. Schön examina cinco disciplinas – arquitetura, psicoterapia, engenharia, planejamento urbano e administração – para explicar como os profissionais buscam soluções. De um lado, Schön apresenta o ultrapassado conceito do profissional como especialista técnico detentor de uma sabedoria extraordinária, status, poder e permissão. Do outro, estão os críticos radicais. Eles atacam os profissionais, acusando-os de serem instrumentos elitistas dos grupos dominantes, que usam seu conhecimento especial para controlar os menos favorecidos e manter o status quo. Segundo Schön, nenhum dos dois extremos oferece uma definição satisfatória do papel que os profissionais deveriam exercer em sociedades cada vez mais democráticas e pluralistas.

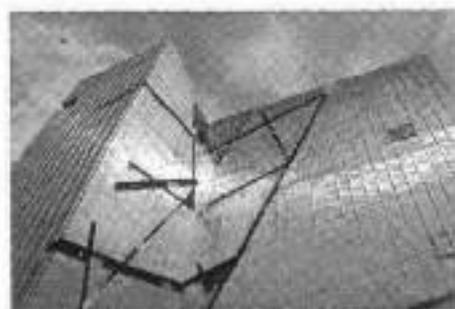
Schön oferece o modelo de reflexão-em-ação. Mais que a resolução de problemas com perícia técnica, a reflexão-em-ação se concentra na definição crítica. O problema é constantemente revisto, reformulado e reestruturado através da interação com essa complexa entidade chamada o cliente – processo que Schön descreve como um diálogo reflexivo com a situação. Dessa maneira, o conjunto da sabedoria profissional deixa de ser organizado e imaculado, mas aberto à incerteza, instabilidade, exclusividade e conflito. O bom senso e a intuição foram adicionados ao racionalismo, podendo influenciar as decisões profissionais.

O trabalho do Mecanoo tem sido chamado de o bandeira do modernismo sem dogma. Ao mesmo tempo, é um modernismo que alguns críticos rejeitam, classificando-o de mera questão de estética e forma. No entanto, o modelo de reflexão-em-ação de Schön pode ser mal interpretado como um processo totalmente orientado. Isso pode ser relevante à outras profissões, mas não se aplica à arquitetura. Para nós, o processo tem a característica de um diálogo. São os meios para um fim. A arte da arquitetura – proporção, composição, espaço, luz, habilidade de construção, e o senso tátil do material – não pode se ajustar a um processo de boas intenções. Na arquitetura, é o artefato que permanece.

Publicado em *Annex* (LeCuijter Ed.), Mecanoo Michigan Architecture Papers, Ann Arbor, Michigan, 1999. Tradução Patrícia Neri. Sala Especial de Mecanoo Architecten na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

## Arquitetura contemporânea: visitando a Europa

Carlos Leite e Mario Figueroa  
cleite@uol.com.br  
mfigueroa@uol.com.br



Museu Judaico em Berlim, Alemanha, Arq. Daniel Libeskind

Grupo constituído por 2 professores e 20 estudantes da FAUMACK visitou Berlim, Barcelona e Paris em doze dias, com sucessivas paradas para discussão conceitual junto às obras visitadas e duas palestras com arquitetos locais: Pedro Moreira em Berlim e Affonso Orciuolo em Barcelona. Assim, imaginamos poder realizar um curso sobre projetos urbanos contemporâneos complementar aquele que realizamos normalmente na escola.

O processo de melhoramento urbanístico de Barcelona, iniciado nos anos 80 com Bohigas, tem uma continuidade invejável. Barcelona mostra a importância da realização contínua de uma série de projetos urbanos de diferentes escalas que fazem do espaço público a maior virtude da cidade – a “capital do verão europeu” é vivida nas ruas e praças, atestando a vitalidade dos espaços urbanos como ponto de convivência social de máxima qualidade num mundo que se propaganda virtual na virada de milênio.

Na França podemos avaliar o processo de reequilíbrio da imagem da cidade e do consequente resgate de sua qualidade de vida. Os Grandes Projetos iniciados por Mitterrand deixam um fruto inexorável: o da continuidade dos investimentos em projetos urbanos e arquitetônicos, como as novas “quadras abertas” junto ao Parc de Bernard Huet (master plan de Buffi); projetos de Lion, Fortzamparc e Ciriani) e o Atelier Brancusi realizado por Renzo Piano na praça do Beaubourg em 98. A visita, via TGV, à Euralille, de Koolhaas, demonstrou a necessidade de se divulgar e debater mais este projeto que foi um turning-point no pensamento urbanístico contemporâneo.

Berlim, maior canteiro de obras do mundo, converte-se em laboratório urbano impar: incontáveis concursos internacionais são realizados para reconstruir áreas urbanas destruídas na guerra. A nova Potsdamer Platz foi desenvolvida por Renzo Piano, com obras de Koolhaas, Moneo, Rogers e Isozaki. Todo o star-system da arquitetura mundial está presente, mas pouco tem se contribuído para o pensamento urbanístico contemporâneo. Talvez apenas Libeskind, com seus projetos urbanos para Alexanderplatz e Landsberger Allee e, obra máxima, o Museu Judaico, tem suscitado alguma polêmica no meio arquitetônico, além de Sir Norman Foster e sua ampliação do Reichstag.

Carlos Leite é arquiteto, mestre e doutorando (FAUUSP) e professor na FAUMACK. Mario Figueroa é arquiteto (FUC-Campesina), doutorando (FAUUSP) e professor na FAUMACK.

## A outra modernidade

Cristina Mehrrens e

Jean-François Lejeune

mehrens@umiami.ir.miami.edu

flejeune@miami.edu



Ed. residencial Floride Garden City, Bruxelas, arc. Eggertsen, 1922

A outra modernidade: a cidade tradicional e sua arquitetura no Século XX – composto de exposição, dois catálogos, e uma conferência internacional – reexaminará o urbanismo e a arquitetura deste século sob duas abordagens: 1) *A outra Modernidade 1900-2000* releva as lições do passado e revisita a história da arquitetura e do urbanismo enfatizando a cidade tradicional enquanto locus de continuidade e reinvenção e 2) *Visões para o Século XXI* volta-se ao futuro e apresenta trabalhos produzidos nos últimos anos deste século, cujas tendências abrem a próximo milênio.

Até recentemente, historiadores da arquitetura usaram o termo *moderno* como sinônimo do movimento modernista e seu determinismo tecnológico. Segundo a mitologia modernista seria natural que as verdadeiras formas produzidas pela arquitetura moderna superassem o revival e o ecletismo. Sob essa ideologia, escritores influentes como Pevsner e Giedion determinavam que projetos e realizações arquitetônicas e urbanas que não se adaptassem às novas tendências modernistas fossem considerados um entrave ao desenvolvimento progressivo ou simplesmente ignorados.

Em contraste à representação modernista da história como um contínuo afastar-se da tradição, esta mostra privilegia a outra modernidade: o trabalho de arquitetos e urbanistas cujas visões de desenvolvimento e progresso não seguiram a ideologia determinista da máquina e da tecnologia e buscaram integrar suas realizações ao urbanismo tradicional das ruas e praças, através de novas experimentos com composições, formas e linguagem urbana. Do mesmo modo, o evento privilegia os ensinamentos das cidades modernas, bairros e cidades novas que adaptaram formas e tipologias clássicas e vernaculares às exigências da vida moderna. Nesses casos, a rua manteve-se enquanto o princípio fundamental de organização do espaço urbano, onde apesar do aumento do uso do carro, o transporte público fez-se mais eficiente e econômico. Esse espaço urbano tradicional foi capaz de conviver com a densidade e a multiplicidade de

funções essenciais à vida social atual. Exemplos históricos passados e contemporâneos, apresentados na exposição, ilustram esta conquista e mostram um caminho na direção de um desenvolvimento urbano sustentável para o próximo século. Diferentes culturas tem projetado, construído e reconstruído cidades e edifícios segundo noções de permanência e continuidade como um meio de estabelecer sentido para elas mesmas e para futuras gerações. Diante das premissas modernistas de um novo mundo, o fato da cidade tradicional e sua arquitetura não terem sido abandonadas é a prova de que carregam valores politicamente corretos e ambientalmente sensíveis. Tais valores manifestam-se através dos tradicionais princípios construtivos, tipologias, e organizações urbanas. As ruas e edifícios expostos na amostra ilustram de que forma técnicas técnicas e materiais como o tijolo, madeira e pedra foram usados, adaptados, e às vezes, reinventados durante esse século. *A outra Modernidade 1900-2000*, examinará importante contribuições urbanas como as cidades-jardins, cidades universitárias, e a reconstrução das cidades devastadas após as guerras mundiais. Movimentos regionais e vernaculares, como o estilo neo-mediterrâneo e as Escolas de Delft e Stuttgart, receberão ênfase especial. A exposição incluiu projetos e trabalhos de Gunnar Asplund (Suécia), Lina Bo Bardi (Brasil), Dom Bellot (França-Canadá), David Brutkus (Israel), Alexei Chichouasev (Rússia), Michel de Klerk (Holanda), Hassan Fathy (Egito), Raymond Hood (EUA), Robert Stern (EUA), Ragnar Ostberg (Suécia), Edwin Lutyens (Inglaterra), Leon Et Rob Krier (Luxemburgo), Luis Moya (Espanha), Auguste Perret (França), Dimitris Pikionis (Grécia), Marcello Piacentini (Itália), Josef Plecnik (República Tcheca), Eiel Saarinen (Finlândia), François Spoerry (França), entre outros.

*Visões para o Século XXI* consistirá de projetos e fotografias originais de edifícios e intervenções urbanas selecionados de diversos arquivos e museus pelo mundo. Apresenta também novos modelos e desenhos, incluindo aqueles computadorizados realizados em diferentes escolas de arquitetura europeias e norte-americanas. Com esta variedade de materiais, os curadores visam criar uma exposição de grande alcance popular, com estudantes de 2º grau, investidores urbanos e poder público.

A Outra Modernidade: Bolonha, Comarcano, depois em Oslo, San Sebastian e provavelmente a Washington D.C.



Complexo residencial Eigenwaard, M. De Klerk, Amsterdam, 1922

## Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso,

encontro e outros eventos culturais



Supercorruas Ala Sul. Foto: Duda Bentes, Arquivo DPMA-CP

**VI Conferência Internacional Docomomo**  
Com o tema *The modern city facing the future*, acontece em Brasília, 19-22set2000. Data final para envio de resumos: 15out99. Info: Docomomo Brasil, UFBA, r Caetano Moura 121, 40210-350 Salvador BA, 071247.3803, docomomo@ufba.br

### Exposições no Centro Cultural São Paulo

1. *Palavras, Imagens, Memórias. Sobre imigração judaica alemã.* Fotografia Anne Rech. Até 05set.
2. *II Mostra do Programa de Exposições.* Sérgio Fingermann, Marcus André e outros. Até 12set. Centro Cultural São Paulo, rua Vergueiro 1000, 01504-001 São Paulo SP, fon 011 3277.3611

### Prêmio Stone de Arquitetura

Par uso de Rochas Ornamentais na arquitetura. Até 10/09. Miller Freeman, r Vanderlei 848, 06011-001 São Paulo SP, fon 011 3873.0081, fax 011 3873.1912, www.mfb.com

**V Encontro Nacional da Habitação, Venezuela**  
Sobre experiências urbanas e habitacionais. De 04 a 07out99. Info: Vivienda 99. Decanato de Investigación, Universidad Nacional Experimental del Táchira (UNET), Av Universidad, Paramillo, San Cristóbal, Estado Táchira, Venezuela, fon (58 76) 530422, fax (58 76) 532454, arqui@unet.ve

### Congreso Mundial do Granito Galicia 99

Com premiação para uso do granito na arquitetura. 11-13nov. Info: c/ areal 138, oficina 7, 36201 Vigo, España, fon 04 886 447.548, fax 449.577, masac@teletel.es, www.congranito99.igatel.net

### Biblioteca CAD – Óculum

1. *Revista Entre Royas, Venezuela.* Contato: Carlos Espejo, fon 818.1168 (SP), cespejo@uol.com.br
2. *Lúcia Costa: documentos de trabalho e Revista do Patrimônio* n° 27. Coordenadoria de Editoração Palácio Capanema, r da Imprensa 16, 9º andar, 20090 Rio de Janeiro RJ, fon 021 220.8485
3. *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, Maria Cristina Leme (org), Fupam / Studio Nobel, r Maria Antonia 108 Fundos, 01222-010 São Paulo SP, fon 011 257.7599, studionobel@livrarianobel.com.br
4. *Arquitecturas del tiempo, Miralles Tagliabue, Gustavo Gil, Rosselló B7-89*, 08029 Barcelona, fon 322.8161
5. *São Paulo, a construção da cidade*, Fotos Cláudio Edinger, texto Pedro Cavalcanti, Instituto de Engenharia, 011 574.7766, ie@uol.com.br

outubro 1999  
ano 4  
edição meses ímpares

## Debates Docomomo São Paulo: um primeiro balanço

Renato Anelli

reanelli@sc.usp.br

Boletim Óculum (informações da revista Óculum, publicado pelo CDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Campinas, em apoio da Graça FET - CAPES. Internet: [www.pucsp.br/~fau/](http://www.pucsp.br/~fau/)

Editor responsável:  
Alcio Guerra

Correspondentes:  
Ata Paula Botelho (Inglaterra)  
Alfonso Orozco (Espanha)  
Cristina Meléndez (EUA)  
Diego W. Wernicke (Argentina)  
Eduardo Aquino (Canadá)  
Luiz Vilasboas (Inglaterra)  
João Topas Venâncio  
M. Pilar P. Pinero (Espanha)  
Oliver de Oliveira (Suíça)  
Paul Mour (Holanda)  
Raulo Merilä (Finlândia)  
Rafael Mônica (Alemanha)  
Rafael Guerra (Argentina)  
Walter Corral (Chile)

Membros CDD:  
André Caplan, Daniel Carneiro,  
Francisco Maria Davini

Equipe PPT:  
Alexandre Tonetti, Enzo Vacci,  
Diana Castanheira, Fábio Assis,  
Ja. Isabel Nicolini, Ivana M.  
Santos, Jussara Serna, Mariana Dal  
Estrada Santos, Marcelo  
Savrinan, Sandra Mello Yano,  
Tatiana Otto Morgado

RAU PUC-Campinas:  
Diretor:  
Francisco Marques de Azevedo  
Diretor adjunto:  
Conceição Benetti  
Coordenador de curso:  
Nilson Ribeiro dos Santos Jr.

CDD Centro Integrado de  
Documentação Digital:  
Rua D. Pedro I - Km 138  
Campus I - CEP 13069-000  
Campinas SP Brasil  
Fone: 018 3598.7158  
Fax: 018 255.6376  
cdd@ccia.pucacamp.br

Revista Óculum:  
Av. São José 011 30888-000  
oculum@pucnet.com.br

Apple  
Apple, Cases e Design: Gestalt



DAIDIGITAL



IMPRESSO



O grupo paulista do Docomomo realizou, na sede da pós-graduação da FAU-USP, dois debates sobre importantes exemplares modernos de São Paulo: o Masp e o Complexo Tecelagem Parahyba em São José dos Campos. A modalidade adotada vem sendo realizar, sob a coordenação de um membro do Docomomo, um debate com representantes de entidades envolvidas com esses bens, de entidades de preservação do patrimônio e do Ministério Público sobre sua situação atual e suas perspectivas.

No debate sobre o Masp a discussão foi prejudicada pela ausência de várias representações convidadas, entre elas a do próprio Museu, do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e do Conpres. Mesmo assim, a presença de representantes do Condephaat e Iphan permitiu avançar no entendimento da situação legal das reformas do museu e dar subsídios para o processo de tombamento nacional. O problema maior está na falta de diálogo da administração atual do museu, que sistematicamente se recusa a participar de discussões públicas sobre as reformas e a concepção museográfica que vêm sendo implementadas. Perde-se a oportunidade para uma rica discussão de estratégias para a atualização da sua concepção original, dando lugar a um clima de polêmica e mistério que não beneficia à ninguém.

O amplo comparecimento no segundo evento permitiu que fossem expressas e debatidas as várias posições das entidades que agem sobre o complexo Tecelagem Parahyba. Esse conjunto de ex-propriedades do empresário Olivo Games é composto por

4 projetos do escritório Rino Levi (em processo de tombamento pelo Condephaat), por um amplo jardim projetado por Roberto Burle Marx e por uma extensa área de várzea do Rio Parahyba. Trata-se de um conjunto cuja importância transcende em muito o âmbito do município, sendo totalmente pertinente o pedido de tombamento apresentado ao Iphan. Com a falência da empresa, a gestão anterior da Prefeitura Municipal estabeleceu acordo com um dos credores e transformou parte da propriedade em um parque público.

O debate mostrou que o conjunto se encontra em uma situação delicada por dois motivos. Em primeiro lugar, devido ao fato

que os limites fundiários da área incorporada ao parque deixam de fora importantes partes do paisagismo de Burle Marx e 2 das 4 obras em processo de tombamento. Parece ser necessária a anexação das glebas onde se encontram essas obras e a definição de um zoneamento que garanta usos e gabaritos compatíveis. Em segundo lugar, devido à reabertura de um processo público que questiona os valores originais da desapropriação, a própria existência do parque está comprometida, sendo necessário reiterar que uma disputa que parece ser de caráter político local não deve comprometer um bem de relevância nacional. Destaque-se que o representante do Condephaat foi alertado para a situação da Usina de Leite e do Hangar, 2 das obras de Rino Levi em processo de tombamento localizadas fora da área do parque, e que estão sofrendo ações para a sua ruína.

Ciclo de Debates Docomomo SP 2º semestre 1999  
1. MASP, projeto de Lina Bo Bardi Igaoli; 2. Parque do Odeon Roberto Burle Marx, S. J. Campos; Burle Marx e Rino Levi (2-4art); 3. Casa Modernista do rua Sete de Setembro, São Paulo; Gregori Marchewicz (out); 4. Parque da Usina São Paulo. Projeto de Oscar Niemeyer e equipe Irua. Local: FAU-USP - Maranhã 88, 011 227-3638 semar@usp.br

III Seminário DOCOMOMO (Brasil), De 8 a 11 de abril, durante a FEA, Parque da Usina, São Paulo

Renato Anelli é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP-São Carlos e associado do Docomomo



Galiléia e Passo de Corubusheil, Tecelagem Parahyba, Arq. Rino Levi. Arquivo Digital: Rino Levi FAU PUC-Campinas

## Delirious Rome

Piranesi, ruínas e fantasias

Roberto Segre, Rio de Janeiro

bobsegre@acd.ufrj.br



Giovanni Battista Piranesi, O Carceri, publicação 1750/1759

Sem dúvida, Piranesi foi uma figura paradoxal: de um lado, resgatou rigorosamente os monumentos romanos, exaltando sua racionalidade construtiva, monumentalidade e variedade tipológica; de outro, pôs em crise a tradição acadêmica com as arbitrariedades dos organismos planimétricos, as fantasias formais e insólitas estruturas espaciais, visão premonitória das mudanças históricas que se avizinhavam. O passado era assumido em busca de um futuro desconhecido e sombrio, intuído na extensão infinita das paisagens urbanas e arquitetônicas e a pequenez das multidões que as povoam. Ao mudar-se de Veneza para Roma, afastou-se dos centros de decisão daquele momento – a política e a cultura européias se definiam em São Petersburgo, Berlim, Paris, Londres ou Madri –, instalando-se em um pólo periférico. Por outro lado, Roma era a Mecca de arquitetos, historiadores da arte, arqueólogos, literatos e artistas. O frenesi diante das escavações a partir dos descobrimentos de Herculano (1718), Pompéia, Tívoli, Pestum e Aternas multiplicaram o interesse pela Antiguidade Clássica. Por sua vez, o Grand Prix de Rome outorgado em Paris radicava os bolistas franceses durante um ano na cidade santa. Os alemães – Winckelmann, Goethe, Lessing – também peregrinavam a ela, atraídos pelas raízes da cultura latina. Aproveitando a fácil reproduzibilidade da gravura – uma técnica habitual nos tratados de arquitetura, utilizada por Serlio, Palladio, Galli Bibbiena, Borromini e Fischer von Erlach –, assumia a demanda de uma clientela que contava com reis, príncipes e nobres e até estudiosos da arquitetura clássica, ávidos compradores de suas elaboradas imagens. É de supor que os recursos obtidos lhe permitiram dedicar-se aos temas mais criativos e imaginativos: os caprichos, os planos do Campo de Marte, os detalhes construtivos dos monumentos e as prisões irreais, menos assimiladas naquele momento. Piranesi representa o fim da razão autônoma, dirigente do universo artístico e arquitetônico, agora dominada pelos sentimentos. Como afirma Manfred Tafari, no século 18 racionalidade e irracionalidade deixam de excluir-se mutuamente. Sua obra cabe dentro da categoria de classicismo romântico, definida por Henry-Russel Hitchcock, ao estabelecer a ponte entre os severos acadêmicos franceses, o sublime e trágico de Edmund Burke e o Sturm und Drang alemão. Os detalhes construtivos dos monumentos romanos possuem uma

obsessiva precisão que incidiram nos estudos das tipologias estruturais que elaboraram depois Durand, Rondelet e Choisy. Porém, ao mesmo tempo, o brutalismo daqueles muros pétreos e ciclôpicos do Mausoléu de Adriano ou do teatro de Marcello, encravados nas entranhas da terra e às vezes cobertos de vegetação, contradizem o purismo vitruviano assumido pelo Abade Lauger e Quatremère de Quincy. Ainda que estes repudiassem suas contaminações formais, Ledoux, protagonista do Iluminismo francês, utilizou nas portas de Paris as ásperas superfícies de pedra desenhadas pelo Mestre. Fascinantes fragmentos matéricos resgatados no século 20 por Louis Kahn nas superfícies de tijolos de Dacca e Ahmedabad, por Eiel Saarinen e Paul Rudolph em suas obras da década de 60 ou recentemente por Herzog e DeMeuron nas Adegas Dominus na Califórnia.

O climax da invenção piranesiana se alcança nas reconstruções do Campo Marzio e nas sombrios espaços dos Carceri. Tafari identifica a complexa trama de monumentos inventados na hipotética planta de Roma, com a grande desordem de um mundo próximo – *Le tumulte dans l'ensemble* –, ao desintegrar-se as estruturas hierárquicas do absolutismo e do classicismo barroco. Avizinha-se a angústia do indivíduo solitário dentro da multidão – segundo Charles Baudelaire – e, impotente ante o caos metropolitano, alheio a normas e regras racionais. Por sua vez, Josep Quetglas ressalta a presença do verdugo e do criminoso, figuras dominantes nas vistas das prisões e símbolos da civilização burguesa nascente: só infringindo se existe; só reprimindo, a sociedade funciona. Assombra ver as intuições de Piranesi sobre o que acontecia no mundo, desde a longínqua Roma. As cidades começavam a crescer fragmentariamente – as geometrias urbanas do Campo Marzio aparecem no Crescent de Bath e no Regent's Park de Londres –; os super-homens burgueses se distanciavam da multidão onipresente, os vapores, cordas, correntes e polias das prisões – *la schenographia machinœ* –, prenunciavam a Revolução Industrial e o desenvolvimento tecnológico: em 1751 começa a publicar-se a *Encyclopédie* de D'Alembert e Diderot; em 1769, Watt estrela sua máquina a vapor. Hoje, não parecem remotas as convulsas imagens piranesianas. Esse mundo desordenado de objetos trouvés, não se diferenciam dos planos de qualquer megalópole asiática atual, como Singapura, tão elogiada por Koolhaas. Tampouco nos sentimos distanciados da complexidade espacial das prisões, comparável à do Guggenheim de Bilbao de Gehry ou do palácio cinematográfico de Dresden, de Coop Himmelbl(j)au. Recordando o significativo livro de Emil Kaufmann, *Von Ledoux bis Le Corbusier*, que contextualizava historicamente o Movimento Moderno, neste fim de século o novo texto esperada que desvelaria as incógnitas do nosso tempo teria como título *Von Piranesi bis Rem Koolhaas*.

Delirious Rome. Piranesi, ruínas e fantasias. Exposição no Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Info: 021 302.4572. De 11h30 a 14h30hs. Texto integral em nosso website

## The Un-Private House

Sonia Marques

sonia@ct.ufrn.br

Privacidade – separação dos habitantes e das atividades de uma casa do domínio público e das demais casas – foi o conceito dominante no espaço doméstico tal como o conhecemos hoje. Casa, vida familiar, rituais de conforto e domesticidade caminhavam juntos. Esta situação estaria hoje sofrendo enormes mudanças. Esta a idéia que dá título à exposição.

O texto da curadoria combina as indefectíveis considerações dos filósofos, ao gosto de uma certa crítica arquitetônica atual (Kant, Bachelard, Benjamin, Heidegger), com evidências já trabalhadas por pesquisadores da área: mudanças na família e no trabalho. Aposta que as casas expostas e os seus arquitetos podem estar não apenas reconfigurando a paisagem doméstica mas, colocando as bases do primeiro debate arquitetônico do século 21. Tanta preensão dá margem a críticas politicamente corretas: “uma incessante e complacente celebração do desejo individual” (cf. Azure, Design Architecture&Art, jul/ago 1999). Pouco importa. O essencial são os 26 projetos de unidades residenciais expostos (fotografias, maquetes e vídeos). Destes, apenas a *Digital House* (1998) foi concebida sem localização específica, para a revista *House Beautiful*. Os demais, construídos ou não tiveram usuário e localização reais. O mais antigo data de 1987 (loft em Manhattan). O mais recente, de 1999 (*GlasHouse@21*), em Houston, Texas) tem final de construção previsto para o ano 2000. 16 foram projetados para os Estados Unidos, 6 para a Europa, (Holanda, França, Inglaterra, Bélgica.) No mais, 2 projetos estão em Tóquio e um projeto em Santa Fé, Argentina, de Clorindo Testa. Com Testa, Steven Holl, Tschumi, Koolhaas serão talvez os autores mais conhecidos no Brasil. Conhecida também é a imagem da T-House (Ungers / Kinslow, 1992) capa de recente publicação da Taschen. Uma mesa digital oferece mais imagens dos projetos trazendo além disto, as opiniões do curador, as dos arquitetos sobre o conceito do projeto realizado e as dificuldades do programa habitação e ainda a palavra dos usuários sobre suas próprias trajetórias habitacionais e o nível de satisfação com a residência em questão. Um brinquedo delicioso.

Exposição The Un-Private House. Curador: Jerome Riley. MoMA, Nova Iorque, 01 jul-09out. Sonia Marques é professora do Departamento de Arquitetura do UFRN



## O não-conformismo engajado de Mecanoo

Edward Dimendberg, Holanda



Conjunto residencial VandenKingslaan, Maastricht, Holanda.

A relativa ausência da obra de Mecanoo no atual discurso arquitetônico norte-americano é no mínimo estranha, para não dizer escandalosa. Ao se fazer uma análise sistemática, conclui-se que os arquitetos do Mecanoo desprezaram as estratégias dominantes para se atingir a fama na profissão. A única diferença entre os arquitetos do Mecanoo e os muitos arquitetos que se auto definem como não-conformistas, é que os do Mecanoo são realmente não-conformistas. Observe bem suas construções e tente discernir um estilo próprio, uma assinatura, o *sine qua non* exigido pelo cliente ou por um júri preocupado em certificar-se de que o prédio será reconhecido como produto de um talento arquitetônico especial. Mas os prédios do Mecanoo apresentam o que Ludwig Wittgenstein chamou de 'aparência familiar'. Eles não permitem que características comuns sejam aproximadas para a caracterização de uma identidade. A cada nova incumbência, o escritório reinventa soluções programáticas e de design, oferecendo uma noção de arquitetura muito mais ousada que a repetição de projeto a projeto de uma assinatura afetada. Verifique cada detalhe das realizações do Mecanoo e tente explicar como o escritório consegue manter tão alto padrão de projeto. Onde estão os prédios comerciais que avalizam os contracheques todos os meses?, perguntaria o norte-americano cínico. E, em seguida, a questão da habitação social. Só o termo provoca arrepios na espinha e evoca a padronização monótona e orçamentos limitados, uma areia movediça pronta para engolir até mesmo os praticantes mais experimentados. Ainda assim, o Mecanoo constrói uma quantidade enorme de habitação social com sofisticação estética e tecnológica, sem fazer concessões à qualidade, mesmo comparando esses projetos a outros de seus trabalhos.

Leia as observações dos arquitetos a respeito de seus próprios projetos e você se perderá na busca de um programa teórico ou indícios de culto a alguma personalidade. Será uma luta em vão descobrir os pontos de vista desses arquitetos a respeito de filosofia pós-moderna, globalização ou cyberspace. Essa reserva verbal não deve ser tomada como uma atitude anti-intelectual, pois conheço poucos grupos de arquitetos mais pensadores que o Mecanoo. Mas deixe o assunto ser a interação com os clientes e pronto, eles são capazes de tecer uma teoria cheia de nuances sobre a prática ar-

quitetônica, varrendo qualquer dúvida que pudessem existir de que esses arquitetos são mesmo praticantes 'reflexivos'.

Quais são então os credos desse alegre grupo de não-conformistas? A teoria e prática da arquitetura do Mecanoo poderia ser vista como uma manifestação de um compromisso de seus titulares com a engenharia inventiva e a tecnologia ambiental, da sensibilidade que demonstram diante de um contexto existente, da fé que eles têm no valor do urbanismo, do espaço público e da política social-democrata de atuação que exercem. Enquanto nenhum desses atributos consegue definir por si só o Mecanoo, a combinação de todos no trabalho de um único escritório é bastante rara e revela muito sobre a postura do escritório em relação ao edifício.

Apesar de alguns de seus prédios apresentarem a transparência supercool e virtuosidade técnica frequentemente identificadas aos trabalhos de OMA, Dominique Perrault, Jean Nouvel e Herzog & Meuron, o Mecanoo preserva uma afinidade com o modernismo socialmente engajado dos anos 20. Os projetos de habitação social como os de Kruisplein e Prinsenland (ambos em Roterdã) lembram a experiência alemã de Haas Scharoun ou Bruno Taut em Weimer, assim como o prédio-envelope da Prefeitura de Nicuwegein evoca a Casa do Rádio, de Hans Poelzig. Decisiva aqui não é apenas a rejeição da caixa ortogonal exemplificada na biblioteca de Delft por suas manifestações de elipses, parábolas, trapézios e paralelogramos, e a limitação de ângulos retos para as portas e livros. Em sua predileção por formas curvas, onduladas ou assimétricas, e por materiais como madeira ou pedra, o Mecanoo pratica um modernismo mais suave, gentil e sensível, bem diferente do que praticam tantos arquitetos teorofóbicos.

Os materiais nuaes são o elemento dominante num prédio do Mecanoo. Eles propiciam o contexto do trabalho, e não o conteúdo. A transparência das fachadas de vidro da biblioteca de Delft deve ser lida não tanto como um feito de virtuosidade técnica, mas mais como um esforço para tornar as atividades internas visíveis ao exterior. Em mãos de outro arquiteto, isso se transformaria facilmente numa celebração de vidro ou exibição de detalhes ao invés da inclinação do Mecanoo ao igualitarismo social-democrata. Estudantes tecendo em computadores e funcionários trabalhando nos escritórios são visíveis de qualquer extremidade do prédio, pondo em prática o objetivo do prédio de ser acessível a todos. Um templo de informação, o visitante rapidamente percebe que a biblioteca também é um local bastante apreciado pelos estudantes, funcionários e patronos públicos.

Texto originalmente publicado no livro *Mecanoo* de Annette W. LeCuyer (ed.), *Michigan Architecture Papers*, Ann Arbor, Michigan, 1999. Tradução de Patrícia Moribe, organização de Paul Meurs. Leia texto completo em nosso website.

Obras do Mecanoo estarão expostas na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, 20 de novembro de 1999, a 25 de janeiro de 2000, Pavilhão Cecília Metarkova, Parque Ibirapuera, São Paulo.

## Clorindo Testa: confluências entre arquitetura e arte

Mariana Gil, Argentina

frausch@impsat1.com.ar



Biblioteca Nacional, 1962. Arq. Cl. Testa. Foto de Freddy Masud.

TESTA Clorindo Manuel José (n. Benevento, Itália, 1923). Argentino, arquiteto, artista plástico. Educado na Argentina sob certas correntes pedagógicas inovadoras para a época, Clorindo Testa formase em 1948 na Escola de Arquitetura da Universidade de Buenos Aires e um ano mais tarde obtém uma bolsa de estudos na Itália, a qual permitirá sua vinculação com o mundo da arte, até então inexplorado por ele. Visita a Bienal de Veneza, Pollock, Rufino Tamayo e conhece o galerista Fr. Van Riel que o convidará a realizar sua primeira mostra após seu retorno a Buenos Aires em 1952. Tentando realizar uma breve periodização, podem ser reconhecidas preocupações e características comuns em diferentes etapas determinadas, tanto da obra pictórica quanto arquitetônica de Testa. A 1ª fase se estende até 1959, de caráter figurativo na arte e de influência corbusiana em edifícios como a *Gobernación de la Pampa*. A 2ª fase, de plena personalidade plástica, apresenta a *Biblioteca Nacional* e o *Banco de Londres y América del Sur* como suas maiores expressões. A obra *Cuadrado blanco* obtém o Prêmio Internacional Di Tella – um quadrado marcado por violentos traços de cor – um "mínimo impulso" como gesto do Informalismo. Um espaço enjaulado por irregularidades configura o Banco de Londres e evidencia as formas regulares de seus edifícios vizinhos, para tirá-las da percepção cotidiana e revelá-las em sua diversidade. Desse modo, insere-se na malha compacta da cidade produzindo simultaneamente um estranhamento convulsivo. Nesse sentido a proposta de Testa pode ser entendida como a contestação ao período de ocidentalização que dominava a cultura argentina, assim como outros países latino-americanos, conhecido pela ideia de desenvolvimentismo. Sua 3ª fase de ordens comparativas diversas aparece com a ampliação do *Centro Cívico La Pampa*, em 1990. Enquanto isso suas figurações persistem sobre conteúdos metafóricos de acontecimentos políticos da sociedade argentina. A obra de Testa destrutura seu contexto urbano, cultural e disciplinar, põe em cheque prefigurações funcionais e valores sociais. Cria distância entre sua obra e o espectador, gerando esse estranhamento para dar lugar assim a seu reconhecimento. Impõe a estratégia do máximo grifo.

1. Cf. J. F. Ullmar in *Decenio Histórico de Arquitectura, Habitación y Urbanismo en la Argentina*, Buenos Aires, 1998. Este artigo aborda sobre arquitetura argentina sob editoria de Flávia Arandilla Cocca. Exposição de Clorindo Testa na IV BIA.

## O pavilhão brasileiro na Exposição de Bruxelas, 1958

Paul Meurs, Holanda  
urbanfab@knoware.nl



Pavilhão Brasileiro na Expo Bruxelas 58. Av. Sérgio Bernardes

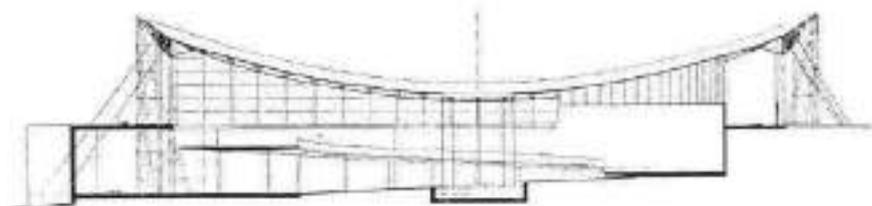
Bélgica, sede da Exposição Universal de 1958. Bruxelas ganhou nessa ocasião o seu cartão postal, o Átomo. O evento teve a participação de mais de 40 países e várias organizações internacionais, recepcionando mais de 40 milhões de visitantes. Na arquitetura das edificações reinaram a inventividade arquitetônica e a simbologia. Le Corbusier projetou um pavilhão com um "poema eletrônico" para a Philips; Países como França (Gillet, Sarger e Prouvé), Iugoslávia (Richterz) e Japão (Maekawa) apresentaram estruturas complexas e desígnis sofisticados. Depois da Expo, todas essas janelas para o futuro foram demolidas impunemente; alguns pavilhões foram reconstruídos na Bélgica ou nos países de origem. Em Bruxelas, somente o Átomo permaneceu firmemente em pé; do restante só ficaram as memórias, os livros de fotografias e os jornais e revistas amareladas. Em algumas fotos vislumbra-se, escondido atrás um celeiro com telhado de palha, um toldo de concreto, esticado entre torres de aço, embaixo de um balão: o pavilhão brasileiro.

Na arquitetura brasileira os pavilhões das mostras universais de Nova York (1939) e Osaka (1970) têm destaque especial. Nos EUA, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer surpreenderam o mundo com formas livres, nas quais as qualidades plásticas do concreto foram aproveitadas ao máximo. O pavilhão no Japão, de Paulo Mendes da Rocha, uma caixa "bruta" sobre a paisagem, mostrou com vãos de até 30 metros e balanços de 20 metros as qualidades construtivas do concreto. Estes pavilhões foram feitos como manifestações dos conceitos arquitetônicos estabelecidos no Rio de Janeiro ("corrente carioca") e São Paulo ("corrente paulista"). O pavilhão de Bruxelas ficou, visto no tempo, no meio dos dois e não representou nenhuma corrente em especial. Era sim um exemplo típico da maneira de Bernardes pensar arquitetura: sem preconceitos sobre material, construção ou forma, ele procura soluções criativas e simples, que, na sua visão, são consequência direta das caracterís-

ticas do lugar e dos requerimentos do programa. Os pavilhões de Nova York, Bruxelas e Osaka tinham, mesmo com arquiteturas próprias, alguns pontos em comum: soluções construtivas com transparência e liberdade espacial; um layout gerando leveza e clareza; e integração na paisagem, deixando a arquitetura se fluir nos jardins e na natureza circundante.

O elemento central na proposta de Bernardes foi a rampa, começando logo na entrada, no ponto mais alto, descendo num passeio de uma volta e meio ao redor do jardim interno. Para se fazer sentir o pavilhão como um espaço só, a cobertura não tinha nenhum suporte no interior e a rampa foi disposta sobre pilares de aço muito delgados. Os painéis e vitrines das mostras foram espalhados na descida pela rampa, perpendicularmente ao chão, nunca bloqueando o contato visual com o jardim. Fotos da maquete experimental mostram que Bernardes estendeu a cobertura, de 40m x 60m, sobre o prédio como se fosse um lençol, apoiada somente nos cantos por torres triangulares compostas de tubos de aço. O projeto combinou um imenso vão livre com uma estrutura muito leve. Bernardes não elevou as paredes do pavilhão até a altura do prédio, mas colocou faixas de vidro na parte superior para enfatizar a transparência do prédio. Numa análise dos cinco projetos com coberturas suspensas na Expo, Renate Prince e Richard Hobin escreveram em *The Architecture Review* que as torres do pavilhão brasileiro pareciam leves demais para suportar o peso da cobertura, o que efetivamente não faziam. Concluíram que a construção foi submetida à estética do projeto. Polemizaram o fato de que as treliças metálicas não eram realmente sustentadas pelas torres, mas sim secretamente apoiadas sobre pilares. A solução barroca que não funcionava como parecia – aparentemente os decepcionou, mesmo impressionados com a facilidade de Bernardes em construir um vão tão grandioso. A postura de Prince e Hobin é talvez característica do racionalismo: a tecnologia deveria sempre ser ígnea à primeira vista e honesta. Bernardes pelo jeito não sentiu a necessidade de mostrar que sabia construir uma cobertura suspensa. Ele usou sua capacidade técnica para alcançar um fim mais elevado: um espaço espetacular, transparência, enormes vãos, economia de custo e a sensação de leveza: a imensa cobertura parecia flutuar no céu, contida apenas por torres delgadas e um balão que flutuava balançando no ar.

Fonte: pesquisa da FAU da Universidade de Ghent, Bélgica. Agradecimentos: Sérgio e Elah Bernardes, J. Pedro Bachhesset, Fundação Niemeyer (Ana Lúcia Niemeyer e Ferrnada Martins). Tradução: Patrícia Morão. Texto completo em nosso website.



## Noticiário do Grupo PET Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

FAU PUC-Campinas nos rankings de ensino  
*Revista Playboy*: 1º USP; 2º UFRS; 3º UFRJ; 4º PUC-Campinas; 5º UFMG; 6º USP São Carlos; 7º UFPA; 8º UnB; 9º UFSC; 10º UFPE. *Guia do Estudante*: 5 estrelas: USP; 4 estrelas: PUC-Campinas; UFPA; UFMG; UFRS; UnB; USP São Carlos.

VIII SAL em Lima, relato de Ramón Gutiérrez  
Leia texto no website do Boletim Óculum

Expo2000 Hannover, Alemanha  
De 01jun a 31out2000. Info: www.expo2000.de

Prêmio Möbius Brasil-99  
Inscrição para Festival Internacional de Multímedia até 04out99. Prêmio para CDROMs e Websites. 021 590.8834, www.ippuru.frj.br/premiomobius

Pós-graduação em desenvolvimento sustentável  
Oferecido pelo Fore Latinoamericano de Ciencias Ambientales - FLACAM, www.flacam-red.com

Prêmio Grand Prix AMBIENTE 1999  
Organizado pela revista Ambiente do Centro de Estudios y Proyección del Ambiente (Fundação CEPA), foi outorgado em 30 de setembro para o arquiteto italiano Giancarlo De Carlo. *[Sobre o arquiteto, consulte "Depoimento de um arquiteto italiano", de Giancarlo de Carlo, Óculum 3, 1993]*

Congressos Internacionais de energia solar  
O X Congresso Ibérico e V Congresso Ibero-Americano de Energia Solar. Info: nutau@org.usp  
www.usp.br/nutau/nutau.htm

Solenidade de entrega do 11º Prêmio Paviflex  
Parlatino, Memorial da América Latina. 18out às 19,30h. Info: 011 282.6377, joy@mandic.com.br

Exposição de arquitetura moderna no RJ  
A arquitetura de Alcides Rocha Miranda. Museu Imperial de Petrópolis. Info: 024 237.8540

Seminário internacional de iluminação  
5º Lighting Design. Promoção ProjetoDesign, ABD e ASBEA, 25a27out, São Paulo. Info: 0800.162510

### Biblioteca CAD - Óculum

1. *Pedra: plano e cotidiano aberto no sertão*, de Teima de Barros, Ed Papyrus, fon 019 231.3500
2. *Edifícios de apartamentos, Belo Horizonte 1939-1976*, Luiz Mauro C. Passos, fon 031 337.8038
3. *Arquitetura em Campo Grande*, Ângelo Marcos Arruda (org), Gagliardo Vieira Maragno e Mário Sérgio Sobral Costa, Uniderv, Campo Grande, MS
4. *A República ensina e morar (melhor)*, Carlos A. C. Lemos, Hucitec, fon 011 240.9318, fax 530.5838, hucitec@mandic.com.br

V Bial de Design Gráfico  
Exposição dos cartazes inscritos no Concurso Nacional para criação da imagem do evento. Galeria ADG, r Côr. Eugênio Leite 920 SP, fon 881.5513



## Edifício Itália e a verticalização racionalista paulista nos anos 50

Paulo Yassuhide Fujioka, São Paulo  
bia@arquitetura.com.br



Ed. Itália, S. Paulo, 1966. Arq. Adolf Franz Heep, foto Nelson Kon

Em 1995 comemoramos 30 anos da inauguração do Edifício Itália – o arranha-céu mais alto da cidade e ainda hoje uma das mais altas estruturas já erguidas em concreto armado. Desde sua abertura foi adotado como um dos símbolos de São Paulo, não apenas pela construção inovadora e pela expressão racionalista, mas também como um monumento à colônia italiana e símbolo da metrópole que emergia. Atualmente o Itália destaca-se pela importância que mantém como centro comercial, institucional e cultural, sem ter entrado em decadência como tantos de seus edifícios vizinhos ao redor – ainda hoje cartão-postal e foco da maior concentração de agências de turismo da cidade, a av. São Luiz, demonstração da viabilidade de renovação do centro deteriorado.

O Itália foi um empreendimento comercial do Circolo Italiano e, ironicamente, não foi desenhado por um dos arquitetos italianos que tinham reiniciado suas carreiras em São Paulo, como Giancarlo Piretti e Lina Bo Bardi. Foi projetado por Adolf Franz Heep, um arquiteto cuja obra ainda não foi publicada, apesar de sua relevância na arquitetura paulista entre os anos 40/60 (a arquiteta e pesquisadora Catherine Gati vem desenvolvendo uma pesquisa sobre Heep, profissional rígido e cosmopolita, de origem tcheca, formado pela *Kunsthandwerk* de Frankfurt. Segundo conta Gati, Heep trabalhou em Paris, com Le Corbusier, antes da II Guerra Mundial).

Márias propostas foram apresentadas ao Circolo Italiano, incluindo a expressiva torre combinando apartamentos, lojas e escritórios projetada por Giò Ponti por ocasião de sua visita ao Brasil (quando apresentou projetos para a Cidade Universitária da USP) e outra, de Gregori Warchavchik. A proposta de Heep foi escolhida por ter sido o projeto que melhor resolveu as exigências do programa, e também por aproveitar melhor o terreno e apresentar o pavimento-tipo com o máximo de área útil dentro da legislação. Ainda hoje a torre permanece um gigante com 151m de altura, 46 pavimentos e subsolo, 52.000m<sup>2</sup> de área construída em lote de 2382m<sup>2</sup>, 12 elevadores, 4003 janelas, 6000m<sup>2</sup> de vidro, recebendo 25.000 pessoas. O Itália também abriga o Circolo Italiano e dispõe de um auditório de 350 lugares.

Desde o início da obra, o Itália tornou-se admirado pelo sistema estrutural, pioneiro no Brasil. No

entanto, sua construção foi problemática, tendo sido inaugurado 1966. A altura excepcional, além dos gabaritos permitidos, foi autorizada pela Prefeitura, tendo-se em vista sua localização, na junção entre as avenidas Ipiranga e São Luiz e voltado para a Praça da República.

Na linha dos edifícios-conjunto dos anos 50, temos no Edifício Itália um bloco de base e um volume vertical. O bloco horizontal ocupa toda o lote, mas o volume vertical emerge da base isoladamente. Além destes, o projeto de Heep acrescentou uma solução engenhosa para encerrar as empenas dos edifícios adjacentes: até a altura permitida para as edificações na divisa do lote (na época), ergue-se em cada alinhamento, duas alas de 8 pavimentos cada, revestidos de blocos de vidro, com janelas emolduradas. Pouco tempo depois, foi aprovada a Lei Municipal 5261, aplicando-se pela primeira vez um coeficiente de aproveitamento máximo para construções, estabelecendo-se o índice 8 para edifícios comerciais, inviabilizando experiências posteriores do tipo do Itália. Tendo sido projetado em 1956, o Itália é representativo da arquitetura dos Grandes Mestres do Moderno, e de fé na tecnologia, principalmente do aço e do concreto. Le Corbusier tinha concluído a *Cagela de Ronchamp* (1950-55), Frank L. Wright não viveria para ver finalizado Museu Solomon Guggenheim (1946-59), o Seagram Building de Mies van der Rohe já estava em construção (1954-58), Pier Luigi Nervi estava projetando o *Palazzetto dello Sport* para as Olimpíadas de Roma (1956-57), Jom Utzon vence o concurso para a Ópera de Sydney, que só seria concluído em 1973; Giò Ponti marcaria a paisagem de Turim com a Torre Pirelli (1955-58) e Kenzo Tange concluiria a Prefeitura de Kagawa em Takamatsu (1955-58). No Brasil, o Parque do Ibirapuera, projetado pela equipe liderada por Oscar Niemeyer, já tinha sido inaugurado há dois anos.

Desde o início da década de 50, a própria cidade viveu a febre da Arte e da Arquitetura Moderna, não somente com a construção de prédios de alto valor como o Itália, mas também com as Bienais de Artes e as obras construídas para o IV Centenário. Hoje, o resgate do passado da arquitetura vertical do Centro de São Paulo é mais importante do que nunca, neste momento em que novas propostas gigantescas de arquitetura vertical causam polêmica na imprensa. Os 30 anos de Itália são motivo de celebração às vésperas do III Seminário Documento-Brasil *A Permanência do Moderno*, que será realizado de 08 a 11 de dezembro de 1999, durante a 4ª BIA em São Paulo.

Enfim, o Itália permanece como um sobrevivente dos anos 60, um período vertiginoso de metropolização e industrialização que ainda podemos recordar pela lembrança em branco-e-preto do cinema paulista, como São Paulo S/A de Luís Paulo Person – *modelos* de um tempo que ainda poderia voltar, com a recuperação do centro paulistano.

Paulo Y. Fujioka é arquiteto pela FAUUSP e assistente da Curadoria da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura em São Paulo.

## Alcides Rocha Miranda: o passado pela frente

Ana Luiza Nobre, Rio de Janeiro  
alnobre@openlink.com.br



Residência Plácido da Rocha Miranda, Petrópolis, 1958

Em relação aos arquitetos da sua geração – a mesma que consagrou a produção arquitetônica brasileira no panorama internacional, tomando paradigmática a arquitetura de Oscar Niemeyer – Alcides Rocha Miranda surge ainda hoje quase como uma incógnita. Feita de intervenções precisas na cena urbana (altar-monumento para o XXVI Congresso Eucarístico no Rio), operações quase cirúrgicas nas chamadas “cidades históricas” (residência Vivir Nabuco em Tiradentes; mercado de Diamantina) e estruturas de desenho ousado (igreja Nossa Senhora da Graça em Friburgo; igreja e restaurante na Serra da Piedade), sua obra é única tanto pelo cuidado extremo com que se insere na paisagem quanto pela relação que sabe estabelecer entre os tempos. Quem sobre ela se detém percebe não só um sabor particular que dá a dimensão do clima intelectual que agita o Brasil nos anos 30/40 – entre a vontade de construção de uma identidade nacional e a valorização de um passado eleito e entendido como patrimônio – como toda carga de problematidade e imprevisibilidade do homem moderno, a um só tempo confrontado consigo mesmo e com o mundo, movido pelo desejo de mudanças radicais e em desamparo diante da desintegração das verdades alimentadas até então.

Não por acaso, Alcides Rocha Miranda é considerado por Lúcio Costa o “mais sensível e puro dos nossos arquitetos”. Para celebrar seus 90 anos, completados recentemente, foi inaugurada em Petrópolis, RJ, a exposição “O Passado pela Frente: a Arquitetura de Alcides Rocha Miranda”. A mostra, instalada na Plataforma Contemporânea do Museu Imperial, assume a intenção de promover o amadurecimento do olhar para a obra arquitetônica de Alcides Rocha Miranda pela incorporação e condensação de uma série de elementos que a compõem. Imagens e textos dispostos em planos opacos e transparentes; elementos vazados; nichos e fendas constroem um espaço deduzido de uma leitura muito particular desta arquitetura. E que, tal como ela, solicita silêncio; exige experiência. E “só se mostra aos olhos que se movem para encontrá-la”.

Exposição: “O Passado pela Frente: a arquitetura de Alcides Rocha Miranda”. Curadoria: Ana Luiza Nobre e Otávio Iconidis. Bôul-21/Nov. Museu Imperial, Petrópolis. Infrs: 024-237.8000

## As cidades do Exército da Salvação

Jeroen Schilt, Holanda

[jschilt@binnenstad.amsterdam.nl](mailto:jschilt@binnenstad.amsterdam.nl)



Conjunto suburbano, Rotterdam, 1948-53. Arq. L. Stam-Baars

A ocupação da Holanda pelos nazistas entre 1940 e 1945 é um passagem marcada a ferro na memória coletiva holandesa, assim como as duas décadas consecutivas em que o país tentou aos poucos se recuperar dos danos da guerra e reconstruir a sua economia. Só ao final dessa época de sobriedade é que revelaram-se os contornos de uma sociedade próspera e aberta.

A memória ambivalente da época da reconstrução é o resultado direto da política dominante do poder público nessa fase, que aparentemente tinha um único objetivo: restrição máxima de gastos. Essa postura marcou profundamente a identidade cultural dos holandeses e também a qualidade do espaço construído, principalmente com as mais de um milhão de casas construídas no período de 1945 a 1965. O valor de antiquário que hoje em dia é dado à produção nas artes plásticas, música, moda, mobiliário e desenho industrial dos anos 50 e 60, está ausente na herança arquitetônica e urbanística da mesma época, que continua a ser considerada chata, monótona e pobre.

Nos anos 50, o arquiteto Jaap Bakema criticou as extensões urbanas com bairros residenciais que estavam sendo construídas de acordo com as preocupações sociais, todas dotadas do mesmo padrão de quarteirões de moradias, escolas e igrejas. Ele as chamou de *cidades do Exército da Salvação*, decoradas com torres de mármore das pias batismais. Bakema caracterizou bem a realidade da reconstrução: tratou-se de uma tentativa de criar uma confecção minimalista que mal respondeu às necessidades mínimas. A prática na construção foi o resultado de um compromisso implícito entre o governo – entidade onipresente, regulando todas as etapas e contando cada centavo – e a sociedade de arquitetos, à qual faltava autoconfiança e que estava culturalmente insegura depois da guerra. Não é de se estranhar portanto, que o período de reconstrução tenha se encerrado da mesma maneira como começou: com um apelo urgente e emocional de vários arquitetos para que se refletisse sobre a própria tarefa cultural e a responsabilidade da profissão. Em 1941, M.J. Granpré Molière constatou que também os arquitetos deviam ser responsabilizados pelo caos na sociedade, que havia então causado uma nova guerra mundial. Segundo ele, o capitalismo e o subjetivismo nas artes e nas ciências haviam provocado um 'auto-

amor' e uma 'matematização das ciências', que acabaram dando um fim à preocupação natural pelo indivíduo e pela sociedade. O resultado da palestra foi uma série de encontros nos finais de semana em Doorn durante o período da guerra. Nessas reuniões, os arquitetos, que antes da guerra eram líderes de correntes adversárias de arquitetura, tentavam juntos definir a tarefa e a posição dos arquitetos na sociedade. Também os grupos de jovens arquitetos e estudantes faziam parte. Os encontros criaram um cauteloso senso de coletividade, dando origem a vários grupos de estudos, nos quais os arquitetos preparavam-se de uma maneira mais prática para as obras de reconstrução pós-guerra na Holanda.

A prática da sobriedade da reconstrução logo acabou com as grandes esperanças e anseios. No final da década de 50, os arquitetos Bakema e Dick Slebos lançaram um apelo aos colegas, algo parecido com a palestra que Granpré Molière fez em 1941: pediam uma reflexão sobre a essência da profissão e as necessidades do usuário das novas construções. Segundo eles, os arquitetos tinham se perdido em caprichos com as novas tecnologias e uma adaptação pouco crítica à vida e à moda do momento. Não cultivavam mais os contatos verdadeiros entre os colegas e não tinham preocupações sobre a monotonia crescente nas cidades e a anonimidade do indivíduo na grande massa. Bakema e Slebos clamavam por uma "força criativa e imaginativa" dos arquitetos para enfrentar a realidade do momento. A resposta veio principalmente com a composição da redação da revista *Forum*, com um expediente repleto de nomes importantes, como Bakema, Aldo van Eyck, Herman Hertzberger e Dick Apon. A partir de setembro de 1959, cada número da revista trazia muitas fotos retratando o cotidiano de culturas 'primitivas', em combinação com textos agressivos, porém carregados de poesia. A mensagem era clara: a sociedade ocidental não tinha mais nenhuma preocupação com o indivíduo e as condições de vida ao seu redor, e o arquiteto não fazia mais nada para mudar essa realidade.

Após alguns anos turbulentos, ficou claro que esse debate mudou profundamente o modo de pensar dos arquitetos sobre a arquitetura. A afirmação de Bakema de que a arquitetura é a expressão tridimensional do comportamento humano, não era mais compreendida pela geração de arquitetos mais velhos, segundo o arquiteto e crítico de arquitetura J.J. Vriënd. O contraste entre o novo pensamento e a realidade das construções não poderia ser maior. A produção anual de apartamentos subiu para mais de 100 mil unidades e o ministro da Habitação Bogaers, que havia tomado posse em 1963, começou a eliminar o déficit habitacional com medidas drásticas. Surgiram bairros em grande escala, construídos com tecnologias industriais, numa verdadeira construção em série, em métodos desenvolvidos por construtores como MUIW, Dura-Coignet e Era. Os arquitetos tiveram, como sempre, de esperar por melhores épocas.

## A arquitetura de Carlo Scarpa

Sonia Marques, Estados Unidos

[sonia@ct.ufrn.br](mailto:sonia@ct.ufrn.br)



Castelvecchio, Verona. Arq. Carlo Scarpa. Foto Guido Guidi

Para os não iniciados na obra deste mestre, o melhor será começar pelo filme, dirigido pelo escocês Murray Grigor (especialista em filmes de arquitetura, diretor de um clássico sobre vida e obra de Frank Lloyd Wright). Projetado no excelente auditório do CCA, o filme oferece um panorama da trajetória profissional de Scarpa (1906-1978): Olivetti, convento dominicano, etc. com depoimentos de clientes, colaboradores (Valiano Pastor, Luciano Gemini) e discípulos. Luigi Breda, construtor, conta como Scarpa representava suas idéias através de desenhos, e como estes, que lhe pareciam inicialmente incompreensíveis, iam se tornando claros na medida em que o arquiteto ia desenhando. Tobia Scarpa revela que o mestre italiano foi o primeiro a conhecer F. L. Wright em seu país. Enrico Brion narra como resolveu, com sua mãe, chamar Scarpa para realizar o túmulo do pai. Como transição, a exposição (curador Louis Martin) inicia-se num corredor com a seção "Scarpa em contexto": o debate na Itália sobre arquitetura moderna, onde, diferentemente do resto da Europa, desde 1920, a noção de continuidade se faz presente. Livros da época, sobre a exposição da arquitetura funcional, Sartoris, Piacentini, os debates sobre renovação, por ocasião da reconstrução no pós-guerra, a relação entre arquitetura e política, a questão democrática, a formação da APAO (Associação para a Arquitetura Orgânica) e as teorias de restauração de Lavagnino e Brandi. Finalmente, nos salões, "a exposição concentra-se num aspecto determinante do trabalho de Scarpa: sua abordagem original das camadas históricas que formam o tecido de uma cidade ou de um edifício (...) documentando "os trabalhos que coroam a carreira de Scarpa, especialmente a reorganização do histórico Castelvecchio em Verona que tornou-se Museu Municipal de Arte e a construção de um túmulo privado – uma cidade dos mortos – para a família Brion perto de Treviso". São 150 desenhos, que atestam o modo de conceber do arquiteto italiano, aos quais se acrescentam maquetes e um conjunto importante de novas fotografias, especialmente encomendadas ao fotógrafo italiano Guido Guidi. Uma exposição, dentro da temporada italiana do CCA, cujo requinte acompanha o nível da obra exposta.

Exposição Carlo Scarpa, arquiteto, consoar com a História. Centro Canadense de Arquitetura, Montreal, 26ma-31out. Sonia Marques e professora do Dept. de Arquitetura da UFRN

**Primeiros, terceiros e outros mundos em arquitetura**  
Fernando Lara, Estados Unidos  
ferlara@umich.edu



Sociedade budista Insight Meditation, arq. Michael Rotondi

No mês passado, realizou-se em San Juan a conferência *First World/Third World*. Como o título já indica, as seções foram organizadas ao redor de questões referentes à prática e ao ensino de arquitetura como reflexo dos desafios da globalização, dos regionalismos (críticos ou não) deste final de século, e dos problemas urbanos decorrentes do encontro entre 1º e 3º mundos em nossas cidades. O local da conferência não poderia ser mais interessante. Hesitante entre sua identidade latina e padrões de consumo americanos, Porto Rico é por excelência a fronteira entre duas realidades que se enfrentam e se contaminam. Mas como ficou patente nos vários trabalhos apresentados, esta relação complexa e tensa entre 1º e 3º mundos não é exclusividade de Porto Rico, ao contrário, emerge em todas as grandes cidades contemporâneas. Os palestristas convidados ilustraram bem essas novas fronteiras que a arquitetura tem de lidar. Enquanto Enrique Norten (México) nos apresentava sua arquitetura cosmopolita e high-tech, localizada na Cidade do México, Antônio Cruz (Sevilha) mostrava a sensibilidade tectônica combinada com uma elegante preocupação com a luz, e Michael Rotondi (Los Angeles) discorria sobre a identidade latina da Califórnia e de sua busca por uma arquitetura mais calma, diferente dos movimentados projetos do Morphosis, sua parceria anterior. Os três compunham um retrato complementar e divergente das questões e das propostas que perpassam a arquitetura deste final de milênio. O Brasil, primeiro e terceiro mundista por excelência, foi tema de 5 trabalhos: Clara Izabal, Sunil Bald, Nathaniel Belcher, Eduardo Robles e Fernando Lara. Se não formam uma unidade ou muito menos um consenso, apontam para uma revalorização nos EUA da arquitetura moderna brasileira. Como ficou claro na plenária final de *First World/Third World*, primeiros e terceiros mundos não são mais definições geográficas horizontais (entre um território e outro) mas sim verticais, como mundos sobrepostos coexistindo em todas as grandes cidades do continente americano. Cabe a nós, arquitetos, trabalhar crítica e criativamente na busca de espaços que ajudem a promover o melhor dos dois mundos e combater o que há de noivo em cada um.

*First World/Third World*. Organizada Universidad Politécnica de Puerto Rico e Association of Collegiate Schools of Architecture, ACSA. De 08 a 10 de out. em San Juan, Porto Rico

**Um mundo à parte**  
Florença Rausch, Argentina  
frausch@impsat1.com.ar



Casa Ponte em Mar del Plata, arq. Amancio Williams

*"Quando tinha ocasião de perguntar por seus trabalhos a algum argentino geralmente me respondiam: 'Faz sempre as mesmas coisas, está um pouco à parte'... ontem encontrei novamente esse mesmo homem que 'estava um pouco à parte'. Compreendi que seus estudos, feitos com tanta nobreza e tanta pureza espiritual somente poderiam 'estar à parte'".* Amancio Williams nasceu em Buenos Aires em 1913. Foi sucessivamente engenheiro, aviador, arquiteto. Somado a esta trajetória, a grande cultura musical de sua família, de onde surgem as elegantes estruturas e formas, domínio do espaço tão evidente em seus projetos.

Em 1947 visita Paris, onde conhece Le Corbusier e Léger. Apesar da indiscutida influência de Le Corbusier, a obra de Williams não é apenas derivada de outra, mas uma obra que sem dúvida pertence ao modernismo, ao mesmo tempo em que é extremamente sensível ao lugar e ao contexto. O volume de sua obra construída é pequeno, porém de excelente qualidade – a Casa Ponte de Mar del Plata coloca-se entre as clássicas da casa moderna neste século. Nos anos 70 as idéias de Amancio começam a tomar um novo rumo, obras que constituem uma escala completamente diferente à de seus projetos anteriores.

Não é necessário destacar a importância da obra de Amancio Williams, porém é necessário ressaltar que a maior parte de suas obras não puderam ser levadas a cabo. As abóbodas que foram utilizadas no Pavilhão de Exposições Bunge e Born em 1966, apesar de construídas inteiramente em concreto armado, foram demolidas após dois meses de exposição e os esforços do próprio Williams não foram suficientes para evitá-lo.

Trinta anos mais tarde surge um projeto de reconstrução, inquestionável necessidade de resgatar uma das peças mais paradigmáticas que se produziram em matéria de construções "temporárias", proposta que se apoia no forte antecedente histórico da reconstrução do Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona de Mies van der Rohe. A reconstrução definitiva do pavilhão de Williams se realizará nas novas áreas vinculadas ao Rio de la Plata, paisagem que tanto nutriu o arquiteto.

<sup>1</sup> GANDLI, Georges. *Amancio Williams*, extracto de conferencias do Seminário para Docentes, Faculdade de Arquitectura, Buenos Aires, abril de 1998.

Curadora de série sobre Arquitetura Argentina e tradução: Flávia Arantissa Coddou. Leia também: "Amancio Williams. O homem que foi parte", de Fernando Álvarez Prozorovich, revista *Ocúlum* 7/8, abril 1996.

**Noticiário do Grupo PET**  
Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Colégio Escolas em Campo Grande, arq. Oscar Niemeyer

**Website "Arquitetura em Campo Grande"**

Versão eletrônica do livro de Ângela Arruda, Gogliardo Maragno e Mário Sobral Costa, Ed. Uniderp, comemorativo do centenário de Campo Grande, [www.uniderp.br/arquitetura.htm](http://www.uniderp.br/arquitetura.htm)

**3º Bienal Internacional de Urbanismo**

Com o tema *Transformação das cidades*, é promovido pelo Taller Internacional de Urbanística Latinoamericana, simultaneamente ao *Exposvienda 2000*, 12-16abr2000. Info: TIUL, fon/fax 4.825-6316, [info@tiul.org.ar](mailto:info@tiul.org.ar), [www.tiul.org.ar](http://www.tiul.org.ar)

**Proarq FAU-UFRJ organiza Seminário**

*Seminário Psicologia ambiental e projeto de arquitetura e urbanismo*. 17-19abr2000, RJ. Resumos até 15dez99. Info: fon/fax 021 590.1992

**II Prêmio Internacional para Arquitetura Sacra**

O 1º colocado receberá 300 milhões de liras em 04out2000. Info: Fondazione Frate Sole. Via Ada Negri 2, 27100 Pavia, Itália, fax 0382 301413, [fratesol@tin.it](mailto:fratesol@tin.it), [www.fondazionefratelesole.org](http://www.fondazionefratelesole.org)

**V Bienal de Arquitectura Española de Madrid**

Acontece em outubro de 1999. Info: fon 435.2200, fax 575.3839, [cscae@arquines.es](mailto:cscae@arquines.es)

**Universidad de Alcalá promove ateliê**

Com o tema *Intervención. Espacios Urbanos de dimensión intermedia*. De 18-22out. Info: fon 91 885.5255, fax 885.5275, [lea@e.fgua.es](mailto:lea@e.fgua.es).

**Festival Internacional de Arquitectura em Vídeo**

4ª edição do evento em Firenze. Novas mídias, cinema e inovações. 09-12dez99. Info: via Scipione Ammirato 82, 50136 Firenze, Itália. fon +39 055 666316, fax 6241253, [image@architettura.it](mailto:image@architettura.it), [www.architettura.it/image](http://www.architettura.it/image)

**Biblioteca CAD – Ócúlum**

1. *Tarsila do Amaral*, texto de Aracy Amaral; *Lazar Segal*, texto de Vera d'Horta. Banco Velox / Fundação Finambrás, [fundacao@finambras.com.br](mailto:fundacao@finambras.com.br)

2. *A Vila Trapeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba*, Lucinda Ferreira Prestes, FAU-USP e Fundação Vilanova Artigas

3. *500 anos da casa no Brasil*, Francisco Verissimo e William Bittar, Ediouro, r Nova Jerusalém 345, CP 8544, 20212-970 Rio de Janeiro RJ, fon 021 560.6122, fax 280.2438, [livros@ediouro.com.br](mailto:livros@ediouro.com.br)

novembro 1999  
210 - 4  
edição mensal/ativa

## Ciclo de Palestras e Biental Internacional: começam os eventos de arquitetura e urbanismo

oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio da Fundação FAPESP - CAPES in parceria www.pucnet03-fau.j

Editor responsável  
Aníbal Guerin

Correspondentes:  
Ana Paula Dalbosco Inglaterra  
Alfonso Giacinto Espanha  
Cristina Membrillo Itália  
Gisela Winkler Argentina  
Eduardo Aguero Canadá  
Luisa Velasco México Inglaterra  
Mario S. Cavalari Alemanha  
M. Pilar F. Pineda Uruguai  
Olivier G. Biondi Suíça  
Paul Vivas Australia  
Raúl G. Rossi França  
Francisco Roberto Almeida  
Rafael Gutierrez Argentina  
Tajima Isami México Japão  
Viviana Caporali Itália

Membros CDD:  
Aristóteles, Daniel, Gabriel, Genesio, Priscila, Vitoria, Valeria

Grupo PET:  
Assis, Tereza, Diana, Vivian, Elaine, Castro, Maria, Nilda, Paula, J. Isabel, Mônica, Aline, Mariana, Lúcia, Sônia, Gláucia, Gil, Davina, Ana, Sônia, Marcelo, Sábina, Sandra, Mônica, Tarcísio, Helena, Maria, Margarete

FAU PUC-Campinas:  
Dietz  
Rosário, Maysara, de Amorim, Daniela, Juliana  
Davi, Maria, Sábina  
Coordenador do curso:  
Wilson Roberto dos Santos, Jr.

CIDD Centro Integrado de Documentação Digital  
Rua D. Pedro II - Km 136  
Campus I - CEP 13080-000  
Campinas, SP Brasil  
Fone: 019 756.7156  
Fax: 019 249.6276  
cidd@oculocampinas.br

Revista Óculum  
Fone-fax: 019 2888852  
oculum@uninet.com.br

Apple, Copier e Galilgeira Kodak



DIGITAL



IMPRESSO



Ciclo de Palestras acontece em excelente edifício de arquitetura moderna, projeto do arq. Usáide Carosiari

Nos dias 23, 24 e 25 de novembro acontece em Campinas o Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos" com a presença dos arquitetos Alberto Varas, Carlos Lebrero, Claudio Ferrari, Horacio Ballero e Ricardo Medrano, Fernando Dietz e Alfonso Corona Martinez, relacionados em divulgação prévia, cancelaram por motivos de força maior suas participações na Biental de Arquitetura e no Ciclo de Palestras.

O evento, organizado conjuntamente pela FAU PUC-Campinas e AREA-Campinas, oferece a oportunidade aos estudantes de arquitetura, arquitetos, urbanistas e demais interessados de Campinas e região o contato com especialistas no desenvolvimento atual da arquitetura e urbanismo argentinos nas mais diversas áreas de atuação: projeto, intervenção urbana, meio ambiente, ensino, crítica, publicações, atividade sindical, etc.

### Ciclo de Palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos"

Auditorio do Colegio Sagrado Coração de Jesus, Campinas, 23-25/Nov/99, das 19h às 22h.  
Convidados: Alberto Varas, Carlos Lebrero, Claudio Ferrari, Horacio Ballero e Ricardo Medrano  
Organização: AREA-Campinas (Débora Frazzato Verde e João Vicente Jannini) e FAU PUC-Campinas (Grupo PET CAPES, Óculum, CAV)  
Informações e inscrições no CAV FAU PUC-Campinas com Ângela, fone 0800 756 7082 e na AREA-Campinas, fone 0800 255 6050

## FAU PUC-Campinas: mestrado em urbanismo e participação na Biental

As inscrições para o Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas (reconhecido pela CAPES) para a turma de 2000, estarão abertas entre os dias 8 de novembro/1999 e 21 de janeiro/2000.

O Mestrado em Urbanismo da FAU PUC-Campinas define a cidade como objeto de investigação privilegiado através de suas linhas de pesquisa voltadas à história das cidades e dos seus processos constitutivos; da construção da cidade como objeto artístico; da gestão do espaço e da sua dimensão política; e, dos projetos urbanos, objeto de transformação do espaço construído. [Raquel Roitnik, coordenadora do mestrado]

Info: fone 0800 756 7082, ogfau@oculocampinas.br

### Participação na Biental

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC de Campinas, há algum tempo, dedica-se, por meio do CIDD (Centro Integrado de Documentação Digital), a um projeto especialmente voltado para a criação de um banco de imagens digitais que contém acervos de arquitetos brasileiros de importância. O projeto piloto, financiado pela FAPESP, resultou a digitalização de parte do acervo do escritório Rino Levi Arquitetos Associados. Durante essa fase experimental, foram digitalizadas aproximadamente 3.000 imagens, todas em resoluções diversas, atendendo às demandas de circulação na rede mundial e às de impressão. Esse acervo digital é totalmente institucional e destina-se a atender pesquisadores, arquitetos, professores, alunos, além de interessados em arquitetura e cultura geral. A iniciativa não deve restringir-se ao projeto piloto mas estender-se, quando viabilizados os necessários recursos humanos e financeiros, por meio de parcerias com os setores institucionais e privados. Vale lembrar que os resultados alcançados poderão ser em breve acessados e pesquisados em nosso site na rede mundial Internet. Este trabalho e o site de nossa escola estão expostos em Sala Especial, no 2º andar, na 4ª Biental Internacional de Arquitetura de São Paulo, inaugurada no próximo dia 20 de novembro. [Jane Victal Dubouché, curadora da Sala Especial da FAU PUC-Campinas]

### Abertura da 4ª BIA foi no sábado

A quarta edição da Biental Internacional de Arquitetura de São Paulo abriu no dia 20 de novembro. A solenidade de abertura contou com importantes personalidades da política e da arquitetura. Entre outros, estiveram presentes Mário Covas (governador do Estado de São Paulo), Carlos Bratke (presidente da Fundação Biental de São Paulo), Jens Olesen (1º vice-presidente da FBSP), Milu Villela (2º vice-presidente da FBSP), Pedro Cury (presidente IAB/SP), Maximiliano Fayet (presidente IAB Nacional), Antonio Carlos Moraes de Castro (Federação Panamericana de Associação de Arquitetos), Miguel Pereira (vice-presidente da União Internacional de Arquitetos), Lucio Gomes Machado e Luiz Fisberg (curadores da 4ª BIA), Paulo Mendes da Rocha, João Filgueiras Lima "Lelé" e Zanine Caldas (representantes das salas especiais nacionais), Jorge Glusberg, Alberto Varas e Conwert (representantes salas especiais internacionais)

### Palestras inaugurais

No próprio sábado, a partir das 18h, ocorreram as palestras inaugurais proferidas por arquitetos argentinos. O arquiteto Alberto Varas, convidado pela revista Óculum, apresentou suas idéias sobre urbanismo e exemplificou com os projetos de revitalização da área do Refúrio e da nova Cidade Universitária, ambos em Buenos Aires e que compõem a Sala Especial Natural / Artificial, que ocupa o 2º piso do Pavilhão.

## Favela Bairro: intervenções nas favelas do Rio de Janeiro

Roberto Segre, Rio de Janeiro  
bobsegre@uol.com.br



Favela em morro do Rio de Janeiro

Na primeira metade do século as opções existentes para os imigrantes europeus que chegavam nos países da costa atlântica consistia em velhos casarões abandonados pela burguesia local e no centro da cidade, convertidos em cortiços, ou as escassas bairros operários construídos por industriais filantrópicos e governos municipais progressistas nos arredores da cidade. Apesar do tempo passado, ainda mantém valor ambiental; permanece o equilíbrio entre habitações e espaços públicos e a alta qualidade da execução. Sobressaem os conjuntos situados na área industrial da Moóca, São Paulo (1913), o bairro "Las Andes" de Fermin Berterbide em Buenos Aires (1925) e "EL Silencio" em Caracas (1941) de Carlos Raúl Villanueva. Aqui o valor essencial se fixou na capacidade de convivência ao prolongar o tecido urbano tradicional do centro e conter espaços e funções sociais. A partir da 2ª Guerra Mundial, os modelos do movimento Moderno Europeu foram aplicados mecanicamente na região. No México Juan Legarreta instalou migrantes indígenas em simulacros dos *Siedlungen* alemães; Carlos Raúl Villanueva trouxe lâminas Corbusianas para os cerros de Caracas para eliminar os ranchos da capital; na década de 70, Jorge Goldemberg projetou no subúrbio de Buenos Aires conjuntos habitacionais estilo Team X, hoje depredados e ocupados pelas máfias locais; na Cuba socialista centenas de blocos foram realizados pelas improvisadas construtoras das *Microbrigadas*; por fim, desde a década de 70, John Turner, William Morgan e Paul Abrams impulsionaram em toda a América Latina a auto-construção na periferia das metrópoles. Soluções que saciaram a fome por habitações, mas não construíram cidade. A crítica situação financeira do poder público levou o governo da cidade do Rio de Janeiro, na década de 90 a enfocar de outro ângulo o problema do habitat popular: ao invés de resolver o déficit de habitações, busca-se resolver a deficiência urbana. A proposta consiste em outorgar à favela os atributos que definem a urbanização: infra-estruturas técnicas, traçado viário, serviços sociais e espaços públicos. E ao mesmo tempo obtêm-se a identidade do local a partir da interpretação e relacionamento das características da vida social que existe em cada comunidade, traduzidas em um partido urbanístico. Melhoras objetivas do entorno físico que às vezes condicionam transforma-

ções sociais, éticas e estéticas da comunidade: nas favelas redesenhadas estreitaram-se os laços interpessoais, diminuiu a criminalidade e a presença dominante dos traficantes de drogas. Sob a direção dos arquitetos Luiz Paulo Conde (Secretário de Urbanismo e, desde 1997, prefeito da cidade) e Sérgio Ferraz Magalhães (Secretário de Habitação), colocou-se em prática o programa "Favela Bairro", custos divididos entre Prefeitura e BID. Em 7 anos de implementação do plano, 90 favelas das 600 existentes no Rio receberam intervenção, melhorando as condições de habitação de 300 mil pessoas. Inicialmente se chamou o concurso local os projetos de 18 favelas, participando jovens arquitetos e escritórios de prestígio internacional. O município não impôs esquemas pré-fabris ou parâmetros de desenho, limitando-se a definir as normas técnicas e econômicas da intervenção. Isso permitiu que cada equipe de profissionais tivesse total liberdade de ação ao interpretar as necessidades da comunidade e alcançar as respostas formais e espaciais, sempre discutidas em assembleia pública com os habitantes das favelas.

Surgiu assim um diálogo entre as estruturas da cidade racional e da cidade "espontânea", inexistente ao longo de quase um século só marcado pela exclusão, segregação e violência. A metodologia projetual assumida tem como objetivos essenciais eliminar a estrutura de gueto e facilitar a permeabilidade da favela, qualificar os espaços públicos; inserir os "monumentos" arquitetônicos das novas funções sociais e estreitar os vínculos com os bairros vizinhos. As propostas de desenho não violentam as configurações urbanas consolidadas, adaptando os objetos arquitetônicos aos princípios da heterogeneidade, hibridação e contextualização das formas.

É impossível detalhar todas as múltiplas experiências atingidas que mudaram radicalmente o aspecto físico do assentamento e as condições de vida das populações. Em algumas das favelas mais conhecidas – Vidigal, Favela Cardim e Fubá Campinho projetadas por Jorge Jauregui; Mangueira por Casé e Acioli; Serrinha por Maurício Roberto e Manoel Ribeiro; o conjunto de Caju por Paulo Benetti – os desenhistas integraram as tipologias da "cultura" profissional – escolas, centros de saúde, áreas desportivas e núcleos de habitação – com as construções pré-existentes, sem alterar as configurações básicas e as leis próprias de organização funcional e social da comunidade. A intervenção nos espaços habitacionais gerou estruturas formais flexíveis e fragmentadas, alheias a todo discurso impositivo e autoritário. É um raio de esperança duradoura que os arquitetos se propuseram materializar, articulando a objetividade da forma desenhada com a subjetividade dos desejos e aspirações da sociedade civil.

Texto original: [www.paccamp.br/~fau/oculum/boletim/03R/03R.htm](http://www.paccamp.br/~fau/oculum/boletim/03R/03R.htm). Consulte também [www.riogov.br/favelabairro](http://www.riogov.br/favelabairro) e [www.fau.ufrj.br/pt/pt/oculum/boladem/favela](http://www.fau.ufrj.br/pt/pt/oculum/boladem/favela). Tradução de Anne Alencar, do Grupo PET RUI.FAC-Comp/Ins

## O fracasso da ordem

Claudio Ferrari  
befetra@satlink.com



Museu Judako em Berlim, Daniel Libeskind. Foto: Maria Luján

A história da arquitetura até princípios do século XX girou – em termos lingüísticos – em torno ao referente da ordem, uma busca de um ideal de harmonia, um ideal de ordem clássica – harmonia musical, aritmética, leis geométricas, cocientes numéricos, proporções, ritmos, repetição. A arquitetura tem vivido convencida de uma busca de verdade e beleza através da razão.

Hoje vivemos em um momento cultural que não permite estabelecer parâmetros fixos já que tudo muda vertiginosamente e a arquitetura vive perigosamente com esta situação. A ordem hoje é só uma ilusão. O pós-modernismo tem se mostrado apenas uma pesada semântica. A busca de uma ordem nos recantos da história para responder a um vazio deixado pelo esgotamento do modernismo.

Na desconstrução assistimos à ruptura definitiva entre arquitetura e linguagem. Uma banalização do suposto caos representado. A verdade não é necessária porque destrói a harmonia.

### As tendências atuais

#### 1. A poética da arte

É paradoxal que nestes tempos a arquitetura se recuse à produção em série e cobice um espaço no campo não normalizado da obra de arte contemporânea, quem sabe como uma busca de singularidade em uma época em que estão mortas as grandes interpretações, buscando assim que cada obra seja um feito singular aproximando-se aos mecanismos de criação artística.

De qualquer modo, a arte deixou de ser revolucionária. Hoje os heróis estão cansados. Tem muito mais experimentação um walkman ou um vídeo do que qualquer uma das vanguardas arquitetônicas atuais. Muitas obras podem ver-se também como performances dentro do campo artístico, com influências da literatura, do cinema e da plástica. Os perigos afloram sempre que uma disciplina toma emprestados critérios de outras e esquece suas próprias características, correndo o risco de converter-se em um novo jogo de frivolidades.

#### 2. Arquitetura de autor ou a linguagem como marca

Existe atualmente uma polémica onde se propõe uma volta às fontes, utilizando linguagens englobantes que tendem a manejar conceitos ligados ao específico da disciplina dentro de uma postura de não-vanguarda, como uma aproximação aos fatores inquestionáveis da arquitetura versus a

Oxford  
あなたの住取りをお好きな国のア  
どのファサードでも得意な建築は同一



Tubo de publicidade japonesa referenciado como "ocidental"

As moradias japonesas sempre foram divulgadas no ocidente pelo seu valor estético, zen e poético. Mas esta é só a superfície de uma realidade diferente, a começar pelas bases em que esse país foi construído. É necessário lembrar que o Japão já passou por guerras, convive com tremores de terra e, sendo um arquipélago, carece de espaço físico. Este quadro nada poético determinou o modo do Japão pensar as suas casas.

Só como exemplo, algo que não seria facilmente aceito no ocidente é o fato de que até há bem pouco tempo as moradias japonesas não previam banheiros (chuveiros). A questão era não só econômica, mas também cultural. Os sentôs, os famosos banhos públicos, tinham grande popularidade. Homens e mulheres se confraternizavam no banho, em um convívio que não tinha o menor caráter sexual. A agregação dos banheiros às casas - em espaço separado da bacia sanitária - só se deu nas décadas de 60 e 70. Essas moradias sem banheiro são até hoje uma opção barata e usual. Pela falta de espaço, as construções são sempre compactas, planejadas para o número exato de pessoas que nela irão morar. Assim, existem as moradias *singles*, as projetadas para casais ou famílias maiores. Em todas, os cômodos (dormitório e sala) são invariavelmente dimensionados pelo número de *tatames*, com medida padrão de 0,30 x 1,60 m. As *singles*, para quem mora só, medem até 6 *tatames*, com um único cômodo em torno de 6,48 m<sup>2</sup>. Não existe área de serviços. A máquina de lavar roupas fica num canto da cozinha ou dentro do banheiro. Para a secagem de roupas as opções são utilizar varões colocados na janela, varais portáteis e dobráveis dentro de casa ou levar as roupas para secar numa lavanderia. A área de higiene é dividida em dois espaços, um para a bacia sanitária e outro, separado e fechado, que abriga o *ofurô*, o banheiro japonês. Não necessariamente ficam próximos. Nas casas mais antigas, os banheiros não possuem lavatório. Escova-se os dentes e lava-se as mãos no *ofurô* mesmo.

As moradias para casais ou famílias maiores possuem mais cômodos com *tatames*. Geralmente um fica para a sala e os outros para os dormitórios. Esses espaços são separados por portas de correr que podem ser facilmente retiradas, modificando o uso do espaço para gerar um ambiente social, um dormitório ou uma cozinha maiores.

arquitetura de autor; esta se apresenta com um marcado personalismo, uma arquitetura que propõe sínteses irrepelíveis e singulares, de onde são tomadas linguagens referenciais para a produção arquitetônica (todos nós sucumbimos ao feitiço de sonhar com imagens emprestadas).

### 3. A representação do caos

Ludwing Boltzmann, um físico austríaco que se suicidou em 1906, descreveu em termos matemáticos (S=KlnW) a tendência irreversível de todas as coisas ao caos: "desde o átomo à molécula, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande", o caos, ou a entropia, ou seja, a degeneração de todas as coisas é inevitável. Quanto mais se tenta colocar ordem na desordem, o caos aumenta. Sou cético sobre onde as teorias do caos podem levar a arquitetura, de forma direta ou literal. Pode gerar efeitos devastadores. O caos não tem representação, esta é sua lógica. Não necessita de estratégias, se produz espontaneamente, com abundância e colisão. No limite, o caos só se produz por erro. De toda maneira, creio que certa lógica do caos está sempre presente nos processos de gestação das obras de arquitetura contemporânea.

### Algumas conclusões

A linguagem da arquitetura perdeu sua antiga coerência, sua estabilidade cristalina. Uma coerência sintática nestes novos modelos culturais é quase impossível. Na civilização contemporânea estamos cada vez mais cheios de discussões semânticas para abordarmos estratégias de eficiência operativa.

Em uma época de transição e dúvida, dispersão e desorientação, quem sabe o mais ético seria defender uma arquitetura fragmentária, que responda à desordem e à arbitrariedade, que apresente claramente a confusão na qual vivemos. Uma arquitetura capaz de interpretar os mesmos desafios que nos coloca um mundo em permanente transformação. Uma arquitetura branda, concebida em materiais intercambiáveis. São precisamente as situações de conflito as que hoje em dia representam a situação mais normal, uma situação inspiradora que não limita a expressar-se a si mesma como uma afirmação auto-satisfeita, mas que assume a contemporaneidade filosófica da situação de conflito.

Daudó Ferrari, arquiteto associado a Alberto Varas em diversos projetos e professor da FADU de Buenos Aires, é um dos palestrantes convidados para o Ciclo de palestras "Argentina: arquitetura e urbanismo contemporâneos", Campinas, 22 a 25 de novembro



Muxia-theater em Berlin, Renzo Piano. Foto MB Cavalanti

Vale ressaltar que a privacidade não existe. Os materiais construtivos não proporcionam um bom isolamento acústico nem térmico, a maioria das residências dependem de ar condicionado. Dentro de casa só o essencial e básico. Ambientes com poucos móveis pequenos e modulados. Dormitórios geralmente só contam com espaço para os *futon*, espécie de colchonete que deve ser guardado após o seu uso num armário embutido, que já é previsto em projeto.

A sala consiste em uma mesa baixa para as refeições, com almofadas no chão para sentar e um móvel para tv, som e vídeo. Quanto muito, cabe um sofá para assistir-se TV. A cozinha tem uma pequena pia, uma geladeira pouco maior que um frigobar, um fogão padrão de 2 bocas e poucos armários para louças. Algumas cozinhas conseguem ter uma pequena mesa para refeições. As áreas de higiene e de serviços seguem os mesmos padrões de uma moradia *single*.

É curioso notar que enquanto o ocidente se influencia com as coisas do oriente, os próprios japoneses já não estão 100% satisfeitos. Os estilos ocidentais têm sido cada vez mais difundidos por aqui, o que se explica, em parte, pela recente vinda de estrangeiros. Os hábitos tem mudado a cada dia. Moradias bem maiores, localizadas onde o espaço físico não é tão problemática, seguem os estilos americanos e europeus, com ambientes maiores, que prevêm vários móveis.

Nos quartos, o *futon* é substituído por camas. A sala abriga conjuntos de sofás, mesas, estantes e até pianos. Na cozinha é possível conciliar geladeira, freezer, armários e mesa. Os banheiros ganham lavatório junto ao *ofurô*, mesmo que a bacia sanitária continue em espaço separado. Existe até uma pequena área de serviços que acomoda a máquina de lavar, secadora e armário para produtos de limpeza.

Os materiais de construção empregados em todas essas moradias são pré-moldadas, leves, de fácil execução e manutenção. Em qualquer grande Home Center é possível encontrar peças de reparo ou materiais que mudam completamente o visual interno da residência. Todos os tamanhos são padronizados, desde vidros, telas para caixilhos, pisos, tapetes, carpetes, cortinas, papel de parede, etc. Compra-se até por catálogo. Tudo a título do "é fácil, faça você mesmo".

Mas até isso tem seu lado funcional. A cultura do pré-moldado vem da necessidade da rapidez na construção e da produção de escumbras mais leves nos casos de terremoto. O assunto não se esgota aqui. Mas já é possível perceber que o estilo japonês é muito mais do que a simples questão estética que se vende no ocidente.



Plantas padrão de casas "orientais": single, casal e familiar

## XX Congresso Internacional de Arquitetos – Pequim/1999

Francisco Spadoni, São Paulo  
fspadoni@uol.com.br

No mês de junho último realizou-se em Pequim, capital da República Popular da China, o XX Congresso Internacional de Arquitetos. A escolha da cidade como sede pela UIA, deveu-se ao interesse crescente que a Ásia, e a China em especial, têm despertado no ocidente face às transformações brutais que vêm sofrendo na última década. A China é hoje o maior canteiro de obras já visto na história, impulsionando praticamente todas as suas aglomerações urbanas, onde 50 contam com populações superiores a um milhão de habitantes. Pequim, por exemplo, ao lado de seus hutongs – bairros populares organizados segundo a clássica tipologia dos pátios quadrados – vê surgir diariamente novos complexos comerciais, ou de habitação, todos com cara ocidental, financiados sobretudo pelo capital internacional. A cena é a de um canteiro de obras contínuo, que se estende por toda a cidade e altera sua fisionomia ao modo de uma tábua rasa.

Outros centros no entanto parecem até mais pujantes que a própria capital, como a sofisticada Shanghai, que no distrito de Pudong, mantém o atual maior canteiro de obras urbano do mundo e Shenzhen, uma das zonas de economias especiais do país, que, de antiga vila de pescadores até duas décadas atrás, transformou-se numa cidade com mais de 4 milhões de habitantes e uma imagem edificada lembrando uma megalópole ocidental. Exemplos que espelham um país que atingiu na era de Mao uma taxa de urbanização de 13% e que hoje já passou de 30%, com uma população urbana de mais de 300 milhões de pessoas.

Para um congresso de fim de milênio, cujo tema central era a cidade, nos parece que a escolha do local tenha sido um acerto pelo que esta realidade apresenta de confronto a todo o saber urbano constituído do lado de cá e perto do qual poucas teorias ainda conseguem se sustentar. O congresso contou com importantes conferencistas, muitos deles atuantes no cenário asiático: Paul Andreou da França; o malaio Ken Yeang; Charles Correa da Índia; o brasileiro Ruy Otake e Tadao Ando, que apresentou uma singela conferência em defesa da ética e da responsabilidade civil do arquiteto.

O Brasil esteve representado por entidades profissionais – IAB Nacional e IAB-SP, FNA, CONFEA, FENEA e ABEA – e por duas escolas de arquitetura: FAU Belas Artes e FAU Unimep. A boa notícia veio com a eleição do arquiteto Miguel Pereira para a Vice Presidência da UIA pelas Américas. A participação brasileira, no entanto, esteve longe de ser significativa, com uma delegação reduzida de 30 pessoas e apenas dois trabalhos apresentados. Pouco, se nos compararmos ao México, que participou com uma delegação expressiva e recebeu as principais premiações do congresso, incluindo o prêmio no concurso internacional de estudantes. Que fique o alerta às nossas entidades e escolas, pois é visível o grau de nossa desarticulação profissional. Num mundo que gira a uma velocidade crescente, parece que nosso ritmo ainda não se sincronizou.

## A preservação do Parque do Ibirapuera em São Paulo

Docomomo SP  
sermar@usp.br



Pavilhão da Bienal, Parque do Ibirapuera. Niemeyer e equipe

O Docomomo/SP dá continuidade ao ciclo de debates sobre bens relevantes da arquitetura, urbanismo e paisagismo modernos no Estado de São Paulo, que estão em obras, ou sob risco ou em processo de destruição e/ou descaracterização. O objetivo destes encontros é chamar a atenção para o estado de conservação de obras arquitetônicas e lugares relevantes para a cultura paulista e brasileira, abrindo um canal para discussões, esclarecimentos ou reivindicações da sociedade.

Projetado por Oscar Niemeyer, o Parque do Ibirapuera – próximo tema em discussão – foi concebido e construído pela Comissão responsável pela organização das comemorações do IV Centenário para transformar a efeméride numa realização duradoura destinada às gerações futuras. Originalmente os quatro Pavilhões, que com a grande Marquise conformam uma unidade arquitetônica e paisagística, seriam voltados para um projeto cultural uno e integrado, o que não foi implementado pelas autoridades responsáveis que se sucederam.

Com o tempo, os espaços passaram a ser subdivididos entre diversas entidades, criando intervenções não previstas e descaracterizantes dos edifícios. A Marquise, antes um espaço de fluidez, passou a ter sua área loteada e progressivamente ocupada, em um processo contínuo que anula o seu caráter inicial e o caráter do próprio Parque.

Nos últimos anos algumas tentativas têm sido feitas para recuperar o Parque como projeto cultural: a desocupação do Pavilhão Manoel de Nóbrega, que abrigava o Gabinete do Prefeito, o deslocamento do Museu do Presépio que ocupava área sob a Marquise e a encomenda pela SPMMA do Plano Diretor do Parque do Ibirapuera a Oscar Niemeyer. No entanto essas tentativas têm sido até agora frustradas em sua continuidade.

No encontro serão discutidas a manutenção, adaptação e transformação de um dos conjuntos arquitetônicos-paisagísticos mais significativos da modernidade brasileira.

**Ciclo de debates A Preservação da Arquitetura Moderna:** Promoção Docomomo/SP. Participantes: Ricardo Otake (Secretaria do Verde e do Meio Ambiente), Daniel Roberto Fink (Ministério Público), Ana Lúcia Niemeyer (Fundação Niemeyer), Esmar Dal Ferreira (Associação Brasil 500 Anos), Sérgio Siqueira Lima (Iphan), José Roberto F. Meinen (COPCONSP), Otília Pimenta (Corposul) e Fernanda Fernandes (FAU-USP, coordenadora). Local: FAU-USP, Sala dos Espelhos, Marinhão 05, Higienópolis (localização e entrada franca). Sexta-feira, 12 de maio, 19h. Info: fax 00R1: 227.3828, sermar@usp.br

**III Seminário Docomomo/Brasil: A Permanência do Moderno** (parte da programação do IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo). Palestras: Heiko Pfanz, Wessel de Jonge, João-Paul Miodini, Marietela Casarato. Anúncio de 100 trabalhos de pesquisa, documentação e revitalização de arquitetura e urbanismo modernos. 0-11 de maio. Informação e inscrição: sermar@usp.br, www.docomomo.com.br

## Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

**Concurso de urbanismo na Argentina**  
A 3ª Bienal Internacional de Urbanismo de Buenos Aires (12-16 abril 2000) convoca estudantes e arquitetos. Tema: *Transformação das Cidades*. Até 10 de dezembro, TIUL, info@tiul.org.ar, www.tiul.org.ar

**Website sobre meio ambiente**  
Mantido pela Associação Ambientalista Pangea, trata de assuntos relativos à proteção do meio ambiente e da qualidade de vida das populações urbanas. www.agirazu.com.br

**Processamento digital: imagens e fotos aéreas**  
Curso sobre tecnologias de processamento, análises e integração de imagens de satélite e de fotografias aéreas. 22 a 26 nov. FADU, Buenos Aires. Info: Mercedes Frassia, mfrassia@mail.retina.ar

**BBE – Boletim Bibliográfico "Eletrônico"**  
Visite a revista digital de resenhas de Centro de História da Arte e Arqueologia, do IFCH-Unicamp. www.unicamp.br/chaa

**Mesa-redonda sobre museu e conservação**  
Com Agraldo Farias (MAM-RJ), José Bittencourt (MHN-RJ), Marcelo Araújo (Museu Lasar Segall) e Margaret Lopes (Instituto de Geociências), coordenação de Luiz Marques (IFCH-Unicamp). Sala de projeção do IFCH-Unicamp, 17 nov, às 14h.

**Concurso de animação para estudantes**  
O Banco Brussels Lambert celebrará o ano 2000 usando sua fachada da sede em Bruxelas em suporte gigante. Download da interface para animação: <http://mamix2000.bbl.be>

**Senac organiza evento sobre designer gráfico**  
Com presenças de Gurto Lacaz, Vicente Gil e outros. 10-12 nov, às 20h. Centro de Comunicação e Artes SENAC, r. Scipião 67, 05047-060 SP, fax 011 3872.6722, cca@sp.senac.br, www.sp.senac.br

**Mostra e prêmio "Brasil faz design"**  
Para mobiliário, iluminação, objetos, têxtil, equipamentos, design gráfico. Até 30 nov. Info: fone 011 3873.7764, bldesign@volati.com.br

**Prêmio Möbius escolherá ganhadores**  
25-26 nov, no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, av. Pasteur 250, Urca, das 9 hr às 18 hr

**Atividade de extensão da UFRGS**  
Consultoria às empresas intitulada *Madreira mineirizada na construção*, arq. Mauro Defferrari (coordenação). Info: 051 330.1141, 051 330.3120, mdaqr@hotmail.net, www.ufrgs.br/madmin

**Biblioteca CAD – Ócullum**  
1. Kim Swoo Geun, número especial da PA Pro Architect nº 14, archi.w@chollan.net  
2. 100 anos de ensino de arquitetura e urbanismo em São Paulo, Catálogo da exposição, Nestor Goulart Reis (coord), LRF FAU-USP

dezembro 1999  
ano 4  
edição meses letivos

## Arquitetos formados na FAU PUC-Campinas ganham concurso em Uberlândia

Abilio Guerra  
uninet@uninet.com.br

Boletim Óculum é uma publicação de Revista Óculum, editado pelo CDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo FST - CAPES. Internet: [www.pucamp.br/~foa/](http://www.pucamp.br/~foa/)

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes:  
Ana Paula Balduino (Tribuna)  
Antonio Augusto Espinho  
Cristina M. Moreira (JAM)  
Eliete Fioravanti Argonini  
Eduardo Augusto Gomes  
Lúcia Veloso Nogueira (Inglaterra)  
Mário H. Cavalcanti (Alagoas)  
M. Pilar P. Pinheiro (Ongari)  
Olivio de Oliveira (Suíça)  
Paulo Meira Alvares  
Paulo Sérgio (França)  
Rafael Moreira (Alagoas)  
Rafael Augusto (Alagoas)  
Regina Helena Vieira (Alagoas)  
Vitorio Corbelli (Itália)

Membros CDD  
André Rabelo, Zúlio Carneiro,  
Francisca Vieira (Brasil)

Grupo PET  
Alexandre Taveira, Diego Vega,  
Elaine Cascahosa, Fábio Araújo,  
Isabel N. de Sá, Ismael M.  
Nunes, J. de S. Sousa, Elisavete Del  
Quacada Santos, Marcelo  
Santarem, Sandra Meira Yano,  
Tatiana Dias Marçal

FAU PUC-Campinas  
Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Diretor Adjunto  
Denise Maria Bonfatti  
Coordenador de Curso  
Milton Piloni da Silva, Jr.

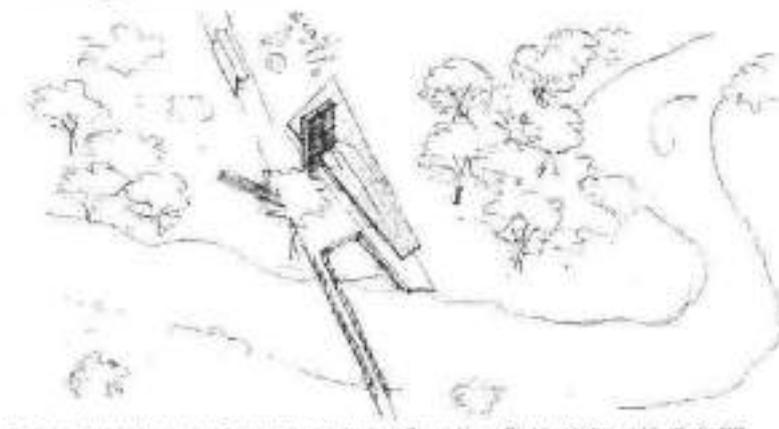
CDD Centro Integrado de  
Documentação Digital  
Rua D. Pedro I - Box 120  
Campus I - CEP 13069-500  
Cidade de SP Brasil  
Fone: 019 205 1166  
Fax: 019 205 5370  
cdd@uninet.com.br

Revista Óculum  
Fone/Fax: 011 2888050  
[foa@uninet.com.br](mailto:foa@uninet.com.br)

Apple, Gator e Digital Radiat



IMPRESSO



Projetos 1º e 2º colocados no Concurso Público Nacional Parque Linear Rio Uberabinha em Uberlândia MG

Uberlândia, originalmente Uberabinha, nasceu ao lado do rio de mesmo nome, no início do século 19, quando a Triângulo Mineiro ainda pertencia à Província de Goiás. Em 1895 foi inaugurada a Estação Ferroviária da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, fator decisivo para o desenvolvimento urbanístico. O crescimento econômico acelerado da cidade durante este século teve como subproduto a degradação do rio, transformado em captador natural de todo o esgoto.

A atual administração municipal, através de uma autarquia – o Departamento Municipal de Água e Esgoto –, desenvolveu um projeto de infra-estrutura visando a despoluição e preservação do rio Uberabinha. Junto ao IAB-MG, o DMAE de Uberlândia promoveu o Concurso Público Naci-

onal Parque Linear Uberlândia, visando dar um caráter urbanístico-paisagístico ao projeto.

O concurso contou com a participação de 20 equipes inscritas provenientes de Uberlândia, Campinas, São Paulo, Goiânia, Belo Horizonte. Entre as equipes premiadas, estavam vários arquitetos formados pela FAU PUC-Campinas: Maria Biatriz Cappello e Adriano Tomitô Canas (1º lugar); Tânia Souza Sabbagh, Zied Sabbagh e Flávia Balleirine (2º lugar).

### Concurso Parque Linear Uberlândia

1º lugar: arqs responsáveis Ricardo Ribeiro Pereira, Patrícia Aguiar, Victor Berte, Eva Santos, Luis Eduardo Barão, Mª Beatriz Cappello e Adriano Tomitô Canas.  
2º lugar: arqs responsáveis Maria Eliza Guerra, Roberto Andrade, Tânia Souza Sabbagh, Zied Sabbagh, Gustavo Rocha, Flávia Balleirine, Vicente Del Rio. Veja fichas completas em nosso website



## Uma Bienal esquecida a ser descoberta

uninet@uninet.com.br

A 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo é um sucesso. Há uma grande diversidade aliada à qualidade, dando um panorama bem satisfatório sobre a atual discussão arquitetônica e urbanística em todo o mundo. Contudo, existe também uma Bienal esquecida, que precisa ser descoberta. Com um calendário pouco divulgado, as diversas atividades paralelas (palestras, mesas redondas, lançamentos) tem tido um público escasso. Apresentamos abaixo o calendário das atividades previstas para o mês de dezembro e convidamos nosso leitor a comparecer.

### III Seminário Docomomo-Brasil

A Permanência da Moderna. Comunicações, mesas e conferências. 8-11dez. 9-22h

Conferências internacionais Docomomo:

8 dez (19h) *Modernização e modelos culturais na casa italiana durante os anos do fascismo*. Maristella Casciotta  
9dez (19h30) *Os museus modernista na França e a museografia atual*. J-P Midant  
10dez (19h30) *Casas recentes de conservação da moderna na Holanda*. W. de Jonge  
11dez (18h) *O Eterno Retorno da Moderna*. Helio Picon

### Homenagens Docomomo:

8dez (10h) *Abraão Sanovicz*, Lúcia Costa

10dez (18h) *O. Bratke*, Á. Vital Brazil

### Programação do Fórum de Debates

7dez (19h) *Le Corbusier, a reforma doméstica e a nova mulher*. Mary McLeod  
12dez (18-19h) *Quadro do Paisagismo no Brasil*. Silvia Soares Macedo  
14dez (18-19h) *Cidade e Natureza: Proteção dos Mananciais e Exclusão Social*. Maria José de Azevedo Marcondes  
14dez (19-22h) *A Preservação dos bairros-jardins em SP*. Aziz Ab'Sáber, Carlos R M Andrade, Mª Ruth A. Sampaio e Walter Pires  
14-16dez (18-22h) *Seminário Cidade, Cidadão e Cidadania*. Palestras / Debates  
16dez (20h) *Homenagem a PM Borde*. Condecoração de Carlos Bratke, P Mendes da Rocha e Giancarlo Gasperini pelo IAB  
17dez (20h-22h) *Modernismo e Historicismo na prática profissional da arquitetura na Inglaterra*. Andrew Higgett  
17dez (20h-22h) *Avenida Madero, Buenos Aires*. Palestra / Debate  
18-19dez *Seminário Megacidades 2000*. Coordenação: Bruno Padovano

Programação detalhada: [www.us.com.br/foa/](http://www.us.com.br/foa/)



Reabilitação do Bairro do Recife, Pernambuco

Depois de uma busca desenfreada por símbolos de modernidade, parece ocorrer uma espécie de pânico pela falta de memória das cidades. Não se pode ignorar a presença marcante da indústria turística, hoje celebrada como a grande solução para os nossos problemas econômicos.

Cidades inteiras vêm se transformando com o objetivo de atrair turistas, levando a uma sensação de estranhamento dos antigos moradores ao transformar tudo em espetáculo. O turista passa a ser um espectador passivo, quase sempre tratado como mero consumidor. Os pacotes turísticos são uma evidência disto ao controlar e delimitar todas as ações do turista, que acaba não percebendo a identidade do lugar.

Assim, na competitividade entre cidades característica do mundo globalizado, a História passa a ser mercadoria de alto valor, procurada por ávidos consumidores de cultura. A consequência disto nem sempre é a preservação da memória, mas a criação de locais pretensamente históricos como revitalizações que transformam centros históricos em shoppings a céu aberto, ou seja, parques temáticos que fazem de nossas cidades verdadeiras Disneylândias.

O marketing realizado pelos estados e municípios utiliza-se de ferramentas como a estética urbana e a identidade cultural local para auxiliar na venda do seu produto: a cidade. Vendendo ao país inteiro através da mídia a ideia do progresso e modernidade, os governantes conseguem aumentar sua popularidade e obtêm importantes dividendos políticos, sem atacar de frente as mais urgentes questões sociais. A maquiagem parece funcionar melhor.

É preciso, então, buscar uma efetiva preservação da memória, não se permitindo a transformação de lugares da cidade em "não-lugares" que poderiam estar em qualquer parte do mundo. O que caracteriza um lugar são suas bases regionais, sua popula-

ção e a relação com o restante da cidade. A dificuldade está em conseguir a real preservação dentro deste contexto.

Experiências como a revitalização do Bairro do Recife demonstram grandes avanços. Infelizmente, exemplos como a recuperação do Pelourinho vêm tendo muito mais espaço na mídia, que o apresenta como modelo a ser seguido. O que se observa é um bem sucedido marketing político, pois os comentários constantemente publicados sobre o Pelourinho são, em sua maioria, superficiais e carentes de postura crítica. Não se comenta, por exemplo, sobre a expulsão "disfarçada" da população local a custos baixíssimos. Estudos acadêmicos também já provaram que o alardeado "sucesso turístico extraordinário" é muito mais folclore do que realidade.

O caso do Bairro do Recife demonstra uma nova postura frente à história sem negar a necessidade de dar valor de mercado ao espaço. No Bairro do Recife, o processo é lento e gradual, possuindo maiores condições de sustentabilidade. Ao lado dos 2,7 milhões de reais investidos pela prefeitura, a iniciativa privada investiu 2,8 milhões, entre 94 e 98, demonstrando uma forte parceria. À medida que diversos atores se envolvem no processo, ninguém tem interesse que o projeto dê para trás. No Pelourinho o processo é unilateral e até hoje mantido às custas dos cofres do Estado, que financia inclusive a programação de shows nos diversos palcos armados. Já que tudo que acontece lá é consequência de um investimento alto e permanente do Estado, a situação é artificial e será mantida enquanto o Estado puder financiá-la. Atualmente, o Bairro do Recife é um dos lugares da cidade mais frequentados à noite. É certo que faltam atividades que lhe deem mais vida durante o dia, apesar de já existirem escritórios, bancos, livraria, cursos... Para não se tornar uma obra de fachada, como parece ser o caso do Pelourinho, o projeto do Bairro do Recife deve se concentrar em problemas substanciais como o estímulo ao uso residencial e o tratamento do pólo Piar, área de maiores problemas sociais do Bairro e que, exatamente por isso, deve ser priorizada. Sendo assim, a revitalização do Bairro do Recife encontra-se em um ponto crucial, a partir do qual pode tanto confirmar sua opção pelo bem-estar da cidade quanto render-se às forças do mercado, continuando a investir apenas nas áreas de retorno imediato. É inevitável que os espaços necessitem de valor de uso para que sejam conservados, mas estes usos e esta vida não podem ser artificiais. Muitos estudos críticos alertam para a falta de vida de verdade da nossa sociedade, mas grande parte da população é seduzida por este processo de construção de cenários sem perceber a superficialidade disso tudo. Entre teoria e prática também existe uma longa distância; mesmo depois de perceber essa artificialidade, quem está disposto a se arriscar na vida de verdade, a não ser quem não tem a opção de participar da vida artificial?

Natália Miranda Vieira é arquiteta formada pela UFPE



Casa do Centro e Hotel (Worner) em Duro Preto. Foto P. Meira

Uma delegação de profissionais atuando nas áreas de turismo cultural e preservação do patrimônio proveniente do estado de Maryland (EUA), liderada por Patricia Parker – diretora executiva da Anacostia Trails Heritage Area, Membro do Conselho de Turismo do Estado de Maryland – realizou viagem de intercâmbio cultural ao Brasil, no mês de novembro passado, a fim de estabelecer parcerias e estreitar os laços culturais entre os Estados de Maryland (EUA) e Rio de Janeiro (Brasil).

O Centro de Arquitetura e Artes da Universidade Santa Úrsula, através de seu Decano Prof. Arq. Luiz Carlos Batista, recebeu o grupo, que proferiu relevante palestra acerca de Patrimônio Cultural e Turismo. A arquiteta Patricia Parker salientou em seu discurso a importância das comunidades entenderem sua história, bem como seu sentido de pertença, a fim de preservar seu Patrimônio.

Ratificando, a Prefeita de North Brentwood, Hon. Lillian Beverly, destacou que a história e a cultura de uma comunidade só podem ser preservadas se houver paixão. Qualquer proposta neste sentido é eficaz quando a iniciativa parte da comunidade, e somente ela detém o poder de persuadir os órgãos governamentais e a iniciativa privada. Deste somatório poderá nascer uma ação preservacionista. A prefeita ilustrou sua palestra com o caso de sua própria cidade. North Brentwood é uma comunidade de maioria afro-americana, que tem trabalhado no resgate de suas tradições e inaugurará no próximo ano um museu dedicado à sua história e à herança africana nas três Américas.

A museóloga Barbara Stewart, designer de exposições do Jefferson-Patterson Park Museum (Maryland), ressaltou que as exposições com caráter histórico, em que pese uma reflexão intelectual, devem atingir o público de modo interativo e lúdico, contando a história das comunidades a partir de seu próprio ponto de vista, ao invés de priorizar o enfoque acadêmico.

A aproximação da Universidade Santa Úrsula com a delegação do estado de Maryland se fez através da Preservale, instituição voltada para a preservação do Vale do Paraíba Fluminense (patrimônio ambiental e cultural) e do Prof. Carlos Alberto Medeiros, membro do Conselho Estadual de Direitos Humanos.

Lourdes Luz é arquiteta e Decana-adjunta do Centro de Arquitetura e Artes da Universidade Santa Úrsula

## O papel social do hotel cápsula japonês

Regina Vieira

ribv@hotmail.com



Hotel Cápsula em Tóquio, 2008

O conceito dos hotéis cápsula foi criado pelo arquiteto Kisho Kurokawa na década de 70, com a preocupação de atender a população noturna das grandes cidades. Localizados geralmente próximos às estações de trem, os inúmeros hotéis desse tipo estão totalmente incorporados à cultura japonesa. Não devemos olhá-los sob a nossa ótica, pois suas acomodações de 1x2x1m jamais seriam aceitas. Para entendermos melhor esse conceito, é necessário enveredar um pouco pelos hábitos do país. Esse tipo de hotel foi feito para atender as pessoas que trabalham até muito tarde ou que perdem o rumo de casa após um *happy-hour* mais animado. É preciso saber também que nas grandes metrópoles japonesas um grande parcela da população não possui automóvel, e os trem, principal meio de transporte, funciona só até cerca de meia-noite. O hotel cápsula surge como opção para não se dormir ao relento. Acaba sendo uma boa saída, se levarmos em conta que o preço da noite é bem menor que o de uma corrida média de táxi. Custa cerca de US\$ 40, com direito à sauna, piscina, massagem, bar, restaurante, sala de estar, jogos... Engana-se portanto, quem imagina o hotel cápsula como um espaço monótono e triste.

Na recepção, todos os pertences pessoais, inclusive a roupa do corpo, ficam guardados num armário individual. O hóspede recebe um kimono e um cartão magnético, que a partir de então servirá para registrar todos os gastos. Devidamente trajado, pode-se trafegar com comodidade pelas áreas. A ala masculina é totalmente separada da feminina. As cabines ou cápsulas, são providas de TV a cabo, som, vídeo, relógio com alarme, luz direcionada e ar condicionado. A porta, uma cortina de tela, não veda totalmente a visão o que se passa dentro do espaço e nem barra as luzes da circulação. Esta é uma das desvantagens – a falta de privacidade. Mas para cidades densas como Tóquio, o hotel cápsula é uma alternativa, uma boa alternativa. Pois, se por um lado sua arquitetura a primeira vista oprime e despersonaliza, sua existência, na verdade, democratiza oportunidades, permitindo que aquela parcela que depende do transporte coletivo possa trabalhar até a madrugada ou divertir-se noite adentro, despreocupadamente.

O Hotel Cápsula, enfim, é uma solução japonesa para a organização urbana e social japonesa. Não pode ser visto como um hotel para turistas. A não ser que se queira passar uma noite por curiosidade,

## Os esquecidos de sempre: críticos da arquitetura latino-americana

Roberto Segre, Rio de Janeiro

bobsegr@uol.com.br

Acaba de ser publicada uma sucinta resenha sobre a crítica na América Latina, do professor da ETSBA de Barcelona, Josep M. Montaner (Summa+ 38). Talvez o conteúdo mais questionável do texto de Montaner radica em hierarquizar 3 figuras isoladas dentro do atual movimento teórico. Com exceção de Eduardo Comas, quem nunca se preocupou em integrar o *star system* primeiro-mundista, Francisco Lleras e Roberto Fernández, conquistaram seu caráter "cosmopolita e internacionalista", sem dúvida pela qualidade dos seus trabalhos, mas também pelos íntimos contatos institucionais na Europa e Estados Unidos, articulados nos centros de Madri e Boston. Entretanto, considero injusta esta preeminência, diante da igualmente significativa projeção de um conjunto de críticos desconhecidos pelo professor catalão. Citemos alguns desses. Na década de 60, destaque para os mexicanos Ramón Vargas Salguero, Rafael López Rangel e Louise Noelle de Merelles e Antonio Toca. Em Cuba, Eduardo Luis Rodríguez e Eliana Cárdenas; em Porto Rico, Jorge Rigau, polêmico diretor da *Nueva Escuela de Arquitectura de San Juan*; em Santo Domingo, Omar Rancier, Emilia Brea e Gustavo L. Moré, este último diretor da revista AAA, *Arquivos da Arquitetura Antilhana*.

Na Venezuela, Juan Pedro Posani, integrante do grupo de "fundadores", seguido por William Niño Araque e Hannia Gómez. Na Colômbia, Silvia Arango, Carlos Niño Murcia, Alberto Salcarraga (Proa) e Carlos Morales, na *Universidad de Los Andes*. No Peru, Pedro Belaúnde e no Equador, Evelia Peralta e Rolando Moya (Trama). No Chile, pensamento e ação foram impulsionados por Cristián Fernández Cox e Fernando Pérez Oyarzún (*Universidad Católica*), cuja significação no contexto regional colocou-o junto com Silvia Arango na introdução crítica da apresentação das obras finalistas do primeiro concurso Mies van der Rohe. No Uruguai, outro "fundador" é Mariano Arana, atualmente prefeito de Montevideo. Na Argentina, aos citados por Montaner, somam-se Rafael J. Iglesias, Adrián Gorelik, Jorge Ramos de Dios, Alberto Petrina, Alicia Novick, Alfonso Corona Martínez e Jorge Glusberg.

Por último, no Brasil, cresceram as figuras de Hugo Segawa com seu recente livro sobre a arquitetura local do século XX e de Ana Luiza Nobre com suas exposições e ensaios; da distante Campinas produz-se, editada por Abilio Guerra, a revista e o boletim *Ócolum*, um dos espaços de debate e crítica mais exigentes do país; no Rio de Janeiro, a erudição e rigor de Jorge Czajkowski, promoveram na presente década, a partir do Centro de Arquitetura e Urbanismo, algumas das principais exposições e publicações realizadas sobre os arquitetos modernos brasileiros. Todos, e não somente uns poucos, com delicadeza e generosidade, conformam um caleidoscópio da arquitetura latino-americana em busca de uma identidade própria, frente aos cantos de sirena do cosmopolitismo globalizador.

Nota do editor: o presente texto foi originalmente escrito para revistas, e sua impressão na publicação integra aqui. Leia todo o complexo na Internet: Traçoção. Marcia Swarman (FTT)

## A arquitetura moderna argentina: Antonio Ubaldo Vilar

Fernando Williams

Fernando Williams



Hospital Churriguera, Buenos Aires. A. Ubaldo Vilar. Foto: F. Costantini

Nascido em 1887 e formado em 1914, Vilar foi um dos arquitetos mais destacados do chamado racionalismo branco que caracterizou a arquitetura da década de 30 na Argentina. Uma arquitetura de volumes puros que no caso de Vilar reconhece uma clara referência às propostas alemãs do "Moderne Bauformen". Esse tipo de influência, somada à sua formação de engenharia, determinou o alto rigor técnico e construtivo de suas obras. Por outro lado, foi um dos arquitetos argentinos mais vinculados a Le Corbusier, fato que se faz visível em suas obras pela incorporação de elementos do repertório formal corbusiano, em especial aqueles de inspiração náutica como os que aparecem na casa de San Isidro. Seu rigor e seu pragmatismo não se limitaram ao campo da técnica, entraram também em questões tipológicas. A variável funcional mereceu sempre um estudo pormenorizado que se atualizava em cada obra. Suas pesquisas nesse terreno levaram-no a estudar e elaborar verdadeiros protótipos com os quais resolvia tanto edifícios de habitação vertical quanto habitações mínimas para operários. Essas experimentações colocaram Vilar um passo acima do papel estritamente profissional de seus colegas contemporâneos, convertendo-o no primeiro arquiteto moderno na Argentina em abordar com seriedade o tema da reproduzibilidade. Isso voltou a ter importância na última fase de sua obra, quando foi encarregado de projetar os principais edifícios do Automóvil Club Argentino juntamente com uma rede de mais de 180 postos rodoviários disseminados por todo o país. Nos primeiros, Vilar se confronta com o problema da monumentalidade. Nos segundos com a caracterização regional que o leva a utilizar materiais associados à arquitetura tradicional de cada uma das regiões argentinas nas quais trabalha. Dessa forma, se produz na década de 40 um giro que colocará a arquitetura de Vilar em sintonia com as preocupações que caracterizaram o período da segunda pós-guerra. Depois de dedicar-se por muitos anos ao tema da habitação coletiva, Vilar morre em Buenos Aires em 1966.

Fernando Williams é professor da Cátedra de Estudos Latino-americanos "Juan O'Garra" Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires. Colaborador da série sobre Arquitetura Argentina e tradução: Rávia Aravelha Castro

## A mitogonia da arquitetura moderna brasileira

Abilio Guerra

uninet@uninet.com.br



Arquitetura Moderna no Brasil, Henrique E. Mindlin, prefácio de S. Giedion, apresentação de Laura Cavalcanti. Editora ArcoPlan, RJ, 2003, p. 240. Coleção Cultural Seneca

*Modern Architecture in Brazil* foi publicado próximo ao fecho do período heroico da construção de nossa arquitetura moderna, com a intenção flagrantemente de divulgação mundial de um modo específico de materializar os pressupostos modernos, ou seja, a brasilidade de nossa arquitetura.

Henrique Mindlin apresenta com honestidade, em nota no início do livro, sua motivação. Ele concebeu sua obra como suplemento do catálogo *Brazil Builds* (texto de Philip L. Goodwin e fotos de Kidder Smith) publicado pelo MoMA de Nova York em 1943 e que apresentou para o público americano, em plena 2ª Guerra Mundial, a trajetória de nossa arquitetura desde o período colonial, com evidente ênfase no período mais recente da arquitetura moderna.

O "suplemento" de Mindlin, ao se filiar a *Brazil Builds*, herda deste aspecto estrutural, em especial a retórica que explora o laço espiritual entre as arquiteturas moderna e colonial, inflando a percepção de uma tradição nacional. Sua finalidade era cantar uma ode em homenagem à nossa arquitetura, enaltece-la mais uma vez, dar-lhe uma amplitude ainda larga, espalhando para um número muito maior de autores e obras os créditos anteriormente atribuídos apenas aos mestres. Nada mais natural, portanto, do que trazer mais uma vez à tona, pela enésima vez, os mesmos argumentos de sempre, alinhando os novos espécimes arquitetônicos na pauta da tradição moderna brasileira. O lançamento do livro de Mindlin nos coloca diante de uma situação paradoxal: no momento ante a historiografia brasileira da arquitetura sai da letargia e ameaça os primeiros passos na busca de respostas menos ideológicas, eis que acontece o lançamento tardio de uma das obras mais significativas na montagem da visão mais edulcorada de nosso passado arquitetônico, onde todo tipo de conflito, dúvida ou desvio são esmagados pelo rolo compressor da tradição. Por outro lado, é inquestionável a qualidade da maior parte da arquitetura ali apresentada, o que por si só justificaria a publicação da obra. Mas, do ponto de vista da crítica e da história da arquitetura, o mais importante é o visível descompasso entre a qualidade arquitetônica que sobrevive ao tempo e a explicação histórica insustentável que tenta justificá-la. Nesta fissura poderá se infiltrar o vento saudável da renovação, constituindo um ambiente fresco e propício a um acerto histórico tardio mas necessário. Para isso, porém, é preciso ter coragem. Teremos?

## Projeto Brasil - 500 Anos de Arquitetura - Arquitetura Popular

Mª Betânia Cavalcanti, Alemanha

maria\_cavalcanti@BauNetz.de



Casa de descendentes de imigrantes europeus em Itá, SC

A maior parte do ambiente construído não é produzido por arquitetos. Isto foi anunciado por Amos Rapoport em 1968, em seu clássico estudo *House Form and Culture* e o grande alerta à comunidade acadêmica internacional ocorreu em 1964, quando Bernard Rudofsky denuncia em *Architecture without Architects* a falta de interesse pela arte dos construtores anônimos. O interesse pelo estudo da Arquitetura Popular no Brasil tem motivado pesquisas em grande parte do território nacional preenchendo um grande vazio sobre as realizações de uma forma construída cujas tipologias, técnicas, materiais, padrões estéticos, etc. respondem ao contexto cultural de cada região. A *Arquitetura Popular Brasileira* é parte integrante do Projeto Brasil - 500 Anos de Arquitetura, que está vinculado à programação oficial do comitê Executivo das comemorações do V Centenário da Descoberta do Brasil e conta com o apoio institucional da Fundação Bial de São Paulo, Unesco, IPHAN e IAB-PE. O Projeto visa realizar nacional e internacionalmente uma mostra itinerante da arquitetura brasileira e consta de livro, áudio-visual, painéis, site na internet, ciclo de palestras e CD-Rom, sendo desenvolvido através do DAU-UJPE e com a coordenação geral do Prof Roberto Montezuma. O Capítulo 2 - *Arquitetura Popular* terá introdução do Prof Amos Rapoport e já conta com a participação dos seguintes pesquisadores brasileiros: *O Mucambo nordestino*, José Tavares Lima (USP São Carlos); *Arquitetura da condambê*, Carlos H Brasil de Almeida; *Arquitetura popular do litoral/PE*, Andréa Calabrita; *Arquitetura de favela/Recife/PE*, Luis Moriel; *As fachadas de piafubanda*, M B Uchôa Cavalcanti; *Casas proletárias e favelas em São Paulo*, Maria Ruth Sampaio (FAU-USP); *Arquitetura de favelas/RJ*, Cristiane Duarte (FAU-UFRJ); *Arquitetura da imigração alemã e açoriana no RG*, Günter Weimer (UFRG); *Arquitetura de origem germânica em SC*, Dalmo Vieira F (IPHAN-SC); *Arquitetura dos descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses/SC e RG*, M E Pereira Rego, L Abreu, L Simon e L F Rhoden; *Arquitetura da imigração italiana ES/SC/RS*, Júlia Posenato; *Casas de madeira da Paraná*, Antônio C Zani (UEL, PR); *Arquitetura da imigração japonesa*, Humberto Yamaki (UEL, PR). Convocamos os pesquisadores que se dedicam ao estudo da arquitetura popular no Brasil para que contatem urgente a coordenação do projeto.

Mª Betânia Cavalcanti (coord) e Natalia Vieira (assist) <http://projeto-brasil.org.br>, maria\_cavalcanti@bauNetz.de, nves@ig.com.br

## Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

### Paisagismo e arquitetura virtual na internet

1. "Jornal da Paisagem", sobre arquitetura paisagística. [www.alternex.com.br/~studiojornal.htm](http://www.alternex.com.br/~studiojornal.htm)
2. "ASA Art and Technology", exposição mediática da 4ª BIA. [www.asa-art.com/bienal.htm](http://www.asa-art.com/bienal.htm)
3. Artigos Vicente del Rio, [www.riacom.br/~celrio](http://www.riacom.br/~celrio)

### FAU Mackenzie ganha concurso no México

Equipe de alunos ganhou o 1º prêmio na XVIII Conferência Latino-americana de Escolas e Faculdades de Arquitetura realizada na Unam

### ADG lança Agenda da criatividade gráfica 2000

09dez99, 20h, Galeria ADG, Sala T. Farkas, r Cón. Eugênio Leite 820, SP. Info: fon 011 263.1986

### Exposição "Amantes da fotografia 1999"

De 22nov a 16dez99. FAU-USP, r do Lago 876, Cid. Universitária, São Paulo. Info: 011 818.4801

### Exposição "Portraits", de Claudio Edinger

De 01 a 14dez99. Li Photogallery, r da Mata 70, São Paulo. Info: 011 883.0300

### Lançamentos de publicações na 4ª BIA

1. *Carmem Portinho: o moderno em construção*, Ana Luiza Nobre, RelumeDumará/RioArte, 8dez99, 20h;
2. *Arquitetura em Campo Grande*, Ângelo Arruda e outros, Ed. Uniderp, 8dez99, 20h;
3. *Monografias Elargo nº 4*, com obras de Mario Bisselli e Artur Katchorian, 16dez99, 19h, Pavilhão da Bienal, Pqde Ibirapuera, São Paulo

### 1º Prêmio Usiminas Arquitetura em Ação

Prêmio para o arquiteto Sylvio de Podestá e o estudante Eduardo Campos Moreira. O projeto profissional ganhador poderá se converter em opção para habitação de interesse social

### Exposição Cidadela da Liberdade

De 19nov a 30dez99. Sesc Pompéia, r Clélia 93, São Paulo. Info: 3871.7700

### Concurso Nacional Ruas da Cidade

Concurso público nacional para seleção de propostas para a melhoria de áreas urbanas na Zona Central de Belo Horizonte. Inscrições até 10dez99; entrega até 14fev2000. Info 031 225.6406

### III Seminário Nacional do Docomomo Brasil

Última chamada para ouvintes. De 8 a 11dez99, Pavilhão da Bienal, Pqde Ibirapuera, SP. Info: fax 011 549.0230, [www.3seminariodocomomo.com.br](http://www.3seminariodocomomo.com.br)

### Bibliotecas CAD - Ócullum

1. Revista "Elargo", nº 31, Montevideu, Uruguai, fax 5962 400.062, 2.elarga@uyweb.com.uy
2. Revista "47 ao fundo", nº 4, Mar del Plata, Argentina, [farul@arqui.farulpuinlp.edu.ar](mailto:farul@arqui.farulpuinlp.edu.ar)
3. *Inversus*, Saul Vilela, Ed AP Cultural, fon 031 342.3566, fax 342.3566
4. *Rivão de Carvalho, 100 anos de um revolucionário romântico*, curadora Denise Mattar, CCBB





Casa Rio Frio, Arq. Rogelio Salmons. Fotos Ximara Mojca



Casa Rio Frio, Arq. Rogelio Salmons. Fotos Ximara Mojca

*"Todo projeto vem de outro, mas ao final todos os projetos são o mesmo", Rogelio Salmons*

Uma casa para ser habitada pelo arquiteto e sua família é até agora o último elo da cadeia de projetos para habitação construída por Rogelio Salmons. Localizada às margens do Rio Frio, no município de Tabio a 45 minutos de Bogotá, é uma casa de 160 metros quadrados que resume todos os temas presentes no projeto de Rogelio Salmons, iniciado nos primórdios dos anos sessenta com a residência para Olga de Amara, no Norte de Bogotá. A revolução no tempo dos elementos compositivos tem suposto seu progresso e depuração: assim o pátio, o oblíquo caminho d'água, os volumes simples cobertos com abóbadas, o trajeto exterior até e sobre as coberturas, a separação da área social da de descanso, a atitude para com a geografia e a utilização do tijolo como tema não apenas construtiva mas também técnico, são elementos que formam parte do "projeto" do arquiteto que atravessa como fio condutor todas suas obras até hoje.

Ao visitar esta casa o espectador primeiramente pode surpreender-se ao não encontrar a grandiosidade esperada da obra do arquiteto para si mesmo (similar à obra prima do escritor que inclui todas as personagens, as situações, as metáforas e as citações, temendo perder o que autobiograficamente lhe é vital). É uma casa sob medida, desenvolvida como conclusão da arquitetura no tempo, que passa despercebida, que não é um palácio contemporâneo; é um lugar feito da mistura da mesma arquitetura que compõe as encomendas que se faz ao arquiteto. Sempre as necessidades de habitação são as mesmas: um banheiro é um banheiro no campo ou na cidade, um quarto não é uma sala, assim como um pátio não é mais que um pátio, ou uma chaminé não é um quadim. Esta casa é uma clara afirmação de que o projeto do arquiteto é um só.

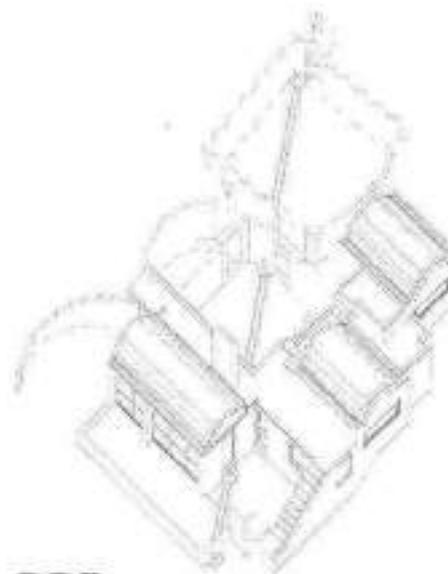
A casa parte do princípio da composição no espaço de uma entidade pequena baseada nas mesmas premissas com as que se trabalha uma entidade maior. Salmons afirma que o trabalho de composição pode chegar a produzir um espaço de 5 x 5 que se pareça a outro de 30 x 30; aqui a escola passa para segundo plano. Uma figura que pode exemplificar isto, é a comparação entre São Pedro em Montorio e São Pedro em Roma; a sensação de surpresa ante os dois edifícios é similar, sem im-

portar as suas diferenças de tamanho. Salmons aplicou para a sua casa em Rio Frio o sistema de organização utilizado na Casa de Hóspedes Ilustres, com a finalidade de comprovar que a monumentalidade do projeto de Cartagena poderia ser levada a outra escala. Com isto pretende demonstrar que o caráter monumental de uma obra não provém tanto do seu tamanho, como da forma em que como é concebida. A proposta se fundamenta em criar uma casa pequena que tenha os mesmos elementos que compõem outros de seus projetos – todos de maior dimensão –, pois segundo o próprio arquiteto este experimento é difícil de tolerar por um cliente que não seja ele mesmo.

A casa de Rio Frio é um projeto pensado e construído a partir dos elementos da arquitetura, onde ainda tem cabimento a preocupação por resolver o crucial: como viver no espaço mínimo com o máximo de conforto, adotando uma posição frente à geografia e inserindo-se na coerência cultural de toda uma vida de trabalho.

Artigo publicado originalmente na revista *Arquitecturas*, n.º 2, 1988. Bogotá, Colômbia, pp. 26-31. Tradução: Marcelo Sartman, Grupo P2

Refe. técnica Casa Rio Frio, Tabio, Cundinamarca, Colômbia. Projeto: 1967. Ocupação: 1967-1989. Projeto: Arq. Rogelio Salmons. Cálculos e soluções estruturais: De Valdemiro Engenheiros Ltda. Colaborador: Arq. María Elena Macfarlan



As comemorações do 5º Centenário do Descobrimento do Brasil oferecem-nos a oportunidade de se fazer um balanço do que se produziu nesses 500 anos. O XVI Congresso Brasileiro de Arquitetos (IAB, Cuiabá), terá como tema geral os "500 Anos - Cenários de Ocupação Territorial".

Ligado a este grande evento, desenvolve-se o projeto *Arquitetura brasileira: redescobertas*, organizado pelo IAB-MG, tratará da trajetória da arquitetura brasileira durante o período. O projeto reúne os maiores especialistas brasileiros e internacionais da área, abrindo também espaço para a apresentação de contribuições de pesquisadores de nossas universidades e centros de pesquisa.

Como parte do projeto, será apresentada uma exposição organizada a partir do material coletado e, após o colóquio, como encerramento dos trabalhos será editado um livro de ensaios sobre a evolução da arquitetura brasileira.

#### Estrutura do colóquio

O colóquio articula-se em conferências, mesas-redondas e sessões de comunicações. Os temas e sub-temas sugeridos são os seguintes:

"Origens e encontros" [arquitetura indígena; arquitetura portuguesa no início da modernidade; diáspora africana; arquitetura da imigração]; "Arquitetura no Brasil Colônia" (formação dos núcleos urbanos no Brasil Colônia; Salvador, capital da Colônia; arquitetura do açúcar; arquitetura eclesiástica do litoral; cidades do ouro; arquitetura do ouro; arquitetura rural); "O século XIX" [Missão Francesa e o historicismo no Rio de Janeiro; arquitetura do ferro no Brasil; diversas configurações do ecletismo; caminho do oeste]; "O modernismo na Arquitetura Brasileira" (os precursores; modernidade pragmática; Escola Carioca; Escola Paulista; Cataguases e a modernidade mineira; arquitetura moderna no nordeste; outras modernidades; Brasília); "Cena contemporânea" [Arquitetura brasileira pós-Brasília; anos de chumbo; a arquitetura do milagre; pluralismo contemporâneo; urbanização contemporânea no Brasil; habitação e exclusão; novas fronteiras; "Perspectiva crítica" [historiografia da arquitetura no Brasil; crítica da arquitetura no Brasil; formação do arquiteto; regionalismo e globalização].

XVI Congresso Brasileiro de Arquitetos. Colóquio: "Arquitetura brasileira: redescobertas". Cuiabá, 26 a 29 de abril de 2000. Cronograma: 63 dias, data limite para envio dos trabalhos: 17 mar. notificação dos trabalhos aceitos. Info: arqbrasil500@hotmail.com ou IAB-MG, v. Mestre Lucas 70, 30210-240 Belo Horizonte MG, fax 001 325 8408



Palau Nou de la Rambla, Barcelona. Arts Oriol Bohigas

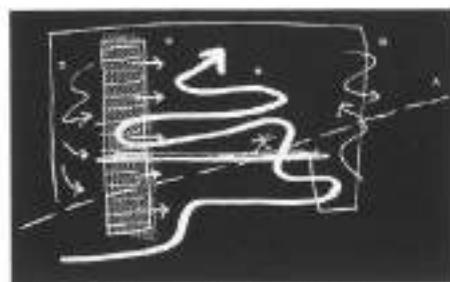
Aberta em Barcelona desde 21 de dezembro último, no Palau de la Virreina, a exposição: *Bohigas: Possid'perlo Ciutat*. Montada em homenagem a Oriol Bohigas que se aproxima dos 75 anos (mais de 50 de arquitetura), a exposição leva o visitante a um percurso pela vida e obra do arquiteto em paralelo com o contexto espanhol e barcelonês do século 20.

Entre as centenas de projetos do escritório MBM (Martorell, Bohigas, Mackay), o mais conhecido talvez seja o plano diretor para a vila olímpica (1985-1992). Mas chama atenção o Palau Nou de la Rambla (1989-1993), em frente ao Mercado da Boqueria. Ao abrir o prédio de escritórios em um pórtico para que as milhares de pessoas que por ali passam vejam o campanário del Pino, Bohigas aproxima duas partes da cidade, o Barrio Gótico de um lado e as Ramblas do outro, que de outra forma estariam inevitavelmente separadas.

Aliás, como revela a exposição, Bohigas sempre acreditou no poder da arquitetura e do urbanismo como intervenção pontual, e nunca deixou passar uma oportunidade de polemizar. Foi assim como professor desde 1971 ou como Delegado de Urbanismo da municipalidade, responsável direto pelas reformas a partir de 1980. Intelectual de esquerda (termo que recusa a abandonar), Bohigas escreveu sobre "a erótica do desenho", "contra uma arquitetura adjetivada" e as "graças e desgraças culturais" de sua cidade. Certa vez, contrário a continuação nas obras da Sagrada Família, propôs a demida da portada da paixão para salvar a integridade da obra de Gaudí. Bohigas é nas palavras do prefeito de Barcelona "arquiteto notável, urbanista influente, editor incansável, escritor prolífico e polemista implacável".

É de se perguntar porque uma obra tão vasta como a de Bohigas seja tão pouco conhecida. Nas palavras de Vittorio Gregotti: "na era do formalismo e do culto à imagem, uma arquitetura como a de Bohigas está destinada a encontrar uma forte oposição que se expressa sobretudo na sua exclusão das principais revistas de arquitetura". Agora que Oriol Bohigas está trabalhando na Praça XV tem a oportunidade de se fazer conhecer no Brasil. Espera-se que sua energia e paixão por Barcelona se traduza em excelência também para o Rio de Janeiro, e que o encontro entre arquitetos e arquiteturas de cá e de lá seja proveitoso.

Exposição: *Bohigas: Paixão por lo Ciutat*. Palau de la Virreina, Barcelona. De 21dez1999 a 18mar2000



Hortus Sanitatis, Zagreb, Croácia. Criados em concepção

Uma das premissas para a construção da nova Faculdade de Farmácia e Bioquímica foi a de reunir os seus departamentos dispersos pela cidade de Zagreb, Croácia. A faculdade era proprietária do Jardim Botânico e recebeu a oferta de um terreno adjacente a este para a construção dos novos edifícios. Njiric+Njiric foram os únicos arquitetos que ousaram construir no interior do Jardim Botânico.

O terreno era uma dessas típicas parcelas de uma sequência linear ao longo de um eixo neo-barroco. Essa inserção fez com que muitas questões inerentes ao contexto urbano influenciassem o projeto.

O edifício do *Hortus Sanitatis* surge como uma paisagem comprimida. Um núcleo, ou "hardware estruturador" recebe o envoltório de uma estufa de vidro, de baixo custo, como se fosse uma "camada de software". Complementam-no salas adicionais, rampas, escadas, "artefatos antropomórficos". A área intermediária faz a transição gradativa para a paisagem, um filtro de vegetação arbórea atua como segunda pele do edifício: vegetação continental ao sul, de folhas perenes ao norte, e espécies mediterrâneas a oeste.

Várias trajetórias comunicam: um cotidiano, mais curto e mais cômodo, para professores e estudantes; a *rota homeopática* que passa através do jardim suspenso de plantas e a *rota pública*, que abre uma passagem urbana atravessando o interior do edifício.

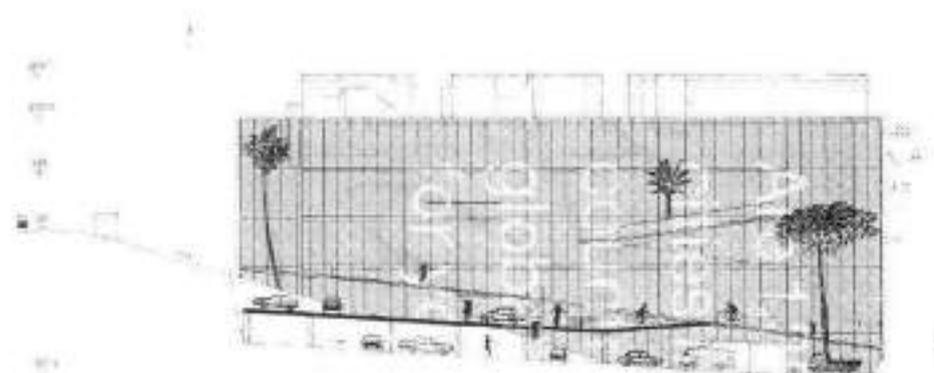
Os autores consideram que um artefato não tem porque estar necessariamente integrado à paisagem. Deveria, no entanto, ser bem projetado e suficientemente comprimido para deixar tanto ter-

ritório livre quanto fosse possível. Um bom número dos seus projetos se ocupam da concentração, seja estrutural (Baumax), seja de uma paisagem condensada (*Hortus Sanitatis*) ou mesmo uma série de concentrações locais (os *ziastros* de Glasgow). Sua técnica consiste em uma série de deduções, uma espécie de esforço para apreender a idéia realmente essencial em qualquer escala territorial ou arquitetônica, que logo pode ser aplicada e desenvolvida. Sua arquitetura é telegráfica, seus croquis, ideogramas. As vezes a idéia vem de um bombardeio repentino e em outras, tem lugar quase ao final; este é o caso do *Hortus Sanitatis*. Em muitos lugares se limitam a remover a substância, a preparar os materiais, a condensar os planos, tudo isso buscando uma expressão mínima, uma espécie de minimalismo de estilo livre. Mas sua idéia de síntese não se relaciona só com a idéia de invenção. Eles se perguntam se teriam que estar sempre inventando coisas novas, ou melhor; se teriam que melhorar, simplesmente colocar em dia a situação existente. Ou inclusive, se cada lugar específico teria necessidade de uma "arquitetura".

O edifício da Faculdade de Farmácia projetado por Njiric+Njiric constrói uma espécie de paisagem concentrada, uma extensão lógica, internalizada do Jardim Botânico que o circunvia. Ele se desdobra sobre o jardim e é cruzado pela paisagem urbana. Aqui o edifício não se entende como elemento integrado, mas tampouco dissociado. Ao contrário, como nos seus ícones, a meia caminho entre a idéia geradora, sua arquitetura se entende como um catalizador na peça que constitui a sua paisagem.

A economia de meios e a fácil compreensão da sua linguagem imediata, quase publicitária, pode estar associado à sua percepção de que "hoje, mais do que nunca, a arquitetura e o planejamento urbano têm muito que ver com a eficiência, com as leis do livre mercado e com a economia real. O único que conta é a logística". Ou talvez porque "em uns Balcãs com alienação livre, com mudanças constantes, com ações premeditadas, com fugas emocionais, e uma grande superficialidade, não há lugar para erros de planejamento".

1 Njiric+Njiric, entrevista a V. Simenović, *Quaderno* n° 219



Hortus Sanitatis, Zagreb, Croácia. Elevação. Studio Njiric+Njiric

**Morre Jorge Caron**  
Renato Anelli, São Carlos SP  
reanelli@sc.usp.br



Arq. Jorge Caron

Faleceu em São Carlos, no dia 20 de janeiro de 2000, o arquiteto Jorge O. Caron, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos – USP e profissional com intensa e importante atuação na arquitetura paulista.

Caron formou-se no meio da década de 60 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, especializou-se em transportes na New York University em 1976 e defendeu a tese de doutoramento "O território do espelho: a arquitetura e o espetáculo teatral" (FAU-USP, 1994).

Participou da equipe formada pelos arquitetos Paulo Mendes da Rocha, Júlio Kalinsky e Rui Ohtake que realizou o projeto do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de Osaka, Japão, em 1969-1970. Entre seus projetos seguintes se destacam a Torre da TV Cultura, a Biblioteca da Faculdade de Medicina da UNESP em Botucatu e o recém inaugurado Monumento aos Combatentes da 2ª Guerra Mundial, em frente ao Círculo Militar em São Paulo, além de vários projetos no Campus da USP em São Carlos.

Seu interesse pelo teatro, tema de seu Doutorado, levou-o a vários trabalhos cenográficos, tendo realizado recentemente o projeto do Teatro Conchita de Moraes em Santo André. Na USP São Carlos, além de disciplinas de "Desenho do Objeto", "O Espetáculo e sua Arquitetura", "A Leitura do Projeto de Arquitetura" (Pós-Graduação), o Prof. Caron vinha ministrando a disciplina de "Paisagismo", sendo organizado em 1996 o III Enepea - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo. Atualmente desenvolve pesquisa sobre Impactos Culturais na Área da Hidrovia Tietê-Paraná.

Em 1999, dois TGI's - Trabalhos de Graduação Interdisciplinar - orientados por ele foram premiados no 11º Concurso Paviflex patrocinado pela Fademac e revista AU e organizado pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura - ABEA. Jorge Caron teve destacada participação nas entidades de classe, sendo atualmente Conselheiro do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA como representante da EESC-USP.

Jorge Caron residiu seus últimos dez anos em São Carlos, onde foi coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP entre 1989 e 1992.

**Unidade de habitação experimental**  
Marcelo Tramontano, São Carlos  
tramont@sc.usp.br



A perspectiva da entrada num novo milênio induz a uma reavaliação de atividades, entre elas, a do ato de morar e da habitação. Como deverá ser a casa desse novo tempo? De que forma as pessoas habitarão a moradia do futuro?

A concepção espacial e tecnológica da moradia brasileira em geral e particularmente, das chamadas habitações de baixo custo, ainda remantam ao modelo internacionalmente difundido de habitação burguesa européia do século 19, resultando, em sua imensa maioria, em casas divididas em cômodos monofuncionais - quarto, sala, cozinha e banheiro - organizados segundo zonas social, íntima e de serviços e executadas, preferencialmente, em alvenaria de tijelos. Muito tem-se escrito sobre o déficit habitacional brasileiro, com seus números astronômicos, ainda que incertos. Contrariamente, quase nada tem sido feito no sentido de rever as soluções arquitetônicas de unidades e conjuntos destinados à população de baixa renda. A concepção de casas populares, tal como as conhecemos hoje no Brasil, tem também sido fortemente determinada por princípios enunciados pelo Movimento Moderno da primeira metade do século 20, os quais, difundidos mundialmente, acabaram inibindo, até pela extrema conveniência de sua fórmula, qualquer pesquisa sobre o assunto. Investimentos em estudos sobre materiais e técnicas locais, visando o equacionamento das questões habitacionais, tornaram-se tão raros quanto iniciativas no sentido de se repensar o desenho e as funções dos espaços de morar.

Além disso, a vida atual tem-se caracterizado cada vez mais por contínuas e rápidas mudanças. O novo perfil demográfico da população, seus modos de vida emergentes com novas demandas, a diversidade da composição de seus grupos domésticos, vêm questionando o padrão social pré-estabelecido. Dentro desta nova situação, a habitação, como é oferecida hoje, parece estagnada frente ao dinamismo social.

O GHab da DAU EESC-USP propõe-se com a realização de Unidades Experimentais a rediscutir o desenho de seus espaços e otimizar seu processo construtivo, utilizando-se de materiais de fontes renováveis, visando uma nova concepção espacial mais lúdica e flexível.

Unidade de Habitação Experimental 001. Grupo de Pesquisa em Habitação, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da USP, Campus USP São Carlos. Votação pública 21-03mar2000. Info: Fone: Guilherme, telefone 016-371.1133, ghab@sc.usp.br, www.eesc.usp.br/ghab

**Noticiário do Grupo PET**  
Exposição, curso, concurso,  
encontro e outros eventos culturais

**Urbanização da favela Santa Marta**  
Concurso público de idéias promovido pelo município e estado e organizado pela IAB/RJ. Insc. até 18fev2000. Info: IAB/RJ, fon 021-295.3246

**Livros lançados na 4ª Bienal de Arquitetura**  
Estão disponíveis na Livraria PróLivros: *Rui Ohtake, a contemporaneidade da arquitetura brasileira*, Roberto Segre; *Guarapiranga: recuperação urbana e ambiental no município de São Paulo*, Carmem Portinho, Ana Luiza Nobre.

**Concurso Público Nacional de Projetos**  
Monumento em homenagem aos imigrantes e migrantes do Estado de São Paulo. Insc: até 25fev. Info: 011-259.65897, iabsp@arquitetura.com.br

**Seminário discute psicologia na arquitetura**  
O PROARQ e o EICDS da UFRJ promovem o Seminário *Psicologia e Projeto do Ambiente Construído*. De 23-25ago2000. Propostas de papers até 27mar. Info: psi-arq@gta.ufrj.br, www.fau.ufrj.br/proarq

**Mestrado em Arquitetura e Urbanismo**  
Oferecido pela Uniban, com duração de 4 semestres. Início mar2000. Info: 0800.129000

**1ª Premiação CSN na Construção Civil**  
Exposição de trabalhos premiados. Até 15fev, 3ª a dom, 8-18h. Memorial da América Latina, SP

**Exposição de Olavo Redig de Campos**  
Até 5mar, 3ª a dom, 13-20h. Instituto Moreira Salles, rua Marq. de São Vicente 476, Gávea, RJ

**12º Concurso Nacional Paviflex 2000**  
Para TFGs de formandos em arquitetura e urbanismo de 1999. www.geocities.com/~abea-br

**Mestrado sobre patrimônio na Argentina**  
Gestão do patrimônio arquitetônico e urbano. FAUD da Universidad Nacional de Mar del Plata. Info: fon/fax 475.2626 int 218, novacov@mdp.edu.ar

**Biblioteca CAD - Óculum**

1. *Miralles Tagliabue: arquitecturas del tiempo*, Anahí Zabala Basco e Javier Rodríguez Marcos; revista 2g nº10, *Instant China - notas sobre uma transformação urbana*. Gustavo Gil, Barcelona, fax 93 322.9205, ggili@scckeres, www.ggili.com
2. *O processo de urbanização no Brasil*, Csaba Deák e Sueli R. Schiffer (org), Edusp, fon 011 813.8837
3. *Representação gráfica em arquitetura*, Francis Ching, Ed Artes Médicas Sul, fon 011 883.6160
4. *Catálogo da exposição Sérgio Camargo*, curadoria de Ronaldo Brito, MAB / FAAP, fon 011 3662.1662
5. *Escultura no espaço público em São Paulo*, Miriam Escobar, FAUUSP / Fundação Vilanova Artigas, fon 011 864.7477, proeditores@si.com.br
6. *Losar Segall*, textos Vera d'Horta, grupo Velox / Fundação Finambrás, fon 011 5088.1100
7. *Brasília - gestão urbana: conflitos e cidadania*, Aldo Paviani (org), Editora UnB, fon 061 226.8874

FAU/PUC CAMPINAS

Tombo n.º \_\_\_\_\_

Class. *110 - Química*

PHA \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

Preço \_\_\_\_\_

V.º \_\_\_\_\_

